



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

JOÃO TANCREDO SÁ BANDEIRA

**JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS
NUMA ONG NA PERIFERIA DA CIDADE DE FORTALEZA.**

FORTALEZA – CEARÁ

2010

JOÃO TANCREDO SÁ BANDEIRA

**JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS
NUMA ONG NA PERIFERIA DA CIDADE DE FORTALEZA.**

Orientadora: Maria Nobre Damasceno

Co-Orientadora: Celecina de Maria Veras Sales

Tese de doutorado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutor em Educação.

FORTALEZA – CEARÁ

2010

JOÃO TANCREDO SÁ BANDEIRA

JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS NUMA ONG NA PERIFERIA DA CIDADE DE FORTALEZA.

Defesa em: 18 de março de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Maria Nobre Damasceno – Orientadora (UFC)

Professora Dra. Celecina de Maria Vera Sales – Co-Orientadora (UFC)

Professora Dra. Maria do Carmo Alves do Bomfim (UFPI)

Professora Dra. Grace Troccoli Vitorino (UNIFOR)

Professora Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (UFC)

FORTALEZA – CEARÁ

2010

Ao meu pai Ladislau Bandeira (*in memoriam*)

À minha mãe Maria Celina Sá Bandeira (*in memoriam*)

À tia Elça Bandeira - minha professora da alfabetização e das séries iniciais do Ensino Fundamental.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho se deu de forma processual e com a participação valiosa de muitas pessoas e instituições a quem eu sou grato, gratíssimo, pela carinhosa colaboração.

À Universidade Federal do Ceará.

À Faculdade de Educação – FACED.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ao Grupo de Pesquisas Juventude Cultura e Sociedade.

Ao Centro Cultural-Educativo, Lazer, Informação, Trabalho e Ação Social – CELITA.

Aos jovens e às jovens do CELITA e sujeitos dessa pesquisa.

À Professora Dra. Maria Nobre Damasceno, pela atenciosa e competente orientação.

À Professora Dra. Celecina de Maria Veras Sales, pela atenciosa e competente co-orientação.

À Professora Dra. Ercília Maria Braga de Olinda, por toda atenção ao longo desse percurso.

À Professora Dra. Grace Troccoli Vitorino, por toda atenção ao longo desse percurso.

À Professora Dra. Maria do Carmo Alves do Bomfim.

À todos os professores e todas as professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FACED.

Ao educador e poeta Juarez Serpa pela revisão da tese.

À Eugênia Felício pela carinhosa amizade e pelo apoio no momento de maior angústia.

Ao Onésimo Brisola Soares (SP) pela zelosa tradução realizada no “abstract”.

À Dra. Silvia Raquel de Mesquita Dummar, pela excelência do acompanhamento profissional, que me trouxe equilíbrio e determinação para completar essa trajetória.

Ao Governo do Estado do Ceará, por toda atenção recebida da Secretaria de Educação (SEDUC).

À Escola de Ensino Fundamental e Médio Ubirajara Índio do Ceará (UV7).

À Prefeitura Municipal de Fortaleza, por toda atenção recebida da Secretaria Municipal de Educação (SME).

RESUMO

Essa pesquisa investiga a formação dos jovens e das jovens na periferia Sul da cidade de Fortaleza (bairro Pedra e adjacências), a partir da ação da sociedade civil na instância educativa da Organização Não-Governamental (ONG), denominada Centro Cultural-Educativo, de Lazer, Informação Trabalho e Ação Social – CELITA. Fundamenta-se em estudos que tecem convergências entre a Teoria da Ação Comunicativa, do pensador alemão Jürgen Habermas e a Pedagogia Dialógica do educador brasileiro Paulo Freire, privilegiando aproximações da realidade social por meio da pesquisa-ação. Novas demandas e novos sujeitos surgiram no cenário nacional a partir da renovação cultural produzida pelo processo de democratização do Brasil. Entre as novas questões pautadas pela sociedade civil organizada, principalmente, as ONGs, emergiu a discussão crítica sobre a tematização social da juventude e a necessidade de superar tradicionais práticas autoritárias e excludentes nesse segmento social, na busca por trilhar perspectivas embasadas na autonomia, na defesa de direitos e na participação social ativa. Conforme os estudos efetivados, tal conjuntura implicou no duplo desafio para as ONGs brasileiras: inovar as ideias e as práticas em relação à juventude e, concomitantemente, discutir seu processo de reestruturação considerando, principalmente, os aspectos relacionados natureza, missão e objetivos dessas instituições sociais. O Centro Cultural CELITA vivenciou o referido contexto. Esta tese tem como objeto central a construção do saber de forma processual e intersubjetiva nas interações com os sujeitos da pesquisa no cotidiano em foco, para afirmar, que não obstante a fragilidade da estrutura e do funcionamento dessa entidade, ela é uma instituição flexível e dinâmica, que proporciona a produção de atitudes e valores positivos com relação à juventude, contribuindo significativamente, para a formação cidadã dos jovens e das jovens envolvidos com suas atividades. Além do mais, estimula na juventude a visão crítica da sociedade e a participação em ações políticas e movimentos sociais, tanto de defesa de direitos, quanto pela melhoria da qualidade de vida no local onde atua. O trabalho do Centro Cultural CELITA possui grande legitimidade na região onde se insere e por meio das atividades cultural-educativas que desenvolve, vem adquirindo maior reconhecimento no cenário da cidade de Fortaleza como uma entidade voltada para a promoção das políticas públicas para a juventude e defesa da democracia.

Palavras-chave: 1. ONG; 2. Juventude, 3. Cultura, 4. Sociedade Civil; 5. Democracia.

ABSTRACT

This research investigates the education of young men and women on the southern outskirts of Fortaleza (Pedra district and vicinity), through the action of the civil society in the educational sphere of the non-governmental organization (NGO) called *Centro Cultural-Educativo, de Lazer, Informação, Trabalho e Ação Social – CELITA*. It is based on studies that establish convergence between *The Theory of Communicative Action*, by the German thinker Jürgen Habermas and the *Pedagogia Dialógica*, by the Brazilian educator Paulo Freire, privileging approaches to social reality through research-action. New demands and new subjects have appeared in the national scenario due to the cultural renewal produced by the democratization process in Brazil. Among the new issues related to the organized civil society, especially, the NGOs, there emerged a critical discussion about the social thematization of the youth, and the need to overcome traditional authoritarian and exclusive practices in this segment of society, in search of pursuing perspectives based on autonomy, defense of rights, and active social participation. According to studies on this issue, such conjuncture implied in a double-folded challenge to Brazilian NGOs: innovate ideas and practices towards the youth, and, concomitantly, discuss their process of restructuring, taking into account, mainly, the aspects related to nature, mission, and objectives of these social institutions. *Centro Cultural CELITA* has gone through this context. This thesis has as its core object the building of processual and intersubjective knowledge about the interactions with the subjects of the research on the focused reality, to assert that, in spite of the frailty in the structure and operation of this organization, it is a flexible and dynamic institution, that provides for the production of positive attitudes and values for the youth, significantly contributing to the development, as citizens, of the young men and women involved in its activities. Moreover, it stimulates the youth to have a critical view of society and to participate in political actions and social movements in defense of rights as well as in the improvement of the quality of life in the area of its scope. The work of *Centro Cultural CELITA* possesses great legitimacy in the region where it is inserted, and through the cultural and educative activities it develops, it has increased its acknowledgement in Fortaleza as an organization aimed to the promotion of public policies towards the youth and in defense of democracy.

Keywords: 1. NGO; 2. Youth; 3. Culture; 4. Civil Society; 5. Democracy.

LISTA DOS ANEXOS (Volume II)

01. Termo de livre esclarecimento.....	36
02. Folder “Auto do Boi Misterioso”.....	39
03. Roteiro da observação participante.....	46
04. Roteiro da entrevista semi-estruturada.....	50
05. Ata de constituição do Centro Cultural CELITA.....	52
06. Mapa das fronteiras do bairro Pedra.....	60
07. História da Pedra – narrativa de D. Lireda Peixoto da Costa.....	61
08. Lei Estadual nº 11.927 (cria o município da Itaitinga)	62
09. Lei Estadual s/n, de 1953 (estabelece limites do bairro Pedra).....	63
10. Carta do I Encontro de Juventudes da Pedra.....	64
11. Projeto da oficina de teatro – montagem do Bumba-Meu-Boi.....	68
12. Caderno do curso “ Educando o Educador”	128
13. Transcrição do vídeo “Rumos, Educação, Cultura e Arte”.....	138

LISTA DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS (Volume II)

01.Renata (26)

02.Sandro (26)

03.Gláucia (26)

04.Paula (24)

05.Renato (23)

06.João (23)

07.Márcio (27)

08.Júlio (51)

09.Fábio (26)

10.Helena (27)

11.Alice (28)

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

1. Foto da sede do Centro Cultural CELITA.....	52
2. Sede do CELITA após reforma em 2008.....	52
3. Comemoração natalina no Centro Cultural CELITA.....	55
4. Festa junina no Centro Cultural CELITA – 2001.....	55
5. Biblioteca comunitária do Centro Cultural CELITA (a)	59
6. Biblioteca comunitária do Centro Cultural CELITA (b)	59
7. Oficina para criação de esculturas em papel machê (a).....	70
8. Oficina para criação de esculturas em papel machê (b).....	70
9. Dança do Toré – Índios Pitaguary/Maracanaú.....	73
10. Jovens do CELITA protagonista da dança do Toré.....	73
11. Katirina - personagem do “Auto do Boi-Misterioso”.....	77
12. Katirina, Ezaltina e Zabelinha (personagens do ABM).....	77
13. Acúmulo de lixo e entulho doméstico nas ruas do bairro.....	125
14. Ezaltina (cena do “Auto do Boi Misterioso”).....	136
15. Oficina de teatro no Centro Cultural CELITA.....	136
16. Lacaio e as princesas, peça “O fantástico Mistério de Feiurinha”.....	139
17. Bruxa – Peça “O Fantástico Mistério de Feiurinha”	139

LISTA DE SIGLAS

ABM	- Auto do Boi Misterioso
ABONG	- Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais
AIDS	- Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AIE	- Aparelhos Ideológicos de Estado
ANOTE	- Agencia de Notícias Esperança
ASMOAPE	- Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Pedra
BB	- Banco do Brasil
BNB	- Banco do Nordeste do Brasil
CAGECE	- Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará
CDI	- Comitê pela Democratização da Informática
CE	- Ceará
CEBs	- Comunidades Eclesiais de Base
CELITA	- Centro Cultural-Educativo, de Lazer, Informação, Trabalho e Ação Social
CEMPRE	- Cadastro Geral de Empresas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNUCED	- Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. (ECO 92)
COELCE	- Companhia Energética do Ceará
DN	- Diário do Nordeste
DST	- Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
ECOSOC	- Conselho Econômico e Social
EDISCA	- Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente
EIC	- Escola de Informática e Cidadania
EMEIF	- Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
EUA	- Estados Unidos da América
FACED	- Faculdade de Educação
FASFIL	- Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos
FECOP	- Fundo Estadual de Combate a Pobreza
FUNAI	- Fundação Nacional do Índio
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	- Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
ISEB	- Instituto Superior de Estudos Brasileiros
JUPE	- Juventude Unida da Pedra
LP	- Long Play
MA	- Maranhão
MEC	- Ministério da Educação
MPB	- Música Popular Brasileira
OG	- Organização Governamental
OIT	- Organização Internacional do Trabalho
OMC	- Organização Mundial do Comércio
ONG	- Organização Não-Governamental
ONU	- Organização das Nações Unidas
OP	- Orçamento Participativo

OSCIP	- Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PMF	- Prefeitura Municipal de Fortaleza
RMF	- Região Metropolitana de Fortaleza
SECULT	- Secretaria da Cultura do Ceará
SECULTFOR	- Secretaria de Cultura de Fortaleza
SEDUC	- Secretaria de Educação Básica
SER	- Secretaria Administrativa Regional
SESI	- Serviço Social da Indústria
SME	- Secretaria Municipal de Educação
SSA	- Centro Cultural São Salvador de Capoeira
TJA	- Theatro José de Alencar
UFC	- Universidade Federal do Ceará
UVA	- Universidade Vale do Acaraú

LISTA DAS TABELAS

01. Distribuição das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos e da população total, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação – Brasil – 2002.....	115
02. Distribuição das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos e do pessoal ocupado assalariado, segundo a data de criação – Brasil – 2002.....	116
03. Distribuição das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos, por Grandes Regiões, segundo porte – Brasil - 2002.....	117
04. Total e distribuição geográfica das ONGs no Ceará – ABONG/CE – 2002.....	120
05. Distribuição das ONGs por setores de atuação no Ceará. ABONG/CE – 2002	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – CAMINHOS E ESCOLHAS PARA DEFINIR O QUADRO TEÓRICO.....	7
1. A construção dialógica do saber.....	7
1.1. Tecendo aproximações com o pensamento de Jürgen Habermas.....	13
1.2. Contribuição do pensamento e da pedagogia de Paulo Freire para a fundamentação da pesquisa.....	17
CAPÍTULO II – PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	29
2. A pesquisa qualitativa como um caminho plural de investigação inter- subjéctiva.....	29
2.1. Escolha e definição dos procedimentos metodológicos.....	35
2.1.1. Alternativas para a pesquisa-ação no Centro Cultural CELITA.....	37
2.1.2. Reflexões e práticas sobre a observação participante.....	43
2.1.3. A importância e o uso de entrevistas semi-estruturadas na pesqui- sa qualitativa.....	47
CAPÍTULO III – A BUSCA POR UMA COMPREENSÃO CRÍTICA DAS ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS (ONGs).....	52
3. Apresentação do Centro Cultural CELITA.....	52
3.1. Considerações sobre a realidade social pesquisada.....	60
3.2. ONGs, um campo contraditório e instável de atuação da sociedade Civil na modernidade em transição.....	84
3.2.1. Iluminando a temática social das ONGs com o pensamento de Habermas.....	92
3.2.2. Contexto histórico das ONGs no Brasil.....	99
3.2.3. Sociedade civil e novas perspectivas para a nossa democracia.....	101
3.2.4. Identidades em crises na atualidade.....	103
3.2.5. ONGs no Ceará.....	119
3.3. Práticas educativas com a juventude no Centro Cultural CELITA.....	122

CAPÍTULO IV – JUVENTUDE E SOCIEDADE: ESTADO DA QUESTÃO	142
4. Compreensão histórica e social da juventude.....	142
4.1. A juventude nas sociedades coletoras e caçadoras.....	143
4.2. A juventude na sociedade agrícola.....	144
4.3. A juventude no Ocidente pré-moderno.....	148
4.4. A juventude na modernidade.....	155
4.5. A juventude na contemporaneidade.....	164
4.6. A juventude no bairro Pedra.....	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS: CENTRO CULTURAL CELITA, UM RICO ESPACO DE FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA DOS JOVENS E DAS JOVENS NO BAIRRO PEDRA.....	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	185

JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS NO CENTRO CULTURAL CELITA, ONG NA PERIFERIA DA CIDADE DE FORTALEZA¹.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa é parte do processo de formação acadêmica no curso de Doutorado em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação - FACED, da Universidade Federal do Ceará – UFC, e está delimitado pela linha de pesquisa dos “Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola” e diretamente vinculado ao eixo temático “Educação Ambiental, Juventude, Arte e Espiritualidade”.

Esse trabalho de investigação científica é parte do projeto de pesquisa denominado “Juventudes e formação: práticas realizadas por instâncias sócio-educativas no contexto da sociedade contemporânea”, apoiado pelo CNPq e implementado por uma equipe, que envolve professores doutores, doutorandos e mestrands do grupo de pesquisas Juventude e Sociedade².

A minha investigação, especificamente, busca aprofundar conhecimentos sobre o espaço institucionalizado da sociedade civil, que se convencionou chamar, principalmente, a partir dos anos de 1990, de Organização Não-Governamental (ONG), como uma instância sócio-educativa formadora da sociedade, em geral, sobretudo, da categoria juventude, em nosso País.

Nas últimas décadas as ONGs se constituíram num complexo fenômeno social não só pelo vertiginoso aumento quantitativo de tais instituições, mas, também, pela trajetória de participação engajada e comprometida em diversas causas sociais de grande parte dessas entidades, que se pautam pela luta por direitos, melhoria na qualidade de vida de populações específicas e ampliação e qualificação da cidadania.

A partir do marco de afirmação democrática que se consolidou com a Constituição do Brasil de 1988 muitas mudanças aconteceram nas relações entre Estado e sociedade civil. Nesse prisma, destacam-se a descentralização administrativa e os primeiros passos em relação ao controle social do Estado, por meio da ideia de co-

¹ Trabalho de pesquisa desenvolvido com o apoio financeiro do CNPq por meio de bolsa de estudo.

² Coordenado pelas professoras: Dra. Maria Nobre Damasceno e Dra. Celecina de Maria Vera Sales.

responsabilidade desenvolvida com a criação dos conselhos setoriais de participação social.

Outra perspectiva de grande relevância foi a ampliação da cooperação não-governamental e o surgimento na esfera privada de um espaço público não-estatal. Nesse contexto, surgem inúmeras mudanças de prioridades e de enfoque da agenda social do País, que já vinham se constituindo desde o início dos anos de 1980 com os chamados novos movimentos sociais.

Novas demandas e novos sujeitos surgem no cenário nacional a partir dessa renovação cultural produzida pelo processo de democratização do Brasil. Entre as novas questões pautadas pela sociedade civil organizada, principalmente, as ONGs, emerge a discussão crítica sobre a tematização social da juventude e a necessidade de superar tradicionais práticas autoritárias e excludentes na busca por trilhar novas perspectivas focadas na autonomia, no direito e na participação social ativa.

Tal conjuntura implicou no duplo desafio para as ONGs brasileiras: inovar as idéias e as práticas em relação à juventude e, concomitantemente, discutir seu processo de reestruturação considerando, principalmente, os aspectos relacionados à natureza, missão e objetivos dessas instituições sociais.

Nesse contexto, seriam as ONGs instituições mais flexíveis e dinâmicas que a família, a escola e o trabalho, por exemplo, nas interações sociais com as juventudes, permitindo uma atitude mais auto valorativa dessa categoria social?

Quais visões de mundo e de juventude norteiam as ações e práticas dessas instituições?

De que forma as ONGs promovem a participação juvenil? Como espaços de convivialidade, as ONGs contribuem para a autonomia e formação para cidadania das juventudes ou essa participação permanece voltada para o atendimento assistencial? Que relações e expectativas os jovens e as jovens manifestam no cotidiano das ONGs?

O fato é que adentramos no Século XXI convivendo, partilhando e assumindo formas diversas, ambíguas e conflitantes de pensar e compreender socialmente a juventude³. Modos historicamente construídos e desconstruídos, que num processo de

³ Como uma categoria de análise sociológica estou considerando a juventude a faixa etária entre 12 e 30 anos, incluindo na temática social da juventude os adolescentes, que em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 9.096 de 13 de julho de 1990) são os indivíduos entre 12 e 18 anos. Usamos o limite dos 30 anos em consonância com o que indica as políticas públicas para juventude, no Brasil, em nossa atualidade.

contínuas transformações espaços-temporais, edificam o novo a partir dos fragmentos diversos do passado, num verdadeiro mosaico de contraditórias visões e performances.

No início da modernização brasileira tornou-se visível a presença de crianças, adolescentes e jovens nas ruas, muitos ex-escravos, atirados à própria sorte. Tornavam-se biscateiros, mendigos, pequenos batedores de carteiras e eram tratados como perigo para a sociedade. Santos faz um análise da situação da criança e criminalidade no início do século passado e afirma:

A deterioração das condições sociais, as modificações das formas e modos de relacionamento e, ainda, os diferentes e novos padrões de convívio que a urbanidade impunha a seus habitantes eram ignorados pelo discurso oficial, que estabelecia a oposição entre lazer-trabalho e crime-honestidade. A infância sempre vista como “a semente do futuro”, era alvo de sérias preocupações. Os criminalistas, diante dos elevados índices de delinquência, buscavam por vezes na infância a origem do problema (2002, p.215).

Dessa análise de Santos se pode inferir um trato autoritário, indiscriminado e preconceituoso no convívio social urbano do início do Século XX com as crianças e, também, com os adolescentes e os jovens, sobretudo, aqueles pertencentes as camadas mais pobres da população, que facilmente eram rotulados como perigo, marginalizados e recebiam do poder público, daquela época, uma atenção que mesclava assistência social com criminalização dos problemas sociais.

No presente, a perspectiva social brasileira se pauta pela tendência da inserção social de jovens no campo dos direitos humanos, que representa a produção legítima do direito pela organização da sociedade civil e dos movimentos sociais por mais cidadania, democracia substantiva e controle social do Estado.

Por esse meio se cria novos sujeitos de direitos no cenário das relações sociais. Nessa conjuntura, por exemplo, foi idealizado e teve início no âmbito do bairro Pedra e suas adjacências, na periferia de Fortaleza, as atividades comunitárias do Centro Cultural-Educativo de Lazer, Informação, Trabalho e Ação Social - CELITA, que, paulatinamente, vem incluindo os jovens e as jovens como articuladores das ações culturais e educativas nesta instituição.

Contudo, essa mesma perspectiva da institucionalização dos direitos sociais no âmbito da sociedade civil expressa a legitimação das desigualdades pelo enquadramento dos direitos no restrito limite da democracia formal capitalista, que serve à função da

reprodução no sistema, sendo por ele controlado, o que implica na mera transmissão de uma cultura imposta, instrumental, meta-representação dos direitos sociais e a formação de um discurso “neutro” e “universal”, completamente indiferente à distribuição desigual do poder e da riqueza nas sociedades. Portanto, vazio de sentidos e de legitimação na ação cultural e comunicativa de uma maioria de jovens que vivenciam diversos processos de exclusão social.

As questões acima provocam a reflexão sobre a condição juvenil na instância educativa das ONGs. Abordam conflitos e contradições da realidade social, destacam a importância dos estudos sobre a juventude na contemporaneidade e fomentam as hipóteses que nortearam todo o aprofundamento do conhecimento e dos procedimentos metodológicos aplicados nessa pesquisa, no sentido de investigar as interações entre juventudes e ONGs na formação desses sujeitos na nossa conjuntura atual.

O objetivo dessa pesquisa é compreender o papel e a importância da ação comunicativa na ONG, Centro Cultural-Educativo, de Lazer, Informação, Trabalho e Ação Social - CELITA, doravante denominado Centro Cultural CELITA, no processo de formação dos jovens e das jovens, compreendidos como sujeitos de direitos, autores da própria participação social e produtores da cultura e da existência na sociedade.

Nesse sentido, o estudo da categoria juventude estará apoiado num suporte teórico-metodológico que tem como principal referência a sociedade moderna capitalista e suas dialéticas contradições.

A subjetivação dos jovens e das jovens envolvidos nas atividades do Centro Cultural CELITA, que tornaram-se sujeitos dessa pesquisa, denota experiências singulares relativas à narrativas de vida e à busca de caminhos para superação dos desafios impostos pelo meio social e cultural em que estão inseridos.

O interesse de focar essa pesquisa na temática social da juventude, a partir do processo educativo do Centro Cultural CELITA se constrói pela perspectiva da interação histórico-cultural da sociologia do conhecimento, que compreende os jovens e as jovens como atores de conflitos e em intenso movimento de afirmação das identidades individuais e sociais, portanto, em busca de “ser mais” e de construir sua cidadania. Saber quais caminhos percorrem e como conseguem concretamente efetivar essas possibilidades é parte do mote de investigação do presente trabalho.

Os motivos para o desenvolvimento da presente investigação se fundamentam, também, na minha experiência prática como voluntário na referida ONG, desde Março de 2000, onde atuei realizando oficinas pedagógicas, seminários, cursos, realizando

direção teatral, como membro do conselho fiscal e da direção da entidade (gestão 2007/2008 e 2009).

A iniciativa da pesquisa, portanto, já vem enriquecida por histórica vinculação do pesquisador com o espaço pesquisado e sua estrutura de funcionamento. Agora, se tenciona buscar mais conhecimentos por meio de estudo teórico e pela investigação qualitativa, tentando desenvolver um aprofundamento dialógico-reflexivo. Sobre os vínculos entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, Minayo, ao trabalhar com a entrevista na pesquisa qualitativa desmistifica o mito da neutralidade com o seguinte posicionamento:

No caso da pesquisa qualitativa, ao contrário, o envolvimento do entrevistado com o entrevistador, em lugar de ser tomado como uma falha ou um risco comprometedor da objetividade, é pensado como condição de aprofundamento de um relação intersubjetiva. Assume-se que as inter-relações no ato da entrevista contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia-a-dia, as experiências, e a linguagem do senso comum, e é condição “sine qua non” do êxito da pesquisa qualitativa (1994, p. 124).

Desvela-se, aqui, que a relação estabelecida entre os sujeitos da pesquisa e o estudante-investigador está mediada pela linguagem e por valores, conseqüentemente, os seus resultados também, pois investigamos tendo como horizonte estimular e promover transformações na realidade local.

Considerando, então, nossa visão de mundo e a riqueza multifacetada da socialização de jovens na instância educativa da ONG Centro Cultural CELITA, selecionou-se um quadro teórico-metodológico capaz de abarcar as interrelações entre as intersubjetividades dos envolvidos em atos de fala, a ação social e comunicativa da instituição em foco e os condicionantes histórico-sociais da realidade em que todos se apresentam.

Para organizar esta tese de pesquisa, estruturei o trabalho, inicialmente, realizando um apresentação em linhas gerais da pesquisa, por meio da introdução. A tese está estruturada em quatro (4) capítulos, que, posteriormente, foi acompanhada das considerações finais.

No primeiro capítulo apresento o quadro teórico da pesquisa, começando a discussão pela trajetória percorrida para construção dialógica do saber explicitando os motivos da escolha de aprofundar os conhecimentos dessa pesquisa por meio dos

pensamentos do filósofo e sociólogo alemão Jünger Habermas e do educador brasileiro Paulo Freire.

No segundo capítulo, trato especificamente dos caminhos metodológicos da pesquisa. Apresento uma discussão sobre a importância da pesquisa qualitativa como uma opção para a investigação intersubjetiva. Foco a pesquisa-ação como a alternativa para construção de um saber processual e democrático. Realizo, ainda, reflexões sobre o uso de fontes complementares, desenvolvendo um estudo de aprofundamento sobre a importância e uso da observação participante e de entrevistas semi-estruturadas.

No terceiro capítulo, me debruço sobre uma análise sociológica e de conjuntura das Organizações Não-Governamentais (ONGs). Inicialmente realizo uma apresentação do Centro Cultural CELITA e efetuo considerações sobre a realidade social pesquisada.

Contextualizo a gênese das ONGs, delimito esse estudo no campo instável de atuação da sociedade civil na modernidade em transição e procuro fundamento em Habermas, em Freire e em diversos outros autores para iluminar essa temática. Realizo, também, uma contextualização das ONGs na realidade social brasileira e discuto a crise de identidade dessas instituições em nossa atualidade. Em seguida trato das práticas educativas com as juventudes no Centro Cultural CELITA.

No quarto capítulo, desenvolvo uma compreensão histórico-social da juventude. Mergulho em vários períodos históricos substraindo características e visões específicas de cada época, percebendo mudanças, ressignificações de valores e de atitudes sociais com relação à juventude, e avanço de forma reflexiva, no sentido de formular uma crítica do contexto social da juventude contemporânea para, então, fazer uma análise social das juventudes no bairro Pedra.

Nas considerações finais, discuto as interações sociais entre juventude e o Centro Cultural CELITA para analisar sob a perspectiva dialógica os resultados dos dados coletados e das práticas vivenciadas sobre a mediação educativa nessa instituição e seus impactos para a formação da cidadania dos jovens e das jovens no bairro Pedra. Reflito, também, sobre aspectos de abrangência da pesquisa que contribuíram para provocar transformações qualitativas na ação comunicativa das juventudes em interação com a ONG CELITA e a comunidade em foco e analiso a importância dessa pesquisa como base para a provocação de temáticas correlatas e novos estudos.

CAPÍTULO I – CAMINHOS E ESCOLHAS PARA DEFINIR O QUADRO TEÓRICO

1. A construção dialógica do saber

Na trajetória contemporânea as sociedades se consolidam pela globalização econômica do mundo capitalista. Esse fenômeno se caracteriza por uma conjuntura de gravíssimas crises, entre as quais se destacam as crises do sistema capitalista, das ciências modernas, do meio ambiente, do processo civilizatório da humanidade, que determinam em seus processos e evoluções as tendências atuais de se manifestarem pela complexidade social.

Constata-se uma nova dinâmica de criação e transformação da própria existência e de toda a sociedade. Bem mais acelerada e performática, em constante processo dialético de desconstrução e reconstrução de elos e perspectivas entre unidades e diversidades, num mundo, ao mesmo tempo, caótico e fractal, que cada vez mais se fertiliza em contínuas mudanças, tanto pelo campo da cultura, quanto pelo campo da ciência. Ambas as possibilidades, renovadas pela interação de novos caminhos, que surgiram a partir do início do século XX, por exemplo, com a Teoria da Relatividade, formulada por Albert Einstein em 1905. São desafiadores caminhos, porque incertos, não-lineares, campos abertos com novas abordagens e explicações, que não buscam a “verdade”, nem se responsabilizam com o absoluto.

Então, interagir com idéias e linhas de pensamentos nas ciências sociais é, em geral, um provocante exercício dialético de contradições e paradoxos. Contemporaneamente, com o desenvolvimento da epistemologia não-cartesiana esse universo tornou-se por essência e não por acidente, um estado de crise, mergulhado em teias de complexidade.

O espírito das ciências sociais já não se alimenta de bases sólidas, retilíneas e inabaláveis. A ciência no mundo atual faz uma autocrítica, mais frequente e profundamente mergulha na inter-subjetividade das relações sociais e no cotidiano, em busca de conhecimentos que se edificam temporal e espacialmente de forma construtivista e dialógica.

Assim é a ideia da ciência como extensão de um sistema de pensamentos complementares e interdisciplinares que toma vulto e se contrapõe ao uso instrumental das ciências como técnica e como ideologia realizada pela racionalidade do sistema

capitalista, que ainda é predominante nas ciências sociais e no mundo acadêmico, sob muitos aspectos e facetas.

Nesse contexto tão instável, aumentam as provocações e as responsabilidades para os que lidam com o conhecimento, sobretudo, nessa área das pesquisas nas ciências humanas, que é um leque muito mais aberto e de vastas possibilidades.

No campo específico das ciências humanas, a partir da mudança paradigmática proposta por Habermas, o trabalho de investigação científica se constitui num processo dialógico entre sujeitos para construção do conhecimento de forma interativa.

Assim, o conhecimento é captado a partir da dinâmica performática da ação comunicativa dos sujeitos e não mais numa perspectiva da consciência ou ato da razão. Nesse sentido, tem potencial para inovar e/ou renovar, menos pela dimensão do inédito e mais pelo vigor das argumentações desenvolvidas. Isso ressalta a importância de “expor de maneira discursiva e detalhada o método de objetivação do problema” (Bachelard: 1968).

Neste trabalho de pesquisa a objetivação do problema é um ponto basilar, porque se torna fundamental para definir e delimitar a questão de estudo, explicitando o processo de construção do conhecimento e as conexões exploradas entre teoria e prática, tornando claro para o leitor como ele se efetivou.

Ao desenvolver esta investigação científica sobre a tematização social da juventude no campo da Educação, mais especificamente, sobre a formação da juventude em instância da sociedade civil, nesse caso, no espaço de uma Organização Não-Governamental – ONG, se buscou alcançar um sentido histórico, cultural e social da problemática em pauta, tendo como ponto de partida a interação comunicativa do pesquisador com os sujeitos pesquisados e sua longa inserção na realidade em foco.

Assim, essa pesquisa apresenta uma perspectiva democrática com possibilidades para a auto valorização dos jovens e das jovens de uma periferia de Fortaleza e o reconhecimento dos mesmos como sujeitos sociais e sujeitos de direitos a partir do diálogo com as juventudes na instância educativa do Centro Cultural CELITA, na mesma dimensão posta por Freire:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no

outro, nem tão pouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (1987, p.79).

Os primeiros posicionamentos assumidos nesta pesquisa afirmam que a ciência não é neutra e que o conhecimento histórico, crítico-social é um instrumento de lutas e resistências para a construção de um mundo melhor para todos e para todas. Dessa forma, a pesquisa é assumida como atitude teórico-metodológica política, processualmente construída na relação intersubjetiva dos participantes, na qual o conhecimento, entre outros aspectos, pode ser compreendido, conforme Oliveira na perspectiva do

Entendimento de sujeitos a respeito de fatos (mundo objetivo), normas (mundo social) e vivências (mundo subjetivo) à luz de um reservatório de evidências, o “mundo da vida”, isto é, de um reservatório de interpretações, organizado lingüisticamente e culturalmente dado em tradições (1989, p.17).

Nessa dimensão movem-se todos os esforços e toda a perseverança desta pesquisa na busca de se edificar um conhecimento participativo, cujas argumentações adquirem suporte e significado nas dinâmicas alternadas, plurais e contraditórias entre o racional e o empírico, o temporal e o espacial, o global e o cotidiano, o pesquisador e os sujeitos da pesquisa em ação comunicativa.

Mergulhar no universo do conhecimento científico por meio do paradigma da comunicação é um imenso desafio e, também, um provocante prazer. O processo de elaboração da pesquisa fica, mais ainda, recheado de incertezas, porque se torna impossível estabelecer fórmulas prontas, uma vez que não se trata de um conhecimento linear, cartesiano ou positivista.

Contudo, as dificuldades existem e são, paulatinamente, superadas não só pela disciplina nos estudos em busca das possibilidades mais adequadas aos propósitos em desenvolvimento, ou pela vontade de compreensão teórico-metodológica mais ampla possível, para iluminar a problemática em tela, no sentido de amadurecer argumentações coerentes, mas, principalmente, por se entender que “no conhecimento mediado pela comunicação a racionalidade encontra sua medida na capacidade dos participantes responsáveis da interação orientarem-se pelas pretensões de validade que estão assentadas no reconhecimento intersubjetivo” (Habermas, 2000, p. 437).

E não se poderia deixar de reconhecer nesse momento a base sólida de conhecimentos teóricos e da experiência prática na área das metodologias científicas

desenvolvida no grupo de pesquisa Juventude e Sociedade, que possibilita um processo maduro de saberes e de aprendizagens do conhecimento científico.

A construção de uma tese é uma trajetória árdua, que exige competências diversas, demanda tempo e vivências, mas, necessariamente se processa naquela perspectiva de que o caminho só surge com o ato de caminhar. Sendo mais animador e seguro quando desbravado coletivamente e de forma dialógica.

Em meio à pluralidade e riquezas dos diversos projetos de mestrados e doutorandos, no citado grupo de pesquisas, todos e todas, vão adquirindo novos conteúdos, aprofundando teorias, elegendo metodologias, delimitando objetos, dominando as habilidades específicas das pesquisas em ciências sociais. Nas transações compartilhadas de saberes e práticas do referido grupo de pesquisa⁴ se constrói uma inovadora ação comunicativa de formação acadêmica, que facilita o recorte da pesquisa específica de cada participante.

Aliás, para todo(a) pesquisador(a), sobretudo, para os(as) estudantes tanto em nível do mestrado, quanto do doutorado, a fase mais difícil do projeto de pesquisa é o momento de abrir mão das pretensões, geralmente, exageradas e tomar consciência dos vários recortes, teóricos e metodológicos, que precisam ser efetivados para viabilizar o estudo.

A partir das temáticas centrais dessa tese, que culminaram por constituir o próprio título do trabalho “Juventudes, culturas e cidadanias: diálogos em perspectivas no Centro Cultural CELITA, ONG na periferia da cidade de Fortaleza” decidimos por sustentar a discussão a cerca do problema e suas temáticas nas formulações teóricas desenvolvidas pelo pensador alemão Jürgen Habermas, destacando suas formulações sobre a Teoria da Ação Comunicativa.

Por causa de várias práticas pedagógicas no Centro Cultural CELITA estarem embasadas em metodologias de participação popular político-sociais inspiradas na obra do educador brasileiro Paulo Freire e pelo fato de se perceber que existem aproximações e convergências desse autor com a teoria de Habermas decidiu-se edificar o embasamento teórico na contribuição intelectual de ambos os autores.

A priori, é importante frisar que tanto Habermas, quanto Paulo Freire, dentro de uma vasta contribuição à teoria crítica da sociedade moderna, enfatizam as relações

⁴ Para conhecer parte dos saberes acumulados no citado grupo de pesquisa, consulte o livro “O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticos na pesquisa qualitativa. Coordenação: Maria Nobre Damasceno e Celecina de Maria Vera Sales, [Et. al.]. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

de poder na sociedade capitalista e suas contradições, discutindo a formação humana e as questões sociais da atualidade numa perspectiva dialética para superar o sistema das desigualdades.

Apesar de diferentes trajetórias e constructos intelectuais os dois autores se aproximam em muitos aspectos, sobretudo, como grandes humanistas da modernidade e, ainda mais, pela valorização do diálogo como essência da democracia, consensualmente destacado como parte fundamental para a formação da consciência crítica e participativa, para uma ação comunicativa em busca de entendimentos ou ação transformadora, como diria Paulo Freire.

O autor pernambucano defende a educação como prática da liberdade que se estabelece por meio de relações dialógicas, compreendidas como o entrelaçamento entre a ação e a reflexão de forma solidária e tão radical que seja capaz de transformar o mundo pela práxis. Por isso compreende o diálogo como um ato existencial e um ato de criação dos homens pronunciando o mundo. Não pela dominação de uns pelos outros e sim pela libertação de todos os homens da opressão, no processo de conscientização dos oprimidos.

O pensador alemão faz uma crítica da modernidade enfatizando o desenvolvimento dos processos de aprendizagem humana tanto no campo do conhecimento filosófico e científico, quanto na dimensão da interação social, iluminando o potencial transformador da inter-subjetividade pelo novo paradigma da racionalidade comunicativa. Assim propõe uma reconstrução do materialismo histórico para além dos determinismos econômicos e das relações de produção e advoga a criação de uma cultura reflexiva e transformadora a partir da ação comunicativa como caminho para a emancipação humana.

Habermas investe no potencial construtivista da aprendizagem e da reflexão humana para enfrentar tanto o processo de alienação, quanto o poder estabelecido, que em sua interpretação, está dividido entre grupos com interesses diferenciados.

Verifica-se, pois, que ambos os autores apostam na formação humana e na capacidade transformadora do homem em busca de humanizar-se a partir dos saberes apreendidos na prática social que, mesmo estando sob o julgo da dominação e fragmentado, tem em potencial a capacidade para despertar, num processo dialético, uma contra-hegemonia, apoderando-se das fraturas da dominação e transformando-a por meio da conscientização em possibilidades para a emancipação humana.

Para os dois autores a educação é um ato de comunicação social e tem potencial para levar os indivíduos a uma condição libertadora, de esclarecimento, de conhecimento de seus direitos e deveres, de busca por novos espaços de poder, na perspectiva da construção de uma outra sociedade, que se pautará na solidariedade entre os homens e na justiça social, uma sociedade civil auto-regulada.

Portanto, ao ancorar tais concepções teóricas na discussão sobre formação da juventude na instância educativa da sociedade civil, no espaço de uma ONG, acredita-se no grande potencial desse tipo de instituição, para legitimar a abrangência dos significados processualmente construídos na realidade empírica, permitindo liberdade para aprofundar a crítica, com pertinência dialética para, então, desvelar a tessitura de fenômenos, que se expressam e se inter-relacionam no todo social.

Com esse entendimento, acentua-se que a socialização no cotidiano da ONG – Centro Cultural CELITA é um processo de aprendizagens e aquisições culturais dialógicas, caracterizado por meio dos conflitos e contradições sociais, onde se expressam e interagem diferentes juventudes e diferentes visões sobre a condição juvenil na sociedade.

A partir das inter-relações discursivas dos jovens e das jovens no contexto institucional, objetiva-se compreender os processos de formação para a cidadania e as formas de participação social, por eles e por elas desenvolvidas.

Por um lado, reconhece-se que a realidade constitui um emaranhado de relações de poder e se confirmam a existência de relações desiguais de poder, relações entre opressores e oprimidos, dentro de uma estrutura que busca “naturalizar” e alienar estas relações de forma que os indivíduos estejam ideologicamente mantidos sob controle.

Por outro lado, se considera as categorias contradição e conflito como inseridas no bojo da estrutura social, onde os indivíduos produzem, reproduzem e transformam continuamente sua realidade. Não agem apenas determinados por forças externas, como insistia Émile Durkheim (1966), em sua visão positivista da sociologia, ao afirmar que os modos coletivos de pensar, perceber, sentir e agir, incluía, elementos de coerção e obrigação, constituindo, assim, uma consciência coletiva passiva, que se expressava na religião, na divisão do trabalho e nas instituições.

Para esse autor, os “fatos sociais” eram “coisas”, a realidade passível de ser observada era objetiva, tendo como principal característica a exterioridade e a

independência em relação aos indivíduos. Tais fatos sociais constituíam, na sua visão de mundo, os objetos específicos de estudo da Sociologia.

Em divergência radical com a posição acima apresentada e em consonância com o suporte analítico selecionado nessa pesquisa, defende-se que os seres humanos, em especial os jovens e as jovens, têm potencial para se construírem como sujeitos da própria história, na medida em que, por meio do diálogo, da crítica, da reflexão e da práxis, agem coletivamente e intersubjetivamente sobre si, sobre seu mundo e sobre outras pessoas, alimentando a esperança, apesar de todo o caos, na busca persistente de construir novos paradigmas de solidariedade, democracia e emancipação humana, capazes de superar a decadente sociedade contemporânea.

Isso posto, é fundamental atenção às subjetividades e inter-subjetividades para se compreender as interpretações que os sujeitos dão ao seu contexto e às suas ações. Além disso, é necessário entender e desmistificar como a estrutura social limita tais interpretações. Nas palavras de Chizzotti (2001, p.80) “o pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais”.

Com as provocações teóricas acima apresentadas se faz necessário conhecer, mais detalhadamente, o pensamento dos autores selecionados, axiais para desenvolver a fundamentação teórica do presente trabalho e iluminar os desafios dessa pesquisa social.

1.1. Tecendo aproximações com o pensamento de Jürgen Habermas

A teoria de Habermas está centrada num conceito amplo e dialético da razão, a razão comunicativa, que permite realizar uma análise crítica da sociedade moderna como um complexo que abrange, simultaneamente, valores determinantes do sistema hegemônico, caracterizados, predominantemente, pela racionalidade instrumental, que hiper valoriza o conhecimento científico e tecnológico à serviço da dominação capitalista e o mundo vivido, alicerçado na fertilidade da cultura, das relações e interações sociais do cotidiano. São, portanto, realidades sociais não pacíficas, que se constituem numa perspectiva de crises paradoxais entre possibilidades de emancipação e de instrumentalização reprodutivista da existência humana.

Damasceno e Therrien, ao aprofundar o debate sobre uma compreensão teórico-metodológica da reprodução e da produção cultural no contexto escolar, vão

observar o retorno da tematização das racionalidades subjacentes à ação humana como uma das características do que está se denominando por paradigmas da pós-modernidade. Nessa análise eles compreendem que a cultura constitui o conteúdo substancial da educação e que, por meio da ação continuada da mesma, a cultura dialeticamente se perpetua e se renova:

Na prática cotidiana a hegemonia nunca realiza apenas a dominação, a imposição. Ela é continuamente recriada, modificada; e é a partir daí que se afirma com todo o vigor o sentido da contra-hegemonia como hegemonia alternativa, que contém elementos reais e persistentes da prática, quer na esfera política quer na cultural, fruto das oposições e lutas travadas no cotidiano dos atores sociais (2000, p. 15).

Para Habermas, tais crises se configuram nas mudanças da esfera pública burguesa, em permanente processo de reestruturação; no mundo do trabalho, frente à primazia da técnica e, no campo da ciência como técnica e ideologia, em decorrência de todo o mal-estar contemporâneo.

Vive-se, na atualidade, uma realidade paradoxal onde se constata, por um lado, novos e maiores espaços para a participação política e social com destaque para as diversidades culturais e o fortalecimento dos valores democráticos. Tempos propícios à formação para as cidadanias, que se pautam pela linguagem dos direitos humanos, cuja consistência histórico-dialética, afirma a igualdade e a universalidade como princípios fundamentais da existência humana em sociedade.

Por outro lado, acentuam-se as rupturas entre o mundo vivido e o mundo instrumentalizado pelo avanço e ortodoxia do sistema capitalista. Em nível global as sociedades se desequilibram em decorrência do poder da técnica, do pragmatismo político, da ciência como ideologia e do controle autoritário dos sistemas econômicos e burocráticos, que se especializaram e se autonomizam, fragmentando e destruindo o mundo da vida, seus valores, tradições e sua fertilidade cultural.

Por isso, Habermas propõe um processo de reconstrução do materialismo histórico de Marx e Engels, cujo potencial teórico/analítico e de práxis transformadora considera que não chegou a se esgotar, mas, carece de revisão sob diversos aspectos, porque as mais importantes estruturas do capitalismo organizado já não são as mesmas. Esse autor esclarece:

Marx localizou os processos de aprendizagem evolutivamente relevantes na dimensão do pensamento objetivante, do saber técnico e organizativo, do agir instrumental e estratégico, a partir da referência das relações de produção na sociedade capitalista (1983, p. 13).

O capitalismo liberal analisado por Marx e Engels se transformou por meio de sucessivos estágios até alcançar um avançado e complexo processo de acumulação concentrada com intervenção do Estado no mercado, que chega ao ponto de substituí-lo, quando se torna necessário controlar a economia globalizada para garantir o melhor lucro ao capital.

DeLuz⁵ acrescenta que esse estágio do capitalismo se caracteriza pela necessidade do aparelho de Estado ser legitimado através de um sistema de democracia formal, que difunda a lealdade das massas, mas, evite sua participação. Ele argumenta:

Parte-se do pressuposto de que a genuína participação dos cidadãos nos processos de formação da vontade política – a democracia substantiva – levaria à conscientização da contradição entre a produção socializada administrativamente, e a contínua apropriação privada e o uso privado da mais-valia (1995, p.01).

Por isso, a perspectiva analítica de Habermas se interessa em repensar a filosofia e as ciências, na sociedade moderna, pelo crivo da cooperação interdisciplinar, tendo como objetivo a crítica das racionalidades técnicas e instrumentais da ideologia dominante e da colonização da cultura.

Habermas busca construir uma estratégia teórica diferenciada capaz de estabelecer tessituras entre as estruturas da racionalidade comunicativa, que se expressam, nas interações sociais, nas imagens do mundo vivido, nas idéias morais e na formação de identidades e encontram sua eficácia prática nos movimentos sociais. Atualmente, estão presentes também em sistemas de instituições da sociedade civil.

Habermas parte do pressuposto de que na dimensão da convicção moral, do saber prático, do agir comunicativo e da regulamentação consensual dos conflitos de ação, têm lugar processos de aprendizagens que se traduzem em formas cada vez mais maduras de integração social, com perspectivas para efetivação de novas relações, que tornam possíveis novas forças sociais.

⁵ Ler o artigo (1995) “Formação do sujeito e a questão democrática em Habermas”.

A cultura é abordada com preeminência e como um fenômeno superestrutural, que explica o vigor da teoria da ação comunicação para a renovação do materialismo histórico. Nesse sentido, ele parte em busca das possibilidades de mediações entre domínios isolados e altamente sofisticados dos especialistas com as práxis do mundo vital, considerando como pressuposto da ética discursiva a necessidade de se obter consensos, tanto na filosofia quanto nas ciências, sobre o caráter próprio da razão e sobre a sua aplicabilidade na vida prática.

Em sua vasta e sofisticada abordagem sobre a modernidade prioriza as interpretações macroscópicas, propondo um deslocamento do paradigma da consciência, razão centrada no sujeito, cujo enfoque transita entre conhecimento dos objetos e a dominação dos mesmos, para o paradigma da razão centrada na comunicação, que se refere ao entendimento entre os sujeitos capazes de falar e de agir, numa perspectiva processual, que se expressa por meio da compreensão descentralizada e intersubjetiva do mundo. Esse autor sintetiza:

No paradigma do entendimento recíproco é fundamental a atitude performativa dos participantes da interação que coordenam seus planos de ação e se entendem entre si sobre algo no mundo. O ego ao realizar um ato de fala, e o álter ao tomar posição sobre este, contraem uma relação interpessoal. A isso corresponde, no plano da gramática, o sistema de pronomes pessoais. Quem se instruiu nesse sistema aprendeu como se assumem, em atitude performativa, e como eles se transformam entre si. Ora essa atitude dos participantes em uma interação mediada pela linguagem possibilita uma relação do sujeito consigo mesmo distinta daquela mera atitude objetivante adotada por um observador em face das entidades no mundo (2000, p. 415).

Na formulação de Habermas sobre razão comunicativa a linguagem é concebida como garantia democrática, que se expressa por meio de três tipos básicos de atos de fala: constatativos (conversações), regulativos (dirigidos por normas) e expressivos (dramatúrgicos).

A linguagem é entendida como uma forma política, derivada de um processo comunicativo voltado para conseguir orientação, que responda ao interesse cognitivo por entendimento recíproco e interesse prático, através das mediações entre intersubjetividades em permanente conflito e/ou contraditórias.

Ao nosso ver, essa fundamentação pautada no esclarecimento Habermasiano é essencial para se estabelecer aproximações mais qualificadas e complexas sobre as interações entre sociedade civil e Estado com relação a conquista de direitos e ao exercício da democracia e sobre a formação da juventude para a cidadania ativa, a partir das ações e práticas educativas no espaço de uma ONG, que são categorias analíticas da nossa investigação.

Um elemento importante a ser considerado na compreensão da teoria da ação comunicativa é o seu potencial de autocrítica em relação a própria teoria, que inclui, preliminarmente, a possibilidade de desconstrução, de desaprender o estabelecido, que parte da inter-subjetividade dialógica para resignificar normas, valores e a própria sociedade. É o que explicita Siebeneichler:

Os processos de desaprendizagem somente podem ser descobertos através de uma crítica às deformações de um potencial de racionalidade e de consenso que uma vez eram acessíveis, estando hoje soterrados.... quando o mundo vital desmorona. Através desta ameaça, o mundo da vida pode abrir-se e revelar a sua “compreensibilidade opaca” (1998, p. 56,57).

Com essa reflexão sobre parte do pensamento de Habermas acredito ter em mãos um suporte consistente, que servirá como base teórica ao trabalho a ser edificado e, para consolidar esse fundamento teórico de forma convergente, desenvolvo, a seguir, um estudo de aprofundamento das idéias do educador brasileiro Paulo Freire.

1.2. Contribuição do pensamento e da pedagogia de Paulo Freire para a fundamentação da pesquisa

Reflexivamente comprometido com a sua história no mundo e com as perspectivas de transformação humanistas do mundo, Paulo Freire elabora sua análise da sociedade moderna por meio de vigorosa crítica das relações sociais entre opressores e oprimidos. Por esse viés, desafia a brutalidade da sociedade que temos ao eleger o ser humano como temática social.

A partir da desumanização na sociedade capitalista ele elabora uma pedagogia humanizante pautada na esperança prospectiva da emancipação social e enfrenta por meio da conscientização do mundo desigual as principais contradições do mundo moderno, em busca de possibilidades de libertação para o ser humano.

A essência da práxis político-social de Paulo Freire se consolida ao dimensionar a educação de forma dialética e fundamentalmente democrática, com o potencial para transformar a opressão em reflexão crítica dos oprimidos, capaz de promover um processo de conscientização para a emancipação de toda a sociedade _ opressores e oprimidos.

Paulo Freire reconhece e valoriza os processos culturais do desenvolvimento humano, associado ao potencial da conscientização crítica para enfrentar os problemas urgentes da nossa atualidade.

É exatamente nessa perspectiva dos estudos culturais e da teoria crítica, que me encontro com o seu pensamento político-educacional e a sua filosofia para aprofundar o estado da questão sobre a temática da formação de jovens para a cidadania ativa, na instância educativa da sociedade civil, na ONG Centro Cultural CELITA. Formação esta tratada como produção histórica fundamentalmente simbólica e discursiva.

No contexto do mundo globalizado e em crise estrutural do capital aprofundam-se as contradições sociais. A realidade brasileira produz imensos contrastes. Apesar dos avanços democráticos conquistados com a Constituição de 1988 e mais especificamente com a Convenção Internacional da Criança e nosso Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA⁶ e de existir maior foco das esferas governamentais brasileiras (Federal, Estaduais e Municipais), com relação às políticas públicas para a juventude, o que se considera como premissa na presente investigação, é uma situação dramática, onde a maioria dos adolescentes e jovens, neste País, vivenciam a condição juvenil na situação de excluídos e oprimidos.

Esse ponto de vista se justifica, por um lado, por causa da construção histórica adultocêntrica da sociedade moderna, que no decorrer dos últimos séculos desenvolveu o conceito de idade, impondo a classificação etária como forma de organização da vida com fins do controle social. Por outro lado, pela forma impotente do capitalismo de lidar com direitos e cidadania, em grande parte, restrita à formalidade legal e, por isso mesmo, incapaz de efetivá-los concretamente.

Como em nossa conceituação de juventude está inserida a adolescência cabe, nesse momento, a realização de uma reflexão crítica sobre alguns aspectos que o senso comum brasileiro manifesta em relação ao Estatuto da Criança e do Adolescente. Podemos fazer isso provocando importantes questionamentos: por que, em nossa

⁶ Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990.

realidade, os Direitos da Criança e do Adolescente ganham tanta visibilidade e repercussão de forma negativa, pela distorcida ótica popular do “Direito Penal”, quando associados a violência e aos atos infracionais praticados por “menores”? Por que o Estatuto da Juventude tramita de forma lenta e apática no Congresso Nacional?

Em 1981, Chico Buarque lança o LP “Almanaque”, com destaque para a música “Meu Guri” e já denuncia desde o início daquela década, com a inspiração engajada, que lhe é peculiar, a dramática condição social de uma grande maioria das crianças e adolescentes no Brasil, que desde o “rebento” trazem o estigma da miséria e com tenra idade se tornam vítimas da marginalidade, porque nela encontram uma das poucas estratégias de sobrevivência.

Os versos do autor permanecem atuais, denunciando uma dura realidade de vida que está presente em todas as periferias das grandes cidades do Brasil e sintetizam a dimensão do nosso problema social, sobre as temáticas crianças, adolescentes e jovens, que se aguça e se torna mais complexa diante de grave situações como o tráfico de drogas, popularização do uso do “*crack*” e a banalização da violência:

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
 Não era o mento dele rebentar
 Já foi nascendo com cara de fome
 E eu não tinha nome para lhe dar
 Como fui levando, não sei lhe explicar
 Fui assim levando
 Ele a me levar
 E na sua meninice ele um dia me disse
 Que chegava lá...
 Chega estampado, manchete
 Retrato com venda nos olhos, legenda e as iniciais
 Eu não entendo essa gente, seu moço?
 Fazendo alvoroço demais
 O guri no mato,
 Acho que tava rindo
 Acho que ta lindo de papo pro ar
 Desde o começo eu disse, seu moço:
 Ele disse que chegava lá.
 Olha aí,
 Ai olha aí...
 É o meu guri.

Crianças, adolescentes e jovens, vistos e tratados como problema social perpassa a cultura brasileira desde o início do Século XX, quando têm início as mudanças determinadas pela tardia-industrialização.

O desenvolvimento industrial, no Brasil, rapidamente acarretou fortes concentrações urbanas em virtude da migração de elevados contingentes da população do campo para as cidades. O surgimento do desenvolvimento urbano no eixo Rio de Janeiro – São Paulo e o conseqüente drama da pobreza das camadas populares foi compreendido e tratado, nesse período, pela ótica dos estudos e análises da sociologia funcionalista⁷, cujo enfoque conservador contribuiu para disseminar essa visão.

Pode-se constatar, então, que o fenômeno da modernidade brasileira se caracterizou pela ambigüidade política, que ora tentava romper com padrões oligárquicos arraigados e ora se conciliava com eles, os fortalecendo em novos parâmetros.

Contudo, afirma-se que esse processo determinou drásticas transformações estruturais na realidade brasileira, sobretudo, no modo como se estabeleceram as relações entre sociedade civil e o Estado.

A partir de 1947, Paulo Freire começou a trabalhar no Serviço Social da Indústria – SESI, onde desenvolveu práticas político-pedagógicas de participação social e conscientização da classe trabalhadora, experiência esta, marcante para o desenvolvimento dialético de todo seu pensamento como educador progressista.

O educador pernambucano compreendia que o SESI expressava um momento inteligente da liderança patronal nas suas relações contraditórias com a classe operária. Era uma tentativa de amaciamento dos conflitos de classes e um esforço no sentido de obstaculizar a formação de uma consciência militante, política, entre os trabalhadores. Sabia, pois, das possibilidades e limites do seu trabalho que, cedo ou tarde, sofreria restrições.

Paulo Freire (2002) compreendia que a realidade brasileira em transformação, no período da industrialização estava profundamente marcada pelas heranças do colonialismo, que impregnavam o cotidiano do povo e nele impunham o silêncio. Corroborando com esta proposição Carvalho assinala:

Em três séculos de colonização (1500 – 1822), os portugueses tinham edificado um enorme país dotado de unidade territorial, lingüística, cultural e religiosa, mas tinham também deixado uma população analfabeta, uma sociedade escravocrata, uma

⁷ Essa abordagem da criança, do adolescente e do jovem como problema social foi amplamente fortalecida e arraigada em nossa realidade pela atuação da sociologia funcionalista americana, sobretudo, da Escola de Chicago, que teve grande influência na América Latina a partir da depressão econômica dos anos de 1920.

economia monocultora e latifundiária, um Estado absolutista (2004, p. 17).

Para Freire essa transição promovia, também, a resistência ao silêncio, fazendo surgir entre vários segmentos organizados da sociedade brasileira a necessidade de expressão da voz, aguçando rebeldias, que necessitavam ser conscientemente refletidas e criticamente incorporadas na democratização do País.

É exatamente imbuído dessa problemática que ele escreve, em 1959, “Educação e Atualidade Brasileira”, tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação, na Escola de Belas-Artes de Pernambuco, que, em parte, foi publicada em seu primeiro livro “Educação como Prática da Liberdade”.

Esse ponto de partida na elaboração sistemática de reflexões sobre educação e sociedade, desenvolvido por Paulo Freire, já sinaliza uma visão abrangente e crítica do autor, ao eleger a democracia como questão central de suas ações político-pedagógicas.

E, ao assim fazê-lo se diferencia das discussões sociológicas e filosóficas vigentes, no Brasil, naquele momento, pois, ao inserir a democracia nos debates sobre a realidade brasileira, adentra na discussão sobre os princípios da democracia e das instituições democráticas, direcionando suas ideias à questão histórico-humanista.

Inspirado nas temáticas da Filosofia da existência, do personalismo e do humanismo cristão, desenvolvidas, entre outros autores, por: Gabriel Marcel, Emmanuel Mounier e Roland Corbusier, Paulo Freire começa a formar sua rica e profunda concepção de homem. Pode-se constatar o início desse longo e persistente processo de elaboração político-epistemológico a partir da seguinte afirmativa de Freire:

A possibilidade humana de existir – forma acrescida de ser – mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional. Estando nele, pode também sair dele. Projetar-se. Discernir. Conhecer.

É um ser aberto. Distingue o ontem do hoje. O aqui do ali. Essa transitividade do homem faz dele um ser diferente. Um ser histórico. Faz dele um criador de cultura. A posição que ocupa na sua circunstância é uma posição dinâmica. Trava relações com ambas as faces de seu mundo – a natural, para o aparecimento de cujos entes o homem não contribui mas a que confere uma significação que varia ao longo da história, e a cultural, cujos objetos são criação sua (2002, p.10).

Ao propor a humanização do homem, entendida como plena realização deste como criador de cultura e de suas condições de existência, Paulo Freire discute a consciência do homem em três perspectivas: i) a consciência intransitiva representa um quase não compromisso entre o homem e a sua existência, escapando ao homem a apreensão de problemas situados além de sua estreita esfera biologicamente vital; ii) a transitividade ingênua se caracteriza pela simplicidade na interpretação dos problemas, pela tendência de julgar que o melhor tempo foi o passado, pela transferência da responsabilidade e da autoridade, em vez de sua delegação apenas; pela subestimação do homem comum; por forte inclinação ao “gregarismo”, característico da massificação; pela impermeabilidade à investigação, a que corresponde um gosto acentuado pelas explicações fabulosas; pela desconfiança de tudo o que é novo; pelo gosto não propriamente do debate, mas da polêmica; pelas explicações mágicas; pela tendência ao conformismo; iii) a transitividade crítica, pelo contrário, caracteriza-se pela profundidade na interpretação dos problemas; pela substituição de explicações mágicas por princípios causais; por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas.

Na sua apreensão, a transitividade crítica se esforça para evitar deformações; nega a transferência da responsabilidade, porque recusa posições quietistas. Paulo Freire aceita a massificação como um desafio e contrapõe a transitividade crítica se esforçando pela humanização dos homens e das mulheres, que podem cultivar a segurança na argumentação; o gosto pela discussão, maior dose de racionalidade, apreensão e receptividade a tudo o que é novo e se inclinar sempre às arguições.

Paulo Freire acumula, em conjunto com sua obra, uma trajetória que compreende a importância vital do comprometimento do homem com a sua realidade, situando exatamente nesse ponto a relevância do processo educativo por ele elaborado.

Busca, por meio de uma educação engajada com a realidade social, inserir mulheres e homens comuns, as pessoas do povo, os jovens e as jovens, em processo de conscientização capaz de potencializá-los para participação ativa e progressista no meio em que vivem. Aponta que o caminho é o da luta democrática pelo sonho possível de uma sociedade mais justa e solidária.

Paulo Freire expressa fundamentalmente a educação como um processo democrático de conscientização, que possibilita ao homem discussão corajosa de sua problemática e de sua inserção crítica no mundo; que o situe em diálogo constante

consigo e com o outro; que o desafie frente às contradições que vivencia. José Eustáquio Romão, contextualizando a citada obra de Paulo Freire, destaca:

Foi no pós-guerra que se deu a gênese e a formação das fontes inspiradoras dos princípios, dos fundamentos e das categorias fundantes do pensamento de Paulo Freire. Fazer esta afirmação significa defender a tese, que esse educador brasileiro trazia potencializados, em sua primeira elaboração sistemática – Educação e atualidade brasileira - os eixos e categorias que iriam perpassar toda sua obra. Estamos ratificando a idéia de que Paulo sempre re-escreveu o que havia escrito antes, numa incansável re-elaboração e re-escritura dialética da mesma obra, atualizando-a permanentemente, de acordo com os novos contextos em que procurava inserir-se de forma crítica. As inovações freirianas não dizem respeito a conteúdos, mas à maneira de pensá-los. Em outras palavras, sua contribuição é mais no universo paradigmático – uma nova maneira de raciocinar e de ler a realidade – as idéias já desenvolvidas e conhecidas ganham uma nova conotação, inédita, esclarecedora, sob sua pena (2002, p. XIII).

Desde o começo das suas atividades no campo da educação, Paulo Freire caracteriza-se pelo inconformismo e pela crítica acirrada às relações autoritárias tão presentes na sociedade brasileira e, que tanto oprime nossa juventude, quer no espaço da família, quer no espaço da escola e da vida social.

Preocupa-se com o mecanicismo da escola tradicional e procura, então, na valorização do diálogo, meios para estimular e desenvolver a participação popular no cotidiano do País.

Compreende, naquele contexto do surgimento da modernidade, no Brasil, que o desenvolvimento das estruturas econômicas, nos moldes capitalistas, ligado a uma posição nacionalista, era fundamental para a promoção do País e superação de todo atraso semicolonial, e ele próprio esclarece “não há democracia sem povo participante, paradoxo em que pretende nos conservar o reacionarismo. Não há povo, no sentido legítimo, sem mercado interno. Sem estradas. Sem trabalho em condições de boa produtividade” (2002, p. 29).

Reconhece que a industrialização põe o homem brasileiro em posição de participação política, e, mesmo pautando-se pela ideologia do nacional-desenvolvimentismo e por forte influência do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que trouxe importantes análises sobre o processo histórico do Brasil e o ideal liberal-democrático de sociedade a ser solidificada, Paulo Freire percebe e afirma as

contradições do projeto capitalista, advertindo o(a) brasileiro(a) dos perigos dele decorrente, se encarado com ingenuidade idealista:

A antinomia fundamental de que a atualidade brasileira vem se nutrindo e de que se ramificam outros termos antinômicos é a que se manifesta no jogo de dois pólos – de um lado, a “inexperiência democrática”, formada e desenvolvida nas linhas típicas de nossa colonização e, de outro, a “emersão do povo na vida pública nacional, provocada pela industrialização do país. Porém, corremos o risco, na marcha crescente de nossa industrialização, de comprometer a ampliação da consciência transitivo-ingênua do homem brasileiro, alcançada que vem sendo pela própria industrialização.

Estes problemas que, em qualquer sociedade, são sérios problemas, se fazem, no caso brasileiro, para nós, ainda mais sérios. É que, repita-se, a “domesticação” imposta ao homem pela produção altamente especializada para que marchamos e que implica formas cada vez mais ingênuas ou perigosamente acrílicas de comportar-se, encontra, na “inexperiência democrática”, condições excelentes para desenvolver-se e agigantar-se.

Daí, nos parece a nós, cada vez mais importante e imperioso, que se ampliem as esferas de experiências democráticas do homem nacional, na fase atual de nossa existência histórica (obra citada, p. 26, 41 e 42).

Ao esmiuçar a “inexperiência democrática” da realidade brasileira, Paulo Freire procura descobrir os condicionantes autoritários, centralizadores e assistencialistas, não só da sociedade dominante, no Brasil, como também aqueles inculcados na mentalidade social do povo e contra ele.

Essa análise de Freire sobre a nossa inexperiência democrática é uma questão fundamental para a compreensão de parte dos problemas que afetam a formação da juventude em nossa atualidade, porque ela permanece muito presente nas relações sociais e institucionais, no Brasil, não obstante todo o avanço da democracia formal.

Diante da transição estrutural, daquela época, posiciona-se em alerta, pois a tarda-industrialização alterava essa perversa realidade, oxigenava as relações sociais no País, mas, em contrapartida, levava as populações urbanas mais à “massificação” do que à consciência crítica.

No presente, essa massificação cultural se formata por meio de grave processo de cinismo político de todo o sistema capitalista, que naturaliza a alienação em parâmetros sociais de assustadora conveniência pragmática com o imediatismo imposto

pela mídia e novas tecnologias de informação e acelerado processo de corrupção, que se acentua em vários espaços e níveis do Estado e da sociedade civil.

A violência decorrente da desigualdade social é mistificada por meio da ideologia dominante e da cultura simbólica, que aliena os oprimidos e marginalizados, justificando o uso do controle e da política da intolerância por meio da pedagogia do medo, continuamente destacada pelos meios de comunicação. Em grande parte, a juventude vem sendo estigmatizada nesse processo.

Retornando à análise de Freire, a busca de condições propícias para o despertar da autonomia, do diálogo, do sentimento de responsabilidade, do autogoverno e da reflexão crítica, o conduz a fundamentar todo o seu pensamento político-pedagógico, tendo como questão central a democracia.

Em seu ponto de vista, a verdadeira democracia deve superar a formalidade institucional de governo e assumir-se como forma de vida. Assim, a essência prática da democracia começaria pela questão mais elementar nas relações sociais, pelo diálogo humano, pautado no respeito mútuo, tendo como objetivo a aprendizagem da participação ativa, o engajamento político e social na efetivação do cotidiano.

Nesse aspecto, constata-se a importância do pensamento de Paulo Freire na compreensão crítica do processo de formação da juventude para a cidadania no espaço da sociedade civil e, para análise do potencial de ação social transformadora ou não, no Centro Cultural CELITA, contribuindo para iluminar os principais desafios dessa pesquisa.

Entende Paulo Freire que a democracia é uma necessidade, que corresponde à natureza humana e nasce das relações sociais de mulheres e homens e de suas circunstâncias num mundo em constante transformação. Por isso, em toda a sua obra, a educação orientada para a formação da personalidade democrática sempre teve papel decisivo, como constructo sistemático de suas reflexões.

A democracia é por ele tratada como um processo de aprendizagem exercitado e constituído não só nas altas esferas dos poderes institucionais do Estado, mas, principalmente, na prática elementar das relações humanas na medida em que o povo vai vivenciando e incorporando aprendizagens e saberes democráticos, fundados no diálogo, mediante o debate das experiências vividas, do estímulo ao trabalho em grupo e da solidariedade, praticando assim a liberdade, exercitando a autoridade responsável e promovendo a reflexão crítica sobre os fatores e os condicionamentos da existência individual e social.

Na avaliação de Freire, a democracia estritamente representativa se nega a si mesma, pois nela o único direito que se oferece ao povo é o do voto, que cada vez mais se avilta e degrada nas perversas circunstâncias impostas pelas desigualdades do capital; e constata que a democracia puramente formal muito pouco ou quase nada faz pela libertação dos oprimidos a não ser mediante espaços políticos cuja existência, a própria democracia formal não tem como não admitir.

Por outro lado, a democracia que se diz econômica, de cujo sonho faz parte a superação das injustiças perpetradas no sistema capitalista que poderia fazer prevalecer os ideais de justiça, liberdade, igualdade, respeito humano e ambiental se acha submetida aos estreitos espaços da moldura autoritária, se deteriora e se perverte dramaticamente com as políticas neoliberais das últimas décadas e com a crise estrutural contemporânea do sistema capitalista.

Acredita o autor que é possível ensinar democracia na medida em que mulheres e homens e, principalmente, a juventude, lutem por estabelecê-la, na prática, não só em seu cotidiano, mas, inclusive, no contexto da sociedade global, e sejam capazes de enfrentar suas próprias contradições e, ao assumi-las, possam desencadear uma conscientização para a emancipação dos comportamentos autoritários típicos da sociedade que nos oprime.

A vida e obra de Paulo Freire são testemunhos que imprimem orientações conscientizadoras das práticas educativas que favorecem a formação de disposições mentais democráticas transformadoras do ser em busca constante de ser mais. Essa foi sua luta histórica. Nas palavras do próprio autor:

Tenho insistido, ao longo de minha prática educativa, que jamais se ressentiu de uma reflexão filosófica em que seres finitos, inacabados, homens e mulheres vimos sendo seres vocacionados para ser mais. Daí que tenha sempre afirmado que a humanização, enquanto vocação, tem, na desumanização, sua distorção. Da natureza dos seres humanos, natureza histórica e socialmente constituindo-se, faz parte esta vocação, como sua distorção vem sendo uma possibilidade histórica. Nenhuma reflexão em torno de educação e democracia igualmente pode ficar ausente da questão de poder, da questão econômica, da questão de igualdade, da questão da justiça e de sua aplicação e da questão ética.

Não hesitaria em afirmar que, tendo-se tornado historicamente o ser mais a vocação ontológica de mulheres e homens, será a democrática a forma de luta ou de busca mais adequada à realização da vocação humana do ser mais. Há, assim, um

fundamento ontológico para a luta política em torno não apenas da democracia mas de seu constante aperfeiçoamento. Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos demais, do direito à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade do ser (2003, p. 192).

Essa relevante contribuição de Paulo Freire torna-se de grande valia quando se constata que uma das questões políticas mais significativas da história contemporânea da humanidade é a generalização da democracia liberal como forma-padrão de exercício do poder e da dominação no Estado moderno.

Esse surpreendente avanço é acompanhado por profundas contradições que distorcem e comprometem essa forma liberal de organização do Estado, desencadeando nos, tempos atuais, grave processo de deterioração dos sistemas políticos sem, contudo, caracterizar ruptura com a democracia liberal.

A democracia liberal apresenta sinais de esgotamento histórico ao se confrontar com a hegemonia das políticas neoliberais e a crise estrutural do capitalismo, que se caracteriza pela perda da legitimidade dos governos, dos poderes legislativos e da Justiça; enfraquecimento das organizações sociais, desmoralização das ideologias e dos partidos, desinteresse eleitoral e político, em geral, mais freqüente, na maioria dos jovens e das jovens; além da ausência de debates relevantes.

A desqualificação da política e a privatização exacerbada das relações sociais e do próprio Estado estão pondo em cheque os direitos humanos (individuais, políticos e sociais), historicamente conquistados pela humanidade. É a nova fase conservadora e autoritária de desenvolvimento capitalista, pautado na especulação financeira e primazia da economia sobre todos os aspectos da vida social.

Nesse contexto, o pensamento político-pedagógico de Paulo Freire é importantíssimo fundamento ético, científico e filosófico para fazer sobreviver a esperança num mundo tão caótico. Ontem, como hoje, as forças conservadoras e autoritárias estiveram e estão contra a elevação cultural das classes populares, da juventude e da reflexão crítica dessas populações.

Mergulhados em profunda crise estrutural do capitalismo, testemunhamos o avanço reacionário do pragmatismo neoliberal e, concomitante, a agonia das utopias socialistas. Vivemos uma época em que todas as certezas se desmoronam e a perversidade do capitalismo se expande assustadoramente naturalizada. Paulo Freire

enfrenta a dramaticidade da realidade contemporânea com otimismo e esperança de lutas por transformações:

Se o sonho da burguesia emergente era o capitalismo no marco da democracia burguesa, o sonho das maiorias populares hoje vem ficando mais claro deve ser o do socialismo no marco democrático também. A questão fundamental não é acabar com a democracia, mas aperfeiçoá-la, tendo, como miolo seu, não mais o capitalismo, mas o socialismo... Forjar a unidade entre socialismo e democracia é o desafio que nos instiga, de forma clara, neste final de século e começo de milênio. Desafio e não destino certo; utopia e não fado ou sina. Futuro como problema, como possibilidade e não como tempo inexorável (2003, p. 180).

Após essa apresentação do quadro teórico selecionado, onde se destacou a importância de algumas formulações teóricas de Habermas e de Paulo Freire para dar o devido suporte aos desafios da pesquisa, nos deteremos na próxima seção em especificar o percurso metodológico desenvolvido e os procedimentos adotados para alcançar os objetivos propostos.

CAPÍTULO II – PERCUSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2. A pesquisa qualitativa como um caminho plural de investigação intersubjetiva

O conhecimento científico no paradigma da consciência é diferente do senso comum ou do conhecimento popular, que se apresenta, por essa visão, em geral, fragmentado e informal. Assim, os saberes e vivências do cotidiano expressam uma antítese do conhecimento científico.

No paradigma da consciência o conhecimento científico se configura por um movimento da realidade transportada para o conhecimento por meio da compreensão da realidade através do sujeito cognoscente e o seu objeto de estudo. Fazendo a crítica dessa linha de pensamento acerca da essência do conhecimento científico tradicional, Bachelard explicita:

A observação científica é sempre uma observação polêmica; ela confirma ou infirma uma tese anterior, um esquema prévio, um plano de observação; ela mostra, demonstrando, ela hierarquiza as aparências; ela transcende o imediato; ela reconstrói o real após ter reconstruído seus esquemas. Naturalmente, desde que se passe da observação à experimentação, o caráter polêmico do conhecimento torna-se mais claro ainda. Então, é preciso que o fenômeno seja escolhido, filtrado, depurado, vazado no molde dos instrumentos, produzidos no plano dos instrumentos. Ora, os instrumentos não são senão teorias materializadas. Deles saem fenômenos que trazem por todos os lados a marca teórica (1968, p. 19).

Apesar de se reconhecer as especificidades e a importância histórica do conhecimento científico no arcabouço da filosofia do sujeito, na presente pesquisa, optamos por um outro referencial _ a racionalidade comunicativa _ onde esses dois aspectos (razão e senso comum) são complementares e interdependentes, compreendendo-se daí que o mundo social e os processos interpretativos pelos quais esse mundo constituído é realizado são inseparáveis.

Dessa forma, o senso comum faz parte da constituição do mundo vivido. É a forma pela qual os seres humanos chegam a um sentido da realidade objetiva, a razão social e, portanto, é riquíssima base de fundamentação para as ciências sociais.

Esta pesquisa enfoca uma investigação sobre os processos de formação dos jovens e das jovens num bairro da Periferia da cidade de Fortaleza, a partir do espaço do

Centro Cultural CELITA e, conseqüentemente, da pedagogia libertadora que desenvolve como instância social mediadora de aprendizagens para novas possibilidades de participação social (ou não), desses sujeitos, nas buscas (individuais e coletivas) por ampliar e qualificar suas cidadanias.

A ONG Centro Cultural CELITA é uma associação comunitária, uma organização da sociedade civil, fundada por um grupo de moradores do bairro Pedra e tem como **missão promover a qualidade de vida e o desenvolvimento cultural nessa comunidade e suas adjacências.**

A partir da escolha das temáticas centrais, do lócus e dos sujeitos da pesquisa, todo o estudo realizado no campo das metodologias do trabalho científico nos conduziu para a pesquisa qualitativa, como o caminho mais adequado para investigar a socialização de saberes e práticas sociais em situações concretas, que permitem conhecer os processos vividos no próprio cotidiano e a dinâmica da ação comunicativa dos sujeitos na interação dialógica.

Essa idéia vem complementada pelo entendimento de que a pesquisa científica pode ser produzida como uma prática social, numa perspectiva histórica e intersubjetiva, compartilhando aprendizagens e saberes sobre os conflitos e as contradições que permeiam uma determinada realidade.

Nesse sentido, o conhecimento é um relacionamento entre sujeitos, que se identificam numa determinada interpretação do todo da experiência humana e onde a busca das verdades é uma pretensão de validade e, portanto, envolve necessariamente um processo dinâmico e multifacetado para a construção do saber proposicional, construído a partir de onde e como as pessoas se posicionam na ação comunicativa em busca de entendimentos ou na solução de conflitos no cotidiano das relações sociais.

Segundo Bogdan & Biklen (1994) uma das características da investigação qualitativa enfatiza o estudo dos fenômenos sociais no próprio ambiente natural no qual ocorre. Esse estudo valoriza, portanto, os aspectos dialógicos da razão onde os dados adquirem importância no âmbito intersubjetivo das argumentações, valorizando a forma como os sujeitos capazes de linguagem e de ação fazem uso do conhecimento.

Nessa pesquisa, apresenta-se um interesse maior pelo processo. Utiliza-se da ação comunicativa dos jovens e das jovens que atuam na instância formadora da ONG Centro Cultural CELITA, de suas argumentações e interações sociais para investigar os significados e conexões elaborados por esses sujeitos sociais, no cotidiano, em relação a construção de suas cidadanias.

Ora, essa reflexão se tornou fundamental no sentido de compreender e delimitar o norte e o percurso edificado por essa pesquisa, ao se entender que a definição do problema dentro de uma metodologia qualitativa está orientada na busca de uma demarcação conceitual aberta e de múltiplos sentidos, que busca por meio da subjetividade, alcançar o significado construído pelos sujeitos, através das práticas sociais cotidianas.

Nesse momento, é importante esclarecer que o modo de compreender a realidade, o que poderá ser conhecido sobre ela e o modo diferenciado de tratar a relação entre sujeitos da pesquisa e o pesquisador condicionam não apenas a eleição de teoria e métodos, mas, toda a forma como o conhecimento será processualmente construído e o próprio resultado final desse trabalho.

Nesse sentido, busca-se inspiração na teoria crítica, considerando a reconstrução do materialismo histórico edificada no pensamento dos humanistas Paulo Freire e Habermas, como base fundamental na busca por estabelecer uma relação teórico-metodológica, coerente, complementar e prospectiva. Essa decisão implica em se aproximar do conhecimento sobre as questões sociais pelo viés dialógico e intersubjetivo.

Esse é o caminho que se nos apresenta como desafio coletivo nessa pesquisa. Ao definir esse eixo teórico-metodológico como norte do trabalho se buscou fundamentações convergentes entre si e com nossa visão de mundo, que conceitua os seres humanos e as sociedades, como construções históricas de múltiplas e diferenciadas temporalidades.

Visão de mundo, na qual a sociedade e as relações sociais são tratadas como processos vividos e construídos pelos homens e mulheres, pelos jovens e pelas jovens, em movimentos de constante devir, que inclui, além das condições de existência na esfera material, as interações sociais e todo o potencial da subjetividade e intersubjetividade humana na esfera simbólica da linguagem e do mundo da vida.

Na realidade processual de uma pesquisa, o momento de especificar e definir a metodologia de investigação é lento e exige trabalho cuidadoso, reflexão e coerência do pesquisador, sobretudo, quando a proposta é de desenvolver pesquisa qualitativa, a qual, prenuncia relatividades, movimento e multiplicidade de tempos históricos, exigindo grande sensibilidade para as diversidades culturais e seus significados socialmente construídos, para a importância da interação comunicativa dos sujeitos no processo de

formação pessoal e social. Sobre essa questão Paulo Freire afirma que o conhecimento se constrói numa relação dialógica entre investigador e sujeitos da pesquisa, a saber:

Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar na ação que, ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir idéias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação (1983a, p. 119).

Esse estudo qualitativo sobre a formação da juventude na instância educativa do Centro Cultural CELITA situa a problemática pedagógico-educacional, como uma questão de ordem interativa. Por isso considera que a metodologia dialética com foco na ação comunicativa é um caminho adequado para a realização do presente trabalho.

As categorias da ação comunicativa e do diálogo, desenvolvidas pelos autores em tela são pertinentes à análise intersubjetiva do processo de formação dos sujeitos, se constituindo em elementos fundamentais, para ampliar a compreensão de outras importantes categorias, tais como, a cultura, a sociedade e a formação humana. Podem contribuir para perspectivas inovadoras do estudo em pauta.

A dialética da ação comunicativa possui caráter de abrangência, que tenta, a partir da estrutura proposicional da linguagem e de suas perspectivas históricas, construir um conhecimento interativo através da pretensão de validade das argumentações dos sujeitos responsáveis pelas falas e ações sociais.

Cabe ao investigador mergulhar nas relações intersubjetivas dos sujeitos como forma de interpretação histórica considerando, exatamente, o potencial da urdidura, das inter-relações, das argumentações com pretensões de validade, para buscar entendimentos possíveis que fundamentarão o produto racional processualmente produzido, a tese propriamente dita.

Goldmann, ao trabalhar a noção de visão de mundo, efetua uma integração entre o pensamento dos indivíduos e os determinantes históricos do mundo sistêmico. Numa perspectiva crítica, evita, por esse meio, qualquer caráter arbitrário, especulativo e metafísico no trabalho científico no campo das ciências sociais e explica:

A visão de mundo não é um dado empírico imediato, mas, ao contrário, um instrumento conceitual de trabalho, indispensável para compreender as expressões imediatas do pensamento dos indivíduos... É precisamente um conjunto de aspirações, de sentimentos e de ideais que reúne os membros de um grupo, de uma classe social e os opõe aos outros grupos (1979, p. 13 e 20).

Reafirmamos, então, que em nossa visão de mundo, os indivíduos não somente são produtores e reprodutores da realidade, mas, principalmente, agentes em potencial das transformações. São conformados pelas estruturas sociais, políticas e econômicas e, ao mesmo tempo, conformam estas estruturas por meio de suas ações comunicativas e práxis sociais.

Assim sendo, a socialização não se configura como um processo individual, mas um processo que afeta o indivíduo nas inter-relações sociais, porque tem profunda dimensão histórico-cultural e, conseqüentemente, não se dá limitadamente em micro sistema, e sim, na complexa relação do ser humano com a sociedade numa visão de totalidade.

Ao destacar que o presente estudo vai se preocupar com os saberes da prática social, com o processo de formação dos jovens e das jovens, em uma instância educativa da sociedade civil, a ONG Centro Cultural CELITA, apresenta a educação como eixo central da abordagem, por entendê-la como mediadora essencial do ser humano, não só com força produtiva de conhecimentos, mas, sobretudo, como força criativa e transformadora, principalmente, no potencial das relações entre educação e movimentos sociais, onde, no dizer freireano, o homem apresenta-se como ser inconcluso, ciente de sua inconclusão e em permanente movimento para “ser mais”.

Olinda ao pesquisar em 2003, jovens entre 17 e 23 anos da ONG Fundação Casa Grande – Memorial Homem do Kariri, localizada na cidade de Nova Olinda, Cariri-Ceará _enfoca o modo como reagem à situação concreta de limitações materiais e de direitos, vislumbrando o que podem ser, como seres humanos, a partir de sua ação autônoma e solidária, mostrando a capacidade juvenil de articular sentidos de forma profunda e completa.

Com isso, a citada professora fala da necessidade de a academia estreitar laços com os espaços educativos onde os jovens interagem para se tornarem plenamente humanos. Inspirada na obra de Paulo Freire, faz a seguinte análise:

Toda a obra de Freire nos conduz a uma visão de totalidade do ser, noutras palavras, para a consideração do homem como ser integral, em permanente busca, lançando-se à aventura de conhecer, de “ser mais”. Apesar de condicionado, o homem não é determinado, dada sua possibilidade de criar cultura e de transcender a todas as barreiras e interditos... A fundamentação freireana permite pensar a formação humana de um modo geral e a juvenil de maneira particular, numa dupla perspectiva: a) na dimensão de concreticidade da vida (elemento imanente), ou seja, como seres que estão no mundo – condicionados, limitados, aprisionados e oprimidos por uma realidade encontrada ao nascerem; b) na dimensão de possibilidades da vida (elemento transcendente), quando os homens agem como seres que estão com o mundo, reagindo, criando, produzindo e se produzindo (2006, p. 43).

Compreende-se, aqui, que a educação _ como uma ação comunicativa voltada para o entendimento dos sujeitos envolvidos em atos de fala e interações sociais _ é fundamental para o ser humano na construção, reprodução e transformação da sua própria história, porque é responsável pela transmissão do patrimônio cultural da humanidade e pela socialização das novas gerações, tendo por meio das várias instâncias educativas o potencial para criar novas solidariedades, cuja importância é incontestável tanto na manutenção como na renovação de uma hegemonia.

Sendo assim, elegeu-se a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e a Pedagogia de Paulo Freire como esse eixo ideológico estruturante da pesquisa, por entendê-las que estão postas no cerne das críticas de todas as questões da sociedade capitalista contemporânea, desenvolvendo suas categorias e formulações a partir das necessidades da vida real dos seres humanos, tendo como foco central o diálogo e às intersubjetividades argumentativas .

Portanto, são capazes de abarcar as singularidades da juventude, enquanto sujeitos empíricos, alcançando suas subjetividades e intersubjetividades, sem desvinculá-los crítico-reflexivamente dos condicionamentos mais amplos da estrutura social que temos.

Nesse sentido, Thiollent ilumina a concepção da pesquisa científica no contexto da Teoria Crítica, que nega a neutralidade do pesquisador e das técnicas metodológicas por ele utilizadas, propondo uma concepção na qual a técnica de pesquisa considerada no plano social e no plano do conhecimento é apresentada como técnica de relacionamento ou de comunicação entre o pólo investigador e o pólo

investigado, ambos socialmente determinados. Relação esta que o próprio autor avalia de forma provocativa:

Mais do que a precisão de qualquer tipo de medição, o que importa é a pertinência das questões e das respostas formuladas na interação entre os dois pólos. Por parte do pólo investigador, a “observação” é essencialmente um questionamento... É justamente o questionamento que deveria superar a unilateralidade da observação do outro ao permitir uma real intercomunicação (1982, p. 23).

Entende-se, nesse contexto, que a pesquisa social deve ser processualmente construída numa relação de diálogo e de transparência com os sujeitos pesquisados, dentro de práticas reflexivas entre ambos, que possam contribuir para um tipo de conhecimento social mais autêntico, coerente, justo e transformador.

Nesse instante, é oportuno frisar que a escolha dessa perspectiva teórico-metodológica não significou uma visão pronta e única, mas um dos possíveis caminhos de aproximação do real e esse caminho pôde, em vários momentos, ser questionado, alterado e complementado com contribuições diversas.

Em síntese, foram os elementos apresentados na reflexão acima, que nos conduziram à optar por atuar no campo da pesquisa qualitativa. Apresento a seguir, os procedimentos metodológicos que nortearam o levantamento de dados e subsidiaram a estrutura do trabalho desenvolvido.

2.1. Escolha e definição dos procedimentos metodológicos

A coleta de dados é um momento exaustivo, mas, nesse caso específico tornou-se dinâmico e flexível. Nessa pesquisa, o foco se desenvolveu por meio de processo interativo, avaliado e reavaliado em várias circunstâncias. Assim, ele pôde ser alterado ao longo do percurso, na busca de manter uma postura dialógica com os sujeitos da pesquisa e construir entendimentos possíveis sobre os critérios de validade das argumentações construídas e que assegurassem atenção, coerência, profundidade, ética e responsabilidade com os dados qualitativos obtidos.

O ponto de partida para a seleção dos procedimentos metodológicos mais adequados à pesquisa foi o processo de socialização com os jovens e as jovens na ONG Centro Cultural CELITA, explicando sobre a existência da pesquisa, seus motivos e

objetivos, esclarecendo o vínculo de estudo desse trabalho com a Universidade, conversas em torno da apresentação do projeto de pesquisa, esclarecimentos sobre a livre participação nesse processo e apresentação do termo de esclarecimento e livre consentimento (anexo 01), que deveria ser assinado por ambas as partes, para aqueles e aquelas jovens, que concordassem com a colaboração voluntária.

Nesse sentido, adotou-se uma atitude de prudência do pesquisador em relação aos seus próprios valores e ideologias. O primeiro passo, foi assumi-los e explicitá-los, mas, não sendo isso suficiente, a preocupação do pesquisador voltou-se para si mesmo, no sentido de que seus olhares, interesses e filtros não reduzissem ou distorcessem a realidade, prejudicando a potencialidade da pesquisa.

Dessa forma, optou-se pelo uso concomitante de vários instrumentos de abordagem metodológica, buscando desenvolver formulações de análise hermenêutica-dialética, dos conteúdos e crítico-social, visando valorizar a verificação e validação da pesquisa na perspectiva da busca de entendimentos intersubjetivos. Considerou-se, também, a preocupação com os aspectos de abrangência e consistência da pesquisa, para que sua contribuição possa provocar transformações qualitativas na ação comunicativa da juventude em interações com a comunidade e possibilidades de outros estudos e posteriores aprofundamentos.

Resolveu-se, então, privilegiar como instrumentos de coleta de dados, uma variedade de metodologias que, ao nosso entendimento, podem auxiliar na superação de desafios e facilitar a interatividade com a realidade numa visão multifacetada das questões sociais em pauta.

Dessa forma, aplicou-se, após outras possibilidades estudadas, a pesquisa-ação, utilizando-se da observação participante e das entrevistas semi-estruturada, como técnicas adequadas e necessárias aos objetivos pretendidos nessa pesquisa.

Com essa delimitação, recorreu-se a um conjunto de procedimentos metodológicos interativos, que facilitaram a comunicação entre investigador e sujeitos da pesquisa, contemplando as várias dimensões envolvidas numa abordagem crítico-dialética. Algumas reflexões sobre tais procedimentos serão apresentadas nos itens a seguir.

2.1.1. Alternativas para pesquisa-ação no Centro Cultural CELITA

Desenvolver uma pesquisa é um ato de conhecimento e de aprendizagem mútua que, da visão de mundo onde me situo, cuja perspectiva defende e luta pela emancipação humana, se processa de forma dialética e dialógica, tendo na interação intersubjetiva entre o sujeito cognoscente, o pesquisador e os protagonistas da realidade social, que são os jovens e as jovens que participam do Centro Cultural CELITA, os elementos para compreender e iluminar a realidade, contribuindo para sua transformação, conceito que, ao meu ver, se encaixa na perspectiva metodológica da pesquisa-ação.

Conheci o bairro Pedra em 2000 ao acompanhar uma amiga orientanda da Prof^a. Dra. Maria Nobre Damasceno, que teria uma reunião com a mesma. Tive a oportunidade de ser apresentado a referida educadora e lembro que conversamos sobre a beleza do seu sítio, o clima tranqüilo do bairro, comentando sobre a semelhança do local com a arquitetura de cidadezinha interiorana, a exuberância do verde, a beleza da estrada e do Serrote do Pedra-Ancuri.

Nessa oportunidade, conversamos também sobre minha experiência como Conselheiro Tutelar em Fortaleza, compartilhamos algumas idéias sobre a temática das ONGs e dos direitos da criança e do adolescente. Foi nessa conversa informal que fiquei sabendo da recém criação do Centro Cultural CELITA. Conteí, então, a minha experiência junto a Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente – EDISCA, da qual fui membro fundador em trabalho conjunto com a dançarina Dora Andrade e a minha experiência com teatro amador junto ao Grupo Balaio, sob direção do ator Marcelo Costa.

Aproveitei o bom rumo dessa conversa para manifestar o meu interesse em participar do grupo de pesquisas Juventude, Cultura e Sociedade, pois estava disposto, naquele momento, desenvolver estudo em nível do mestrado em educação relacionado com a temática social dos direitos da criança e do adolescente e a participação institucional da sociedade civil no espaço do Conselho Tutelar, em Fortaleza. Lembro que a Professora Maria Nobre foi bastante receptiva, mas explicou que eu teria que me apresentar ao grupo de pesquisa e receber o aval do coletivo para efetivar minha pretensão.

Em 2001, no início das atividades letivas da Universidade Federal do Ceará, me apresentei aos membros do grupo de pesquisa Juventude, Cultura e Sociedade,

discuti meu interesse e proposta de estudo e, após deliberação do grupo, comecei a frequentar os encontros e atividades do mesmo.

Naquele período tive oportunidade de conhecer o Centro Cultural CELITA, quando eu e a doutoranda Auxiliadora Soares recebemos um convite da Prof^a Maria Nobre para realizar uma atividade pedagógica com crianças na ONG. Organizamos uma oficina para confecção de brinquedos com sucatas trabalhando a proposta de resgate de jogos e brincadeiras populares, com 30 horas de atividades.

Esse papel de articulação e representação institucional foi bem desenvolvido no Centro Cultural CELITA pela Prof^a Dra. Maria Nobre Damasceno, desde a fundação e ao longo das primeiras gestões. Era muito comum o seu gesto de convidar os colegas professores, os alunos, os amigos, a família, etc., para contribuir na missão social dessa ONG. Esse trabalho, além de garantir a realização de muitas atividades criativas e inovadoras, por meio do trabalho de voluntários(as), muito contribuiu para a divulgação da instituição na cidade de Fortaleza.

Quando conheci o Centro Cultural CELITA ele estava no auge do seu trabalho social e educativo. Fazia um pouco mais de um ano da sua inauguração e este espaço já havia se tornado a grande novidade para as crianças e os jovens da comunidade. Aos poucos foi firmando na comunidade e para a cidade de Fortaleza a seriedade do seu trabalho social e se tornando uma entidade de referência na região onde atua.

Foi nesse processo de desenvolvimento inicial das atividades do Centro Cultural CELITA, que comecei um convívio com a presença curiosa e muitas vezes ociosa dos jovens e das jovens do bairro Pedra em busca da construção transgressiva de si e interação social nos grupos de interesse diversos.

A maioria, contudo, estava na labuta por ser mais, querendo participação e cidadania, sem saber exatamente por onde começar, que caminho seguir, diante da falta de opções para a juventude na comunidade. Até mesmo o CELITA, apresentava atuação limitada em relação a juventude, devido aos poucos recursos que conseguia captar e pelo fato de a maioria do atendimento estar direcionado para crianças e pré-adolescentes.

Nessa convivência, percebeu-se que uma parte dessa juventude reproduzia os tradicionais e conservadores valores da família e da Igreja Católica, que ainda tenta se manterem como instituições fortes na localidade. A maioria, simplesmente reproduzia a alienação cultural de massa imposta pela mídia, principalmente a televisão, e mais recentemente a internet, por meio do surgimento na comunidade de muito pontos

comerciais, que cobram pequenas taxas pelo serviço de acesso à referida rede, as chamadas “*Lan Houses*”.

Movido pelas demandas sociais da comunidade o Centro Cultural CELITA cresce rapidamente, mas sem um planejamento estratégico que focalize suas linhas de ações. A instituição caminhava conforme alguns projetos que conseguia aprovar. Nesse percurso foram agregando novas atividades pedagógicas (profissionalização, geração de emprego e renda, lazer, esporte, etc.) e novos públicos para atendimento específicos (educadores, mulheres, crianças, adolescentes, jovens,).

Conforme folder de apresentação do espetáculo “AUTO DO BOI MISTERIOSO”, um documento de dezembro de 2002 (anexo 02), o Centro Cultural CELITA se dedicava, especialmente, ao atendimento do segmento social infanto-juvenil.

Esse mesmo documento lista dezessete (17) atividades desenvolvidas pela ONG, a saber: biblioteca, futebol, capoeira, artesanato, grupo de amizade, curso de corte e costura, danças folclóricas, brincando e aprendendo, oficina de leitura, curso de informática, curso de formação de educadores, “*yoga*”, farmácia viva, videoteca, brinquedoteca, pintura em tecido e grupo de teatro. Mais três (3) serviços são prestados à comunidade: “*xerox*”, digitação de documentos e venda de produtos da farmácia viva.

Em consequência desse processo de rápido crescimento institucional, ocorre um aumento do número de atendimentos realizados, sobretudo, aqueles envolvendo atividades sociais com crianças e jovens, o que, em parte, compromete a qualidade pedagógica dos trabalhos realizados.

Contudo, essa perspectiva era avaliada, naquela fase, de forma positiva e considerada pelos membros da gestão e corpo de voluntários um motivo de orgulho para a entidade, sinalizando o sucesso do trabalho realizado.

Em ritmo desenfreado o Centro Cultural CELITA continuava o seu desafio de convivência com os jovens e as jovens da comunidade de forma ascendente. Nesse contexto, percebi que em parte significativa da juventude atendida no CELITA, predominava uma visão utilitarista em relação as atividades das quais participavam e com relação a visão da ONG, em geral.

Essa atitude é uma das características da comunidade, que apesar de ter uma trajetória histórica de muitas lutas organizadas e movimentos sociais para construir um bairro melhor, fruto de trabalho sério de umas poucas lideranças, verdadeiramente engajadas. O bairro foi palco, também, ao longo dos anos, de práticas assistencialistas

associadas ao oportunismo de políticos inescrupulosos, que associados a algumas famílias da localidade, transformaram essa área numa espécie de “curral eleitoral”, impondo à população local a política dos favores e do assistencialismo, em detrimento do direito, da participação, da consciência crítica e da formação para a cidadania.

As contradições sociais nessa comunidade são intensas e provocam a necessidade da pesquisa e do conhecimento sobre a realidade local, no sentido de compreender as perspectivas de organização e luta na comunidade, que envolve ativa e histórica participação juvenil. Conforme Cortesão, a pesquisa-ação privilegia a mudança, que é desenvolvida como instrumento da pesquisa e, concomitantemente, produz os agentes da mudança. Dessa perspectiva ele se posiciona fundamentado em Bataille⁸ (1981) e Pourtois⁹ (1981):

Pode ser descrita como um projeto social recoberto com um projeto científico, sendo também um processo que inclui o actor simultaneamente num projeto, numa política, numa intencionalidade em contactos, papéis, expectativas e num processo de reflexão e de análise que classificamos de armada, quer dizer, que recorre a um aparelho de refinamento de dados (2004, p. 26).

Dessa perspectiva, mergulho nas interações sociais entre juventude e o Centro Cultural CELITA para construir uma reflexão sobre a mediação educativa nessa instituição e seus impactos para a formação da cidadania dos jovens e das jovens do bairro Pedra.

Em Junho de 2002 o encerramento das atividades do grupo Juventude, Cultura e Sociedade acontece no Centro Cultural CELITA por ocasião da Festa Junina dessa Instituição. Particularmente, eu fico entusiasmado com o talento dos jovens e das jovens, principalmente, na encenação do “Casamento Matuto” e admirado com a qualidade da “Quadrilha” apresentada, sobretudo, no quesito originalidade.

Empolgado com essa apresentação falo para o grupo da minha experiência com Bumba-Meu-Boi e da possibilidade de se organizar uma oficina de teatro popular, com adolescentes e jovens, para organizar a montagem desse folguedo.

⁸ BATAILLE, H. Le Concept de “Chercheur Collectif” dans la Recherche Action, Les Sciences de L’ Education, 1981, n° 2-3.p. 27-38.

⁹ POURTOIS, J. P. Organisation Interne et Specifique de la Recherche Action, Les Sciences de L’ Education, 1981, n° 2-3.p. 39-58.

Imediatamente, fui pego pela palavra. Com a objetividade que lhe é característica a Prof^a. Maria Nobre já marcou a data da estréia da apresentação: dia 12 de dezembro de 2002 – Festa da Santa Luzia, Padroeira da Pedra. Dito e feito. A oficina de teatro teve início em Julho do citado ano e na data prevista estávamos fazendo a estréia do “Auto do boi misterioso”.

Esse trabalho teve um impacto muito positivo para a ONG, tanto por possibilitar maior visibilidade na sociedade, em geral, por meio de divulgação na mídia do trabalho social do Centro Cultural CELITA, quanto pela organização de forma mais engajada de um grupo de jovens no espaço da entidade.

Identificado com o teatro, esse grupo de jovens possibilitou a criação da trupe “Teatro Social de Juventude”, que se mantém em atividade até o presente e fortaleceu a atuação mais consistente dos jovens e das jovens, tanto no espaço da ONG, quanto na comunidade, em geral.

O trabalho da trupe “Teatro Social de Juventude” se organizou usando a metodologia dos círculos de cultura utilizada por Paulo Freire, além de buscar inspiração no teatro debate do Augusto Boal.

A prática com esse grupo envolvia atividades para estimular os jovens à romper o silêncio, à perder a vergonha de falar, usar o corpo e a voz em exercícios de comunicação e expressão. Trabalhar o improviso, a criatividade, a afetividade, o senso estético e crítico.

Esse primeiro trabalho de teatro mesclava técnicas teatrais, dinâmicas de grupo e práticas de sensibilização inspiradas na Biodança¹⁰ com o objetivo de estimular os jovens e as jovens a si perceberem, no diálogo com o outro, enfrentar o desafio das diferenças na convivência do grupo. Criava exercícios teatrais estimulando os jovens a refletir e interpretar o cotidiano da comunidade para adquirir outra visão de si, do outro e da comunidade, menos individualista e indiferente e mais comunicativa e transformadora.

Foi o meu envolvimento específico ao longo dos últimos nove (9) anos, nas atividades de teatro com a juventude no Centro Cultural CELITA, que me conduziu a trajetória que proporcionou a elaboração da presente pesquisa, definindo o foco desse trabalho no potencial dos jovens e das jovens para atuarem como protagonista das ações

¹⁰ Literalmente denominada de dança da vida é um sistema de integração afetiva e desenvolvimento humano baseado em vivências criadas através de movimentos de dança. Criada em 1960 pelo chileno Rolando Toro. Para aprofundar conhecimento consultar TORO, Rolando. Teoria Biodanza. Coletânea de textos. Fortaleza: ALAB, 1991.

sociais e culturais na ONG CELITA, superando nesse processo de formação para a cidadania e suas contradições, uma relação unilateral ou passiva com a ONG. À propósito de uma pesquisa dessa natureza Thiollent afirma:

A compreensão da situação, a seleção dos problemas, a busca de soluções internas, a aprendizagem dos participantes, todas as características qualitativas da pesquisa-ação não fogem ao espírito científico. O qualitativo e o diálogo não são anticientíficos. Reduzir a ciência a um procedimento de processos de dados quantificados corresponde a um ponto de vista criticado e ultrapassado, até mesmo em alguns setores das ciências da natureza (1986, p.23)

Nessa pesquisa, a argumentação teve papel central tanto no decorrer das deliberações relativas à interpretação dos fatos, checagem das informações obtidas por outros instrumentais, quanto em relação às opiniões dos diferentes sujeitos em diversas situações.

Aplicando noções da pesquisa-ação no Centro Cultural CELITA uma das primeiras iniciativas com os jovens e as jovens da trupe Teatro Social de Juventude foi socializar questões e promover discussões sobre a temática social da juventude, possibilitando a integração de saberes entre pesquisador e participantes.

Os caminhos para a expressão artística do grupo eram construídos coletivamente e, dessa forma, abriam outros espaços de reconhecimento e participação da juventude, tanto na dimensão institucional da própria ONG, quanto de reconhecimento comunitário e de atuação política nos movimentos sociais locais.

Nesse aspecto, essa juventude vivenciou um rico processo de se fortalecer nas deliberações do coletivo, que representava o consenso para encaminhar ações a serem implantadas. Essa mesma prática funcionava para as atividades de avaliação.

Esse foi um exercício performático e dialógico de desafios da expressão e da comunicação que, ao longo de algumas oficinas teatrais e montagens de espetáculos populares como o “Auto do Boi Misteriosos – 2000/2002” e “Reisado da Pedra – 2007/2010 (direção teatral, musical e coreografia de jovens da comunidade) ou de montagens de espetáculos da literatura brasileira, a exemplo “Iracema”, de José de Alencar – 2003, numa adaptação da jovem Patrícia Monte, e o “Fantástico Mistério da Feiúrinha” – Texto de Pedro Bandeira 2004/2006, vem desenvolvendo e estimulando nos jovens e nas jovens da localidade a participação, a interação social, o engajamento

nos movimentos comunitários, uma formação diferenciada que fortalece a construção da própria cidadania, sendo esse processo educativo o objeto da presente tese.

A seguir vamos desenvolver reflexões sobre a observação participante realizada nessa pesquisa.

2.1.2. Reflexões e práticas sobre a observação participante

A necessidade de aproximação com os sujeitos da pesquisa, o contato direto com a realidade, a tentativa de compreender vários ângulos possíveis da problemática em pauta a partir dos argumentos dos sujeitos em interação, são elementos que norteiam a observação participante. Vale ressaltar que no processo histórico de desenvolvimento das ciências sociais esse tipo de trabalho conquistou ampla referência metodológica, apesar de, até à atualidade, não expressar definições claras.

Contudo, apresenta-se no bojo dos conflitos e contradições enfrentados pela ciência em relação ao desenvolvimento e valorização da pesquisa qualitativa. Acerca dessa abordagem Minayo afirma:

A Observação Participante pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a tomam não apenas como uma estratégia no conjunto da investigação, mas como um método em si mesmo, para compreensão da realidade (1994, p. 134).

A origem da Observação Participante nos remete ao início do século passado e aponta estar cercada de divergências entre a antropologia inglesa e a sociologia americana. Para alguns autores, a observação participante surge na Antropologia, em 1922, com a publicação de texto, hoje um clássico, sobre trabalho de campo de Malinowski, com os nativos da ilha Trombiand, no Pacífico.

Para outros, surge com o surto de problemas sociais nos Estados Unidos, decorrentes da grande depressão econômica, a partir da década de 1920 e por meio do desenvolvimento de uma nova consciência desses problemas sociais iniciada pela Escola Sociológica de Chicago. Nessa perspectiva Haguete argumenta:

Este aspecto, vai explicar o surgimento de importantes correntes dentro da sociologia nos Estados Unidos, que

concorrem concomitantemente com os estudos antropológicos das primeiras décadas do nosso século, especialmente na Inglaterra. Refiro-me ao interacionismo simbólico, à etnometodologia, ao dramaturgismo social, à teoria do rótulo, entre outras (1995, p. 66).

A referida autora, explica que a antropologia busca o “sentido das coisas” para melhor compreender o funcionamento de uma sociedade primitiva ou de um grupo humano, enquanto a sociologia – na sua vertente interacionista – acredita que toda a organização social está assentada nos “sentidos”, nas “definições” e nas “ações” que indivíduos e grupos elaboram ao longo do processo de “interação simbólica” do dia-a-dia.

É importante frisar que as ricas experiências transmitidas e as bases metodológicas de Malinowski continuam atuais, porque sua legitimidade se fundamenta na necessidade de bagagem científica do estudioso; dos valores da observação participante e das técnicas de coleta. A ordenação e apresentação do que denomina “evidências”, permanece recorrente até hoje, apesar de seu estudo refletir concepções funcionalistas, já desgastadas pelas perspectivas críticas das ciências sociais moderna.

O referido autor, com sua contribuição pioneira, chama atenção para a importância do pesquisador distinguir os resultados da observação direta em relação aos depoimentos dos nativos e suas interpretações dos fatos, e as interpretações e inferências do pesquisador.

Para Malinowski¹¹, o conjunto de regras formuladas ou implícitas nas atividades dos componentes de um grupo social; a forma como essas regras são obedecidas ou transgredidas; e os sentimentos de amizade, de antipatia ou simpatia, que permeiam os membros do grupo, formam o material da observação participativa, cuja metodologia, pode ser resumidamente apresentada da seguinte forma: ter objetivos realmente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna; colocar-se em boas condições de trabalho e dispor-se a viver o contexto, aberto à realidade do grupo pesquisado; e recorrer à aplicação de um certo número de métodos particulares para selecionar, coletar, manipular e estabelecer dados (documentação estatística concreta e registro em diário de campo dos “imponderáveis da vida real” – declarações e narrativas feitas pelos nativos, expressões típicas, fórmulas mágicas, lendas e peças de folclore que dariam conta da “mentalidade do grupo”).

¹¹ Para maior aprofundamento ver Malinowski, B. Argonautas do Pacífico e outros textos na coleção Pensadores. São Paulo. Editora Abril, 1978.

Na sociologia, o uso da observação participante envolve diversas e amplas abordagens que evoluem de um trato inicial como importante técnica de coleta de dados (Eduard C. Lindeman e Florence Kluckhohn) até concepções mais ousadas que avançam numa dimensão progressista de compreendê-la com instrumento não só de modificações do meio pesquisado, mas, principalmente, da própria realidade social (Morris S. Schwartz e Charlotte Green Schwartz).

Nesse campo das ciências sociais, o fundamental, em nosso caso, é destacar que as pesquisas com observação participante avançaram, ao longo de todo o século passado até a nossa atualidade, num processo que objetiva integrar teoria e métodos aplicados pelo pesquisador, na busca pelo conhecimento interativo, valorizando, tanto os saberes dos sujeitos pesquisados, quanto as aprendizagens resultantes das suas práticas sociais.

Esse posicionamento coloca homens e mulheres, os jovens e as jovens, nesse caso específico, na questão central, enfocando não só o potencial de categorias da subjetividade e da intersubjetividade humana, os valores, as normas e as representações da realidade microssocial, na teoria sociológica e da educação, mas, enfatiza também as possibilidades que envolvem os determinantes macrossociais dentro das relações de produção, reprodução e transformação do mundo sistêmico.

Nesse sentido, a observação participante ajuda a relacionar os fatos do cotidiano com suas representações e as possíveis contradições existentes, a partir das próprias falas e argumentações do grupo, sendo essencial ao pesquisador, a abordagem das atividades práticas, as circunstâncias práticas, dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar suas ações no dia-a-dia, captando na riqueza do contexto a ação reflexiva dos sujeitos sociais, a partir dos argumentos e significados subjetivos que os sujeitos criam de seu mundo e da estrutura social.

No presente trabalho a observação participativa recorrerá às importantes contribuições das ciências sociais procurando um sentido vivo e dialógico, que será fundamental para compreender contextos e situações do momento presente, inseridos na conjuntura atual na cidade de Fortaleza, dentro da realidade brasileira e mundial.

Apesar de longa convivência com a instituição em foco, na prática dessa pesquisa, o trabalho de observação participante realizou-se no espaço físico-temporal da ONG Centro Cultural CELITA, no período entre março de 2007 e março de 2009. As visitas aconteceram com duração de meio expediente e, em muitos casos puderam

efetivar-se tanto pela manhã, quanto à tarde. Optou-se por uma coleta de dados lenta e dispersa em vários meses, com uma média de duas visitas semanais à instituição.

Esse esforço resultou na vantagem de poder acompanhar vários momentos e ritmos diferenciados no cotidiano do funcionamento e das atividades nesse espaço comunitário.

Outro instrumento utilizado, nesse primeiro momento, foi a criação de um roteiro para nortear a observação participante (anexo 03). A idéia foi estabelecer um esquema aberto considerando quatro itens: a estrutura e o funcionamento (o espaço; o tempo; os recursos: humanos tecnológicos e materiais; os códigos de convivência; as atividades e sua organização); o cotidiano (as rotinas, a dinâmica, os ritmos, a subjetividade); as relações sociais (humanas, institucionais, políticas partidárias, com os movimentos sociais e a sociedade civil); e as representações processualmente construídas (os valores, os conceitos, os pré-conceitos, as visões de mundo - sociedade, direito, cidadania e sociedade civil - a visão de juventude).

Com os sujeitos da pesquisa a aproximação foi facilitada por meio de oficinas de teatro, atuação realizada como trabalho voluntário na referida ONG. Essa estratégia permitiu uma grande interação social com os jovens e as jovens e a possibilidade de compartilhar idéias e práticas sociais.

Em linhas gerais, esses foram os cuidados e procedimentos adotados para preparar o contato com a realidade empírica e melhor desenvolver a potencialidade da observação participante, no contexto de uma pesquisa-ação, cujos resultados serão relatados em conjunto com os dados obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas, ao longo desse relatório da pesquisa.

A seguir apresento uma discussão sobre o uso de entrevistas semi-estruturadas como importante técnica para coletar dados complementares e dirimir dúvidas decorrentes da intersubjetividade grupal, pois possibilita desenvolver maior reflexão pessoal sobre a interação social.

2.1.3. A importância e o uso de entrevistas semi-estruturadas na pesquisa qualitativa

A entrevista é um dos recursos básicos de coleta de dados na pesquisa qualitativa e nas ciências sociais. Sua utilização é bastante diversificada quanto à forma, que pode variar desde o uso de uma conversa informal até o tradicional estilo pergunta/resposta, expresso tanto de forma objetiva (questionário), quanto subjetivamente. Cabe ao pesquisador, a partir do tipo de direcionamento que pretende desenvolver na sua investigação, estabelecer as opções metodológicas mais adequadas aos seus objetivos.

Contudo, a definição de entrevista é quase consensual, havendo apenas pequenas variações entre os autores que tratam do tema (Minayo, 1994; Lüdke & André, 1986; Thompson, 1992). Como conceituação básica, podemos usar a formulação de Haguette, que explicita:

Pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevistas constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida (1995, p. 86).

Considerando que no contexto da pesquisa qualitativa a objetividade científica representa buscas de aproximação do real, enfoca-se a relatividade do saber e da percepção dele pelos vários sujeitos envolvidos e constata-se que, tanto os entrevistados quanto o próprio pesquisador, exercitam, de fato, leituras do real.

Essa compreensão destaca a importância especial do pesquisador de ter atenção aos limites e possibilidades que se estabelecem entre método científico escolhido, as circunstâncias em que é utilizado, e a mais coerente possível, construção da pesquisa a partir da interação na realidade selecionada.

Autores que se dedicam à pesquisa qualitativa destacam a importância do processo de interação nas relações entre pesquisador e pesquisados, ao se trabalhar com entrevistas, porque esse ponto se relaciona com as implicações sócio-políticas, culturais e ideológicas de uma pesquisa social que pretende se pautar, sobretudo, com critérios de subjetividade e intersubjetividade e enfatizam que devem ser observados os vies

sobre os aspectos envolvidos: a escolha e potencialidade dos entrevistados; a atuação do entrevistador; o ambiente ou situação da entrevista; e o instrumento de captação de dados ou roteiro da entrevista. Bourdieu ilumina essa questão, sob a perspectiva crítica, das ciências sociais:

As relações interpessoais numa pesquisa, nunca são apenas relações de indivíduos e a verdade da interação não reside inteiramente na interação. É a posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos trazem consigo em forma de “habitus¹²” em todo o tempo e lugar, que marca a relação (1974, p. 182).

Esse posicionamento enfatiza que nas consciências individuais se expressa a consciência coletiva, pois o pensamento individual se integra no conjunto da vida social. Portanto, o conjunto das posições assumidas, pelos entrevistados, revela as relações com a função histórica das classes sociais e de outros condicionantes sociais.

Isso nos leva a perceber que cada indivíduo experimenta e conhece os fatos sociais de forma peculiar. Assim, uma entrevista revela tanto os modelos culturais interiorizados, quanto o caráter histórico e específico das relações sociais, sendo necessário observar relações de pertencimento em diversos aspectos simultaneamente, entre os quais poderíamos citar: classe social, gênero, geração, raça, etc.

Tais aspectos chamam o pesquisador para refletir e considerar a questão da representatividade qualitativa dos sujeitos a serem entrevistados, o que, ao nosso ver, não pode ser valorizada pela fala do indivíduo, por si mesmo, por mais relevante que seja sua participação e autoridade no campo investigado, mas no contexto das especificidades históricas e dos determinantes sociais que envolvem a questão em pauta, sendo importante considerar, ainda, a relação das contribuições individuais com o conjunto das informações coletadas, inclusive com o uso de outras metodologias, para perceber comparativamente a riqueza das subjetividades reveladas e das contradições existentes na busca de aprofundar a qualidade do conhecimento a ser construído.

Na presente investigação, a preocupação inicial se guiou pela necessidade dos sujeitos participantes realizarem leituras tanto da realidade individual, com foco nas

¹² Para Bourdier o “habitus” é um sistema de disposições duráveis e transferíveis que integram todas as experiências passadas e funciona a todo momento como matriz de preocupações, apreciações e ações. O “habitus” torna possíveis o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciais, graças às transferências análogas de esquemas que permitem resolver os problemas, da mesma forma, graças às correções incessantes dos resultados obtidos e dialeticamente produzidos por estes resultados (ibidem: p. 178)

trajetórias de vida, quanto expressando sua visão social sobre a temática da juventude na comunidade onde moram e com relação a cidade de Fortaleza.

Na escolha dos entrevistados considerou-se a equidade na representação de gênero e a atuação do jovens e das jovens que assumem, no espaço do Centro Cultural CELITA, postura de liderança, atuando como voluntário(a) e/ou educadores(as) sociais.

Com relação ao desempenho do pesquisador ao lidar com as questões práticas da entrevista recorreu-se, também, à experiência acumulada no campo da História Oral para subsidiar os desafios desse momento. Nesse sentido Thompson ilumina a problemática ao afirmar:

Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar, nem resiste à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias idéias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas. Mas, a maioria das pessoas consegue aprender a entrevistar bem (1992, p. 254).

Tais estudos foram importantíssimos não só ao trazer uma fundamentação mais detalhada desse campo das ciências sociais, mas, também, porque serviu de excelente orientação pautada numa compreensão de que a atuação do pesquisador passa por uma postura de diálogo, de respeito e de humildade em relação aos sujeitos da pesquisa.

Perceber que o foco central das entrevistas são os sujeitos entrevistados relaxou, em parte, as tensões do pesquisador. Contudo, houve um sutil processo de postergar o início das entrevistas. Para superar esse receio, optou-se por iniciar com o sujeito com quem se detinha mais familiaridade e conforme preferia a entrevista foi realizada na sua própria residência.

Isso implicou numa conversa prévia para explicar que o ambiente deveria ser tranquilo e silencioso por causa da gravação. A primeira entrevista foi muito boa. Mais de trinta minutos de conversa que fluiu com grande diversidade de questões abordadas e uma imensa riqueza de opiniões e detalhes. Esse aspecto positivo foi fundamental para passar a segurança necessária às demais entrevistas. As outras foram realizadas no espaço da ONG e em horários cujo funcionamento era mais tranquilo e propício para a realização dessa atividade.

Ao desenvolver estudos no campo da história oral Thompson (1992), argumenta que a entrevista tem potencialidade para devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. Adverte, porém, ser fundamental que o pesquisador esteja preparado para a entrevista e, para tanto, precisa de desenvolver prévio levantamento de informações e contato para selecionar e situar melhor o uso dessa metodologia.

Nesse trabalho de pesquisa optou-se por trabalhar com entrevista em sua versão semi-estruturada, que se caracteriza por uma maior interatividade entre pesquisador e sujeitos, onde o entrevistado tem liberdade para falar e manifestar suas opiniões. Mas o pesquisador propõe temáticas de interesse que servem como guia para as informações que o entrevistado detém.

Essa técnica apresenta a vantagem de captar de forma dinâmica informações desejadas, possibilitando que o entrevistador enfoque áreas ou questões de interesse, sem comprometer a riqueza da “espontaneidade” ou “livre iniciativa” da fala do entrevistado. Havendo colaboração mútua as informações são reveladas com detalhes e autenticidade.

A entrevista semi-estrutura foi um recurso utilizado de forma intermediária, para checar e aprofundar questões relevantes identificadas no processo de interação da pesquisa-ação e na observação participante. Portanto, elaborou-se um roteiro aberto e flexível para as entrevistas (anexo 04), que se apoiou em quatro temáticas de relevante interesse para o presente trabalho de investigação:

- I. Juventude e seus significados: estimula-se a fala dos jovens e das jovens sobre a condição juvenil; as relações dos jovens com a comunidade e o bairro; uso de espaços e tempos, atividades e preferências, atitudes e valores (individuais e de grupos), desafios e contradições enfrentadas pelos jovens e pelas jovens;
- II. Trajetórias de vida e instâncias de formação dos jovens: relação com a família, com a escola, com a sociedade. Visão sobre educação e trabalho. Aprendizagens e saberes. Filosofia de vida. Processo de construção da individualidade. Relações sociais e identidade;
- III. Sentidos e representações sobre o espaço da ONG: visão da Instituição; origem da relação, formas de participação, importância e significados para os

jovens e as jovens; cotidiano e estrutura de funcionamento; as relações humanas;

- IV. A participação social, saberes e aprendizagens no espaço da ONG. O envolvimento com a comunidade. Participação política. Construção da cidadania (individual e coletiva).

Ao realizar as entrevistas, o presente roteiro não significou uma ordem de assuntos a serem abordados numa seqüência rígida, mas funcionou como elemento enfático de questões levantadas pelos próprios entrevistados, que na seqüência do imprevisto de suas falas, eram habilmente destacadas pelo pesquisador, em função do roteiro desenvolvido.

Foi com base nesta análise multifacetada do uso associado das técnicas acima apresentas, como importantes recursos de apoio no desenvolvimento da pesquisa qualitativa, neste caso trata-se de uma pesquisa ação, que desbravamos os conflitos e as dificuldades inerentes a este processo de coleta de dados, tendo a grata surpresa de que o mergulho no cotidiano se trata de um dos momentos mais ricos e férteis na exploração do conhecimento científico das questões sociais.

No capítulo seguinte, dedico atenção ao estudo e análise desse processo de participação institucional da sociedade civil por meio do que se convencionou denominar de Organização Não-Governamental (ONG).

CAPÍTULO III – A BUSCA POR UMA COMPREENSÃO CRÍTICA DAS ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS (ONGs)

3. Apresentação do Centro Cultural CELITA

Antes de iniciar a discussão sobre a temática das Organizações Não-Governamentais (ONGs), acho que esse é o momento de apresentar o “lócus” da pesquisa. Falar da origem do Centro Cultural CELITA, da relação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e contextualizar a instituição com a comunidade onde está inserida, apresentando, assim, o norte da pesquisa por meio da ação comunicativa dos jovens protagonistas no espaço da ONG.

A ONG Centro Cultural CELITA foi oficialmente fundada no dia 26 de Dezembro de 1999. Segundo consta em sua Ata de Constituição (anexo 05), participaram como membros fundadores da entidade um coletivo de vinte e seis (26) pessoas do bairro Pedra, dos quais, a metade é membro da família Damasceno residente nessa localidade e teve importante participação na idealização e história deste espaço comunitário, principalmente por meio do trabalho engajado da Prof^a Dra. Maria Nobre Damasceno.



Ilustração 1: Sede do CELITA



Ilustração 2: Sede do CELITA após reforma em 2008.

O nome da instituição foi cuidadosamente pensado não só para traduzir seus ideais de ação, mas, principalmente, para realizar uma homenagem póstuma a matriarca dessa família, que é a Sra. Celita Nobre Damasceno, cujo primeiro nome coincide com a sigla da instituição.

Constatou-se em observações no diário de campo que a homenageada com o nome da instituição tinha um temperamento marcante, tanto nas labutas como mulher

do sertão, natural de Morada Nova, quanto na luta pela sobrevivência familiar e para educar os filhos. Além disso, era comum sua solidariedade em acolher em sua casa, parentes que vinham estudar na capital, ou quando praticava algumas atividades comunitárias no bairro em que morava.

Sua altivez e liderança transcenderam o agregamento familiar, pois ela gostava de crianças e, com frequência, organizava atividades e eventos para reunir em seu sítio a meninada da vizinhança. Além disto, socializava com algumas vizinhas e mulheres da comunidade saberes e atividades no campo do artesanato popular (bordado, crochê, fuxico, etc.) e conhecimento dos remédios caseiros.

D. Celita costumava organizar, anualmente, o “Arraiá Junino” em homenagem a São João, santo de sua devoção. O evento era um momento especial de grande alegria na família e de movimentação na comunidade. Os preparativos da festa sempre arregimentava muita gente, pois envolvia o preparo das comidas típicas: o pé-de-moleque, bolo de milho, de batata, pipoca, milho cozido. Segundo constatou-se a especialidade da homenageada era o aluá, feito com esmero a partir de uma antiga receita da sua família.

Ela reunia as crianças da vizinhança para recortar revistas, confeccionar bandeiras e balões e enfeitar o local. Um trabalhador do sítio limpava o terreiro, montava as barracas e pegava lenha para fazer uma grande fogueira.

À noite, a festa era animada com apresentação de algumas quadrilhas da região e outra realizada no improviso. Os mais velhos arriscavam algumas adivinhações. As moças faziam “simpatias” para ter vida longa e feliz ou para arranjar namorado e casar.

Segundo narrativa coletada no diário de campo, neste dia era comum a escolha de madrinhas e padrinhos de fogueira, que passavam a ser respeitosamente cultuados com o gesto de “pedir a benção”. Os padrinhos e madrinhas de fogueiras atuavam, então, no acompanhamento e aconselhamento dos afiliados, ajudando-os quando necessário.

Esta era uma oportunidade de aumentar os vínculos comunitários. As relações “padrinho e madrinha de fogueira” eram e, em grande parte, nessa localidade, ainda são levados tão a sério, que se constituem quase uma incorporação recíproca nas relações familiares, inclusive, com o hábito de pedir a benção, dar conselhos, presentear e ser presenteado. Mais recentemente, essa tradição começou a perder o seu vigor por conta da descaracterização da localidade devido o inchaço populacional, que é um fenômeno

comum às regiões de fronteira da cidade, conhecido como “bolsões de pobreza das periferias”, o que já se manifesta na Pedra de forma acelerada.

Este evento junino era organizado tendo como inspiração a tradição popular das quermesses. Geralmente, formavam-se dois grupos que coordenavam a venda das comidas típicas, das brincadeiras com prendas e a realização de bingos, em distintas barracas.

Estes grupos, caracterizados por cores diferenciadas (azul e vermelho) disputavam entre si a simpatia do público para garantir a maior arrecadação, fato que demarcava a vitória do grupo no festejo. Parte do dinheiro arrecadado era doado para a Igreja Católica da comunidade e outra parte era guardado para comprar brinquedos para o Natal das crianças.

Aliás, o Natal das crianças era o evento mais significativo para D. Celita e para o qual ela dedicava alguns meses do ano para a sua organização. Pedia doações na família e entre os amigos. Comprava bonecas e brinquedos, costurava roupas, fazia em conjunto com algumas vizinhas brinquedos e embalagens artesanais. Anualmente, fazia uma lista com no mínimo cem (100) crianças convidadas, incluindo-as da família e da vizinhança. A maioria era escolhida entre os mais carentes da localidade.

Faziam parte deste ritual a montagem e iluminação da lapinha, com o menino Jesus deitado na manjedoura, em local de destaque do alpendre, a escolha da “Árvore de Natal” confeccionada a partir de um frondoso galho da mata nativa do sítio e cuidadosamente revertido de algodão, enfeitado com bolas, pequenas lâmpadas coloridas, orações e cartões e os presentes a serem distribuídos.

No dia do evento as atividades iniciavam com as orações envolvendo as crianças. Depois o ambiente místico era tomado pelo canto de louvor à “Mãe Maria” e ao “Menino Jesus” e de cantos populares dos pastores, entoado pelos mais velhos e musicalmente respondido por todos. Havia também um momento de reflexão, quando se lia uma mensagem sobre o nascimento de Jesus e o significado do Natal.

O auge do “Natal das crianças” era a entrega dos presentes pelo “Papai Noel”, momento em que a formalidade religiosa do evento perdia lugar para o alvoroço da meninada para pegar a fila, falar com o “bom velinho” e receber seu presente. O corre-corre só parava na hora de servir o lanche, que sinalizava o encerramento da festa. Reservadamente, dizem alguns familiares, que essa iniciativa era o cumprimento de uma promessa por graça alcançada.

Foi essa articulação familiar e comunitária, que estimulou a criação do Centro Cultural CELITA, que por longos anos, desde sua criação, assumiu a mesma tradição e vem mantendo em seu calendário de atividades, a realização desses eventos, quase da mesma forma como o costume de D. Celita.



Ilustração 3: Comemoração Natalina no Centro Cultural CELITA – 2001



Ilustração 4: Festa Junina no Centro Cultural CELITA – 2001

Outro aspecto fundamental para a criação do Centro Cultural foi o fato de o núcleo familiar de D. Celita estar composto por várias professoras (Raimunda Nobre Damasceno, Isabel Nobre Damasceno) tendo como principal referência a professora da UFC, pesquisadora do CNPq, Maria Nobre Damasceno, que em grande parte de sua carreira acadêmica dedicou-se a temática da educação popular com ênfase na educação rural e nos movimentos sociais e foi a principal articuladora social da criação do Centro Cultural CELITA.

A partir da segunda metade dos anos de 1990, a Prof^a Dra. Maria Nobre Damasceno incorporou a temática social da juventude em seus estudos e pesquisas. Esta problematização passou, então, a ser o seu principal foco de trabalho.

Foi neste novo contexto de pesquisas acadêmicas, que passou a investigar os saberes da prática social de educadores em escolas públicas da região Metropolitana de Fortaleza e iniciou estudos sobre a produção cultural, a resistência e a formação de identidades de jovens na região Metropolitana de Fortaleza.

Mais especificamente, foi com a pesquisa “Escola e cultura: produção cultural, resistência e identidade”, desenvolvida no período entre 1997 e 1999, que Damasceno aprofundou conhecimentos sobre o vigor dos estudos culturais, aplicando-os à exploração do potencial das culturas juvenis no espaço das escolas públicas. Nesse

contexto estava incluída a Escola Municipal de Ensino Fundamental Tristão de Alencar, no bairro Pedra.

Em sua obra a autora observa que a identidade dos jovens em qualquer meio social deve ser entendida acima de tudo como um construto social e afirma que nenhum sujeito pode construir a sua identidade e a sua auto-imagem, independente das relações que estabelece com os outros. Em seguida, adverte, “um ambiente que reforça nos jovens a imagem de inseguro, problemático e incapaz, acaba reproduzindo na juventude este estereótipo” (Damasceno: 2000, p. 38).

Ela lança seu apurado olhar sobre os desafios dos jovens e das jovens das camadas populares e constata que uma parcela desta população possui uma visão bastante crítica de sua realidade, pois os jovens pesquisados fazem referências às situações relacionadas com a falta de emprego, a ausência do poder público, a injustiça da polícia e enfatizam a revolta que sentem do estigma por serem rotulados de bandidos ou marginais.

Damasceno avalia, que, enquanto os jovens das camadas médias e altas da sociedade vivem os dilemas e ambigüidades decorrentes de uma inserção social incompleta, aqueles pertencentes às camadas populares vivem o drama da exclusão e da marginalidade social. Nas palavras da autora:

À visão negativa da juventude é acrescida a discriminação resultante do fato de ser pobre ou de ser negro, que se traduz, sobretudo, no descrédito quanto às suas potencialidades e capacidades. Portanto, não é por acaso que uma parcela dos alunos da periferia, especialmente os jovens, apresenta identidade estigmatizada, desfigurada, como sendo marginais, produzida pela exclusão social da qual são vítimas (2000, p.39).

Apoiada na Teoria Crítica e tendo como principal suporte analítico a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, a referida autora recorre à dialética para enfrentar as contradições que os sujeitos pesquisados vivenciam.

E mais, de maneira criativa e transformadora, aponta caminhos que podem iluminar a tematização social da juventude nestas periferias de Fortaleza, ao destacar que o processo de singularização possibilita a reapropriação da subjetividade, expressando-se na criação e nas várias formas de transgressão do estabelecido. Ou seja, possibilita o enfrentamento contra a alienação e a submissão decorrentes do enquadramento imposto pelo mundo sistêmico e regulações capitalistas.

Posteriormente, retomaremos a discussão sobre as formulações teóricas de Damasceno relativas à temática da juventude. Agora, o importante é situar o contexto do engajamento da autora com esta causa, que associado ao compromisso histórico com a educação popular e os movimentos sociais culminou na criação da ONG Centro Cultural CELITA, num processo de síntese de sua história acadêmica dedicada à educação popular e de vida militante nos movimentos sociais na luta por emancipação humana. O jovem Márcio (27) é um dos protagonistas da pesquisa e participou, também, da pesquisa realizada por Damasceno na escola do bairro Pedra. Ele conta com suas palavras esse processo, que culminou com a criação dessa nova instituição comunitária:

A gente montou um grupo de samba, nesse tempo era “Unidos do Samba”, a gente precisava comprar uma bateria e eu vim aqui e falei com a Dona Maria e nesse tempo ela tava fazendo umas entrevistas no colégio, com os jovens daqui e eu participei e falei pra ela que a gente tava precisando de um projeto aqui na comunidade, que precisava ter um projeto mesmo, pra tirar essa visão de que a droga aqui, se expandiu infelizmente. Foi através de cem reais que vim pedir emprestado pra Dona Maria ela me pegou para dar essa opinião e eu disse: a gente precisa de um projeto, para nos ocupar, como jovem, adolescente. Ter curso de computação, ter futebol, capoeira, para o adolescente sentir vontade de vir pra cá e deixar aquela vontade de conhecer o mundo da droga. E ela veio ai, e hoje você está vendo aqui o projeto, o que foi que aconteceu. O quanto educou. Foi um grande amparo pra gente. E hoje, por exemplo, essa banda que ta aqui recebendo o mesmo amparo de você, ela deu esse mesmo amparo pra gente do “Unidos do Samba” arrumou espaço, a gente ensaiava aqui e por causa desse ensaio vinha muitos jovens ver o ensaio e começou... O projeto tinha livro, ai já vinha e pegava um livro. (Entrevista 07, p. 3).

Este é um importante elemento que a presente pesquisa desvela, colocando-o em plano de igualdade com a homenagem póstuma à D. Celita. Na realidade os dois aspectos são convergentes e formam a conjunção de fatos determinantes para a fundação da ONG Centro Cultural CELITA.

Como principal idealizadora dessa ONG, a Prof^a Maria Nobre Damasceno esteve na presidência da instituição nas três primeiras gestões, que correspondem aos anos de 1999 – 2001; 2002 – 2004 e 2005 – 2006.

A criação da ONG na comunidade teve uma importância muito grande, principalmente, para a juventude, porque o bairro Pedra é um lugar bastante carente, ainda hoje, muito precário de infra estrutura básica e de total ausência de políticas públicas para a juventude. Em sua narrativa Fábio (26) descreve, o exemplo de alguns serviços públicos essenciais à população, que só chegaram na localidade recentemente:

O bairro sempre foi muito afastado, não somente geograficamente, afastado de tudo o que acontecia na cidade. As melhorias só vieram pra cá atrasadas, a questão do transporte público, a questão da água, tudo isso praticamente há uns dez (10), quinze (15) anos atrás. Na minha infância o bairro aqui não tinha praça. Tinha a Igreja, a Igreja sempre existiu ali e o que existia em volta da Igreja era um espaço de areia onde eu me lembro quando eu vinha pra escola a gente se juntava pra correr ali em volta e quando chegava o finalzinho da tarde todo mundo ia pra casa porque não tinha onde ficar . Tinha muito pouca iluminação, só as principais ruas tinham iluminação (Entrevista 09, p. 1).

Um depoimento de Damasceno registrado em meu diário de campo relembra uma iniciativa cidadã na cidade de São Luís -MA, que ela foi conhecer pessoalmente, de um homem, que a partir da coleta e reciclagem de lixo, conseguiu montar em sua própria residência, uma biblioteca comunitária.

Esse gesto de empreendedorismo social de um trabalhador tão simples, de uma periferia urbana do Nordeste brasileiro, foi o exemplo de coragem e determinação que inspirou sua iniciativa para articular alguns moradores da comunidade e mobilizar sua família na perspectiva de fundar uma nova associação comunitária no bairro Pedra.

Resolveu, então, doar sua biblioteca particular, especializada em Educação e Ciências Sociais, conseguindo, ainda, muitas outras doações de livros com amigos e familiares.

Após uns seis meses de reuniões e planejamentos o referido grupo fundou o Centro Cultural CELITA. Já havia, também, levantado recursos para a aquisição de uma antiga casa, num terreno vizinho ao sítio da família. O local passou por uma pequena reforma para viabilizar o início das atividades comunitárias, tendo como principal foco uma biblioteca comunitária.

A partir da atividade central da biblioteca, onde se realizava, empréstimos de livros, pesquisas escolares, recreação educativa, apresentações de teatro de boneco,

contação de histórias, rodas de leituras, desenvolveu-se todas as outras atividades do CELITA.

Primeiro se criou a Farmácia Viva, a partir de um projeto da “Comunidade Solidária”. Depois, aconteceu a criação da Escola de Informática e Cidadania – EIC/CELITA em parceria com o Comitê pela Democratização da Informática – CDI, em 2000.

Em seguida, vieram as atividades culturais da capoeira, realizadas com o Centro Cultural São Salvador – SSA, as práticas esportivas voltadas, principalmente, para o futebol de campo e as atividades de teatro, que proporcionaram a formação do grupo Teatro Sociais de Juventude, em 2002. Maiores detalhes sobre as atividades educativas do Centro Cultural CELITA serão apresentadas em discussão posterior.



Ilustração 5: Biblioteca comunitária do Centro Cultural CELITA (a)



Ilustração 6: Biblioteca comunitária do Centro Cultural CELITA (b)

O espaço da biblioteca desde a fundação da ONG foi o mote das ações educativas com crianças, adolescentes e jovens da comunidade. Desse espaço de leitura, de criação e reflexão a ONG foi crescendo, incluindo outras atividades, a partir de projetos que conseguia aprovar junto a diferentes esferas do poder público ou da sociedade civil e, principalmente, por meio do interesse dos participantes se considerando, nesse caso, a disponibilidade de atuação como voluntário(a) dos jovens e das jovens, conforme áreas de interesses. O depoimento de Alice (28) é bem sugestivo desse dinâmico processo de construção da ONG em conjunto com a participação protagonista da juventude:

Essa é a melhor parte. A minha mãe trabalhava para a pessoa que criou a ONG, era diarista na casa dela e foi logo quando eu

terminei o meu Ensino Médio e fui convidada a participar do grupo que estava discutindo a criação da entidade. Aliás eu participei da primeira reunião que teve ata de fundação da ONG, fui convidada para trabalhar na biblioteca, como atendente e nunca vou me esquecer daquela casa, uma estrutura de casa, cheia de livros e assim começou a ONG e pouco tempo depois foi construído o outro prédio, pra dar melhor estrutura. E assim eu permaneci de atendente na biblioteca a educadora social. Ali na ONG eu atendia ao público, em geral, ali na ONG eu fui aluna, eu fui professora, eu fui articuladora social. Eu participava de trabalhos que eu considerava muito interessantes. A gente trabalhava com crianças e adolescentes e todos os dias eram turmas enormes e nós éramos três (3) a cinco (5) pessoas pra cuidar da quantidade de meninos que entrava naquela ONG. Depois passei a estudar teatro, participei das peças. Lá eu era tudo e adorava tudo o que eu fazia (Entrevista 11, p.6).

Além disso, a biblioteca tornou-se uma perspectiva para o diálogo inter-institucional na comunidade fato, até então pouco comum naquela localidade, e que passou a ser realizado pelo Centro Cultural com outras ONGs e com as escolas da comunidade, principalmente, as escolas públicas.

Realizada essa pequena apresentação do Centro Cultural CELITA percebo a necessidade de situar o leitor, tecendo considerações sobre o contexto social do bairro Pedra, onde a instituição está inserida.

3.1. Considerações sobre a realidade social pesquisada.

A ONG Centro Cultural CELITA esta localizada no bairro Pedra/Fortaleza, mais precisamente no Km 16 da margem Oeste da BR 116. É uma área da grande Messejana, vincula à Secretaria Administrativa Regional - SER VI e fronteira da cidade de Fortaleza, com os Municípios de Eusébio e Itaitinga.

Aliás, é preciso explicar que existe uma área ainda maior que o próprio bairro Pedra/Fortaleza, com a mesma denominação de Pedra, pertencente ao Município de Eusébio e outra grande parte de terra, também assim chamada, que pertence ao Município de Itaitinga (ver mapa – anexo 06).

Portanto, o bairro é uma área de conflito territorial. Há vários anos os moradores da parte central do bairro Pedra/Fortaleza (Praça Santa Luzia, seu entorno e comunidades próximas) lutam para preservar a identidade e o pertencimento com a cidade de Fortaleza.

Nesse processo de luta social argumentam, que a história do bairro se relaciona com o município de Fortaleza porque toda a infra-estrutura social existente (escolas, posto de saúde, sistema de transporte e de coleta de lixo, a construção e reforma da praça, a construção e reforma da quadra, etc.), foi conquistada pela organização do povo por meio de reivindicações feitas à Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF.

Conforme a história do bairro Pedra escrita por Dona Lirêda Peixoto da Costa, primeira professora e catequista desse lugar (doc. fotocopiado, s/p – anexo 07), a comunidade era chamada de Riacho do Bingo.

Nesse documento Ela informa que até 1942 esse lugar era completamente atrasado, não tinha estrada, escola, nem igreja e seus moradores viviam da agricultura e do artesanato (bordados e rendas).

Dona Lirêda relata que no mesmo ano de 1942, convidado pelo Padre Pereira, Pároco de Messejana, o Arcebispo de Fortaleza, Dom Antonio de Almeida Lustosa visitou a comunidade, ficou hospedado na casa de Dona Joanhina Delfino, uma residência muito simples, de gente humilde.

Em sua narrativa explica que Dom Antônio em conversas com os agricultores sobre a falta de água na localidade perguntava: Por que essa falta d'água? Os agricultores davam sempre a mesma resposta: “quando a gente cava algum poço só dá pedra”.

E afirma que foi a pedido do Arcebispo que a comunidade resolveu chamar o lugar de Pedra informando, no entanto, que a localidade só passou a ter essa denominação oficial a partir de 11 de Agosto 1945, quando foi inaugurada, pela própria Dona Lirêda, a permanência de uma escola isolada, funcionando na residência de Dona Joanhina Delfino quando, nessa época, o prefeito Raimundo de Alencar Araripe criou este tipo de escolas nas periferias de Fortaleza.

O depoimento de Júlio¹³ (51) a primeira liderança de juventude da comunidade, que fundou em 1981 a Juventude Unida da Pedra - JUP, movimento ao qual nos reportaremos mais adiante, confirma a história de Dona Lirêda:

¹³ Julio é um adulto, a sua inserção no rol de entrevistados nessa pesquisa sobre juventude e ação comunicativa na periferia de Fortaleza deveu-se a dois importantes fatores: o seu grande conhecimento histórico e atuação social na comunidade, em foco; e o fato de ter sido o primeiro militante de juventude, criando a JUP – Juventude Unida da Pedra, no início dos anos de 1980 e posteriormente foi um líder na fundação Associação dos Moradores e Amigos do Bairro da Pedra – ASMOAP, mantendo até hoje o seu comprometimento engajado em várias ações e instituições do bairro (ASMOAP; Radio FM-Pedra; Centro Cultural CELITA; Escola Tristão de Alencar, etc.).

Eu conheci a Pedra bem rústica mesmo, porque eu conheci a Pedra ainda sem luz elétrica, sem água encanada, sem transporte público. A gente caminhava um bom pedaço de chão, como se diz, pra poder ter acesso a ônibus e poder ir ao Centro de Fortaleza. Eu alcancei essa Pedra sem calçamento, sem tudo isso e sem escola. A escola aqui surgiu, mais ou menos, em 1945, entre 1945 e 1950, Uma escola propriamente dita foi a partir de 1950, antes disso tinha aquela chamada “escola isolada” era aquela pessoa, aqui na comunidade a Dona Lirêda Peixoto, a nossa primeira professora aqui do bairro. A minha avó era mais antiga do que ela, também foi a primeira professora, mas como ela morava mais para o lado do Ancuri, então, ela é considerada a primeira professora do Ancuri. O sítio onde ela morava, chamado Bujari, mas o povo daqui ia também pra casa dela. A escola isolada era justamente um alpendre da casa ou dos dois lados da casa, na casa da minha avó, eram dos dois lados e a Dona Lirêda, aqui, era na casa da Dona Joanhinha Delfino, que é uma das primeiras famílias daqui e cedeu o alpendre da sua casa pra ter aula, alfabetização, sala de aula, nem chamava assim (Entrevista 8, p. 3).

Retornando à questão dos limites do bairro Pedra/Fortaleza, não existe conflito com o Município do Eusébio, mas com o Município de Itaitinga sim, apesar de esse ser um Município com apenas 17 anos de existência, já que foi criado por meio da Lei Estadual nº 11.927¹⁴, de 27 de Março de 1992 (anexo 08) que desmembrou os distritos da Itaitinga e do Gereraú pertencentes ao Município de Pacatuba, para formar o novo Município da Itaitinga

O Município de Itaitinga defende radicalmente uma divisão do bairro Pedra/Fortaleza, em cuja comunidade existem famílias que habitam o local há várias gerações, há séculos. É fundamental considerar a ancestralidade indígena do povo da Pedra, traço étnico-cultural preconceituosamente discriminado na realidade presente como consequência da barbárie histórica da expulsão dos povos tupis de suas terras e do quase extermínio das milhares de tribos do território cearense. A respeito disso Barreto explicita:

Devido à ação dos colonizadores, jesuítas e contato permanente com a "civilização", os índios acabaram perdendo traços de suas culturas e se miscigenado com os "brancos". Para agravar a situação dos índios cearenses, em 9 de outubro de 1863, durante

¹⁴ Gestão Ciro Ferreira Gomes

o governo de José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, foi aprovado um decreto na Assembléia Provincial do Ceará declarando extintos os índios no Ceará, e qualquer um que alegasse ser índio estaria mentindo. Isso contribuiu para que os próprios índios escondessem suas origens, dificultando ainda mais o conhecimento das tribos e criando um mito de que não haviam índios no Ceará (1994: p.30).

A partir dos anos de 1980, com o surgimento do Partido dos Trabalhadores e da organização e luta de diversas comunidades, com o significativo apoio das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs da Igreja Católica e de alguns movimentos sociais surgidos por meio de intelectuais orgânicos, principalmente, os antropólogos, surgem as primeiras iniciativas em defesa dos índios no Ceará, de início afirmando a existência desses povos, denunciando o estado de abandono, miséria e violência a que estavam expostos e, concomitantemente, reorganizando os grupos, fortalecendo a defesa de seus direitos e promovendo o resgate de seus valores e culturas.

Atualmente o povo indígena do Ceará está reduzido à poucas comunidades que lutam para reconquistar sua identidade e cultura, seus direitos e, sobretudo, legalizar a posse de suas terras. Vizinho ao bairro Pedra temos: o povo Pitaguary no Município do Maracanaú. Potyguara, Paiacu e Jenipapo-Canindé no Município de Aquiraz.

Sabe-se, ainda, da existência de pelo menos dezesseis (16) etnias nativas no Ceará, entre as quais podemos citar: Tapeba (Caucaia), Tremembé (Almofala), Tabajara (Serra da Ibiapaba), Tupinambá, Kalabaça e Kanindé. Dados do Ministério da Justiça – Fundação Nacional do Índio – FUNAI esclarecem:

Hoje, no Brasil, vivem cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,25% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera tão-somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Há também 63 referências de índios ainda não-contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista (O índio hoje, p.1. Disponível no site: www.funai.gov.br. Pesquisa efetuada em 02.01.2010).

No limite territorial de Fortaleza com Itaitinga o bairro da Pedra está cortado ao meio a partir de uma linha imaginária, cuja fundamentação legal é uma Lei Estadual de 1953 (anexo 09), que fixa a divisão territorial e administrativa do Estado do Ceará e

em seu Capítulo 30 – Município de Fortaleza, no §1º - A linha divisória do Município de Fortaleza; Inciso, d) – Ao sul, com o Município de Pacatuba “começa no pontilhão do riacho Carro Quebrado, segue em linha reta (linha imaginária) para o Serrote do Ancuri e deste passa, por outra reta para a foz do riacho Timbó ou Gereraú, no rio Cocó”.

Mais grave é que atualmente por conta da necessidade de aumentar sua arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Prestação de Serviços - ICMS, principalmente, junto às Companhias de Água e Esgoto do Estado do Ceará – CAGECE e Companhia Energética do Ceará – COELCE, a prefeitura de Itaitinga pressiona politicamente para avançar o seu limite territorial até o Quarto Anel Viário e o povo da Pedra não aceita que o bairro se torne área de Itaitinga. Segundo as lideranças de juventude do movimento “Pedra é Fortaleza”

O povo não tem identidade com Itaitinga e não vê benefício algum nessa perspectiva. O que histórico, social e culturalmente se reconhece como limite entre Fortaleza e Itaitinga é a Avenida da Lógica e a Rua Jorge Figueiredo (Carta do I Encontro de Juventude da Pedra, p. 2 – anexo 10).

Essa questão da luta pela terra e por demarcações territoriais é antiga nessa região e nos remete obrigatoriamente à ancestralidade indígena dessa área. Os índios eram os senhores absolutos em todo o espaço que hoje conhecemos como o Ceará até o período pré-colonial. E toda essa área da grande Messejana incluindo o que hoje se conhece com a localidade Pedra é parte dessa questão. Conforme depoimento do Júlio (51):

Eu não saberia te dizer de antigamente, mas eu acho que está nessa linha dos “posseiros de terras”, porque cá pra nós, até hoje as famílias que herdaram, os filhos, os netos... a maioria dos terrenos aqui da comunidade não tem aquela documentação regular, tradicional. Então, aqui é uma área que foi apossada por essa famílias (Entrevista 8, p. 2).

Foi no sangrento processo de usurpação do espaço territorial indígena Potyguara dessa grande área da Messejana e circunvizinhanças, que passam a ser limitados em aldeamentos, onde surge a posse de terras por meio de latifúndios e grandes propriedades da Igreja, que dão origem a pequenos povoados.

Posteriormente, ao longo de várias gerações esses latifúndios vão se desdobrando em outras frações de terras cada vez menores dando origem às localidades, cidades da Região Metropolitana e bairros na periferia de Fortaleza. Segundo o Historiador Lima (2008: p.38), somente em 1833, Caucaia, Parangaba e Messejana deixam de ser aldeias de índios.

A historiadora Ivone Cordeiro analisa registros da literatura produzida na segunda metade do Século XIX para investigar de forma crítica o lugar do sertão cearense no processo formação da nacionalidade brasileira e nesse contexto ela constata:

Enquanto o gado recebido como pagamento pelo trabalho do vaqueiro possibilitou a fundação de novas fazendas, em pouco tempo, e permitiu um processo de acumulação relativamente rápido, gerando um sentimento de ganho e de participação nos resultados do trabalho diferentemente aconteceu na agricultura. Por isso, o momento em que esta se expandiu no sertão alastrou intensivamente formas de exploração e submissão do trabalho e do trabalhador agrícola (2004: p.74).

Esse estudo da professora Ivone é fundamental para se entender que a pecuária trouxe num movimento do sertão para o litoral uma proliferação de fazendas, uma mobilidade social de famílias caboclas, mestiçadas da etnia dos índios com os brancos colonizadores, demarcando a força e a resistência dos vaqueiros na cultura cearense.

Contudo, é importante destacar que isso ocorreu num perverso processo para dissolver as populações indígenas no conjunto da população, em geral, negando e extinguindo a existência indígena e produzindo a legitimidade dessa negação social através do poder e da cultura dominante. As várias etnias indígenas, no Ceará, foram transformadas num povo sem existência, sem pertencimento, sem fala e sem reconhecimento. A autora explicita:

À recusa deliberada ao reconhecimento da presença indígena ocupando o espaço sertanejo; junta-se a desqualificação dos indivíduos que compunham as camadas pobres da população, que por essa razão não tinha lugar reservado na sociedade colonial, de forma que o reconhecimento da sua presença no “sertão inabitado” constituiu-se quase como uma negação, na medida em eram lembrados como partícipes marginais dessa sociedade...Quem eram esses “vagabundos aventureiros” senão índios reduzidos, vencidos e mestiçados? Negros fugidos, forros, mulatos e brancos pobres? Os meandros do discurso criam verdadeiras inversões: o genocídio, as reduções e o

processo político de negação da existência dos índios ao mesmo tempo em que produz a sua invisibilidade produz também uma “fartura de terras” (2004: p. 65).

Do povo vencido fez-se o silêncio, nasceu a vergonha de si, negação da própria cultura e da ancestralidade fundante, jeito que caracterizou o povo cearense em longo processo histórico: vergonha de ser cearense, fenômeno que, até hoje, permanece muito presente nas camadas mais pobres da população, sobretudo, nos imigrantes, que constituem grande parcela da população das periferias de Fortaleza. Sendo hoje mais consistente na perspectiva da vergonha de ser pobre, vergonha de ser da periferia.

Essa dialética entre opressores e oprimidos permanece viva, pulsante, reproduzindo a desigualdade social, perpetuando os “bolsões de pobreza”, conservando o poder político, que, em todo Estado do Ceará, ainda, é extremamente oligárquico, cristalizando no povo uma mentalidade ordeira, de colonizado, que valoriza o que “vem de fora” e preserva entre nós o preconceito com as nossas raízes e a nossa cultura popular como uma atitude “naturalizada”.

João (23) um dos jovens entrevistados ao responder a pergunta “Como os jovens se vêm na comunidade?” demonstra esse sentimento de vergonha do bairro, de ser da periferia, constituindo-se na dimensão atual a expressão mais presente da negação da própria origem, ao afirmar que os jovens da comunidade são discriminados pelo lugar que moram, são discriminados por serem jovens, ou possuir uma estilo diferente. Ele introduz, também, uma reflexão crítica sobre a homofobia¹⁵, questão que apresenta-se muito forte na comunidade.

Eu acho assim, até de certa forma discriminado. Você sai... Eu mesmo, me sinto discriminado pelo bairro mesmo, sabe. Você sai... conhece uma pessoa. Onde você mora? Na Pedra. Ai? Onde é a Pedra? Onde fica a Pedra? As vezes eu vejo já nessa parte mesmo a discriminação. Pela parte dos homossexuais, dos meninos, tem discriminação, porque o pessoal ainda é muito fechado. Muito cabeça fechada. Tem umas brincadeiras com eles que não é muito apropriada e também discriminação por parte deles. Eu acho também que tem discriminação com uma galera mais nova, quando você vê um menino de bermudão, camisa de marca, boné, já chama de vagabundo e não é, às

¹⁵ Para aprofundar estudo sobre esta questão consultar: LOIOLA, Luís Palhano. **Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – FAGED/UFC, 2001; _____ **Diversidade sexual: perspectivas educacionais**. Fortaleza. Edições UFC, 2006.

vezes é um estilo. Mas o pessoal daqui quando vê um menino assim já pensa que é vagabundo, que é isso, que é aquilo. É um incentivo a mais pro cara ficar, é negativo (Entrevista 6, p. 3).

É importante observar um detalhe nessa fala que se refere ao sentimento de discriminação desse jovem, que acontece em relação ao mundo externo, quando “você sai” da comunidade e entre em contato com outras pessoas, de outros bairros da grande Fortaleza.

No cotidiano do bairro, na convivência entre pares e não-pares há um compartilhar do pertencimento, uma cumplicidade nas formas de gostar do bairro, apesar das dificuldades de infra estrutura que apresenta, dos jovens considerá-lo um lugar distante e ainda muito fechado.

A fala de Helena (27), fazendo uma narrativa sobre sua história de vida e a relação com a comunidade mostrando a vontade de “sair do bairro”, revela um outro aspecto muito forte que povoa o imaginário da juventude do lugar:

Na verdade eu não nasci, mas eu só não nasci.. Eu vim pra cá com dois meses de idade e até hoje moro aqui. Penso em um dia sair daqui, pela questão da localização, de ter um lugar mais próximo, não porque eu não goste do bairro. Eu gosto do bairro, eu gosto daqui. O que me dificulta pra eu morar aqui é a questão de localização mesmo, porque fica mais distante mesmo, a questão de ônibus, a questão de estudo. Mas, sempre, eu participei das coisas daqui, eu já fui do grupo de jovem da Igreja. Sempre eu tive inserida nas questões daqui. Eu vi o Centro Cultural nascer e estava presente na primeira reunião, a reunião da sua fundação (Entrevista 10, p. 1).

Aliás, essa mística de sair do bairro, muito forte na cabeça dos jovens e das jovens da comunidade, já se transformou num verdadeiro ritual de passagem da infância/adolescência para o mundo dos jovens, o que se verifica pela preferência visível dos mesmos em cursar o Ensino Médio em Messejana ou em outras escolas do Centro da Cidade, ou bairros mais distantes, necessitando, obrigatoriamente, de um descolamento feito de ônibus. Usar o transporte coletivo para estudar, exibir uma farda de um colégio distante é motivo de status, autonomia e liberdade.

Isso ocorre porque no próprio bairro não tem uma escola de Ensino Médio. Existem duas que ficam bem próximas, mas estão localizadas uma no Município do Eusébio e a outra na cidade da Itaitinga. Uma parte dos jovens da comunidade estuda

nessas escolas, porque são as mais viáveis para a comunidade, mas a maioria rejeita essa possibilidade, apesar do sacrifício das famílias para arcar com as despesas de transporte ou do grande risco que correm com o deslocamento de ida e volta de alguns quilômetros de distância, muitas vezes, feito de bicicleta para as escolas entre a Messejana e o bairro Pedra.

Essa auto desvalorização cultural é muito pouco compreendida e percebida no cotidiano das relações sociais do povo no Ceará. O crítico de cinema Pedro Martins Freire no artigo “A formação do Ceará” na oportunidade em que comenta o novo longa-metragem de Rosemberg Cariry, “Siri-Ará¹⁶”, argumenta:

Hoje, o caráter de ser cearense melhorou um pouco em termos de auto estima... O cearense, no entanto, não para de falar mal de si mesmo. Herdou um processo histórico de falar mal do conterrâneo, de negar-lhe as qualidades e de apreciá-lo em seu trabalho. Falar mal do conterrâneo é falar mal de si mesmo. Uma das buscas de “Siri-Ará é justamente esta, a do porque temos essa herança nefasta. Outra, remete a cidade com alvo de turismo sexual, outra, a dos prédios modernos montados sob o sangue de nações indígenas, Há outras, muitas outras (DN 05/08/2009).

Eu percebi esse aspecto cultural, como uma realidade muito forte na identidade e no processo da formação dos jovens e das jovens da periferia de Fortaleza ao iniciar em 2002 um trabalho de teatro, com uma oficina para formação de atores e atrizes, no Centro Cultural CELITA.

Essa atividade contou com a participação de vinte e cinco (25) jovens e se desenvolveu buscando inspiração nos Círculos de Cultura do Paulo Freire e no Teatro do Oprimido de Augusto Boal, porque, entre várias técnicas teatrais e de interação social, se exercitava o debate de temáticas sociais da comunidade. (cópia do projeto - anexo 11).

Na realidade, enquanto produção artística o trabalho estava voltado para uma linguagem do Teatro de Rua e completamente mergulhado no resgate e promoção das nossas raízes culturais, através do Teatro Popular.

A proposta tinha esse compromisso de desenvolver com os jovens e com as jovens a pesquisa, o conhecimento, a reflexão, a expressão corporal, a improvisação, a

¹⁶ Palavra indígena da língua tupi que deu origem ao nome Ceará.

experiência estética e educativa a partir de elementos da nossa cultura popular: o cordel, as cantorias, os bailados, as danças indígenas, as cirandas.

A culminância dessa experiência foi a montagem do “Auto do Boi Misterioso” cuja estréia aconteceu no dia 12 de Dezembro de 2002, na Festa de Santa Luzia, Padroeira do bairro Pedra.

Essa foi minha primeira atividade com a juventude na comunidade _ anteriormente havia realizado uma oficina na ONG para criação de brinquedos pedagógicos com material de sucata com crianças _ e houve grande curiosidade e receptividade em me conhecer e participar da atividade que estava propondo.

Lembro que a motivação inicial da maioria dos jovens e das jovens desse grupo foi participar do curso de teatro para perder a vergonha e o medo de falar em público, melhorar auto estima, obter mais conhecimentos, fazer novas amizades, se desinibir, saber se comunicar com mais confiança.

No primeiro momento da oficina entre os meses de Julho e Agosto de 2002 realizou-se um trabalho coletivo de pesquisa sobre cultura popular do Ceará; sobre manifestações da cultura popular no bairro Pedra; conversas informais na comunidade, levantamento dos livros sobre a temática na biblioteca do Centro Cultural e encontros semanais, aos sábados à tarde, para atividades de dinâmica de grupo, expressão corporal, técnica vocal e improviso, socialização de saberes e encaminhamentos, memória do grupo, etc.

Todo esse processo se organizou com uma metodologia dialógica usando a experiência do Círculo de Cultura proposto por Paulo Freire como espaço de ação comunicativa auto gestonária, onde os jovens e as jovem discutiam e definiam coletivamente os caminhos e as possibilidades de criação e produção, que envolviam as várias etapas do trabalho em desenvolvimento, enfrentando os vários desafios, os inúmeros conflitos e buscando um entendimento tanto para manter as atividades do grupo, quanto para alcançar o objetivo de apresentar o Bumba-Meu-Boi na festa da padroeira.

A partir do mês de setembro de 2002 o trabalho começou a ficar mais específico para a montagem do folguedo. Veio uma parte muito gostosa que foi a recriação da narrativa popular do “Bumba-Meu-Boi”, na qual o grupo de jovens fez pequenas adaptações para valorizar a peculiaridades da realidade local, e também a montagem de quatro (4) esculturas, usando armação de arame com técnicas mistas de

papel machê, para criação dos bichos: boi, burrinha, ema e jaraguá, confeccionados sob minha orientação com alguns dos participantes da oficinas e muitas crianças da ONG.



Ilustração 7: oficina para criação de esculturas em papel machê (a).



Ilustração 8: oficina para criação de esculturas em papel machê (b).

Começou, também, uma parte mais complexa que foram os ensaios dirigidos especificamente à dramatização do trabalho proposto, a montagem do folguedo, a incorporação dos personagens do “Auto do Boi Misterioso”, que adquirem vida e expressão na atividade dos artistas brincantes.

Foi nesse momento que surgiu o choque cultural dos jovens e das jovens imbuídos pela vontade e pela curiosidade de fazer teatro, tendo como principal referência a cultura de massa do mundo televisivo e uma imagem estereotipada do teatro e de si mesmo. Estereótipo falso-burguês, preconceituoso com a nossa cultura popular e a própria realidade histórico-social da comunidade negada.

Aliás, sobre esse quadro da influência da mídia nessa comunidade, Damasceno (2009) em recente artigo intitulado “A família e a formação da juventude na sociedade contemporânea” analisa dados obtidos com a aplicação de um questionário para traçar o perfil das famílias do bairro Pedra nesse campo observando a expectativa das famílias em relação à aquisição de bens de consumo básico: televisor (100%), geladeira (88%), som - principalmente rádio (78,43), telefone – inclusive aparelho celular (78,43%). Consumo de bens culturais como livros, jornais e revistas, praticamente inexistente e apenas 1,96% das famílias pesquisadas possuem um computador.

Em “Siri-Ará”, Rosemberg Cariry realiza de forma contundente e polêmica uma abordagem antropológica e histórica em busca das origens e formação do Ceará mestiço por meio de uma linguagem cinematográfica que mergulha na intensidade das artes e da cultura do nosso povo caboclo, cujo roteiro constrói uma trama onde a ação

mescla o desenrolar do tempo presente com uma reflexão crítica da tragédia fundadora do Estado do Ceará pelas mãos do colonizador-invasor.

O filme é muito ilustrativo para se compreender uma parte muito importante da trajetória da ação comunicativa do Centro Cultural CELITA, com a juventude, que é sua inserção no campo da cultura popular, na complexidade do lugar onde está inserida. Nesse contexto o crítico de cinema Pedro Martins Freire sintetiza a saga formadora do nosso povo:

A história da criação do Estado do Ceará não se diferencia em nada da história das cidades e nações pelo mundo. Colonização, extinção de nações indígenas, violência, sacrifício, sangue, cristandade, marcam esse caráter de universalidade histórica. Restam, no entanto, as particularidades de cada uma dessas histórias em seus acontecimentos (Diário do Nordeste – Caderno 3 – 05.08.2009).

Esse estranhamento com sua própria realidade social alienada, a partir da cultura ancestral negada, é o que passávamos a tentar interpretar por meio dos personagens do Auto do Boi Misterioso, que retrata a história e os dramas da família sertaneja, a própria história do povo da Pedra: O Caboclo Negro Chico (o Mateus), representando o vaqueiro e sua mulher, a negra Catirina (personagem encenada por um homem); os conflitos com o poder autoritário dos donos da terra, que é o dono o boi – o “Seu Coronel”; os caretas, os índios, os bichos-do-mato fantasmagóricos.

Para os jovens e jovens participantes da oficina de teatro esse foi um momento de tensão pela inesperada simbiose entre personagens e histórias de vidas, cuja reação imediata foi uma crise no grupo, decorrente do medo de assumir na brincadeira do teatro, aquilo que na vida real era parte da sua história de vida, sofrimento da sua família, trajetória silenciada e negada ao longo das gerações.

Rosemberg Cariry afirma ter feito “Siri-Ará como uma grande reflexão sobre o significa ser cearense, qual o sentido de nossa história e nossa cultura, em suas palavras:

O filme é um ‘figural’, numa clara referência às representações dramáticas dos reisados de Congo do Cariri cearense. É um filme construído a partir dos arquétipos, dos mitos, das narrativas e manifestações mais profundas destes folguedos dramáticos populares, possibilitando uma nova compreensão da nossa história e da nossa formação cultural. Um filme feito com fragmentos de registros reais, de geografias reais, de homens e

mulheres também reais e contemporâneos, em seus impasses e assombros, mas sempre transfigurados pela alegoria e pela imaginação (DN 05/08/2009).

Assim, também, aconteceu com os jovens e as jovens no Centro Cultural, se desafiando por meio do teatro popular, ousando reviver nos personagens do Bumba-Meu-Boi a representação de si, para si e para toda a comunidade das tragédias pessoais de vida: pobreza, exploração, pais e mães com pouquíssima escolaridade, avós analfabetos, mestiços, caboclos, índios e descendentes de índios. Medo de serem devorado por seus preconceitos e fantasmas, pelo olhar julgador da comunidade, de “pagar o mico¹⁷” com essa peça, como chegavam a falar de forma angustiada.

Alguns não suportaram esse impacto, além do trabalho sério e disciplina de horário. Alguns desistiram, mas outros entraram durante o processo. O grupo se manteve por causa da proposta pedagógica dialógica e reflexiva, usando a metodologia dos círculo de cultura de Paulo Freire para desenvolver a formação para a cidadania dos jovens de modo mais amplo e dialético.

As várias questões que surgiam no grupo, como problema, eram transformadas em temas geradores para o exercício coletivo da ação comunicativa, artística e educativa. Quando surgiram as crises já havia uma grande interação do grupo e um compromisso coletivo com o trabalho, que possibilitou a sua continuidade por meio das rodas de conversas e dos entendimentos, paulatinamente conquistados pelos jovens e pelas jovens enquanto desafio conjunto.

A inserção da participação indígena no “Auto do Boi Misterioso” foi difícil. Os jovens alegavam não ter referência alguma sobre a dança do Toré, sentiam-se constrangidos com a dança-ritual, que tem passos circulares numa cadência rítmica, com a entoação de um canto em tupi, muito simples. Houve uma resistência imensa. Uma dificuldade de se sentir índio(a) novamente, de assumir aquela identidade proibida, negada, humilhada.

Alguns jovens discriminavam a dança-ritual por sua semelhança com a macumba e ao afirmarem o preconceito, sem saber, estavam confirmando que foi, verdadeiramente, no espaço confinado dos terreiros de Umbanda que sobreviveu toda a sabedoria e cultura dos caboclos, a pajelança dos povos indígenas do Ceará e do

¹⁷ Expressão popular usada pelos(as) jovens entrevistados, que significar passar por um constrangimento, sentir vergonha de algo.

Nordeste brasileiro: as danças, os segredos das ervas, as comidas sagradas, as curas, os rituais, as mandingas...

A adoração às coisas da natureza, a força e o poder do boi, como elemento mágico e do caboclo boiadeiro, vencedor de batalhas e das demandas, símbolo de força e da resistência que mescla antropofagia com sincretismo, num constante e sofrido movimento de recriar-se pelas entranhas.

Essa questão do preconceito com a dança do Toré foi superada com a organização de um seminário sobre cultura indígena, coordenado pelo Centro Cultural em conjunto com os jovens e as jovens participantes da oficina de teatro, aberto à comunidade, com a presença de vários índios da tribo Pitaguary, do Município de Maracanaú, que falaram sobre a história de vida do seu povo, a luta pela identidade indígena, fizeram oficinas de artesanato (colares, pulseiras e cocares), dançaram o Toré com a comunidade e assistiram uma parte da encenação do “Auto do Boi Misterioso”, inclusive com a dança do Toré recriada por uma coreografia dos jovens do Centro Cultural.



Ilustração 9: Dança do Toré executada por índios da tribo Pitaguary-Maracanaú.



Ilustração 10: jovens do CELITA protagonistas da Dança do Toré no Auto do Boi Misterioso.

Outro grande problema para os jovens que participavam da oficina, especificamente para os rapazes foi se deparar com o desafio de interpretar a Catirina, que freqüentemente é apresentada nas brincadeiras de boi como mulher do Mateus, uma negra grávida e escandalosa, que acusa um e outro de ser o pai de seu filho.

Essa personagem é astuciosa, faz provocações e por causa do calor vive levando a saia e usando-a como abano. Por ciúme do zelo do Mateus com o boi do

coronel ela deseja comer a língua desse estimado animal, sendo a responsável por todos os conflitos do enredo e pela solução dos mesmos, devido sua grande astúcia.

A Catirina é uma personagem tragicômica. Em todos os bois do Ceará, o papel é sempre interpretado por um homem. Oswald Barroso, explica “que a Catirina fala em falsete, sem contudo imitar a sensualidade da mulher, como fazem usualmente os travestis” (1996, p. 96).

Nenhum dos jovens que participavam da oficina aceitava o papel. Usávamos uma metodologia de não definir de imediato a relação ator/atrizes com os personagens e, sim, fazer um círculo de vivências de todos com os vários personagens, exatamente para exercitar coletivamente a criatividade, promover a improvisação e a interação com todas as interpretações. Ninguém aprendia ou decorava somente a fala pronta do seu personagem definido.

Durante alguns ensaios só as meninas se permitiam fazer qualquer improviso personificando a Catirina. Os meninos se negavam. Realizou-se um estudo específico sobre bois do Ceará, fez-se uma exposição de fotos no Centro Cultural, assistiu-se a vídeos de diversos Bois-bumbás, tanto da Região Metropolitana de Fortaleza, como do interior do Estado do Ceará, onde se enfocava o desempenho do trabalho de ator das Catirinas e pouco conseguíamos avançar nessa questão.

Havia uma resistência machista dos jovens em relação ao personagem por conta tanto do preconceito individual, quanto de se expor diante do grupo. O grande medo era ter que enfrentar com o personagem da Catirina, com aquela peça de matutos, a imagem social que a comunidade faz sobre a juventude. Sob muitos aspectos se mantém conservadora, machista, homofóbica, apesar de alguns avanços e das muitas contradições sociais vivenciadas na atualidade.

Já mais recentemente, em entrevista realiza no mês de Fevereiro de 2009, Renata (26), confirma essa visão preconceituosa da comunidade com os jovens, enfatizado que parte desse comportamento da comunidade está relacionado às questões da sexualidade. Ela expressa sua opinião sobre como a comunidade vê os seus jovens:

Ela tem um pouco de discriminação. Começa assim se tem um menino, um jovem ali, que vive no meio da rua brincando, soltando raia, é vagabundo. Não pode passar um homossexual que já apontam. Se tem uma mulher que já passa toda diferente do andar de uma mulher, aquela já é sapatão. Eles vão apontando, sabe. Eu não sei o porque mesmo, mas eu acredito que seja só preconceito com os jovens, porque os jovens já vem

com aquela personalidade própria. Já quer impor o que quer (Entrevista 01, p. 2).

Gláucia (26), faz uma reflexão sobre o contexto da cultura machista que predomina na relações e interações sociais na comunidade, reflexo de valores, que ainda predominam no Nordeste brasileiro, tornando-se um eficiente processo de educação preconceituosa que segrega meninos e meninas em mundos completamente diferentes. Quem rompe as expectativas sociais, as visões de mundo reguladas pelo senso comum mais tradicional é estigmatizado e marginalizado pelo cotidiano conservador. A jovem denuncia:

Há sim, o machismo ainda impera aqui. Na nossa comunidade eu vejo assim os menino são criado de uma forma que o pai impõe não faz isso ou aquilo porque é coisa de menina. Então, eles já crescem com isso, com esse machismo. E as meninas são criadas para serem donas de casa e essas coisas assim (Entrevista 3, p.3).

Márcio (27), discute essa questão do preconceito na comunidade de uma perspectiva muito interessante, porque ele parte do ponto de vista de que o próprio jovem vem absorvendo e reproduzindo essa visão da comunidade e se tornando ele próprio, enquanto jovem, vítima do preconceito, também, sujeito do preconceito porque se tornam jovens que reproduzem o preconceito.

Para o entrevistado esse fenômeno está muito visível no campo da sexualidade, a qual aborda não como um exercício de cidadania, mas de forma mística como sina divina ou castigo, paga dos pecadores, porque não se deve julgar os outros. Vejamos suas palavras:

Tem muito preconceito. Eu acho que o jovem, como eu aprendi e sempre eu vejo isso, o jovem é muito preconceituoso em termos de sexualidade, que hoje eu acho que isso está se soltando mais, mas até um tempo desses era muito incubado. Eu sempre fui um cara que eu disse assim: Deus deu o livre arbítrio pra gente seguir o que a gente quer. Se você quer seguir o homossexualismo, se Deus deu esse objetivo pra você vá, mas seja um cara que saiba se colocar em seu lugar. Tem muita gente, que, às vezes, não sabe se locar no seu lugar e aí eu acho que a gente tem que ter respeito. Eu sempre falei isso aqui na Pedra, que a gente tem que ter respeito pelo homossexual, eu vejo muita gente que não respeita. Eu fico constrangido, quando passa um homossexual e o pessoal da esquina fica mangando dele. Não sabe que a língua paga. A língua paga. A minha falou

de um colega meu que hoje ele é homossexual, que a mãe dele pagou, porque ela falou. Tinha uma criança que ficava brincando e ela julgava: esse menino parece que é “viado”. Apontava muita gente e ela pagou por isso e tem gente que já falou prá ela, olha tu pagou porque tu falou (Entrevista 7, p. 4).

Na sequência da entrevista, Márcio (27) expressa outra opinião sobre homossexualidade onde demonstra a influência preconceituosa das Igrejas Neopentecostais, que nos últimos anos estão conquistando muitos adeptos na comunidade, principalmente os jovens. Tais instituições lidam com essa temática social como doença passível de cura ou possessão de um espírito diabólico feminino do tipo, “Pombo-Gira”, por exemplo.

O acolhimento aos homossexuais nessas Igrejas passa por trágico processo da negação de si, uma verdadeira lavagem cerebral para conversão da sexualidade do ser, que após terapias de cura ou rituais de desobsessão tornam-se homens e, logo, encontram sua “prometida” no seio da Igreja e casam.

Agindo dessa forma, essas Igrejas substituem qualquer possibilidade do diálogo em torno dos direitos civis, da cidadania, pelo dogma. Privilegiam a falsa moral e a intolerância. Nas palavras do entrevistado está clara a idéia da necessidade de compreender, conversar, reunir e curar homossexuais:

Eu posso te falar com sinceridade que tem que haver uma conversa, porque eu estudando a Bíblia, eu gosto de estudar a Bíblia, por que eu digo que não sou crente, eu sou religioso. Crente é assim se aqui é um celular e digo é um aparelho celular, então estou crendo. Eu sou um evangélico, eu estudo a Bíblia. A palavra de Deus diz que quando ele botava as pessoas para pregar, dizendo pregai o evangelho pra toda criatura e fizeti discípulos eu vejo essa pequena estrofe, que ele sempre mandava dois, nunca mandava só um. Sempre tem que ter uma pessoa ao meu lado. Jesus é muito sábio. Porque, quando aquela primeira pessoa desistisse, tinha aquela outra para dar continuidade, aquele empurrãozinho. Deus é conosco. É justamente isso, tem que ter a outra pessoa ao meu lado que queira também, vamos reunir essa galera, vamos reunir o povo religioso, vamos reunir o povo homossexual. Eu queria saber pro que? Por que você teve essa opção sexual? O que foi? Um amigo meu me disse: hoje não dá mais pra mim. Vou buscar o Senhor. Ele vai casar, beleza. Mas ele disse que veio de mal trato de padrasto dele, que virou um trauma e hoje ele caiu na real. Eu não quis detalhes, não sou um cara de estar detalhando... Mas eu queria um grupo pra gente debater ou se a

pessoa não quiser, conversar no cantinho, me diz porque essa opção. Eu queria compreender. Eu tenho essa visão de querer compreender a pessoa e perguntar a Igreja Católica e a Igreja Evangélica por que dessa opção? Não é só um Deus? Por que a gente não faz um encontro numa só religião? Vamos buscar Deus, fazer um culto, ou uma missa ou uma celebração. Vamos fazer uma adoração e buscar o Senhor nesse exato momento (Entrevista 7, p. 6).

Para tentar resolver o dilema dos rapazes com o personagem da Catirina, planejamos uma estratégia do grupo participar da agenda gratuita de Institutos Culturais de Fortaleza, tais como: Centro Cultural BNB, Centro Cultural Dragão do Mar e Theatro José de Alencar - TJA, priorizando apresentações no campo da cultura popular e, mais especificamente, apresentações de Reisado e Bumba-Meu-Boi.

Essa iniciativa foi fundamental para haver uma transformação no grupo em relação ao trabalho que estava sendo construído. Ver com os próprios olhos que o trabalho era bonito, tinha valor, constatar que as apresentações atraíam muitas pessoas e recebiam muitos aplausos deu um grande impulso para superar a vergonha e o preconceito existente.

Os rapazes perceberam o caráter cômico da Catirina e a força de liderança que esse personagem tem na condução de todo o enredo. A partir desse entendimento ficou fácil para o grupo definir pelo potencial do trabalho de ator quem poderia ser a Catirina.



Ilustração 11: Katirina



Ilustração 12: Katirina, Ezaltina e Zabelinha (personagens do Auto do Boi Misterioso).

Alice (28), moradora da comunidade desde os quinze (15) dias de nascida, informa que teve uma infância muito conservadora, pois não saía de casa. “Eu fui criada

dentro de casa. Fui pra escola somente aos sete (7) anos, já sabendo ler e escrever, pra cursar a 1ª Série do Ensino Fundamental, porque fui alfabetizada em casa”. Ela descreve que a comunidade esta passando por mudanças, mas é marcada por uma trajetória de acomodação, conforme explica:

Hoje eu vejo a comunidade mais evoluída, mas eu sempre via, antigamente, as pessoas muito acomodadas, certo. A ficar dentro de casa. Tipo assim, a mulher era a dona de casa e o marido eram quem trabalhava para sustentar a casa. Hoje a gente já vê que as coisas tem mudado muito. A busca pelo trabalho, a busca pela profissionalização, pelo crescimento. Então, eu vejo que as coisas têm mudado um pouco. Pelo tempo que eu vivo aqui eu tenho visto essa mudança (Entrevistas 11, p. 2).

Apesar de haver uma percepção consensual entre os sujeitos da pesquisa de que a comunidade estar mais evoluída, tanto em termos de infra estrutura, quanto em termos das interações sociais, há muitas observações sobre o caráter fechado, conservador e preconceituoso do comunidade em relação ao jovem e às jovens . Júlio (51) faz uma referência à instituição família no bairro e declara:

É extremamente conservadora. As famílias aqui são conservadoras tanto no sentido pejorativo com no sentido bom também. Porque a meu ver o conservadorismo não é necessariamente só o ruim, só o lado negativo não. Mas nesse lado, aqui a comunidade é muito forte. Nesse lado pejorativo. Até hoje a gente percebe que os jovens sofrem discriminações e eu posso dizer isso porque eu tenho acesso direto aos jovens através da escola e de outros movimentos de que eu participo, inclusive do Centro Cultural, também e por meio desse acesso a gente percebe que os jovens sofrem ainda das próprias famílias e da comunidade, em geral, sofrem muitas restrições. Esse conservadorismo nesse sentido, nesse sentido pejorativo, nesse sentido ruim, que impede um crescimento social, seja humanitário, seja espiritual (Entrevista 08, p. 6).

Para propiciar uma maior compreensão da realidade social pesquisada, considero oportuno relatar, ainda que resumidamente, aspectos da história do bairro Pedra, onde está situado o Centro Cultural CELITA, ONG que serve de espaço da presente pesquisa-ação.

Conciliando as referências históricas estudadas com alguns dos dados coletados na pesquisa e a própria vivência do pesquisador com essa comunidade ao

longo de dez anos, pode-se inferir que é exatamente essa a origem do bairro Pedra: alguns latifúndios, que ao longo de gerações formaram vários povoamentos e foram se reduzindo a porções cada vez menores de terras, como já descrito anteriormente. No seu depoimento de Júlio (51) esclarece:

Ao que consta aqui tem algumas famílias tradicionais, famílias dos Rosas, dos Delfim. Sousa e Nogueira são as grandes famílias daqui, que deram origem ao bairro, inclusive, a origem da padroeira do bairro que é Santa Luzia, Ela é bem antes dos festejos que são feitos pela Igreja daqui, porque esses festejos são muito antigos e eram feitos pela família dos Rosas: Seu Antônio Rosas, Seu José Rosas. Foi esse pessoal que trouxe a imagem pra cá e trouxe essa devoção do povo com Santa Luzia (Entrevista 8, p. 1).

Por sua vez, a narrativa de Dona Lirêda conta que foi a partir de 1945, com o incentivo de Padre Pereira e a organização dos agricultores proporcionada pelo seu trabalho de alfabetização na escola isolada, que o povo se animou para a construção de uma capela na comunidade. A família Delfino doou o terreno e ajudou na construção. Como os antigos moradores já eram devotos de Santa Luzia o Padre Pereira permitiu à comunidade esse privilégio de ter Santa Luzia como sua padroeira. Em 1950, o seu Antônio Vital, um bem-feitor, construiu a casa paroquial.

O lugarejo surgiu de núcleos latifundiários, que posteriormente foram loteados, geralmente por motivo de herança, dando origem a predominância de uma área de sítios, que caracterizou a localidade até 1980.

Atualmente o bairro Pedra enfrenta a dura realidade que caracteriza o cinturão de pobreza que interliga a periferia de Fortaleza com a região metropolitana: o inchaço populacional desordenado, decorrente de vários e constantes loteamentos populares e mais recentemente grandes empreendimentos imobiliários de classe média e algumas ocupações com o surgimento de favelas dos movimentos dos sem tetos ou de especuladores de terras.

Dona Lirêda constrói uma linha do tempo, especificando datas e benefícios conquistados pelo bairro Pedra, conforme as gestões públicas: Em 1950, José Barros de Alencar, Vice-Prefeito de Messejana e candidato a vereador “arranjou” o terreno para construir o prédio da escola.

Em 1955, na gestão do prefeito Paulo Cabral Araújo, tendo como Secretário de Educação o Sr. João Jacques Ferreira Lopes, a comunidade conquistou a construção do

prédio da escola, que recebeu o nome Coronel Tristão de Alencar, conforme indicação da Secretaria de Educação de Fortaleza.

Ela especifica que em 1959 foi construído o primeiro chafariz, próximo à escola e em 1970, foi construído o segundo na Rua: Luiz Bento. Naquele mesmo ano, o Padre Pereira conseguiu trazer energia elétrica para a comunidade. Em 1972, foi feito o calçamento, da Pedra até o Ancuri, e foi construído o Centro Social da Igreja, segundo informa, tudo isso, com o apoio do vereador José Barros de Alencar.

Em 1976, após algumas reformas a Igreja da Santa Luzia desabou. A Igreja foi reerguida com os préstimos do Sr. Frota Melo, que pagou a mão-de-obra desse trabalho. Em 1982, veio morar no bairro o bispo Dom Geraldo Nascimento, trazendo o noviciado das freiras Capuchinhas, que contavam com o apoio de católicos da Alemanha e trouxeram alguns benefícios sociais, através da criação de associações e espaços comunitários em várias localidades dessa região.

Dona Lirêda dá uma importante informação sobre a realidade do sistema educacional no bairro quando informa: foi em 1989, na gestão do prefeito Juraci Magalhães, que a Escola Coronel Tristão de Alencar passou por nova reforma, foram construídas mais salas de aulas e o estabelecimento de ensino passou a funcionar com o Ensino Fundamental Completo.

Eu acrescento que a partir de 2004, com a gestão Luiziane Lins (PT) a escola passa a ser denominada de EMEIF (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental) Tristão de Alencar. Mantém-se a homenagem ao tradicional político, que colaborou com alguns avanços estruturais na comunidade, mas rompe-se, como gesto de boa intenção, pelo abandono simbólico da patente militar no nome da escola, com um modelo de política viciada, que tipificou a localidade durante muitos anos como um “curral eleitoral”.

Foi em 1991, na gestão do Prefeito Juraci Magalhães que a praça de Santa Luzia foi concluída. A comunidade, coordenada pela JUPE, iniciou a construção da quadra esportiva, divulgou a iniciativa na mídia, em Fortaleza, chamando a atenção do então prefeito que visitou a obra, prometendo ampliar e concluir a construção (Praça e quadra). A promessa foi cumprida. Nesse mesmo ano o Governador Ciro Gomes autorizou o asfalto na Rua Jorge Figueiredo, que liga a Pedra ao Ancuri.

Na comunidade, em geral, e entre os jovens e as jovens, sobretudo, há muitas contradições sobre a visão da comunidade na atualidade. Paula (26) tem uma avaliação muito crítica sobre a realidade do bairro, questiona com uma visão negativa o aumento

populacional, inferindo que vários problemas da comunidade no presente decorrem disso.

Comenta sobre a desarticulação da maioria dos moradores para lutar por melhorias no bairro e cita um grave problema que atinge a juventude local: a ausência de uma escola de Ensino Médio no próprio bairro:

Nossa, tá muito transformada, você pode ver, se fizer uma análise da minha época pra cá, houve uma transformação enorme, assim, não pra melhor. Porque antigamente era uma comunidade menor, com menos pessoas e mais tranqüila. Era mais fácil o convívio entre as pessoas e, conseqüentemente, teria sido mais fácil naquela época, se tivesse tido uma organização melhor ter conseguido coisas melhores para o bairro. Hoje, porém, tem muita gente, mas é uma minoria que quer melhorias para o bairro. Esse aumento da população do bairro trouxe um atraso, as coisas estão piorando. Tanto é que aqui a gente tem vários problemas. Essa questão da escola é uma coisa que já deveria ter resolvido há muito tempo porque muitos jovens acabam desistindo de terminar o Ensino Médio porque tem que se locomover pra Messejana, outros bairros ou municípios vizinhos, como tem um colégio próximo e que já faz parte de outro município. Isso poderia mudar e ser muito melhor se houvesse uma escola(Ensino Médio) no próprio bairro (Entrevista 4, p. 2).

Julio (51), por outro lado, reconhece que o bairro conquistou certos avanços relacionados à vida urbana moderna e que isso trouxe mais conforto para a comunidade e paradoxalmente, trouxe várias inquietações e incômodos para os moradores, em geral, que o faz alguns pensar em romper o vínculo afetivo com o lugar, mudar de casa, quebrar a identidade e o pertencimento histórico em busca de sossego e segurança. Aliás, essa tem sido uma silenciosa transformação que acontece na comunidade nos últimos anos, conforme explica o entrevistado:

A Pedra está muito diferente e essa diferença tem se acentuado ainda mais dos últimos anos pra cá, principalmente, a partir de 1990. Isso tem mudado muito e tem umas coisas que eu lamento de ter mudado. Tem o conforto, que o urbanismo traz, mas também tem os profundos incômodos, como no caso da violência, o aumento da violência, no caso da gente perder dessa coisa bucólica, que ainda tem, mas que aos poucos está se perdendo. Eu sou meio saudosista e sinto muito falta disso. Eu nunca admiti sair do meu bairro até hoje, até a minha morte, e não admito ainda, mas às vezes penso em querer já um lugar

mais tranqüilo, mais afastado, porque eu moro, praticamente na praça e a praça hoje está com uma poluição sonora muito grande (Entrevistado 8, p. 3).

Outros jovens apresentam uma visão mais otimista do presente, embora reconheçam haver muita acomodação. Contudo, compreendem que as melhorias do bairro foram adquiridas num processo histórico de lutas e organização de movimentos, que não contaram com a participação da maioria, mas teve a iniciativa de alguns idealistas, que ao longo das últimas três décadas vêm transformando a história e a realidade social da localidade.

É importante ressaltar que os sujeitos das principais lutas e movimentos sociais da comunidade, historicamente foram e continuam sendo os jovens, apesar do grande quadro de opressão e discriminação que eles sofrem na comunidade. São os jovens e as jovens, com sua irreverência e ousadia, que souberam ocupar e ocupam os espaços para realizarem rupturas na busca do novo, recriam relações de convivialidade, superando valores e normas pautadas na tradição. Sobre essa perspectiva Fábio (26) expressa sua opinião:

Eu acho que a comunidade da Pedra é um bairro que está despertando agora. Porque aqui o povo sempre foi muito passivo, tinha uns grupos que procuravam fazer suas manifestações, mas eram grupos tímidos. Agora não, que tá surgindo um pessoal que tá realmente lutando, querendo realmente melhorias para o bairro. Isso a quinze (15) anos atrás a gente não via, de maneira nenhuma. Nós ficamos conformados com apenas um ônibus que tinha, que era esse ônibus São Benedito, nós nos conformávamos de ficar horas numa fila pra poder pegar água, nos conformávamos em não ter um espaço de lazer como é a praça e que tem outros ambientes hoje, como o próprio Centro Cultural. A gente se conformava muito. Mas sempre teve pessoas que viam além do que as outras pessoas viam. Viam além do horizonte e sempre buscaram melhoria para o bairro. Então, a comunidade hoje a vista do que era, é um bairro que está realmente acordando. Haviam lideranças distribuídas, não eram aquelas lideranças bem organizadas. Mas alguns movimentos lutaram e, aos poucos, conquistaram transporte, água. Movimento de pessoas que realmente se preocupavam com o bairro, como por exemplo, o “Júlio”, que é uma pessoa que lutou muito por melhorias para comunidade, mas era ele e meia dúzia de pessoas que lutavam por melhorias e os demais ficam bastante acomodados (Entrevista 9, p. 1).

Quem realmente pontua com grande precisão essa trajetória da juventude na criação das lutas e por dentro da existência dos movimentos sociais na comunidade desde o início dos anos de 1980 é Júlio (51), reconhecido não só como uma das maiores lideranças na comunidade, mas principalmente, pelo trabalho ético e honesto que desenvolve no campo da educação e com a juventude até o presente.

Pelo vigor da sua fala fica evidente a grande importância dos jovens e das jovens nos movimentos históricos de transformação da comunidade, então, vejamos:

Juventude pra mim é um aspecto muito importante da vida. Foi na minha juventude, juntamente com outros jovens da comunidade, percebendo o nosso isolamento, percebendo que a nossa comunidade foi transformada num curral eleitoral e que na comunidade não havia, praticamente, a exceção de uma escola, que oferecia até o 3º ano primário, a gente não tinha serviço público aqui, logicamente a exceção da escola e do chafariz que era um chafariz público, mas tirando isso, nada tinha. Isso é recente, inclusive a gente pode dizer que no início dos anos de 1980, 81, 82, que coincidiu com o tempo que eu estava chegando à universidade, que aliás é uma outra história, pra eu chegar à universidade morando num bairro desse que nem escola tinha. Mas voltando à questão que nós estávamos analisando, olha como é recente. Eu digo que a história da Pedra pode ser dividida em dois grandes momentos antes da JUPE, que foi o primeiro movimento organizado surgido na comunidade, chamado Juventude Unida da Pedra, surgiu em 1981. Surgiu como um movimento de juventude. Então, o que é que foi? Foi aquela história que eu te falei a gente não tinha opção na comunidade, opção de lazer, opção de nada, quando a gente ia para o meio da rua. Nessa época não existia a praça, mas existia o terreno ao lado da Igreja, onde já se chamava de praça, mas sem nenhuma urbanização, de modo que a gente à noite, naquele tempo a gente se reunia pra ouvir alguém contar aquelas histórias de trancoso ou coisa parecida e quando não era, a gente ia conversar algo sobre nossa vida e aí a gente percebe, nessas conversas, que a gente não tinha nada na comunidade, a gente resolveu fundar esse movimento, esse grupo organizado - Juventude Unida da Pedra (JUPE). E foi a partir daí que tudo começou, porque uma das primeiras idéias que a gente teve foi fazer um movimento pra que fosse construída uma quadra de esportes, porque a história do futebol era uma coisa muito presente entre os jovens. (Entrevista 09, p.3).

Acredito que essa exposição possibilite o entendimento do contexto histórico e social da comunidade onde o Centro Cultural CELITA esta inserido, abordagem que procuramos desenvolver pelo prisma multifacetado das contradições antropológicas

desse lugar a partir de uma visão dialética da participação da juventude. Para tanto recorreu-se à expressão intergeracional, misturando fragmentos do passado e do presente em busca de uma compreensão do papel e da importância da juventude na comunidade, para além dos estereótipos conservadores e preconceituosos.

A seguir, contextualizo a origem e evolução das Organizações Não-Governamentais a partir da sociedade moderna até nossa atualidade, abordando características dessas instituições no campo internacional e na realidade brasileira.

3.2. ONGs, um campo contraditório e instável de atuação da sociedade civil na modernidade em transição

A denominação “Organização Não-Governamental – ONG” provém do Inglês, mais especificamente da expressão “non-governmental organization”, usada em meados da década de 1940, pelo Conselho Econômico e Social – ECOSOC, desde a fundação da Organização das Nações Unidas – ONU, para referir-se às entidades supranacionais, cujas criações deram-se de forma independente do Estado e instituídas sem fins lucrativos.

A primeira referência oficial ao termo está contida na Carta das Nações Unidas assinada em São Francisco - Califórnia, em junho de 1945, cujo Artigo 71 especifica o interesse e o tipo de relação do ECOSOC, com o qual, originalmente, se atribuía ser ONGs. Vejamos o referido Artigo na sua íntegra:

O Conselho Econômico e Social poderá entrar nos entendimentos convenientes **para a consulta com organizações não governamentais** (grifo meu), encarregadas de questões que estiverem dentro da sua própria competência. Tais entendimentos poderão ser feitos com organizações internacionais e, quando for o caso, com organizações nacionais, depois de efetuadas consultas com o Membro das Nações Unidas no caso. (Disponível em: www.onu-brasil.org.br/doc.5.php. Consulta em 28/02/2008).

Em 1950, o ECOSOC cria por meio da resolução 288, o Comitê das Organizações Não-Governamentais (The Committee on Non-Governmental Organizations), com funções básicas de examinar as solicitações de status consultivo, monitorar o relacionamento das ONGs com o Conselho e seus órgãos subsidiários, analisar relatórios de atividades das instituições contratadas como consultoras e

receber sugestões de itens de agenda para as reuniões do ECOSOC. Em 1968, este ordenamento foi substituído pela Resolução nº. 1.296. O relacionamento atual do ECOSOC com as ONGs está disposto nos termos da Resolução nº. 1.996/31, de 25 de julho de 1996.

Apesar da evolução no sistema de credenciamento das ONGs ao debate internacional e, mais especificamente, em espaços da Organização das Nações Unidas, visando a criação de um quadro lógico e consensual para a cooperação internacional, que promova parcerias mundiais a serviço do desenvolvimento, essa atuação internacional da sociedade civil por meio das ONGs, de várias formas e em inúmeras questões, ainda, depende da aceitação dos Estados-membros.

Outro questionamento, levantado por militantes que atuam no campo internacional, denuncia que a atuação de muitas agências de cooperação está pautada pelo pragmatismo estatal liberal, que formata a atuação das ONGs numa perspectiva instrumental ditada pela força do dinheiro e engessamento técnico-administrativo.

Neste contexto, os atores envolvidos (instituições públicas e privadas) reúnem-se com objetivos quantitativos, anunciam políticas e os respectivos meios para atingir metas, prevêm mecanismos de acompanhamento dos compromissos, baseados em indicadores e avaliações de desempenho, tendo como referencia uma cultura de resultados e de sucesso procedentes do mundo empresarial.

A professora Bérengère Quincy, do Instituto de Estudos Políticos de Paris e, membro da diretoria do Instituto por um Novo Debate sobre a Governança, acrescenta ao debate mais algumas questões que fazem parte do caráter ambivalente e contraditório da atuação das ONGs no cenário internacional:

Em outros lugares do sistema multilateral, a questão está colocada como na OMC, em consequência dos grandes protestos e dos debates alternativos do Fórum Social Mundial. Indo mais longe ao reconhecimento do papel da sociedade civil na governança mundial, alguns propõem a criação de uma espécie de assembléia consultiva mundial que agrupe os representantes qualificados da sociedade civil mundial. Essa proposição suscita outros tipos de questões, como aquela da voz da sociedade civil do Sul... O fato mais relevante dos últimos anos reside na afirmação de atores capazes de atuar no sistema multilateral em todo o mundo (2007, p. 42).

Contudo, a trajetória de aprimoramento das regulações em relação às ONGs, na ONU, revela informações basilares para se entender o que veio a tornar-se a complexa atuação das ONGs na atualidade. Os estudos efetuados nos levam a considerar que a origem das ONGs está associada aos esforços internacionais, do ocidente capitalista, para promover o desenvolvimento econômico e social na conjuntura pós Segunda Guerra.

Naquele momento, prevalecia a conjuntura da “Guerra Fria”, onde, de um lado se intensificava as idéias antiimperialistas, por meio de movimentos de resistências na África, América Latina, Ásia e Índia, na mesma medida em que cresciam, por outro lado, as ajudas humanitárias e a cooperação internacional, do ocidente capitalista, para os países em desenvolvimento e, principalmente, às áreas subdesenvolvidas e/ou envolvidas em conflitos.

Esta política esta formatada por forte viés ideológico e intencionava, principalmente, ampliar e consolidar áreas de influência capitalista na geopolítica internacional.

Esse foi um período em que os países em desenvolvimento passaram a exercer grande pressão por apoio e investimentos em suas economias, mas, sobretudo, reivindicavam suas inserções no processo de discussão e de governança da economia mundial.

Apesar de questionável por causa de generalizações ou de equívocos teórico-metodológicos em sua abordagem, na prática das relações internacionais, desiguais, na conjuntura instável do pós-guerra, o que equivocadamente prosperou foi uma geopolítica tripartite por meio da idéia dos “três mundos”, que diferenciava os países do capitalismo avançado, daqueles alinhados com o socialismo de Estado, dos países em desenvolvimento e/ou subdesenvolvidos, estes denominados de “Terceiro Mundo”.

A subdivisão do mundo por grandezas econômicas, associada às disputas geopolíticas de poderes pela influência ideológica promoveu o surgimento e a expansão das agências internacionais para o desenvolvimento econômico e social no mundo capitalista.

Este fato se constitui como determinante para viabilizar a organização institucionalizada da sociedade civil, por meio das ONGs, em todo o mundo. Este processo inicia-se a partir daquelas instituições com perfil de atuação internacional e se projeta com grande vigor em campos diversos da atuação organizada da sociedade civil

abarcando instituições mais setorializadas, com atuações regionais até englobar outras mais simples de atuação comunitária e local.

Segundo Aquino (2003), a Organização Internacional do Trabalho – OIT e o Conselho Mundial de Igrejas foram as duas primeiras entidades a receberem a designação ONG, vinculando-se ao ECOSOC, como entidade consultiva, por meio de contrato. Gohn (2002) considera as grandes ONGs internacionais, como o Greenpeace, a Rainforest, a Anistia Internacional, etc., como produtos típicos da era da globalização.

Neste ponto da reflexão, torna-se importante fazer um destaque para a questão da ideologia como um viés potencial para demarcar as ações e as contradições político-sociais que caracterizam a trajetória histórica das ONGs.

Althusser (1970), ao discutir a teoria do Estado a partir do legado Marxista agrega, também, a perspectiva desenvolvida por Gramsci de que o Estado não se reduz a aparelho repressivo e compreende certo número de instituições da sociedade civil.

Ele estabelece, então, distinção entre poder de Estado e aparelho de Estado, avançando na elaboração do conceito de “Aparelhos Ideológicos de Estado – AIE”, como certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas que, predominantemente, atuam por meio da pluralidade das idéias e que pertencem ao domínio do privado.

Entre outros AIE, o autor destaca a escola, a família, a justiça, a política, o sindicato, a cultura e a informação. As ONGs, assim como todo o conjunto da sociedade civil estão mergulhadas neste labirinto conservador e, em parte, edificam sua identidade a partir da ideologia dominante, que é a ideologia do capitalismo hegemônico, detentor dos recursos financeiros, que promovem, ao nível internacional e local, o desenvolvimento econômico e, em muitos casos, enquadra a atuação das ONGs ao mercado, por meio do que se qualificou, a partir dos anos de 1970, de “Terceiro Setor” conceito que um pouco mais adiante retornaremos para aprofundar entendimentos e controvérsias.

Todavia, essa posição não é exclusiva. Um grande número de ONGs estão ligadas aos movimentos de resistência à dominação do capital e se movem por uma ideologia contra-hegemônica com orientação crítica fundamentada, principalmente, nas correntes teórico-filosóficas de cunho marxista.

Tendo como foco as contradições da sociedade globalizada se constata que a perspectiva ideológica motiva e justifica a existência de grande diversidade na atuação

das ONGs, quer sejam, instituições com atuações internacionais, setoriais, temáticas, locais e/ou comunitárias.

O que se verifica é que elas integram todo o processo de produção e divulgação de idéias opostas na sociedade, porque, continuamente, estão a trazer os conflitos existentes no meio específico onde são produzidos.

Concomitantemente, relacionam-se em graus distintos, com a complexidade da atualidade, na medida em que estão inseridas numa conjuntura altamente instável de processos e de elementos da ordem mundial em transição. Dessa forma, manifestam lógicas, posições e tendências polivalentes, que competem e interagem entre si, combinando possibilidades diversas de coerção e consenso, dominação e resistência.

A abordagem crítica da temática “ONGs” permite desvelar múltiplas ideologias em disputa, em tempos e lugares específicos que, paulatinamente, ilumina a compreensão desta complexa questão, a partir dos tempestivos cenários em que florescem.

A compreensão de questões axiológicas sobre a temática ONGs pode ser fortalecida a partir de estudos e da análise da política de protecionismo estatal conhecida por “Estado do Bem-estar”, “Estado Keynesiano” ou “Estado Providência”, que priorizava no mesmo período pós Segunda Guerra, o desenvolvimento do capitalismo industrial por meio de intervenção estatal e do fortalecimento da democracia burguesa com políticas de concessão de direitos sociais aos trabalhadores, que, consolidou, no século XX, a expansão dos direitos sociais.

Neste contexto, as temáticas dos direitos humanos em conjunto com a questão da democracia deliberativa e do controle do Estado constituem bandeiras centrais da atuação política das ONGs mais progressistas, para reivindicar transformações sociais.

Na opinião de D’Orfeu (2007), presidente da coordenação nacional de ONGs francesas de solidariedade internacional _ “Coordination SUD”, quando afirma que a defesa dos direitos universais, sejam esses direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais ou ambientais é a referência comum que cria unidade, na diversidade, para as ONGs em todas as regiões do mundo. Neste sentido, este autor considera que as noções de interação, alianças e compromissos são bem mais ricas e respeitadas num mundo em que as dinâmicas são incalculáveis.

Na visão deste militante, as ONGs são “associações de cidadãos que defendem direitos universais” e que devem “lutar contra o inaceitável”. Em sua opinião esta luta desenvolve-se em dois níveis: o da ação local, mais próxima das vítimas e em conjunto

com elas, mais próxima, também, dos problemas que elas enfrentam; e o da ação internacional, nas margens dos processos diplomáticos nos quais se negociam as novas regras e os novos direitos internacionais. Ele afirma que parte da legitimidade das ONGs vem de sua capacidade de articulação nesses dois espaços – local e internacional.

A fala de D’Orfeuill sinaliza para uma importante questão contemporânea, na atuação das ONGs, que se refere ao papel de mediação entre mundo da vida e a interface de sistemas auto dirigidos, que caracterizam as sociedades complexas em nossa atualidade, possibilitando integração social ao promover a possibilidade de reconhecimento e legitimidade de novos direitos dos cidadãos, pela pressão auto determinada e organizada da sociedade civil na estrutura do Estado de direitos.

Por considerar que a legitimidade não está dada, a priori, para as ONGs, declara que elas precisam identificar-se, pois essa legitimidade, somente é conquista por meio de seu compromisso militante.

Propõe, então, que as ONGs devem inserir em seus estatutos os objetivos que buscam e dizer quem são, definindo com objetividade seu leque de ação, explicando com clareza o que fazem e dando visibilidade em seus relatórios financeiros sobre a origem de seus recursos.

Na realidade, o autor sugere que as ONGs assumam o desafio de buscar construir uma prática coerente e ética a partir das contradições entre facticidade e legitimidade, que tanto caracteriza a democracia e o direito na modernidade.

Em sua análise, só uma transparência total pode permitir que sejam evitadas suspeitas quanto a possíveis segundas intenções de uma associação: o que consistiria em defender interesses particulares e não direitos universais. E nesta questão é radical quando explicita sua posição:

Essa transparência deve caminhar lado a lado com a possibilidade de discriminar “ovelhas negras”. A adesão a uma plataforma nacional de ONGs dotada de uma carta que precise as condições de associação pode constituir uma primeira barreira (D’Orfeuill: 2007, p.74).

A essa altura da discussão é importante considerar que a conquista histórica dos direitos universais na trajetória da sociedade moderna foi resultado dos avanços e contradições conquistados ora pelos ideais liberais progressistas, ora pela pressão revolucionária dos ideais socialistas. A radicalização das contradições entre o capital e o

trabalho, obrigou o capitalismo, ao se recompor no pós-guerra, a garantir desenvolvimento econômico controlado pelo Estado, com ampliação de direitos sociais.

Formatado por esta conjuntura, o Estado do Bem-estar caracterizou-se pela extensão gradual do direito de voto à totalidade dos adultos _ destacando-se, aqui, a ampliação da participação da mulher na sociedade, por força e luta do movimento feminista _ expansão das funções de intervenção do Estado, conversão da questão social em prioridade política e, finalmente, pela incorporação da dimensão social na própria democracia liberal, introduzindo aos dispositivos legais do Estado os direitos sociais.

Essa nova estratégia de desenvolvimento capitalista enfrentou grande resistência dos teóricos do liberalismo, cujas críticas questionavam e rejeitavam o potencial de intervenção do Estado no mercado, que consideram auto regulável.

Esse projeto, todavia, conseguiu resistir com êxito entre as décadas de 1950 a 1970 em função da habilidade dos Estados capitalistas avançados para administrar suas economias nacionais mantendo em prática a democracia liberal e criando um sistema de cooperação entre os países no cenário da economia internacional.

Essa fase de desenvolvimento capitalista, historicamente vivida na combinação de lutas políticas dos trabalhadores e dos movimentos sociais, associada às condições econômicas favoráveis e arranjos institucionais específicos _ caso dos investimentos e da relevância pública conquistados pelas ONGs _ trouxe o enraizamento e a estabilidade da relação entre regime democrático, direitos universais e o mercado capitalista.

Contudo, a crise na economia capitalistas mundial, em meados dos anos de 1970, abalou esse arranjo do liberalismo moderno, impondo dramático enfrentamento entre Estado de Bem-estar e ideologias pró-mercado, neoliberais.

Mesmo assim, a relação entre sociedade civil e Estado, numa visão ampliada, permanece vigorosa até o presente, consolidando a institucionalidade de uma nova esfera entre o público e o privado, o que diversos autores denominam como a esfera do público não-estatal.

Na perspectiva progressista, a esfera do público não-estatal se constitui espaço em busca de fortalecer e ampliar a cidadania auto determinada e envolve atuação de pessoas, coletivos organizados, movimentos sociais e instituições, movidos por princípios de participação e controle social do Estado, pautados pela democracia deliberativa, enquanto valores motores de suas ações.

Entretanto, o espaço legítimo das instituições situadas entre o mercado e o Estado, que exercem o papel de mediação das questões sociais com as instituições

governamentais, sofre as conseqüências da crise do capital. Isso porque a nova política do capital de parcerias ente o Estado e sociedade civil implica numa formatação conservadora, acrítica e manipuladora, que impõe adequação das organizações a uma concepção de estrutura instrumental-empresarial auto-sustentável.

Ou seja, o apoio financeiro para o desenvolvimento de ações sociais se torna escasso e parcial. As instituições, cada vez mais, têm que apresentar suporte financeiro por meio da comercialização de produtos e serviços, que lhes garantam fontes autônomas de rendas ou recursos.

Este é um processo que tenta impor um modelo de mercado para as ONGs, visando neutralizar o ímpeto transformador da sociedade civil. Lamentavelmente, esta política, aos poucos, está se constituindo como padrão nas relações inter-institucionais das ONGs no mundo globalizado.

O processo de transição para o século XXI mergulhou o cenário internacional em situação paradoxal de grande complexidade e em conseqüências imprevisíveis. No contexto da sociedade contemporânea, a democracia liberal, enfrenta profunda crise, que, de um lado, é capaz de articular, mundialmente, inúmeros segmentos organizados da sociedade civil, fazendo surgir novas instituições, caso das ONGs, novos movimentos sociais, novas formas de lutas e resistências, na perspectiva de edificar-se um Estado democrático-deliberativo.

De outro lado, depara-se com a ação conservadora do capital, acompanhada da implantação de perigosa reestruturação, que ameaça as históricas conquistas do Estado moderno, porque o desagrega, por meio de inescrupulosa e centralizadora globalização econômica, se projetando, agora, numa fase de desenvolvimento do capitalismo não mais produtivo, mas especulativo internacional, que faz ruir soberanias nacionais; desmonta responsabilidades sociais do Estado; impõe o discurso unilateral das políticas recessivas, como doutrina de verdade e avança com poderio bélico de um estado-cêntrico ou de bloco hegemônico como estratégia para substituir as possibilidades democráticas de diálogo multicêntrico _ entre Norte e Sul, por exemplo _ pelo autoritarismo mundial das superpotências e a prioridade no Estado-Segurança, mediante práticas atentatórias às leis, às instituições e à própria democracia liberal. Bonavides afirma:

Cumpre, portanto, rememorar que o terceiro estado¹⁸, vivendo contemporaneamente uma senectude acomodada de egoísmo e retrocesso, já estremeceu ao sopro das teses mais adiantadas, já fez, confiante e revolucionário a crítica severa das desigualdades sociais, já foi nos seus dias proibidos de afirmação doutrinária, quando teve cativos de sua sorte os destinos da civilização e da liberdade popular, uma ideologia combativa de heróis e mártires. O poder político do terceiro estado começa inquestionavelmente com a Revolução Francesa, chega ao seu apogeu com a idade liberal do século XIX e cai de maneira irrecuperável com as revoluções do século XX (2003, p. 125).

Gómez, com base em Gramsci, analisa que a ordem mundial atravessa um período indefinido de transição, com elementos de continuidade e de ruptura, em que o novo não termina de nascer e de se consolidar e o velho não termina de morrer. O autor argumenta:

Um interregno em que as formas dominantes estão representadas pela “velha ordem” da globalização multilateral e a “nova ordem” ascendente da globalização militar. Ao mesmo tempo, sinais ainda embrionários apontam a emergência de uma globalização democrática potencial, constituída por uma constelação de forças sociais que contestam as formas, o conteúdo e as conseqüências das duas anteriores, com um perfil e uma agenda assumidamente contra-hegemônicos (2007, p. 29).

A seguir, desenvolvo uma interseção dessa análise sobre a origem e as contradições desse fenômeno das ONGs na sociedade moderna e o pensamento de Habermas com objetivo de aprofundar a compreensão do problema em foco.

3.2.1. Iluminando a temática social das ONGs com pensamento de Habermas

Habermas é um dos principais pensadores contemporâneos que sustenta a defesa da modernidade. Desse ponto, afirma a relevância do paradigma da ação comunicativa para argüir as possibilidades de se aprofundar o modelo da democracia deliberativa que, em sua perspectiva, implica numa outra dimensão da política entendida como processo de persuasão argumentativa e de razão _ e não exclusivamente de vontade e de poder, institucionalizados no “complexo parlamentar” e no mundo

¹⁸ Bonavides assinala que o Estado constitucional, de sua inauguração até os tempos correntes, ostenta três distintas modalidades essenciais: A primeira é o Estado constitucional da separação de Poderes (Estado Liberal); a segunda, o Estado constitucional dos direitos fundamentais (Estado Social); e a terceira, o Estado constitucional da Democracia participativa (Estado Democrático-Participativo).

sistêmico _ dirigidos para a consecução de um acordo relativo a uma forma boa ou justa, ou pelo menos aceitável, de ordenar aspectos da vida, que se referem às relações sociais e ao bem comum.

Em Habermas, esta potencialidade está contida na dimensão do que, processualmente, se denomina como “esfera pública”: um conjunto de arenas políticas informais, dialogicamente discursivas e democráticas referenciadas no contexto cultural e de base social, que formam uma tensão entre plano formal/instrumental e inúmeras possibilidades de formação da opinião pública, no mundo vivido.

Por meio da categoria esfera pública, ele busca compreender a evolução social da modernidade capitalista, como um duplo processo das relações sociais de poder entre grupos de interesses distintos e a alienação delas decorrente, para propor uma reestruturação do legado de Marx, que possibilite recuperar a relação entre racionalidade e cultura, como potencial para a emancipação e como desafio para uma modernidade inacabada, que até o presente não consegue concretizar seus ideais civilizatórios.

Avritzer (2004), em sintonia com Habermas, ao discutir as concepções e uso da teoria crítica e da esfera pública, na América Latina considera que, por meio desses conceitos se identificou uma esfera de integração de grupos, associações e movimentos, os quais, abriram um novo caminho dentro da teoria democrática, introduzindo a possibilidade de uma relação argumentativa crítica com a organização política, que estabelece intercâmbios entre racionalidade e participação ativa.

Desde 1961, quando escreveu seu trabalho de livre docência “Habilitation” na Universidade de Marburg, no estado de Hessen – Alemanha, Habermas dedica-se ao estudo histórico e sociológico da esfera pública. Essa categoria de análise acompanha Habermas por diversas outras obras entre as quais podemos citar: A Mudança Estrutural da Esfera Pública (1962), A Teoria da Ação Comunicativa (1981) e, Entre Fatos e Normas (1992).

Conforme esse autor é na esfera pública que se dão os debates para a formação da opinião pública e ao longo da história da humanidade o conceito e a dimensão de esfera pública passam por diferentes significados.

Desde a Antiguidade Grego-Romana até a Idade Média, não havia diferença entre público e privado. Público significava a corporificação de poder superior e/ou sagrado, associado à representação pública da soberania real, onde, até o selo de um príncipe o representava e era denominado, na sociedade feudal, de público.

Então, até o Século XVI, “público” estava associado ao Estado absoluto, objetivado na pessoa do soberano e o “privado” significava o que era excluído deste aparelho estatal. Com o lento processo de separação da sociedade do Estado, separaram-se também as esferas, pública e privada.

As controvérsias da opinião pública, no Século XVIII, sobre o princípio da soberania absoluta possibilitou, pela primeira vez, a formação de uma esfera pública política, que por meio da crítica e do debate defendiam garantias individuais e inclusão universal, em termo de direito constitucional.

Foi neste processo de inscrição de direitos na Constituição de países europeus, nos primórdios da modernidade, que se constituiu a esfera pública burguesa, definindo sua função política na defesa do caráter privado da sociedade. Daí seu papel progressista ter sido referência histórica nas lutas e reivindicações da nova classe social emergente.

A partir de então, o ordenamento jurídico não é mais extraído das formações mais antigas do Estado estamental. É sancionado numa lei colocada como fundamental ou constituição, onde se encontra articulada a função política da esfera pública. Habermas aponta para a conquista de três tipos de direitos, em que a definição da esfera pública e da sua função política se efetivou como garantia constitucional:

Um grupo de direitos fundamentais refere-se à esfera do público pensante (liberdade de opinião e de expressão, liberdade de imprensa, liberdade de reunião e de associação) e à função política das pessoas privadas nessa esfera pública (direito de petição, direito eleitoral e de voto igualitário, etc.). Outro grupo de direitos fundamentais refere-se ao status de liberdade do indivíduo fundado na esfera íntima da pequena-família patriarcal (liberdade pessoal, inviolabilidade da residência, etc.). O terceiro grupo de direitos fundamentais refere-se ao intercâmbio dos proprietários privados na esfera da sociedade burguesa (igualdade perante a lei, garantia de propriedade privada, etc.). Os direitos fundamentais garantem: as esferas do público e do privado (com a esfera íntima como o seu cerne); as instituições e instrumentos públicos por um lado (imprensa, partidos) e a base da autonomia privada (família e propriedade) por outro lado; por fim, as funções das pessoas privadas: as suas funções políticas enquanto cidadãos, bem como as suas funções econômicas enquanto donos de mercadorias e enquanto “seres humanos” a função da comunicação individual, por exemplo, através da inviolabilidade da correspondência (2003, p. 103).

O Estado de Direito burguês pretendeu à base da função de sua esfera política, uma organização de poder público que garantisse subordinação às exigências de uma esfera privada, pretensamente neutra quanto ao poder e emancipada quanto à dominação.

Porém, no Século XIX, Marx e Engels (1980) já conseguem identificar contradições que formatavam a idéia de esfera pública da sociedade civil burguesa e denunciavam que a universalidade na sociedade capitalista era uma ficção, pois a oportunidade de acesso a esfera pública burguesa era restrita e desigual.

Acrescentam que tudo que a classe burguesa defende como universal era simples generalização em busca de legitimar, unicamente, os seus interesses de classe mistificados em “interesses universais”.

Infere-se, então, ser insustentável manter a identidade entre burguês e ser humano, tal como apresenta a ideologia dominante, posto não existir compatibilidade entre propriedade privada e a autonomia do homem, o que inviabiliza ou bloqueia, por meio da dominação, a interação entre opinião pública e razão.

Habermas em concordância com Marx, esclarece que a predominância da esfera pública burguesa foi alcançada por meio da violação de seus próprios princípios constitutivos e legitimadores, que defendiam direitos universais com base nos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade.

Contudo, é esse papel predominante paradoxal desempenhado pelo capitalismo durante os séculos XVIII, XIX e XX, que justifica a posição de Habermas em privilegiar no edifício de seu pensamento, um enfoque crítico a partir da esfera pública burguesa, pois a considera categoria central de análise e compreensão da modernidade.

Habermas avalia que a partir da esfera privada publicamente relevante da sociedade burguesa constitui-se uma esfera socialmente repolitizada, em que instituições estatais e sociais se ligam em um único complexo de funções que não é mais diferenciável.

Por um lado, a separação entre Estado e sociedade é superada e o Estado interfere na ordem social provendo, distribuindo e administrando. Por outro lado, a concorrência dos interesses privados organizados, progressivamente, penetra na esfera pública.

Para esse autor a esfera pública assume funções de propaganda. Quanto mais ela pode ser utilizada como meio de influir política e economicamente, tanto mais apolítica ela se torna e tanto mais aparenta estar privatizada.

É o processo que Habermas designa de “refeudalização” da esfera pública, onde o público preferencial (o público privado), com seus atores privilegiados (os líderes empresariais), consegue cada vez mais transformar seus interesses particulares em políticas públicas. O que numa linguagem mais próxima da nossa realidade pode ser interpretada por meio do crescente processo de oligarquização do Estado em que interesses públicos e privados se fundem.

Porém, essa trajetória não aconteceu de forma retilínea. Pelo contrário, foi permeada pela contradição em seu bojo. Foi esse mesmo desenvolvimento do capital por meio das intervenções estatais na esfera privada, principalmente, no período da sociedade industrial organizada como Estado-social, que traz a inclusão de outras classes sociais (não proprietários), para a esfera pública, permitindo reconhecer que as grandes massas, agora admitidas à co-gestão, conseguem traduzir os antagonismos econômicos em conflitos políticos, fato esse que acelera a disputa por mudanças estruturais na esfera pública burguês-hegemônica e revigora a participação da sociedade civil, numa perspectiva com potencial para exercer ações críticas e transformadoras.

Nesse sentido, o pensamento de Habermas evolui na medida em que aprofunda estudos sobre as transformações na esfera pública na modernidade. Em “Mudança Estrutural da Esfera Pública” (1962) e, ainda, em “A Teoria da Ação Comunicativa” (1981), ele identificava na burocracia do aparelho estatal a fonte de restrição da esfera pública, onde o poder administrativo do Estado moderno se configurava como obstáculo ao poder crítico e comunicativo para formação da opinião pública, enquanto forma de legitimação de uma atuação política transformadora.

A partir dos anos de 1990, Habermas passa a defender que o Estado é influenciado de modo indireto pela esfera pública, sendo então não apenas produtor de dominação, mas um potencial produtor de transparências, que podem ser efetivadas através de uma lógica racional-discursiva exercitada na disputa dos melhores argumentos, através do exercício cotidiano para construção da democracia deliberativa.

O que Habermas busca neste processo é desenvolver uma concepção da democracia como processo que cria na sociedade civil um público engajado, que discute o bem comum em vez de promover o bem privado de cada um e cuja legitimidade

deriva da participação de todos em discursos racionais. Essa é uma das perspectivas da educação para os direitos humanos.

A pretensão de Habermas é potencializar este âmbito do social, responsável pela mediação entre sociedade civil e Estado, no sentido de fazer valer as necessidades da sociedade civil diante do Estado e no interior deste.

Após essa reflexão dialógica com o pensamento de Habermas pode-se avançar na compreensão crítica das Organizações Não-Governamentais- ONGs, considerando-as como espaços de vários mundos e de vários sentidos, cujas relações são estabelecidas por práticas, que são discursivas e dessa forma exigem comunicação e, também, políticas na medida em que convive com conflitos, os desafia, na defesa e promoção de seus ideais.

Entende-se, então, que tanto a comunicação quanto a política tornam-se condição de possibilidades para as Organizações Não-Governamentais, como espaço público, ou seja, como espaço de participação e de debate, de intercâmbio argumentativo de idéias e de luta por direitos, espaço de sociabilidade e convivialidade no exercício de relações sociais cotidianas.

Inspirado nas idéias desenvolvidas por Habermas é possível destacar duas dimensões da funcionalidade das ONGs, a partir do entendimento destas, como organizações comunicativas. As ONGs são instituições formais, com existência legalmente constituída e, portanto, pertencem ao mundo instrumental e nesta conformação sofrem interferências dos sistemas, sendo assim, determinadas pelos imperativos do poder e da economia dominantes. Nesta lógica, a atuação das ONGs torna-se funcional ao mundo capitalista. Serve de forma mecanicista e/ou burocrática aos interesses hierárquicos da comunicação hegemônica.

Por outro lado, as ONGs, em sua grande maioria, estão envolvidas com as lutas sociais, quer no âmbito de comunidades específicas, quer no âmbito internacional ou atuando nas duas dimensões conjuntamente. Suas ações educativas, políticas e sociais são construídas por meio de racionalidades pautadas em componentes que valorizam a ética, a formação para cidadania ativa, o fortalecimento da democracia e o controle social do Estado.

Por meio de suas causas e lutas, possibilitam uma interação comunicativa entre seus membros e suas comunidades e destes com inúmeros outros segmentos e movimentos sociais em busca de promover racionalidades que, ao mesmo tempo, podem ser macro e micro social.

De modo geral, elas interagem com vários tipos de racionalidades em torno de entendimentos possíveis, envolvendo suas ações cotidianas, mediadas linguisticamente por meio de lógicas argumentativas e ações políticas, na procura de eixos tanto no mundo sistêmico, quanto no mundo vivido.

Todavia, este percurso tem sido permeado por profundas crises de identidades, históricos conflitos ideológicos, imensas disputas políticas (de espaço e de poder) com o Estado e, entre pares, caracterizando um processo de contínua metamorfose de ações sociais, que intercalam aspectos mais críticos e transformadores da sociedade com formas adaptadas e reprodutivistas da realidade social.

Mesmo assim, as ONGs mantêm em todo o mundo um prestígio invejável na opinião pública. Bava (2001) recorre à pesquisa sobre ONGs em cinco países industrializados (EUA, França, Inglaterra, Alemanha e Austrália), encomendada por multinacionais à empresa de relações públicas Richard Edelman, para afirmar a importância dessas organizações na sociedade contemporânea.

Destaca que, em geral, as pessoas têm o dobro de confiança nas ONGs em comparação com governos, empresas ou com a mídia, sendo que, na França, esta diferença é ainda mais gritante. Lá as ONGs são três vezes mais confiáveis que o governo, cinco vezes e meia que as empresas privadas e nove vezes mais que a imprensa.

Relata que os europeus manifestam empatia com as causas e os valores que as ONGs defendem e que o trabalho de instituições como Greenpeace, Anistia Internacional e Médicos Sem Fronteiras inspiram muita credibilidade.

Acrescenta que a razão para o sucesso das ONGs deriva do fato de possuírem causas claras e compreensíveis, da agilidade de comunicação, do poder para influenciar a mídia, de estarem sempre na ofensiva, porque difundem idéias diretamente ao público e porque são capazes de formar coalizões.

Contudo, revela-se preocupado com o acirramento das reações virulentas de Estados conservadores frente às críticas e ações públicas das ONGs, que, mundialmente, já conquistaram o espaço no debate democrático.

Na seqüência dessa discussão se faz necessário, agora, contextualizar com maior profundidade a temática das ONGs à realidade brasileira, buscando compreender as várias dimensões da organização institucionalizada da sociedade civil e suas contradições na interação entre Estado e a esfera pública não-estatal.

3.2.2. Contexto histórico das ONGs no Brasil

Nas últimas duas décadas e meia a democracia, no Brasil, vivencia um provocante processo de exercício da participação organizada e diversa da sociedade civil, nas lutas por direitos e cidadania, sobretudo, através do que se passou a politicamente denominar ser o campo de atuação das “Organizações Não-Governamentais- ONGs”.

Esse fenômeno social polêmico e contraditório está envolvido em imprecisões conceituais e enquadramentos generalistas. Todavia, pouco a pouco estão se multiplicando estudos, pesquisas e debates no meio acadêmico, no mundo político, em várias instâncias governamentais e, sobretudo, em expressões variadas da sociedade civil organizada, para o aprofundamento de questões relevantes sobre essa temática na realidade brasileira contemporânea, que estão contribuindo para iluminar a compreensão de partes dessa problemática, ainda distante de se apresentar como campo pacífico.

Ao iniciar os estudos sobre a questão das Organizações Não-Governamentais (ONGs), no Brasil, resolvi privilegiar a produção das pesquisas locais, realizando na biblioteca do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará – UFC, um levantamento das dissertações e teses que discutem esta pauta.

Minha atitude possibilitou lançar âncora no conhecimento local, a partir de pesquisas cuja empiria está contextualizada na realidade do município de Fortaleza e/ou do Estado do Ceará, para dialogar, então, com os saberes e desafios nacionais e globais sobre esta tematização social.

Outro aspecto fundamental desta iniciativa foi o acesso imediato à riquíssima referência bibliográfica sobre ONGs, que se apresentou como verdadeira cartografia da produção intelectual brasileira, em áreas diversas do conhecimento (Educação, Direito, Filosofia, História, Sociologia, Ecologia). Mais importante, ainda, foi constatar que tais produções acadêmicas se relacionavam com aspectos da defesa e promoção dos direitos da criança e do adolescente e em especial dos direitos da juventude, que é temática central da pesquisa que desenvolvo.

Localizei uma dissertação da autoria de Octávia de Carvalho Martin DANZIATO (1997), com o título “ONG’s no Ceará: a prática social com adolescentes – demarcações históricas e discursivas”, desenvolvida com a orientação do Prof. Dr.

Daniel Soares Lins. É um trabalho pautado na teorização de Foucault, onde a autora realiza uma história arqueológica da categoria adolescente através do resgate de práticas destinadas aos adolescentes no Ceará, desde o início do século XX, tentando demarcar os discursos que subsidiaram tais práticas.

Localizei mais três teses. E descobri mais um aspecto interessante. Todos os trabalhos foram produzidos no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFC, o que denota o vigor deste espaço acadêmico para enfrentar múltiplas e polêmicas questões sociais a partir de uma visão ampliada da Educação.

Célia Maria Machado de BRITO (2005) autora da tese “ONGs e Educação: ações, parcerias e possibilidades de contribuição para a melhoria da Escola e do Ensino Público” com orientação da Prof^a. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos, realiza um estudo de casos em duas organizações governamentais de Fortaleza, comprometidas com o protagonismo juvenil, com a democratização da educação e a inserção de direitos em escolas públicas.

Segundo a autora, a perspectiva da sua pesquisa é mostrar, a despeito da nebulosidade que envolve o campo de suas atuações, como instituições da sociedade civil vêm respondendo positivamente à tutela da defesa e formação de crianças, adolescentes e jovens, não só reivindicando e fazendo valer direitos constitucionais, mas também desenvolvendo ações no sentido de melhorar a escola pública e até de transformá-la.

Ela se utiliza de uma abordagem teórico-metodológica multireferenciada, mas recorre à teoria de Morran para fugir de explicações lineares e enfrentar a complexidade das questões sociais na atualidade que, em sua opinião, é ilustrada pela imagem de um caleidoscópio em que as partes se entrelaçam formando múltiplos mosaicos dos fragmentos que constitui o todo.

Marcos Antônio Paiva COLARES (2005), sob orientação do Professor Dr. André Haguette, se dedica a discutir o papel desempenhado pelas ONGs no tocante à formação de adolescentes para o trabalho e/ou à introdução dessas pessoas no mercado produtivo. Discute os conceitos de labor, trabalho e ação humana, na perspectiva abraçada por Hannah Arendt e de intelectualidade e organicidade, sob a óptica de Antonio Gramsci.

Ivna de Holanda PEREIRA (2006) identifica, descreve e analisa experiências desenvolvidas por ONGs, no Brasil, que trabalham com o segmento juvenil. Busca

compreender a relação e a contribuição estabelecida no processo formativo e na participação dos jovens envolvidos no contexto societário em que vivem. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2002 e 2004, sob a orientação da Prof. Dr.^a Maria Nobre Damasceno e recebeu o título “De jovens figurantes a jovens protagonistas: a contribuição das ONGs que trabalham com a juventude”. A autora desenvolve sua tese numa concepção teórico-metodológica multireferenciada, apoiada em autores que discutem as temáticas do seu interesse: juventude, sociedade civil e ONGs.

A temática “ONGs no Brasil” nos remete à necessidade de contextualizar em nossa realidade social histórica a evolução das relações entre sociedade civil e Estado, como reflexão central, que possibilita aprofundar questões sobre o perfil de atuação dos novos atores sociais e a institucionalização dos mesmos no jogo democrático do País. Apoiado nos autores acima apresentados, no pensamento de Paulo Freire e noutros autores se analisa, a seguir, esse percurso, que se apresenta como desafio, posto que o processo democrático, na realidade brasileira, foi muito fragmentado, é multifacetado e está caracterizado por profundas contradições.

3.2.3. Sociedade civil e novas perspectivas para a nossa democracia

No intuito de focar a discussão sobre o contexto do surgimento das ONGs no Brasil, tomaremos como referência, o desenvolvimento do capitalismo industrial na formação social da nossa sociedade, a partir das primeiras décadas do Século XX, considerando-se a efervescência deste período, como marco divisor do início de nossa modernidade que, em parte, altera as velhas alianças entre oligarquias rurais e setores conservadores da igreja católica, que tanto contribuíram para a naturalização do clientelismo¹⁹ e do populismo²⁰ nas relações entre sociedade e Estado.

Este período foi marcado pela ausência da dimensão pública nas ações do Estado, nos seus diferentes níveis e esferas. Aliás, é imprescindível observar, que uma das características do processo de industrialização do País foi consolidar o funcionamento do modo de produção capitalista, sem o compromisso correlato com a

¹⁹ Substituição do Direito e da Cidadania por trocas de favores, proteções e apadrinhamentos efetivados por políticos em instâncias de poder diversas.

²⁰ O termo populismo na América Latina, tem expressão a partir do início do Século XX, estando associado à industrialização, à urbanização e à dissolução das estruturas políticas oligárquicas, que concentravam firmemente o poder político na mão de aristocracias rurais. No Brasil, o populismo está ligado à Revolução de 1930, que derrubou a República Velha oligárquica, colocando no poder Getúlio Vargas, que viria a ser a figura central da política brasileira até seu suicídio em 1954.

própria democracia burguesa, que, entre nós, só vingará a partir do final da década de 1980, com a Constituição de 1988 que, após promulgada vem sendo paulatinamente desfigurada, no sentido de esvaziar as responsabilidades sociais do Estado. Fiori sintetiza esta análise com a seguinte reflexão:

Na verdade, o pacto conservador que sustentou o Estado desenvolvimentista no Brasil não computou a participação democrática em nenhuma de suas formas, e jamais patrocinou, por conseqüência, a institucionalização de estruturas que pudessem dar conta das pressões pela ampliação da cidadania política e social (1995, p. 145).

Entretanto, como já afirmamos anteriormente, a industrialização acarretou profundas transformações estruturais na realidade brasileira. As concentrações urbanas, em virtude da migração de elevados contingentes da população do campo para as cidades, mais a imigração estrangeira, que tanto influenciou a composição da classe operária trouxeram mudanças demográficas, políticas e sociais.

As questões preponderantes, neste período, gravitavam em torno das reformas político-administrativas nacionais com intuito de preparar os Estados, principalmente, do Sudeste e Sul do País, para um alinhamento com o projeto brasileiro de reestruturação econômica, modelada por meio do desenvolvimento industrial capitalista permitindo, ainda, regulamentar de forma conservadora os conflitos sociais que se intensificavam, conforme limites e interesses das classes dominantes.

Entre as mudanças mais significativas deste período destaca-se: criação da rede de escolas primárias e de Universidades (Direito, Administração, Filosofia, etc.); criação de sistemas previdenciários e da legislação trabalhista.

Este contexto de intensas mudanças sócio-econômicas caracteriza um fenômeno de desenvolvimento qualificado por vários autores como modernidade tardia, cujo projeto do nacional-desenvolvimento-capitalista, no Brasil, tenta romper com padrões arraigados à matriz conservadora e autoritária da nossa sociedade, de origem colonial, escravista, patriarcal, oligárquica e machistas, mas, concomitantemente, se concilia a eles, fortalecendo-os e perpetuando-os em novos parâmetros de desigualdades e exclusões sociais, que persistem até nossa atualidade.

Porém, não temos como negar que a industrialização brasileira caracteriza o marco divisório da implantação dos direitos sociais em nosso País. Carvalho considera que o período entre 1930 e 1945 foi o grande momento da legislação social. Mesmo

assim, faz ressalvas quanto à forma autoritária em que os avanços sociais foram formatados:

Mas foi uma legislação introduzida em ambiente de baixa ou nula participação política e de precária vigência dos direitos civis. Este pecado de origem e a maneira como foram distribuídos os benefícios sociais tornaram duvidosas sua definição como conquista democrática e comprometeram em parte sua contribuição para o desenvolvimento de uma cidadania ativa (2004, p. 110).

A nova realidade urbana, principalmente no sudeste, fez surgir novas demandas sociais, que se apresentam, sobretudo, em torno de condições básicas de vida nos bairros das grandes cidades: escola, moradia, trabalho, segurança, saúde pública, etc.

Esse é um período de intensa instabilidade política e grande disputa entre partidos. Mesmo com a política sindical controlada pelo Estado, afloram inúmeros movimentos de base, principalmente associações comunitárias e de moradores de áreas específicas, influenciadas, na maioria, pelo trabalho filantrópico e assistencial de igrejas católicas.

A configuração imposta pelo regime autoritário do Estado Novo determinou uma tutela do Estado sobre os direitos dos trabalhadores e controle discriminatório sobre a existência social, mas se considera que o surgimento dos operários, das lutas reivindicatórias dos trabalhadores e de sistemas de representação sindical possibilitou a experiência de movimentos organizados e institucionalizados, que passaram, ao longo das últimas décadas, a delinear a expressão de novos sujeitos sociais no oprimido espaço público da política brasileira.

3.2.4. Identidades em crises na atualidade

Os estudos de Danziato (1997) apontam que, lentamente, parte das organizações da sociedade civil, no Brasil, evoluiu de um trabalho eminentemente assistencial, para uma atuação mais engajada com a política social, como um processo decorrente da atuação, nestas instituições, de quadros advindos das universidades, de setores progressistas da igreja católica, da militância de esquerda dos partidos políticos, dos movimentos sindicais e sociais.

Os autores estudados coincidem em afirmar que as origens destas organizações são múltiplas (grupos religiosos, atividades educativas, movimentos sociais urbanos e rurais, extensões de representações sindicais, associações comunitárias, grupos autônomos de profissionais liberais, grupos políticos, lideranças empresariais, etc.), estando a maioria institucionalizada na forma de associações e parte menor como fundações.

Ao todo, no Brasil, as ONGs possuem uma gama de atividades diferenciadas, entre as quais se destaca: articulação e mobilização comunitária, assistência social, saúde coletiva, filantropia empresarial, ação caritativa e religiosa, trabalhos educativos, culturais e organizativos, assessoria técnica e cooperação internacional, defesa e promoção dos direitos humanos, preservação ambiental, etc.

Estas instituições trabalham com atores e sujeitos distintos, que possuem diversos níveis de formação (Fundamental, Médio, Superior e Pós-Graduação). Segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE²¹ a partir dos anos de 1980 há um avanço na atuação profissional em associações e fundações sem fins lucrativos e a área de formação das pessoas com ocupação remunerada ou atuando como voluntário é variada. Há predomínio de profissionais das Ciências Humanas (Educação, Psicologia, Sociologia, etc.), das Ciências Humanas Aplicadas (Direito, Serviço Social, Comunicação, Economia Doméstica, etc.) e das Ciências da Saúde (Medicina, Enfermagem, Terapia Ocupacional, etc.), que em muitos casos, atuam de forma pontual e às vezes até antagônica.

Outra questão apontada pelos estudiosos da temática em pauta refere-se ao espaço das organizações civis como locus da resistência de grupos contra a ditadura de 1964, criando e projetando unidade na sociedade civil organizada pela defesa dos direitos humanos e pela democratização do País.

A partir dos anos de 1970, acontece um processo de proliferação de organizações da sociedade civil movido pelo crescimento da economia capitalista nacional e, também, pela oferta de recursos financeiros internacionais, provenientes de projetos das agências de cooperação para o desenvolvimento social na América Latina. Por esta via, se formou e se fortaleceu, um amplo e diversificado campo de associações e fundações, no Brasil.

²¹ I – Perfil das fundações privadas e associações sem fins lucrativos em 2002 - 2003; II - As entidades de assistência social privadas sem fins lucrativos no Brasil em 2006 – 2007.

Esta tendência caminhou em progressão na década seguinte e, nos anos de 1990, entra em crise com a transferência de recursos internacionais para a África, Ásia e regiões envolvidas em conflitos armados. Com a realidade capitalista brasileira formatada como uma das doze (12) maiores economias mundiais e a democracia formal amplamente consolidada nas instituições do País, não havia mais necessidade de _ na avaliação das agências de cooperação internacional _ manter prioridade em investimentos para o desenvolvimento social no Brasil.

Na visão internacional, o Estado e a sociedade civil, brasileiros, já seriam capazes de enfrentar por si mesmos os próprios desafios da conjuntura nacional, apesar da imensa desigualdade social que nos caracteriza.

Atualmente, os recursos internacionais estão super restritos. Ainda são comuns em federações de organizações não-governamentais pertencentes a igrejas, (Cáritas Internacional, por exemplo), em alguns movimentos políticos e/ou temáticos internacionais (Meio Ambiente, DST/AIDS, etc.), que possuem atuação no País.

Apesar da diversificada forma de atuação, desde os anos de 1980, já se edifica em parte destas instituições uma identidade com denominadores comuns, que possibilita, posteriormente, adotar a denominação “Organização Não-Governamental – ONG”, como perfil de atuação política e social.

Entre as características compartilhadas pelos segmentos mais engajados das organizações da sociedade civil, destaca-se: envolvimento com os movimentos sociais, prioridade para ações educativas e culturais, interesse na pesquisa social, defesa da qualidade de vida por meio da cidadania, garantia de direitos humanos, defesa e promoção da democracia deliberativa, etc.

Brito aponta que o termo Organização Não-Governamental - ONG torna-se comum na realidade social brasileira somente a partir da década de 1980 e, nesta época, expressava micro organizações não governamentais, sem fins lucrativos, que atuavam junto aos movimentos populares, exercendo função de assessoria e promoção social:

No Brasil, pode-se dizer que essas organizações emergem na esteira da crise e da institucionalização dos movimentos sociais populares, enquanto assessores de lutas coletivas, ganhando importância estratégica, a partir de incentivos de órgãos estatais e organismos multilaterais, como entidades que não representam o governo, mas que têm finalidades e compromissos com interesses públicos (2005, p. 20).

Com a transição democrática as organizações institucionalizadas adquirem status de interlocutores privilegiados com o Estado que, naquele momento, precisava desta interface para administrar a grande pressão social contra o autoritarismo e a repressão, que caracterizaram todo o período da ditadura militar.

Pereira (2006) observa que, na segunda metade da década de 1980, novas temáticas (AIDS, gênero, questões étnicas, direitos humanos, etc.) e novos desafios se incorporam ao cenário de atuação das ONGs, entre os quais, destaca a questão que se refere à efetiva partilha de poder entre Estado e sociedade civil, pois, na medida em que se avança na democratização do País, torna-se maior a necessidade de superar relações conservadoras, ainda mescladas por condicionantes ideológicos e econômicos.

Entre nós, o edifício democrático é, sobretudo, um grandioso processo inconcluso de aprendizagem social e traz consigo novos paradigmas de ação, que intensificam os conflitos entre sociedade civil e Estado e passam a privilegiar, em tese, o diálogo, no sentido de acelerar e consolidar conquistas por cidadania.

As mobilizações sociais decorrentes do processo de organização da sociedade civil fizeram gigantescas pressões e conseguiram garantir a Constituição de 1988 e nela um leque de avanços sociais progressistas de base democrática, “mesmo estando naquele contexto a democracia e a Assembléia Constituinte sob controle de atores políticos conservadores e ligados ao regime militar” (Martins, 1997).

No Brasil, a Constituição de 1988 consolida, na formalidade legal da Carta Magna, inúmeras conquistas sociais de cunho progressista e o próprio Estado Democrático de Direito. Contempla a abertura de espaços públicos para um conjunto ativo de políticas participativas e inovadoras, que ampliam e fortalecem a legitimidade da sociedade civil na luta afirmativa por direitos reivindicados socialmente.

É nesse contexto que surgem vários dispositivos de participação social e cresce o número de organizações da sociedade civil, como importantes conquistas dos movimentos sociais desse período e da década anterior. Sobre isso esclarece Bodião:

Ainda que se frise a enorme distância entre os princípios da lei e uma realidade assentada em desigualdades, discriminações e exclusões parece razoável se considerar que a concepção universalista de direitos sociais, presente na Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, passou a ser acolhida, pelo Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988 (2003, p. 2).

Esse relevante momento da história brasileira significa o resgate por parte dos movimentos sociais e das organizações da sociedade civil, da política em sua expressão mais ampla e verdadeira, entendida como espaço de conflitos e mediações, de agregação e de unificação da sociedade não só em torno da organização dos interesses comuns da própria vida, mas, também, para a conquista do poder, da direção e da liderança por parte da sociedade civil, na perspectiva da “política dos cidadãos”. Nesse sentido, Nogueira destaca:

Está concentrada na busca do bem comum, no aproveitamento civilizado do conflito e da diferença, na valorização do diálogo, do consenso e da comunicação, na defesa da crítica e da participação, da transparência e da integridade, numa operação que se volta para uma aposta na inesgotável capacidade criativa dos homens. É a política com muita política (2001, p. 58).

Para esse referido autor, época, como a nossa, contaminada pela racionalidade instrumental, é mais favorável à política dos políticos ou a política dos técnicos do que à política dos cidadãos. Mas, talvez até mais do que outras, tende, também, a depender fortemente da presença da política dos cidadãos, sob pena de não se encontrar ou de perder o rumo.

Os anos de 1990 demarcaram, desde seu início, mudanças substanciais para as organizações da sociedade civil. Uma grande parte identificada com o conceito de ONG e pautada pela promoção de direitos e da cidadania, defesa da ética na política, fortalecimento da democracia, desenvolvimento ambientalmente sustentável e socialmente justo se afasta do papel de assessoria dos movimentos sociais e se torna autônoma.

Neste contexto, Pereira (2006) faz importante referência relacionada a fundação da Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais – ABONG, datada do dia dez (10) de Agosto de 1991, que surgiu para contribuir significativamente na consolidação da identidade institucional de grande parte dessas organizações, especificamente, daquelas que pautam suas ações e atividades por meio da defesa e promoção de causas, tais como, justiça social, direitos humanos, cidadania e democracia.

É necessário frisar que ONG é uma denominação político-ideológica auto declarada e não se trata, de forma alguma, da personalidade jurídica de instituições sem fins lucrativos, que a legislação brasileira tipifica como associações e fundações. Estas

duas possibilidades são as formatações jurídicas para o que se designa chamar de ONGs. O termo ONGs é polissêmico, carrega identidades plurais, representações sociais e significados diversos e, quase sempre, contraditórios.

Entre 3 e 14 de Junho de 1992, se realizou no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - CNUCED, também conhecida como ECO-92 ou RIO-92, reunindo representantes governamentais e Organizações Não-Governamentais de 175 países, em torno de discussões e deliberações sobre desenvolvimento global sustentável.

Esta conferência é considerada o evento ambiental mais importante do século XX, pois foi a primeira grande reunião internacional realizada após o fim da Guerra Fria e tornou-se marco histórico para a conscientização mundial a respeito do quadro crítico de agressões ao meio ambiente.

Para as organizações da sociedade civil brasileiras a criação da ABONG e a ECO 92 formam o marco que edifica a legitimidade do nome “ONG”, pois foi a partir destes fatos que se evidenciam, com grande visibilidade na mídia, a articulação e a força dessas instituições privadas, no enfrentamento das questões sociais e no compromisso com as questões de interesse público, outrora, exclusivos dos setores governamentais e dos representantes do Estado.

Outra característica dos anos de 1990 é a transição das estratégias de enfrentamento das demandas sociais por meio do conflito contra o Estado, típicas das organizações e movimentos sociais no período entre 1960 e até o final dos anos 80, para novas posições de diálogo e de parceria entre setores públicos e privados. Montaño faz uma avaliação crítica desse processo nos seguintes termos:

A chamada “parceria” não é outra coisa senão o repasse de verbas e fundos públicos no âmbito do Estado para instâncias privadas, substituindo o movimento social pela ONG. E essa verdadeira transferência de recursos públicos para setores privados não ocorre sem uma clara utilidade política governamental. O Estado é, portanto, mediante a legislação (leis como do “voluntariado”, do “terceiro setor”, da “OSCIP, das “parcerias”) e repasse de verbas, um verdadeiro subsidiador e promotor destas organizações e ações do chamado “terceiro setor” e da ilusão do seu serviço (2005, p. 146).

Esta transição foi impulsionada pelas mudanças de paradigmas no cenário do capitalismo internacional, desde a crise econômica de 1970, que se expressou por meio

de dois principais vetores: i) aceleração da globalização das atividades econômicas, com ênfase na globalização dos mercados, da produção e, principalmente, financeira; ii) rápido e significativo desenvolvimento tecnológico surgido no âmbito da chamada III Revolução Industrial²².

Ambos os movimentos formam um novo círculo virtuoso de desenvolvimento capitalista, paradoxalmente demarcado por grave crise estrutural, que impõe a inflexão neoliberal, extremamente excludente, como reação conservadora para manter estável o lucro.

No Brasil, a década de 1990 trouxe o mergulho neoliberal na política de estabilização da economia do País. Essa estratégia teve início no governo Collor de Melo com o objetivo de reagir à crise de estagnação que acompanhava a economia brasileira desde o início dos anos de 1980 e, principalmente, para frear o processo inflacionário descontrolado. Esse processo aprofundou-se no período dos dois mandatos consecutivos de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002) e tem continuidade mais moderada ou adaptada às conveniências da esquerda no poder, nos governos de Luis Inácio da Silva, desde 1º de Janeiro de 2003.

A crise estrutural do capitalismo impôs um modelo ortodoxo na política econômica acentuando a característica do sistema, enquanto *dano*²³ para a humanidade, no qual a política, a democracia e a cidadania são absolutizadas numa pseudo-universalidade e, concomitantemente, reduzidas à aparência, projetada metafisicamente acima do humano e do social, com o objetivo de perpetuar o lucro e os interesses econômicos.

Nesta perspectiva, o potencial de participação da sociedade civil é reduzido aos interesses e expressões de mercado. Essa formatação, em grande parte, implica no silenciamento dos “sem-partes” e trata da realidade social como abstração, indiferente aos conflitos e violências decorrentes das desigualdades e exclusões que se aprofundam.

²² A terceira revolução tecnológica ou tecnocientífica se refere a uma integração física entre ciência e produção, que proporciona rápida interatividade entre as descobertas científicas e mundo capitalista. Desenvolve-se ao longo do século XX e viabiliza uma multiplicidade de atividades que implicam o uso e desenvolvimento de sofisticadas tecnologias, entre as quais, destacam-se: a informática, a microeletrônica, a robótica, as telecomunicações, a indústria aeroespacial e a biotecnologia.

²³ Conceito trabalhado por Jacques Rancière (1996), faz parte da estrutura original de toda política. O dano é simplesmente o modo de subjetivação no qual a verificação da igualdade assume figura política. Há política por causa apenas de um universal, a igualdade, a qual assume a figura específica do dano. O dano institui o universal singular, um universal polêmico, vinculado a apresentação da igualdade, como parte dos sem-partes, ao conflito das partes.

Na concepção capitalista-neoliberal-transnacional da complexa sociedade atual, a ação dos estados nacionais se debilita, perde a capacidade de atuar como indutor do desenvolvimento e os comandos políticos ultrapassam as fronteiras nacionais.

O que hoje se verifica é, além do acirramento da concentração, uma verdadeira centralização de capitais já formados, a transformação de muitos capitais pequenos em poucos capitais grandes, caracterizando uma realidade prevista por Marx (1980:727) de exploração do capitalista pelo capitalista.

Neste cenário, a questão social é transferida para os governos locais e para as instituições da sociedade civil, que enfrentam gigantescos desafios, porque não estão dotadas de recursos e capacidades para incorporar essa responsabilidade. De acordo com essa ideia Bava argumenta:

A teoria do Terceiro Setor, produzida inicialmente nos Estados Unidos, assume como marco referencial as leis de mercado, estabelece a incapacidade do Estado em atuar como regulador do pacto social e defende a necessidade de uma ação eficaz, capaz de enfrentar os crescentes problemas sociais, nos setores da sociedade mais penalizados pelo novo modelo de concentração acelerada do capital e da renda (2000, p.47).

O termo Terceiro Setor aborda uma divisão da realidade social em três esferas distintas: O Estado (primeiro setor), o mercado (segundo setor) e a sociedade civil (terceiro setor). A partir da análise do próprio conceito, associado ao individualismo liberal norte-americano, percebe-se haver um grave reducionismo no trato da questão da democracia e dos direitos sociais na medida em que induz, por consequência, a uma visão segmentada da realidade social, como se o “político” pertencesse à esfera estatal, o “econômico” ao âmbito do mercado e o “social” estivesse relacionado apenas à sociedade civil.

Esta concepção é parte da análise do sistema efetivada com as novas teorias objetivistas da economia política, frente a realidade que se torna mais complexa ao disseminar a formação de sistemas auto determinados, parciais e herméticos, que formam mundos circundantes numa estrutura policentrica, que caracteriza uma sociedade descentrada em sua totalidade e perdida em sua própria variedade subordinada de sistemas e discursos.

Numa perspectiva crítica dos estudos sobre democracia e direitos sociais a denominação “Terceiro Setor” é questionada. Conforme Ioschpe (1997), na medida em que, na visão histórico/dialética se reconhece a centralidade ontológica do ser humano como ser social. Portanto, deveria haver incontestável primazia da sociedade civil sobre as demais esferas, pois são os homens e mulheres, em sociedade, que historicamente produzem suas instituições: o Estado, o mercado, etc.

O Terceiro Setor, aparentemente é uma construção recente, que se expande em nível mundial nas décadas de 1980 e 1990, a partir, supostamente, da necessidade de superação dos paradoxos entre público e privado e mais especificamente da tradicional equiparação público/estatal que muito incômodo tem gerado aos interesses do capital.

Refletindo claramente uma inspiração liberal ao identificar o público com o Estado e privado com o mercado, o Terceiro Setor surge como alternativa de construção social da atividade pública desenvolvida pelo setor privado: um “público, porém, privado”. Montañó questiona o Terceiro Setor e provoca a reflexão sobre essa questão quando interroga:

Surgiu na década de 1980, numa construção teórica, com a suposta preocupação de certos intelectuais ligados a instituições do capital para superar a dicotomia público/privado? Teria data anterior, nas décadas de 1960 e 1970, com o auge dos chamados “novos movimentos sociais” e das “organizações não-governamentais”? Seria uma categoria vinculada às instituições de beneficência, caridade e filantropia, dos séculos XV a XIX? Sua existência data da própria formação da sociedade, conforme os contratualistas analisam? Isto é uma verdadeira escuridão nas análises dos seus teóricos (2005, p. 55).

Na realidade, essa teoria é funcional aos interesses do capital em transferir a responsabilidade do Estado de garantir coesão social para as empresas e as entidades sem fins lucrativos que, em aliança, teriam o papel de amenizar os efeitos socialmente perversos da lógica do mercado.

Concomitante tem o potencial para abrir o social, historicamente tratado com uma questão de interesse público e estatal, para a lógica empresarial do lucro. Portanto, o Terceiro Setor atua na perspectiva da privatização e mercantilização das questões sociais.

A democracia e a sociedade civil, nessa visão, não são vistas como expressão e veículo da predisposição coletiva para as transformações sociais ou na perspectiva de

organizar novas formas de Estado e de comunidade política, de hegemonia e de distribuição do poder, mas como a tradução concreta da consciência benemérita dos cidadãos, dos grupos organizados, das empresas e das associações. Nessa visão, o direito social é reduzido à filantropia do terceiro setor e da empresa cidadã.

Concretamente, a atuação do Terceiro Setor vem produzindo resultados sociais que não podem ser desprezados, mas nunca será referência para a superação das desigualdades sociais ou para que se funde uma sociedade mais justa e melhor.

Nesse fato, talvez, resida o imenso e superficial sucesso que auferiu o Terceiro Setor sendo amplamente reconhecido pelas instituições do capital que, cada vez mais incentivam o avanço do voluntariado, da solidariedade e da responsabilidade social empresarial e corporativa.

Na perspectiva neoliberal, a economia do Terceiro Setor tenta enquadrar a força transformadora e as múltiplas potencialidades criativas da sociedade civil, no sentido desenvolvido pela teoria crítica, onde se exerce o momento positivo e superior de oposição à sociedade política ou Estado, em noção de adesão e conformismo às leis de mercado.

Assim, os direitos humanos e toda esfera social, passam a ser tratados como oportunidades de mercado e sinônimo de lucro para o capital. Benevides compartilha pensamento semelhante, quando sintetiza:

Foi contra a ascensão do capitalismo, como modo de vida – isto é, como um novo tipo de civilização na qual tudo se compra e tudo se vende – que se afirmaram os direitos econômicos e sociais, assim como os direitos individuais foram reconhecidos e garantidos contra o feudalismo. Portanto, a idéia central a ser enfatizada é a seguinte: sem a superação do capitalismo, os direitos econômicos e sociais não chegarão a se afirmar e a se consolidar, principalmente nas sociedades ditas “periféricas” (Mimeo – s/d, p. 3).

Retornando ao plano nacional, foi na esteira das políticas neoliberais, que se acentuou na década de noventa a estratégia de lidar com as questões sociais como nicho de mercado. Isso promoveu acelerada organização e mobilização de setores empresariais por meio de Organizações Não-Governamentais, que passam a destacar e valorizar o potencial de ações coletivas e de responsabilidade social como importantes referências para valorização e lucratividade de seus investimentos.

Além de conseguir tirar bastante proveito das isenções tributárias e renúncias fiscais efetivadas pelo Estado, ou seja, privatizando recursos públicos, canalizam tais recursos para o “marketing” de seus produtos e serviços, e para a publicidade de suas marcas e empreendimentos.

Por outro lado, este mesmo período traz o surgimento das redes de articulações e de ações conjuntas, quer de instituições, dos movimentos sociais, temáticas ou políticas, em decorrência do acelerado desenvolvimento tecnológico e democratização da informática, fortalecendo a atuação das ONGs, em geral, tanto aquelas progressistas, que atuam no que se convencionou chamar aqui, no Brasil, de campo democrático ou contra-hegemônico, quanto às instituições do Terceiro Setor.

A atuação das ONGs em redes vem possibilitando aglutinar forças, construir agendas comuns, estabelecer coletivamente prioridades, potencializar as ações, bem como para explicar diferenças, tensões e conflitos, a partir da facilidade das possibilidades de interconexão de comunicações e deliberações entre os âmbitos local, nacional e mundial.

A partir do início da década de 2000 se configura a complexidade caótica que processualmente se constituiu o campo de atuação das ONGs, no cenário brasileiro. Eclodem críticas diversas. As contradições e conflitos no mundo das ONGs se aprofundam.

Torna-se mais acentuada a crise de generalização nesta área, sendo este espaço, cada vez mais radicalmente, disputado e apropriado por organizações diversas da sociedade civil.

Setores progressistas e conservadores se incluem igualmente neste campo, tanto quanto ele se caracteriza por ambigüidades e indefinições. A grande visibilidade vem acompanhada do esvaziamento galopante do sentido histórico-crítico-transformador em relação ao sistema capitalista e a dominação instrumental.

A preservação da identidade e autonomia das ONGs torna-se mais frágil e dramática, à medida que cresce vertiginosamente o contínuo surgimento destas instituições e aumentam a disputa entre pares pela captação de recursos, tanto em relação à cooperação internacional, que se tornou mais escasso e específico, no contexto brasileiro, quanto em relação ao acesso a fundos públicos nacionais²⁴, que em nosso

²⁴ A ABONG, recorrendo à Ciconello (2004), esclarece que o acesso a recursos públicos no Brasil pode-se dar de forma direta por meio de Subvenções sociais, auxílios e contribuições (Lei 4.320/64); Convênios (Lei 8.666/93 e IN n.º 01 de 1997); e Termo de Parceria (Lei 9.790/99), ou indireta: as

caso, em parte, são historicamente determinados pelos interesses privados dominantes, comumente manipulados de forma patrimonialista, clientelista e corrupta, além de utilizados para negociações políticas e apoios eleitorais.

Parte das ONGs se enquadra nestas relações autoritárias da política brasileira, passando a atuar como mera “prestadora de serviços” para o Estado e recebem o rótulo de neogovernamentais. Muitas outras se organizam e lutam pelo acesso democrático aos recursos públicos nacionais, preservam a liberdade política, a autonomia institucional. Recusam estigmas e enfrentam boicotes.

Na década atual há uma crescente pressão pragmática sobre as ONGs para que demonstrem resultados técnicos mais precisos e os impactos sociais de seu trabalho. Segundo Roche (2000) “incipiente aprendizagem institucional e fracos mecanismos de responsabilidade institucional (com os beneficiados, por sua atuação e com quem as financiam) são características de muitas ONGs, o que dá como resultado da falta de normatividade e de padrões mais profissionais”. Há uma tendência no mundo globalizado contemporâneo para substituir apoios e parcerias baseados em valores compartilhados por critérios burocráticos e econômicos.

Amplios setores da sociedade voltam-se para estudos, pesquisas, encontros e debates para conhecer e analisar este fenômeno. O presente é tempo para confrontar idéias e buscar novas demarcações para as ONGs, uma questão que assumiu grandes proporções e precisa ser enfrentada na perspectiva de qualificar seus marcos legais e afirmar identidades possíveis.

Segundo o IBGE, por meio de pesquisa que traçou o perfil das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos - FASFIL, atuando no País, em 2002, contava-se com duzentos e setenta e seis mil (276.000), destas instituições oficialmente cadastradas, que representam cerca de 5% do universo de 5,3 milhões de organizações públicas, privadas lucrativas e privadas não lucrativas que compunham o Cadastro Central de Empresas – CEMPRE do IBGE no ano em tela.

O que tecnicamente o IBGE apresenta como FASFIL é um recorte metodológico de Entidades sem Fins Lucrativos e mais cinco critérios pré-

imunidades, as isenções tributárias e os incentivos fiscais para doações. Neste caso a Constituição Federal de 1988 dispõe sobre a imunidade de impostos (a entidades de educação e assistência social sem fins lucrativos) e de contribuições sociais (a entidades beneficentes de assistência social). A Lei 9.222/45 prevê a existência de incentivo fiscal para as empresas que doam recursos para entidades sem fins lucrativos, qualificadas como de Utilidade Pública Federal ou com OSCIP. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Federal 8.069/90, estabelece incentivos fiscais para pessoas físicas e jurídicas que doam recursos para os fundos de direitos da criança e do adolescente.

estabelecidos: (i) privadas, não integrantes, portanto, do aparelho de Estado; (ii) sem fins lucrativos; (iii) institucionalizadas, isto é, legalmente constituídas; (iv) auto-administradas ou capazes de gerenciar suas próprias atividades; e (v) voluntárias, na medida em que podem ser constituídas livremente por qualquer grupo de pessoas.

Na dimensão da discussão que ora desenvolvo a pesquisa do IBGE contempla, em grande parte, o universo das ONGs, mas não abarca a complexidade desta problemática. Situa e analisa o perfil de entidades correlatas, mas inclui outras bastante distintas das ONGs, por isso, para não efetuarmos distorções que possam nos remeter a erros na interpretação dos dados da pesquisa do IBGE usaremos a denominação FASFIL para apresentamos, a seguir, a síntese de alguns dos dados da referida pesquisa, que consideramos substanciais para fortalecer toda discussão anteriormente apresentada, sem, contudo, nos remeter diretamente à qualquer comparação com as ONGs.

A Região Sudeste concentra 44% das FASFIL no Brasil, mas esse percentual guarda semelhança com a distribuição da população brasileira, onde 43% do nosso povo reside no Sudeste. O Nordeste acolhe 22% dessas instituições, das quais 4% estão no Ceará. Na maior parte das regiões brasileira, há um equilíbrio na relação dos percentuais de distribuição das fundações privadas e associações sem fins lucrativos com a relação dos percentuais da população.

TABELA 1 – Distribuição das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos e da população total, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação – Brasil - 2002

Regiões do Brasil e Unidades da Federação	Distribuição			
	Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos		População total	
	Absoluta	Relativa (%)	Absoluta	Relativa (%)
Brasil	275.895	100,00	176.391.014	100,00
Norte	11.715	4,25	13.724.235	7,78
Nordeste	61.295	22,22	49.246.420	27,92
Ceará	11.568	4,19	7.735.959	4,39
Sudeste	121.175	43,92	75.187.605	42,63
Sul	63.562	23,04	25.962.162	14,72
Centro-Oeste	18.148	6,58	12.270.592	6,96

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Cadastro Central de Empresas 2002; Projeção da população no Brasil por sexo e idade para o período 1980-2050. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: www.ibge.gov.br

Os dados apresentados pelo IBGE confirmam que a grande maioria das FASFIL brasileiras são relativamente novas. A análise dos resultados diagnóstica que 62% das instituições hoje existentes foram criadas a partir dos anos de 1990, ou seja, em 2010, terão no máximo 20 anos. Os dados apontam que houve a cada década um acelerado ritmo de crescimento. As que foram criadas nos anos de 1980 são 88% mais numerosas do que aquelas que nasceram nos anos de 1970; esse percentual é de 124% para as que nasceram na década de 1990 em relação à década anterior.

TABELA 2 – Distribuição das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos e do pessoal ocupado assalariado, segundo a data de criação – Brasil – 2002.

Data da criação	Distribuição			
	Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos		Pessoal ocupado assalariado	
	Absoluta	Relativa (%)	Absoluta	Relativa (%)
Total	275895	100,00	1.541.290	100,00
Até 1970	10.998	3,99	523.520	33,97
De 1971 a 1980	32.858	11,91	387.765	25,16
De 1981 a 1990	61.970	22,46	261.887	16,99
De 1991 a 2000	139.187	50,45	327.783	21,27
De 2001 a 2002	30.882	11,19	40.335	2,62

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Cadastro Central de Empresas 2002.

O IBGE analisa, ainda, que o conjunto das FASFIL é formado por milhares de organizações muito pequenas e uma minoria concentra a maior parte dos empregados do setor. Destaca que o tamanho das entidades varia de acordo com a região geográfica e com o tipo de ações que desenvolvem.

Os dados reforçam a real fragilidade das FASFIL para garantir a própria estrutura de funcionamento, o que compromete o potencial destas instituições da sociedade civil para enfrentar e resolver as imensas demandas da realidade social. 77% das fundações privadas e associações sem fins lucrativos não têm qualquer empregado, o que nos remete à problemática da precarização das relações de trabalho nestas organizações da sociedade civil, que se efetivam na grande maioria pela informalidade ou por meio do trabalho não-remunerado.

TABELA 3 – Distribuição das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos, por Grandes Regiões, segundo porte - Brasil - 2002

Porte (faixa de pessoal ocupado assalariado)	Distribuição das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos					
	Brasil		Grandes Regiões			
			Norte		Nordeste	
	Absoluta	Relativa (%)	Absoluta	Relativa (%)	Absoluta	Relativa (%)
Total	275.895	100,00	11.715	100,00	61.295	100,00
0	212.165	76,90	9.491	81,02	52.375	85,45
De 1 a 2	25.825	9,36	896	7,65	3.530	5,76
De 3 a 4	9.241	3,35	327	2,79	1.343	2,19
De 5 a 9	9.782	3,55	358	3,06	1.364	2,23
De 10 a 49	13.774	4,99	446	3,81	1.990	3,25
De 50 a 99	2.495	0,90	101	0,86	357	0,58
De 100 a 499	2.198	0,80	84	0,72	281	0,46
500 a mais	415	0,15	12	0,10	55	0,09

Porte (faixa de pessoal ocupado assalariado)	Distribuição das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos					
	Grandes Regiões					
	Sudeste		Sul		Centro – Oeste	
	Absoluta	Relativa (%)	Absoluta	Relativa (%)	Absoluta	Relativa (%)
Total	121.175	100,00	63.562	100,00	18.148	100,00
0	87.371	72,10	49.815	78,37	13.113	72,26
De 1 a 2	13.351	11,02	5.761	9,06	2.287	12,60
De 3 a 4	4.796	3,96	2.015	3,17	760	4,19
De 5 a 9	5.153	4,25	2.135	3,36	772	4,25
De 10 a 49	7.558	6,64	2.888	4,54	892	4,92
De 50 a 99	1.384	1,14	500	0,79	153	0,84
De 100 a 499	1.317	1,09	377	0,59	139	0,77
500 a mais	245	0,20	71	0,11	32	0,18

O porte destas instituições varia conforme seu campo de atuação. O próprio IBGE esclarece: fundações que funcionam como hospitais e instituições de ensino

superior, no geral, são mais de 100 vezes maiores do que as organizações religiosas ou as associações comunitárias e cerca de 20 vezes maiores que creches ou entidades prestadoras de serviços de assistência social (abrigos, albergues, asilos, centro para pessoas com deficiência, centros de reabilitação, centros de orientação, etc.).

Após essa análise dos dados do IBGE, podemos retomar à questão específica das ONGs, constatando que a tendência de acelerado crescimento dessa instituições, no Brasil, trouxe a necessidade urgente de se qualificar o marco legal existente, para tentar aprimorar a atuação política e a gestão administrativa dos dispositivos de controle e fiscalização, na perspectiva da transparência democrática, já que existem no direito positivo brasileiro, normas legais disciplinando e regulamentando o direito de associação, bem como o necessário processo a fiscalização de recursos públicos a elas destinados.

Porém, este arcabouço jurídico, sob vários aspectos, apresenta-se fragmentado e está defasado, frente aos desafios da diversidade em nossa atualidade. Além de privilegiar os mecanismos de controle institucional das ONGs, o debate progressista em curso advoga a necessidade de ampliar o controle social sobre o Estado por meio da participação organizada da sociedade civil para promover a prioridade do público sobre o privado, num processo que contribua para consolidar o vigor desta esfera pública, mas não-estatal como mediadora do exercício democrático-deliberativo.

No Brasil, a transparência nas relações entre Estado e sociedade civil se torna fundamental para contemplar uma visão ampliada e transformadora da sociedade, onde as ONGs tenham acesso às políticas públicas de financiamento de suas ações, sem exigências ou condicionantes de alinhamento político/ideológico com o Estado e possam democraticamente atuar na defesa e promoção dos direitos, da ética, da equidade, da justiça e da solidariedade, princípios fundamentais para se erguer um mundo melhor e fraterno, que a cada dia se torna tão urgente.

3.2.5. ONGs no Ceará

Conforme estudos apresentados pela Fundação Konrad Adenauer²⁵, com informações levantadas junto a o cadastro da ABONG-CE (entidade filiadas e não-filiadas) e da Agência de Notícias Esperança (ANOTE), os dados relacionados ao funcionamento de Organizações Não-Governamentais (ONGs) no Estado do Ceará, ainda são imprecisos, porque considera que o “boom” das ONGs nessa região do País foi ainda mais recente.

Daniel Raviolo, da ONG Comunicação e Cultura, afirma na pesquisa acima citada, que a ABONG prefere trabalhar com uma estimativa mais conservadora, apontando para um número de 250 ONGs em atuação no Ceará

É importante ressaltar, que a pesquisa realizada pela Fundação Konrad Adenauer data do início da década de 2000 se refere a uma relação mais reduzida de instituições, pois lista somente as ONGs, excluindo desse contexto entidades filantrópicas e diversas outras associações, além dos movimentos sociais. Por isso, se pode perceber um grande contraste com os dados do IBGE, com relação as informações apresentadas no levantamento FASFIL, 2002, que aponta a existência de 11.568 fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Ceará.

²⁵ ONGs no Brasil: perfil de um mundo em mudanças, Fortaleza – Ceará: Fundação Konrad Adenauer, 2003

Tabela 4 – Total e distribuição geográfica das ONGs no Ceará

Região	Número	Percentual
Iguatu/Icó/Orós	05	2,35
Cariri	19	8,96
Norte (inc. Ibiapaba)	08	3,77
Baixo Jaguaribe	06	2,83
Maciço de Baturité	04	1,88
Costa Oeste	13	6,13
Costa Leste	*****	*****
Região Metropolitana (sem Fortaleza)	11	5,18
Outras (Sertão Central, Inhamuns, etc.)	11	5,18
Fortaleza	135	63,67
Total	212	99,95

Fonte: ABONG – CE/2002

O trabalho da Fundação Konrad Adenauer revela que o maior contingente das ONGs no Ceará atuam no campo assistencial ou de auto-ajuda comunitária, com pouca especialização setorial e critica o caráter assistencialista de algumas dessas entidades, que destoa em vários aspectos da significação do termo ONG desenvolvido na elaboração do referido estudo. Aqui, está presente de forma muito clara o contraditório, viés ideológico que acompanha a definição do termo ONG. Fiege denota essa questão, quando afirma:

Na realidade acreditamos que esse tipo de ONG, muitas vezes na forma de Organização Comunitária (Associação, Sociedade, Conselho, etc.), é muito mais freqüente do que o número aqui apresentado, levando em conta os esforços do Governo do Estado de fomentar a criação destas entidades (2003, p. 36).

Contudo, a variedade de atuação, nesse período, já começa a se expandir conforme temáticas diversas, que são impostas pela complexidade das demandas sociais. Na realidade do Estado do Ceará verificou-se grande destaque para as entidades que atuam nos setores: 1. Sociedades beneficentes e de apoio à família; 2.

Criança e adolescente; e 3. Atividades Culturais, Educação Popular e Defesa de Direitos Humanos.

No início da década de 2000 ainda eram poucas as ONGs que atuavam especificamente no setor do protagonismo juvenil, o que pode ser constatado na Tabela abaixo.

Tabela 05 – Distribuição das ONGs por setores de atuação no Ceará

SETOR	NÚMERO	PERCENTUAL
Criança e Adolescente	41	19,33
Trabalho e renda	07	3,30
Defesa do Meio Ambiente	09	4,24
Agricultura familiar e Pesca	07	3,30
Desenvolvimento Urbano	02	0,94
Protagonismo Juvenil	08	3,77
Sociedade beneficentes e de apoio à família	42	19,81
Atividade culturais, educação popular e defesa de direitos humanos		
Portadores de necessidades especiais	18 (13 APAEs)	8,49
Gênero	2	0,94
Saúde e segurança alimentar	11	5,19
Multisetoriais	02	0,94
Não identificadas	34	16,03
Total	212	99,95

Fonte: ABONG – CE/ 2002.

Acompanhando a realidade brasileira no Ceará, existe um processo de crescimento quantitativo da ONGs, que nem sempre corresponde ao desempenho qualitativo dessas entidade. Mas, verifica-se que paralelo a esse fenômeno houve um aumento da articulação em rede por meio da organização de vários fóruns temáticos.

O Centro Cultural CELITA é membro da Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (ABONG-CE), participa do Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Fortaleza. Já foi representante do segmento sociedade civil no Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e, atualmente, tem representações jovens no Orçamento Participativo – OP do bairro Pedra e do OP de juventude.

A pesquisa da Fundação Konrad Adenauer aponta, ainda, os principais desafios das ONGs no Ceará, a saber: 1. Criar e consolidar sólida base de informação sobre as ONGs, de alimentação e acesso fácil; 2. Interiorização das articulações com integração efetiva das entidades do interior e com um avanço paralelo nas ferramentas de gestão de redes e uso de novas tecnologias de informação; 3. Avançar na discussão sobre a identidade e o papel das ONGs numa sociedade em mudanças – adequação dos seus mecanismos internos de renovação e participação, dos seus espaços institucionais, legais e políticos; e 4. Desenvolver uma política de comunicação transparente, coerente e eficaz que corresponda ao papel público das ONGs.

Observa-se, nesse contexto, uma necessidade das ONGs do Ceará de conhecerem a si mesmas, fortalecer o entendimento sobre a construção da identidade possível, fortalecer as possibilidades de comunicação e atuação em redes sociais e viabilizarem a descentralização de atuações e ações em conjunto para o interior do Estado. Apesar dos avanços nas lutas encampadas pelas ONGs nos diferentes setores de atuação dessas entidades, percebe-se que houve poucas conquistas com relação às metas acima apresentadas, que permanecem postas como desafios, talvez bem maiores que no início da década de 2000.

A seguir, apresento o contexto específico das ações educativas e culturais do Centro Cultural CELITA na relação cotidiana com os jovens e as jovens do bairro Pedra.

3.3. Práticas educativas com a juventude no Centro Cultural CELITA

Nessa seção trato de parte das práticas educativas do Centro Cultural CELITA, destacando aquelas que se firmaram de forma contínua no contexto das atividades desenvolvidas ou são priorizadas pelo importância educativa para a formação integral do ser humano enfocando, sobretudo, aquelas que proporcionaram à ONG maior interatividade com a juventude.

As primeiras atividades educativas do Centro Cultural CELITA foram realizadas por meio do funcionamento da biblioteca comunitária. Nesse momento, a ONG trabalhou uma estratégia de parceria com as escolas públicas, privadas e comunitárias da localidade, visando, principalmente, a frequência de professores(as) com as suas turmas de alunos(as), no espaço da biblioteca e outros espaços educativos da instituição, desenvolvendo aulas de campo, pesquisas escolares, exposições

temáticas, círculos de apresentações culturais, discussões diversas, oficinas e práticas recreativas.

Essa perspectiva teve um impacto muito positivo na ONG, porque garantiu a sistematização de um público, sobretudo, infanto-juvenil no Centro Cultural CELITA e demarcou uma postura diferenciada dessa Associação Comunitária caracterizada pela prioridade dada à formação para a cidadania, à cooperação e ao diálogo interinstitucional, que acompanha a sua trajetória ao longo de toda a sua existência até o presente.

Tais princípios contribuíram para romper parte da visão individualista e pautada pela rivalidade existente nas instituições educativas e sociais dessa região. A maioria delas são bem mais antigas que o Centro Cultural CELITA. Uma parte das associações comunitárias dessa região se relaciona com práticas assistencialistas e acumula desgaste, tanto em relação as demandas sociais da comunidade, quanto à disputa velada pelo espaço de atuação e visibilidade social que, geralmente, determina isolamento institucional e uma dificuldade para ações coletivas compartilhadas.

Contudo, naquele momento, o Centro Cultural CELITA apresentava-se como elemento inovador na comunidade e proporcionava um novo ânimo para as relações sociais no bairro. Nesse contexto, tornou-se comum a presença no Centro Cultural CELITA de diretores de escolas públicas e particulares, professores, presidentes e membros de outras associações, participando de reuniões e discussões, planejando atividades em comum, desenvolvendo parcerias.

Nessa mesma diretriz o Centro Cultural CELITA passou a estimular e fortalecer os movimentos sociais na comunidade, adquirindo um importante papel revitalizador nessa articulação no bairro Pedra.

Além disso, a cooperação e o diálogo interinstitucional possibilitaram a diversificação de atividades da ONG, a partir da identificação das demandas sociais reprimidas e organização autogestionária dos adolescentes e jovens por atividades de interesse (futebol, basquetebol, capoeira, teatro, etc.), que foi uma estratégia fundamental para manutenção das atividades sociais e para o funcionamento da entidade, mesmo diante de uma realidade sistemática de recursos financeiros restritos e dificuldade para captação de novos recursos.

Porém, é preciso que se diga, que isso não ocorreu de forma simples e linear. Muito pelo contrário, transcorreu como desafio. À medida que a visitação de professores com as suas turmas de alunos vai se tornando escassa, devido a

responsabilidade e o tempo gasto no deslocamento com as crianças, adolescentes e jovens na distância entre as escolas e o CELITA. Isso porque a atividade já não era uma novidade ou, em decorrência do hábito da leitura não ser ponto forte na comunidade, que está mais voltada para a cultura oral. Em virtude disso a ONG vai incorporando novidades, outras atividades.

Nessa trajetória, tenta desenvolver uma mediação entre os interesses específicos de diversos grupos, quer seja pelo futebol, pela capoeira ou pelo teatro, por exemplo, e o incentivo à leitura por meio de conteúdos específicos, pesquisas, confecção de murais, e atividades pedagógicas relacionadas com cada prática desenvolvida.

Com essa estratégia o Centro Cultural CELITA cresceu e diversificou o seu atendimento social e se firmou, logo nos primeiros anos de atividade, como uma das entidades mais importantes dessa região, apesar de enfrentar dificuldade com relação ao funcionamento, totalmente dependente da atuação de voluntários e incapacidade para desenvolver uma visão consensual sobre sua própria identidade e valores, exatamente pelo tempo limitado de participação dos voluntários.

A primeira experiência de captação de recursos dessa ONG aconteceu através do XVIII Concurso de projetos, para a Região Metropolitana de Fortaleza - RMF, em 2000, do Programa Capacitação Solidária, no qual o Centro Cultural CELITA concorreu com o projeto denominado “Formação de Cuidadores de Sítios” e teve a proposta aprovada para a participação de 30 jovens, no curso a ser realizado no período entre 10/04/2000 e 09/09/2000.

Esse primeiro projeto de formação dos jovens e das jovens, como “cuidadores de sítios” reflete, muito bem, o perfil que caracterizava a comunidade até o início da década passada como uma região de muitos sítios e uma comunidade ainda isolada, composta na sua maioria de antigos núcleos familiares, que formavam os grupos de moradores mais antigos, os nativos do lugar.

Demonstra, também, um compromisso do Centro Cultural CELITA com a questão ambiental no bairro Pedra, a partir das relações cotidianas dos moradores com a terra no espaço dos sítios. Educa os jovens e as jovens para uma consciência ambiental com o objetivo de abolir o uso persistente das queimadas para limpeza dos terrenos ou o hábito de transferir para os logradouros públicos, de maneira imprópria, o entulho e o lixo doméstico.



Ilustração 13: Acúmulo de lixo e entulho doméstico nas ruas do bairro.

Helena (27), uma das jovens que contribuiu na construção dessa pesquisa, relata as várias oportunidades de participação que teve no Centro Cultural CELITA e comenta de forma muito positiva o impacto desse primeiro curso para todos e todas inscritos(as):

Nossa! Eu já participei, aqui de quase tudo, até antes da minha filha nascer, eu participava. O primeiro curso que foi dado aqui, um curso do Comunidade Solidária, que praticamente a gente morava aqui no Centro Cultural, a gente vinha de manhã, tomava café, almoçava aqui, tudo era feito aqui. Isso foi maravilhoso. Uma experiência impar. Curso de Inglês, de Italiano, de Pré-Vestibular. Atividades de teatro. O primeiro grupo de teatro, que não era com você, era uma outra pessoa. Quase tudo que foi feito no Centro Cultural eu participei, até que eu comecei a trabalhar, antes eu fiquei um tempo trabalhando na biblioteca, aí foi quando eu precisei trabalhar fora, porque as responsabilidades cresceram, estavam crescendo e eu tive que me afastar do Centro Cultural. Mas sempre tinha uma festa, um movimento, alguma coisa que eu vinha (Entrevistada 10, p. 6).

O curso Cuidadores de Sítios foi realizado com a parceria da “Fazenda Camping Club” (Itaitinga) e do Sítio Catavento, que possibilitaram visitas e aulas de campo; da Escola Pública Municipal João Germano, que forneceu mudas de plantas

frutíferas, ornamentais e de plantas medicinais e da Universidade Federal do Ceará, que possibilitou orientações e instrutores para implantação de uma Farmácia Viva na ONG.

Nessa atividade, a ONG se utilizou de uma metodologia variada, que envolvia uso de vídeo, música, teatro de boneco, textos, trabalhos e discussões em grupo, aulas de campo e passeios educativos para desenvolver os seguintes conteúdos. Integração grupal: identidade, auto-estima, técnicas de trabalho em grupo, convivência social; Cidadania: Ser cidadão, participação social, direitos e deveres; Saúde e Higiene: higiene pessoal e ambiental, cuidados com alimento e com a água; Ecologia: meio ambiente, terra/ecologia, dinâmica da cadeia alimentar, ecossistemas brasileiros e cearenses.

Após o período do curso Cuidadores de Sítios a instituição deparou-se com um dos seus primeiros desafios pedagógicos. Apesar da excelente mobilização de jovens, que essa atividade proporcionou no Centro Cultural CELITA e dos bons resultados apresentados na avaliação do projeto, os jovens e as jovens que haviam passado pela formação específica não manifestaram interesse em manter atividades relacionadas à manipulação da terra, cultivo e manutenção de mudas para dar continuidade ao funcionamento da Farmácia Viva e se dispersaram em outras atividades da ONG.

A entidade teve de recorrer aos serviços de um trabalhador diarista para garantir a manutenção da Farmácia Viva e organizar um grupo de mulheres da comunidade, que foram capacitadas para lidar com a manipulação, produção e venda a preços populares dos remédios e produtos caseiros (xarope de cumaru, sabonete líquido de alecrim, etc.) e assumiram essa atividade de forma sistemática.

A Farmácia Viva do Centro Cultural CELITA funcionou até 2004, quando a implantação de um projeto semelhante no início da primeira gestão da prefeita Luiziane Lins passou a distribuir gratuitamente os remédios caseiros nas Unidades de Saúde. Esse fato acabou com a venda dos remédios e produtos caseiros produzidos no CELITA, desarticulou o grupo de mulheres e determinou o abandono dos canteiros das plantas medicinais.

A rejeição dos jovens e das jovens ao trabalho com a terra está relacionado ao fato de adotarem uma identidade com a vida urbana e apresentarem preconceito com a origem rural, que conhecem de perto, porque, em parte, a própria família tem essa procedência, pelo fato dessa atividade ainda ser muito comum na região e estar associada ao trabalho pesado. Fábio (26), um dos jovens sujeitos dessa pesquisa relata parte da sua história de vida, na qual contempla a relação de trabalho nos sítios:

Meus pais são agricultores. Meu pai é agricultor, até hoje ele trabalha praticamente só com isso aqui na Pedra. Ele veio do interior de Uburetama e conheceu a minha mãe, que é aqui do bairro, aí eles se casaram e ele vivia disso, da plantação. Quando não tinha uma época boa, era uma época de seca aí ele virava caseiro ia cuidar de sítio. Virava cuidador de sítio. Ele trabalhou muito cuidando dos sítios aqui das pessoas, que vinham somente passar o final de semana e que dava muito aqui. E nós os filhos homens, nós tínhamos a obrigação de ajudar. Eu me lembro com os meus nove (9) anos de idade saía de casa seis horas da manhã para cortar capim e levar capim pro gado. Depois disso a gente tinha que pegar um rebanho de ovelhas, eram cem (100) cento e cinquenta (150) ovelhas, eu e meus irmãos mais velhos a gente ia para o mato e as ovelhas ficavam lá pastando. Nós éramos pastores. Ficávamos lá de sete (7) da manhã até meio dia com essa ovelhas aí quando chegava o horário da tarde eu não abria mão tinha que estudar, nunca abri mão de estudar, também minha mãe nunca deixou que eu parasse de estudar para ficar trabalhando. Mas eu quando estava estudando de manhã, eu ia pra escola de manhã à tarde eu ia pro trabalho. Eu trabalhei até os meus dezessete (17) anos de idade dessa maneira. Depois eu comecei a fazer trabalhos mais pesados como cuidar de cavalos, a gente tinha que ajudar ele. Eu e meu irmão a gente ficava responsável de cuidar de um curral de vacas, onde a gente tinha que juntar o esterco, onde a gente tinha que ajudar a ordenhar, muita coisa. Até os meus dezessete (17) anos eu realmente trabalhei no serviço pesado. Mas eu nunca deixei de estudar (Entrevistado 09 – p.01).

Outra atividade de grande relevância desenvolvida pelo Centro Cultural CELITA, tendo como foco as atividades da biblioteca comunitária, foi a realização do curso “Educando o Educador”, em parceria com a Fundação Vitae – São Paulo e a Universidade Vale do Acaraú – UVA. Ele estava voltado para a formação de vinte e seis (26) educadores sociais, principalmente jovens, que atuam em entidades da comunidade, professores da educação infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental no bairro Pedra.

Esse curso foi realizado como uma atividade de extensão da UVA, com uma carga horária de 630 horas/aulas e tendo as seguintes atividades pedagógicas e disciplinas: Integração grupal; Recreação, jogos e brincadeiras infantis; Cidadania e Educação; Educação popular e movimentos sociais; Comunicação e expressão; Arte-educação (pintura, música, teatro, desenho, literatura, dança); Oficinas culturais (arte popular, teatro de bonecos, produção textual, poesia e cordel); Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem; Noções de ecologia e educação ambiental;

Higiene e saúde; Informática básica e educativa; Planejamento e organização de eventos culturais; Vivência prática (estágio supervisionado). Todo esse trabalho orientando-se, conforme o manual que narra a experiência da proposta do curso (anexo – 12), com quatro (4) objetivos básicos:

1. Proporcionar aos participantes uma compreensão ampla da educação popular, envolvendo os fundamentos, o processo histórico e sobretudo as práticas baseadas na Pedagogia de Freire, voltadas para a educação popular;
2. Possibilitar uma compreensão ampla da arte, envolvendo: literatura, pintura, teatro, modelagem, desenho, colagem, confecção e manipulação de bonecos, e ainda, o resgate da cultura popular; possibilitando que os integrantes sejam capazes de se expressar artisticamente e com alegria;
3. Capacitar educadores sociais para a compreensão de conhecimentos básicos e específicos no campo da educação, arte-educação e da recreação visando a melhoria da educação infantil, desenvolver trabalhos de recreação, orientação de jogos e brincadeiras, esportes, realização de oficinas culturais; planejar e organizar eventos comunitários, educativos e esportivos dentro da comunidade.
4. Trabalhar a cidadania como participação social e política, concretizada através do exercício dos direitos e deveres do cidadão em seu cotidiano contribuindo para prepará-los para a vida, através de jogos e trabalhos em grupos; criando condições para o desenvolvimento da auto estima, da sociabilidade, da comunicação e das relações interpessoais, familiares e comunitárias (Caderno Educando o Educador, p. 7).

Realizado logo no início do segundo ano das atividades pedagógicas e culturais do CELITA, esse curso foi muito importante porque fortaleceu o eixo norteador da ação comunicativa com os jovens cujo compromisso principal está direcionado à formação para a cidadania, que tem como veículos de interação a recreação, as práticas esportivas, a arte-educação e a experiência estética, valorizando a formação da identidade dos jovens e das jovens participantes na dinâmica do tempo presente, mas reconhecendo nossas raízes e tradições por meio da cultura popular.

Damasceno (2005), no artigo “O lugar da arte na educação”, faz uma análise do curso Educando o Educador, argumentando sobre a importância da metodologia aplicada e ressalta o seu valor para a formação integral dos jovens, quando percebe que os participantes vivenciaram uma harmonia entre a estrutura do ser e o alimento educacional coletivamente desenvolvido ao relacionar as experiências do mundo vivido

com o conhecimento elaborado coletivamente, por meio da ação comunicativa, que integrava o ético, o lúdico e o estético. A autora explica:

Na verdade, todo o esforço foi realizado no sentido de garantir a integração entre o conhecimento, trabalhado e a prática, posto entender-se ser necessário enfatizar uma formação que facilita a ação dos participantes não apenas no que se refere aos fazer artístico, mas também uma prática social comprometida com a atitude solidária e preocupação com o bem-estar coletivo. Sabemos que a arte é um meio privilegiado na construção da tão propagada interdisciplinaridade entre os conteúdos programáticos e de sua integração com a prática do teatro, da música, da pintura, do desenho, da dança, da recreação, etc. (2005, p.104 e 105).

Nessa perspectiva de interação intersubjetiva, o espaço da biblioteca do Centro Cultural vem conseguindo se firmar na comunidade como uma nova referência de participação para os jovens. Aos poucos, ele vai se construindo numa relação dialógica com os jovens e as jovens que freqüentam o espaço, que demandam, articulam e desenvolvem novas atividades e eventos. A medida que o Centro Cultural CELITA se transforma, propicia transformações em inúmeras vidas em seu entorno. Vários depoimentos dos jovens e das jovens sinalizam a grandeza desse processo, a exemplo de Gláucia (26), quando afirma:

Meu primeiro contato com a ONG foi a biblioteca. Eu sempre digo assim, que eu passei por uma fase muito ruim então a única coisa que eu fazia, que me satisfazia era ler e eu não conhecia a ONG muito bem, eu também estudava na época e tinha que fazer trabalhos escolares. Como eu não conhecia a ONG muito bem e não tinha muito contato com as pessoas daqui eu tinha vergonha de vir até lá pegar os livros. Eu tinha uma amiga que vivia aqui e eu pedia e ela pegava livros emprestados pra mim. Ai eu disse quer saber de uma coisa eu vou lá. Um dia eu vim entregar um livro, conheci a biblioteca. Nessa época a gente entrava na biblioteca, ficava vendo os livros e tal e vi que tinha muitos livros bons e fiquei freqüentando a biblioteca assiduamente, acho que dia sim, dia não eu tava aqui, trocando livro porque eu lia demais. Teve uma segunda fase, que já havia terminado o ensino médio, então eu estava sem emprego e a única coisa que eu tinha pra fazer era ler, ai eu pegava livros e passava o dia lendo. E teve outra fase que eu participei do projeto, ai eu participava da ONG todos os dia manhã e tarde (Entrevista 03, p.5).

Fábio (26) apresenta uma narrativa que começa pelo gosto de leituras e o encontro com o espaço da biblioteca e avança relatando as várias formas da sua participação na instância educativa da ONG até demonstrar a verdadeira transformação que essa interação possibilitou na sua vida e visão de mundo. O jovem relata:

Depois que eu terminei o Segundo Grau eu criei uma paixão enorme por leitura. Lia bastante livros e quando a ONG surgiu aqui, surgiu primeiramente como biblioteca, nessa casa. Teve um primeiro curso chamado “Cuidadores de Sítios”, mas infelizmente eu não pude participar, mas minha prima, ela começou a participar do Centro Cultural como voluntária, na biblioteca, aí eu vinha sempre, pegava de dois (2) livros por semana pra ler. Aí um dia eu conheci a professora Maria e ela disse: você gosta muito de ler, não gostaria de participar de uma oficina de leitura? Eu nunca tinha participado duma coisa dessas, nem sabia o que era, mas eu disse que sim, claro, não estou estudando, não estou fazendo nada, eu venho. Aí a oficina de leitura foi uma maravilha, foi ministrada pela Micélia, uma das pessoas muito boa, que passou pela comunidade. Depois desse trabalho que eu participei, fui convidado pra ser também voluntário e passei seis (6) meses trabalhando como voluntário na biblioteca e na parte recreativa com as crianças. Depois desses seis (6) meses sendo voluntário eu fui efetivado e comecei a exercer atividade não somente num horário, mas nos dois horários. Aprendi a catalogar livros. Tive oportunidade de fazer dois (2) cursos de informática do qual a ONG me proporcionou. Tive a oportunidade de fazer dois (2) cursos na área de turismo pelo SENAC, uma parceria. Tive também a oportunidade de fazer um curso de arte educação, que foi uma parceria com a Fundação Vetae e Universidade Vale do Acaraú. Então, a minha entrada aqui foi somente para o meu crescimento pessoal, para o meu crescimento profissional. Aí realmente eu percebi o que eu queria fazer que era trabalhar com a comunidade. Trabalhar com oficinas. Depois disso eu comecei a ministrar oficinas. Fiz capacitações me tornei um educador de informática. Comecei a trabalhar com arte-educação aqui dentro da ONG. A Prof. Maria nos aconselhou a fazer o vestibular, ela disse: vocês são pessoas muito boas e vocês têm que fazer uma faculdade, tem que entrar para um nível superior, porque isso vai facilitar muito. E foi através desse incentivo que eu a Cristina e a Haline, nós entramos na faculdade e fizemos um curso muito bom, maravilhoso, que foi o curso de História, que deu pra enriquecer tudo aquilo que a gente já vinha colhendo aqui e me tornou uma pessoa muito mais confiante, porque quando você tem conhecimento você confia em você mesmo. Então, a ONG foi uma porta maravilhosa a qual eu tive oportunidade de entrar para me descobrir como pessoa e quais eram as minhas potencialidades. Porque se não fosse pela ONG

eu poderia pensar como a maioria dos jovens daqui pensam, eu vou terminar o meu Segundo Grau, vou procurar um emprego, numa fábrica, vou trabalhar na produção e viver a vida toda nisso, não que eu menospreze esse trabalho, ou quem faça isso, pelo contrário, todo trabalho é digno, mas se não fosse isso eu iria trabalhar a minha vida toda como sendo um pião e, realmente, a ONG ela veio trazer essa luz pra comunidade (pag. 5).

Outras duas atividades que se tornaram marcantes, nessa trajetória inicial do Centro Cultural CELITA, foram a implantação do campo de futebol e do laboratório de informática.

O futebol é um verdadeiro fenômeno em termos de agregar a juventude e no bairro Pedra esse esporte teve uma fase bem anterior ao CELITA que conseguiu conciliar o exercício do lazer com o movimento organizado de jovens por melhorias no bairro.

Contudo, no início dos anos de 2000 a experiência do Centro Cultural CELITA ao tentar associar a prática do futebol com o engajamento social dos jovens não foi imediatamente bem sucedida. A preocupação dessa nova geração de jovens em busca de lazer por meio do Futebol estava focada, exclusivamente, no ato de jogar.

Apesar de inúmeras tentativas da ONG em envolvê-los em reuniões, outros grupos e atividades de caráter mais reflexivo ou de promover o estímulo à leitura, tentando condicionar a prática do esporte com a frequência à biblioteca o resultado foi inexpressivo. Com exceção da confecção de murais com a folha de esportes e de oferta de empregos de jornais da cidade, que eram bastante procurados por esse público específico, na sua grande maioria composto de rapazes com idade acima dos dezesseis (16) anos.

O campo de futebol foi uma estratégia a mais para atrair o público jovem para o Centro Cultural CELITA e, nesse aspecto, trouxe um resultado muito positivo. Entretanto, a prioridade dos grupos de jovens envolvidos nessa atividade era usufruir do campo, do material esportivo, do espaço e do tempo de lazer, apresentando grande resistência para se integrar com outras ações da instituição. Mesmo assim, a ONG conseguiu avançar nessa relação por meio do envolvimento desses jovens na organização de campeonatos masculino e feminino de futebol.

À partir dos pressupostos, segundo os quais a formação para a cidadania é um processo lento e precisa ser sistematizado em longo prazo, na qual as transformações

peçoais e coletivas se dão paulatinamente, e da constatação de que o futebol tem grande poder para congregar jovens (e nessa perspectiva colaborou para fortalecer o Centro Cultural CELITA, em geral) a ONG preservou essa atividade como uma prática de lazer. Aos poucos e de forma continuada, a instituição vai tentando associar a esse trabalho o seu potencial educativo e a formação para a cidadania.

Em 2003, o campo de Futebol foi desativado para ser construído em seu lugar uma quadra poliesportiva. Com esse novo espaço a ONG adotou uma metodologia de organização autogestionária²⁶ dos jovens e das jovens por interesse das modalidades esportivas.

Com isso houve uma diversidade de atuação com a inclusão das atividades do basquetebol e do voleibol. Apesar do estímulo promovido pela ONG, para garantir o acesso das jovens, das mulheres, ao espaço da quadra, nunca houve uma sistematização da atuação delas nas atividades esportivas que, visivelmente, apresenta a quadra poliesportiva como um espaço masculino.

Mesmo com a organização de horários determinados para os diversos grupos e modalidades esportivas, sempre existiu conflitos pela disputa desse espaço. Se não houver um educador ou voluntário acompanhando as atividades, crianças e pré-adolescentes não conseguem um espaço exclusivo, predominando a participação dos jovens de maior compleição física.

No geral, é comum se formar diariamente os “rachas” de futebol, que são partidas disputadas com dois, três ou quatro jogadores e mais um goleiro de cada lado, integrando várias faixas etárias. Algumas vezes, as meninas jogavam conjuntamente, mas, por existir resistência dos adolescentes e dos jovens com essa possibilidade, elas deixaram de frequentar a quadra.

Após conversas e entendimentos com os jovens que participam dos grupos esportivos específicos, mais precisamente do Futebol e do Basquetebol, se conseguiu organizar como uma atividade de contra-partida social na ONG, equipes de jovens voluntários que treinam grupos de crianças e pré-adolescentes em horários previamente combinados.

Apesar dessa prática estar implantada há vários anos e apresentar um resultado satisfatório, quanto a frequência das crianças e pré-adolescentes e, principalmente, no

²⁶ As atividades autogestionárias surgem no CELITA como uma estratégia para enfrentar a falta de recursos financeiros para pagar educadores sociais e, ao mesmo tempo, promover o protagonismo juvenil por meio do engajamento desse segmento social como voluntário nas atividades sociais e culturais da instituição.

que se refere à participação dos jovens na organização de atividades e no processo formativo no espaço da ONG, há dificuldades por parte da instituição para o acompanhamento pedagógico e avaliação da qualidade do trabalho desenvolvido.

Os jovens voluntários aceitam coordenar as práticas esportivas, mas apresentam resistência para participar das reuniões pedagógicas, sistematizar um método de trabalho em consonância com a visão social da ONG e não se interessam por aproximar o exercício das suas atividades com o hábito da leitura ou desenvolver conteúdos para a formação da cidadania.

O laboratório de informática do Centro Cultural CELITA surgiu a partir das reivindicações dos jovens e das jovens do bairro Pedra por inclusão digital e profissionalização, no próprio espaço da instituição.

No início da década passada, não havia nessa região acesso à computadores e à internet. Não existia o serviço de “*Lan House*” e as escolas públicas não possuíam computadores nem para os serviços administrativos.

Esse foi o período em que as tecnologias da informação começaram a mudar o mundo da comunicação e das relações sociais, no Brasil, trazendo grande impacto em amplos setores da sociedade.

Essa nova realidade trouxe em conjunto com os benefícios de socializar conhecimento, a possibilidade da comunicação instantânea e proporcionando uma verdadeira revolução no campo das idéias e dos comportamentos em áreas como educação, política, economia e trabalho. O aprofundamento das desigualdades sociais, por meio da exclusão digital é caracterizada por um imenso contingente da população brasileira, que não tem acesso às novas ferramentas de comunicação.

Sensível a nova realidade proporcionada pela revolução tecnológica o Centro Cultural CELITA articula a criação do seu laboratório de informática a partir da doação de equipamentos realizada pelo Banco do Brasil - BB e Banco do Nordeste do Brasil - BNB e estabelece uma parceria com o Comitê pela Democratização da Informática – CDI/Ceará.

Essa nova parceria dinamizou a identidade da ONG com a juventude à medida que passou a desenvolver uma atividade de profissionalização, uma formação básica em informática, que era de grande interesse dos jovens e das jovens.

Além do mais, por meio da experiência do CDI o laboratório de informática se transformou em uma Escola de Informática e Cidadania, a EIC-CELITA, superando o trabalho instrumental de lidar com as novas tecnologias da informação a partir do

domínio da técnica pela técnica, passando a priorizar a formação humana para a cidadania, por meio do potencial empreendedor e do protagonismo juvenil.

A metodologia de trabalho do CDI está fundamentada na pedagogia de Paulo Freire, tendo como premissa a idéia de que o processo educacional deve partir da realidade que cerca o educando. As várias concepções pedagógicas desse autor são adaptadas nos projetos desenvolvidos pelas EICs para desenvolver uma situação de aprendizagem, que mergulha na situação dos conflitos sociais e estimula os jovens e as jovens a interagir de forma crítica no seu próprio meio.

Essa parceria fortaleceu o projeto político-pedagógico do Centro Cultural CELITA, porque à medida que os jovens e as jovens eram capacitados pelo CDI para atuar como educadores sociais na EIC-CELITA e conviviam com a formação para a cidadania que associa o domínio da técnica com o compromisso de participação social tornavam-se mais sensíveis à proposta de educação integral da ONG. Parte dos jovens envolvidos nesse trabalho passou a desenvolver uma atuação bem mais engajada na instituição.

As atividades de teatro no Centro Cultural CELITA acontecem desde o início do trabalho social da ONG. Influenciadas pela parceria com as escolas do bairro e pela participação de professoras, que atuavam como voluntárias nesse espaço educativo elas se organizavam de acordo com o calendário escolar. A exceção dos períodos das férias escolares quando a ONG intensificava suas atividades com programações culturais, esportivas, recreativas e de lazer bastante variada.

O tempo e o espaço de fazer arte, que geralmente, é muito restrito ou inexistente no ambiente escolar, ganha prioridade na ONG, apesar de nesse primeiro momento apresentar uma inspiração muito simples, pautada pelas datas comemorativas das escolas e se realizam sem elaboração detalhada, caracterizada por encenações rápidas e feitas por meio de improvisos.

É nessa perspectiva que surgem apresentações artísticas e encenações no baile de carnaval, no Dia Internacional das Mulheres, nas comemorações relacionadas ao Folclore, ou referentes ao meio ambiente, na semana da consciência negra, etc. Também fazem parte os festivais juninos e as apresentações de Natal, típicos do Centro Cultural CELITA.

Essas atividades teatrais, mesmo desenvolvidas de forma muito simples, começam a revelar o seu potencial educativo e mobilizador da juventude e dão visibilidade à sensibilidade dos jovens e das jovens para expressar os seus talentos,

criatividade e engajamento social, atuando e buscando reconhecimento na comunidade onde moram. Esse aspecto do despertar do ser para a participação social pode ser mais bem compreendido por meio das palavras de Linhares, quando afirma:

A arte parece conter em si elementos de representações utópicas que atuam como núcleos vivos de bom senso e de criticidade. O trabalho com a utopia é, necessariamente, um campo tenso, onde se trabalha o que se vê do real do modo como ele se apresenta hoje. Isso quer dizer que quando se mira a fantasia, o desejo, o sonho, também se está criando um campo de tensão entre o não-ser-ainda dessa “realidade” e o que temos hoje. Está-se lidando com o progressivo e o regressivo, como pares mínimos, indissolivelmente ligados e que se mostram na tessitura do que é cultura e do que é estrutura (1995, p.20)

Foi nesse período de entusiasmo com as atividades culturais para a formação da cidadania dos jovens e das jovens, no Centro Cultural CELITA, que iniciei o meu trabalho de teatro como voluntário nessa instituição.

Aquele momento para mim tornou-se especial por dois aspectos. Primeiro, representava um reencontro com o labor artístico, após vários anos afastado desse campo de atuação por motivo da dedicação integral à educação, trabalhando como professor na escola pública, tanto da rede municipal, quanto estadual, aqui na cidade de Fortaleza.

Reviver a experiência adquirida no Grupo Balaio de Teatro Amador, junto à Escola de Dança e Integração Social para a Criança e Adolescente – EDISCA, ou nas atividades de canto-coral com o grupo Zoada e Coral da FACED, tendo agora a responsabilidade de coordenar uma oficina com adolescente e jovens no Centro Cultural CELITA, constituía-se uma experiência inédita e muito desafiadora.



Ilustração 14: Cena do “Auto do Boi Misterioso”



Ilustração 15: Oficina de teatro no Centro Cultural CELITA .

Segundo, essa era uma oportunidade muito significativa de convivência com os jovens e as jovens do bairro Pedra, suas expectativas, visões de mundo e interesses, com uma oportunidade de tocar e promover sensibilidades, socializar e construir coletivamente novos conhecimentos, desenvolver uma interlocução capaz de transformar identidades em formação e, em decorrência desse processo, valorizar a cidadania, criar outra relação bem mais crítica e consciente, dessa juventude, com a ONG e os espaços comunitários do meio onde estavam atuando.

O relato de Bandeira no vídeo “Rumos Educação Cultura e Arte”, encartado no livro “Educação de saberes, poderes e querereres” do projeto Rumos Itaú Cultural, cita parte da metodologia utilizada nesse trabalho de teatro com a juventude no Centro Cultural CELITA, cuja inspiração está centrada na pedagogia de Paulo Freire, adotando uma sistemática de círculo de cultura. Ele conta:

Então, a gente começou com um curso de teatro, aulas teóricas sobre teatro e nós fazíamos também trabalho de corpo, exercícios corporais e nós tínhamos várias dinâmicas de integração. Nesse processo a fala é compreendida como um aspecto fundamental porque o jovem, de certa forma, é muito tolhido pela família, pela escola, pela sociedade de um modo geral. O jovem tem sua fala oprimida e esse exercício da fala é um desafio para juventude. Com o trabalho do teatro a gente construía esse enfrentamento cotidianamente (2006 – transcrição de vídeo – anexo 13).

Conforme análise de Fiori, na apresentação do livro *Pedagogia do Oprimido*, em sua 13ª Edição, da Editora Paz e Terra, o círculo de cultura – no método Paulo Freire – revive a vida em profundidade crítica e promove a essência intersubjetiva do ser humano por meio do diálogo, proporcionando que a consciência de si e a consciência do mundo se desenvolvam conjuntamente e em razão direta. O autor afirma:

Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que o dominam. Destinado à liberá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos (1983, p. 12).

Uma das jovens protagonistas dessa nova fase do fazer teatral no Centro Cultural CELITA formula em depoimento no mesmo vídeo, acima citado, o seu drama pessoal de medo em relação ao teatro acrescido da proibição materna que não permitia o seu envolvimento com o teatro.

Essa jovem começou a freqüentar as oficinas de teatro escondida da mãe e para que a mesma participasse da montagem da peça infanto-juvenil “O fantástico Mistério

de Feiurinha” _ Texto de Pedro Bandeira _, foi preciso uma conversa pessoal minha com sua mãe.

Começou com o Juarez que era o nosso professor de Português e ele levou umas fichas de inscrição e chegou para nós três e chamou pra gente fazer teatro e a gente disse que não ia. A gente ficou com um pouco de medo e ele insistiu, insistiu, aí a gente disse que iria olhar. Não sabia se a gente ia ficar. A gente veio, olhou e gostou e estamos até hoje... Eu sofria uma repressão em casa porque a minha mãe não deixava eu fazer teatro de jeito nenhum. O João foi na minha casa, falou com minha mãe. Eu estou fazendo teatro, mas ela ainda hoje não quer eu faça (2006 – transcrição de vídeo – anexo 13).

Para Bandeira, assumir o papel de ator/atriz é um enfrentamento com a própria vida, com os seus valores, com a sua estrutura em oposição ao seu jeito pessoal de ser e, de uma certa forma, o personagem desafia o ator/atriz, porque é um enfrentamento de cultura, de valores, de personalidades e nesse processo de assumir o outro, as facetas do personagem e de se exporem ao olhar crítico do público, os jovens e as jovens extravasam sentimentos reprimidos e amadurecem. Sobre o processo teatral no Centro Cultural CELITA esse autor acrescenta:

Inicialmente a gente não tinha a pretensão de, por exemplo, chegar ao ponto que a gente chegou hoje com um grupo de teatro constituído, com esse espaço alternativo, com um espetáculo no nível do que a gente construiu, como foi o caso da peça “ O Fantástico Mistério de Feiurinha”, que é um consagrado texto de Pedro Bandeira, mas a coisa foi sendo construída processualmente. Lentamente e com muito sacrifício, a gente enfrentando diversas dificuldades, mas, também, se alimentando de tudo isso num processo criativo super interessante, que resultou nessa qualidade, nesse trabalho que está satisfatório (2006 – transcrição de vídeo – anexo 13).

O fazer teatro no Centro Cultural CELITA de forma mais elaborada e sistemática implicou em conflitos e polêmicas no espaço educativo da ONG. Uma parte das educadoras/voluntárias defendia uma opção preferencial pelo atendimento de crianças e pré-adolescentes, estimulando o surgimento de atividade que proporcionassem o aumento quantitativo desse público.

Apesar da presença dos jovens e das jovens ser marcante desde as primeiras articulações para a criação da entidade, no cotidiano da entidade existiam dificuldades

de parte das voluntárias em lidar diretamente com a juventude. Os argumentos para essa resistência estavam relacionados à perspectiva de alguns adultos quanto atitudes de bagunça, desrespeitos e/ou de violência eventualmente promovida pelos jovens.



Ilustração 16: Peça “O Fantástico Mistério de Feiurinha” – lacaio e princesas



Ilustração 17: Peça “O Fantástico Mistério de Feiurinha” – bruxas.

Nesse contexto, o teatro quebra a rotina de um atendimento mais restrito dos jovens e das jovens e os acolhe pela comunicação e expressão, em atividades e dinâmicas, que estimulam a busca de si, a valorização do ser, a integração ao grupo e à comunidade e a visão crítica do ambiente onde atuam.

Dessa forma, promove uma integração dos jovens e das jovens com a ONG, aguçando a participação de forma mais organizada, dando maior visibilidade às irreverências e, também, à criatividade desse coletivo. Esta vazão começa a contribuir para a formação de líderes juvenis neste espaço educativo, fato interpretado por alguns dos dirigentes do Centro Cultural CELITA como uma ameaça.

De imediato, alguns não aceitam nem compreendem o trabalho do teatro com a juventude e expressam que eu estaria com essa atividade dando “asas às cobras”.

Numa sociedade em que se tornou comum o uso de tantas máscaras associadas à falsa moral e a criação de couraças como forma defensiva de sobrevivência, a juventude, geralmente, é vista e tratada como perigo social. O teatro expõe a essência espiritual do humano de forma contundente e laica e isso impõe medo e restrições, sendo visto por muitos como preconceito, algo proibido, pecaminoso ou uma ameaça à ordem estabelecida.

Outro desafio que o nosso trabalho com teatro enfrentou no Centro Cultural CELITA refere-se ao investimento financeiro para a montagem de espetáculos na, maioria das vezes, considerado caro e extravagante para os padrões da entidade.

Alguns membros da direção e colegiado, além de voluntárias da entidade, preferiam valorizar as atividades manuais, desenvolvidas por meio do artesanato, seguindo uma perspectiva educacional mais conservadora, baseada na idéia de ocupá-los(as) para tirá-los(as) da ociosidade, conforme o dito popular explicita com muita propriedade: “cabeça vazia é oficina do diabo”.

Para além do enquadramento utilitário da arte, o artesanato tinha uma perspectiva auto sustentável, já que a produção realizada nas oficinas diversas eram vendidas na lojinha da entidade.

Com a repercussão positiva dos espetáculos realizados, que deu grande visibilidade ao trabalho social da ONG, para além dos limites do bairro, e a criação do grupo Teatro Social de Juventude, esse trabalho se firmou na instituição, passando a receber apoio e solidariedade de todos, principalmente, do grupo de mulheres que participavam das oficinas de corte e costura e sempre se empenharam para fazer o melhor em relação a produção de adereços, figurinos e cenários.

Além de abrir um espaço de divulgação da entidade na mídia, o trabalho do teatro tornou-se a principal referência para captar recursos por meio de projetos culturais e até por meio de premiação, como foi no caso dos Editais da Cultura 2007, da Secretaria de Cultura de Fortaleza – SECULTFOR, onde o “Reisado da Pedra” ganhou dez mil reais (R\$ 10.000,00), por sua atuação no campo da cultura popular tradicional.

O espetáculo “O Fantástico Mistério da Feiurinha” ficou entre os dez (10) finalista do projeto Rumos da Cultura 2006, do Itaú Cultural e parte da experiência dessa atividade foi gravada no vídeo “Rumos, Educação, Cultura e Arte, encartado no livro “Educação, saberes, poderes e querereres”(São Paulo: Itaú Cultural, 2006 – (Rumos Educação Cultura e Arte 1).

Por causa da qualidade da produção teatral e da organização do grupo Teatro Social de Juventude, o bairro Pedra foi beneficiado por dois (2) anos consecutivos, com o projeto “Talentos da Cultura” de iniciativa da Secretaria de Cultura do Ceará – SECULT, com recursos do Fundo Estadual de Combate a Pobreza – FECOP.

Esse projeto garantiu a articulação de jovens na promoção da cultura no bairro, por meio de oficinas, atividades e eventos nos quais atuavam como protagonistas, recebiam capacitações e cursos no campo da cultura e um incentivo através de bolsas, com valores entre setenta (R\$ 70,00) e duzentos e quarenta reais (R\$ 240,00).

A partir de 2004, se inicia uma interação das atividades do teatro com o grupo de Capoeira São Salvador - SSA e nesse processo os jovens assumem totalmente a

direção das atividades teatrais, coordenando o grupo Teatro Social de Juventude, administrando as oficinas, realizando a direção artística e a coreografia dos novos trabalhos.

Na montagem do “Reisado da Pedra”, que se deu a partir de oficina realizada pelos jovens entre Julho e Dezembro de 2007, participei como ator e brincante, sem assumir responsabilidade de direção no grupo. Esse espetáculo popular estreou em Dezembro de 2007 e permaneceu com várias temporadas de apresentações até Dezembro de 2009.

A discussão acima apresenta a instância educativa da ONG Centro Cultural CELITA como um espaço de contradições e conflitos em suas interações sociais com os jovens e as jovens do bairro Pedra e suas adjacências.

Entretanto, ressalta a flexibilidade para a organização de atividades diversas a partir dos interesses dos próprios jovens. Além do mais, a entidade se caracteriza como uma alternativa de lazer e espaço livre para a socialização comunitária, que associada a uma pedagogia dialógica direcionada para a formação cidadã, vem proporcionando à região a criação de lideranças jovens.

Os jovens e as jovens passaram a atuar de forma mais intensa como educadores sociais no CELITA e, atualmente, parte desse coletivo se tornou referência em várias outras entidades, nas representações democráticas da comunidade e nos movimentos sociais do bairro.

No capítulo seguinte, realizo um estudo histórico e social da categoria juventude, buscando subsídios para aprofundar os conhecimentos socialmente construídos na interlocução com os jovens e as jovens da Pedra na instância educativa do Centro Cultural CELITA.

CAPÍTULO IV– JUVENTUDE E SOCIEDADE: ESTADO DA QUESTÃO

4. Compreensão histórica e social da juventude

Uma das abordagens clássicas nas ciências sociais sobre a tematização da juventude refere-se à passagem da infância para a vida adulta. A compreensão da condição juvenil como uma fase de vida é inerente à condição humana e perpassa todas as sociedades e todos os modelos de família ao longo da história.

Sempre houve necessidade, por motivo da limitação biológica, de socializar crianças e jovens, preparando-os para a vida adulta. Nesse processo, a juventude, lentamente, adquiriu importância na experiência humana e na história das sociedades.

Esse tipo de análise, mesmo não sendo suficiente para os dias atuais, permite a compreensão de aspectos mais homogêneos, pois a juventude como uma fase de vida possui características que são padronizadas, independente de tempo e lugar. Além disso, possibilita o entendimento de aspectos específicos das culturas juvenis a partir do viés etário ou geracional.

Contudo, a ideia social de juventude e a própria condição juvenil apresentam transformações impressionantes, de uma sociedade ou de um tempo a outro e, portanto, não se trata de lidar com uma única abordagem sobre a juventude. Nesse sentido, compartilhamos com Levi e Schmitt (1996, p. 7) o ponto de vista de que, “como as demais épocas da vida, quem sabe numa medida mais acentuada, também a juventude é uma construção social e cultural”.

Mesmo se reconhecendo que, no geral, a puberdade representa um denominador comum para focalizar as convergências e tensões sobre o início dessa fase de vida, ela não pode ser delimitada com precisão nem por faixa etária nem por convenções sociais ou definições jurídicas, por exemplo. Conforme os autores citados, a compreensão da juventude na perspectiva cultural implica numa abordagem com foco no caráter de limite. Os autores explicam:

Com efeito, ela se situa no interior das margens móveis entre a dependência da infância e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e poder. Nesse sentido, nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase de vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas,

segundo o modo pelo qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório, vale dizer caótico e desordenado (ob. cit., p.8).

A seguir, inspirado em temáticas desenvolvidas por Stearns (2006) apresento uma contextualização da juventude na história, visitando várias sociedades ao longo do tempo do desenvolvimento da humanidade e percebendo distintos aspectos das relações e interações sociais, que possibilitaram o surgimento da juventude como uma categoria social específica.

Esse estudo enfatiza, em síntese, a análise de papéis e funções sociais da juventude, diferenças de gênero, práticas educativas e normativas/disciplinadoras, interações familiares e comunitárias e expressão individual e emocional desse importante segmento social da nossa atualidade.

4.1. A juventude nas sociedades coletoras e caçadoras

As primeiras idéias e práticas da humanidade sobre juventude surgem no contexto das sociedades primitivas, que viviam da caça e da coleta. Num ambiente hostil, onde as adversidades para garantir a sobrevivência dos grupos estavam caracterizadas pela limitação de recursos, os jovens adquiriam reconhecimento pelo potencial de vigor físico propício tanto para garantir a reprodução²⁷ do grupo, quanto a própria subsistência por meio de atividades de defesa e caça de alimentos. A maior parte dessas sociedades desenvolveu rituais de caça para introduzir os meninos no mundo adulto. Stearns afirma:

Exibição de proezas na caça é ainda hoje fundamental nos rituais de iniciação em algumas sociedades caçador-coletoras, e sem dúvida foi muito difundida no passado. Sua importância foi mais que simbólica: o ponto em que os garotos atingiam a idade de prover sua própria subsistência e auxiliar a família era crucial nas condições rigorosas em que os bandos de caça operavam (2006, p.22)

²⁷ Nas sociedade caçadoras/coletoras as expectativas de vida eram muito curta e a necessidade de sobrevivência do grupo limitava as taxas de natalidade impondo um ritmo muito lento de crescimento dessas sociedades, pois havia a consciência coletiva de que um número maior de crianças era uma ameaça para os grupos.

As evidências históricas desse período indicam que o estágio adulto chegava muito cedo. Durante a infância, meninos e meninas eram cuidados pelas mulheres e compartilhavam brincadeiras, com grande convivência. Os meninos, muito cedo, já começavam a se diferenciar por meio de jogos e brincadeiras preparatórios para a caça, se organizando em grupos separados e à medida que ficavam um pouco maiores, era esse o momento em que os homens do grupo assumiam a responsabilidade pela formação dos meninos para transformá-los em caçadores.

O tempo dedicado ao trabalho era muito reduzido, o que permitia uma ampla interação de crianças e jovens com adultos por meio da livre convivialidade e brincadeiras em comum.

As sociedades coletoras e caçadoras tiveram o mérito de espalhar a humanidade pelo planeta ao longo de vários milênios até o momento evolutivo em que lentamente o ser humano se fixa à terra, por meio da agricultura. Essa transição promove a primeira grande revolução social da nossa história, mudando radicalmente o modo de vida dos seres humanos.

As conseqüências dessas mudanças tiveram grandes implicações na constituição de novos papéis e funções sociais para a juventude na sociedade. Esse é o aspecto a ser analisado a seguir.

4.2. A juventude na sociedade agrícola

O lento processo de fixação do homem à terra por meio do domínio de técnicas e do uso de utensílios rudimentares na agricultura, além da domesticação de alguns animais, teve início há mais de dez mil anos atrás e acarretou uma das maiores transformações civilizatórias para a humanidade, proporcionando o surgimento de um novo modelo de organização social e econômica, a partir do surgimento da propriedade privada, da produção privada de alimentos, da geração de excedentes e do escambo.

É óbvio que esse processo trouxe grandes mudanças para a juventude. A principal delas está relacionada à inclusão dos jovens e das jovens no trabalho produtivo dentro do sistema agrícola, tanto quanto àquelas relacionados ao artesanato na estrutura doméstica e, posteriormente, na manufatura.

Na sociedade agrícola, a partir do início da puberdade, a juventude já contribuía ativamente para a economia familiar, os jovens iam trabalhar nos campos e as jovens e os meninos pequenos trabalhavam na casa e ao redor desta.

Essa relação entre juventude e trabalho produtivo na sociedade agrícola torna-se sistemático e bem diferente dos padrões nômades das sociedades coletoras, nas quais o trabalho infanto-juvenil era mais eventual.

O novo modelo de sociedade transforma, cada vez mais, o trabalho numa forte representação social de inserção dos jovens ao mundo adulto, impondo regras e valores, mas, estabelecendo angústias, conflitos e resistências nos processos de integração e reprodução social.

Segundo os vários autores²⁸ estudados, outra grande mudança advinda da sociedade agrícola, foi o aumento das taxas de natalidade por família, que proporcionou um aumento da população de jovens. Esse fato associado ao maior valor do trabalho produtivo dos jovens, no novo ambiente da propriedade agrícola, implicou numa necessidade maior de retardar a maioridade para estender o impacto dessa força produtiva na economia familiar.

Com a sociedade agrícola surge a propriedade privada e, também, as grandes civilizações. Nesse processo, são criados os primeiros códigos legais para regularizar relações de propriedade e de transmissão da terra, além de normas referentes ao trabalho e que mencionavam deveres e obrigações dos jovens, principalmente, em relação à obediência ao pai. Segundo Stearns “a propriedade passaria para as gerações mais jovens através da herança, outra motivação para o trabalho familiar” (ob. cit., p. 29). Esse direito será garantido pelo sistema de primogenitura.

Conforme a lei judaica, mais especificamente o Quinto livro de Moisés – Deuteronômio. Antigo Testamento da Bíblia Sagrada. Capítulo 21:15,16 e 17 – O direito dos primogênito, estabelecia a seguinte regra:

15. Quando um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama e outra a que aborrece, e a amada e a aborrecida lhe derem filhos, e o filho primogênito for da aborrecida,
16. Será que, no dia em que fizer herdar a seus filhos o que tiver, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, adiante do filho da aborrecida, que é o primogênito.
17. Mas ao filho da aborrecida reconhecerá por primogênito, dando-lhe dobrada porção de tudo quanto tiver: porquanto aquele é o princípio da sua força; o direito da primogenitura seu é (1969, p. 233).

²⁸ Heywood, 2004; Ariès, 2006; Levi e Schmitt, 1996; Stearns, 2006.

Diante dessas informações infere-se que a juventude como uma categoria social se fortalece nos primórdios da sociedade agrícola por meio da grande ênfase no trabalho produtivo das novas gerações. Apesar dessa nova visibilidade a juventude permanecerá extremamente constrangida, tanto por meio de um status social e econômico inferior, quanto pela autoridade do pai e todo o poder que esse indivíduo detém no modelo de sociedade patriarcal, que em linhas gerais, se conjuga com a própria constituição da sociedade agrícola.

Nesse contexto, surgem as primeiras tensões sociais da juventude, expressas em arruaças ou desobediências ocasionais, que, em grande parte, eram absorvidas na sociedade da época por meio de disputas esportivas, jogos e festivais agrícolas, onde os jovens podiam extrapolar papéis sociais, mostrar vigor e sobrepor a condição subjugada auferindo destaque e reconhecimento, mediante vitórias nas competições. Essas atividades, entre outras, substituem os rituais de passagem focados na atividade da caça.

Outro aspecto a ser destacado é o fato de que, ao produzir excedentes de alimentos, as sociedades agrícolas promoveram maior desenvolvimento e intercâmbio possibilitando, cerca de 3.500 a.C., o surgimento das grandes sociedades e suas poderosas cidades, como uma forma específica de organização social, que implicou em maiores possibilidades de treinamento e especialização para os jovens.

Na maioria dos casos, tais treinamentos estavam relacionados à expansão no mundo do trabalho, que criava oportunidades de aprendizagens para crianças e jovens. A complexidade das relações sociais aumentava e surgiam outras demandas de especializações para os jovens, entre as quais, podemos destacar as de guerreiros, sacerdotes ou funcionários públicos.

Com as civilizações, sobretudo, as clássicas (Índia, China e Mediterrâneo/Oriente Médio) o uso e domínio da escrita se tornam mais enfático e a cultura mais elaborada. Isso vai implicar, para os jovens do sexo masculino e pertencentes as elites dominantes, processos diversos de escolarização.

Algumas das novas especializações e treinamentos envolviam a escolaridade formal, restrita para uma pequena minoria do sexo masculino, que não pertencia ao mundo do trabalho. Nessa fase das sociedades agrícolas, acentuam-se as estratificações sociais, que separam o mundo do trabalho do mundo das letras e do espírito.

Paulatinamente, as várias sociedades clássicas vão percebendo a necessidade de estender a educação para a elite do sexo feminino. Contudo, esse processo

lentamente se efetiva estabelecendo uma formação distinta para as jovens, voltada para as prendas domésticas e submissão ao status social inferior.

Com as grandes cidades, surge o Estado que trouxe uma grande mudança com o surgimento das leis formais, muitas das quais especificando regras nas relações sociais com a infância e a juventude. As primeiras leis qualificavam status sociais, diferenciando as relações entre nobres e servos, especificam procedimentos relacionados ao direito de propriedade e à hereditariedade e a maioria reforçava a obediência dos filhos ao pai. Podemos ilustrar a severidade dessas relações, que poderia chegar à situações extremas, por meio da lei judaica, (Capítulo 21:18,19,20 e 21 - Acerca dos filhos desobedientes), que especifica:

18. Quando alguém tiver um filho costumaz e rebelde, que não obedecer à voz de seu pai e à voz de sua mãe, e, castigando-o eles, lhes não der ouvidos,
19. Então seu pai e sua mãe pegarão nele, e o levarão aos anciãos da sua cidade, e à porta do seu lugar;
20. E dirão aos anciãos da cidade: Este nosso filho é rebelde e costumaz, não dá ouvidos à nossa voz: é um comilão e beberrão.
21. Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão com pedras, até que morra; e tirarás o mal do meio de ti, para que todo o Israel o ouça e tema (1969, p. 233).

As sociedades clássicas do Mediterrâneo, mais especificamente a sociedade grega e a romana, apresentavam uma intensa relação de admiração pela juventude, que mesclava elementos do vigor físico, com a estética e a sexualidade, reconhecendo e valorizando qualidades positivas na juventude.

Na sociedade Grega, a questão axial da vida em sociedade era a cidade, compreendida como a expressão de uma vida social bem regulada, que necessariamente dependia do equilíbrio de instituições e da arte de viver em comunidade. A mediação desse processo com a juventude se dava por meio da Paidéia, um processo educativo que permitia o acesso dos jovens a um saber partilhado e contribuía para lapidar as qualidades humanas para a formação do cidadão integral. Conforme Schnapp, “a Paidéia identifica-se com um comportamento global, com aptidões psicológicas e morais que não se limitam unicamente à aprendizagem de certo número de técnicas militares” (1996, p. 19).

Para Platão (Leis, I, 643e: 1999) a Paidéia era a civilidade, a formação da virtude desde a infância, que desperta o desejo e a paixão de tornar-se um cidadão

completo, de saber comandar e obedecer segundo a justiça e, portanto, o principal meio de assegurar à comunidade um corpo de cidadãos aptos a respeitar as leis da cidade ideal. Schnapp ressalta:

O corpo dos jovens está no centro das preocupações da cidade. Quer se trate de treinamento de regime alimentar ou de aptidão para a vida coletiva, a cidade cuida do mundo juvenil com se cuidasse do seu próprio coração. As regras da educação devem ser temperadas pelo contato pessoal entre o mestre e o discípulo - erastès e eròmenos (ob. cit., p.31).

No geral, seguindo o padrão de todas as civilizações agrícolas, as civilizações do Mediterrâneo desenvolveram uma sociabilidade com a juventude no sentido de afirmar o máximo possível a autoridade familiar com rápido amadurecimento, sendo a maioria precoce, mas dependente.

4.3. A juventude no ocidente pré-moderno

Com a publicação do livro “L’enfant et la Vie familiale sous l’Ancien Régime²⁹”, em 1960, o historiador francês Philippe Ariès tornou-se a principal referência sobre a história da criança na Idade Média e início da Idade Moderna na Europa, enfatizando o processo de crise da família naquela conjuntura de transição paradigmática.

Uma das principais teses defendidas por esse autor era a de que a infância mal se reduzia ao período da frágil idade e logo os pequenos eram misturados aos adultos e compartilhavam com esses, trabalhos, jogos e convivência sem grande diferenciação. Não havia atenção e afetividade individuais tão intensos quanto posteriormente surgiriam na modernidade.

Enquanto pequeninas e graciosas as crianças serviam à diversão dos adultos, posteriormente passavam a ser contidas, em alguns momentos eram tratadas com severidade e, no geral, eram cuidadas pelo coletivo dos povoados, que ajudavam a olhar as crianças e jovens proporcionando disciplina, limites e múltiplas sociabilidades (brincadeiras entre crianças, solidariedade com idosos, participação em jogos e festivais, etc.).

²⁹ Traduzido no Brasil com o título: História social da criança e da Família. Tradução de Dora Flaksman. 2ª Ed. Philippe Áries. Rio de Janeiro. LTC Editora, 2006.

Áries afirma que no período medieval as evidências históricas apontam para a tendência de que a criança pequena já passava de imediato à condição de adulto sem haver a mediação da juventude, tal qual era praticada em outras civilizações e muito menos da adolescência, especialização que irá adquirir grande destaque somente no início da modernidade.

Ele percebe vantagens nessa sociabilidade pré-moderna e constata que havia muito mais integração e liberdade às crianças e jovens naquela época do que passaram a ter na sociedade moderna com sua vigilância e controle exagerado, conforme afirma:

A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internado. A solicitude da família, da Igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ela gozava entre os adultos. Inflingiu-lhe o chicote, a prisão, em suma, as correções reservadas aos condenados das condições mais baixas (2006, p. 195).

Ao sugerir que a partir do final do século XVII e início do século XVIII a situação em relação à infância começa a ter uma atenção especial, que está associada ao reconhecimento de necessidades de hábitos de saúde, alimentares, orientação moral e religiosa, enfoca várias das conseqüências negativas dessas atitudes por conta da severidade nas relações sociais entre infância, juventude e mundo adulto. Apesar de reconhecer, que houve um avanço nos sentimentos de afetividade no espaço da família.

É lógico que estas mudanças em relação à visão e ao trato social com a infância e juventude referem-se às transformações macro sociais que estavam em ebulição, pois desde o início do século XVII, o absolutismo deparava-se com uma Europa fatigada pelas guerras religiosas, entre as dinastias reinantes e, principalmente, por causa do autoritarismo vigente, onde todos os excessos eram praticados contra o povo.

Nesse contexto, a resistência popular crescia na luta por liberdade e por direitos individuais, na mesma medida em que se ampliava e se fortalecia a ascensão econômica da burguesia, que, paulatinamente, lutava por ascensão política e social até se tornar historicamente a classe dominante.

Nas contradições desse longo processo, surgem reflexões políticas e críticas de pensadores que revolucionaram seu tempo e também as concepções sobre infância e juventude. Hobbes, Locke, Montesquieu e Rousseau, entre outros, descreveram, em

momentos e espaços distintos, a trajetória do liberalismo aristocrático, realizando esboço que mostra onde principia a decadência do absolutismo e onde surge a democracia moderna como doutrina de poder governamental constitucional.

Thomas Hobbes (2004) introduz o pensamento de que o poder é absoluto, indivisível e irresistível, apresentando discussão sobre a origem contratual do Estado, o que influencia uma nova fundamentação do poder, e contribui para superar a fase do Estado teocrático, sustentada pelo direito divino.

Com sua clássica obra, *Leviatã* (1651) torna-se o teórico do absolutismo, defendendo o poder infinito de quem governa em nome da manutenção da ordem e da conservação social, havendo, para isso, o preço a ser pago: ausência total de liberdades. O Estado, não mais a Igreja, transforma-se em senhor absoluto da vida e dos comportamentos humanos.

Todavia, a doutrina do liberalismo, em sua fase revolucionária, despertava para uma nova consciência democrática e alicerçava as bases históricas para posterior surgimento da modernidade. Proporcionou de imediato outro aspecto relevante para a infância e a juventude no período pré-medieval, que foi o aumento da escolaridade.

No final do século XVII, John Locke (1973) se contrapondo ao pensamento predominante do cristianismo, que associava às crianças o dogma do pecado original estimulando, assim, o uso dos castigos físicos, do medo e da condenação à danação, como instrumentos disciplinadores do comportamento das crianças e dos jovens, afirmava que as crianças eram “tabulas rasas³⁰”, considerando-as aptas para o desenvolvimento intelectual, desde que recebessem cuidadosa educação. Em seus estudos, Stearns afirma:

Taxas de natalidade começaram a cair a fim de permitir mais atenção individual às crianças e uma distinção formal maior entre a infância e seus vários estágios e a idade adulta marcou também essa transformação (2006, p. 74).

Locke rejeita o inatismo da razão que admite idéias e princípios por cada homem tendendo ao acordo universal. Para ele, a concordância social é um processo de descoberta, construído senão pela educação do espírito em condições comuns.

Locke - com seus tratados - fez a primeira crítica séria ao absolutismo, pois já havia incorporado a concepção positiva dos direitos do homem e as liberdades

³⁰ Estado que significa para os empiristas “mente vazia”. Conferir Locke 1978.

individuais preponderantes para libertar politicamente a sociedade inglesa da tirania predominante, naquela época.

Montesquieu (2004) zombava das instituições seculares e elaborou uma original e profunda crítica política, ao discutir, na base das relações sociais e institucionais, as técnicas da liberdade, os instrumentos de sua proteção, principiando reflexões sobre a necessidade de haver separação e equilíbrio de poderes. Influencia, assim, para as possibilidades de ordenamento constitucional do Estado liberal que, se torna a base na qual, o Ocidente assentou a complexa experiência governativa da sociedade capitalista moderna.

“O Espírito das Leis”, obra mais célebre de Montesquieu, foi transformado pelo constitucionalismo europeu em breviário da democracia representativa e manual cívico da liberdade moderna. Segundo o autor, as leis fundamentais da democracia são o sufrágio pela sorte, a publicidade do voto, a elaboração das leis exclusivamente pelo povo, ponto que ele submeterá à restrição do governo representativo.

Para Montesquieu, a democracia, na ordem republicana, apresenta-se como nova virtude moral, dirigida ao bem público, com plena capacidade de envolver todos na renúncia e no sacrifício por amor à pátria e às leis, com sujeição do interesse privado ao interesse social, diferenciando, por total, esse potencial político da virtude cristã, que estabelece obediência às verdades reveladas pela religião. Nessa obra, o autor estabelece a igualdade como virtude democrática por excelência que, no seu entendimento, é estabelecida por meio das leis. Porém, adverte:

A democracia não se corrompe apenas com a perda do espírito de igualdade, se arruína cada vez que a liberdade move-se para os extremos, toda vez que o povo sem confiar já no poder que instituiu busca tomar e realizar por si mesmo as atribuições dos órgãos representativos. O povo-legislador, o povo-administrador, o povo-juiz, eis a democracia corrompida (2004, p. 61).

Pela validade pulsante que tais palavras do pensador francês, escritas em 1748, manifestam na sociedade contemporânea, pode-se constatar a incapacidade do capitalismo burguês para dar sustentação e verdadeiramente promover democracia que, cada vez mais rapidamente, caminha para a decadência imposta pelo autoritarismo econômico e bélico, em detrimento das históricas bandeiras civilizatórias liberais da modernidade, em sua origem: liberdade, igualdade e fraternidade.

Os pensadores iluministas do Século XVIII avançam na defesa dos direitos individuais e fortalecem as lutas em torno do Estado Constitucional e democrático, aprofundando as críticas ao cristianismo tradicional e ao absolutismo que infligiram às crianças e jovens castigos e severa educação. Surge, então, uma atenção maior à escolaridade.

Jean-Jacques Rousseau (1995) vai defender um compromisso mais atencioso com a individualidade das crianças e jovens. Orienta que os pais devem usar métodos mais carinhosos de criação dos seus filhos evitando castigos excessivos e espancamentos e considera que as escolas deveriam usar metodologias mais criativas e com ambientes acolhedores e abertos onde as crianças pudessem exercer a liberdade de serem crianças. Além disso, ele rompe com o costume predominante de tratar as crianças como adultos e vai advogar que todos devem permitir que elas sejam, pensem e se sintam como crianças.

Podemos afirmar que “Emílio ou da Educação” (1995) é a obra que sintetiza o pensamento fundamental de Rousseau, que defendia uma educação pela liberdade e para a liberdade e teve grande importância para a sociedade da época pois proporcionou grande avanço para o surgimento das escolas laicas e para libertar o Estado da tutela da Igreja.

Na visão de Rousseau, a criança precisa de liberdade física para o seu crescimento e bom desenvolvimento e não pode ser contida ou confinada em ambientes restritos. Acredita que nesse processo ela descobre, amadurece e, paulatinamente, conquista a liberdade interior.

Além disso, Rousseau considera que para a “educação do espírito é mais importante uma inteligência esclarecida que uma grande acumulação de saber”. No método proposto por Rousseau, estão presentes alguns princípios fundamentais da educação moderna: o ensino prático, a descoberta de conhecimentos através do contato direto com a vida.

Antes mesmo, quando Rousseau entrava em cena com seu “Contrato Social” (2004), o reino da nobreza já estava profundamente minado pela repercussão do Espírito das Leis. Tudo profetizava o cataclismo revolucionário, tudo pressagiava a transformação social iminente. Para esse autor, a realização concreta do eu comum é a noção de liberdade, entendida esta como direito e dever e com a qual, por meio de contrato social, se alcança a vontade geral.

A lei, como ato da vontade geral e expressão da soberania, é de vital importância, pois determina todo o destino do Estado. Assim, o autor submete a vontade individual à vontade geral e ao bem público, abrindo fronteiras para o Estado impor ao homem deveres e obrigações políticas e sociais que iriam justificar a própria existência do Estado.

A burguesia, escrevendo a filosofia do contrato social e fundando a economia política como ciência, impetrou contra as antigas ordens privilegiadas, a liberdade individual como direito natural, em conjunto com o poder limitado, o Estado de direito e a liberdade das forças produtivas da economia capitalista, para daí criar e concentrar riquezas e dilatar mercados.

O Estado moderno surge em decorrência desse longo período de rupturas e conflitos sociais, denominados, pelo historiador Hobsbawm (2002), de “Era das Revoluções”, que caracteriza profundas transformações em todas as esferas da vida social, tendo seu auge na Revolução Francesa que, ao desmoronar o absolutismo decadente, na Europa, consolida um novo modelo de sociedade: capitalista, burguês e liberal. Nesse sentido, Peralva observa:

A difusão desses novos mecanismos de ordenamento do mundo ocorre da aristocracia e da burguesia em direção às classes populares, porque se vincula também, indissociavelmente, aos processos históricos de construção da democracia (1997, p. 14).

Trata-se de nova e abrangente concepção de liberdade, centrada no próprio homem, na sua personalidade inviolável, elevada ao grau de direito natural. Consolidam-se os direitos individuais concomitantemente ao nascimento da longa caminhada pela conquista e contínua ampliação de direitos políticos. No livro “Mudança estrutural da esfera pública”, Habermas analisa o surgimento da sociedade civil na sociedade burguesa, com a seguinte avaliação:

O público pensante dos “homens” constitui-se em público dos “cidadãos”, no qual ficam se entendendo sobre as questões da res publica. Essa esfera pública politicamente em funcionamento torna-se, sob a “constituição republicana”, um princípio de organização do Estado liberal de Direito. Em seu âmbito está estabelecida a sociedade civil burguesa como esfera da autonomia privada (cada qual deve poder procurar a sua “felicidade” por aquele caminho que lhe pareça útil). As liberdades civis são asseguradas através de leis gerais; à liberdade

do “homem” corresponde a igualdade dos cidadãos perante a lei (abolição de todos os “direitos natos”). A própria legislação se baseia na “vontade do povo decorrente da razão”, pois leis têm sua origem empiricamente na “concordância pública” do público pensante: por isso é que Kant também as chama de leis públicas, diferenciando-as das leis privadas que, como usos e costumes, não têm necessidade de serem reconhecidas expressamente. “Mas uma lei pública, que determina a todos o que juridicamente lhes deve ou não ser permitido, é o ato de uma vontade pública, da qual emana todo o direito e que, portanto, não deve ser injusto com ninguém. Ora, essa não pode ser nenhuma outra vontade senão a do povo todo (todos decidindo sobre todos e, com isso, cada um sobre si mesmo)” (2003, p.131).

O Estado moderno suprime o Estado absoluto, implantando o Estado constitucional, onde o poder não mais é pessoal, são as leis e não as personalidades que governam o ordenamento social e político. A legalidade é a máxima de valor supremo e se traduz com toda energia no texto dos códigos e das constituições. Nasce o mundo jurídico da burguesia e também as imensas contradições dessa sociedade emergente. Chauí sintetiza essa transição, que trouxe maior atenção e especialidade para a juventude, apesar de acentuar o controle social por meio da organização familiar e propriedade da terra:

O que se desloca é a fonte do poder, que de Deus ou da Natureza, se transfere para a sociedade. Os avatares da idéia liberal da representação são interessantes: começará com a teoria do contrato e terminará na teoria dos partidos políticos, esta começando, por seu turno, com a afirmação de que o partido é um mal necessário para concluir que ele é indispensável para a vida democrática, modificação que, evidentemente supõe duas outras: em primeiro lugar, que o representante não representa a razão, a verdade e o interesse geral, mas grupos e classes; em segundo lugar, que representar não é “estar no lugar de”, mas, é “agir em nome de” (1989, p. 295).

4.4. A juventude na modernidade

A época moderna pode ser compreendida como uma época de "revoluções sociais", cujas bases se processaram na transição do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista. São mudanças que, historicamente, aconteceram na Europa Ocidental e nos Estados Unidos e com dinâmicas e tempos diversos se estenderam por outros países se tornando predominante no mundo atual. Stearns faz uma importante reflexão sobre o uso generalizado da palavra modernidade que resultou numa forma abusiva de etnocentrismo e adverte:

Uma razão importante que levou os estudiosos de história mundial a criticar o que era chamado de “modelo de modernização” é que ele deu lugar de honra ao Ocidente e admitiu (em suas versões mais simples) que o resto do mundo seguiria padrões ocidentais, caso contrário estaria ocorrendo uma deficiência que precisaria ser explicada (2006, p.89).

A modernidade se constitui, sobretudo, como uma era de rupturas com costumes e épocas passadas, criando novos estilos mais abertos e flexíveis e seu próprio modo de organização social com base capitalista e tendo como principais referências as conquistas dos direitos individuais, do Estado Constitucional e da democracia burguesa. Tudo isso trará grande impacto na forma da sociedade compreender e tratar a juventude. Habermas explica:

Uma vez que o mundo novo, o mundo moderno, se distingue do velho pelo fato de que se abre ao futuro, o início de uma época histórica repete-se e reproduz-se a cada momento do presente, o qual gera o novo a partir de si. Por isso, faz parte da consciência histórica da modernidade a delimitação entre “o tempo mais recente” e a “época moderna”: o presente como história contemporânea desfruta de uma posição de destaque dentro do horizonte da época moderna (2000, p.11).

As mudanças estruturais na família e na sociedade desde a era liberal, na avaliação de Habermas estão caracterizadas menos pela perda de funções produtivas da tradição agrícola em favor de funções consumistas e mais pela progressiva separação do contexto funcional do trabalho social de modo geral. E acrescenta:

Também a família *strictu sensu* de tipo patriarcal burguês há muito já não era mais uma comunidade de produção; mesmo assim, baseava-se essencialmente na propriedade familiar, que operava capitalistamente (2003, p. 184).

Na análise de Sales, o florescimento das sociedades urbanas, no contexto da modernidade, se ampliam e, com isso, se especificam a compreensão de distintas etapas entre a infância e a vida adulta, surgindo em várias ciências, estudos a partir de conceitos como: puberdade, juventude e adolescência. A autora destaca os estudos antropológicos relativos às comunidades primitivas para perceber que, apesar dessa fase de vida ter características biológicas comuns, nas sociedades rurais elas não possuem a mesma valoração que passam a ter na vida urbana. Conforme explica:

O conhecimento de aspectos históricos e a identificação de toda diversidade e classificação das idades da vida são referências importantes para se pensar como a idade foi sendo construída, reelaborada ao longo do tempo. Trazendo essa discussão para o Nordeste, o Ceará rural, os dados de identificação civil são bastante diversos, pois existem variações por sexo, faixa etária e escolaridade. No Ceará encontram-se ainda muitas mulheres adultas que desconhecem a própria idade, tal como acontecia nas sociedades camponesas na Idade Média (2006, p. 121 e 122).

As mudanças de costumes que se expandiam na sociedade desde o final do século XVIII, faziam aumentar as relações sentimentais no âmbito familiar e reivindicar a igualdade entre os filhos, tornando-se inaceitável para a opinião pública a continuidade do sistema da primogenitura.

Apesar disso, focos de resistência conservadora tentam preservar os privilégios dos filhos mais velhos que, só posteriormente, são superados pelos avanços dos códigos civis da modernidade. Conquista social que trouxe maior bem estar e segurança ao considerar princípios mais justos ao direito de herança dos filhos. Sobre isso Habermas argumenta:

Com as funções de formação do capital, a família também perde cada vez mais funções como a de criar e de educar filhos, funções de proteção, de acompanhamento e de guia, em suma, funções elementares de tradição e orientação; ela perde o poder que tinha de determinar comportamentos, sobretudo em setores que, na família burguesa, eram considerados com o âmbito mais

íntimo do privado. De certo modo, portanto, também a família, esse resquício do privado, é desprivatizada através das garantias públicas de seu status (2003, p. 185).

Aliás, outra característica que surge com a modernidade é a criação da intimidade familiar. Outrora predominava uma densidade social tão movimentada e sem privacidade, entre senhores e criados, que diluía a dimensão familiar nessas relações cotidianas que nunca davam privacidade ao núcleo familiar em si. Ariès, fazendo referência a essa questão, afirma:

No século XVIII, a família começou a manter a sociedade a distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular. A organização da casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo. Era já a casa moderna, que assegurava a independência dos cômodos fazendo-os abrir para um corredor de acesso. Mesmo quando os cômodos se comunicavam, não se eram mais forçado a atravessá-los para passar de um ao outro. Já se disse que o conforto data dessa época: ele nasceu ao mesmo tempo em que a intimidade, a discrição e o isolamento, e foi uma das manifestações desses fenômenos. Não havia mais camas por toda parte. As camas eram reservadas ao quarto de dormir, mobiliado de cada lado da alcova com armários e nichos (2006, p. 185).

Para Habermas, essa intimidade familiar na realidade surge e se expressa na “aparência de uma intensificação da privacidade numa esfera íntima reduzida ao setor da comunidade de consumo da pequena família” (2003, p. 185). Com a modernidade, a família se desenvolve no sentido de se tornar consumidora de rendimentos e busca ajuda social e tempo para o lazer, tornando-se beneficiária de indenizações, assistência previdenciária e várias outras garantias e direitos assegurados pelo poder público.

Com a modernidade, os membros individuais da família passam a ser socializados mais intensamente por novas instâncias educativas extra-familiares. Essa tendência é fortalecida, em parte, pelo enfraquecimento da autoridade paterna, observável em todos os países com industrialização avançada.

A sociedade, modo geral, passa a ter funções socializadoras de forma mais imediata, pois a industrialização impôs uma racionalidade própria, educando os trabalhadores com disciplina centrada na produção que, por conseqüência, trouxe a quebra nas relações sociais tradicionais. Aos poucos, o trabalhador, incluindo-se os

jovens operários, foram sendo privado da convivência familiar, das formas tradicionais de associação e produção comunitária, para serem obrigados a cumprir intensa jornada de trabalho em troca de um mísero salário.

Outra grande mudança que caracterizou a transição da sociedade agrícola para a modernidade foi o deslocamento da visão consensual do trabalho produtivo (doméstico e comunitário) das crianças e jovens para gradual acesso à escolaridade, cuja origem elitista e exclusiva para os homens, avança para a inclusão das mulheres e ampliação em vários níveis escolares. Essa transferência formal da função pedagógica da família para a escola é outro elemento que vem caracterizar o quadro de crise da família moderna. Habermas argumenta:

A família, que é cada vez mais excluída do contexto imediato da reprodução da sociedade, só na aparência é que mantém com isso um espaço intrínseco de privacidade intensiva: na verdade, tendo perdido as suas tarefas econômicas, ela também perde as suas funções de proteção; exatamente à pretensão econômica da família patriarcal *strictu sensu* correspondia, de fora, a força institucional para a formação de um domínio da interioridade que, hoje, abandonada a si mesmo, sob o ataque de instâncias extra-familiares, começou a se dissolver numa esfera da privacidade aparente imediatamente ao indivíduo (2003, p. 186).

Somente no final do século XVIII, na Europa, aconteceu redefinição dos sistemas educacionais, surgindo as escolas secundárias para a formação dos jovens da elite. No mesmo período, houve interesse governamental na expansão massiva da educação primária. O ensino secundário americano surgiu por volta de 1840. As demandas crescentes, principalmente, da nova classe média, pressionam por acesso à educação e fizeram surgir novas escolas de ensino secundário. Peralva focaliza a era industrial como o período áureo da experiência moderna e afirma:

É a partir do momento em que o Estado toma a si, de forma voluntária e sistemática, múltiplas dimensões da proteção do indivíduo, entre elas e sobretudo a educação, é quando a escola se torna, no século XIX, a instituição definitivamente obrigatória e universal, escapando à iniciativa aleatória e intermitente da sociedade civil, que a racionalidade moderna se torna também imperativo universal (1997, p. 15).

Essa referida autora analisa que a escolarização e os sentimentos familiares se desenvolveram como dimensões complementares e contraditórias da experiência individual: enviar a criança ao colégio representava uma nova atenção particular com sua formação individualizada, mas também representava um distanciamento e uma separação necessária frente ao sentimento de família nascente, com a importância assumida pelos vínculos afetivos na estrutura das relações na família moderna.

Em conjunto com a pressão da sociedade por acesso a educação, surgem as primeiras lutas contra o trabalho infantil e juvenil, principalmente nas fábricas, que naquela época era espaços insalubres e hostis. As primeiras legislações limitavam o trabalho infantil. Na França, a lei de 1841 limita a oito horas o trabalho de crianças entre oito e doze anos, e a doze horas o dos adolescentes entre doze e dezesseis anos. Ao mesmo tempo, a lei obrigava os patrões a oferecerem educação a seus jovens trabalhadores. Tais leis tiveram grande repercussão por todo o Ocidente, mas pouca efetividade devido ao precário sistema de fiscalização.

Contudo, houve progressiva exclusão das crianças, adolescentes e jovens, do trabalho. À medida que a escolarização se difunde, ela tende a subtrair vários segmentos, progressivamente mais amplos da população infanto-juvenil do trabalho e, dessa forma, retardando a entrada na idade adulta.

O estudo de Stearns aponta que na modernidade houve uma enorme e recente preocupação com a sexualidade infanto-juvenil, revelando o aumento do nível de ansiedade sobre essa questão social. O autor esclarece:

Os novos padrões ocidentais promoviam um complicado malabarismo em que o sexo não era visto com bons olhos, ao mesmo tempo em que um flerte carregado de sexualidade era estimulado. Alguns jovens e mesmo adultos achavam a combinação confusa (2006, p.100).

Na sua análise crítica sobre a inocência amorosa das crianças em contradição com os preceitos de controle sexual, o Ocidente introduziu uma inovação básica na fase de vida entre a infância e a juventude no início do século XIX, que foi o surgimento da idéia de adolescência.

Conforme o autor, em tela, a palavra adolescência começou a ser usada em 1830, mas se tornou comum com os psicólogos infantis do século XIX. Nesse

momento, a adolescência não tinha sido identificada antes de forma específica e era abordada como uma categoria pertencente a juventude.

Stearns explica que o conceito surgia vinculado, principalmente, à classe média, emergindo das várias mudanças ocorridas na experiência e na idéia de infância e novas concepções e tratos da juventude na sociedade em geral.

Inicialmente, o conceito adolescência vai chamar atenção para o maior período de dependência dos filhos no âmbito familiar, que ao invés do trabalho precoce e autonomia financeira, agora, são encaminhados para a escola secundária. Cavalcanti, sintetiza o conceito de adolescência com as seguintes palavras:

A adolescência, como a conhecemos hoje, é fruto dos avanços científicos e transformações psicológicas, educacionais e socioculturais ocorridos a partir do século XIX. Até então, não era reconhecida como etapa do desenvolvimento nem como categoria social. O conceito está intimamente ligado à constituição da família nuclear moderna, ao prolongamento da idade escolar e à expansão das escolas para as diversas classes sociais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece o período entre 10 e 19 anos; já para o Estatuto da Criança e do Adolescente brasileiro, a fase vai dos 12 aos 18 anos (2008, p. 6).

Peralva, em seu artigo “O jovem como modelo cultural”³¹ explica que, na modernidade, as fases de vida, alcançam especificidades próprias se tornado interdependentes e hierarquizadas. Para ela, esse processo se dá sobre uma tensão entre a lógica da modernização direcionada numa orientação para o futuro, pela afirmação conquistadora da renovação como valor e o fundamento normativo da ordem moderna, que afirma a primazia do passado como elemento de significação do futuro: “Cabe ao passado, isto é, à ordem social já constituída, domesticar, sem destruir, os elementos de transformação e modernização inerentes à vida modernas” (1997, p. 17).

A conquista e o aprimoramento de técnicas, associada à propriedade privada dos meios de produção, determinaram a alienação do trabalho e de toda a sociedade por meio da produção em massa.

Nesse longo processo histórico, os trabalhadores perderam a propriedade dos meios de produção, que tornaram, cada vez mais, maquinarias caras e sofisticadas, que se deslocaram dos espaços das oficinas com produção artesanal e, geralmente,

³¹ Revista Brasileira de Educação, nº 5-6, mai/dez.1997. Especial sobre juventude e contemporaneidade.

organizadas na estrutura familiar ou comunitária, para ocupar, dramaticamente, as fábricas, com produção em larga escala, direcionadas para os mercados em expansão.

Michelle Perrot (1996) analisa a trajetória da juventude das oficinas familiares às fábricas, no processo da industrialização no início do século XIX, na Europa, e enfatiza as contradições sociais que se ampliaram nas relações de trabalho no capitalismo emergente.

Verifica que uma parte da juventude adquire um sentido social mais intelectual e político por estar associada às lutas democráticas ou nacionais, por ter estudo nas universidades ou liceus, que funcionavam como verdadeiros bastiões da juventude burguesa. Portanto, eram os jovens da elite em ascensão.

Contudo, Ela analisa que os jovens operários não se beneficiavam, como os jovens burgueses, desse tempo de latência e de formação que possibilitava uma sociabilidade adequada e eventualmente uma expressão autônoma.

O precoce encaminhamento ao trabalho absorvia suas energias sem lhes dar status e direitos de adultos. E afirma: “A família e a classe operária têm necessidade de seus jovens, mas lhes pede trabalho, obediência e, em última instância, silêncio. Eles se exprimem pouco e, quando o fazem, sua voz é reprimida” (1996, p. 84).

Essa nova realidade trouxe para a juventude das camadas populares uma crise relacionada ao processo de aprendizagem devido ao fechamento de muitas oficinas e manufaturas, com a conseqüente desorganização das classes de idade no trabalho como aprendiz, que as sociedades tradicionais administravam de forma mais pacífica do que a industrial.

Habermas, considerando as ambivalências do liberalismo na concepção da esfera pública burguesa, vai observar que os conflitos, até então contidos na esfera privada, começam a estourar agora na esfera pública. Necessidades grupais, que não podem esperar para serem satisfeitas e novas demandas de consumo num mercado auto regulativo, tendem a serem reguladas pelo Estado.

Em sua opinião, as Leis que surgem sob a “pressão da rua” dificilmente podem ainda ser entendidas a partir do consenso razoável das pessoas privadas de debater publicamente. Correspondem de modo mais ou menos manifesto, ao compromisso de interesses privados concorrentes.

A partir da Inglaterra, ainda no século XVIII, surgem os direitos civis com fulcro no substrato fundante das liberdades individuais. Com o passar do tempo, esse novo modelo de sociedade se expande por todo o Ocidente, evolui econômica e

politicamente numa constante dinâmica de contradições e conflitos sociais, principalmente com os trabalhadores e os ideais socialistas, que fazem nascer, no século XIX, os direitos políticos. É nesse contexto que Perrot afirma: “O século XIX tem medo de sua juventude, e particularmente de sua juventude operária, da qual se teme a vagabundagem, a libertinagem e o espírito contestador” (1996, p. 85,v.2).

No final do século XIX, reformadores introduziram em toda a sociedade ocidental novos códigos de justiça para a juventude e todo uma sistema especial como juizados específicos e instituições penais separadas, denominadas de reformatórios.

Nesse contexto, as leis que regulavam o comportamento infanto-adolescente e juvenil, sobretudo, ficaram mais severas. Nas grandes cidades, que se alastram com a industrialização avançada, a juventude adquire anonimato e passa a ser criminalizada por comportamentos como o vandalismo, a vadiagem e o sexo livre. Nas sociedades tradicionais havia mais tolerância, pois a comunidade era conhecida e as pessoas acreditavam que a juventude não seria capaz de extrapolar, excessivamente, as regras sociais.

Apesar das grandes transformações advindas com a modernidade, que trouxe muitas modificações e novidades nos costumes e nas relações sociais, pode-se observar que a educação no mundo moderno e, sobretudo, a socialização das novas gerações, permaneceu essencialmente conservadora, caracterizada como uma ação das gerações adultas sobre os jovens, considerados como despreparados e inexperientes para a vida social. Peralva, a respeito do assunto, afirma:

O velho se impõe sobre o novo, o passado informa o futuro e essa definição cultural da ordem moderna define também as relações entre adultos e jovens, definindo o lugar no mundo de cada idade da vida(1997, p. 18).

No final do século XIX, houve grande empenho em se criminalizar o uso de bebidas alcoólicas e de cigarros entre crianças, adolescentes e jovens. Diante da nova sociedade do consumo, na qual a bebida e o cigarro eram apresentados pela indústria da comunicação de massa como ícones de liberdade, do sucesso e do poder, tornou-se cada vez mais difícil para adolescentes e jovens, principalmente, em busca de afirmar a própria identidade, respeitar as exigências sociais.

Surge, com grande visibilidade social, a juventude como desvio às normas sociais, e a partir de então se cria uma visão social com tendência a compreender a

juventude como problema social, que foi bastante fortalecida pela sociologia funcionalista norte-americana pós grande depressão econômica do início do século XX, que teve muita influência no desenvolvimento das ciências sociais no Brasil e em toda a América Latina. Sobre essa relevante questão Peralva acrescenta:

Não por acaso, parte considerável da sociologia da juventude constituir-se-á então como uma sociologia do desvio: jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo. Se as formas do desvio variam, em função de níveis distintos de estratificação social e cultural, o desvio como tal, ainda que não sempre em suas modalidades extremas, é inerente à experiência juvenil, conforme propôs David Matza (1961), em sua análise das tradições ocultas da juventude. Assim, embora a tradição boêmia, o radicalismo estudantil e a tradição delinqüente incidissem sobre campos diferentes da prática social, as três, conforme Matza, tinha forte apelo entre a juventude e eram “especificamente antiburguesas”, ainda que de maneiras diversas (1997, p.18).

É importante ressaltar que nesse período, principalmente, entre as décadas de 1950 e 1960 houve no campo da sociologia da juventude um deslocamento das temáticas sobre ordem e desvio para a questão geracional, isso em decorrência de avanços na sociologia do conhecimento e, sobretudo, por conta de um foco diferenciado de abordar a mesma problemática: a desordem e os desvios da juventude passam a ser vistos e interpretados como elemento criativo e transformador da realidade social a partir do engajamento dos jovens nos partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais.

Posteriormente, vários sociólogos, entre os quais Pais (2003), a partir da segunda metade da década de 1980 fazem a crítica da sociologia da juventude, pois atribuem uma dualidade entre duas principais correntes, a geracional e a classista. O autor esclarece:

a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada “fase de vida”, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase de vida _ aspectos que fariam parte uma “cultura juvenil”, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários;

b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Isto é, nesta tendência, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais (Ob. cit., p. 23).

A juventude é mais rapidamente afetada pelas profundas mudanças globais das sociedades complexas frente aos desafios de limite para um desenvolvimento ético e sustentável e anunciam/denunciam para o mundo, que outras dimensões da experiência humana são possíveis.

A virada do milênio trouxe uma abordagem sociológica mais dialética, que não desconsidera a unidade biológica tecida pela fase de vida, mas privilegia a diversidade das culturas, quando entra em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir e valorizar os jovens e as jovens uns dos outros.

4.5. A juventude na contemporaneidade

A realidade contemporânea apresenta crises paradoxais e denuncia de forma catastrófica as graves mudanças globais, decorrentes do modelo insustentável do desenvolvimento capitalista, cuja característica maior conjuga uma sociedade de consumo em massa e uma sociedade do conhecimento. Tudo associando numa lógica do imediato, do individual e do descartável.

No presente, urge compreender a acelerada dinâmica desigual das transformações sociais em curso e tentar entender quais seus significados para a juventude ou de que maneira os jovens estão inseridos nesse processo.

Afinal vivemos num mundo em plena erupção de transformações radicais diversas. Trata-se de um momento histórico de desencantamento com o processo civilizatório da sociedade moderna capitalista, que move-se entre reprodução da dominação e emancipação humana, numa conjuntura complexa que aponta tendências de esgotamento do paradigma hegemônico.

O futuro perdeu a perspectiva de uma construção processual e, aproximando-se do presente com maior rapidez, trouxe a cultura do imediatismo, rompendo os elos entre passado e futuro cria a sociedade do presente. Trata-se de um fenômeno social

pautado pelo consumismo em massa com grande impacto e profundas mudanças culturais. Nesse contexto, os jovens e as jovens adquirem papel de destaque pela facilidade e rapidez de aprendizagem e de adaptação às novas tecnologias de informação que dominam a revolução em curso. Peralva, ao analisar a questão afirma:

A valorização da juventude que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. Mais do que isso, a promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. A importância dos meios de comunicação de massa como veículo de integração cultural e o crescimento do consumo de massa contribuem para essa juvenização (1997, p. 25).

Melucci (1997) analisa que a sociedade presente está formada por sistemas contemporâneos onde a produção material é transformada em produção de signos e de relações sociais, num processo de codificação socialmente produzida, que intervém diretamente na definição do eu, afetando as estruturas biológicas e motivacionais da ação humana.

Em seu ponto de vista, para além do domínio da natureza e da transformação de matéria-prima em mercadoria, o que se apresenta de forma contundente é o desenvolvimento da capacidade reflexiva do eu de produzir informação, comunicação, sociabilidade, acompanhado de um aumento progressivo na intervenção do mundo sistêmico na sua própria ação, na maneira de percebê-la e representá-la, caracterizando um novo processo que é a produção sistêmica da reprodução.

Dessa perspectiva, esse autor percebe as mudanças sociais contemporâneas ambíguas pois, por um lado, apresentam tendência para ampliar e qualificar a participação da juventude em ações sociais de um modo geral. Por outro lado, alerta que a produção de significados dessa participação e dessas ações estão marcadas por maior necessidade de controle normativo e regulação sistêmica do mundo capitalista.

Essa conjuntura esta acompanhada de outro aspecto que se torna fundamental no acelerado avanço da sociedade contemporânea, pois relaciona-se com as conquistas de novas tecnologias nas ciências médicas, estéticas e nutricionais que promovem maior bem estar e qualidade de vida e trazem maior esperança de longevidade para humanidade que, no último século aumentou consideravelmente os anos de vida. Na opinião de Peralva “o envelhecimento postergado transforma o jovem, de promessa de futuro que era, em modelo do presente” (2007, p. 25).

Na sociedade contemporânea a juventude adquiriu um perigoso status de plenitude, primeiro porque se tornou um apelo social genérico e gigantesco, uma promessa mística de juventude eterna por meio do poder do consumo. Segundo, a juventude, em nossa atualidade, deixa de ser uma passagem de vida com tempo biológico específico, portanto, mais estável, para se construir por meio de uma definição cultural, o que conduz os indivíduos, em geral, à se assumirem como jovens em diversos e prolongados estágios da vida. Em seu estudo sobre juventude, tempo e movimentos sociais, Melucci avalia:

Nos dias de hoje, ser jovem parece significar plenitude como o oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. A vida social é hoje dividida em múltiplas zonas de experiências, cada qual caracterizada por formas específicas de relacionamento, linguagem e regras. Complexidade e diferenciação parecem abrir o campo do possível a tal ponto que a capacidade individual para empreender ações não se mostra à altura das potencialidades da situação(1997, p. 36).

O desafio da juventude contemporânea é conseguir desenvolver um processo de conscientização em que possa criar limites frente aos fenômenos decorrentes das revoluções tecnológicas. As juventudes do mundo digital usufruem da abundância de comunicação e informação. Mas, onde poderia se consolidar um espaço de participação e organização prospectiva, predomina a superficialidade, o vazio e a perda do bom senso com a realidade.

A opinião que prevalece entre estudiosos e pesquisadores sobre essa temática social é que a juventude beneficiária da revolução tecnológica perdeu o idealismo utópico, tornou-se pragmática. A exposição crescente, prolongada e contínua no mundo virtual, com toda a sofisticação de programações e condicionamentos neuro-cerebrais consumistas, vêm tornando a juventude mais alienada. É a juventude que se caracteriza pelo jargão “Tudo ao mesmo tempo”, celular, iPod, computador e videogame estão virando, praticamente, uma extensão de corpo e dos sentidos.

Em especial, Melucci assinala que a juventude contemporânea em meio à diversidade tem que buscar novos caminhos com cautela, percebendo que a definição e o reconhecimento de limites pessoais e externos é a chave para se mover em qualquer direção.

No próximo item desenvolvo um contexto social da juventude no bairro Pedra.

4.6. A juventude no bairro Pedra

Neste trabalho desenvolvemos pesquisa-ação por meio da interlocução com a juventude de uma periferia da cidade de Fortaleza, que participa das atividades educativas no Centro Cultural CELITA.

São jovens entre 16 e 28 anos de idade, do sexo masculino e feminino, que foram convidados à contribuir nesse trabalho por motivo do seu engajamento em atividades diversas do Centro Cultural CELITA, ao longo dos últimos anos, principalmente, no grupo Teatro Social de Juventude e, devido, ao protagonismo juvenil por eles e por elas desenvolvidos, tanto na citada ONG, quanto em vários outros espaços comunitários e movimentos sociais do bairro Pedra.

São jovens de uma localidade muito simples, que vem passando ao longo do tempo por diversas transformações, de comunidade isolada que vivia da agricultura e do artesanato, tornou-se área urbana de sítios que, em parte, mantinha os tradicionais vínculos das famílias nativas com a terra e, mais recentemente, vem perdendo suas raízes e características com a intensa ocupação desordenada, o inchaço populacional, decorrentes de loteamentos, invasões de terras e especulação imobiliária.

Tal contexto está desencadeando rápido processo de degradação ambiental e social, numa área desassistida de infra-estrutura básica e políticas públicas diversas, principalmente, para a juventude.

O bairro Pedra é um verdadeiro calidoscópio que expressa, em seu conjunto, uma variedade de fragmentos de tempos e de períodos históricos que se reproduzem em distintas expressões da organização social, sobrepondo diferentes modos de vida de forma específica, conflitante e até inusitada.

Nessa região se encontram famílias que ainda cozinham a base da lenha retirada, principalmente, por mulheres mais velhas, da abundante mata nativa dessa região. A mesma mata composta de uma variedade de árvores frutíferas possibilita um movimento de muitos moradores na coleta de frutas que, em alguns casos, é o único alimento disponível frente ao nível de pobreza de parte da população local.

A mata proporciona também muitas histórias de animais perigosos, reais e fantasmagóricos, gerando narrativas de carreiras por medo de cobras gigantes. Quando alguém consegue matar uma serpente grande faz questão de exibir o feito, para legitimar a valentia e dar autenticidade a sua história que, do contrário, são consideradas mentirosas. As mulheres grávidas ou em período de aleitamento materno,

especialmente, temem a cobra preta, que segundo contam, invade as casas, à noite, para mamar o leite humano.

Esta realidade que povoa o universo da população nativa é contrastada pela classe média, que ainda reside nos confortáveis sítios, com piscinas. Na praça Santa Luzia a animação é intensa nos finais de semana, movida pela disputa de jovens vindos de outros locais que estacionam seus carros com imensos paredões de som.

Atualmente, são várias as “*Lan Houses*” que estão surgindo no bairro Pedra e o “*ORKUT*” é uma verdadeira febre entre os jovens, adolescentes e até entre as crianças, sendo uma ferramenta que aumenta a interação social, possibilita a rápida divulgação de informações, articula eventos diversos e novas amizades, apesar de, geralmente, ser caracterizado por uma comunicação superficial.

Os jovens e as jovens que atuaram como interlocutores dessa pesquisa freqüentam o Centro Cultural CELITA desde a sua fundação. Alguns e algumas participam das atividades educativas dessa ONG desde quando eram crianças e/ou adolescentes.

A maioria deles e delas, passaram a morar no bairro Pedra após os anos de 1980, período em que aconteceu os primeiros movimentos organizados em prol da melhoria de vida na localidade, movimentos de juventude, que conquistaram, por exemplo a linha de ônibus Pedra, garantido o acesso ao transporte urbano de Fortaleza por dentro do bairro. Outros (as) nasceram na comunidade e são filhos dos antigos moradores da localidade.

O período acima citado representou o primeiro processo de chegada à comunidade de novos moradores, o que possibilitou isso foi a abertura da Avenida Trairá onde passaram a construir suas casas, devido o acesso facilitado pela linha de ônibus nessa localidade.

Apesar do bairro Pedra ser constituído de uma população, na sua maioria, muito pobre, e dessas famílias enfrentarem muitas dificuldades econômicas para garantir seu sustento, as narrativas de vida dos jovens e das jovens interlocutores da pesquisa falam de uma infância e de uma adolescência feliz, onde existia bem mais liberdade e tranquilidade para brincar e interagir na comunidade.

As jovens, na sua maioria, explicitam uma educação familiar conservadora, narrando que tiveram uma infância e adolescência mais restrita ao espaço e aos afazeres domésticos, com maiores proibições que os meninos e maior vigilância por parte do pai e da mãe, enquanto os jovens usufruíam mais do espaço das ruas, da praça, tendo

mais liberdade que as meninas. Renata (27) ao comentar sobre sua juventude fala de um momento pretérito e de ausência de juventude porque não tinha liberdade para fazer amigos. A jovem relata:

Na minha época eu não tive juventude pra sair fazendo amizade não. Eu sempre fui dentro de casa. Na vista de hoje a juventude é toda livre, né. Que eu vejo assim, até eu. Se eu saísse de casa era com a mãe ou era com o pai, nunca sozinha para ir pra algum canto e voltar. Isso não existia. Mas, assim. A vista de agora a juventude esta mais solta, tem mais liberdade, eu acredito que seja bom, mas isso tem seus pontos positivos e seus pontos negativos, né. Porque as vezes os pais não sabem com quem os jovens estão andando e eles se soltam e hoje tem muito mais riscos. Pra mim a juventude não foi lá essas coisas não, eu não tive muitas amizades não. Meu amigos, pra ti dizer a verdade eram só os meus irmãos, dentro de casa eu não saia. Era só escola casa (Entrevista 01, p. 1)

Entretanto, há um entendimento entre os jovens e as jovens de que havia um contato muito intenso com a natureza, com muitas brincadeiras de subir e descer das árvores, conforme as safras de frutos de cada época (caju, manga, siriguela, cajá, etc.), banho nos riachos, que, agora estão impróprios para isso, porque estão se transformando em esgotos ao céu aberto, brincadeiras de pega-pega, com bola, elástico, pião, pipa, etc.

Poucas eram as ruas pavimentadas e o trânsito de veículos não era intenso. O transporte predominante dentro do bairro era a bicicleta, que ainda é muito utilizada no presente, mas, havia muito mais tranquilidade para uso desse meio de transporte que, também faz parte do lazer de crianças, adolescentes e jovens.

Atualmente, as bicicletas disputam espaço com uma grande frota de veículos e são constantes alvos de furtos e roubos, problemas que, há dez (10) anos atrás, não existiam no bairro e, por causa dessa violência, o uso das bicicletas por crianças está restrito ao espaço da Praça Santa Luzia e sob vigilância dos pais e/ou responsáveis. Os adolescentes, jovens e adultos continuam fazendo uso intenso das bicicletas, como meio de transporte e de lazer, mas a sensação de insegurança é constante.

É comum entre os jovens da comunidade o hábito de “turbinar” as bicicletas com pinturas, desenhos e adesivos coloridos, detalhes em tinta fosforescente, peças cromadas e muitos acessórios (iluminação, buzinas, som, etc.). O exagero é uma forma de afirmação da própria identidade. Ao tornar a sua bicicleta chamativa e exclusiva a

exibem com orgulho. Infere-se que essa atitude é motivo de status e maior interação social entre eles.

Os jovens e as jovens no bairro Pedra percebem que as famílias ainda são muito conservadoras, mas avaliam que essa realidade está mudando. Isso está acontecendo, principalmente, porque os pais estão perdendo o controle sobre a juventude, que está mais liberal e tem mais acesso à informações, lazer, cultura, etc.

Constatam haver maior dificuldade, atualmente, para o diálogo e o entendimento no espaço familiar. Primeiro em virtude da grande ausência do pai, da mãe e dos próprios jovens devido a necessidade de trabalhar e garantir o sustento de todos(a). Segundo, por causa da influência exagerada da televisão ditando valores, estimulando o consumo, “fazendo a cabeça da juventude”. A narrativa de Márcio (27) é bem ilustrativa desse contexto:

No meu pensar, hoje, o jovem estar mais liberal. Sempre eu falo do meu passado. Meu pai só deixou eu começar a sair pra fora de casa aos quinze (15) anos de idade e dezesseis (16) era o meu irmão, a gente sair mais, pra conhecer mais, ir pra praça, ir por aqui por perto. Hoje, não. O pai ta sendo mais liberal com o jovem. O pai ta deixando de ter aquelas conversas, aqueles conselhos, que eu vejo. Eu dou aula aqui no projeto e eu mesmo aconselho o jovem porque muitos dizem pra mim que nem o pai e nem a mãe chegam pra conversar. Para perguntar como foi o dia? E ai? Com foi lá no projeto? Como você está na escola? Quer dizer, perguntar para o jovem pelas tarefas, ta faltando, eu vejo isso (Entrevista 07, p. 8).

Paula (24), ao abordar diferenças de gênero na comunidade enfoca, algumas mudanças. Em seu ponto de vista, são os jovens que estão enfrentando maior preocupação e/ou restrições dos pais por conta do problema da violência e das drogas. As jovens, que são menos envolvidas com essa questão, estão adquirindo maior liberdade, conforme ela conta:

Tem aquela velha história, menino pode tudo e menina tem que ser mais recatada, mais na sua. Mas isso ta mudando, na nossa comunidade isso ta mudando bastante. Pelo menos na minha família, no meu caso, lá em casa, são três moças e um rapaz e não tem isso não. O meu pai pegou no pé de todo mundo e ainda pega, mas eu acho que ele pega mais no pé do meu irmão, assim, ele quer mais uma atenção pro lado dele, que ele quer que seja um cara bom, trabalhador, que não se envolva tanto com

esse mundo que tá violento, cheio de armadilhas para o jovem, digamos assim. Então, ele pega mais no pé dele por conta desse medo da violência e das drogas. Então ele pega bastante no pé do meu irmão por isso. Agora essas diferenças de gênero ainda tem na comunidade. A gente ver bastante. É próprio da cultura nordestina e infelizmente a gente não tem como mudar tão rápido assim (Entrevista 04, p. 3).

Além do mais, as jovens estão conquistando maior desempenho escolar e, geralmente, possuem nível escolar maior. Dez (10) jovens participaram diretamente das entrevistas semi-estruturadas, cinco do sexo masculino e cinco do feminino. Do grupo das jovens, três (3) já concluíram o curso superior. Entre estas, uma (1) está cursando especialização, uma (1) está cursando a graduação e outra retornou os estudos para concluir o Ensino Médio. Do grupo dos jovens, um (1) já conclui o curso superior, um (1) esta cursando o Ensino Médio e três (3) já concluíram esse nível de ensino. Entre esses, um (1) esta fazendo cursinho preparatório para concursos.

Desse mesmo grupo, apenas duas jovens possuem vinculo de trabalho regular, já quatro (4) dos jovens possuem vinculo empregatício e um deles (1) se tornou micro-empendedor por meio de um restaurante, que funciona na sua residência.

No bairro Pedra, o trabalho é muito precoce e para muitas famílias já tem início a partir da infância, com a participação das meninas nos afazeres domésticos e dos meninos auxiliando os pais em atividades autônomas. Muitos dos adolescentes e jovens trabalham no comércio local, realizando atividades de entregas, empacotando, como balconistas, churrasqueiros, ou com pequenos negócios ambulantes, venda de lanches etc. Assim como outros(as) jovens participantes dessa pesquisa, Gláucia (26) revela sua iniciação ao trabalho ainda na infância:

Eu comecei a trabalhar muito cedo. Foi assim, eu comecei a querer ganhar o meu dinheiro eu tinha dez (10) anos de idade. Já ia me virando, porque as coisas na minha casa nunca foram as mil maravilhas, então, todo mundo tinha que ganhar alguma coisa pra poder se virar um pouquinho porque meu pai nunca ganhou bem. Então com dez anos, eu não tenho vergonha de dizer, foi quando a minha irmã nasceu, uma fase muito difícil na minha casa e minha mãe procurou fazer alguma coisa pra ajudar, pra ganhar algum dinheirinho. Então ela começou a fazer dindin e eu vendia dindin na escola, vendia dindin no campo, em todo canto e com isso a gente foi melhorando a nossa renda em casa. Eu estudava à tarde e vendia o dindin pela manhã ou quando não estudava pela manhã e vendia o dindin à tarde e

sempre estudei e sempre trabalhei. Quando terminei o ensino médio, eu disse assim, eu tenho que procurar alguma coisa para melhorar a minha vida e foi quando eu arranjei outro empregozinho, não de carteira assinada, mas que eu era remunerada, pra eu me virar (Entrevista 02, p.2)

Nessa localidade, ainda se realiza algumas atividades agrícolas, com a existência de hortas e roçados, principalmente, com plantação de feijão, milho e mandioca ou a criação de animais diversos. No inverno é muito comum o plantio de pequenas roças nos jardins e quintais das casas onde se vê, também, o cultivo do quiabo, do jerimum, etc. Os adolescentes e jovens auxiliam seus pais nessas atividades que, geralmente, são realizadas no contra-turno escolar, ou exercem alguma atividade precariamente remunerada nos sítios. Márcio (27) expressa essa dura realidade, quando narra sua história de vida:

Lá em casa a gente tinha só... a gente comia frango só dia de Sábado, quando não era no Sábado, era no Domingo e a gente, às vezes, comia ovo, tinha feijão, tinha o arroz, o macarrão também era raro lá em casa e a verdura. Isso deu a necessidade de eu trabalhar. Eu trabalhei desde a idade dos 13 anos. Eu trabalhava num sítio, cuidando de vaca, de boi e o cara me dava, nesse tempo, dois reais (R\$ 2,00) e dois litros de leite, que já ajudava e eu cuidava das vacas no curral e levava pra comer ao redor, aqui do nosso bairro. Depois eu sai dessa e fui trabalhar também cuidando de animal, cavalo e capinava. Aparecia um serviço eu ia fazer capinagem, porque tempo eu tinha pra estudar, mas também tinha a necessidade de alimento. Meu pai foi um cara que sempre gostou de farrear e a minha mãe sofria muito. Ela teve que agüentar essas coisas. A minha mãe tinha que se virar, lavar roupa, trabalhar em casa de família e eu tinha que me virar também pra trabalhar, pra ter dois reais, cinco reais, que naquele tempo era muito, se tivesse esse dinheiro já dava pra comprar um kilo de arroz, o pão de manhã, que às vezes tinha, às vezes não tinha. O café sempre teve. Isso ai, eu agradeço a Deus, porque o café sempre teve (Entrevista 07, p 1).

Todas essas práticas ainda muito comuns nesse bairro da periferia de Fortaleza estão relacionadas a uma concepção de mundo, das famílias, centrada no trabalho, como principal elemento para dignificar a moral. A influencia familiar, em conjunto com a educação formal e uma forte religiosidade cristã, outrora exclusivamente católica e, atualmente, com uma variedade imensa de igrejas evangélicas, funcionam como práticas de controle do comportamento social dos jovens e das jovens nessa região.

Essa conjuntura termina favorecendo uma visão social preconceituosa e cria expectativas negativas em relação ao comportamento dos jovens no bairro Pedra. Inexistem políticas públicas para os jovens nessa localidade e diante da falta de oportunidade e inserção social é muito forte a idéia de que a juventude não quer mais nada na vida, está violenta e promiscua, envolvida com o uso e o tráfico de drogas, que passou a ser meio de “vida-fácil” para muitos. Na atualidade, uma onda de violência cresce nessa região assustadoramente.

Fábio (26) reproduz uma visão preconceituosa da juventude culpabilizando-a de “muito dispersa”, mas com suas palavras retrata a realidade de exclusão social que a juventude do bairro enfrenta:

No meu modo de ver a juventude daqui é muito dispersa. Existem grupos, mas a comunidade vê os jovens de forma dispersa, como aqueles jovens que não querem nada. Hoje o jovem termina o Segundo Grau e não procura fazer mais nada, pra ele já é o bastante e acaba, muitas vezes, entrando na ociosidade, aí acabam enveredando por um caminho tortuoso, drogas, que hoje é um problema muito sério aqui dentro da comunidade. Então, quando a comunidade hoje se refere ao jovem, acha o jovem disperso, é aquele jovem que não quer nada. Não todos, não estou generalizando, mas uma boa porcentagem da comunidade vê o jovem como aquele jovem que não quer nada com a vida (Entrevista 09, p. 3).

Os jovens e as jovens sujeitos dessa pesquisa, em parte, introjetam a opressão social que recebem e reproduzem essa carga de preconceitos por meio de estereótipos diversos entre pares e não-pares

Na opinião de Paula (24) “existe uma rivalidade entre grupos de jovens e instituições, que prejudica as relações sociais e o desenvolvimento da comunidade”. *O isolamento mantém o atraso*. Mas, já existe entre eles e elas um processo dialético de vivência com as contradições sociais do bairro, que permite o desenvolvimento da consciência dessa imagem social negativa contra os jovens e as jovens. Gláucia (26) enfatiza essa posição, quando explicita:

É uma imagem negativa. Tipo assim, na questão da violência, na questão do uso de drogas as pessoas discriminam assim, a maioria são os jovens, só os jovens. Fulano de tal no meio é jovem. Eu acho que não é bem assim, grande parte são os jovens mas tem muita gente adulta com a mente formada que

também faz parte, entendeu. Era pra dar um exemplo bom e não (Entrevista 03, p.3).

E mais importante, eles e elas têm consciência, que outra parte da juventude do bairro Pedra esta fazendo a diferença e contribuindo de forma muito positiva, para mudar essa realidade no bairro, porque atua como liderança em grupos e movimentos organizados, em atividades esportivas, no campo cultural. Estão conquistando vários espaços nas instituições do bairro (escolas, associações, etc.), conseguem destaque em programas na rádio comunitária FM Pedra, representam o bairro em instâncias democráticas junto a Prefeitura Municipal de Fortaleza - PMF, etc. Paula (24) enfatiza esse processo de participação e luta da juventude para melhorar a qualidade de vida na comunidade:

Aqui, por incrível que pareça tem bastante jovem e eu vejo que em outros tempos atrás tinha uma galera que estava afim de fazer mesmo uma transformação geral no bairro, como está acontecendo agora, tem um pessoal ai com o pensamento bem aberto nesse sentido e a comunidade está tipo que se assustando com essa nova massa de jovens que ta vindo, e fazendo muita coisa pra melhorar o bairro, vindo as ruas pra reivindicar direitos. Isso é uma coisa legal, que, com certeza, daqui pra frente vai incentivar outras pessoas, que tão chegando junto com a juventude. É de chamar a atenção (Entrevista 04, p.3).

Nesse processo de formação crítica para a cidadania dos jovens e jovens no bairro Pedra, o Centro Cultural CELITA tem papel de reconhecido destaque conquistado ao longo dos últimos dez (10) anos de atividades educativas, culturais, esportivas e de organização política. Esse é o tema a ser discutido na última seção desse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CENTRO CULTURAL CELITA, UM RICO ESPACO DE FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA DOS JOVENS E DAS JOVENS NO BAIRRO PEDRA

Esta pesquisa se dedicou a compreender o papel e a importância da ação comunicativa na ONG Centro Cultural CELITA, no processo de formação dos jovens e das jovens do bairro Pedra, compreendidos como sujeitos de direitos e com potencial para se tornarem autores da própria participação social e produtores da cultura, da existência e da transformação na sociedade.

Todo o trabalho é resultado de uma intensa convivência e interação social com a citada instituição e com a juventude que dela participa, privilegiando a interlocução da ação comunicativa por meio da pesquisa-ação, principalmente, com atividades no campo do teatro social de juventude.

O Centro Cultural CELITA é uma associação de bairro e está inserida no contraditório campo (Estado/público x privado/público não-estatal) das Organizações Não-Governamentais, espelhando na sua realidade prática, todo o potencial e toda a fragilidade que estas instituições da sociedade civil conseguem deter na conjuntura brasileira atual.

Com o presente estudo constatou-se que o CELITA é um espaço comunitário de interação social de várias gerações e de grande socialização dos jovens e das jovens em torno, principalmente, de atividades educativas, culturais e esportivas.

É um local onde existe uma vontade consciente para superar tradicionais práticas autoritárias e excludentes com relação à juventude e busca-se trilhar novas perspectivas na construção da autonomia dos jovens e das jovens, no exercício do direito e numa perspectiva de participação social ativa na comunidade onde vivem.

Privilegiou-se, portanto, o estudo de um tipo específico de instituição que se dedica ao atendimento sócio-educativo de adolescentes e jovens em meio aberto e, que por esse meio trabalha a melhoria na qualidade de vida da comunidade onde atua, desenvolvendo formação para cidadania “ativa”, defendendo os direitos humanos e a democracia, o controle social do Estado e políticas públicas para a juventude no bairro Pedra.

O CELITA completou em Dezembro de 2009, dez (10) anos de atividades ininterruptas e isso representa um grande feito para uma entidade, que sempre teve

muitas dificuldades para captar recursos capazes de garantir o suporte necessário (humano e material) ao trabalho educativo, cultural e social que desenvolve.

Por um lado, isso implica numa permanente realidade de crise, capacidade limitada para sistematizar os trabalhos, constantes problemas com a infra-estrutura de funcionamento e com a definição da própria identidade, que ao longo dos anos, se construiu em torno de demandas bastante amplas da comunidade.

Isso fez a instituição crescer além da sua capacidade organizacional e financeira e passar, nos últimos quatro (4) anos, por um difícil processo de redimensionamento, restringindo atividades e o número de atendimentos realizados. Mas, conseguiu redefinir seu perfil ao atuar mais especificamente no campo da juventude.

Por outro lado, essa trajetória implica num rico processo de aprendizagens e de resistência social, que se relaciona com a agregação de forças que se somam e se transformam no coletivo, adquirindo por esse meio maior capacidade de ação.

Essa dinâmica envolve diretamente a participação da juventude, que evoluiu da condição de “atendidos pelo projeto” para sujeitos das ações sociais na ONG, em outras entidades e nos movimentos da comunidade.

As práticas educativas e de interação social do Centro Cultural CELITA, nos últimos dez (10) anos de funcionamento, foram fundamentais para a formação de um novo coletivo de lideranças jovens no bairro Pedra, capazes de compor e assumir a direção institucional dessa ONG, especificamente, e enfrentar as adversidades num conjunto de experiências, que implica criatividade permanente, grande flexibilidade, capacidade de si inovar constantemente, com muita coragem para conquistar avanços e, também, para recomeçar freqüentemente. Vivência semelhante esta sendo desenvolvida por essas lideranças em outros espaços sociais do bairro.

Tudo isso, acontece em meio a muitas contradições, sendo a ONG essencialmente um espaço de conflitos, mas, sobretudo, um espaço aberto à participação da comunidade e, principalmente, um espaço acolhedor para os jovens e às jovens, que se desenvolvem nessa interação comunitária, na dialogação geracional e interinstitucional e na busca de entendimentos sobre os caminhos e rumos a serem construídos, tanto no Centro Cultural CELITA, quanto na comunidade como um todo.

Esse processo se relaciona, também, com o saber lidar com a desconstrução, o desligamento de pessoas e grupos, a descontinuidade de atividades e a labuta para o renascimento de outras possibilidades conforme as oportunidades em cada momento.

Nesse contexto, estão inseridas as perspectivas de reencontro da ONG com sua própria trajetória, o reconstruir momentos e relações, o refazer-se a partir dos próprios erros e acertos. Muitas vezes renascendo dos fragmentos para dar continuidade à peleja de efetivar democracia e direitos pela base social, na difícil realidade de uma periferia da cidade de Fortaleza, tão abandonada pelo poder público.

Contudo, o trabalho do Centro Cultural CELITA se apresenta como uma alternativa necessária de organização da sociedade civil e consegue efetividade exatamente pela simplicidade de sua atuação, que associa o processo de conscientização contínuo com práticas educativas, de interação cultural e de transformação social em parceria com os movimentos políticos do bairro. Consegue, ainda, amenizar parte dos graves impactos da exclusão e da violência na área em que atua, por meio do conjunto das atividades que implementa.

Um trabalho de grande importância desenvolvido pela ONG é o estímulo permanente junto aos jovens e as jovens da comunidade com relação a valorização do ensino regular, no sentido de estimulá-los(as) à conclusão do Ensino Médio. Essa prática inclui, ainda, alimentar expectativas com relação ao ingresso no nível superior.

Nesse sentido, a ONG é um espaço de perspicácia e constante articulação para descobrir na comunidade novos valores e novas demandas sociais. Ela faz um trabalho para desenvolver potenciais latentes da própria instituição e dos seus participantes, dos movimentos que surgem na localidade e conseguir estabelecer diálogo na busca de entendimento, que proporcione parcerias, com o engajamento de atividades, ações e eventos no cotidiano da ONG. Esse movimento proporciona muitas oportunidades para os jovens e para as jovens, tanto no espaço da própria instituição, quanto externo a ela.

Trabalho semelhante é desenvolvido na busca de financiadores, sendo constante a participação do Centro Cultural CELITA em editais públicos e privados. Em média, são escritos seis (6) projetos por ano. Segundo depoimento dos membros da direção da entidade esse é um trabalho exaustivo e ingrato, que em muitos casos representa uma decepção frente ao esforço desenvolvido para participar do processo.

Por um lado, ao longo dos últimos dez (10) anos, o Centro Cultural CELITA conseguiu captar poucos financiamentos externos ao trabalho social que desenvolve, entre os quais se pode citar: Programa Comunidade Solidária, Fundação Vitae –SP, Banco do Nordeste do Brasil, Prefeitura Municipal de Fortaleza/SECULTFOR.

Por outro lado, essas tentativas alimentam os sonhos e a esperança coletiva e todo projeto elaborado representa uma experiência acumulada. Geralmente, o Centro Cultural CELITA busca financiamento externo para aquilo que já executa por meio de iniciativa própria.

Além do mais, verificou-se que a elaboração de projetos sempre possibilita uma discussão com os grupos envolvidos e a socialização de saberes para definição do projeto a ser executado. Esse processo contribui para melhor pensar e organizar as atividades e ações na ONG.

Durante oito (8) anos, o Centro Cultural CELITA conseguiu custear parte de suas atividades por meio de um projeto denominado “Amigos do CELITA”, que angariava recursos através de contribuições livremente estipuladas por pessoas da comunidade e/ou amigos da entidade residentes fora do âmbito comunitário dispostas à contribuir para esse trabalho social. Contudo, a própria instituição percebeu dificuldade nesse processo, pois as pessoas têm dificuldades em se comprometer com uma obrigação financeira regular. Geralmente, preferem contribuir eventualmente, conforme o movimento que esteja sendo desenvolvido. Ao longo do tempo esse projeto foi minguando até ser desativado.

Um dado muito interessante, constatado nesse estudo, refere-se ao fato de ser a juventude o segmento social mais sensível, mais participativo e mais comprometido com o trabalho da ONG, dando-lhe suporte desde a fundação até o presente.

No geral, a visão de juventude é polissêmica, mas o processo educativo é muito intenso e envolve diversos conteúdos e vivências de formação para a cidadania. Apesar do diálogo, a busca de um entendimento entre as visões de mundo e interesses da ONG não se conciliam, de imediato, com a visão de mundo e os interesses dos(as) diversos participantes, mas a conversa com os grupos é constante. Observou-se, no entanto, que esse processo, ao longo do tempo, vem contribuindo para a produção de novos significados de vida para a juventude, ajudando na formulação de atitudes e discursos mais comprometidos com uma visão crítica da sociedade. Isso vem proporcionando o aumento da sociabilidade e o engajamento em ações políticas e movimentos na comunidade, inclusive no próprio espaço da ONG.

No início, os jovens e as jovens participam da ONG mais na perspectiva de serem atendidos nas atividades desenvolvidas, mas logo surgem oportunidades de atuação como voluntários(as) ou estagiários(as). Essa é a primeira qualificação no

processo de participação dos jovens e das jovens, no cenário das ações do Centro Cultural CELITA.

Em 2006, uma representação da juventude conseguiu compor parte da diretoria do Centro Cultural CELITA e, logo depois assumir a presidência da entidade, na pessoa da Gecicleide Estevão da Silva, então com 23 anos, após renúncia da presidente por motivo de viagem.

Esse foi um momento muito especial para o Centro Cultural CELITA, porque em torno dessa gestão formou-se um núcleo de juventude colaborando e dando apoio às atividades diversas da entidade. Todavia, houve problemas com outros membros da diretoria, que precisaram se desligar do cargo, sendo eleita outra diretoria, dessa vez, contando com a participação de duas (2) jovens em seus quadros.

Em 2007, como decorrência das dificuldades financeiras para manter as atividades e ainda remunerar os(as) voluntários e/ou estagiários(as) consolidou-se a metodologia de atividades autogestionárias. Os jovens e as jovens se organizam por atividade de interesse discutem e se entendem como ONG sobre o trabalho a ser desenvolvido, o horário de funcionamento, metodologia a ser adotada, escolhem um responsável pelo grupo e, em contrapartida, a ONG banca os custos para manter a infra-estrutura básica e o material necessário.

Desde o início de 2008, o imóvel do Centro Cultural CELITA está alugado para a Secretaria Municipal de Educação – SME e no local funciona a EMEIF Dom Geraldo Nascimento. Essa foi uma estratégia para conseguir recursos e manter um conjunto de atividades funcionando.

Foi, também, um ato de sensibilidade da ONG em defesa da qualidade da educação infantil na comunidade, pois a referida escola estava sem sede própria, funcionando em várias salas de aulas, espalhadas em diferentes locais da comunidade e, até num bairro vizinho, causando grande constrangimento para as famílias, que tinham que levar e trazer os filhos, entre 4 e 11 anos de idade, em locais distantes um do outro.

A única instituição na comunidade com espaço e capacidade para unificar a EMEIF Dom Geraldo era o Centro Cultural CELITA e, nesse momento, foi feita uma opção política de priorizar o direito à educação com qualidade para as crianças na comunidade, criando em conjunto uma alternativa de renda para entidade.

Mesmo com a sede alugada o Centro Cultural CELITA permaneceu em atividade. Teve que se adaptar a uma realidade de espaço e de atividades mais restritos,

mas dispndo de um salão no pavimento superior do imóvel alugado, onde funcionam a Secretaria da ONG, sala de reuniões e oficina de costura.

Desde então, todas as atividades educativas, culturais e sociais são desenvolvidas no horário da noite, quando a escola não funciona, e nos finais de semana. Atualmente, a ONG oferece os serviços da Biblioteca, treino de “*Karatê*”, aulas de percussão, treino e rodas de capoeira, práticas de futebol e basquetebol, encontro de “*B-boys*” (dança de rua), apresentações de “maculelê” e do “Reisado da Pedra”.

Como existe uma demanda do Orçamento Participativo de 2006, da Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF, para efetivar a construção de uma escola padrão MEC, com previsão de ser entregue a comunidade até o final da atual gestão da prefeita Luizianne Lins, o prédio do CELITA será devolvido às suas finalidades de origem.

Em 2009, o Centro Cultural CELITA, em parceria com o Centro Cultural São Salvador de Capoeira, a EMEIF Tristão de Alencar e a EMEIF Dom Geraldo Nascimento realizou o I Encontro de Juventudes da Pedra, que foi idealizado como parte metodológica dessa pesquisa-ação e articulado por treze (13) instituições (não-governamentais e governamentais), representativas do bairro Pedra (folder anexo – 14).

Esse encontro contou com a participação de mais de cem (100) jovens, que se reuniram em torno das temáticas: 1. Cultura, participação e cidadania; 2. Inclusão social e tecnologia da informação; 3. Sexualidade e DST/AIDS; 4. Violência e Drogas. Foi organizada, ainda, uma ampla programação cultural com apresentações da comunidade: roda de capoeira, “*B-boys*”, apresentações de bandas MPB/Rock .

Essa iniciativa deu visibilidade e força à organização da juventude na comunidade, ao possibilitar a reflexão coletiva sobre essa participação na transformação social do bairro, tanto no passado como no presente.

Além disso, o encontro serviu para abrir o diálogo com a Prefeitura Municipal de Fortaleza sobre políticas públicas para a juventude no bairro Pedra, por meio da participação da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, na pessoa do próprio Secretário Afonso Tiago Nunes de Sousa.

Na carta formulada no final do I Encontro de Juventudes da Pedra, com base nas discussões e entendimentos dos diversos grupos de trabalhos a juventude reconhece os desafios que enfrentam na localidade quando afirma:

Somos os jovens e as jovens da Pedra, um bairro da periferia de Fortaleza, quase desconhecido pela maioria dos fortalezenses, que só consegue visibilidade na mídia quando é para noticiar a realidade da violência crescente. Recusamos o conformismo diante da realidade e, também, os preconceitos e reducionismos que desqualificam a participação da juventude na sociedade (doc. mimeo, p.1 15/03/2009 – anexo 10).

Nesse mesmo documento, os jovens e as jovens do bairro Pedra apresentam o desejo de romper com uma visão de juventude como “tempo perdido”, pois a considera “um período fértil e criativo, que convoca toda uma geração ao diálogo e à participação com a sociedade como um todo”. E confirmam que, apesar dos preconceitos enfrentados na localidade, já possuem participação na comunidade, sendo um dos segmentos mais representativos das ações e movimentos para transformações no bairro, apesar de pouco reconhecimento.

Nesse primeiro encontro, a juventude realizou uma análise de conjuntura do bairro, discutindo e avaliando os principais desafios que a localidade enfrenta e deliberou fortalecer a luta em defesa dos limites territoriais dessa localidade, criando o movimento “PEDRA É FORTALEZA”.

Após o encontro, os jovens e as jovens realizaram no Centro Cultural CELITA e na EMEIF Tristão de Alencar reuniões em conjunto com lideranças e realizaram uma grande mobilização na comunidade, que culminou com uma passeata histórica pelo bairro, divulgação na imprensa e audiência pública na Câmara Municipal de Fortaleza – CMF. Esse trabalho conjunto, com destacada participação da juventude, conseguiu reverter junto a Companhia de Água e Esgoto do Ceará – CAGECE o endereçamento postal das contas de água de bairro, que era de Fortaleza e, repentinamente, havia passado para a cidade de Itaitinga.

Essa luta terá continuidade, a partir de 2010, na instância da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, para a comunidade conquistar a realização de um plebiscito que especificará pelo processo democrático a definição dos limites territoriais do bairro Pedra.

Outra discussão realizada no I Encontro de Juventude de Fortaleza, relacionava-se com a questão do meio ambiente. Os jovens e as jovens analisaram as rápidas mudanças que o bairro Pedra vem passando, porém sem melhorias e perceberam que a qualidade de vida e a infra-estrutura do bairro piora em relação às novas necessidades.

Diante da especulação imobiliária e das constantes invasões, que muitos prejuízos ecológicos e sociais vêm trazendo para a comunidade, a juventude decidiu encaminhar solicitação à Prefeitura Municipal de Fortaleza e à Câmara Municipal de Fortaleza, com o objetivo de conseguir proteção ambiental para Serrote Pedra-ANCURI através da criação de um parque ecológico para valorizar toda a região do entorno desse importante relevo de exceção na cidade de Fortaleza, que apresenta características associada a atividades vulcânicas terciárias.

A formação política da juventude ganha legitimidade na instância educativa do Centro Cultural CELITA, também pelo estímulo à participação dos jovens em fóruns e eventos que envolvem a articulação de várias outras ONGs na interação com o poder público.

Nessa perspectiva, podemos citar como referência desse processo educativo no Centro Cultural CELITA a representação política dos jovens e das jovens da comunidade nos fóruns específicos que reforçam as relações democráticas entre sociedade civil e Estado, na busca por transformações sociais. O jovem Francisco Lopes da Silva Júnior (27), atual presidente da entidade, é o delegado do Orçamento Participativo do bairro Pedra. A jovem Patrícia Pereira Monte (24), tesoureira da ONG, é delegada de Direitos Humanos e Participação Popular do Orçamento Participativo de Juventude da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Podemos afirmar que a presente pesquisa cumpriu uma importante missão ao ampliar as informações sociológicas sobre o bairro Pedra e sobre os trabalhos sócio-culturais do Centro Cultural CELITA, contribuindo diretamente para melhorar a compreensão da instância educativa das ONGs, no Estado do Ceará, e sua inter-relações com a juventude.

Essa pesquisa-ação contribuiu para mudar o perfil do Centro Cultural CELITA, que estabeleceu, agora, seu foco no setor da ação juvenil. Além disso, teve uma grande influência na minha vida pessoal, pois o engajamento na comunidade foi tão intenso, que estabeleci uma referência de participação política nesse bairro, onde sou reconhecido como uma liderança comunitária.

O estudo realizado confirmou o potencial do Centro Cultural CELITA como uma instância educativa dedicada à formação cidadã da juventude no bairro Pedra, que se tornou um espaço privilegiado para as articulações das novas lideranças sociais, as lideranças de juventude.

Esse trabalho instiga a possibilidade de outras pesquisas, a partir da riqueza dos dados coletados e usado, nesta tese, somente em parte. Além disso, a análise sociológica realizada aponta tendências de novos fenômenos sociais, que podem despertar interesse de estudo científico.

A relação que se estabelece entre parte da juventude e alguns movimentos sociais do bairro Pedra (Pedra é Fortaleza, Quem mora na Pedra vota na Pedra, Parque ecológico Serrote Pedra-Ancuri) é uma dessas possibilidades, que merece aprofundamento para compreender detalhes da qualidade dessa participação e a contribuição desses movimentos sociais para promover o engajamento político (e até partidário) dos jovens e das jovens na atualidade.

Outra importante perspectiva de estudo que essa pesquisa desvela relaciona-se com as formas e a qualidade social das interações da juventude com as Novas Tecnologias da Informação (NTI), que no bairro Pedra se tornaram visivelmente mais intensas, através, principalmente, do acesso à internet e videogames, em “*Lan Houses*”, o uso comum de ferramentas como o “*ORKUT*” e o “*MSN*”, e vários recursos tecnológicos, como o celular, “*iPod*”, entre outros.

Esse é um fenômeno recente nessa periferia de Fortaleza e precisa de investigação social para aprofundar conhecimentos sobre quais são os aspectos que a revolução tecnológica contemporânea está influenciando, na mudança, ou não de comportamento dos jovens e das jovens que interagem com o mundo digital.

O “*ORKUT*”, especialmente, por tratar-se de uma espaço muito aberto e interativo através do qual a juventude expõe sua visão de mundo, suas novas tendências, valores e estilos de vida, é uma ferramenta que provoca curiosidade para a possibilidade de outros estudos.

Por último, esta pesquisa deixou muito claro o grave processo de transição que o bairro Pedra vivência, tornando-se na atualidade um bairro que sofre grande inchaço populacional e sensação de intranquilidade comunitária, frente ao avanço acelerado da violência nessa região outrora muito sossegada. Um dos fenômenos mais inquietantes, hoje, é a problemática do uso e do tráfico de drogas, principalmente, do “*crack*”, substância derivada da cocaína, mais conhecida por “pedra”.

Há uma curiosa situação no bairro, com relação a essa questão, pois, de um lado, se verifica envolvimento crescente de parte da juventude com essa problemática, quer seja como usuários de drogas ou traficantes. Por outro lado, cresce uma consciência entre as novas lideranças jovens de que é preciso se engajar, trabalhar no

social, promover mais atividades educativas e culturais para conseguir tirar adolescentes e jovens da ociosidade, da “escolha pelo mais fácil”, como costumam denominar esse processo de marginalização dos jovens nessa região.

Há indícios de que a tensão social frente ao fenômeno da violência no bairro Pedra gera não somente medo, preconceito e silêncio, mas, paradoxalmente, desperta um espírito comunitário adormecido caracterizado, principalmente, pela vontade de ajudar o próximo, numa atitude de solidariedade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Bíblia sagrada. Contendo o velho e o novo testamento.** Tradução: João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. Brasília – DF, 1969.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado.** Portugal: Editora Presença, s/d.
- AQUINO, Maria José da Silva. **“A casa de nosso gens”: um estudo sobre ONGs ambientalistas na Amazônia.** Tese de doutoramento defendida junto ao PPGSA/IFCS/UFRJ, 2003.
- As entidades de assistência social privadas sem fins lucrativos no Brasil: 2006/IBGE –** Gerência Técnica do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Tradução: Dora Flaksman. 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- Avaliação de impacto dos trabalhos de ONGs: aprendendo a valorizar mudanças /** Chris Roche [edição adaptada para o Brasil, ABONG; tradução: Tisel Tradução e Interpretação Simultânea Escrita] – São Paulo: Cortez: ABONG; Oxford, Inglaterra: Oxfam, 2000.
- AVRITZER, Leonardo e COSTA, Sérgio. **Teoria Crítica, Democracia e Esfera Pública: concepções e usos na América Latina.** IN: DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 47, nº 4, pp. 703 a 728, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico.** Tradução de Juvenal Hahne Júnior. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 1968. Biblioteca Tempo Universitário – 12.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Entre a barbárie e a civilização: o lugar do sertão na literatura.** In: Uma nova história do Ceará. Organização Simone de Souza; Adelaide Gonçalves [et al] – 3ª Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.
- BARRETO Filho, H. T. B. **Tapebas, tapebanos e pernas-de-pau de Caucaia, Ceará: Da etnogênese como processo social e luta simbólica.** Série Antropologia - Departamento de Antropologia - UNB, n.º 165, Brasília, 1994.
- BARROSO, Oswald. **Reis de Congo. Teatro Popular Tradicional.** Ministério da Cultura. Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais – Museu da Imagem e do Som. Fortaleza – Ceará, 1996.
- BAVA, Silvio Caccia. **O Terceiro Setor e os Desafios do Estado de São Paulo para o Século XXI, in ONGS identidade e desafios atuais.** Editora Autores Associados, Cadernos ABONG, no. 27. SP, 2000.
- _____. **ONGs e a opinião pública.** Artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, do dia 27 de fevereiro de 2001, p.A-3, coluna Tendências/Debates.
- BONAVIDES, Paulo. **Teoria do Estado.** 4ª Edição. São Paulo-SP: Malheiros Editores, 2003.
- BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas.** 3ª Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- BOURDIEU, P. **Condições de classe e posição de classe.** In: Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.
- BENEVIDES, Maria Victória. **A questão social no Brasil: os direitos econômicos e sociais como direitos fundamentais.** Mimeo. (s/d), 9p.
- BODIÃO, Idevaldo da Silva. **A evolução das lutas pela efetivação do direito à educação, como parte do processo pedagógico de educação para direitos humanos: o caso de Fortaleza.** Trabalho apresentado na II Conferência Internacional de Direitos Humanos. Teresina, 2003, 8p. (mimeo).

BRITO, Célia Maria Machado de. **ONGs e Educação: ações, parcerias e possibilidades de contribuição para a melhoria da escola e do ensino público.** Tese de Doutorado. Professora Orientadora, Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará, 2005.

Cadernos ABONG nº. 33. Organizações Não-Governamentais: um debate sobre a identidade política das associadas à ABONG. Rosângela Dias O da Paz (org.). São Paulo – SP: Maxprint Editora e Grafia Ltda., 2005.

Carta das Nações Unidas, assinada em São Francisco – Califórnia, em Junho de 1945. (www.onu-brasil.org.br/doc.5.php. Consulta em 28/02/2008).

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CAVALCANTI, Laura Battaglia. **Retratos da Adolescência.** In: Especial O olhar adolescente: os incríveis anos de transição para a idade adulta. *Mente e Cérebro.* São Paulo: Editora Duetto, 2008. v. 1.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas** 4ª Edição. São Paulo: Cortez, 1989.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 5ª. Edição. São Paulo: Cortez, 2001.

CICCONELLO, Alexandre. **A regulação do acesso aos fundos públicos.** Painel do Seminário Identidade, Pluralidade e Unidade de Ação. Rio de Janeiro: ABONG, 2004. Disponível em: www.abong.org.br.

COLARES, Marcos Antonio Paiva. **Do labor infantil ao trabalho dos adolescentes: a ação das ONGs no alvorecer do Século XXI.** Tese de Doutorado. Professor Orientador: André Haguette. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará, 2006.

DAMASCENO, Maria Nobre, e Therrien, Jacques. **Artesãos de um outro ofício: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar** (Damasceno e Therrien – Orgs.) São Paulo: Annablume. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

_____. **Entre o sonho e a realidade: educação e perspectivas de trabalho para os jovens.** Maria Nobre Damasceno (Coordenação). Fortaleza – Ceará: Brasil Tropical, 2004.

_____. **Artesania do saber: tecendo os fios da educação popular.** Fortaleza: Editora UFC, 2005.

_____. **O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticos na pesquisa qualitativa.** Maria Nobre Damasceno e Celecina de Maria Veras Sales (Coordenadoras). Et. al. Fortaleza: Edições UFC, 2005.

_____. **A família e a formação da juventude na sociedade contemporânea.**

Texto fotocopiado. 2009.

DANZIATO, Octávia de Carvalho Martin. **ONGs no Ceará: a prática social com adolescentes, demarcações históricas e discursivas.** Dissertação de Mestrado. Professor Orientador Dr. Daniel Soares Lins. Faculdade de Educação – Universidade Federal do Ceará, 2007.

DELUIZ, Neise. **Formação do sujeito e a questão democrática em Habermas.** Boletim Técnico do SENAC – vol. 21, nº1. Jan/abr., 1995.

D'ORFEUIL, Henri Rouillé. **As ONGs, atores da diplomacia não-governamental.** IN: Diplomacia não-governamental: a intervenção das ONGs num sistema internacional em crise. ABONG/ Coordination SUD. São Paulo – SP: Maxprint Editora e Gráfica Ltda., 2007;

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** 4ª Edição. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Nacional, 1966.

FIEGE, Hans Jürgen. **Ongs no Ceará – quem são, o que fazem, quais são os seus desafios?** In: Ongs no Brasil: perfil de um mundo em mudanças. Hans Jürgen Fiege [at. Al.]. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2003.

FIORI, José Luís. **Em busca do dissenso perdido: ensaios críticos sobre a festejada crise do Estado.** Rio de Janeiro: Insight Editorial, 1995.

FREIRE, **Pedagogia do Oprimido**, 13ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983a. Coleção o Mundo Hoje. Volume 21.

_____. **Educação como prática da liberdade**, 15ª ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983b.

_____. **Educação e atualidade brasileira**. 2ª. Edição. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.

_____. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Organização e notas Ana Maria Araújo Freire. 2ª. ed. ver. São Paulo: Editora UNESP, 2003 (Série Paulo Freire).

FREIRE, Pedro Martins. **A formação do Ceará (artigo)**. Caderno 3. Diário do Nordeste. Fortaleza, 05 de Agosto de 2009.

GIRÃO, Raimundo. **Histórica econômica do Ceará**. 2ª Edição. Fortaleza, UFC, 2000.

GOLDMAN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

GÓMEZ, José Maria. **Globalização e ordem mundial em tempos de transição**. IN: Diplomacia não-governamental: a intervenção das ONGs num sistema internacional em crise. Abong; Coordination SUD – Solidarité Urgence Développement. São Paulo - Maxprint Editora, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**, 2ª ed. São Paulo : Cortez, 1994.

_____. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983

_____. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. Tradução. Luiz Sérgio Repa, Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000 – (Coleção tópicos).

_____. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

Habermas: sociologia. Organizadores: B. Freitag e Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ática, 1980.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

História dos jovens. Organização: Giovanni Levi, Jean-Claude Schmitt. Tradução: Claudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Volumes 1 e 2.

HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução: Alex Martins. São Paulo – SP. Editora Martin Claret, 2004

_____. **Do cidadão**. Tradução: Fransmar Costa Lima. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. Tradução: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- Investigação qualitativa em educação.** Roberto C. Bogdan e Sari Knopp Biklen. Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.
- IOSCHPE, Evelyn Berg (coord.) **Terceiro Setor: desenvolvimento social sustentado.** Rio de Janeiro, Gife/Paz e Terra, 1997.
- LIMA, Cláudio Ferreira. **A construção do Ceará: temas de história econômica.** Fortaleza: Instituto Albanisa Sarasate, 2008.
- LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-Graduação em Educação, 1995.
- LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo: ensaio relativo a verdadeira origem, extensão e objetivo do governo civil.** Tradução: E. Jacy Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção os Pensadores).
- _____. **Carta acerca da tolerância.** Tradução: Anoar Aiex. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção os Pensadores).
- LÜDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas / Menga Lüdke, Marli E. D. A. André. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).
- MARTINS, José de Sousa. **A questão agrária brasileira e o papel do MST.** In: A reforma agrária e a luta do MST. João Pedro Stédile (org). Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política,** Livro I, 2 vols. O processo de produção do capital. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- _____. ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista.** Tradução: Maria Arsênio da Silva. São Paulo: CHED, 1980. (Coleção polêmicas operárias: Série documentos).
- MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais.** Revista Brasileira de Educação n.º. 5-6, mai./dez. 1997. Especial juventude e contemporaneidade.
- _____. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.** Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 3ª Edição. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1994.
- MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social.** 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MONTESQUIEU. **O espírito das leis.** Tradução: Jean Melville. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, 2004.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Em defesa da política.** São Paulo. Editora SENAC, 2001.
- O índio hoje.** Fundação Nacional do Índio – FUNAI. Ministério da Justiça. Disponível no site: www.funai.gov.br. Pesquisa efetuada em 02.01.2010
- OLINDA, Ercília Maria Braga de (Org.). **Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire.** Ercília Maria Braga de Olinda e João Batista de A. Figueiredo (Org.) et. al. Fortaleza: Editora UFC, 2006. Coleção Diálogos Intempestivos, 29.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Escola e Sociedade: a questão de fundo de uma educação libertadora.** Revista de Educação AEC, Brasília, v18, n.71, 1989.
- _____. **Desafios éticos da globalização.** São Paulo: Paulinas, 2001 (Coleção Ética e sociedade).
- PAIS, José Machado. **Culturas juvenis.** 2ª Edição. Imprensa Nacional da Casa da Moeda. Portugal, 2003.
- _____. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro.** Porto: Ambar, 2001.
- PERALVA, Angelina. **O jovem como modelo cultural.** In: Revista Brasileira de Educação, n.º. 5-6, mai./dez. 1997. Especial sobre Juventude e Contemporaneidade.

PEREIRA, Ivna de Holanda Pereira. **De jovens figurantes a jovens protagonistas: a contribuição das ONGs que trabalham com a juventude**. Tese - Professora Orientadora Dra. Maria Nobre Damasceno. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2006.

Perfil das fundações privadas e associações sem fins lucrativos em 2002. IBGE – Gerência Técnica do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

PERROT, Michelle. **A Juventude operária. Da oficina à fábrica**. In: História dos jovens. Organização: Gionvanni Levi e Jean-Claude Schmitt. Tradução: Paulo Neves, Nilson Moulin e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PLATÃO. **Leis (As)**. Tradução: Edson Bini. São Paulo – SP. Edipro, 1999.

QUINCY, Bérengère. **O que está sendo construído hoje no debate multilateral**. IN: Diplomacia não-governamental: a intervenção das ONGs num sistema internacional em crise. Abong; Coordination SUD – Solidarité Urgence Développement. São Paulo - Maxprint Editora, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996. Coleção: TRANS.

ROCHE, Cris. **Avaliação de impacto dos trabalhos de ONGs: aprendendo a valorizar mudanças**. São Paulo: Cortez: ABONG; Oxford, Inglaterra: Oxfam, 2000.

ROMÃO, José Eustáquio. **Paulo Freire e o pacto populista (Contextualização)**, In: Educação e atualidade brasileira. Paulo Freire. Organização: José Eustáquio Romão. 2ª Edição. São Paulo. Cortez. Instituto Paulo Freire, 2002.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na Modernidade: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, 2004.

_____. **Emílio ou da Educação**. Tradução: Sérgio Milliet. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Criações coletivas da juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**.

SANTOS, Marcos Antonio Cabral dos. **Criança e criminalidade no início do século**. In: História da Criança no Brasil. Mary Del Piore. Organizadora. 3ª Edição. São Paulo. Contexto. 2002.

SALES, Celecina de M. Veras. **Criações coletivas da juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006. (Série BNB Teses e Dissertações 03).

SCHANAPP, Alain. **A imagem dos jovens na cidade grega**. In: História dos jovens. Organização: Giovanni Levi, Jean-Claude Schmitt. Tradução: Claudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. **Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

STEARNS, Peter N. **A infância**. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006 – Coleção História Mundial.

THIOLLENT, Michel, **Crítica Metodológica: investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1982.

_____. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

JOÃO TANCREDO SÁ BANDEIRA

**JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS
NUMA ONG NA PERIFERIA DA CIDADE DE FORTALEZA.**

VOLUME II
(ANEXOS E ENTREVISTAS)

FORTALEZA – CEARÁ

2010

JOÃO TANCREDO SÁ BANDEIRA

**JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS
NUMA ONG NA PERIFERIA DA CIDADE DE FORTALEZA.**

Orientadora: Maria Nobre Damasceno

Co-Orientadora: Celecina de Maria Veras Sales

Tese de doutorado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutor em Educação.

(VOLUME II – ANEXOS E ENTREVISTAS)

FORTALEZA – CEARÁ

2010

LISTA DOS ANEXOS (Volume II)

01. Termo de livre esclarecimento.....	36
02. Folder “Auto do Boi Misterioso”.....	39
03. Roteiro da observação participante.....	46
04. Roteiro da entrevista semi-estruturada.....	50
05. Ata de constituição do Centro Cultural CELITA.....	52
06. Mapa das fronteiras do bairro Pedra.....	60
07. História da Pedra – narrativa de D. Lireda Peixoto da Costa.....	61
08. Lei Estadual nº 11.927 (cria o município da Itaitinga)	62
09. Lei Estadual s/n, de 1953 (estabelece limites do bairro Pedra).....	63
10. Carta do I Encontro de Juventudes da Pedra.....	64
11. Projeto da oficina de teatro – montagem do Bumba-Meu-Boi.....	68
12. Caderno do curso “ Educando o Educador”	128
13. Transcrição do vídeo “Rumos, Educação, Cultura e Arte”.....	138

LISTA DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS (Volume II)

01.Renata (26)

02.Sandro (26)

03.Gláucia (26)

04.Paula (24)

05.Renato (23)

06.João (23)

07.Márcio (27)

08.Júlio (51)

09.Fábio (26)

10.Helena (27)

11.Alice (28)

ANEXOS

ANEXO 01

TERMO DE LIVRE ESCLARECIMENTO



Universidade Federal do Ceará

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
LINHA DE PESQUISA MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E ESCOLA

TERMO DE ESCLARECIMENTO E LIVRE CONSENTIMENTO

Pesquisa: **JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS NUMA ONG NA PERIFERIA DA CIDADE DE FORTALEZA.**

Responsável: João Tancredo Sá Bandeira

Orientadora: Professora Doutora Maria Nobre Damasceno

Início: Setembro/2006; Término: Março: 2010.

O presente trabalho de pesquisa é parte do processo de formação acadêmica no curso de Doutorado em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação - FACED, da Universidade Federal do Ceará – UFC, e está delimitado pela linha de pesquisa dos “Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola” e diretamente vinculado ao eixo temático “Educação Ambiental, Juventude, Arte e Espiritualidade”.

Provisoriamente intitulado “**JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS NO ESPAÇO DE UMA ONG NA PERIFERIA DA CIDADE DE FORTALEZA**” esse trabalho de investigação científica é parte do projeto de pesquisa denominado “**JUVENTUDES E FORMAÇÃO: PRATICAS REALIZADAS POR INSTÂNCIAS SÓCIO-EDUCATIVAS NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**, apoiado pelo CNPq e implementado por uma equipe que envolve professores doutores, doutorandos e mestrados do grupo de pesquisas Juventude e Sociedade, coordenado pelas professoras: Dra. Maria Nobre Damasceno e Dra. Celecina de Maria Vera Sales.

O objetivo dessa pesquisa é compreender de forma dialética o papel e a importância da ação comunicativa e educativa da ONG em foco no processo de formação dos jovens e das jovens, compreendidos como sujeitos de direitos, protagonistas da própria participação social e produtores da cultura e da existência na sociedade.

Comunico aos participantes que as informações coletadas são de uso exclusivamente acadêmico e serão utilizadas para compor o relatório final da pesquisa a ser apresentado em banca específica na Faculdade de Educação – FACED/UFC, que se tornará documento de acesso público e, posteriormente, poderá ser publicado na sua totalidade na forma de um livro ou, em partes, na forma de artigos publicados em encontros e periódicos especializados.

Ressalto aos colaboradores(as) e entrevistados(as) que não haverá divulgação personalizada das informações coletadas garantindo-se, por esse meio, o anonimato das declarações obtidas. Nessa oportunidade me coloco a inteira disposição dos mesmos, para maiores esclarecimentos e detalhes sobre o presente trabalho.

Atenciosamente,

Fortaleza _____ de _____ de _____

Ass. pesquisador: João Tancredo Sá Bandeira

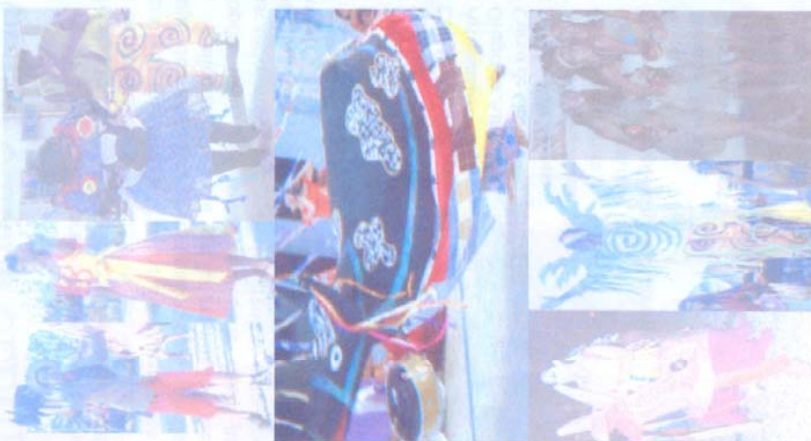
Concordo com os termos acima apresentados:

Assinatura do(a) entrevistado(a) ou colaborador(a)

ANEXO 02

FOLDER “AUTO DO BOI MISTERIOSO”

Centro Cultural CELITA



APRESENTA

O Auto do Boi Misterioso

Apresentações

As apresentações do Auto do Boi Misterioso do CELITA, tiveram início no 2º Semestre de 2002

- ✓ Tarde Cultural - CELITA
- ✓ Festa de Santa Luzia - Pedra
- ✓ Festa de Natal - CELITA
- ✓ Jabuti
- ✓ Reisados - Pedra
- ✓ Conjunto Palmeira
- ✓ Festa de Reis no Dragão do Mar
- ✓ Praça da Pedra
- ✓ Colégio Tristão de Alencar
- ✓ Colégio Nossa Senhora de Lurdes
- ✓ ...

❖ CONTATOS

Rua: Luís Bento, 290 – Pedra / Fortaleza
Fone: (85) 250 2057
FAX: (85) 250 1006
Home Page: www.celita.org.br
e-mail: mnobre@secrel.com.br

❖ O CELITA funciona de 2ª a Sábado de 08:00 às 11:30 - 14:00 às 18:00.

Hoje é dia de reza.
Tem muita reza, sim senhor!
Hoje é dia de festa.
Tem muita festa, sim senhor!
Porque o teatro chegou.
Chegou, chegou, chegou, sim senhor!
Prá alegrar esse povo.
Prá esse povo se alegrar,
se alegrar sim senhor!
Hoje é dia de boi, boi!
Bumba-meu-boi, Bumba-meu-boi,
sim senhor!
Salve, salve, o CELITA
Salve, salve, sim senhor!

Centro Cultural CELITA

O Centro Cultural Educativo de Lazer, Informação, Trabalho e Ação, foi fundado em 26 de dezembro de 1999. É uma entidade sem fins lucrativos que surgiu a partir da iniciativa de um grupo de moradores preocupados com a melhoria da qualidade de vida da comunidade que se propõe lutar por uma sociedade mais justa, buscando meios para o desenvolvimento sócio-cultural, especialmente o seguimento infanto-juvenil.

❖ ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Biblioteca;
- Futebol;
- Capoeira;
- Artesanato;
- Grupo da Amizade;
- Curso de Corte e Costura;
- Danças Folclóricas;
- Brincando e Aprendendo;
- Oficina de Leitura;
- Curso de Informática;
- Curso de Formação de Educadores;
- Yoga;
- Farmácia Viva;
- Videoteca;
- Projeto Brinquedoteca;
- Pintura em Tecido e
- Grupo de Teatro.

❖ SERVIÇOS

- Xerox;
- Digitalização e
- Vendas de Produtos da Farmácia Viva.

O Auto do Boi Misterioso

❖ História e Fundamentos

O Bumba meu boi é uma das mais ricas manifestações folclóricas brasileiras. É contada e recontada através dos tempos, a lenda fundante adquire contornos de sátira, comédia, tragédia e drama, conforme o lugar em que se inscreve.

É contado pelo grupo de teatro do Centro Cultural CELITA satirizando a linguagem e o jeito de ser do povo cearense.

Em seu enredo mistura drama e comédia, reunindo entre diálogos e toadas, vários personagens alegóricos que se envolvem em incidentes cômicos e contextualizados na vida rural.

COLABORADORES

E

ORGANIZADORES:

Maria Nobre Damasceno & João Tancredo

Personagens e Interpretes

- BOI MISTERIOSO: João Jantzens; Instrutor de Informática do CELITA.
- CORONEL: Jonatas Cordeiro; Operador de Moinho da Fabrica Fortaleza.
- FRANCISCO SILVA; Educador Infantil do CELITA
- IZALTIMA: Ana Crisina de Abreu; Areadente do CELITA
- CATIRINA: Franklyn Ribeiro, Produtor da Banda Swing EvoluSamba e Cia.
- MARYANE CORRÊA; Educadora infantil do CELITA.
- NEGO CHICO: Francisco Lopes (Miguel); estudante e Percussionista da Banda Swing EvoluSamba e Cia.
- CAO: Paulo Daniel; Estudante.
- AJUDANTE DO CÃO e EMA: Robson Xavier; estudante.
- JARAGUÁ: Dheymsion; Estudante
- BURRINHA: Larissa Nobre; Pedagoga e Educadora Infantil do CELITA
- DOUTOR: Roberto Rodrigues; Estudante
- NOSSA SENHORA: Maryane Corrêa; Educadora Infantil do CELITA.
- CABLOCOS: Dheymsion, Roberto, Robson, Paulo Daniel, João, Estudantes.
- ÍNDIAS: Rafaela, Edilcilene, Tininha, Gilmara, Samira, Rosângela, Silvia, Bárbara, Ronielly; Estudantes.
- ❖ Todos os integrantes do Auto do Boi Misterioso, residem na comunidade da Pedra.

ANEXO 03
ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS NUMA ONG NA PERIFERIA DA CIDADE DE FORTALEZA

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA ONG AVE FÊNIX

- 1. A estrutura e o funcionamento: aspectos institucionais e relacionais do ambiente:**
 - a). O espaço;
 - b). O tempo;
 - c). Os recursos humanos, materiais, tecnológicos;
 - d). Os códigos de convivências – as relações entre pares e não pares;
 - e). A organização institucional, as atividades pedagógicas e suas avaliações.

- 2. O cotidiano:**
 - a). Os diálogos, as comunicações;
 - b). As rotinas, as dinâmicas, os ritmos;
 - c). Os contra-tempos;
 - d). As subjetividades.

- 3. As interações sociais e ações comunicativas:**
 - a). As relações humanas e sociais;
 - b). As relações interinstitucionais;
 - c). A relação com a comunidade e com os movimentos sociais;
 - d). As relações políticas e partidárias.

- 4. Os significados e suas representações**
 - a). Os valores;
 - b). Os conceitos;
 - c). Os pré-conceitos;
 - d). Visão de mundo e da comunidade;
 - e). Visão de Juventude, Direitos, Participação, Sociedade Civil e Cidadania.

ANEXO 04

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Pesquisa: **JUVENTUDES, CULTURAS E CIDADANIAS: DIÁLOGOS EM PERSPECTIVAS NUMA ONG NA PERIFERIA DE FORTALEZA.**

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADA

(temáticas a serem exploradas com os jovens e as jovens participantes)

01. **História de vida e do contexto local:** Família (infância/adolescência). Escola (aprendizagens e saberes). Comunidade e amigos (construção da individualidade e as relações sociais. Trabalho e emprego (profissionalização, oportunidades). Filosofia de vida, visão da comunidade e visão do mundo (sonhos ou utopias);

02. **Compreensão dos significados de juventude(s):** Quais são as referências de juventude? Como se dá as relações entre os jovens na comunidade? Como se constroem as relações entre pares e não-pares? Diferenças de gênero. Qual é a imagem social de juventude na comunidade? Como são visto e tratados por instituições como a Família, Escola e Igreja? Como se vêem os próprios jovens na comunidade?
Uso de espaços e tempos. Preferências, atitudes e valores (tantos individuais e grupais). Desafios e contradições enfrentados pelos jovens e pelas jovens.

03. **Interação social e ação comunicativa:** Relação com o corpo, comunicação e expressão, o uso da fala, o diálogo com os amigos, namoro, conversa com os pais, construção de aprendizagens e saberes, atividades físicas, artísticas, culturais. Importância de atividades lúdicas, esportivas e culturais no bairro. Espaços e atividades existentes na comunidade. Há políticas públicas específicas para os jovens no bairro?

04. **O espaço da ONG:** conhecimento da instituição, formas de participação nessa Ong, percepção e representação desse espaço para a comunidade. Importância e significado para os jovens. Importância dessa instituição na sua vida pessoal. Processo de formação e saberes vivenciados nesse espaço. Desafios e contradições dessa ONG em relação aos jovens?

05. **Participação e cidadania:** O que é participação? O que é cidadania pra você? Porque é importante participar de atividades sociais, culturais, comunitárias e políticas? Qual sua visão da política partidária? Participa de outras atividades sociais e movimentos comunitários. Coloca o seu talento, conhecimento e energia a disposição da sua vida particular ou da comunidade, dos grupos organizados, dos movimentos sociais. Preocupa-se com os outros, quer mudar e melhorar as coisas a sua volta ou dá prioridade a si e é mais individualista. Como você está construindo a sua cidadania enquanto jovem, nesse bairro?

ANEXO 05

ATA DA CONSTITUIÇÃO DO CENTRO CULTURAL CELITA

ATA DE CONSTITUIÇÃO DO CENTRO CULTURAL CELITA

Ata de Assembléia Geral de constituição do **CELITA**, realizada no dia 26 de dezembro de 1999. Aos vinte e seis dias do mês de dezembro do ano de um mil novecentos e noventa e nove, às quatorze horas, à Rua Luis Bento nº 290, na localidade de Pedras, nesta cidade, reuniram-se em assembléia geral de constituição e fundação os senhores membros fundadores do Centro Cultural-Educativo de Lazer Informação Trabalho e Ação Social (CELITA). Assumiu a coordenação da reunião, por aclamação unânime, a senhora **Maria Nobre Damasceno** brasileira, professora, residente e domiciliado à Rua Joaquim Trajano nº 130, localidade de Pedras, sendo convidada, para secretariar a referida assembléia a senhora Maria Rosana Ferreira da Silva, brasileira, professora, residente e domiciliado à Rua Luis Bento nº 80, na mesma localidade. A seguir foi lida a ordem do dia, para a qual fora convocada esta assembléia geral e que tem o seguinte teor:

- a) discussão e aprovação dos estatutos sociais do centro;
- b) constituição e fundação definitiva da entidade;
- c) eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal;
- d) outros assuntos relacionados com a entidade.

Iniciando-se os trabalhos a coordenadora solicitou que fosse procedida à leitura dos Estatutos Sociais, cujas cópias já haviam sido distribuídas previamente aos presentes. Finda a leitura, procedeu-se a discussão, sendo os mesmos submetidos, à votação, tendo sido aprovados com as seguintes emendas: no artigo 9º foi acrescentado - desde que não contrarie os objetivos da entidade, no artigo 13º a assembléia geral se reunirá semestralmente. A seguir, foi declarada definitivamente fundada e constituída o Centro Cultural-Educativo de Lazer Informação Trabalho e Ação Social (CELITA), procedendo-se, então à eleição da Diretoria, e do Conselho Fiscal, para o primeiro período de gestão, que chegou ao seguinte resultado:

DIRETORIA:

Presidente: Maria Nobre Damasceno – CEP: 394752638-53
 Secretária: Maria de Fátima Ferreira de Paula – CEP: 057699223-20
 Tesoureira: Maria Rosana Ferreira da Silva – CEP: 736514863-20

CONSELHO FISCAL:

Iolanda Lima da Silva
 Raimunda Ferreira de Araújo
 Joselyanne Maria Ponciano de Oliveira

Em seguida foi dada imediata posse à Diretoria e ao Conselho Fiscal eleitos, para suas funções e atribuições que se iniciam nesta data. Ficando livre a palavra, a mesma foi usada para discussão de assuntos relacionados com o centro. O Presidente suspendeu a sessão pelo tempo necessário para a lavratura desta ata, o que foi feito em folhas datilografadas. Após a reabertura da sessão, a mesma foi lida e aprovada e segue assinada pelo Presidente da Assembléia, por mim, secretária, e pelos presentes, que passam a ser considerados membros fundadores do Centro Celita.

Presidente: Maria Nobre Damasceno – CEP: 394752638-53
 Secretária: Maria de Fátima Ferreira de Paula – CEP: 057699223-20
 Tesoureira: Maria Rosana Ferreira da Silva – CEP: 736514863-20

LISTA de Pessoas Presentes Assembleia C. G. R. A. Z.
de Fundação e Constituição de Fundação Celitec.

1. MARIA NOBRE DAMASCENO - Maria Nobre Damasceno
2. M^{ra} ROSANA FERRIRA DA SILVA - Maria Rosana Ferrira da Silva
3. ANDRÉ LUIZ NOBRE PINTO - André Luiz Nobre Pinto
4. JOSELYANNE MARIA PONCIANO DE OLIVEIRA - Joselyanne M^{ra} Ponciano de Oliveira
5. MARIA DAS GRAÇAS N. PINTO - Maria das Graças N. Pinto
6. FÁBULA PAULONA PELLICER - Fabula Paulona Pellicer
7. MARIA FERREIRA DAMASCENO - Maria Ferreira Damasceno
8. JOSÉ LUIZ DAMASCENO - José Luiz Damasceno
9. LUIS EMMANUEL FERREIRA DE PAULA - Luis Emmanuel Ferreira de Paula
10. FRANCISCO TARCÍSIO DE SOUSA FERNANDES - Francisco Tarcísio de Sousa Fernandes
11. MARIA HALINE MARTINS RODRIGUES - Maria Haline Martins Rodrigues
12. EDUARDO BARBOSA NOBRE - Eduardo Barbosa Nobre
13. IOLANDA LIMA DA SILVA - Iolanda Lima da Silva
14. MARIA DE FATIMA FERREIRA DE PAULA - Maria de Fatima Ferreira de Paula
15. MARIA LILIANE FERREIRA BAUMA - Maria Lilliane
16. FRANCISCO NARCÍSIO CAMPO RIBEIRO - Francisco Narcísio Narcísio
17. RAIMUNDA FERREIRA DE ARAÚJO - Raimunda Ferreira de Araújo
18. JOSÉ LUIZ NOBRE DAMASCENO - José Luiz Nobre Damasceno
19. RAMONDA NOBRE DAMASCENO - Ramonda Nobre Damasceno
20. JOSÉ CELIO META SEVERO - José Celio Meta Severo
21. ALANE NOBRE PINTO - Alane Nobre Pinto
22. TEREZINA BARBOSA NOBRE - Terezina Barbosa Nobre

ISABEL NOBRE DAMASCENO - Isabel Nobre Damasceno
 25. ALINHE HOBRE PINTO
 26. MARIA de SOUZA R. SILVA

30. R.T.D. DE FORTALEZA-CE
 Registro No. 175604
 28 Dez 1999 PAGINA 3/3
 Emls. R\$ 15,55

Tribunal de Justiça
 Proveniente 00,97
 CANTÁRIO NELO JR. - 6º. ofício
 Proveniente 1345
 BERNARDI 2100
 01W
 AC 187581
 V (S) 01
 Valido para fins de autenticação de



[Handwritten signature]

ANEXO 06

MAPA DAS FRONTEIRAS DO BAIRRO PEDRA

Anexo 01 – Mapa dos limites geográficos



Fonte: Companhia de Água e Esgoto de Estado do Ceará - CAGECE

ANEXO 07

HISTÓRIA DA PEDRA – NARRATIVA D. LIRED A P. DA COSTA

História
da
comunidade
da
Pedra



História da comunidade de Pedra.

Escrito por D. Lirêda Peixoto da Costa, primeira Professora e Catequista deste lugar.

Em 1942, esta comunidade era completamente atrasada, não tinha estrada, escolas, nem Igreja; Os moradores viviam da agricultura e artesanato.

Deus não tarde nem falta, dar sempre no momento e na hora certa.

Aconteceu que Dom. Antonio de Almeida Lustosa em 1941 foi transferido de Belém do Pará como arce – bispo para Fortaleza.

Em 1942, convidado pelo Pe. Pereira Pároco de Messejana, veio até esta comunidade fazer a visita pastoral, na qual acompanhei em todos os Atos Litúrgicos, Celebrações, Santas Missas, Batizados, Crismas etc...

O Bispo hospedou – se numa residência pobre, humilde de D. Joanhina Delfino.

O Sr. Bispo conversava com os agricultores a respeito da água, porque era tão difícil.

A resposta era sempre a mesma:

- Quando cavamos um poço só dá pedra.

Mais uma pergunta o Sr. Bispo fez.

Como se chama este lugar.

- Por causa do riacho que corre ali, nós chamamos de riacho do Bingo.

O Sr. Bispo ouviu com muita atenção e pediu que mudasse o nome, que deveria ser chamado de Pedra.

Em conversa com Dom. Antonio, ele me incentivou a ficar aqui para alfabetizar este povo carente e sofredor, mais cheio de esperanças.

Neste tempo Fortaleza tinha como prefeito Dr. Raimundo de Alencar Araripe, homem trabalhador e que beneficiou as periferias de Fortaleza com escolas isoladas.

Deus assim o quis, fui premiada com uma desta escola aqui na Pedra, desempenhei a missão com muita luta e sacrifício, pensando muitas vezes em desistir, mais tinha certeza que o Espírito Santo era quem me usava com muita força, luz e muito amor.

Em 11 de agosto de 1945 inaugurei a permanência da escola, funcionando na mesma residência de D. Joanhina Delfino, onde eu pagava uma sala para desenvolver meu trabalho.

Com o funcionamento da escola o lugar passou a ser chamado de Pedra, como o Sr. Bispo pediu.

Nesta mesma época, Pe. Pereira incentivou o povo a construção da capela.

Lutamos por esse objetivo, porque escola e Igreja se uniram em um só corpo. A família Delfino doou o terreno para a construção da capela.

Como os moradores antigos eram devotos de Santa Luzia, Pe. Pereira nos deu o privilégio de ser a Padroeira Santa Luzia.

O Sr. Antonio Vidal, um bem feitor, nos beneficiou com casa paroquial em 1950.

O tempo foi passando, com 10 anos o Sr. José Barros de Alencar, vice – prefeito de Messejana, candidatou – se a vereador e passou a se interessar pela escola. Por esse motivo arranjou o terreno para construir o prédio para funcionamento da mesma.

Em 1950, conseguiu a estrada da Pedra até o Ancurí e o ônibus da empresa São Benedito, fazendo a linha Pedra – Ancurí que até hoje permanece.

Em 1955, na gestão do prefeito Paulo Cabral Araújo, tendo como secretário de educação o Sr. João Jaques Ferreira Lopes, conseguiu a construção do prédio onde passei a trabalhar.

A escola recebeu o nome Coronel Tristão de Alencar, nome que veio da secretaria de Fortaleza.

A luta continuou, sempre com muitas dificuldades.

Em 1959, foi construído o primeiro chafariz próximo a escola. Em 1970 foi construído o segundo chafariz. Neste mesmo ano, fomos beneficiados com a energia elétrica, pelo nosso Pároco Pe. Pereira.

Em 1972, foi feito o calçamento da Pedra até o Ancurí.

Também o centro social e a quadra, tudo conseguido pelo nosso vereador José Barros de Alencar.

Em 1976 me aposentei com 35 anos de luta, ficando em atividade na escola, professores formados. Maria Helena de Sousa, Maria Eliana de Sousa, as estudantes Regina Delfino e Maria de Fátima de Sousa. Ficando na direção da escola Frei Ozenir por dois anos.

A Igreja passou por três reformas. Uma noite chuvosa infelizmente a Igreja desabou, ficando de pé somente a imagem de Santa Luzia...

Continuamos a luta, e graças a Deus e ao Sr. Frota Melo, homem dinâmico e de Fé nos ofereceu seus préstimos, pagando a mão - de - obra.

Em 22 de dezembro de 1982 veio morar em nossa comunidade o nosso querido Dom. Geraldo Nascimento, Bispo de fé e santo, trazendo o noviciado das freiras Capuchinhas que muito nos beneficiaram.

Irmã Dulce, com o auxílio dos católicos da Alemanha nos prestigiaram com uma reforma na capela, nos dando mais conforto e beleza.

Em 1989, na gestão do prefeito Juraci Magalhães, a escola Coronel Tristão de Alencar, também passou por nova reforma na direção da diretoria, tendo como Aridiam Barbosa da Silva Vidal a nova diretora. Foi construído mais salas de aulas, passando a funcionar o 1º Grau completo.

Nosso bem feito José Barros de Alencar faleceu de uma morte trágica em 14/07/1984.

Recordamos seus benefícios com muita saudades e respeito.

Em 1991 pelo prefeito Juraci Magalhães foi construída a pracinha de Santa Luzia. Em 1992 foi passado a pista da Pedra até o Ancurí, pelo governador Ciro Gomes.

Graças a Deus, nossa comunidade está crescendo e o povo se evoluindo. Atualmente temos muitas escolas em nosso bairro; Pedra, Barroirão e Malícia... Também somos assistidos por um posto de saúde, uma creche, cursos de informática, muitos pontos comerciais como: (padaria, sorveteria, mercantil etc...).

ANEXO 08

LEI ESTADUAL Nº 11.927 (CRIA O MUNICÍPIO DA ITAITINGA)

LEI Nº 11.927, DE 27 DE MARÇO DE 1992

Cria o Município de Itaitinga, desmembrando do Município de Pacatuba, delimitada sua área territorial e dá outras providências.

O GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica criado o Município de Itaitinga, constituído pelo território do distrito de igual nome mais o Distrito de Gereraú desmembrado do Município de Pacatuba.

Parágrafo Único: A Sede do novo Município é a Vila de Itaitinga que fica elevada à categoria de cidade.

Art. 2º - Os limites territoriais do Município de Itaitinga são os seguintes:

A) Ao NORTE com o Município de Fortaleza
Início na foz do Rio Timbó no Rio cocó, deste ponto por uma reta no sentido Sudeste vai ao ápice do Serrote do Ancuri, de onde em nova reta vai até o pontilhão do Riacho Carro Quebrado na rodovia BR-116.

B) A Leste com os Municípios de Eusébio, Aquiraz e Horizonte.
Final da descrição Norte, do ponto referido na BR-116 na descrição anterior, seguindo por esta estrada sentido Sul até a ponte desta sobre o Rio Pacoti. Daí subindo pelo Rio Pacoti até o ponto onde o Riacho Baú faz foz neste nas águas do açude Pacoti.

C) Ao Sul e a Oeste com o Município Guaiuba.
Começa no ponto referido na final da descrição Leste, tomando o divisor das águas entre os Riachos Baú e Riachão, vai até o come do serrote do Bolo, de onde por uma reta segue para o cume do serrote Esaú ou serrote Coelho e daí por outra reta vai ao cruzamento da estrada Pacatuba/Riachão com a antiga estrada Guaiuba/Tapó

D) Ainda a Oeste com o Município de Pacatuba.
Começa no ponto referido no final da alínea anterior, segue numa reta na direção Norte ao cume do serrote Jatobá, de onde por outra reta, tirada deste serrote para o centro da lagoa do Carapió, daí em nova reta vai diretamente à foz do Rio Timbó no Rio Cocó.

Art. 3º - A divisão interna do Município de Itaitinga é a seguinte:
Entre o Distrito Sede e o Distrito Gereraú.

Início na Rodovia Edson Queiroz na divisa Intermunicipal Itaitinga/Pacatuba daí seguindo por esta estrada à incidência da também estrada do DNER nesta seguindo pela estrada do DNER até sua incidência com a BR-116 na divisa Intermunicipal Itaitinga/Aquiraz.

Art. 4º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação revogada as disposições em contrário.

PALACIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, aos 27 de março de 1992.

CIRO GOMES
Antônio Leite Tavares

ANEXO 09

LEI ESTADUAL s/n de 1953

(ESTABELECE OS LIMITES DO BAIRRO PEDRA)

Fixa a divisão territorial e administrativa do Estado, que vigorará sem alteração até 31 de Dezembro de 1953.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Faço saber que a Assembleia Legislativa decretou e eu sancionei o seguinte lei:

Art. 1.ª - A divisão territorial e administrativa do Estado, que vigorará, sem alteração, até 31 de Dezembro de 1953, é fixada nesta lei.

30 - MUNICÍPIO DE FORTALEZA

§ 1.ª - A linha divisória do Município de Fortaleza

a) - A oeste, com o Município de Caucaia;
Começa no ponto em que a estrada da Ribeira corta o rio Urucutuba; segue daí, em linha reta, para o busiro da Estiva; segue pela entrada de ferro de Sobral até onde ela cruza com o rio Maranguapinho; vai, por este abaixo, até a sua confluência com o rio Ceará; desce pelo rio Ceará até a sua foz, no Cocó.

b) - Ao norte, com o Oceano;
É a praia compreendida entre a barra do rio Ceará e a do rio Pacoti.

c) - A leste, com o Município de Aquiraz;
Começa na foz do rio Pacoti; sobe por este até a foz do riacho da Gamboa da Cunha; segue daí, em linha reta para o vértice norte da lagoa da Precabura; continua pelo meio desta, até a sua extremidade oposta, na embocadura do rio Coassu; sobe por este até a foz do riacho Carro Quebrado; continua por este riacho acima até o pontilhão da estrada Transnordestina.

d) - Ao sul, com o Município de Pacotuba;
Começa no pontilhão do Carro Quebrado, acima referida; segue, em linha reta, para o estrete de Anbori; e deste passa, por outra rota para a foz do riacho Timbó ou Geraram, no rio Cocó.

e) - Ainda ao sul, com o Município de Maranguape;
Começa na foz do riacho Timbó, no Cocó; segue daí, em linha reta para o desagüedouro da Lagoa Mingau; continua, por outra rota, para a embocadura do desagüedouro da lagoa do Jati, no rio Maranguape; e finalmente, deste ponto vai, em linha reta, para o entroncamento do rio Urucutuba com a estrada da Ribeira.

§ 2.ª - Dentro do Município de Fortaleza, a linha divisória:

a) - Entre os Distritos de Fortaleza e Antônio Bezerra;
Começa no riacho Alagadiço Grande, no busiro da Transnordestina que vai para Sobral; segue, em linha reta, para o busiro do riacho Urubu, no ramal ferroviário de Caucaia; e continua, por outra rota, para a foz do riacho São José, no rio Ceará.

b) - Entre os distritos de Fortaleza e Messejana;
Começa na foz do riacho Cocó, no mar; e sobe por este rio até a foz do desagüedouro da lagoa do Cocó.

c) - Entre os distritos de Fortaleza e Parangolins;
Começa na foz do desagüedouro da lagoa do Cocó; sobe por ele até esta lagoa; passa, diretamente para o ponto da estrada de rodagem de Fortaleza a Messejana onde se encontra o ramal do Campo de Aviação; segue por esse ramal até o lugar Santa Lúcia do Faria; prossegue pela estrada das Damas, até a estrada de concreto de Fortaleza e Parangolins; continua por esta, até o entroncamento da estrada que vai para o Alagadiço; e que por esta até alcançar a Transnordestina; e por esta vai, em direção de Caucaia, até o busiro do riacho Alagadiço Grande.

d) - Entre os distritos de Antonio Bezerra e Parangaba:
Começa no busiro do riacho Alagadiço Grande, na Transnordestina; desce por este riacho, até a passagem da estrada de Antonio Bezerra para Parangaba; e segue por ela até o Pici, no ponto onde ela alinha a estrada de Caucaia a Parangaba.

e) - Entre os distritos de Antonio Bezerra e Mondubim:
Começa no entroncamento referido no fim da letra anterior; segue, para oeste, pela estrada de Parangaba a Caucaia, até a sua passagem sobre o riacho Taturondê; e daí vai, em linha reta, para o busiro da Estiva, na estrada de Ferro da Caucaia, na extrema com o município deste nome.

f) - Entre os distritos de Messejana e Mondubim:
Começa na foz do riacho Timbo, no rio Coco, na convergência das extremas com os Municípios de Facatuba e Maranguape; e desce pelo rio Coco, até a passagem da estrada de Parangaba para Messejana.

g) - Entre os distritos de Messejana e Parangaba:
Começa no ponto definido no fim da letra anterior; e desce pelo rio Coco, até a foz do desagudouro da lagoa do mesmo nome.

h) - Entre os distritos de Parangaba e Mondubim:
Começa na passagem da estrada de Parangaba para Messejana, sobre o rio Coco, segue por esta estrada, para oeste, até o riacho Mata Galinha; vai, por este nome, até a lagoa Boca; e de lá pelo desagudouro da lagoa de Maraponga até alinhar esta última; continua, em linha reta, para o pontilhão do braço mais oriental do rio Maranguapinho, na Pádua da Fortaleza a Maranguape; e prossegue, por outra reta, para o entroncamento do ramal do Pici, na estrada de Caucaia a Parangaba.

.....
Art. 3º - A instalação do Município se fará pela forma determinada na Lei Orgânica.

Art. 4º - A presente lei, inalterável até 31 de Dezembro de 1953, entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

RAUL BARBOSA

Joaquim Bastos Gonçalves

ANEXO 10

CARTA DO I ENCONTRO DE JUVENTUDES DA PEDRA

CARTA DO I ENCONTRO DE JUVENTUDES DE PEDRA¹

Somos os jovens e as jovens da Pedra, um bairro da periferia de Fortaleza, quase desconhecido pela maioria dos fortalezenses, que, só consegue visibilidade na mídia quando é pra noticiar a realidade da violência crescente. Nesses casos, prevalece o velho estigma da periferia e da juventude como problema social: carentes, incapazes e marginais.

Recusamos o conformismo diante da realidade e, também, os preconceitos e reducionismos, que desqualificam a participação da juventude na sociedade, conforme Sales:

Quando lhes é dada a palavra é apenas simbolicamente, uma vez que a fala é controlada, selecionada, para conter o perigo que dela pode advir (2001:27)².

Quando os jovens expõem esse desejo de fazer política, de falar, externar opinião, de ter o direito de ouvir e ser ouvido, as instituições, muitas vezes interditam seus discursos. Impedimentos, com a faixa etária se agregam com a classe, a etnia, a tendência partidária, e pode-se acrescentar ainda, a questão de gênero (2006: 172)³.

¹ Realizado no dia 15 de Março de 2009, na EMEIF Tristão de Alencar e no Centro Cultural CELITA, entre 8 e 22 horas. Além de palestras sobre juventude e políticas públicas (pela manhã), realizou-se mesas temáticas (à tarde) com os seguintes focos: 1. Sexualidade e DST/AIDS; 2. Inclusão social e tecnologias da informação; 3. Violência e Drogas; 4. Cultura, participação e cidadania; e uma ampla programação cultural (à noite) com apresentações da comunidade: roda de capoeira, Hip-hop, grupos de danças e banda de MPB/Rock. Assessoria pedagógica: João Tancredo Sá Bandeira.

² SALES, C. M. V. Os jovens como experimentadores e produtores de devires. In: DAMASCENO, M. N. Trajetórias da Juventude. Fortaleza: LCR, 2001.

³ SALES, C. M. V. Criações coletivas da juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

Queremos romper com o senso comum, que apresenta uma visão conservadora e equivocada da juventude com um tempo de crise ou um tempo perdido. Para nós a juventude é um processo social historicamente construído, é um período fértil e criativo, que convoca toda uma geração ao diálogo e à participação com a sociedade como um todo.

Em nossa comunidade e em suas adjacências temos exemplos dos novos tempos, da força viva e transformadora da juventude, pois são inúmeros os jovens e as jovens daqui, que participam dos novos movimentos sociais, promovem atividades culturais, atuam como lideranças escolares e comunitárias, agem como protagonistas na construção da própria cidadania e fazem política, contribuindo nas lutas do bairro por uma sociedade mais justa e melhor.

O bairro Pedra está localizado entre o km 10 e o km 16 da BR 116. É uma comunidade distante, antigo distrito do Município de Pacatuba e área de fronteira dos municípios de Fortaleza, Eusébio e Itaitinga. Área, também de indefinições de divisas e disputas territoriais.

Há vários anos os moradores da Pedra lutam para preservar sua identidade de cidadãos e cidadãs fortalezenses, que são, pois, historicamente, a infra-estrutura de atendimento básico do bairro (Escolas, Posto de Saúde, Sistema de Transporte Público, etc.) é da Prefeitura Municipal de Fortaleza - PMF. Os moradores do bairro Pedra reconhecem esse pertencimento ao Município de Fortaleza, reivindicam melhoras estruturais e avanços sociais ao Município de Fortaleza, porque são fortalezenses.

Itaitinga reivindica novas demarcações e tenta avançar o seu limite territorial até o Anel Viário (Ceasa/Jardim Metropolitano), mas o povo da Pedra não aceita que o bairro se torne área de Itaitinga. Não tem identidade com este Município e não vê benefício algum nesta perspectiva, muito pelo contrário. O que histórico, social e culturalmente se reconhece como limite entre Fortaleza e Itapetinga é a Avenida da Lógica com a Rua Jorge Figueiredo.

Mais de uma centena de jovens da Pedra, articulados por mais de treze (13) instituições representativas (não-governamentais e governamentais), do nosso bairro, reunida no I ENCONTRO DE JUVENTUDES DA PEDRA (realização do Centro Cultural CELITA e do Centro Cultural de Capoeira SÃO SALVADOR), discutiu esta questão para, em seguida, afirmar: **PEDRA É FORTALEZA** e esta luta continua, agora, com o pleno vigor da juventude e suas várias expressões culturais no bairro. Para tanto, solicita, de imediato, apoio de setores diversos da sociedade (comerciantes e empresários locais, instituições públicas e da sociedade civil, políticos e representantes da Prefeitura de Fortaleza), para fortalecer esse movimento e caminhar rumo a vitória.

Outra questão que surgiu no I ENCONTRO DE JUVENTUDES DA PEDRA, como uma grave problemática do bairro, refere-se à baixa densidade eleitoral da comunidade, por causa de inescrupulosas transferências de títulos para os vários Municípios circunvizinhos, promovida periodicamente pelo imediatismo político-eleitoreiro.

Após discutir o tema e avaliar que é necessário mudar esta realidade, que tanto fragiliza a força política da Pedra e, conseqüentemente, suas reivindicações para melhoria do bairro, junto a PMF, a juventude propõe uma nova ação coletiva, com o apoio das várias associações comunitárias, das instituições públicas e do Tribunal Regional Eleitoral – TRE, no sentido de garantir o resgate do domicílio eleitoral daqueles que residem na Pedra, porque **QUEM MORA NA PEDRA VOTA NA PEDRA/FORTALEZA**.

Considerando que esta campanha está totalmente ligada à luta “**PEDRA É FORTALEZA**”, sugerimos que ambas sejam realizadas conjuntamente, como uma forma de potencializar os esforços e economizar os gastos com eventos, material de divulgação, infra-estrutura, etc.

A BR- 116 é a principal via de acesso ao bairro e representa também o dínamo da economia local, com algumas oportunidades de emprego e, em maior quantidade, trabalho informal. Contudo, esta referência do desenvolvimento local representa, também, a porta de entrada de inúmeras mazelas sociais, que se agravam

na Pedra, tais como: a prostituição infanto-juvenil; o tráfico de drogas, principalmente a maconha e o crack; a AIDS e outras DSTs.

Os jovens e as jovens reunidos no I ENCONTRO DE JUVENTUDES DA PEDRA, debateram sobre essas questões, que se apresentam como desafio para todos e, de imediato, denunciam a inexistência de políticas públicas para a juventude no bairro Pedra. Esta é uma questão gravíssima porque fragiliza nossas oportunidades de melhor formação e de mais cidadania. As poucas e frágeis iniciativas existentes são efetivadas pelas associações comunitárias e, geralmente, sem apoio governamental nenhum. A exceção, atualmente, é o programa MAIS EDUCAÇÃO em prática na EMEIF Tristão de Alencar, que promove atividades educativas e culturais para os alunos dessa Escola no contra-tempo escolar.

Apontam, então, para a necessidade de cursos profissionalização no bairro e reivindicam oportunidades em programas tipo “Primeiro Emprego” e de inclusão digital. Nesse sentido, reconhecem o esforço da PMF, que inaugurou o laboratório de informática da EMEIF Tristão de Alencar, mas, afirmam que este espaço é insuficiente, mesmo para os alunos da referida escola, portanto, não atende a demanda de uma grande maioria de jovens, principalmente, daqueles que já concluíram o Ensino Fundamental. A maioria do acesso digital na comunidade é feita nas “Lan Houses”, que cobram pelos serviços prestados e não oferecem qualquer tipo de formação ou orientação pedagógica.

Discutem a política de distribuição de camisinhas na comunidade, que é feita no CESAF José Barros de Alencar. Reconhecem que essa política existe na comunidade, mas, lamentam que a maioria dos jovens e, principalmente, das jovens não têm acesso à mesma, por motivo dos tabus e preconceitos relacionados à sexualidade humana. A comunidade é pequena, todo mundo se conhece e a juventude não fica à vontade para ir pegar os preservativos. *“Quando o Posto de Saúde tentou distribuir na Escola os professores não aceitaram, achando que era um estímulo ao sexo na juventude (fala de jovem participante)”*. *“A Igreja, também, não aceita, é uma questão complicada. Quando a mãe é ‘cabeça aberta’ pega, mas nem toda mãe faz isso (fala de jovem participante)”*.

Nesse aspecto, a proposta é buscar melhorar esta política com a participação direta da juventude por meio de parceria da Secretaria de Saúde da PMF/SER VI/CESAF José Barros de Alencar com alguma(s) das ONGs que atuam no bairro, para formação de equipes de jovens, que poderiam atuar como agentes de cidadania nessa área da DST/AIDS, os quais, ficariam responsáveis pela distribuição dos preservativos e conscientização da prevenção.

A juventude analisa que a Pedra, vem passando por rápidas mudanças, que não significam melhoras. A quantidade de loteamentos fazem diminuir a exuberância do verde ainda tão marcante. Esse fato, em conjunto com as ocupações de sem-tetos em seu entorno sinaliza para o aumento desordenado da população. Um novo perfil de moradores, mais flutuante, sem raiz com a comunidade, desconhecidos. Disso decorre, entre outros fatores, maior insegurança, aumento da violência na comunidade, mais visibilidade no uso e tráfico de drogas.

Enquanto isso, toda infra-estrutura do bairro já precária só piora. Uma maioria dos moradores não tem ruas com calçamento, outra parte não tem água encanada. Falta saneamento para todos. Há lixo acumulado em vários locais. O ir e vir dos moradores da Pedra depende dos ônibus Pedras 1 e 2, um verdadeiro atestado de paciência ou uma lenda, que de tão precário já virou comunidade no Orkut. Ou, então, temos que nos submeter ao ônibus Carlos Albuquerque, sendo obrigados à descer na BR 116 e enfrentar uma longa caminhada, além do medo, por causa da insegurança, porque o mesmo não entra na comunidade.

Apesar de tantas denúncias, necessárias e urgentes denúncias, os jovens e as jovens reunidos no I ENCONTRO DE JUVENTUDES DA PEDRA destacam o relevante aspecto do engajamento juvenil em nossa comunidade. Um nova forma de participação e de fazer política, que passa pela diversidade das expressões culturais, pela multiplicidade de interesses e visões de mundo, que se manifesta por meio do protagonismo nos espaços públicos e privados da comunidade (Famílias, Escolas, Igrejas, ONGs, Praça, etc.). É a juventude, como maioria na população do bairro, construindo a própria cidadania e assumindo o papel de sujeitos de direitos.

Fortaleza, 15 de Março de 2009.

Comissão de juventude das seguintes instituições:

Centro Cultural CELITA

Centro Cultural SSA CAPOEEIRA

EMEIF Tristão de Alencar

EMEIF DOM Geraldo

Escola Dominginhos

CESAF José Barros de Alencar

Radio FM Pedra

Igreja de Santa Luzia – Pastoral da Juventude

Abrigo Casa dos Meninos - FUNCI

Associação dos Moradores do Bairro Pedra – ASMOAP

Associação Intercomunitária da Pedra

Associação dos Moradores do Trairá

ANEXO 11

PROJETO DA OFICINA DE TEATRO

PARA MONTAGEM DO “AUTO DO BOI MISTERIOSO”

PROJETO GRUPO DE TEATRO POPULAR – MONTAGEM DO ESPETÁCULO “O AUTO DO BOI MISTERIOSO”.

I- INSTITUIÇÃO: Centro Cultural-Educativo, de Lazer Informação, Trabalho e Ação Social

- Nome: **Centro Cultural CELITA**

- Responsável pela instituição: Maria Nobre Damasceno

- Data de fundação: 26/12/1999

- CNPJ: 03.574.192/0001-38

RUA: Luis Bento, 290. Pedra

FONE: (85) 3250.2057

E.mail:

- Área de atuação da Instituição:

Cultura Educação Saúde Popular Cidadania Esporte

- Missão

A ONG Centro Cultural CELITA surgiu a partir da iniciativa de um grupo de moradores preocupados com a melhoria da qualidade de vida da comunidade, é uma entidade de caráter social, sem fim lucrativo que tem por *objetivo principal lutar por uma sociedade mais justa e solidária, através do acesso ao saber, da elevação do nível cultural da população, do exercício da cidadania, da capacitação profissional, da melhoria de renda e da qualidade de vida da população, para tanto, busca meios para o desenvolvimento integral do ser humano* (consultar relatório de atividades da ONG, anexo)

II- PROJETO

Título – **Grupo de Teatro Popular: montagem do espetáculo o Auto do Boi Misterioso**

1- Responsáveis:

- Pela Instituição: Maria Nobre Damasceno

- Pela Direção Teatral : João Tancredo Sá Bandeira (mestrando de Educação)

- Pela Direção Musical: Juarez Serpa Filho (músico, lic. Letras)

2- Beneficiários das Ações do Projeto:

Serão beneficiados de forma direta 25 jovens, especialmente estudantes das escolas públicas da área, posteriormente tenciona-se expandir a experiência para as diversas micro-regiões do Ceará.

3- Objetivo do projeto:

O projeto propõe-se realizar uma experiência integrando duas etapas principais: i) pesquisa-ação no campo da Cultura Popular; ii) planejamento e desenvolvimento (de forma participativa) das ações de um grupo de teatro popular culminando com a montagem e apresentação do espetáculo- *O Auto do Boi Misterioso*.

A proposta visa ainda, contribuir para o resgate e a valorização de uma das mais ricas expressões culturais da região (que se encontra em processo de extinção), como também para o enfrentamento da exclusão social posto que o grupo será formado por jovens estudantes das escolas públicas.

4- Duração: 1 ano (fev/02 à jan/03) envolvendo as fases referidas e as atividades de pesquisa, montagem, ensaio, apresentações, recriação e excursão pelo interior do Estado.

5- História e Fundamentos:

No contexto da cultura popular cearense o bumba-meu-boi, é representado durante o período natalino fazendo parte da Folia de Reis, decorre da sobrevivência das festividades cristãs medievais, em que o culto do boi se fazia em homenagem ao nascimento de Cristo. Sua origem vem da tradição luso-ibérica do século XVI e está ligado a alguns elementos orientais e europeus do Boi-de-canastra de Portugal.

O bumba-meu-boi é uma das mais ricas manifestações do folclore brasileiro, ou da nossa cultura popular. É considerado o folguedo de maior significação estética e social do Brasil e foi o primeiro a conquistar a simpatia dos indígenas durante a catequese, que lhe emprestou parte de suas danças.

É associado também ao Ciclo do Gado, no século XVIII, incorporando representações sociais das relações desiguais que existem entre os vaqueiros e os senhores refletindo as condições sociais vividas pelos negros, índios e mestiços. A influência negra acrescentou ritmo e percussão dos tambores ao bumba-meu-boi.

Contado e recontado através dos tempos na tradição oral nordestina, depois se espalha pelo Brasil, a lenda fundante adquire contornos de sátira, comédia, tragédia e drama, conforme o lugar em que se inscreve, mas sempre levando em consideração a estória de um homem e um boi, ou seja, o contraste entre, por um lado, a fragilidade do homem e a força bruta do boi e, por outro lado, a inteligência do homem e a estupidez do animal.

Como dança dramática o bumba-meu-boi adquiriu através dos tempos algumas características dos autos medievais, o que lhe dá o seu caráter de veículo de comunicação, simples, emocional, direto, linguagem oral, narrativa clara e uma ampla identificação com o povo.

Em seu enredo o bumba-meu-boi mistura drama e comédia, reunindo entre diálogos e toadas, vários personagens alegóricos que se envolvem em incidentes cômicos e contextualizados na vida rural que mistifica o boi. A gravidade dos conflitos e o desenlace quase sempre são alegres e funcionam como um processo de catarse para o nordestino e o povo em geral. O engraçado “Nêgo Chico, ou Nêgo Velho”; a sua tentadora e maliciosa companheira, Catirina; a mulher do coronel (Exaltina); os Índios ou “Pajé”; os Vaqueiros; a figura dominadora do “Coronel”, o fazendeiro; o cobiçado “Boi”; “a Burrinha”; “a Ema” e o “Jaraguá”.

O contexto de toda a trama é uma fazenda, onde um homem, o vaqueiro “Nêgo Chico”, envolve-se numa história com o boi de estimação do fazendeiro - um belo e forte animal, valente e que sabe até dançar no meio do curral - que está sob os cuidados do vaqueiro. Induzido pela mulher, “Catirina”, que por está grávida, deseja comer a língua do “Boi Misterioso”, “Chico” rouba o animal e, para realizar o seu intento foge com ele para esconder-se na mata.

O “malfeito” é descoberto pelo “Amo”, que furioso manda os “Vaqueiros” perseguir o culpado. Depois de esforços e providências “Chico” é encontrado “desnortado” depois de ver assombrações (Jaraguá), este é levado a presença do que o submete a interrogatórios, pressões e castigos. Coagido, termina por confessar o crime.

O “Boi Misterioso” é encontrado quase morto e desesperado o “Amo” manda chamar os Índios para curar o animal com sua “pajelança”. Eles conseguem e o animal reanima-se voltando a urrar e a movimentar-se vivamente, em meio ao contentamento geral. O “Nêgo Chico” é perdoado e tudo acaba com festa, num clima de muita alegria, música, canto e dança.

O espetáculo usualmente é representado numa arena (uma praça, uma rua ou um “terreiro”) , onde o público fica em pé, formando uma roda, que ao calor da própria apresentação, quando a roda se aperta mais, os próprios personagens (“o Boi”, “a Burrinha”, “o Jaraguá”) a fazem expandir novamente às custas de bruscas investidas e barrigadas em cima das pessoas.

As brincadeiras do bumba-meu-boi se diferenciam pelos estilos, chamados sotaques. Os instrumentos, a indumentária, a coreografia e o tipo de toada caracterizam cada sotaque.

O Auto do Boi Misterioso do Centro Cultural se desenvolverá seguindo as influências que caracterizam as **tradições cearenses do Boi de Reis**, do Boi Surubim e Boi Zumbi, cujas entoadas são marcadas pela batida forte da zabumba, como se fosse um rufar de tambor africano, acompanhadas por maracás, pandeiro, triângulo, pífanos e sanfona.

A apresentação do Auto do Boi Misterioso envolve diretamente, em média, vinte e cinco componentes.

6- Programação da Ação

O Auto do Boi Misterioso, envolve quatro momentos principais:

1º. Momento (meses de fev/abril/02)

Pesquisa-ação envolvendo a história e cultura popular, especialmente no que concerne ao bumba-meu-boi, atividade a ser realizada junto às pessoas da comunidade de Pedra e vizinhança; e ainda, em bibliotecas; Internet e instituições culturais (museus, rádio, TV).

Principais Atividades deste momento:

a) Pesquisa-ação na comunidade (manifestações culturais; artistas e músicos populares)

- Conversa com pessoas mais experientes, visando obter informações (dados) e identificar pessoas que possam participar (de forma direta ou indireta).

- Identificação de pessoas com alguma experiência (manifestações culturais, artistas, músicos)
 - Obtenção de Informações sobre espetáculos similares que já aconteçam na região (descrição)
 - Identificação de pessoas que se disponham a colaborar (talentos, tocadores, artesãos).
 - Realização de entrevistas com pessoas que possuam experiência na temática ou possam contribuir com informações importantes.
- b) Pesquisa em bibliotecas, Internet, e Instituições (fundamento, história, elementos práticos, contribuir para o enredo, personagens, coreografia, figuras, músicas e instrumentos).
- c) Realização de Oficinas com os resultados das pesquisas (fundamentos, informações, elemento práticos)

2º. Momento: Montagem (meses de abril/agosto/02)

Esta etapa terá como fundamentado os resultados da pesquisa e envolverá as seguintes atividades:

- Elaboração de roteiro do enredo
- Definição das principais personagens
- Seleção das músicas, ritmos e instrumentos.
- Confeção dos bichos (personagens).
- Teatralização (dramatização).
- Possibilitar a integrações-culturais, cordel e etc.
- Integração como o Reisado.

3º. Momento: Ensaios (a partir de agosto/02).

Os ensaios envolvem - a dramatização da história, as músicas, a coreografia, elaboração de figurinos etc.

4º. Momento: Apresentações- prever-se a **estréia** para **12 dez/02**, Festa de Santa Luzia, Padroeira da Pedra, continuando no período de Natal-Reis, concomitante com as

apresentações dar-se-á o trabalho de socialização e recriação do auto (modificação para novas apresentações). A seguir o grupo pretende a partir do mês de janeiro (2003) viajar para realizar apresentações no interior do Ceará nas regiões Norte (Sobral); Sul (Cariri, Crato/Juazeiro) e Centro (Quixadá/Senador Pompeu).

7- Texto da Peça: Auto do Boi Misterioso

Na verdade, a montagem da peça constitui uma das etapas do projeto, tendo por fundamento a pesquisa a ser realizada, aqui apresentamos o apenas enredo em grandes linhas.

O enredo desenvolve-se em quatro atos principais:

1º. ATO:

- Pré-Cena- Abertura – procissão com todos os participantes, estandartes, música;
- Cena 1- O coronel (amo) e a mulher D. Ezaltina (prepotente), ele fazendo discursos...
- Cena 2- Entrada das bandeiras, música de saudação e louvação (benditos);
- Cena 3- Varredura do terreiro, por Catirina, música apropriada...
- Cena 4- Nêgo Chico passa tangendo a boiada e aboiando, música Aboio...
- Cena 5- D. Ezaltina (com toda sua prepotência), mostra ter ciúme do boi...
- Cena 6- O coronel (amo) fazendo discursos (tipo Odorico Paraguassu)...

2º. ATO:

- Cena 1- Dança de Nêgo Chico e Catirina (bem sensual e escrachada)...
- Cena 2- Fala ...alguns meses depois, Catirina aparece grávida com desejo de comer a língua do boi de estimação do patrão...
- Cena 3- Nêgo Chico rouba o boi, leva para mata para atender o desejo de Catirina, a burrinha entre em cena para procurar o boi...(cenas engraçadas...)
- Cena 4- Na mata- as assombrações – cão, jaraguá, caipora etc...amedrontam Nêgo Chico;

- Cena 5- A burrinha Zabelinha tenta contar que viu o Nêgo Chico roubando o boi, mas Catirina muita esperta não deixa...

- Cena 6- O coronel chama o animal mais rápido a ema e manda procurar o boi, junto vão os vaqueiros - o grupo executa a dança *maneiro pau e Caipora*.

3º. ATO:

- Cena 1- A ema e os vaqueiros encontram morto o boi de estimação do amo... O Coronel fica muito triste e canta – *o meu boi morreu, que será de mim, manda buscar outro....*

- Cena 2- D. Ezaltina, fica feliz com a morte do boi...canta e comanda a *divisão do boi...*

- Cena 3- O Coronel (amo) manda chamar o médico, este tenta botar um supositório no boi, o miolo do boi sai e põe o médico para correr (cena hilariante...);

- Cena 5- Catirina diz que o Pajé pode ressuscitar boi, o Coronel manda chamar o Pajé e sua tribo. O coronel diz para o Pajé que dar qualquer coisa se ele salvar seu boi, então os índios executam o *ritual da dança do torém....*o boi ressuscita ...alegria geral...Entra o Nêgo Chico pedindo perdão ao amo por haver matado o boi, o Coronel não entende nada e agradece a Catirina por ter ajudado a salvar seu boi de estimação...

- Cena 6- O Pajé quer que o Coronel cumpra sua promessa, ele ressuscitou o boi, mas em troca exige a mulher do Coronel, D. Ezaltina (dar-se então uma hilariante cena de transformação da madame em índia)...

- Cena 7- Despedida....muita música, dança e alegria...

8- Ficha Técnica da Peça: Auto do Boi Misterioso

➤ Diretor de Teatro: João Tancredo Sá Bandeira

➤ Diretor Musical: Juarez Serpa Filho

Personagens (apontamos aqui apenas alguns prováveis componentes do grupo, que encontra-se em processo de composição):

➤ CORONEL: Jonatas Cordeiro; Operador de Moinho da Fabrica Fortaleza

Robson Xavier, estudante

➤ EZALTINA: Ana Cristina de Abreu; atendente do Centro Cultural

➤ CATIRINA: Franklin Ribeiro, Atendente de uma Vídeo locadora.

- NEGO CHICO: Francisco Lopes Júnior (Miguel); estudante e percussionista .
- CÃO: Gilmar Martins; estudante.
- AJUDANTE DO CÃO: Paulo Daniel; estudante
- JARAGUA: Tininha; estudante
- BURRINHA: Gardênia; estudante
- NOSSA SENHORA: Vânia; estudante.
- CABLOCOS: Dheymilson, Paulo, Gilmar, Tininha, Paulo Daniel e outros, estudantes
- INDIAS: Edilcilene, Tininha, Rosângela, Silvia, Vânia e outras, estudantes

9- Pauta de Trabalho da Peça: O Auto do Boi Misterioso

1- Apresentação e discussão do Enredo com os participantes

2- Definição dos personagens

3- Organização das Equipes responsáveis:

- Montagem dos Bichos,
- Elaboração dos Figurinos,
- Confeção dos Adereços,
- Tocadores,
- Grupos de Danças – maneiro o pau (grupo de capoeira SSA) e torém (grupo Centro Cultural)

4- Ensaios em dois momentos :

- Ensaios por categorias de apresentação (danças, músicos, memorização de falas)
 - Ensaio conjunto aos sábados pela manhã
- Atribuição de Papéis (personagens)

10- Aspectos Financeiros para a Produção da Peça

10.1- Recursos Orçamentários

Descrição	Recursos Solicitados	Total em R\$
RH/ Direção musical e teatral	R\$ 12.000,00	12.000,00
Equipamentos (instrumentos)	R\$ 3.000,00	3.000,00
R. Materiais Consumo e Artístico	R\$ 8.830,00	8.830,00
Outras Desp. Alimentação	R\$ 5.000,00	5.000,00
Outras Desp. Bolsa Auxílio	R\$ 15.000,00	15.000,00
Outras Desp Excursões do Grupo	R\$ 5.800,00	5.800,00
TOTAL	R\$ 49.630,00	49.630,00

10.2- Memória de Cálculo:

Passa-se à discriminação dos recursos necessários ao projeto

a) Recursos Humanos, envolve os seguintes elementos de despesa

- Direção musical e teatral (pesquisa, formação, montagem e acompanhamento de temporada): 2 pessoas especializadas 4 horas diárias, duas vezes por semana, durante doze meses, carga horária semanal = 16 h de atividade, considerando o valor hora/atividade de R\$ 15,00 X 50 semanas = R\$ 12.000,00 (doze mil reais ver)

b) Equipamentos: instrumentos musicais (1 zabumba, 1 triângulo, pandeiro, percussão) e aparelho de som (1 microsistema; 4 microfones, 1 cx. Acústica; 4 pedestais), valor R\$ 3.000,00

c) Os Recursos Materiais e Artefatos de arte popular para as atividades artísticas, didáticas e oficinas somam R\$ 8.830,00 (ver discriminação quadro a seguir)

c) Alimentação: custeio de uma refeição, por participante, duas vezes por semana; valor per capita R\$ 2,00 (R\$ 2,00 x 25 participantes = R\$ 50,00 por encontro); considerando que a experiência envolverá cerca de 100 sessões ao longo dos doze meses, teremos R\$ 50,00 x 100 = R\$ 5.000,00;

d) Bolsa auxílio para os participantes durante os doze meses previstos para a duração da formação, valor per capita estimado para a bolsa R\$ 50,00 (50 x 25 x 12 = R\$ 15.000,00), ou seja, total da bolsa auxílio = R\$ 15.000,00 (quinze mil reais)

e) Excursões do Grupo de Teatro para Apresentações do Auto do Boi Misterioso no interior do Ceará (fretamento de transporte, hospedagem etc.) totalizando R\$ 5.800,00;

Valor dos Recursos Solicitados: R\$ **49.630,00** (trinta e quarenta e nove mil seiscentas e trinta reais).

10.3- - Recursos Matérias e Artefatos Necessários à Produção do Espetáculo

OR	DESCRIÇÃO	QUAN T.	VALORUNITÁRIO R\$	VALORTOTAL R\$
01	Bandeiras	04	20,00	80,00
02	Boi (Arame, papel machê e acabamento)	01	600,00	600,00
03	Burrinha (Arame, papel machê e acabamento)	01	300,00	300,00
04	Ema (Arame, papel machê e acabamento)	01	300,00	300,00
05	Jaraguá (Arame, papel machê e acabamento)	01	300,00	300,00
06	Oficina com os jovens para confecção dos “bichos” com dois meses de duração.	01	2.000,00	2.000,00
07	Tecidos para fantasias	25	40,00	1.000,00
08	Criação e costura das fantasias	25	50,00	1.250,00
09	Fantasias e adereços indígenas do Ceará (Torém)	10	50,00	500,00

11	Pesquisa em Cultura Popular (aquisição de livros, cds, vídeos, etc.)	div.	2.000,00	2.000,00
12	Maquiagem para temporada (1 ano)	div.	500,00	500,00
TOTAL				8.830,00

ANEXO 12

CADERNO DO CURSO “EDUCANDO O EDUCADOR”

*TRAJETÓRIA E PRODUÇÃO:
Experiência de Formação de Educadores no
Centro Cultural Celita*

*Curso Educando o Educador: um novo
olhar sobre a arte-educação e a recreação
infantil*

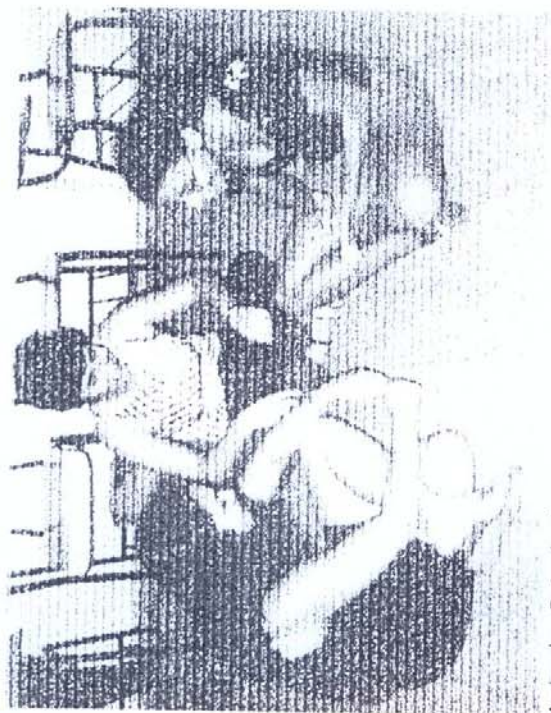
Organização

*Esdras Barbosa Nobre
Luciana Matias Cavalcante
Maria Nobre Damasceno*

Agradecimentos

A realização deste Projeto não teria sido possível sem o apoio e incentivo dos parceiros:

*Fundação Vitae - SP
Universidade do Vale do Acaará
Centro Cultural CELIA*



Aula de Psicologia



Apresentação Teatro de Bonecos



Aula de Educação Artística



Oficina de Teatro

Disparada
(Geraldo Vandré)



Prepare seu coração
Pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não
Ver a morte sem chorar
E a morte e o destino tudo
A morte e o destino tudo
Estava fora de lugar
Eu vivo pra consentar
Na boiada já fui boi
Mas um dia montei
Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse
E qualquer querer tivesse
Porém por necessidade
Do dono de uma boiada
Cujo vaqueiro morreu
Boiadeiro muito tempo
Laço firme, braço forte
Muito gado, muita gente
Pela vida segurei
Seguia como num sonho
E boiadeiro era o rei
Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo

Anexo 06 - Instrumento de Avaliação por Disciplina

Segue um exemplo de avaliação aplicada por disciplina, além das atividades práticas, participação, frequência e pontualidade ou através de outros critérios discutidos no grupo:

<p>AVALIAÇÃO da DISCIPLINA Disciplinas: Noções de Ecologia e Higiene e Saúde</p> <p>Professores: Raimunda Nobre Damasceno e Esdras Barbosa Nobre Prezado (a) Aluno (a), A sua sinceridade ao responder aos itens é de grande valia, pois nos ajudará no replanejamento da disciplina. Considerando o nível de expectativa face à Disciplina responda os quesitos a seguir:</p> <p>1- Os objetivos foram atingidos? () SIM; NÃO () ; Em Parte () Justifique: -----</p> <p>2- As atividades desenvolvidas em sala de aula foram suficientes levando-se em conta os objetivos propostos? () SIM; NÃO () ; Em Parte () Justifique: -----</p> <p>3- As questões surgidas durante as aulas foram esclarecidas satisfatoriamente? () SIM; NÃO () ; Em Parte () Justifique: -----</p> <p>4- A metodologia e os recursos facilitaram a aprendizagem? () SIM; NÃO () ; Em Parte () Justifique: -----</p> <p>5- Houve aplicação dos conteúdos através de atividades práticas? Estas foram satisfatórias () SIM; NÃO () Justifique: -----</p> <p>6- Houve um relacionamento satisfatório entre Professor-Aluno e Aluno-Aluno, durante o desenrolar das atividades da disciplina? () SIM; NÃO () ; Em Parte () Justifique: -----</p>

SUMARIO

Proposta do Curso	5
- O Curso	6
- Objetivos do Curso	6
- Formato e Conteúdo do Curso	8
- Currículo do Curso	9
- Quadro das Disciplinas	12
- Quadro dos Recursos Humanos	13
Processo de Seleção	15
Programas das Disciplinas do Curso	17
Cronograma das Disciplinas	38
Exemplo de Produção dos Alunos	39
- Produção Textual	40
- Folder sobre a Cidadania	44
- Projetos e Relatórios de Estágios	45
Processo de Avaliação	53
- Avaliação do Curso	54
- Coordenação/Supervisão Pedagógica	55
- Avaliação da Aprendizagem	58
Anexos	60

Anexo 05 - Reuniões com os Professores

CELITA – Centro Cultural-Educativo
Curso Educando o Educador

- Reunião com os professores

Pauta da Reunião

- 1º momento:** dinâmica de integração – “as afinidades”
O coordenador direciona: encontre a pessoa com a mesma cor de sapato, agora com a mesma cor de cabelo (o grupo se movimentará), com olhos da mesma cor, com roupa que tenha a mesma cor, que tenha nascido no mesmo mês ou próximos. Esse último grupo se reúne e vai apresentar-se pelas comemorações desse mês (o que se comemora no mês de seu aniversário); em seguida apresenta-se ao grupo da maneira mais criativa que encontrar.
- 2º momento:** apresentar a proposta do curso
- 3º momento:** apresentar cronograma e trabalhá-lo de modo específico
- 4º momento:** construir calendário de encontros com os professores
- 5º momento:** discutir conteúdos e práticas específicas

CELITA – Centro Cultural-Educativo
Curso Educando o Educador
- Reunião com os professores

Objetivo: Promover a integração entre as disciplinas a partir de um diálogo entre os professores que já atuaram e aqueles que começarão seus trabalhos. Avaliar o curso de modo geral, enfatizando a participação e o aproveitamento dos professores-alunos.

Pauta:

- Dinâmica de integração e avaliação (serão entregues ½ folha de papel para cada um expressar com uma palavra como avalia as atividades até aqui realizadas e a expectativa de quem ainda não começou. Depois será feito o confronto com cada um explicando sua palavra);
- Relatos dos professores que já concluíram suas disciplinas;
- Apresentação das disciplinas que irão começar;
- Algumas solicitações (entrega de lista de material a ser utilizado e material para ser xerocado com antecedência, alteração no cronograma, etc).

Quadro Avaliativo das Disciplinas

DISCIPLINAS	Aval. Docente	Auto-Avaliação
Integração Grupal		
Recreação, Jogos e Brincadeiras Infantis		
Cidadania e Educação		
Educação Popular e Movimentos Sociais		
Comunicação e Expressão		
Arte-Educação/Educação Artística (pintura, música, teatro, desenho, literatura, dança)		
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem		
Oficinas Culturais (arte popular, pintura, teatro boneco, música, produção texto, poesia)		
Noções de Ecologia e Educação Ambiental		
Higiene e Saúde		
Informática Básica e Educativa		
Planejamento e Organização de Eventos e Culturais		
Vivência Prática (estágio supervisionado)		
Coordenação pedagógica		

Proposta do Curso



Curso: Educando o Educador: um novo olhar sobre a arte-educação e a recreação infantil

O Curso

➤ **Título - Educando o Educador: um novo olhar sobre a arte-educação e a recreação infantil**

- **Curso de Extensão** em Parceria com a **UVA** - Universidade do Vale do Acaraú e a Fundação Vitae (SP).
- **Público Alvo:**
- Foram beneficiados 26 educadores sociais da comunidade especialmente jovens, que atuam no Celita, ou em outras instituições educativas da região de Pedra e adjacências (Euzébio, Itaitinga, Fortaleza).
- **Instituição Responsável** pela Execução do Curso: **CELITA**

➤ **Objetivos:**

Os integrantes do Centro Cultural Celita, ao proporem o curso - "Educando o Educador - um novo olhar sobre a educação e a recreação infantil através da arte", tiveram claro que o exercício desta atividade num mundo em transformações está a exigir qualificação e novas habilidades específicas daqueles que se dedicam a mesma; por isso, procuraram preparar pessoas da área para desempenharem com eficiência as atividades voltadas para educação infantil e a recreação, cujo campo de atuação são as entidades comunitárias como o CELITA, e ainda, escolas do Ensino Fundamental, pré-escolas e Centros de Educação Infantil da região.

d) Quanto aos docentes:

() sim () não () em parte. Desempenharam seu papel com competência, facilitando a aprendizagem (facilidade em trabalhar com o conteúdo e explorá-lo). Justifique:

() sim () não () em parte. Demonstraram assiduidade e pontualidade. Justifique:

() sim () não () em parte. Apresentaram uma postura dialógica, incentivando a participação nas discussões, nas atividades práticas e ainda, abriram espaço para sugestões e críticas. Justifique

() sim () não () em parte. Demonstraram coerência entre o programa da disciplina apresentado a turma e os conteúdos trabalhados. Justifique:

e) Informática:

() sim () não () em parte. A participação no curso de Informática possibilitou a aprendizagem de novos conhecimentos e habilidades. Justifique:

() sim () não () em parte. Você se considera capaz de realizar com competência certas funções básicas necessárias a utilização do computador (ligar, desligar, digitar textos, utilizar funções básicas do Word, entre outros). Justifique:

f) Grupo:

() sim () não () em parte. O grupo é bem integrado e demonstrou maturidade para desenvolver um trabalho coletivo com competência. Justifique:

() sim () não () em parte. O grupo conseguiu acompanhar bem todas as propostas de estudo apresentadas no decorrer do curso e parece ter crescido intelectualmente. Justifique:

() sim () não () em parte. O grupo demonstrou ser solidário e comprometido com a entidade. Justifique:

g) Você, Avalie sucintamente: Aprendizagem, Participação, Relações interpessoais no grupo, Capacidade de levar para seu cotidiano profissional o que aprendeu.

02- Avalie o trabalho de cada docente e realize sua auto-avaliação, atribuindo os conceitos: Regular, Bom ou Excelente.

- Formato e Conteúdo do Curso (proposta pedagógica):

As ações do curso visaram contribuir para o aperfeiçoamento do educador social mediante uma compreensão adequada da educação popular, da arte-educação, da recreação e da educação infantil, para tanto se previu a duração de 630 hora/aulas incluindo oficinas culturais e vivência prática, no período de 06 meses.

A proposta teve como compromisso principal formar o educador cidadão, tendo como veículos a recreação, arte-educação e a experiência estética. O objetivo foi formar pessoas que sejam capazes, por meio de atividades artísticas e lúdicas, de exercer sua cidadania, a intenção foi propiciar a vivência de conteúdos e práticas que articulem os processo da educação popular, recreação e arte-educação.

Assim, a metodologia procurou gerar um alimento educacional, onde o participante pudesse relacionar-se com o mundo e o seu conhecimento através da relação com o ético, o lúdico e o estético. Explorando a capacidade analítica expressiva, criadora e transformadora do aprendiz, evidenciando determinados aspectos éticos e estéticos indispensáveis à harmonia do ser estrutural em pleno exercício de sua formação.

Na verdade, todo o esforço foi realizado no sentido de garantir a integração entre o conhecimento trabalhado e a prática posto entender-se ser necessário enfatizar uma formação que facilita a ação dos participantes não apenas no que se refere ao fazer artístico, mas também uma prática social comprometida com a atitude solidária e preocupação com o bem estar coletivo. Sabemos que a arte é um meio privilegiado na consecução da tão propagada interdisciplinaridade entre os conteúdos programáticos e de sua integração com a prática do teatro, da música, da pintura, do desenho, da recreação.

Disciplinas	Maio												
	2	3	6	7	8	9	0	1	1	1	1	1	1
Dias Letivos*													
Ed. Art: Teatro	x	x	x	x									
Ecol Ed. Amb.					x	x	x	x	x				
Higiene Saúde													
Of. Prod. Texto													

Disciplinas	Junho												
	3	5	6	7	10	12	13	14	17	20			
Dias Letivos*													
Recreação Infantil	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			
Viven.Prática*													

- Dia letivo = X, cada dia letivo corresponde a 5h/a (exceção das oficinas assinaladas com **), perfazendo 93 dias letivos 450 h), acrescidas de 90h/a de Informática Básica e Educativa e ainda, 90h/a de Vivência Prática (estágio), totalizam 630h;

**As oficinas culturais assinaladas com ** foram realizadas com a duração de 4h por encontro ao invés de 5h;

***Informática Básica e Educativa desenvolvida ao longo dos meses de janeiro, fevereiro, março, abril e maio com 6h por semana, turmas A, B, C e D em horários variados, conforme a disponibilidade do aluno/docente;

****Vivência Prática (estágio): aplicação dos conhecimentos adquiridos na própria instituição do educador 90 horas, com acompanhamento e avaliação da equipe de educadores.

- ♦ Reunião de Avaliação com a Coordenação (não incluída na contagem da carga horária).

Anexo 04 - Instrumento de Avaliação Final

Centro Cultural Celita - Curso Educando o Educador
Instrumento de Avaliação Final (exemplo)

01. Relate suas impressões e avalie o andamento do curso a partir dos indicadores abaixo:

a) Quanto aos conteúdos e atividades ministradas nas disciplinas abaixo:

() sim () não () em parte.

Houve coerência entre os objetivos das disciplinas e os conteúdos escolhidos para a discussão. Justifique:

() sim () não () em parte.

Os professores conseguiram passar com clareza os assuntos discutidos. Justifique:

() sim () não () em parte.

Você conseguiu acompanhar as discussões que foram feitas e participar das disciplinas de cunho mais teórico. Justifique

() sim () não () em parte.

Os conteúdos tiveram certa proximidade com o cotidiano social e/ou com sua experiência profissional. Justifique

() sim () não () em parte.

Houve coerência entre as atividades práticas e os objetivos das disciplinas. Justifique:

b) Quanto à metodologia utilizada pelos educadores:

() sim () não () em parte.

Conseguiu facilitar a aprendizagem. Justifique

() sim () não () em parte.

A metodologia possibilitou a participação e valorização dos saberes que você já possuía acerca do assunto. Justifique:

() sim () não () em parte.

A metodologia que envolvia parte da carga horária em atividades práticas (atividades extra-sala), facilitou a aquisição de conhecimentos, uma melhor compreensão da realidade sócio-educativa e o desenvolvimento de novas habilidades. Justifique

c) Quanto aos recursos utilizados no curso:

() sim () não () em parte.

Foram adequados as atividades desenvolvidas no curso. Justifique:

() sim () não () em parte.

Foram suficientes e facilitaram o desenvolvimento das atividades. Justifique:

O curso orientou-se pelos seguintes objetivos:

- Proporcionar aos participantes uma compreensão ampla da educação popular, envolvendo os fundamentos, o processo histórico e sobretudo as práticas baseadas na Pedagogia de Freire, voltadas para a educação popular;
- Possibilitar uma compreensão ampla da arte, envolvendo: literatura, pintura, teatro, modelagem, desenho, colagem, confecção e manipulação de bonecos, e ainda, o resgate da cultura popular; possibilitando que os integrantes sejam capazes de se expressar artisticamente e com alegria;
- Capacitar educadores sociais para a apreensão de conhecimentos básicos e específicos no campo da educação popular, arte-educação e da recreação visando a melhoria da educação infantil, desenvolver trabalhos de recreação, orientação de jogos e brincadeiras, esportes, realização de oficinas culturais; planejar, organizar pequenos eventos comunitários, educativos, esportivos dentro da comunidade;
- Trabalhar a cidadania como participação social e política, concretizada através do exercício dos direitos e deveres do cidadão em seu cotidiano contribuindo para prepará-los para a vida, através de jogos e trabalhos em grupos; criando condições para o desenvolvimento da auto-estima, da sociabilidade, da comunicação e das relações interpessoais, familiares e comunitárias.

- Noções de Ecologia e Higiene: noções básicas sobre o meio ambiente, terra/ecologia, ecossistemas brasileiros e cearenses; a importância da preservação da natureza, fabricação de brinquedos com sucatas; importância da higiene pessoal e ambiental, cuidados com a água e os alimentos, alimentação natural, alimentos orgânicos, uso das plantas medicinais para qualidade da saúde e de vida;
- Arte, Artes Plásticas e Arte-educação: o que é arte, noções de história da arte, o papel da arte na formação humana, importância da arte na construção do conhecimento, concepção de arte-educação, saber criar e saber fazer com arte; atividades e oficinas envolvendo artes plásticas, arte-educação;
- Noções de Literatura, Teatro, Música e Dança: conceitos essenciais, leitura de contos populares, estudo da poesia das letras de canções, exercícios de expressão corporal, criação, dramatização de textos, oficina de teatro de bonecos, iniciação musical voltada para a educação infantil, noções de teoria musical, técnica de instrumentos, concepção das qualidades sonoras, memorização rítmica. Desenvolvimento de atividades e oficinas envolvendo dramatização de textos teatro de bonecos construção e utilização de instrumentos musicais usando sucata e exercícios de expressão corporal;
- Noções de Desenho e Imagem Gráfica: o ensino do desenho como base da linguagem visual. Com o desenho pretende-se produzir imagens gráficas, artes visuais e ainda trabalhar com outros elementos didáticos como - colagem, pintura, textura e outros recursos visuais e plásticos;
- Folclore Brasileiro, Jogos e Brincadeiras: manifestações da cultura popular brasileira - origens étnicas, principais formas de expressão na região (festa junina, bumba-meu-boi), jogos educativos - conceitos, adequação às

Anexo 2 – Relação dos Participantes do Curso

Ana Cristina Ribeiro de Abreu
Ângela Maria da Silva França
Clézia Mendes de Sousa
Elizângela dos S. Ferreira
Evydiane da Silva Sousa
Francisca Helena de S. Gomes
Francisco Silva dos Santos
Gerlândia Inácio da Silva
Janete de Freitas Silva
João Jantzens Maciel Chaves
Kátia Ferreira dos Santos
Larissa Nobre Moreira
Lidiana Silva do Nascimento
Lúcia Maria Ângelo
Maria Aparecida Matias dos Santos
Maria Aurizete Soares Sousa
Maria Clara de S. Gomes
Maria de Lourdes Pinto de Lima
Maria José S. de Freitas
Maria Milza Silva do Nascimento
Maria Simone Almeida de Abreu
Maryane Costa Correia
Monaliza dos Santos Rodrigues
Poliana Barbosa Nobre
Rosânia Cláudia Guimarães
Silvia Helena de Sousa

Anexo 03 – CRONOGRAMA DO CURSO

CELITA – Centro Cultural-Educativo CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO CURSO EDUCANDO O EDUCADOR

Disciplinas	Janeiro																															
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
Dias Letivos*																																
Integração grupal Educ. e Cidadania	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Recr. Jogos.Brinc.																																

OBS. Informática (ao longo do curso de janeiro a maio)**

Disciplinas	Fevereiro																															
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
Dias Letivos																																
Arte Educação Ed. Popular e Mov.Sociais																																
Of. Artes																																
Pleat**																																
Of. Boneco**																																
T.																																

OBS. Informática ***

Disciplinas	Março																															
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
Dias Letivos																																
Psicol. Aprendiz.																																
Com. Expressão																																
Of. Música																																
Of. Arte Popular**																																

OBS. Informática ***

Disciplinas	Abril																															
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
Dias Letivos																																
Educação Artística																																
Planj. de Eventos																																
Of. Cul. Música**																																

OBS. Informática***

- Currículo do Curso:
A formação proposta para o curso educando o educador envolve os seguintes conhecimentos e práticas:

- Integração Grupal: identidade - quem sou eu; auto-imagem; relação eu/outro; auto-estima; educadores/sonhos/projetos; técnicas de trabalho em grupo; trabalhando a formação do grupo envolvendo: objetivos comuns/projetos e diferenças; convivência grupal/liderança; vida em uma comunidade/sociedade.

- Educação Popular e Movimentos Sociais - caracterização da educação popular e movimentos sociais, contextualização histórica, relações entre educação popular, movimentos sociais e escola, o papel do terceiro setor na educação, a Pedagogia de Paulo Freire.

- Construção da Cidadania: ser cidadão; direitos e deveres; estatuto do menor e do adolescente, direitos do consumidor, legislação trabalhista, participação social (grupos de jovens e outros).

- Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem: caracterização da ciência psicológica; concepções teóricas do desenvolvimento e aprendizagem: modelos psicanalítico-cognitivista e construtivista de aprendizagem social. Desenvolvimento na infância e na adolescência: físico, emocional, cognitivo, social e moral. Distúrbios psicológicos no desenvolvimento e ação educativa.

- Comunicação e Expressão: importância da comunicação, formas de comunicação, verbal, não-verbal, leitura crítica, oralidade e cultura escrita, redação de textos; novas modalidades de comunicação e expressão; a poesia das letras de canções da MPB.

Quadro de Disciplinas – Currículo do Curso Educando o Educador: um novo olhar sobre a arte- educação e a recreação infantil

DISCIPLINAS	No. Horas
Integração Grupal	40 h
Recreação, Jogos e Brincadeiras Infantis	63 h
Cidadania e Educação	40 h
Educação Popular e Movimentos Sociais	30 h
Comunicação e Expressão	30 h
Arte-Educação/Educação Artística (pintura, música, teatro, desenho, literatura, dança)	75 h
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	30 h
Oficinas Culturais (arte popular, pintura, teatro boneco, música, produção texto, poesia)	52 h
Noções de Ecologia e Educação Ambiental	35 h
Higiene e Saúde	35 h
Informática Básica e Educativa	90 h
Planejamento e Organização de Eventos e Culturais	20 h
Vivência Prática (estágio supervisionado)	90 h
Carga Horária Total	630 h

Cláusula Segunda – Das Diretrizes e Fundamentos Éticos

A UVA e o CELUTA, declaram-se, desde já, cientes das diretrizes fundamentais que orientam o Curso de Extensão *EDUCANDO O EDUCADOR – um novo olhar sobre a educação infantil através da arte*, notadamente na compreensão ampla da realidade social, da arte e da educação popular, capacitando educadores sociais para a apreensão dos conhecimentos básicos e específicos necessários à melhoria da educação infantil e das primeiras séries do ensino fundamental, pressuposto da própria cidadania pela formação das gerações sob o constante respeito aos direitos fundamentais do homem, mormente ao hoje excluído. Comprometem-se a UVA e o CEUTA a fazerem com que as atividades que serão organizadas tenham caráter humanístico, portanto democrático e plural, não partidário e muito menos restrito a doutrinas dogmático-ideológicas.

Cláusula Terceira – Das Atividades

As atividades realizadas pelos convenientes serão realizadas de comum acordo, segundo Plano de Trabalho elaborado previamente, no qual deverão constar, detalhadamente, o que se pretende desenvolver, os prazos de execução do objeto acordado, metas e outras especificações necessárias.

Sub-Cláusula Primeira – Dentro do disposto nesta Cláusula, caberá à UVA a certificação dos participantes ao final do Curso, assim como, observada sua possibilidade face às atividades regulares de ensino e pesquisa disponibilizar, a título de atividade extensionista, a participação de docentes da área de educação, arcando apenas com o ônus de transporte.

Sub-Cláusula Segunda – Para fins do disposto nesta Cláusula, caberá ao CEUTA disponibilizar suas instalações e equipamentos para a realização do Curso, assim como responsabilizar-se pelo material didático e de expediente, e pelo ônus de hospedagem e alimentação e/ou outro item a título de ajuda de custo ao pessoal disponibilizado, na forma da Sub-Cláusula Primeira desta.

Cláusula Quarta – Do Prazo

O prazo de vigência deste convênio será de 08 (oito) meses e terá início a partir de sua assinatura, podendo ser prorrogado, por igual período, mediante acordo firmado entre as partes.

Cláusula Quinta – Da Rescisão

Este convênio poderá ser rescindido por conveniência administrativa das partes envolvidas, mediante comunicação escrita, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, ressalvando-se nas hipóteses em que esteja sendo desenvolvida alguma atividade a que se refere à cláusula terceira.

Cláusula Sexta – Dos Relatórios

Ao término das atividades estabelecidas em plano de trabalho e no prazo máximo de 60 (sessenta) dias após, será elaborado e entregue relatório, no qual se fará constar toda a condução das tarefas executadas e avaliação de resultados, inclusive também quanto aos impactos desejáveis da atividade extensionista para a Universidade.

Cláusula Sétima – Do Foro

Fica eleito o foro de Sobral para as questões decorrentes da execução deste convenio.


E, assim por estarem justas e convenientes as partes assinam o presente termo em 03 (três) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo.

Sobral (CE), 20 de dezembro de
2002



José Roberto Soares
Reitor da UVA


Maria Nóbrega Damascêdo
Presidente do CELITA

TESTEMUNHAS:

1. 
Nome: Francisney Leungim Gomes
RG: 477769 SSP - MA
CPF: 004118413 - 00

2. 
Nome: Francisco de Assis Guedes Barros
RG: 305684 SSP - CE
CPF: 024669709 - 25

3. 
Nome: José Edvar Costa de Araújo
RG: 92002051500 SSP - CE
CPF: 048735133 - 91

fases evolutivas, orientação para aplicação; cultura lúdica, a importância do brincar, danças, cantigas e brincadeiras populares, construção de brinquedos e jogos educativos, gincanas, atividades esportivas/recreativas; visando o desenvolvimento físico, a criatividade e a auto-aprendizagem;

- Introdução à Informática: importância da informática, noções de Windows, Word, Excel, Corel e Internet;
- Planejamento e Organização de Eventos e Oficinas Culturais: noções de planejamento, organização e execução pequenos eventos envolvendo oficinas culturais;
- Vivência Prática de Oficinas Culturais - pintura, desenho, teatro, música, dança, fantoches, brinquedos, cartomagem, "contação" e criação de histórias, eventos esportivos e recreativos e culturais: gincanas, caminhadas ecológicas, jogos com a bola, datas comemorativas, dinâmica de grupo.

Os educadores elencados são profissionais qualificados com formação adequada a área e disciplina que ministraram, possuem experiência na área e a maioria tem formação em nível superior e pós-graduação tendo sido indicados a partir da parceria com a Universidade Vale do Acaraú - UVA, Universidade Estadual do Ceará - UECE e Universidade Federal do Ceará - UFC.

- Parceria / Convênio com a Universidade Vale do Acaraú (UVA) e Fundação Vitae

Com vistas a garantir a qualidade dos docentes e a certificação dos participantes ao final do curso, buscamos uma parceria com uma instituição de nível superior, a Universidade Vale do Acaraú (UVA) com a qual firmamos um convênio de cooperação técnica (anexo 01). A Fundação Vitae estabeleceu parceria direta com a entidade, garantindo o fomento do curso quanto a recursos e apoio administrativo. Propiciou também a montagem e aperfeiçoamento de setores da entidade como Laboratório de Informática, Biblioteca, Videoteca, e equipamentos ligados as atividades culturais e artesanais.

coordenação e organização do curso; utilização de equipamentos, metodologia, conteúdos, entre outros.

Apresentamos um dos instrumentos de avaliação por disciplina (Anexo 06), referência para compreender esse processo em outras disciplinas e a seguir elaboramos uma síntese com os principais resultados:

Ao questionarmos acerca dos objetivos e se estes foram atingidos, 99% dos professores-alunos assinalaram positivamente justificando que a proposta de trabalho foi muito bem organizada. As atividades para esses professores foram suficientes (100% de afirmações), reforçando na questão seguinte que todas dúvidas foram discutidas e esclarecidas (95%). Ao avaliarem a metodologia e utilização dos recursos 95% dos professores-alunos assinalou positivamente e justificou indicando que facilitou a aprendizagem. Quanto as atividades práticas o nível de aceitação também foi positivo, ressaltando o passeio ecológico (99%). 95% ainda indicou que a relação professor-aluno foi muito boa e aqueles que assinalaram "em parte" referiram-se na maioria das vezes as relações desenvolvidas entre eles.

Cabe destacar que a produção obtida através das atividades artística-culturais estão demonstrada mediante alguns fotografias que compõem o anexo 7.

ANEXOS

Anexo 1 – Convênio CELITA/UVA



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAU - UVA

Convênio de Cooperação Técnico-Científico que entre si celebram a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e o Centro Cultural-Educativo de Lazer, Informação, Trabalho e Ação Social – CELITA para os fins que nele se especifica.

A Universidade Estadual Vale do Acaraú, aqui denominada UVA, com sede no Município de Sobral, à Av. da Universidade 850, CEP: 62.040-370, inscrita no CNPJ nº 07821622/0001-20, neste ato representada pelo Magnífico Reitor José Teodoro Soares, RG nº 383547 SSP-DF, CPF nº 018780933-04 e o **Centro Cultural-Educativo de Lazer, Informação, Trabalho e Ação Social – CELITA**, ONG (entidade de utilidade pública – registro COMDICA nº 488/01 e Fichário Central de Obras Sociais do Ceará sob o nº 59030305/01) com sede em Fortaleza-CE, à Rua Luís Bento, 290 – Pedra I Messajana, inscrita no CNPJ nº 03 574 192 1 0001 – 38, neste ato representada pela sua Presidente Prof^{ma}. Dra. Maria Nóbrega Damasceno, RG nº 5737068 – SSP-SP, CPF nº 394752638 – 53, daqui por diante denominada simplesmente **CELITA**, resolvem firmar o presente convênio em conformidade com a legislação específica e, em especial no que couber a Lei nº 8.666/93, mediante as cláusulas e condições seguintes:

Cláusula Primeira – Do Objeto

O presente convênio tem por objeto a cooperação técnico-científica entre os convenientes na realização do **Curso de Extensão EDUCANDO O EDUCADOR – um novo olhar sobre a educação e a recreação infantil através da arte**, observada a proposta pedagógica de autoria do CELITA junto à Fundação VITAE (SP), voltada a 25 (vinte e cinco) educadores sociais, especialmente jovens que atuam em entidades da comunidade (a exemplo de ONG's, Associações de Moradores e congêneres), e ainda professores da educação infantil e das primeiras séries do ensino fundamental na Região de Pedra (Messajana - Fortaleza) e região circunvizinha de Itaitinga 1 Euzébio, envolvendo escolas mantidas por comunidades e/ou Municipalidades.

Sub-Cláusula Única – Observado o Programa Correspondente *Extensionista / SIEX – UVA* e para a consecução dos fins, objeto a que se refere esta cláusula, caberá ao Centro de Ciências da Educação / Curso de Pedagogia, e à Pró – Reitoria de Extensão e Desenvolvimento Municipal, representarem a UVA com relação aos encaminhamentos operacionais e fizerem necessários ao pleno êxito deste convênio, inclusive quanto ao benefício que acarreta à Universidade, pelo retorno e socialização dos conhecimentos aplicados nesta prática de universidade cidadã.

Quadro dos Recursos Humanos:

Atividades Pedagógicas e Disciplinas	Educautores
Integração Grupal	Raimunda N. Damasceno (Mestre em Educação)
Recreação, Jogos e Brincadeiras Infantis	Edite Colares (Mestre em Educação) Janice Débora A. Batista (Especialista em Educação)
Cidadania e Educação	Luciana M. Cavalcante (Mestre, Doutoranda em Educação Brasileira) João Tancredo S. Bandeira (Especialista em Educação)
Educação Popular e Movimentos Sociais	Francisco Luis Pinto (Advogado) M ^a N. Damasceno (Doutora em Educação) Luciana M. Cavalcante
Comunicação e Expressão Arte-Educação/Educação Artística (pintura, música, teatro, desenho, literatura, dança)	Juarez Serpa Filho (Especialista em Educação) M ^a . Valcídea Nascimento (Mestre em Educação) João Tancredo S. Bandeira Elvis de Azevedo Matos (Mestre em Educação)
Oficinas Culturais (arte popular, desenho, pintura, teatro de boneco, música, produção texto, poesia etc)	João Tancredo Bandeira Elvis de Azevedo Matos Neuma Galvão (Mestre, Doutoranda em Educação) Klauber Rocha (Especialista em Educação) Luciana M. Cavalcante
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	Juarez Serpa Andrea Abreu Astigarraga (Mestre, Doutoranda em Educação Brasileira)
Noções de Ecologia e Educação Ambiental	Esdras Barbosa Nobre (Universitário de Agronomia)
Higiene e Saúde	Raimunda N. Damasceno
Informática Básica	Esdras Barbosa Nobre
Educativa	André Nobre Pinto (Universitário de Geologia)
Planejamento e Org. de Eventos Culturais	Ana Alice Conte Campos (Especialista)
Vivência Prática (estágio supervisionado)	Isabel N. Damasceno (Especialista em Educação) Luis Palhano Loyola (Mestre, Doutorando em Educação) Ivna Holanda Pereira (Mestre, Doutoranda em educação)
Coordenação	Maria N. Damasceno Luciana M. Cavalcante

"Sou formada em Pedagogia pela UVA e estou fazendo especialização em Administração Escolar, estou sempre buscando novos conhecimentos. Sou apaixonada por arte, fiz inúmeros cursos em outras instituições, mas falta aprender um pouco de teoria, pois os cursos geralmente são práticos. Durante os cinco anos que lectionei descobri a importância da arte e da recreação como meio de melhorar a parte afetiva e emocional dos alunos" (aluna Maria de Lourdes).

"Meu interesse em fazer esse curso é de ampliar meus conhecimentos profissionais e também pessoais, pois pretendo desenvolver um trabalho mais dinâmico, integrado e de qualidade na área da educação fazendo com que meus alunos sintam-se estimulados a criar, e acreditar que são capazes de realizar qualquer trabalho ou atividade através de seu talento, criatividade e participação no grupo" (aluna Elisângela).

"O meu interesse no curso surgiu a partir de dois aspectos: profissional e pessoal. Pessoal no sentido de crescer como pessoa, já que o curso oferece noções de integração, socialização e cidadania, entre outras. No sentido profissional surgiu da possibilidade de contribuir com o CELTA, organizando desenvolvendo oficinas para as crianças e jovens da comunidade, fazendo-os crescer intelectualmente e também como pessoa" (aluna Poliana).

"O objetivo e a meta que desejo alcançar no curso é desenvolver a minha capacidade de interação com pessoas, principalmente com crianças, pois as crianças têm uma característica muito importante que é a espontaneidade. Pessoalmente sempre me interessei por arte, desde criança, até gosto às vezes de desenhar, fugindo da rotina do dia-a-dia. Espero aprofundar mais os meus conhecimentos (...)" (aluna Clézia).

Dessa forma foram selecionados os professores/alunos(as) relacionados no anexo 2. Atores de todo processo, protagonistas do movimento artístico e teórico/prático construído no cotidiano da experiência.

90% do grupo assinalou positivamente as questões referentes à organização dessas atividades.

Outro item presente no instrumento de avaliação referiu-se aos recursos utilizados no curso (retroprojektor, vídeo, TV, aparelho de som, fitas de vídeo, CD de música, material pedagógico, material das oficinas artísticas, xerox, CD Rom, entre outros) teve ampla aceitação e a maioria (90% do grupo) afirmou serem adequados, bem utilizados e suficiente, atendendo as diversas atividades. Ainda, ao avaliarem as atividades desenvolvidas na Informática indicaram bom acompanhamento, desenvolvimento de habilidades no trato com a máquina e competência quanto a sua utilização, assim como aquisição de novos saberes (100% do grupo).

O grupo avaliou também sua participação nas atividades do estágio, indicando boa frequência e cumprimento da carga-horária (90%), segurança no desenvolvimento das atividades com o público atendido (90%), boa receptividade das escolas (95%) e 99% dos professores-alunos avaliaram como excelente ou boa sua atuação.

Ao tratarmos da integração entre o próprio grupo relações deste com a entidade, foi avaliado que essa integração foi boa, principalmente quando se tratou da solidariedade e compromisso com a instituição.

- A avaliação da aprendizagem nas diferentes disciplinas

A avaliação da aprendizagem foi organizada a partir de três direcionamentos principais:

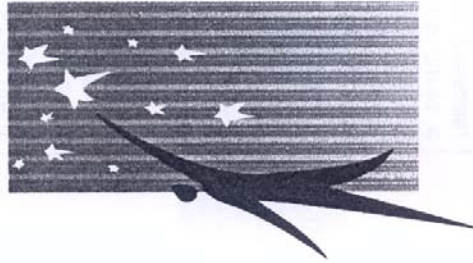
- envolvendo atividades teóricas a partir de avaliação escrita e trabalhos individuais e grupais (produções de textos, estudos dirigidos, elaboração de *folders* explicativos, composição de relatórios);
- envolvendo atividades práticas como aulas de campo, produções artísticas (brinquedoteca, pintura em tela, teatro de fantoches, indumentárias para encenações teatrais, visitas investigativas em experiências sócio-educacionais - ONG's da região, vivência prática, entre outras);

- levando em consideração também: assiduidade, pontualidade, participação e apresentação de atividades extra-sala.

Os momentos de avaliação nas diversas disciplinas foram marcados por um clima de compromisso, seriedade por parte do grupo e disposição quanto ao cumprimento da atividade em questão. Esses momentos que tiveram um cunho mais específico, ligado aos conteúdos trabalhados nas disciplinas, metodologia utilizada, aprendizagem e participação, entre outros indicadores revelaram uma aceitação muito forte por parte dos professores-alunos. Todas as avaliações foram avaliadas positivamente, nos diversos aspectos, por mais de 80% do grupo. As avaliações quanto ao andamento e organização do curso teve também a participação de um representante dos alunos nas reuniões sistemáticas de avaliação e planejamento, como através de instrumentos escritos. Os critérios mais relevantes dirigiam-se a: desempenho e atuação do corpo docente; atuação da

2- Processo de Inscrição e Seleção

O anúncio do curso na comunidade foi realizado através de cartazes, convites realizados diretamente nas escolas e entidades comunitárias da região, divulgação na Rádio Comunitária da Pedra. As inscrições foram feitas no Centro Cultural Celita e a seleção foi realizada a partir de alguns critérios: formação ou atuação na área educacional, seja em escolas ou outros segmentos; disponibilidade de tempo para cumprir a carga-horária do curso; interesse demonstrado pelo curso; capacidade de elaboração escrita.



Inicialmente tivemos um número de inscritos bem superior às vagas, então organizamos uma primeira reunião com esses candidatos onde foi apresentada a proposta do curso, discutimos e definimos os dias e horários que melhor atendesse ao grupo, e por fim, solicitamos que esses educadores escrevessem um pequeno texto expressando seu interesse pelo curso. Esse material foi lido e avaliado para compor o resultado final do processo de seleção.

Seguem exemplos de produções textuais escritos por professoras da região e que funcionou como um dos instrumentos de seleção.

3- Programas e conteúdos temáticos Integração Grupal

Professora: Raimunda Nobre Damasceno

- Ementa: noções de técnicas de dinâmica de grupo, integração/grupo/técnicas de trabalho em grupo.
- Objetivos:
 - permitir a cada participante uma melhor compreensão de si enquanto membro do grupo.
 - identificar áreas de conflitos nas relações indivíduos/indivíduo, indivíduo/grupo
 - utilizar técnicas vivenciais como forma de superação dos conflitos detectados.
- Conteúdo Programático:
 - Competência interpessoal (Eu, Você, Nós)
 - Integração afetiva – motora nas relações humanas = integração do pensar, sentir e agir.
 - Auto-conhecimento: indivíduo-indivíduo, indivíduo-grupo, grupo- grupo;
 - O trabalho em equipe e a OTIMIZAÇÃO da capacidade de dar e receber
 - Exercícios práticos de técnicas de dinâmica de grupo
 - Avaliação:
 - participação nas atividades individuais e grupais
 - apresentação de uma de técnica de dinâmica de grupo

Outro problema, relativo a sustentabilidade da entidade, consiste nas dificuldades da instituição de manter gastos com material de consumo e didático, bem como material para confecção de objetos artísticos. Entretanto, as necessidades requeridas pelas diversas atividades envolvidas no projeto não deixaram de ser atendidas.

- **Coordenação e Acompanhamento Pedagógico**

Com vistas a assegurar a qualidade e a integração entre os vários conteúdos trabalhados no decorrer do curso, organizamos uma Coordenação Pedagógica e Administrativa que ficou a cargo da educadora Dra. Maria Nobre Damasceno com apoio da Profa. Luciana Matias Cavalcante. Através da atuação destas profissionais foi possível realizar o planejamento conjunto das atividades desenvolvidas pelos docentes e o acompanhamento sistemático das ações executadas pelos educadores e professores/alunos, inclusive da fase de vivência prática. O acompanhamento foi organizado a partir de alguns direcionamentos básicos: 1- presença semanal junto aos educadores-alunos e professores; 2- participação como educadoras do curso; 3- acompanhamento de atividades práticas nas instituições onde foram realizados os estágios; 4- organização de reuniões sistemáticas com educadores (anexo 5 Reunião com Professores), e representantes do grupo de alunos e 5- organização de instrumentos de avaliação geral do curso (Anexo 04). Esse instrumento foi aplicado junto aos alunos e permitiu avaliar todo processo, desde aspectos ligados aos conteúdos, metodologias, atuação docente e sistema de avaliação como um diagnóstico de auto-participação e desempenho. Além desse instrumento mais geral, no decorrer do curso avaliaram as atividades vivenciadas em cada disciplina, a partir de critérios elaborados pelo

educador e pelo próprio grupo. Apresentamos a seguir alguns resultados da avaliação geral aplicado ao final do curso.

A partir da aplicação desse instrumento colhemos o seguinte resultado:

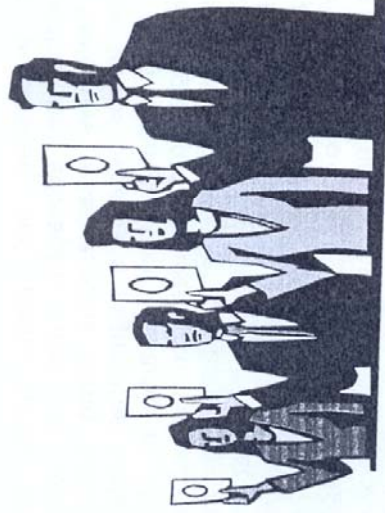
Ao questionarmos acerca da coerência entre conteúdos trabalhados no curso e os objetivos propostos 100% do grupo afirmou positivamente, indicando que o trabalho desenvolvido esteve sempre concatenado com o planejamento e a elaboração dos objetivos nas diversas disciplinas. Ao avaliarem o trabalho dos educadores e coordenação 95% dos alunos, em média, afirmaram que estes desempenharam bem seu papel e passaram os conteúdos com clareza, propuseram conteúdos voltados para a realidade e utilizaram metodologia adequada, onde privilegiava a participação dos educandos e a integração entre teoria e prática, organizaram e acompanharam bem os trabalhos.

As atividades práticas desenvolvidas nas diversas disciplinas foram: aulas de campo vivenciadas na comunidade; visitas a instâncias da sociedade civil que também atuam na área educacional e social, além da escola; passeio ecológico tratando de conteúdos ligados a preservação ambiental, ao conhecimento do horto na própria instituição e laboratório de Farmácia Viva; elaboração de peças teatrais e apresentação; construção da brinquedoteca; construção e encenação com fantoches; elaboração, organização e gerenciamento da festa junina na instituição, enfim, atividades práticas construídas a partir de estudos mais teóricos e de atividades orientadas pelos educadores. Essa dimensão do curso foi bem avaliada pelos professores-alunos, pois



Programas e conteúdos temáticos

- Assistir aos vídeo clips: "Ninguém é Uma Ilha" e "Farra na Praia"
- Estudo Orientado (em grupos)
- Apresentação dos grupos e discussão grupal
- Comentários sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (jovem)
- Trabalho em Equipe para discussão do Estatuto da Criança e do Adolescente
- Apresentação dos grupos e discussão.
- Elaboração de um folder sobre a importância do ECA no cotidiano da criança (como instrumento de defesa da criança)
- Tema 3: *O Cotidiano da Cidadão Brasileiro*
- Assistir ao videoclipe: "Brasileiros e brasileiras"
- Estudo Orientado (em grupos)
- Apresentação dos grupos e discussão
- Comentários sobre o "Código de Defesa do Consumidor"
- Trabalho em Equipe para conhecer o "Código de Defesa do Consumidor"
- Apresentação dos grupos e discussão grupal.
- Elaboração de um folder sobre "ser cidadão no dia-a-dia".
- Tema 4: *O (a) cidadão (ã) e as Relações de Trabalho*
- Assistir aos vídeos: "Política é um Caso Sério"
- Estudo Orientado (em grupos)
- Apresentação dos grupos e discussão
- Comentários sobre as relações de trabalho — direitos e deveres do trabalhador (CLT).
- Trabalho em equipe para conhecer artigos da Constituição Brasileira e da CLT referente às relações de trabalho.
- Apresentação dos grupos e discussão grupal.



O Processo de Avaliação



Cidadania e Educação

Equipe: Luciana Cavalcante, Luis Pinto, João Tancredo e Maria N. Damasceno.

- Avaliação do Curso

O exame cuidadoso das atividades que foram realizadas no decorrer do curso mostra que a experiência foi exitosa posto que todos os objetivos previstos foram alcançados.

O curso possibilitou aos participantes uma compreensão ampla de educação, tanto as ações organizadas e realizadas pelas escolas como aquelas desenvolvidas em outros espaços e segmentos sociais; permitiu uma reaproximação com a arte e abriu possibilidades de integração desse elemento nas práticas pedagógicas desenvolvidas por esses profissionais como observamos nos estágios; capacitou os educadores quanto a articulação entre teoria e prática, abrindo um espaço maior na vida desses profissionais para estudos mais teóricos e ao mesmo tempo permitiu uma maior reflexão acerca de sua prática; possibilitou ainda a aquisição de novos saberes quanto ao desenvolvimento da aprendizagem na infância, as práticas para a formação da cidadania, a necessidade de movimento social na comunidade através da participação em Ong's, Associações, entre outros; por fim, capacitou esses profissionais no campo da Informática permitindo para muitos um primeiro contato com o computador.

Os problemas que enfrentamos durante todo o processo educativo estiveram mais ligados as disponibilidades de tempo dos professores participantes no curso. Estes, por terem que se desdobrar entre o trabalho e o estudo apresentaram certas restrições quanto ao aprofundamento dos conteúdos trabalhados, desenvolvimento de outras leituras, etc. Entretanto, tivemos um índice de frequência bom, sendo louvável o fato de não haver nenhuma desistência.

- Ementa: apresentação do curso; Cidadania e Constituição - relação indivíduo, estado e sociedade; ECA: resgate histórico, princípios filosóficos e o direito da criança/adolescente; Código de Defesa do Consumidor - direitos, deveres no cotidiano, relações de trabalho (direitos e deveres do trabalhador - CLT); a situação da mulher em nossa sociedade.

- Objetivo: Trabalhar a cidadania como participação social e política, caracterizada através do exercício dos direitos e deveres do cidadão, em seu cotidiano criando condições para valorização das relações sociais, comunitárias e familiares.

- Programação por Encontro (aula)

- Tema 1: O (a) Cidadão (ã) dos Tempos Modernos: Cidadania/Constituição

- Apresentação (dinâmica)

- Assistir ao videoclipe: O Jogo das Regras (Sair do Papel), a seguir realizar discussão;

- Considerações sobre Cidadania/Constituição

- Estudo Orientado - texto focando o tema *Cidadania e Educação* (leitura individual e trabalho em grupo)

- Apresentação dos grupos e discussão grupal.

- Organizar Grupos e solicitar que cada equipe elabore um folder sobre o assunto debatido

- Tema 2: *Ser Cidadão é Viver em Grupo* (exercendo direitos e deveres)

- Conteúdo Programático:
- Representações da cultura popular
- Vivência com manifestações do folclore, tais como: Bumba meu boi, reizado, maracatu, etc.
- Jogo, brinquedo e brincadeiras.
- Confecção de Brinquedos: artesanais e pedagógicos.
- Cantigas de roda, danças e brincadeiras cantadas.
- Apresentação das experiências com folclore e brincadeiras

Metodologia: Estudo de texto, debates em grupo, vivência com manifestações da cultura popular e brincadeiras, aulas expositivas com uso de vídeo, transparência, cds e outros instrumentos.

Avaliação: O curso será avaliado mediante participação e envolvimento no grupo, bem como pela produção escrita e na construção de brinquedos e nas manifestações do folclore brasileiro.



Arte-Educação

Profa: Maria Valcidea do Nascimento

- Ementa: desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade; vivências no campo das artes plásticas e visuais.
- Objetivos gerais: propiciar aos educadores conhecimentos teórico-vivenciais, que os possibilite trabalhar no cotidiano escolar, favorecendo-lhes uma postura reflexiva e crítica sobre as práticas educativas em arte; compreender a arte-educação em sua multidimensionalidade enquanto linguagem presente na expressão corporal, dos movimentos, do pensamento, da percepção, dos sentimentos, do conhecimento, ação e comunicação humana.
- Objetivos específicos: propiciar subsídios teórico-metodológicos de conceitos fundamentais, como espaço,

historinha as crianças brincam de massinha, criam bichinhos e muitas tentam fazer o lobo. Chega a hora do lanche. Monaliza e sua "ajudante" organizam as lancheiras. Terminado o lanche o intervalo começa para as outras turmas e muitos alunos maiores permanecem na porta da salinha do maternal. A professora aproveita para recontar a historinha, dessa vez faz mais perguntas pra turma. Os alunos das outras salas assistem interessados. No segundo tempo fui conhecer a escola, visitei as outras salas, conversei com outros professores e coordenadores. A Escola Pontes Barbosa é ampla, arejada e, principalmente muito animada.

Avaliação: a aluna é bastante criativa, demonstra gostar do que faz, busca sempre novidades, organiza e des envolve com muita competência as atividades para a turma que acompanha.

- Escola 18 de Abril
- Aluna: Lidiana Jardim II

A escolinha é bem simples, mais acolhedora. A professora Lidiana organizava as primeiras atividades. Ela trabalha numa turma de Jardim II e procura desenvolver a leitura e escrita. Nesse dia preparou um joguinho da memória com figuras e sua respectiva letrelinha. Organizou um círculo com os alunos no chão da sala, sentou e explicou que iriam brincar e aprender. Explicou as regras do jogo e solicitou que cada aluno, um por vez, escolhesse duas figurinhas. Quando as figurinhas eram pares ela perguntava que gravura era, que letrelinha iniciava o nome dessa gravura e todos faziam a leitura da letra. A turma parecia com dificuldades para reconhecer as letrelinhas, mas adoraram

o joguinho. Dois alunos destacavam – se mais e, impacientes com os colegas desistiam de brincar. Lidiana insistia com eles. Chegou a hora do lanche e todos apanhavam suas lancheiras. Nesse momento a professora me relatou algumas dificuldades que está tendo com a turma, pois um de seus alunos é problemático, pois perdeu a mãe e encontra-se em processo de adaptação na casa da avó. No segundo tempo ela me leva a conhecer a escola e apresenta-me a outros professores.

Avaliação: a professora demonstrou criatividade, organiza bem as atividades que desenvolve com sua turma.

- Associação Santo Dias
Aluno: João Jantzens

Os educadores, inclusive o estagiário estavam desenvolvendo atividades com pintura e produção de carimbos com EVA, os alunos decoraram as paredes da sala com desenhos e divertiram-se muito em imprimir a palma da mão com tinta na parede. A integração do grupo era visível. Ao final brincaram de roda e cantaram.

- Mundo do Saber
Aluna: Lúcia Maria Ângelo

Nesse dia a escolinha tinha planejado a festa das mães. Toda a escola estava mobilizando-se para garantir boas apresentações e para decorar o ambiente. A professora ensaiava o jogaizinho com seus alunos e estes pareceriam tímidos em apresentar suas frases. No decorrer da festa fizeram uma linda apresentação e resentearam sua mãe com flores e mensagens. Os beijos calorosos e lágrimas na platéia não faltaram.

- Elaboração de um folder sobre regras básicas para o exercício dos direitos e deveres do grupo.
- Tema 5: A Situação da Mulher em Nossa Sociedade
- Evolução do papel da mulher
- As formas discriminação da mulher nos pequenos gestos cotidianos (relatos de experiência)
- A participação da mulher no mercado de trabalho e na gestão da família;
- Elaboração de um folder abordando a situação da mulher em nossa sociedade
- Avaliação: considerando a participação dos participantes nos trabalhos, bem como a conduta solidária, ajuda mútua no desempenho dos trabalhos, zelo, responsabilidade.



Brincadeiras, Jogos e Recreação Infantil

Profas.: Edite Colares Oliveira

- Ementa: cultura popular, recreação e brincadeiras, origens folclóricas e étnicas das brincadeiras, danças, cantigas populares e formas da Região; jogos educativos: conceito, adequação e importância de expressão do brincar, construção de brinquedos e jogos.
- Objetivo: capacitar educadores sociais para apreensão de conhecimentos básicos sobre brincadeiras, danças, cantigas populares e sua origem no folclore brasileiro. Orientar à realização de oficinas culturais para desenvolver trabalhos de recreação, jogos e brincadeiras em diferentes espaços educativos.



Teatro para Educadores

Educadores: João Tancredo de Sá Bandeira e Maria Neuma Clemente Galvão

- Programação:

1º. Encontro:
Apresentação do projeto do curso: leitura e apanhado de sugestões.

- Dinâmica teatral - roda da criatividade
- O que é arte. Tempestade de ideais. Análise do apanhado e estudo do texto: O Que é Arte? (Leon Tolstói)
- Conversa sobre as atividades práticas. Dividir o grupo em equipes para apresentações de exercícios de dramatização (15 minutos), no final do curso. Sugerir dramatizações a partir de histórias infantis, folclóricas, cordéis etc. Propor apresentações teatrais com bonecos e atores ou com ambos. Estimular o uso da Literatura de Cordel realizando leitura de folhetos para possível adaptação dos roteiros teatrais. Considerar: texto/comunicação, dramatização/interpretação, adereços, cenários, figurinos e efeitos. A criatividade e organização do grupo.
- Trabalho de apoio à criação teatral: Dinâmica - se eu fosse o diretor? (todos anotam as idéias desenvolvidas pelo seu grupo e depois apresentam-nas para os demais grupos). Leitura compartilhada do texto - A linguagem cênica no teatro dirigido à criança (Fátima Ortiz).

2º. Encontro:

- Dinâmica teatral: Exercícios de respiração, relaxamento facial, corporal e vocal. Relacionamento grupal (roda do embalo) e integração consigo e com a natureza (embalar-se nos ritmos da natureza).

avaliação:

Será de forma participativa, verificando o interesse e participação dos alunos no desenvolvimento da campanha.

Exemplos de Relatórios de Acompanhamento do Estágio

Escola Dominguinhos

Grupo de alunas: Evelydiane, Aurizete, Helena e Clara
"Projeto Brincando, Aprendendo e Projetando"

Atividade: Reciclagem de material descartável
Material: Embalagem de danoninho
Início da arrecadação e organização de material reciclado: março
Proposta: confecção de maracás, jogos (boliche com garrafas de refrigerante)
As professoras organiza os grupos e realiza a parte mais difícil do manuseio, as crianças pintam com cola colorida. Todos vão para o pátio para brincar com os brinquedos construídos com sucata.

- Escola Tia Cláudia Regina
Grupo de alunas: Elizângela, Ana Paula (afastada por motivo de saúde), Kátia, Maria José.
Projeto: Motivação a leitura

1º momento: conversa informal sobre o projeto
motivação a leitura e escrita. Apresentação da sala de leitura (cantinho especial);

2º momento: os alunos vão para o cantinho especial. Uma das professoras conta uma historinha (a formiguinha e a cigarra); em seguida os alunos fazem atividades de colagem de letrinhas recortadas das revistas.

Material utilizado: livro de historinha, tesoura, cola e papel.

- Centro Cultural Celita
Grupo de alunos (as): Ana Cristina, Francisco, Poliana e Simone

1º momento: dinâmica da bola (por cima da cabeça), corrida de aquecimento (mexendo com o corpo), pular corda e futebol;

2º momento: organizaram pintura no salão;

Avaliação: demonstraram criatividade e integração.

- Escola Pontes Barbosa
Aluna: Monaliza
Maternal

A professora demonstra bastante afeição pelos alunos, recebe-os na entrada com beijinhos. Inicia com o bom-dia e canta várias músicas fazendo muitos gestos. As crianças tentam acompanhar. Eles são ainda muito novinhos e, muitas vezes ficam dispersos, não ficam sentadinhos e a "ajudante" colabora nesse sentido. Monaliza inicia a aula contando uma historinha com os fantoches confeccionados no curso. Ela conta a historinha da Chapelzinho Vermelho. As crianças ficam muito atentas, principalmente para o lobo, a professora, muito criativa inicia um diálogo entre os bonecos e as crianças que respondem como se estes tivessem vida. Após a

tempo, sociedade e identidade cultural, valorizando as práticas artísticas da comunidade; refletir sobre o processo de construção do conhecimento artístico e estético e sua importância para a aprendizagem numa perspectiva interdisciplinar; descobrir a visão de homem, de educação e de sociedade que as práticas pedagógicas em Artes visam formar tendo como premissa básica a integração do fazer artístico, apreciação da obra de arte e a sua contextualização histórica; propiciar o desenvolvimento da criatividade, da socialização, da coordenação motora, utilizando atividades lúdicas.

- Conteúdos a serem abordados: Conceitos de Arte, noções de história da arte, saber criar e saber fazer com arte, o papel da arte na formação humana, concepções de arte-educação, literário - poesia, prosa, provérbios, visual plástico - Pintura, escultura, arquitetura, dobraduras, cine-fotofonográfico - Rádio, TV, Cinema, cultura popular e erudita.

- Metodologia: método participativo dialético; aula expositiva dialogada; produção de textos, murais e outras atividades diversificadas; vivências grupais: trabalhos individuais e em grupo; vivências artísticas junto à comunidade, nas ruas, feiras, museus; oficinas com atividades sobre o conteúdo abordado.

- Avaliação: diagnóstica e Processual:
Observando aspectos cognitivos, sócio-afetivos e sócio-culturais. Inserindo a participação, a pontualidade, e o interesse do professor-aluno no decorrer do curso.



Teatro para Educadores

Educadores: João Tancredo de Sá Bandeira e Maria Neuma Clemente Galvão

- Programação:

1º. Encontro:

Apresentação do projeto do curso: leitura e apanhado de sugestões.

- Dinâmica teatral - roda da criatividade

- O que é arte. Tempestade de ideias. Análise do apanhado e estudo do texto: O Que é Arte? (Leon Tolstói)

- Conversa sobre as atividades práticas. Dividir o grupo em equipes para apresentações de exercícios de dramatização (15 minutos), no final do curso. Sugerir dramatizações a partir de histórias infantis, folclóricas, cordéis etc. Propor apresentações teatrais com bonecos e atores ou com ambos. Estimular o uso da Literatura de Cordel realizando leitura de folhetos para possível adaptação dos roteiros teatrais. Considerar: texto/comunicação, dramatização/interpretação, adereços, cenários, figurinos e efeitos. A criatividade e organização do grupo.

- Trabalho de apoio à criação teatral: Dinâmica - se eu fosse o diretor? (todos anotam as idéias desenvolvidas pelo seu grupo e depois apresentam-nas para os demais grupos). Leitura compartilhada do texto - A linguagem cênica no teatro dirigido à criança (Fátima Ortiz).

2º. Encontro:

- Dinâmica teatral: Exercícios de respiração, relaxamento facial, corporal e vocal. Relacionamento grupal (roda do embalo) e integração consigo e com a natureza (embalar-se nos ritmos da natureza).

avaliação:

Será de forma participativa, verificando o interesse e participação dos alunos no desenvolvimento da campanha.

Exemplos de Relatórios de Acompanhamento do Estágio

Escola Dominginhos

Grupo de alunas: Evydiane, Aurizete, Helena e Clara
"Projeto Brincando, Aprendendo e Projetando"

Atividade: Reciclagem de material descartável

Material: Embalagem de danoninho

Início da arrecadação e organização de material reciclado: março

Proposta: confecção de maracás, jogos (boliche com garrafas de refrigerante)

As professoras organiza os grupos e realiza a parte mais difícil do manuseio, as crianças pintam com cola colorida.

Todos vão para o pátio para brincar com os brinquedos construídos com sucata.

• Escola Tia Cláudia Regina

Grupo de alunas: Elizângela, Ana Paula (afastada por motivo de saúde), Kátia, Maria José.

Projeto: Motivação a leitura

1º momento: conversa informal sobre o projeto
motivação a leitura e escrita. Apresentação da sala de leitura (cantinho especial);



Teatro de Boneco

Profa Maria Neuma Clemente Galvão

- Apresentação:

Este projeto de trabalho contém no seu bojo uma proposta para ser efetivada com professores, alunos do curso de Pedagogia, que já estejam atuando como professores, da educação infantil, fundamental e média ou que ainda irão assumir sala de aula.

O objetivo desta experiência é capacitar o professor ou o futuro professor a trabalhar com o teatro de bonecos em sala de aula, utilizando para isso oficinas, nas quais os alunos desenvolverão as técnicas de confeccionar e manipular esse recurso.

Estudaremos também as vantagens e desvantagens de educar numa perspectiva lúdica, em que a arte pode ser base para melhor contribuir no processo de ensino aprendizagem, motivando mais o aluno e aprender determinados conteúdos.

Tomaremos como base teórica nossa pesquisa e dissertação de mestrado que teve como tema: As Possibilidades Educativas do Teatro de Bonecos na Escola Pública.

- Justificativa:

Pensando em contribuir com o fazer educativo dos professores do ensino público, como com aluno(a)s do curso de pedagogia, estamos nos propondo a desenvolver um trabalho com os educandos, onde iremos fazer oficinas de confecção e utilização do teatro de bonecos para a educação infantil, fundamental e médio.

Neste trabalho o aluno irá realizar estudos teóricos e desenvolver atividades práticas, no sentido de dominar aspectos teóricos e práticos deste recurso, facilitando desta forma sua atuação em sala de aula, quando utilizar esse recurso. Para isso usaremos textos de Idalina

dramatização; teatro de fantoches; apresentação do bumba-meu-boi; pinturas, etc.

- Reunião com membros da escola, professores, representantes de alunos, funcionários e direção;
- Culminância no pátio para lançamento do curso para o nome da biblioteca, organização da mesma e o slogan;
- Seleção dos melhores nomes e assembléia com os professores para a escolha do mesmo;
- Inauguração da biblioteca com mensagem de incentivo a leitura, conhecimento dos livros e apresentação de uma história infantil;
- Empréstimo de livros com o controle e dia de devolução;
- Reservar um horário para cada sala com o apoio dos professores;
- Visitação das salas, realização de alguma atividade indicada pelo professor. Cada sala terá 30 minutos para a realização da atividade.

- Material necessário:

Livros, cartolina, catálogo de controle, pincéis, lápis de cores, canetinha, massa de modelar, tinta guache, canetas, papel ofício, etc.

- Avaliação:

Participação e culminância sobre a leitura.

Projeto: Motivação a Leitura

Grupo: Ana Paula, Clézia, Elizângela, Kátia e Maria José

- Objetivo geral:
Despertar no aluno o interesse pela leitura e melhorar o desenvolvimento da escrita.
- Objetivos específicos:
 - Identificar tipos de leitura;
 - Conhecer melhor um livro e outros meios de comunicação escrita;
 - Melhorar a leitura e caligrafia.
- Campo de atuação:
O projeto irá envolver toda a escola do Ensino Fundamental I, com atividades em sala de aula, biblioteca, pátio e ginásio.
- Material necessário:
Papel ofício, cartolina, canetinhas, tesoura, lápis, E.V.A, papel 40 Kg, etc.

- Atividades:

- Abertura e início da campanha do livro com fantoches;
- Arrecadação de livros e decoração do cantinho do livro na sala de aula;
- Organização dos livros arrecadados;
- Culminância da campanha do livro com agradecimentos e teatrinho de fantoches (entrega de um prêmio para a sala que mais se empenhou);
- Culminância do dia do livro com a apresentação de uma peça infantil (chapeuzinho vermelho), teatrinho de fantoches e entrega de lembrancinhas.

- O teatro na Escola: relato de experiências e percepções sobre a temática. Cada professor vai escrever um pequeno texto descrevendo sua visão/análise/sentimentos de como acontecem as vivências teatrais na sua escola. Fazer dinâmica de socialização com o uso de balões. Continuação...O teatro na Escola: relato de experiências e percepções sobre a temática. Leitura e discussão

- Elaboração de um quadro comparativo entre a realidade das escolas a partir dos relatos do grupo e as perspectivas apontadas pelos PCNs para o desenvolvimento do teatro na escola. E, avaliação das atividades do dia.

3º. Encontro: Leitura do texto - Que é Teatro? (Olga Obery). Dinâmica 'descascar o repolho' para estimular a discussão.-Dinâmicas teatrais/pedagógicas: acordando o corpo - boneco desengonçado; Exibição do filme "Central do Brasil"; Discussão no grupo-Leitura do artigo "Doras e Carmosinas" de Fernanda Montenegro; Avaliação das atividades do dia.

4º. Encontro: Leitura e análise do texto: Teatro na Escola - da clausura à libertação (Antônio Leal)

- Dinâmica para desenvolver o relacionamento: modelagem humana; o espelho criativo e harmonizando-se com o outro pelo toque do indicador.

- Apresentações teatrais dos grupos - parte prática.
- Comentários das experiências e dos resultados - as dificuldades enfrentadas, os medos, os limites. As soluções encontradas, a superação dos desafios. As sensações do fazer e da exposição teatral, etc.

5º. Encontros:

- Apresentações
- Avaliação do Curso.

devido ser sempre planejado, experimentado e reavaliado, todo o processo, para que o desempenho seja eficiente.

A partir da confecção, o boneco torna-se um importante auxiliar na ação pedagógica e desenvolve diversos aspectos, no que diz respeito e manipulação, desenvolve a expressão e estimula a desinibição de quem o manipula.

O teatro de bonecos, educa também a audição. Com ele, a criança percebe que precisa prestar atenção ao mundo dos sons, aos diferentes tipos de barulhos, a perceber a beleza da música e do ritmo.

Não é intenção nossa defender que o teatro de bonecos pode, por tudo que foi exposto, substituir outros instrumentos didáticos, mas sim, mostrar que ele é um meio lúdico, criativo e atraente para ajudar a desenvolver atividades de comunicação, de forma a complementar outros recursos que se fazem também necessários.

Porém o professor precisa ter certos cuidados para que este recurso não se torne cansativo e desempenehe sua função sem atrapalhar o processo de ensino aprendizagem. Por isso não convém que os bonecos tomem o lugar do professor, repetindo, simplesmente de maneira enfadonha, o conteúdo das aulas ou mesmo substituindo o professor.

Os bonecos devem estar presentes em diferentes momentos da aula, que põem ser: no início, para motivar, para introduzir a discussão de um tema, para contar uma estória que será discutida pelos alunos ou até para apresentar textos dos próprios alunos.

Manuseando os bonecos, os alunos mostram versatilidade, vivacidade, passando a atuar no lugar de personagem por alguns minutos. Desta maneira dão

Projetos de estágio e relatórios de acompanhamento

Projeto: Criar uma Brinquedoteca

Tema: Construindo, Brincando e Aprendendo

Grupo: Aurizete, Clara, Evydiane, Janete e Sílvia.

- **Objetivos Gerais:** Desenvolver a criatividade e o interesse das crianças na confecção de brinquedos e jogos educativos feitos com materiais recicláveis e, sobretudo dar mais importância a preservação da natureza e do meio ambiente em que vivem.

- **Objetivos específicos:**

- Desenvolver a coordenação motora, raciocínio, percepção e criatividade;
- Valorização do material de sucata e do tempo livre, fazendo uso dos brinquedos da brinquedoteca;
- Noções de proteção do meio ambiente.

- **Campo de atuação:**

As atividades serão executadas em classe e extra-classe (pátio da escola).

- **Atividades:**

Confeccionar instrumentos musicais, jogos educativos e brinquedos:

- a) Instrumentos musicais: pandeiros, tambores, chocalhos, reco-reco;
- b) Jogos educativos: quebra-cabeça das letras do alfabeto e figuras (desenhos e formas geométricas), ábaco, cartelas de bingo (alfabeto e numerais);

c) Brinquedos: boliche de garrafas descartáveis, bilboquê, bola de meia, pega-vareta, etc.
Desenvolver atividades com brinquedos:
Atividades: recreação, competição entre classes, uso dos objetos dentro da sala de aula (para facilitar o entendimento dos conteúdos).

Materiais:

Sucata como: latas, garrafas (plástico), tampinhas de refrigerante (plástica e metal), lata de leite ninho e doce (plástico), sementes ou grãos, caixas de fósforos (vazias), caixas de sapatos e remédios, etc. e materiais "não-sucata" como: cola, tesoura, martelo, prego, prato de papelão, pincel, tinta guache, arame, cartolina, palito de churrasco, etc.

- Avaliação:

Avaliar os alunos através da participação, frequência e aceitação dos objetos produzidos.

Projeto: Estimulando a Leitura

Grupo: Gerlândia e Ângela

- Objetivo Geral: Mobilizar e sensibilizar a comunidade escolar para a importância da leitura e a conservação dos livros.

- Campo de atuação:

O espaço utilizado para este trabalho será a biblioteca.

- Atividades:

Lançamento de um concurso para escolher o nome da biblioteca; organização da mesma; contação de história;

Ladeira e Caldas do Livro: FANTOCHE e CIA e parte de nossa dissertação de mestrado, que segue anexo.

O trabalho com os alunos será dividido em quatro etapas, a saber: exercícios de desinibição e manipulação, a confecção dos bonecos, a construção de textos, apresentação das cenas e por fim a avaliação de todo o processo vivenciado no curso pelos alunos.

Mediante nossa prática temos descoberto que:

Grande maioria dos professores gostaria de trabalhar de maneira que motivassem seus alunos a uma aprendizagem de forma criativa, porém desconhecem ou não dominam bem dinâmicas, que contribuam para que essa prática aconteça.

Entre outros recursos que existem, nós escolhemos o teatro de bonecos por diversos motivos, alguns já explicitados na apresentação, por contribuir no relacionamento amigável, em sala de aula, proporcionado por este que vai favorecendo a aprendizagem, melhorando o interesse do aluno e estimulando o desenvolvimento da criatividade.

Nesse sentido, no nosso entender, quem ganha com isso são os alunos e os professores, uma vez que, além de poderem confeccionar vários bonecos, podem também, trabalhar com o boneco, noção de tamanho, de localização (em cima, em baixo, dentro, fora, atrás, na frente e lateralidade, direita e esquerda) no momento de confeccionando o fantoche.

Acreditamos que esse trabalho possibilitará aos professores e os alunos do curso de pedagogia um meio didático, a mais, que pode contribuir para melhorar o processo de ensino-aprendizagem de seu aluno, para aqueles que já estão em sala de aula, como também irá ajudar na prática do professor, no seu cotidiano escolar.

Por ser um recurso fácil de ser produzido, poderá servir de ponto de partida para iniciar qualquer aula,



Psicologia do Desenvolvimento e da

Aprendizagem

Professora: Andréa Abreu Astigarraga

Ementa: Caracterização da ciência psicológica; concepções teóricas do desenvolvimento e aprendizagem: modelos psicanalítico-cognitivista e construtivista de aprendizagem social. Desenvolvimento na infância e na adolescência: físico, emocional, cognitivo, social e moral. Distúrbios psicológicos no desenvolvimento e ação educativa.

- **Objetivo:** Proporcionar uma atitude crítico-analítica acerca do papel da Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem e, simultaneamente, estabelecer suas relações com a realidade educativa.

- **Conteúdo Programático:** Piaget e a Psicologia Genética, Vigotsky e o sócio-interacionismo, Sigmund Freud e a Psicanálise.

- **Metodologia:** Considerando que a construção do saber de cada um, mediado pelo outro, acontece através da ação que articula a operacionalização e a ação reflexiva, visamos promover a participação ativa do grupo e de cada um, através de atividades, tais como: exposição teórica dialogada, transparências, leitura dirigida de textos, dinâmicas, etc.

- **Avaliação:** Seguirá as normas regimentais do curso, considerando frequência, participação, assiduidade, trabalhos realizados em aula e em casa, assim como rendimento nas aprendizagens cuja nota seja igual ou superior a 7.0. Será feita avaliação da disciplina e auto-avaliação dos alunos.

RECEITA CAIPIRA

(Aurizete, Helena, Milza)

BOLO DE MÍE

Ingredienti:

- > 3 xícara de fubá de mÍe
- > 2 cuié di mantêga
- > mei lito de leite fÍvido
- > meia xirca de açuca
- > 3 ôvu

Modo di perpará:

Põe o açuca, o ôvo, a mantêga, tudo dento da cúia bem grandi e mexe cum a cuié di pau.Pra modi moê o mÍe, põe num muim e tem qui ficá miudim e adispois paça mantêga na fôrma cum faria di trigo e bota tudo nu fôrnu pá açar.

ORAÇÃO DO ASSALARIADO

parafraseando a oração de São Francisco
(Lidiana, Maria Milza, Monaliza)

Senhor, fazei com que eu ganhe mais,
Pois o salário está defasado
E o feijão aqui está tão caro!

Senhor, tende piedade de nós
Que somos assalariados
Que trabalhamos tanto
Para ganhar tão pouco!

Senhor, perdoai a quem bem não nos paga
Dai- nos forças para lutar
Consciência aqueles que nos exploram e não querem melhor nos pagar

Senhor, aliviai a nossa dor
Atendei as súplicas

E fazei que eu procure mais vosso amor.

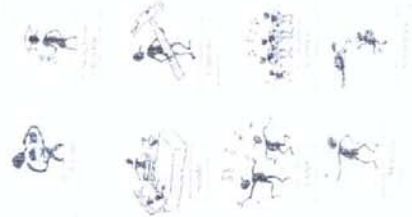
Folders Sobre Cidadania

CENTRO CULTURAL
CULDA

uma educação para a cidadania



DIREITO DE TODOS



lugar aos seus desejos, medos e conflitos internos, vivendo ativamente várias situações.

- Objetivos: Trabalhar com os professores e aluno(a)s do curso de pedagogia, ensinando a confeccionar e manipular o teatro de bonecos na educação infantil, fundamental e médio; Desenvolver juntamente com o grupo de alunos, exercícios de manipulação do teatro de bonecos para ser utilizado na escola; Construir cenários para a apresentação do teatro de bonecos na sala de aula; Mostrar que a partir de construção do boneco a criança pode desenvolver habilidades diversas como: aprender as cores, noções de espaço, lateralidade, etc; Estudar textos e experiências que resgatem as principais questões da utilização do teatro de bonecos na educação.

- Metodologia:

O trabalho poderá acontecer em um dia e meio, ou em três finais de semana, somando um total de vinte ou quarenta horas de curso.

Iniciamos o curso através de exercícios corporais que irão te ajudar no processo de desinibição, assim como de preparar o aluno para manusear o teatro de bonecos.

Em seguida formamos um estudo teórico recuperando um pouco de história do teatro de bonecos na educação, para darmos início a construção dos personagens, com o objetivo de no final do curso, apresentarmos uma cena com este recurso, como se estivéssemos em sala de aula trabalhando com determinado conteúdo.

Encerramos com a avaliação de todo o processo do curso, depois de termos passado pelas etapas de literatura de textos, construção e manipulação do teatro de bonecos na educação.



Comunicação e Expressão

Professor: Juarez Serpa Filho

- Justificativa: observações, pesquisas têm mostrado que a escola não cumpre, satisfatoriamente, sua função de desenvolver as habilidades de leitura e produção textual. Verifica-se no ensino da Língua Portuguesa a tendência a reduzi-lo a prescrição de regras e descrição da gramática. Diante desse quadro não há dúvidas da necessidade de redirecionar o ensino de nossa língua, buscando atingir o seu objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos alunos.

A consecução de tal finalidade pode ser facilitada utilizando-se atividades artísticas e lúdicas na sala de aula, despertando o prazer da arte de ler e escrever e das outras formas de comunicação e expressão.

- **Objetivo Geral:** desenvolver a competência comunicativa, através de atividades artísticas e lúdicas.
- **Objetivos Específicos:** Identificar formas de comunicação e tipos de linguagens; Discutir as concepções de linguagem; Identificar os tipos e objetivos do ensino da Língua Portuguesa; Reconhecer as variedades da língua (norma padrão e variantes); Identificar as funções comunicativas; Desenvolver as competências textual e lingüística; Desenvolver os níveis de compreensão da leitura: literal, interpretativa e crítica; Trabalhar a técnica da ativação do conhecimento prévio; Desenvolver a habilidade de produção textual de diferentes gêneros; Trabalhar a técnica de geração de idéias e planejamento na composição do texto;

O VAGA-LUME

(Maria Aparecida Matias dos Santos)

Um mosquitinho travesso
Voando pra lá e pra cá,
Afastou-se tanto da Terra
Encantou-se com o luar
Vouu mais alto do que podia
Para a lua alcançar
Não sabia que São Jorge
havia chegado,
Vencido o feroz dragão
E o amor dela conquistado
Por isso foi logo declarando
Está por ela apaixonado

A lua ouvindo isso
Resolveu interferir.
Disse ao mosquito: "meu lindo,
tens que sair logo daqui,
meu coração é do Jorge
e não posso dá-lo a ti"
"Leva contigo este pingo
que minha luz que te dou"
Levando o brilho da lua
Para a Terra retornou
E a noite tão escura
O mosquito clareou
Sua paixão era tão forte
Que virou um fogaaré
Até hoje ele vive assim
Com o lume vagando ao léu
Iluminando todas as noites
Em que a lua não está no céu.

Oração da Dengue

parafraseando a oração de São Francisco
(Ana Cristina Abreu, Francisco Silva, Gerlandia Silva)

Amigo, você é um instrumento de combate a dengue
Onde houver garrafas que vá emborcar
Onde houver água parada não deixe procriar
Onde houver caixa d'água que vá logo tampar
Onde houver pneus velhos não deixe água acumular

Onde houver suspeita que leve o agente
Onde houver mosquito que leve o fumacê
Onde houver doente que vá logo socorrer
Onde houver dúvidas procure esclarecer

Amigo, por favor procure mais
Combater pra não ser picado
Prevenir pra não ser remediado
Que o agente seja bem tratado
Pois é conversando que se será orientado
E é precavendo que se previne
Para dengue não ser eterna.

1º. Encontro: Dinâmica de apresentação; discussão do plano de trabalho e sondagem das expectativas; Bombardeio de idéias sobre aprendizagem: dinâmica da dobradura; Transparências sobre Psicologia do Desenvolvimento na abordagem piagetiana; Texto ilustrado sobre as fases do desenvolvimento humano.

2º. Encontro: Dinâmica inicial; Discussão sobre o texto lido na aula anterior sobre desenvolvimento humano; Transparência sobre Epistemologia Genética (Teoria do Conhecimento); Texto de Cláudia Davis sobre Epistemologia Genética.

3º. Encontro: Dinâmica inicial; Discussão sobre o texto de Cláudia Davis; Transparências sobre o sócio-constructivismo de Vigotsky; Continuação da leitura do texto de Cláudia Davis; Transparência comparativa entre Piaget e Vigotsky.

4º. Encontro: Discussão do texto de Cláudia Davis; Transparências sobre o desenvolvimento homossexual de Freud.

5º. Encontro: Dinâmica inicial; Continuação das transparências sobre o desenvolvimento homossexual de Freud.

6º. Encontro: Dinâmica inicial; Dificuldades de aprendizagem; Avaliação da disciplina e auto-avaliação dos alunos.

Atividades práticas:

1- Leitura, discussão, preparação e aplicação de alguns testes psicogenéticos sobre desenvolvimento.

2- aplicação do conhecimento de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem na Arte Educação, especialmente em situações de aprendizagem vivenciadas pelos educadores em sua atividade cotidiana.

Planejamento e Organização de Eventos e Oficinas Culturais.

Profª. Ana Alice Campos



- Objetivo da disciplina: noções de planejamento, organização e execução pequenos eventos envolvendo oficinas culturais.

conteúdo programático: classificação e tipos de eventos em geral; classificação das atividades de entretenimento e lazer (tipo de animação social, cultural e esportiva/recreativa); o profissional - organizador de eventos comunitários; analisando o mercado e as necessidades da comunidade; fases da realização de eventos (planejamento); objetivos (geral e específico), público, estratégias (marketing, comunicação, plano), recursos (humanos, materiais e físicos), implantação (detalhamento), fatores condicionantes (tempo, público, etc), acompanhamento e controle (fichas e tabelas), execução, avaliação, recursos financeiros.

- Metodologia: exposição dialogada; apostila; verificação de aprendizagem; avaliação dissertativa; elaboração de projetos e eventos de lazer em grupos; organização de um grande evento.

- Aula 1: Importância e considerações sobre eventos; Classificação e tipos de eventos em geral; O Profissional - Organizador de eventos comunitários.

- Aula 2: Analisando o mercado e as necessidades da comunidade; fases da realização de eventos; planejamento; objetivos (geral e específico); público.

- Aula 3: Fases da realização de eventos; estratégias (marketing, comunicação, plano); recursos (humanos, materiais e físicos); implantação (detalhamento); fatores condicionantes (tempo, público); recursos financeiros.

- Aula 4: Acompanhamento e controle (fichas e tabelas); preparação do evento - parte prática.

- Aula 5: execução do evento e avaliação do evento.

Exemplos de produções dos alunos por disciplinas

No decorrer do curso Educando o Educador a produção escrita e artística dos alunos constituiu um rico material, reflexo do amadurecimento teórico e aprendizado dos professores-alunos. Essa produção esteve mais ligada a expressão escrita, a confecção da brinquedoteca, fantoches e palco para teatro de bonecos e manipulação de fantoches, pintura em telas, danças folclóricas, manifestações da cultura popular (bumba-meu-boi, quadrilha junina) e planejamento de atividades práticas (elaboração de folders, projetos de aula de campo, organização de eventos e projetos de estágios). Segue abaixo exemplos de produções dos educandos nas diversas disciplinas que compõem a proposta curricular do curso (as disciplinas e oficinas que desenvolveram atividades mais práticas serão exemplificadas a partir da produção visual, ver material fotográfico, Anexo 8).

Produção Textual

QUEM LÊ...

(Ana Cristina Ribeiro de Abreu, **Francisco Silva dos Santos**, Gerlandia Inácio da Silva)

Quem lê, conhece novos mundos, novas pessoas. Pode viajar no tempo sem precisar de máquina, voltar ao passado mais remoto, ou ir ao futuro, muito além da era cibernética.

Quem lê pode, num instante, descer vinte mil léguas submarinas, pegar carona em um balão e dar a volta ao mundo em oitenta dias, e depois fazer uma arriscada viagem ao centro da Terra.

Quem lê pode, ir ao antigo Egito e desvendar os mistérios das pirâmides, dos faraós, pode, em seguida, visitar o Monte Olimpo e encontrar-se com os personagens da mitologia grega. Também pode sentar-se à mesa com os cavaleiros da Távola Redonda e ver a lealdade dos três mosqueteiros.

Quem lê pode conhecer o Mundo de Sofia, ir à ópera e sentar-se ao lado da Dama das Camélias, contemplar toda sua delicadeza e formosura ou, se preferir, fazer uma visita a Iracema, a virgem dos lábios de mel.

Quem lê pode ver Luzia suspirando de amor pelo Primo Basílio ao receber suas cartas, pode envolver-se completamente com Capitu, ao visitar Dom Casmurro, pode descobrir o que é um Amor de Perdição ou talvez um Amor de Salvação.

Quem lê pode apaixonar-se com as poesias de Vinícius, ficar dividido entre o amor e o celibato em o Seminarista, chorar com Romeu e Julieta ou testemunhar o trágico acontecimento em Édipo Rei.

Quem lê pode admirar os hábitos de Luzia-Homem, toda feição de Senhora, ou quem sabe, de Helena. Pode reviver o amor falecido em Encarnação, ver a vida na mais pura Inocência, fazer uma visita ao falado Cortiço, bater um papo com O Homem Que Sabia Javanês ou ver o Triste Fim de Pollicarpo Quaresma.

Quem lê pode se encantar com A Pata da Gazela, viver uma grande paixão por ter se atrasado Cinco Minutos, consolar a tão linda Viúvinha, ou fazer parte das Memórias de um Sargento de Melícias.

Quem lê pode pisar o chão rachado de O Quinze, passar por vidas Secas, emocionar-se com a Escrava Isaura ou A Moreninha. Num piscar de olhos pode visitar D. Benta e Toda Turma do Sítio do Pica - pau Amarelo.

Quem lê pode voar em um tapete mágico e viver uma aventura nas Mil e Uma Noites. Pode ir aonde quiser, no momento que quiser.

Quem lê pode tudo, pois tudo é possível ao que lê.

Desenvolver a prática da oralidade; Desenvolver atividades artísticas e lúdicas para dinamizar o processo ensino-aprendizagem.

- Conteúdos: Formas de comunicação e tipos de linguagens; Concepções de linguagem; Tipos e objetivos do ensino da Língua Portuguesa; Variedades linguísticas (norma padrão e variantes); Funções comunicativas: informativa, literária, apelativa e expressiva; Níveis de compreensão da leitura; Ativação do conhecimento prévio; Estratégias de produção textual; Prática da oralidade.

- Procedimentos didáticos: Exposição dialogada, exposição visual; Leitura silenciosa, leitura oral expressiva, comentários, debates; Reprodução, resumo e criação de textos diversos; Dramatizações, jograis, canções, paródias, cordéis, quadrinhos, recitações de poesias, colagens, desenhos; Atividades individuais e grupais.

- Recursos Materiais: Textos escritos, textos de imagens, fotografias, gravuras; CD-Play, violão, revistas, jornais, folhetos de cordéis; Papel madeira, papel ofício, cartolinas; Tesouras, cola, fita gomada, pincéis, canetas.

- Avaliação: Acompanhamento do processo ensino-aprendizagem; Observação da aquisição de conhecimentos e habilidades; Percepção das atitudes de interesse e participação nas atividades; Utilização de diversos instrumentos e dinâmicas de auto-avaliação grupal;



Noções de Ecologia e Educação Ambiental

Professor: Esdras Barbosa Nobre

- Ementa: Meio ambiente, Terra e Ecologia; dinâmica da cadeia alimentar; ecossistemas; reciclagem das matérias; importância de preservar a natureza; valor das plantas medicinais e da alimentação natural.

- Objetivos: Sensibilizar os professores, para a importância de melhor conhecer a natureza descobrindo como interagir, cuidar, preservar e defender a natureza que está sendo ameaçada e por consequência, também nos ameaça; Proporcionar aos participantes conhecimentos básicos e experiências práticas referentes à nutrição, à alimentação natural às principais plantas de uso medicinal, incluindo a produção e manipulação correta das mesmas.

- Programação por tema:

Tema 1: A natureza em prosa e verso

Acolhida - Músicas: Xote Ecológico (Luís Gonzaga); O Sal da Terra, (Beto Guedes); apresentação e integração grupal.

Vivência - "Meu olhar sobre o Planeta Terra".

Estudo orientado dos Textos: Capítulos do 1 ao 5 ; do livro Preservação do Ambiente uma questão de cidadania. (leitura em pequenos grupos).

-Apresentação e Discussão grupo todo.

Avaliação do tema: O QUE APRENDEMOS com o estudo do tema? (Apresentação livre, utilizando os recursos aprendidos no curso)

-Atividade prática: fazer anotações sobre o texto e criar um verso sobre o que aprendeu na aula; ler o verso que

criou sobre a natureza e escrever em papel ofício, montagem de um mural.

-Tema 2: Noções básicas de ecologia

Dinâmica inicial: União e importância da coletividade.

Fitas de vídeo (3 vídeos): Conceitos básicos que é Ecologia; Lixo uma preocupação mundial e outros temas relacionados (Divisão de grupos e coletiva)

Equipe: Cada grupo trabalhará um vídeo, fazendo anotações, observações que será realizada uma explanação dos vídeos com suas respectivas anotações (apresentação livre utilizando os recursos aprendidos no curso) e um debate com o grupo comparando e enriquecendo a discussão sobre o tema.

Avaliação do estudo do tema

Tema3: Noções básicas sobre plantas medicinais, nutrição e alimentação natural

- Conceitos básicos e algumas recomendações;

- O uso das plantas medicinais merece cuidado;

- Aprendendo a reconhecer as plantas medicinais;

- Planejamento do Horto de Plantas Medicinais;

- Modo de propagação das Plantas – Estaca;

- Modos de Preparações de Plantas medicinais;

- Tipos de Alimentos;

- Valores Nutricionais;

- Importância das plantas na alimentação;

- Alimentação rica em vitaminas

- Receitas Alternativas;

- Explanação através de transparências e algumas dinâmicas;

- Visita ao horto de plantas medicinais do Centro Cultural CELITA.

- Apresentações dos resultados dos grupos.

- Avaliação: participação individual e grupal; apresentação de trabalhos em grupo.



Higiene e Saúde

Professora: Raimunda Nobre Damasceno

- Ementa: a disciplina trata dos fundamentos básicos e das práticas de higiene e saúde envolvendo os cuidados com a higiene pessoal, alimentar e com o meio ambiente.
- Objetivos: Conceituar saúde/doença; higiene corporal, ambiental e mental; Informar a respeito da prevenção das doenças a partir do uso da água tratada, do saneamento básico e do trato com o lixo; Refletir sobre a alimentação, benefícios e cuidados de higiene e manuseio dos alimentos.
- Conteúdo: fundamentos básicos da higiene e saúde; processo saúde/doença; a questão do lixo, água e saneamento básico como requisitos para a saúde; a higiene corporal, ambiental e mental; a alimentação como fonte de saúde, princípios e cuidados no manuseio da alimentação.

Estratégia ensino aprendizagem: aula expositiva; utilização de vídeos educativos; leitura de textos e discussão em grupo; trabalho em grupo.

Cronograma das atividades desenvolvidas

As atividades iniciaram em janeiro com três semanas intensivas (06/01 a 31/01, no turno da manhã), sendo 25h/a em sala de aula e 05h/a de atividades práticas por semana (em média), complementadas por 12 h/a de informática..

A partir de fevereiro até junho as atividades ocorreram três vezes por semana em sala de aula e mais 2 sábados (ao mês) complementadas pelas atividades práticas.

O estágio iniciou-se em maio e teve sua conclusão em junho. Esta atividade foi realizada nas instituições onde os educadores-alunos já atuavam a partir de uma proposta elaborada pelos mesmos e acompanhada pela coordenação do curso e educadores (ver cronograma anexo 3).

ANEXO 13
TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO
“RUMOS, EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE”
ITAÚ CULTURAL

TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO “RUMOS EDUCAÇÃO CULTURA E ARTE”, ENCARTADO NO LIVRO “EDUCAÇÃO DE SABERES, PODERES E QUERERES”. Rumos Itaú Cultural: São Paulo, 2006.

Começou com o Juarez que era o nosso professor de Português e ele levou umas fichas de inscrição e chegou para nós três e chamou pra gente fazer teatro e a gente disse que não ia. A gente ficou com um pouco de medo e ele insistiu, insistiu, aí a gente disse que viria olhar. Não sabia se a gente ia ficar. A gente veio, olhou e gostou e estamos até hoje... Eu sofria uma repressão em casa porque a minha mãe não deixava eu fazer teatro de jeito nenhum. O João foi na minha casa, falou com minha mãe. Eu estou fazendo teatro, mas ela ainda hoje não quer que eu faça (Tamires).

Inicialmente a gente não tinha a pretensão de, por exemplo, chegar ao ponto que a gente chegou hoje com um grupo de teatro construído, com esse espaço alternativo, com um espetáculo ao nível do que a construiu, com foi o caso da peça “O Fantástico Mistério de Feiurinha”, que é um consagrado texto de Pedro Bandeira, mas a coisa foi sendo construída processualmente. Lentamente e com muito sacrifício, a gente enfrentando diversas dificuldades, mas, também, se alimentando de tudo isso num processo criativo super interessante, que resultou nessa qualidade, nesse resultado que é muito satisfatório (João Tancredo).

Então, a gente começou com um curso de teatro, aulas teóricas sobre o teatro e nós fazíamos também trabalho de corpo, exercícios corporais e nós tínhamos várias dinâmicas de integração. Nesse processo a fala foi fundamental porque o jovem, de certa forma é muito tolhido pela família, pela escola, pela sociedade de um modo geral. O jovem tem sua fala oprimida e esse exercício da fala foi um desafio para a juventude e com o trabalho do teatro a gente construía esse cotidiano transformador (João Tancredo).

Assumir o papel de ator é um enfrentamento com a própria vida, com os seus valores, com a sua estrutura e jeito de ser. De uma certa forma o personagem lhe desafia, porque é um enfrentamento de cultura, de valores, de personalidades e nesse processo de assumir o outro, assumir as facetas do personagem o jovem extravasa sentimentos reprimidos e amadurece (João Tancredo).

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 01

RENATA (26)

ENTREVISTA 01

João: Eu queria que você falasse um pouco sobre a sua história de vida se você nasceu aqui nessa comunidade ou qual foi a sua trajetória até chega ao bairro da Pedra?

Entr. 01: Bom eu não especificamente aqui na Pedra, eu nasci no “S”, mas logo com dois anos de idade eu vim prá cá.

João: É uma comunidade aqui próximo o “S”?

Entr. 01: É, aqui próximo sim. Ai eu cheguei aqui, depois passei um tempo fora, mas voltei novamente prá cá . Assim, a minha família quase toda sempre morou mais pro “S” e uma parte cá.

João: Desde a infância você tem contato com o bairro da Pedra? Como era essa comunidade na época da tua infância em comparação com o bairro atualmente?

Entr. 01: Bom era diferente. Muito diferente de agora. Não tinha muita evolução, que nem tem agora. Era pouca coisa. A luta pela água, também era muita. Agora, Pedra é uma maravilha na vista do que era antes.

João: E a quantidade de moradores?

Entr.01: Eram poucas casas, uma aqui e outra acolá. A maioria usava vela e lamparina.

João: E a tua escolaridade?

Entr. 01: Foi feita parte aqui, e parte no “S”. Eu estudei na Escola Tristão de Alencar e também num anexo do Tristão. Outra parte na Messejana e agora é que eu estou terminando (Ensino Médio).

João: Como era as relações de amizade nessa comunidade com tanto verde e poucos moradores, nesse período da tua infância da tua adolescência, como eram as brincadeiras e me faz um comparativo com o ser jovem hoje nessa comunidade. Como você essa questão e quais são as tuas preocupações ou críticas em relação a juventude atualmente?

Entr. 01: Na minha época eu não tive juventude pra sair fazendo amizade não. Eu sempre fui dentro de casa. Na vista de hoje a juventude é toda livre, né. Que eu vejo assim, até eu. Se eu saísse de casa era com a mãe ou era com o pai, nunca sozinha para ir pra algum canto e voltar. Isso não existia. Mas, assim. A vista de agora a juventude esta mais solta, tem mais liberdade, eu acredito que seja bom, mas isso tem seus pontos positivos e seus pontos negativos, né. Porque as vezes os pais não com quem os jovens estão andando e eles se soltam e hoje tem muito mais riscos. Pra mim a juventude não foi lá essas coisas não, eu não tive muitas

amizades não. Meu amigos, pra ti dizer a verdade eram só os meus irmãos, dentro de casa eu não saía. Era só escola casa.

João: E hoje você não acha que principalmente a mulher continua sendo criada dessa mesma maneira mais doméstica aqui na comunidade? Atualmente as meninas têm menos liberdade? Qual sua opinião sobre isso?

Entr. 01: Hoje tá todo mundo solto. Só em você ir na praçinha você já vê a resposta. É todo mundo. Até menina, moçinha, que não tem nem formação de mulher, ta na Praça, vestida como mulher, já na minha época, dessa idade, não era assim. E hoje o namoro começa é cedo.

João: Me diz uma coisa e a questão do trabalho. Eu to falando da necessidade de trabalhar isso começou muito cedo na tua vida. Você falou que agora é que está terminado teus estudos, na realidade está cursando o que?

Entr. 01: Eu estou fazendo o Ensino Médio, vou terminar o segundo grau agora até porque eu parei porque eu tive filho, casei com dezenove anos, eu casei cedo, e parei, agora é que estou retornando os estudos. A minha família sempre priorizou o meu estudo. Graças a Deus nunca precisou que eu trabalhasse para ajudar em casa, mas também nunca tive oportunidade de profissionalização, não vou dizer que tive porque nunca tive, só estudei mesmo.

João: O que é juventude pra você?

Entr. 01: Eu não tenho a palavra chave para dizer. Mas eu acho que juventude, hoje em dia é assim, corre atrás do que quer, eles estão se organizando pra conseguir propósitos. Juventude é ser jovem querer e correr atrás dos seus objetivos.

João: Como a comunidade aqui nessa localidade ver os seus jovens?

Entr. 01: Ela tem um pouco de discriminação. Começa assim se tem um menino, um jovem ali, que vive no meio da rua brincando, soltando raia, é vagabundo. Não pode passar um homossexual que já apontam. Se tem uma mulher que já passa toda diferente do andar de uma mulher, aquela já é sapatão. Eles vão apontando, sabe. Eu não sei o porque mesmo, mas eu acredito que seja só preconceito com os jovens, porque os jovens já vem com aquela personalidade própria. Já quer impor o que quer.

João: Os jovens se apresentam com com rebeldia ou são mais pacatos na comunidade?

Entr. 01: Alguns se mostram ser rebeldes outros ficam só dentro de casa e quando saem prá escola são mais tranquilos já tem aquele jeito de agir né. Porque eu já vi assim, muitas casas que eu frequento aqui, eu vejo a mãe fale ele já vem com aquela ignorância, quer passar por cima das ordens. E eu já vejo também uns que

passeiam pela praça, que a mãe diz: não vai, e ele diz: eu vou sim e sai. Ele demonstra o que é.

João: Há uma relação de diálogo dos jovens com as famílias? Os pais ainda conseguem manter alguma autoridade? Os jovens nessa comunidade aceitam essa autoridade dos pais ou a coisa está mais descontrolada?

Entr. 01: Já está mais solta, com certeza. Não tem esse diálogo não. Eu tive esse diálogo com minha mãe. Ela dizia o que era o certo, o que era o errado, mas hoje em dia eu não vejo isso. Não tem mais diálogo entre pai e filho e se tiver é muito raro e difícil.

João: Como você vê a participação dos jovens na comunidade? De forma organizada?

Entr. 01: Não tem muita coisa não. Eles não se organizam muito não. O que tem mais são os jovens da Igreja, que eles se organizam, que eles vão atrás das coisas, mas tem muita gente que fala também, por que eles também não tem muito movimento só rezam. Outros se organizam porque gostam de esporte e não tem e vão atrás pra conseguir o que querem. Até na escola mesmo (EMEIF Tristão de Alencar), que eles tinham que fazer uma festa da 8ª Série, que eles se organizaram, foi até bonito, eu achei, o pessoal dançaram, fizeram uma faixa ficaram na pista, paravam os carros para dá ajuda pra festa deles e foi assim. Não tem muita organização de juventude não, mas quando eles querem eles fazem sim.

João: Qual é a participação do jovem com as atividades culturais e esportivas?

Entr. 01: Eles participam sim. Tem muita quadrilha junina e a gente vai ver é formada por jovens e antigamente eram as pessoas com mais idade que participavam das quadrilhas. Hoje em dia são eles que participam. Tem também o esporte que eles gostam e fazem e não são mais acomodados como antigamente. Já estão caindo em si e correndo atrás do que querem.

João: Como os próprios jovens se vêem na comunidade?

Entr. 01: Bom tem muitos jovens que se guardam, tem outros que já são na deles. Alguns são da Igreja e atraem outros pra Igreja. Gostam disso e acredito que eles tenham sua personalidade são mais reservados.

João: Em relação aos jovens que são gays e lésbicas, você acha que eles se sentem intimidados pela comunidade ou usam da própria expressão da sexualidade para intimidar a comunidade?

Entr. 01: Eles e elas se inibem muito, porque a comunidade em si bota uma pressão muito grande em cima deles. Alguns a gente tá vendo que é, mas eles fazem questão de dizer que não é. Se algum disser que é, eles já ficam revoltados, já esculhambam, diz uma coisa e outra, porque? Por causa da comunidade, que já sabe que a pessoa é e já olha com outro olhar. Ai eles ficam se escondendo com

uma coisa que eles gostariam de botar pra fora. Já tem outros que passam por cima, pensem o que quiser, sou o que sou e pronto. Tem uns pouco assim mas também sofre com o preconceito, não só da comunidade, mas por onde anda é muito forte.

João: Essa questão do uso das drogas aqui nessa comunidade é um grande risco para os jovens? Há problema de gangues e tráfico de drogas?

Entr. 01: Acho isso muito triste, porque antigamente isso não existia aqui. Agora no momento tem esses casos, não exatamente de grupos, mas se uma pessoa for pra outro bairro já fica visado, esse fulano é de tal canto, então quando a pessoa percebe já sai e isso é coisa que não existia. Não tinha essa de restrição de andar em tal bairro, todo mundo andava em todo canto. Agora tem gente aqui que não anda na parte de cá porque vai ser pego e já não vai e pra mim isso é uma tristeza, horrível uma coisa dessas e já acontece aqui. Os territórios marcados e restritos e o tráfico também, mas ninguém pode falar. Tem vários pontos por aqui, todo mundo sabe.

João: E o sobre o espaço da ONG “Ave Fénix”. Como você conheceu essa instituição?

Entr. 01: Essa instituição foi o melhor que aconteceu na minha vida. Foi assim, eu morava lá pertinho. Aí eu passava e via aquele prédio, logo no começo quando estavam construindo. Depois eu fui lá fiz um curso de informática e outros cursos e já trabalhei lá também. Depois que eu comecei a trabalhar lá e achei que melhorei mais como pessoa porque eu era muito tímida e ainda sou, mas eu era muito mais. Eu tinha medo de falar com as pessoas. Eu acho que se eu fosse falar a pessoa não ia estar nem aí e eu tinha medo da rejeição das pessoas, de eu chegar e a pessoa não quer conversar comigo. Por isso eu me trancava, se eu visse um grupo de meninas conversando eu não chegava pra conversar e tinha muita vergonha de eu chegar e as meninas não dá bola prá mim.

João: Porque a fala é tão difícil prá você e, em geral, é difícil pra grande maioria dos jovens?

Entr. 01: É o medo de se expressar. É aquela coisa não vai dizer isso ou aquilo que as pessoas vão te discriminar. Isso vai fazendo com que a pessoa não fale mais. Vai ficando na sua, cada vez mais se restringindo. Há muita repressão na sociedade contra os jovens, em geral, e os jovens não conseguem expressar o que realmente querem. Quando eu cheguei na ONG eu vi uma coisa diferente, as pessoas conversando, que era uma coisa harmoniosa, que as pessoas ouviam umas às outras e não era aquilo que eu pensava, de que se eu chegasse ninguém me via, não foi assim, na ONG eu fui começando a me soltar mais, me ajudou muito e ainda tenho que me soltar mais.

João: Essa idéia de fazer as coisas conjuntamente existe no espaço da ONG? É diferente do espaço da escola?

Entr. 01: Assim, a escola é mais assim: o professor falou, você obedece. Tudo é mais restrito. Na ONG não você tem um contato maior com as pessoas. As pessoas vem e falam com você e existe muita liberdade. Já no espaço da escola não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Na você chega mais junto, tem mais harmonia e você se sente mais à vontade.

João: Não tua opinião, qual a importância da ONG para os jovens de um modo geral?

Entr. 01: Eu acredito que o espaço da ONG é ótimo, que os jovens deveriam aproveitar muito mais, que ta ali já pra acolher eles e da um espaço pra eles fazerem um esporte, uma atividade diferente e quando eles caírem em si vão aproveitar mais.

João: Na comunicada existem outras associações semelhantes? Qual a importância específica dessa ONG pra essa comunidade e pra juventude?

Entr. 01: Essa ONG é importante e diferente porque já teve vários cursos de profissionalização lá. Tem pessoas, que são pai de família, que estão trabalhando até hoje com aquilo que fez lá na ONG, fez o curso e ta trabalhando até hoje. Ai, isso dá uma mudança na vida da pessoa e para mim é especial.

João: E quais são as atividades da cultura dessa ONG? Isso é importante para a comunidade e para a juventude?

Entr. 01: Os jovens não valorizam muito. Eu participo do reisado dessa ONG e assim eu gostaria que a cultura fosse vista como uma coisa mais ampla, que todo mundo participasse, porque até agora ela colada mais de lado. O pessoal gosta mesmo é das coisa do meio do mundo e a cultura ainda fica de lado. Por exemplo a gente sai com o reisado, brincando, se divertindo e tem jovem que critica, pergunta se a gente não tem o que fazer em casa. Eu penso que eles deveriam ter a mente mais aberta que os antigos, que gostam dessa brincadeira de boi. Isso deveria ser bem melhor.

João: Qual a importância da arte no teu desenvolvimento pessoal?

Entr. 01: Pra mim, no início foi um desafio, foi a primeira peça e eu gelei, no início eu fiquei com medo, como eu to te falando. Mas me vez eu querer participar de outras coisas de outros movimentos e ter outras oportunidades na minha vida. De lutar pelas coisas, como aqui onde eu moro ta acontecendo um movimento porque foi uma invasão e agora estão querendo tomar as terra e nos estamos lutando. Ontem teve uma reunião aqui, amanhã nós vamos pra Assembléia e estamos lutando atrás, se junta todo mundo e eu participo e antes eu não ia com certeza. Hoje eu vou e falo.

João: Me fala sobre essa decisão de voltar a estudar?

Entr. 01: Foi exatamente a ONG. Eu via lá as pessoas dizendo assim eu já terminei os meus estudos outros dizendo já estou fazendo faculdade aí eu disse porque eu não posso terminar os meus estudos também? Não sei se eu agüentaria enfrentar uma faculdade, mas com certeza se vier eu vou tentar. Assim, eu pensei, como falta muito pouco para eu terminar o Ensino Médio, eu vou terminar. O meu esposo, também, que frequenta a ONG tá estudando e só eu que tava parada e agora eu já vou é terminar no ano que vem.

João: O que é participação e cidadania pra você?

Entr. 01: Pra mim é querer participar de coisas que vai te ajudar e ajudar outras pessoas. E a cidadania é o direito de ter esses espaços de participação. De ir e lutar pelo que você quer. Nisso você vai crescendo como pessoa.

João: Qual tua visão dos políticos e da política partidária?

Entr. 01: No momento eu não tenho nada a... nada a... porque hoje em dia eu vejo que eles estão fazendo alguma coisa, fazendo aquilo que estão prometendo, mas antes não, mas só alguns não todos.

João: Você investe mais na vida pessoal ou se compromete com o social? Como você constrói sua cidadania?

Entr. 01: Isso eu to desse jeito, o que eu puder fazer pra ajudar a comunidade, onde eu tiver que ir, eu to é lá. Não to correndo atrás só pra mim. Eu quero é pra todos, pra todo mundo. O que vier de melhor pra mim quero para os outros também. E nesse processo eu vou crescendo também, vou melhorando porque eu não era assim.

João: Obrigado por sua participação, as suas informações vão contribuir bastante para o estudo que estou realizando

Entr. 01: Foi um prazer. Muito legal.

FIM.

ENTREVISTA 02

SANDRO (26)

ENTREVISTA 02:

João: Boa tarde, gostaria de começa pedindo que você falasse um pouco da tua história de vida e da relação que você tem com essa comunidade.

Entr. 02: Eu conheci essa comunidade porque eu morava com os meus pais nessa época e eu tinha nove (9) anos e foi através da minha mãe, que a gente morava no “S” e o Posto de Saúde da Pedra era muito conhecido e a gente vinha se consultar lá e a minha primeira visão, que eu gostava muito da comunidade foi daquela praça, não era a praça que é hoje, mas eu gostava muito e eu comecei a conhecer mesmo a comunidade através da capoeira, comecei a praticar capoeira lá no “S”. Antigamente tinha uma rodoviária, não era a BR direto como está hoje não, tinha e a gente no ônibus Santa Maria, o Pedra também já existia. O ônibus Carlos Albuquerque não tinha ainda não. Hoje eu tenho vinte e seis (26) anos e nesse meu tempo e comecei a conhecer a comunidade aqui através da comunidade, com o meu professor, que foi um dos primeiros que teve contato com a comunidade através de dois alunos, porque na época capoeira era uma coisa nova e começou a expandir e eu conheci vários colegas, conheci logo o Miguel e ele conseguiu um espaço, que hoje é a Associação dos Moradores do Trairá, onde foi o primeiro espaço de capoeira e daí a gente foi para um sítio e eu fui conhecendo a comunidade, mas tudo era difícil, porque tava começando a sair, foi o tempo que eu conheci a Ritinha, era novo e tal. O tempo foi passando eu fui ficando mais maduro, mais maduro assim na idade.

João: Essa experiência de treinar capoeira foi uma coisa fácil pra você?

Entr. 02: Foi muito difícil eu me adaptar ao mundo da capoeira mais por conta da minha família. Assim, porque antes de eu chegar no “S” eu morava no João XXIII e minha lembrança era a seguinte eu poderia dizer que tinha uma família assim como toda criança tem, de sair, ir pra uma Igreja, de ir para uma festa, ir para um parque. E quando eu cheguei no “S” as coisas foram diferentes. Antes eu tinha academia, meu pai pagava aulas de Karatê pra mim, eu fiz cinco (5) anos e era louco por Karatê, participei de campeonato, trocava de faixa e quando e cheguei aqui as coisas foram diferente, se transformaram. Não foram fácil. A relação assim: o meu pai conheceu outras pessoas, que não fazia parte da família e acabou fazendo e isso foi dificultando e as coisas foram piorando. Houve uma desestrutura na família e eu sofri com isso. Eu passei a fazer capoeira mas sofri com isso, porque se eu fosse e chegasse as dez (10) horas, tinha aquele negócio. A minha mãe era muito preocupada, comigo, não comigo mais por conta do meu pai porque ele saia ia tomar umas na casa da outra e se ele chegasse e eu não tivesse em casa, meu pai bebia e ainda bebe até hoje mas já é mais moderado. Ele construiu uma família diferente da nossa, mas em vez da gente melhorar a gente fez foi piorar. E eu apanhava, quando o meu pai chegava chateado de lá e tal e batia na mãe também.

João: E qual foi o problema que você enfrentou em relação a capoeira?

Entr. 02: A primeira dificuldade é o pai querer pagar a capoeira. O preconceito era mais porque ele ia tomar uma no barzinho e os caras falavam porque nessa época na capoeira era muita gente e mais adulto e tinha muita gente ruim e gente boa, era muito misturado, não era só gente de família boa, gente que se envolveu com droga e que tava lá e o meu professor estava tentando resgatar e essas histórias começou a circular na comunidade e chegava nos ouvidos do meu pai, os colegas dele diziam: olha o teu filho, ta andando com o fulano de tal, cuidado. Às vezes eu chegava da escola o pai ia cheirar a minha boca pra saber fedendo a maconha, fazia aquela maior coisa e eu me sentia mal, dizia que não fazia isso, que não curtia essas coisas, mas era difícil ele acreditar, porque se eu estivesse na esquina e chegasse um amigo meu era motivo pra eu apanhar, ele não acreditava em mim. Eu tive um educação muito pesado pelo meu pai, a mãe por um lado não teve muita culpa porque por ela ta passando por o que ela passou, qualquer besterinha, qualquer danação era motivo pra chegar pra ele e dizer e era mais uma pisa. Hoje eu sou professor de capoeira, minha formatura foi em Sobral, e uma formatura informal, sou professor, não é com diploma de Educação Física, que ai sim ia preencher mais o meu currículo né.

João: Por falar em formação a tua escolaridade foi feita no “S” ou aqui na Pedra?

Entr. 02: Essa é uma boa pergunta eu estuda lá, e assim, sempre em toda família tem que ter um que dá mais trabalho e eu era assim. Era chamado por motivo de danação, mas eu nunca repeti um ano e quando eu cheguei na escola do “S” a escola Guiomar na época, eu estudava lá e passava de ano também e só teve uma vez que eu repeti de ano e foi porque eu falei umas coisas com a professora eu vi que ela fez uma coisa errada, uma prova que eu fiz e ela tirou a minha pontuação e deu para outra pessoa que mal vinha para a sala de aula só porque eu respondi ela e por causa de meio ponto e fiquei, repeti a 5ª Série e por causa disso meu pai disse não vai mais fazer capoeira não. Eu bati o pé no chão, disse não, enfrentei, porque eu tinha o maior medo do meu pai, morria de medo do meu pai, não era respeito, era medo. Uma coisa é você respeitar, outra coisa é você ter medo por causa da ação, porque ele não sabia bater, ele sempre dizia isso, ainda hoje ele diz, que não sabia bater. E nesse dia eu pegue a minha corda, olhei pra ele e disse, pai eu vou pra capoeira e ele não disse nada, só ficou calado, até hoje. A minha mãe, a gente tinha um buteco na época e ela tirava dinheiro pra me ajudar na capoeira. Um vez fui pro batizado, apareci na televisão fazendo apresentação a mãe mostrou o meu batizado pra vê se mudava alguma coisa, mas não mudou não. Agora isso pra mim foi importante porque eu fui me construindo devagarzinho, fui amadurecendo, afirmei minha opinião porque eu sabia o que eu queria. O meu pai sempre dizia vai procurar uma arte e eu cheguei para ele e disse, ta aqui a minha arte é essa.

João: Qual a tua visão de mundo?

Entr. 02: Do mundo que a gente vive hoje eu tenho uma visão muito difícil, porque pra viver todo mundo sabe que é difícil, mas a minha visão, comparando com a de alguns alunos meus e de que eu já passe por muitas coisas na vida, to aprendendo e contando essa história todo dia na minha capoeira.

João: Você teve necessidade de trabalhar cedo, teve oportunidade de profissionalização?

Entr. 02: Eu já trabalhei e já fiz curso de contabilidade, de informática também, nunca tinha nem pego num computador. Eu conheci um pessoa nessa comunidade que hoje é minha esposa, mas antes de se casar com ela, quando eu namorava com ela o pai dela consegui pagava pra um curso muito bom de informática no ABC e nesse ABC eu já tinha jogado capoeira, e era eu quem levava ela para o curso de informática, fez vários cursos massas e eu falei pro pai para eu fazer e ele disse que não. Quando apareceu uma primeira oportunidade de trabalho exigia o curso de informática aí eu lembrei pra ele o quanto eu tinha pedido esse curso. Mas o meu primeiro curso de informática foi feito aqui no Centro Cultural, um curso básico, mas muito legal, eu não tinha intimidade com as máquinas e foi legal. O tempo foi passando eu trabalhei em duas empresas, eu fui encarregado do chefe de máquina, lá na primeira empresa, só que esse cara, isso é muito importante eu falar, porque eu fui muito humilhado, que era meu primeiro emprego, e o cara era amigo do meu pai e arrumou essa vaga pra ele. Então se eu trabalhava, o cara exigia muito de mim, eu trabalhava no pesado, eu não tinha corpo na época para trabalhar num serviço daquele, entendeu e eu sei que o meu pai fez isso para eu não me casar, porque era o único meio que eu tinha de sair de casa. Então ele me botou num trabalho muito pesado, numa empresa lá no Eusébio, esse cara tanto ele me ensinou como ele me humilhou muito... e eu agüentando calado porque queria porque queria sair de casa e isso me custou também muito sacrifício, mas eu sai da empresa e entrei noutra. Nessa primeira eu trabalhei suado, chegava todo melado de graxa, eu tinha dezoito (18), pra dezenove (19) anos. Eu ralei, agüentei, sai da empresa não quis nem saber das contas. Ai eu consegui um emprego sozinho foi na Messejana na FAE, trabalhava sentado, como auxiliar de manutenção, depois fui pra outra máquina computadorizada, depois outra máquina, foi legal, fiquei ganhando mais dinheiro. Ai começaram a fazer sacanagem comigo lá dentro eu pedindo pra sair e o homem não queria me botar pra fora e eu pensava em pegar esse dinheiro e comprar meus instrumentos de capoeira e começar a dar aula de capoeira. Quando eu sai da empresa eu recebi a visita do meu mestre e do meu professor na minha casa e disse: sai da empresa e vou viver de capoeira como vocês. Meu mestre olho pra mim e disse você esta certo. O meu professor olhou pra mim e disse você esta doido. Meu mestre é professor de capoeira, mas é diferente porque ele é formado em Educação Física, aí as coisas são mais fáceis pra ele. Então eu comecei, depois o meu menino nasceu e a gente morava de aluguel na

época se eu ganhasse trinta (30) reais era muito e eu comprava logo o leito do menino, mas eu também tive uma grande força que foi o pai da minha esposa, eu chamo de pai, mas era padrasto, mas pra ela ele foi o pai, ela não conheceu o pai, porque ele morreu, mataram. Ele me deu muita força e foi a única pessoa que acreditou na minha capoeira, se chamava José Afonso Ferreira de Oliveira, era uma negão alto, foi o único cara que acreditava, eu saí da empresa e fazia o meu trabalho e ele dizia arrume um espaço pra você ali na ONG porque você tem que está ali dentro e no meio das ruas não, porque na época eu dava aulas nas praças. Quando ele morreu a minha vida foi piorando porque a convivência com a família não da minha esposa não foi mais legal, hoje é que as coisas estão modificada umas coisas melhoraram outras pioraram e outras ainda estão pra ser resolvidas.

João: O que é juventude pra você?

Entr. 02: A juventude pra mim é a construção do futuro, mas a juventude aqui na nossa comunidade são poucos com a mente aberta, que entende, que são cabeças, que pensam, que sabem o que estão fazendo, que se te der um não é porque sabe o que está fazendo, qual é a razão desse não e se te der um sim, também, sabe qual a razão desse sim. Tem outros que não.

João: Você atribui a que esse tipo de situação dos jovens aqui na comunidade?

Entr. 02: Atribuo pelo que vejo no dia-a-dia, principalmente no Sábado e Domingo na praça, tem muito jovens aí que mal amadurece e começa e já querem ser adultos sem passar pelo processo da juventude. Eu vejo meninos bebendo, fumando, se vestindo de maneira inadequada, curtindo músicas que não é da maturidade deles e delas. Vejo gente que se afasta, que se você chegar e disser, vamos fazer parte do grupo tal, é mais fácil eles curtir o que a mídia está jogando hoje, é isso que eles querem. A visão que eu de juventude aqui na comunidade é essa, de um jovem movido pela mídia, de um jovem que quer ser uma coisa sem ele ser, maduro à força, antes do tempo. Eu vejo isso. E tem jovens que merece o reconhecimento, são muito pouco, mas tem e a gente tenta reverter isso, mas ta cada vez mais difícil.

João: Como se dá a relação dos jovens com suas famílias?

Entr. 02: Tem muito jovem aqui que são criados da maneira antiga, que a mãe se preocupa mais, dá o horário, tem um controle e autoridade, mas já tem outros que não tem. A maioria desses não tem, que não é culpa do jovem porque às vezes, mas é porque já vive com a avó, algumas famílias desestruturadas. Os avós são mais liberais, não tem hora pra chegar, não quer saber o que o filho, neto ta fazendo lá fora, diferente do pai e da mãe. Mas tem pai e mãe que são desestruturados. Eu conheço família aqui que o filho é “aviãozinho”, o filho mais velho é traficante de drogas e o pai e a mãe também. Na escola, que eu faço um trabalho de capoeira lá, eu vejo o comportamento desse que é “aviãozinho”. Tem muita reclamação porque ele diz que vai puxar uma arma, vai dá um tiro no

professor, vai dá tiro aqui, ali, quer dizer... Tem esse tipo de família também, que é desse jeito.

João: Essa questão da violência envolvendo a juventude, do tráfico de drogas é um problema que cresce aqui na comunidade?

Entr. 02: Aqui é assim quando acontece alguma coisa relacionada a drogas, morreu um hoje porque foi um acerto de contas. O primeiro que morreu... quando acontece é de seqüência, mas quando para fica muito tempo sem acontecer essas coisas. É coisa de época. Um morreu, por que? Por causa do irmão, que o outro matou pensando que era o irmão, eles eram muito parecidos. O que morreu era gente boa e o irmão era usuário de drogas, ficou devendo, não pagou. Outro morreu, porque emprestava arma, era o bichão, aí mataram, foi lá cobrar o negócio dele e chegando lá papocaram o cara, dois, fugiram, estão preso. Uma família no Barroão, comprou droga, a mulher usuária de droga, só que o marido não era, o casal com uma filhazinha, mas a mulher tinha esse problema. Não pagou a dívida, e vieram lá da comunidade vizinha deram um chute na porta da casa e mataram a filha dela, a bichinha estava estudando, deram uns tiram lá, ela saiu correndo e só matou um dos caras.

João: Qual a imagem social que a comunidade tem da juventude?

Entr. 02: Na área da escola, que tem muitos jovens que estão bem entrosados, é muito legal, é muito interessante. A comunidade também vê isso. Mas ela vê e ela também elogia, mas também nem todos apreciam de chegar e dizer, dar valor ao que os jovens estão fazendo. E o pai as vezes não induz os filhos à participar também das atividades que tem comunidade, por isso eu falo que tem essa diferença. A minha opinião é essa. Não adianta eu chegar e elogiar o trabalho dos jovens que são participativos na comunidade e o meu filho eu não aconselhar ele a fazer.

João: A comunidade é muito conservado? As instituições são conservadoras, a Família, a Escola, a Igreja? Ou as coisas já estão mais liberais?

Entr. 02: O jovem ele tem que ter liberdade. Hoje em dia ele vai ter a liberdade dele, mas, também, dentro disso aí vai ocorrer uma autoridade mas não como antigamente. A Igreja, por exemplo ele está atuando ali, mas ele já pode dá sua opinião pra acontecer aquele evento, já pode participar de uma festa, dá uma opinião daquilo que ele acha que tem que ser e hoje os mais antigos já tão vendo que tem que acatar essas opiniões e se combinar com os jovens pra da certo.

João: E como os próprios jovens se vêm na comunidade?

Entr. 02: Muitos dos jovens aqui são participativos e muitos deles querem participar e não participam por conta do preconceito deles mesmos e do medo

deles mesmos. Medo de mostrar o que eles não são no dia-a-dia. É aquela questão, o medo de falar, esse é um dos pontos principais e isso varia. Medo de falar, tremer a voz, medo de se comunicar, de se envolver, vergonha do que as pessoas vão achar, que as pessoas vão mandar, se ele errar e tal. Agora se for um jovem bem cabeça ele vai em frente e não liga pra isso e acaba aprendendo com isso. Eu no começo era do mesmo jeito.

João: Esse medo existe numa determinada fase de vida e como o jovem ou a jovem supera. Quais são os caminhos aqui na comunidade podem facilitar a superação desse medo de falar de interagir do jovem?

Entr. 02: Primeiro eu acho que o jovem tem o medo de participar, de falar, de se comunicar, ali na escola, na Igreja, mas ele não tem medo de tá ali entre eles, mas eu acho que eles se superam assim, porque entre eles e entre elas existe uma afinidade, quando eles estão entre eles não tem vergonha e tem uma comunicação, do jeito deles. No espaço da ONG e outras atividades que tem na comunidade eles participam e eles se encontram justamente pra isso aí, porque se rola uma atividade, uma capoeira, o jovem vem. A escola já tá ali pra ensinar, passar tarefa, a ONG dá mais liberdade pro jovem ficar mais a vontade que na escola e eu acho que é isso, porque comigo é do mesmo jeito. Hoje sou um pouco mais solto, mas foi desse mesmo jeito.

João: Você acha importante a existência dessas atividades sociais, esportivas e culturais no bairro?

Entr. 02: Muito importante, porque essas atividades contribuem muito para ocupar os jovens, pra não deixar eles vazios. Acho isso importante e toda comunidade tem que ter, as pessoas tem que ter essa sensibilidade e construir um grupo de futebol, um grupo de leitura, qualquer coisa assim, que faça com que eles se sintam bem e não faça com que eles fiquem só vacilando nas ruas.

João: Aqui na comunidade já existe a expressão de vários desses movimentos de organização de jovens, de práticas esportivas, de expressões artísticas e culturais diferentes?

Entr. 02: Existe, mas também tem suas dificuldades. Tem um grupo de futebol, que é excelente, tanto com as meninas, quanto com os meninos, que dá muita gente que participa, que os pais também são envolvidos, que eu vejo. Também tem o pessoal da Igreja que produz um trabalho de arte através do coral da Igreja, dos grupos de orações. Tem o Centro Cultural com o grupo de percussão, que os meninos participam tocando, não tem vergonha tocam, pegam as baquetas e mandam ver no couro. Além do reisado, a brincadeira de boi, a capoeira, que são manifestações que pelejam com a nossa cultura e os jovens participam, nós renascemos isso na comunidade. A escola tem a banda marcial junta muitos meninos e meninas também, que agora tá mais aberta, antes só tocava no 7 de Setembro e agora tá nos eventos da comunidade e a moçada quer mais é tocar a

toda hora, é muito “verme” pra tocar, mas é problema não pode ensaiar na escola, não pode ensaiar na praça, por causa do barulho muito grande, as pessoas reclamam. Tem ensaiado algumas vezes no Centro Cultural, mas tem reclamação.

João: E com é a expressão do corpo para o jovem aqui na comunidade?

Entr. 02: Essa parte do corpo é mais difícil que a própria fala, o enfrentamento da pessoa com a população, com a comunidade e de como ela reage, porque aqui tem essa questão do preconceito muito grande, se eu quebrar o corpo diferente, sei lá... se eu fizer um movimento, já pode vir uma piadazinha, entendeu, uma crítica e eu com medo disso ai, o jovem com medo disso ai, vai se acanhar e não desperta o interesse, aquele meu interesse, um outro lado, a parte do eu, a arte que não vai despertar. O menino tem que andar todo parrudo, porque na visão do pessoal é isso senão ta virando isso, tu é isso é aquilo. As meninas elas não tem medo não, ela desde o início que as mulheres andam de mãos dadas, tem mais amizade. Antes eu não tinha isso de chegar e pegar na mão de um amigo dá um abraço e tal, demonstrar aquela amizade, eu aprendi isso na capoeira. Tem que dá o abraço, um homem tem que abraçar o outro porque tem que mostrar que a amizade ta firme ali, que um gosta do outro e tal. As meninas já tem isso desde criança, desde a brincadeira do elástico, brincadeira de boneca, mas pro homem isso foi negado. Mas, agora, no momento já é moda, sei lá, eu acho, eu acho, não tenho certeza. Hoje as meninas encaram as coisas tem menina-menina, tem lésbica, tem homossexual e é normal aqui na comunidade. Só que tem uns que aqui e acolá diz que diz meu negócio é outro, mas todo mundo convive com as mesmas peças.

João: Você falou de diferentes jovens, aqui na comunidade existem grupos de jovens que se expressam por uma identidade cultural específica, que se agrupam a partir de um estilo de vida, uma ideologia? Aqui tem essa questão de gangues?

Entr. 02: Tem. Tem certas ruas que eu mesmo não ando porque você acha que vai ser assaltado e, também, tem jovem que apronta numa determinada área e fica queimado e não pode ultrapassar a fronteira. Tem os meninos que são gays e existe muito preconceito quem critica os jovens homossexuais na comunidade

João: Existem políticas públicas para os jovens aqui na comunidade?

Entr. 02: Rapaz eu não tenho certeza, mas ate um certo ponto não tem não. Mas agora eu acho que ta tendo, o que ta acontecendo agora, que ta vindo através do Primeiro Encontro de Juventude, realizado pelo Centro Cultural e no meu entendimento veio a partir desse encontro, a ONG promoveu esse encontro, que abalou a comunidade todinha e não só, as comunidade vizinhas também e fez que trouxesse essa discussão sobre políticas publicas pra cá. Deu espaço para que os jovens criticassem a realidade que vivem aqui no bairro e dessem idéias construtivas e que veio a resposta depois, porque está acontecendo, como as pessoas já estão tentando o PróJovem pra cá e tal, fora isso ai vai vir outros cursos, que com esse evento deu produção, deu vivência pra que isso acontecesse.

João: Qual foi o teu primeiro contato com o Centro Cultural?

Entr. 02: Ai foi difícil. Eu vi o pessoal montando, os tijolos, eu vi, o alicerce, eu. Só que na época eu era, eu era corda branca de capoeira ainda e o Miguel chegou dizendo tão fazendo uma ONG ai. Na época começou a vir umas capoeiras diferentes e a galera começou a sair dos grupos e quando a ONG foi construída eu não vim logo não. Depois disso, cheguei a visitar a ONG era outro professor de capoeira lá e a gente chegava até a jogar a capoeira com ele lá. Depois de casado eu vim morar aqui na Pedra e foi quando eu tive mais contato com a ONG e foi a época que saiu o professor de capoeira. O primeiro contato com a ONG foi uma apresentação que eu fiz para o diretor da escola e já tinha feito outras apresentações pra ele, foi nesse negócio de eleição, eu tinha levado trinta (30) capoeirista, tava tocando berimbau, os meninos se apresentando lá e ele disse pra eu participar da seleção de um projeto porque tinha tudo pra entrar. O projeto era o FECOP, que eu acho quem trouxe esse projeto pra comunidade foi o teatro da Feiurinha, do Centro Cultural, dirigido pelo João Tancredo e o Juarez. Botei nome lá e eu fui o primeiro na seleção. Fiz entrevista com o pessoal de frente, fiz uma oficina com o pessoal que veio lá a Secretaria da Cultural do Estado e fiquei o primeiro na seleção. Esse foi meu contato com o Centro Cultural, ai eu fui ficando, fui ficando e tô lá até hoje.

João: Quais foram as formas de participação na ONG, que atividades você teve oportunidade de desenvolver nesse espaço?

Entr. 02: Eu cheguei lá com a capoeira, mas dentro da capoeira eu jogava as danças folclóricas, que a capoeira tem e eu via isso e já tinha outros grupos de dança lá e eu fui me identificando e fui participando. Se me chamasse para fazer parte de uma dança eu ia, se me chamasse pra fazer parte de um teatro eu ia, e tal, fui participando, fui me identificando e foi ai que eu fui vendo que dava certo. Tô na capoeira, faço o teatro, a dança e aprendi muita coisa com as oficinas no Centro Cultural, as oficinas do FECOP e eu aproveitava, participava muito.

João: Qual a importância dessa ONG para a tua formação para o teu crescimento?

Entr. 02: O Centro Cultural, quando eu conheci a minha vida mudou muito porque foi uma das primeiras portas que se abriu pra mim, depois da capoeira. Ali eu fui vendo onde estava o meu caminho. Primeiro foi a cidadania, o aprendizado, a amizade que eu criei lá dentro, mas também algumas “desamizades”, porque no caso da capoeira, no espaço da ONG surgem conflitos que vez por outra a gente tem que saber desatar o nó, nem sempre é só união. Meu caso é capoeira, mas no FECOP, quiseram no Centro Cultural que eu dominasse a dança, porque o pessoal que dava aula dança não era o que a ONG queria e eu tive que dá essa aula. Eu não fiz isso porque eu quis fazer, mas porque as pessoas na ONG acharam que eu tinha potencial pra administrar aquele trabalho e eu assumi. Até porque quem estava fazendo não tinha compromisso e tava ali porque

sabia o que tava fazendo, tava na raiz da capoeira, o trabalho com folclore, com a cultura popular eu gosto.

João: Qual a importância dessa ONG para os jovens da comunidade?

Entr. 02: Ela é importante, primeiro porque é um meio de lazer que muitos jovens não tem, né. Um lazer diferente porque além de você tá ali brincando, você tá ali aprendendo, você tá formando gente da gente. A importância da ONG é isso, pegar aquele jovem que tá ali, só vacilando, vai pra escola, mas nas horas vagas fica por ali só vacilando e trazer ele pra cá, aprende mais, se desinibe mais, faz amizade, se forma cidadão através das atividades culturais. Ele demonstra o que é e a gente toca a alma dele, porque uma coisa é você tá no dia-a-dia ali, trabalhando só com a cabeça, a leitura e outra é trabalhar com o corpo, com o espírito, com o geral, se libertando, a capoeira dá esse consciência, pro meninos, pra meninas.

João: Pra você quais são os principais desafios, as principais contradições do Centro Cultural?

Entr. 02: O primeiro desafio é juntar um coletivo de jovens e segurar esse pessoal pra construir um grupo bom, que a gente possa contar, que a gente possa mostrar, que eles amadureçam com a gente e mostrar para os que estão chegando agora que o jovem tem valor e dá respostas. Uma contradição é acreditar numa coisa que acha que vai da certo e chega lá no topo e volta pra traz, é sempre esse desafio, também, porque o jovem daqui é desse jeito é a gente tentando ajudar da forma que pode. Porque também tem aquela coisa, na verdade a gente acaba se relacionando assim não é aquela distância do educador pra aluno eu de um lado e ele de outro. A gente tem uma aproximação maior e isso também é uma dificuldade porque acaba fazendo com que a gente entre em contradição no trabalho, porque o envolvimento na comunidade é grande e o trabalho fica tão comum, os cara se acostumam e não valorizam. As coisas se tornam comum e igual ao mesmo tempo e acaba o interesse. A amizade é bom, mas o respeito também e o trabalho tá ali, mas fica, não leva a mal não, mas às vezes fica meio assim e os caras vão e vai, se sai, as vezes chega ao ponto de eu ficar sozinho.

João: Existe uma tendência do jovens de valorizar o que é novo e que vem de fora do bairro?

Entr. 02: Na verdade é assim, o jovem ele é muito de experimentar. Ele quer ver como é que é. Acho que tem isso aí também. Se eu sou um cara antigão vai vir, quem vai passar sou eu, porque eu sou o antigão, aí eles vem só na curiosidade, mas depois que eles vêm como é que é, que tem que passar por um processo todinho, tem disciplina, aí eles escapam de um por um. E o outro é o jovem que quer estar ali só pra brincar mesmo e ajuda pra construir o trabalho, porque a capoeira pra cresce ela depende uns dos outros, é um trabalho de grupo. Tem outros casos também que sai porque causa da causa financeira, por questão da religião. Teve um que deixou a capoeira por causa da religião, virou evangélico, e

foi tirando os outros, foi tirando, foi tirando. Esse negócio de religião é muito disputado aqui nessa comunidade. É muito disputado e eu já passei por dificuldades por conta do preconceito da associação da capoeira religiões afro-brasileiras, é macumba. E não só na capoeira uma vez eu fui critica por fiz um trabalho de dança de rua que usei umas máscaras de bruxa e um cara da Igreja disse que esse trabalho era coisa do demônio e não era a capoeira, era dança de rua e teatro. No caso tinha um menino doido pra fazer capoeira e eu fui conversar com a mãe dele e ela explicou que a doutrina da Igreja não permitia, só podia participar de futebol, mas capoeira não pode a Igreja (Pentecostal) vê a capoeira como macumba. Eu disse, tudo bem.

João: O que é participação pra você?

Entr. 02: A participação pra mim depende porque nem em todo canto eu posso estar presente. Mas a participação é importante para a pessoa aprender e para a pessoas criar mais amadurecimento e a cidadania não é só ser cidadão, é ser cidadão e saber ajudar o outro a cidadão também.

João: Você é uma pessoa que ta mais preocupada em construir o teu projeto pessoal de vida, a tua individualidade, tua vida privada ou você tem um compromisso com o social, com a comunidade?

Entr. 02: Eu não me preocupo muito comigo, não. Eu me preocupo mais com o meu trabalho, que é um trabalho com a comunidade, por isso é que às vezes eu fico doente da minha cabeça, porque é difícil mesmo trabalhar aqui nessa comunidade e ao mesmo tempo é fácil e eu sacrifico a minha vida pessoal. Se eu fosse me preocupar comigo já tinha saído fora de tudo.

João: Você acredita que é possível construir um mundo melhor, uma comunidade melhor?

Entr. 02: Um mundo melhor eu sozinho não posso construir não, mas se tiver várias pessoas fazendo o que eu faço e acredito que existe isso, as pessoas que tem um caráter, que são pessoas boas, que já começaram a fazer a sua parte também, eu acho que vai mudando muita coisa.

João: Enquanto jovem como você está construindo a sua cidadania aqui na comunidade?

Entr. 02: Eu me acho uma pessoa comum, como qualquer cidadão, que sai pra trabalhar, que chega em casa... Só que tem uma diferença é que eu hoje não trabalho com máquina, eu trabalho com gente e fazendo cultura eu deixei de ter uma carteira assinada numa fábrica pra ser professor de capoeira e é isso que eu faço, vivo disso trabalho com danças folclóricas, sou mestre de boi, faço o Reisado da Pedra e se a pessoa me chama é porque dá um brilho, pode ser em qualquer evento, cultural, movimento da comunidade, aniversário, escola, outras ONGs e eu como faço parte da comunidade, tenho que fazer parte disso ai também. Pelo o que

eu já construí até hoje, não que eu não esteja satisfeito, mas eu tenho que melhorar mais, tenho que procurar ser mais.

João: Qual a tua opinião sobre a política partidária e sobre os políticos?

Entr. 02: Primeiro eu não gosto de política e segundo não dá pra viver sem ela porque ela tá em todo canto e todo dia tem uma política diferente e a gente tem que aprender a conviver com essas coisas. Mas minha opinião sobre política é essa eu não gosto da política, mas tenho que aprender a conviver com ela. Os partidos têm que ter, mas pra mim não resolve nada não, não gosto. Muita gente fala muito, muita gente tenta, até porque o mundo é grande demais, não dá pra resolver não, nem dentro dessa comunidade aqui dá pra resolver, talvez, no máximo dê pra amenizar. Os partidos eles amenizam nas áreas deles, mas não resolve. Até porque quando eu te digo que eu não gosto de política é porque eu não sei nem falar de política, eu não gosto mesmo.

João: Você não acha que se tornou um ser mais político através da capoeira, do teatro, da dança, da cultura popular, através do teu envolvimento com ONGs, atividades sociais?

Entr. 02: Isso aí é verdade, mas é diferente porque é uma política voltada para a própria comunidade. Eu posso participar da política, mas dentro da minha política que é a cultura, não é a política...Sei que eles tão brigando por alguma coisa, mas eu tô brigando também, mas eu tô brigando de outra forma, eu tô brigando vestido de capoeira, tô brigando vestido de reisado, tô brigando de outra forma, não é na linguagem dos políticos, é na linguagem da cultura, a linguagem que eu aprendi, mas com a clareza disso aí tudinho. Porque, senão... se eu não souber o que eu tô fazendo eu não sou um cidadão.

João: Muito obrigado pela entrevista.

Entr. 02: Eu é que agradeço.

FIM.

ENTREVISTA 03

GLÁUCIA (26)

ENTREVISTA 03

João: Eu queria iniciar te pedindo pra você se colocar um pouco sobre a sua história de vida e a relação com essa comunidade, você nasceu e se criou aqui?

Entr. 3: bom eu não nasci aqui, mas eu fui adotada pela comunidade, porque eu me sinto uma filha daqui, eu cheguei com dois anos de idade. Tive uma infância maravilhosa, apesar de ter muitas dificuldades porque a comunidade aqui sempre foi muito carente, claro que todos nós aqui tinha algumas dificuldades, mas eu tive uma infância maravilhosa, gozei muito. Uma infância linda. A adolescência já foi um pouco complicada. Sempre estudei nas escolas públicas da comunidade, no Tristão de Alencar, mas menos complicada que a juventude da atualidade. Agora eu tenho 26 anos.

João: Me fala das relações comunitárias, as brincadeiras, os espaços, os tempos nesse momento da tua infância e adolescência e me faz uma comparação com o que você vê agora. Quais são as tuas preocupações em relação a juventude atualmente?

Entr. 3: As diferenças são todas. Porque eu sempre concordo com isso e comprovo gosto de fazer essa comparação conversando com minha irmã, há no meu tempo quando eu era criança a gente brincava na rua, jogava bola, brincava de carimba, brincava de roda. Os espaços... tinha espaço comunitário, tinha uma casa paroquial, tinha o catecismo, que a gente tirava uma hora para o catecismo e a outra hora de brincadeiras. Sabe era muito mais interação, muito mais crianças. E hoje a gente não vê mais isso. A gente não vê mais as crianças fazendo isso. Estão todas trancafiadas em casa assistindo TV, de frente para o computador, jogando vídeo game, não tem mais aquela brincadeira, aquela coisa saudável. São pouquíssimas as pessoas que a gente vê jogando de bala, brincando de roda, como era na minha época.

João: As ruas aqui já têm mais trânsito (veículos)?

Entr. 3: Bem mais trânsito e a questão da violência também. Na minha época de infância praticamente não tinha violência aqui e se tinha não era como hoje. Hoje o índice de violência está altíssimo aqui em nossa comunidade. Antes a gente se reunia com as nossas colegas íamos brincar de esconde-esconde, remã-remã... essa brincadeiras populares. Hoje se você chegar para uma criança e falar vamos brincar de remã-remã? O que é isso? Elas não sabem. Como é que não sabem? Ninguém passou pra elas, ninguém ensinou pra elas brincar dessa forma.

João: E as relações de amizade, hoje os jovens tem mais facilidade ou não. Como é essa interação social entre jovens na comunidade?

Entr. 3: Eu vejo por um lado assim, quem tinha suas relações de amizade desde a infância, cultivou isso e hoje tem essa relação. Hoje é muito fácil pra fazer amizades, mas tem aquela coisa, assim, do medo, você chega conversa com uma

peessoa, mas... tem aquela coisa, porque são muitas pessoas novas que chegam na nossa comunidade, você conversa, você interage, mas tem aquele medo, porque você não conhece, não sabe o passado daquela pessoa, você não sabe a fundo, entendeu.

João: Qual a tua visão da comunidade?

Entr. 3: É uma comunidade boa, aqui tem muita gente do coração bom, mas precisa melhorar, entendeu, precisa melhorar bem mais, as pessoas precisam ter compreensão melhor, precisam se dedicar pra trazer coisas para dentro do nosso bairro, coisas novas. Porque assim, somos muito carentes, em todos os sentidos e não vejo muito incentivo das pessoas que têm uma visão mais completa de incentivar pra lutar por isso, o nosso bairro é uma comunidade difícil, então, vamos lutar por isso, acho que não tem muita união pra fazer com que a comunidade cresça.

João: Com relação ao trabalho isso começou cedo na tua vida, você teve experiência de profissionalização. Fala um pouco sobre essa questão.

Entr. 3: Eu comecei a trabalhar muito cedo. Foi assim, eu comecei a querer ganhar o meu dinheiro eu tinha dez (10) anos de idade. Já ia me virando, porque as coisas na minha casa nunca foram as mil maravilhas, então, todo mundo tinha que ganhar alguma coisa pra poder se virar um pouquinho porque meu pai nunca ganhou bem. Então com dez anos, eu não tenho vergonha de dizer, foi quando a minha irmã nasceu, uma fase muito difícil na minha casa e minha mãe procurou fazer alguma coisa pra ajudar, pra ganhar algum dinheirinho. Então ela começou a fazer din-din e eu vendia din-din na escola, vendia din-din no campo, em todo canto e com isso a gente foi melhorando a nossa renda em casa. Eu estudava à tarde e vendia o din-din pela manhã ou quando não estudava pela manhã e vendia o din-din à tarde e sempre estudei e sempre trabalhei. Quando terminei o ensino médio, eu disse assim, eu tenho que procurar alguma coisa para melhorar a minha vida e foi quando eu arranjei outro empregozinho, não de carteira assinada, mas que eu era remunerada, pra eu me virar.

João: O que é juventude pra você?

Entr. 3: É a fase mais maravilhosa. É a fase em que se planta e logo após que é a velhice a gente está colhendo os frutos.

João: Como se dá as relações sociais entre os jovens na comunidade?

Entr. 3: Eu acho assim, a relação entre os jovens, eu acho que 70% da juventude ta um pouco meio perdida, mas esses 30% que sobram há uma relação de carinho, de amizade, de respeito, entendeu. Tem essa praça aqui, que as pessoas têm medo de ir, de freqüentar, mas é o único lugar onde reúne a juventude. Você passa a semana trabalhando, estudando, no final-de-semana liga, olha fulano, eu vou está

aqui na praça e se junta e vai contar um pro outro como é que foi a semana, entendeu, há essa relação, mas é um espaço de risco.

João: Há muita diferença de gênero na comunidade? Diferença na forma como os meninos são criados e as meninas são criadas?

Entr. 3: Há sim, o machismo ainda impera aqui. Na nossa comunidade eu vejo assim os menino são criado de uma forma que o pai impõe não faz isso ou aquilo porque é coisa de menina. Então, eles já crescem com isso, com esse machismo. E as meninas são criadas para serem donas de casa e essas coisas assim.

João: Qual é a imagem social que a comunidade tem da juventude?

Entr. 3: É uma imagem negativa. Tipo assim, na questão da violência, na questão do uso de drogas as pessoas discriminam assim, a maioria são os jovens, só os jovens. Fulano de tal no meio é jovem. Eu acho que não é bem assim, grande parte são os jovens mas tem muita gente adulta com a mente formada que também faz parte, entendeu. Era pra dar um exemplo bom e não.

João: Como é visto e tratado o jovem por instituições como a Família, a Escola a Igreja?

Entr. 3: Eu acho que cada instituição dessas tem um ponto de vista diferente e uma forma diferente de tratar o jovem, sabe. A escola, eu que, tirando o exemplo da escola daqui, ela vê o jovem de uma forma mas ela não sabe como lidar, ela fica meio perdida, de como vai tratar, trata o jovem de uma maneira, mas não procura, se o jovem tem um problema, não vai querer saber a raiz daquele problema, entendeu, eu acho. A escola é pra isso se eu estou com um aluno e o jovem ta com problema, vamos conversar, reunir pai, mãe, filho e tentar cuidar do problema. Já a Igreja tem outra visão, não faço parte da Igreja, mas eu também comento isso, era pra ter bem mais jovem na Igreja, só que de uma forma, não sei porque os jovens acabam se dispersando muito da Igreja. São pouquíssimos os jovens que freqüentam a Igreja, não sei qual é a causa.

João: As famílias ainda são muito conservadoras ou já são mais liberais aqui nessa comunidade?

Entr. 3: Bem mais liberais, antes era bem mais rigoroso. No tempo em que eu fui criança, adolescente, meu Deus do Céu, hoje não, hoje você já vê, assim bem mais liberal, porque eu acho que a família, também, não tem mais tanto controle sobre os jovens, sobre os adolescentes.

João: Na sua opinião como os próprios jovens se vêem aqui na comunidade?

Entr. 3: Parte deles se vêem discriminados, a parte que tem uma consciência, eu acho que eles se sentem discriminados, por muitas vezes procurar alguma coisa, algum incentivo e não são ouvidos, ficam ofendidos.

João: Como é essa questão da formação dos grupos de jovens na comunidade?

Entr. 3: Eu tenho uma visão que tem muita gente talentosa no nosso bairro, mas não se formam muitos grupos por falta de incentivo. As vezes até gostam de alguma coisa, só que têm vergonha de demonstrar aquilo. Então precisa de muito incentivo: olha você é talentoso, vá em frente, que você consegue. Tem só alguns certos grupos talentosos mas ficam retraídos. Agora se tiver alguém que dê incentivo, espaço. Esse espaço aqui é pra você pegar o seu grupo, pra você ensaiar e levar isso pra frente. Os espaços sempre foram poucos, mas a gente tem esse espaço aqui da ONG (Ave Fénix) que é maravilhoso, dessa instituição aqui, que se abre para os diferentes grupos, pra quem quiser mostrar o seu talento e investir no seu talento. Mas a questão do espaço para o jovem na comunidade sempre foi muito pouco.

João: Essa questão da ação comunicativa, a relação do jovem com a formação da sua identidade, o uso da fala, os atos de comunicação, a afirmação de sua personalidade na comunidade, isso é fácil pra juventude? Como foi a tua experiência?

Entr. 3: É um processo difícilimo, eu digo porque, assim, eu sou totalmente tímida. Trabalho em rádio, mas se eu ver, o público, todo mundo olhando pra mim, eu fico, sabe... Para mim não foi fácil criar a minha identidade e para outros jovens eu sei que também não é. O que é que precisa, precisa você viver coisas diferentes, conversar mais, porque o diálogo é a base de tudo e na família está quase se perdendo isso, sabe eu acho que não há mais. Se você não tiver uma família bem aberta, bem cabeça. Porque eu acho que o pai é sempre mais fechado não procura filho pra isso, quase nunca procura, mãe ainda é mais sociável, o filho é tímido, se ninguém procurar o diálogo, se ninguém sentar pra conversar, então se perde isso, entendeu. Ai eu acho que o jovem tem vontade de sair, procurar outros ambientes pra começar a formar a sua identidade. Eu comecei a formar minha identidade na escola. Com trabalhos de apresentação, que vou apresentar isso, então estudava e chegava lá apresenta e via que aquilo era bom para a minha timidez. E fui me aperfeiçoando até melhorei e ainda sou tímida, mas já melhorei praticamente 90%.

João: Atividades esportivas, artísticas, culturais, lúdicas, elas são importantes nesse processo de formação da juventude?

Entr. 3: Com certeza, eu diria se pudesse investir nisso pra se criar jovens bem mais abertos à tudo, bem mais interativos, sabe. Mesmo que você veja um jovem ali que não interage, no fundo, no fundo tem que ter alguma coisa que o agrada e você tem que investir naquilo.

João: Aqui no bairro existem muitas possibilidades de atividades dos interesses dos jovens? Há políticas públicas para os jovens, aqui no bairro?

Entr. 3: Não muitas, eu acho que é por conta disso que a nossa juventude está tão perdida na violência e no uso de drogas. Mas assim, hoje não muita, já tiveram mais.

João: Como você vê essa questão da violência, existe essa questão de territorialidade, gangues, tráfico de drogas? Como é o envolvimento da juventude com isso?

Entr. 3: Eu acho que o quadro da violência aqui cresceu horrendamente. Sempre existiu essas coisas de violência, gangues, do pessoal da Pedra não podia ir pra outro lugar, tinha essa confusão, mas hoje piorou. Tanto pela questão territorial, pelo uso de drogas, que cresceu em proporções enormes e eu acho, que a juventude, por causa dessa busca da identidade, ela é mais suscetível a isso. Mas pra tudo existem meios, então eram para existir bem mais políticas públicas para tirar esses jovens da ociosidade, da marginalidade, do meio da criminalidade. E aqui a gente não vê isso

João: Agora vamos conversar um pouco sobre esse espaço específico da ONG. Qual foi o teu primeiro contato com essa instituição?

Entr. 3: Meu primeiro contato com a ONG foi a biblioteca. Eu sempre digo assim, que eu passei por uma fase muito ruim então a única coisa que eu fazia, que me satisfazia era ler e eu não conhecia a ONG muito bem, eu também estudava na época e tinha que fazer trabalhos escolares. Como eu não conhecia a ONG muito bem e não tinha muito contato com as pessoas daqui eu tinha vergonha de vir até lá pegar os livros. Eu tinha uma amiga que vivia aqui e eu pedia e ela pegava livros emprestados pra mim. Ai eu disse quer saber de uma coisa eu vou lá. Um dia eu vim entregar um livro, conheci a biblioteca. Nessa época a gente entrava na biblioteca, ficava vendo os livros e tal e vi que tinha muitos livros bons e fiquei freqüentando a biblioteca assiduamente, acho que dia sim, dia não eu tava aqui, trocando livro porque eu lia demais. Teve uma segunda fase, que já havia terminado o ensino médio, então eu estava sem emprego e a única coisa que eu tinha pra fazer era ler, ai eu pega livros e passava o dia lendo. E teve outra fase que eu participei do projeto, ai eu participava da ONG todos os dia manhã e tarde.

João: Que outras atividades além da biblioteca você teve oportunidade de vivenciar aqui na ONG?

Entr. 3: Fiz muitos cursos aqui. Fiz curso de Inglês, fiz um pré-vestibular, também. Foram diversas coisas.

João: Qual a importância e o significado dessa ONG para a comunidade?

Entr. 3: Eu acho assim, que essa ONG é uma das poucas portas abertas que nós temos aqui, sabe, no sentido de evolução, no sentido de arte. Se as pessoas bem soubessem cuidavam melhor, porque assim é uma riqueza que nós temos em nosso bairro. Uma das poucas riquezas do nosso bairro, quanto arte, quanto educação.

Existem outras associações aqui no bairro, qual o diferencial dessa especificamente?

Entr. 3: O diferencial dessa ONG é como eu já disse é a única porta que se abre para todas as pessoas, porque as outras instituições aqui não têm legitimidade. Você chega nas outras instituições aqui, se procurar um espaço elas não lhe oferecem, você não sabe nem com quem falar, com quem está a cargo, se precisa de uma coisa a instituição tal pode te ajudar, você chega lá, você conversa com a pessoa, ela vai procurar saber se pode te ajudar ou nem te atende e aqui não. As portas estão abertas, sempre que a gente precisa, pra juventude. A juventude está aqui.

João: Qual a importância e o significado dessa instituição para a juventude?

Entr. 3: Eu acho que é um ótimo lugar para se descobrir a identidade. Porque aqui o espaço é maravilhoso, você tem oportunidade de fazer diversos cursos, tem a biblioteca maravilhosa, e eu acho que a juventude deveria estar bem mais presente aqui, porque ela não sabe o que está perdendo.

João: Pra tua vida pessoa, o a ONG contribui para mudanças na tua vida?

Entr. 3: Contribuiu em vários aspectos e em muitas coisas. Foi aqui que eu me tornei quem eu sou hoje. Sabe eu fiz várias atividade, várias coisas aqui dentro e me orgulhava de estar aqui. Sempre tive muita dificuldade, mas era.... A juventude aqui era bem unida. Se a ONG estava passando por uma dificuldade, todo mundo se juntava. Olha, vamos ver o que a gente pode fazer, vamos fazer isso, pra levantar. Eu me descobri, é aqui, eu tenho uma afinidade por isso. Mas foi aqui que resolvi correr atrás.

João: Na tua visão quais são os principais desafios e contradições dessa instituição?

Entr. 3: Eu acho no momento em que a ONG vive, que passou por uma fase de transição o desafio que a instituição tem agora é resgatar novamente essa juventude.

João: O que é participação e cidadania?

Entr. 3: Participação é você mostrar quem você . Tem um evento ali, você chega e dá sua opinião, mostra pra que veio. Cidadania é lutar pelos seus ideais, você correr, você batalhar e dentre outras coisas eu falo que é isso.

João: Você acha que é importante participar dessas atividades sociais, culturais, esportivas, comunitárias e políticas, que acontecem no bairro?

Entr. 3: Tanto pelo seu crescimento pessoal, como para o crescimento da comunidade.

João: Qual a sua opinião sobre a política partidária e sobre os políticos?

Entr. 3: Eu acho que eles estão acomodados, estão vendo o que está acontecendo Brasil afora e não tomam medidas mais rigorosas. Eu acredito que essa coisa de dar esmola para o povo não vai melhorar a vida de ninguém não. Tem que investir mais é em educação, educação de qualidade, saúde, porque o povo tá precisando é disso.

João: Além da sua participação nessa ONG, você já participou de outros movimentos sociais?

Entr. 3: Já sim. A rádio comunitária. Uma experiência maravilhosa. Um espaço onde descobri muito. Sou apaixonada por rádio e descobri isso lá. Eu entrei pra trabalhar como telefonista, detestava microfone, mas quando eu entrei a pessoa que me contratou disse: no dia que faltar um locutor você vai ter que fazer o programar. Eu entrei em pânico, mas como o comunicador do meu horário vivia faltando eu tinha que assumir o lugar dele três vezes por semana e aí eu acabei me acostumando e hoje em dia eu não consigo viver sem a rádio. Foi maravilhoso. Eu perdi mais a minha timidez, eu cresci bastante. Dois ambientes que eu digo que cresci bastante foi a rádio e essa ONG. Hoje estou cursando fisioterapia, estou quase concluindo e estas experiências e incentivos contribuíram, porque assim, eu não sei se você sabe, mas aqui na nossa comunidade pouquíssimas pessoas fazem um curso universitário e conclui. É muito carente isso e eu tenho orgulho de ser uma das poucas pessoas que está concluindo. Eu concluo agora no final do ano. E recebi muito incentivo de pessoas da ONG e da radio.

João: Tua participação esta mais voltada para tua vida pessoal ou para a comunidade?

Entr. 3: As duas coisas estão juntas. A minha vida pessoal está tomando muito do meu tempo, mas quando eu tenho oportunidade, quando uma pessoa vem me falar eu digo, olha você tem que corre atrás, porque se não corre não vai consegui, sabe, mas se eu tivesse mais tempo, claro que eu tava muito mais comprometida com o social aqui na comunidade.

João: Obrigado pela entrevista. Suas informações vão contribuir bastante para o meu estudo.

Entr. 3. Obrigada. Eu é que agradeço.

Fim

ENTREVISTA 04

PAULA (24)

ENTREVISTA 04

João: Quero começar com essa questão da tua história de vida e a relação com a comunidade. Você nasceu e se criou aqui na comunidade?

ENTR. 4: Realmente eu nasci e até hoje estou morando aqui na comunidade e minha infância foi bastante agradável. É foi um época muito boa, da qual ainda me recordo bastante. Eu acho que tive uma infância muito boa e aproveitei o máximo, né. E o que a gente ta vendo hoje as crianças, infelizmente, as crianças não tão tendo mais a oportunidade de realizar esse momento que é tão agradável, que é a infância.

João: Como foi a tua infância, quais eram as brincadeiras, como era a comunidade?

ENTR. 4: Nossa na época que eu era criança a falta era a coisa que mais atingia a nossa comunidade então, por ser criança a gente adorava pegar os baldes e latas e ir pra fila do chafariz, era uma farra pra criançada. Além do mais rolava muita comédia, briga entre as mulheres, pelos lugares, muita confusão quando o motor quebrava e fofoca, todo mundo sabia de tudo na fila do chafariz: das novidades na comunidade e da vida alheia também. Além das brincadeiras clássicas mesmos de pega-pega, de esconde-esconde, aquelas coisas de infância que hoje estão se perdendo. Um das que eu mais gostava quando era criança, tinha um riacho na comunidade, então, bom era a brincadeira da moleca ir para o riacho, lá a gente se esbaldava, ficava brincando, era uma coisa muito legal, que me recordo bastante e hoje ele existe, mas não é mais recomendável para o banho porque está sujo, poluído, cheio de lixo, o que é uma pena, porque muita gente lembra muita bem desse riacho, que fica ai no pé do serrote e todas as pessoas daqui gostavam. Hoje não tem mais esse lazer, esse contato com a natureza.

João: Sobre a formação da identidade, a adolescência, a relação com os amigos. Como é que foi esse teu momento aqui na comunidade?

ENTR. 4: Bom na verdade a base é na infância, quando você tem uma infância agradável, a adolescência também é bastante agradável e foi isso que aconteceu comigo. Dos vínculos de amizade que eu tinha na infância é justamente os que fizeram parte da minha adolescência e fazem parte ainda hoje na fase da juventude em que eu me encontro e é muito agradável. Hoje tenho 24 anos. Tem até aquela história de que quando você está na adolescência são os aborrecentes, né, aquela história e comigo isso não aconteceu. Lógico, foi uma fase de transformação, daquela loucura toda, de você querer um coisa e não poder, mil e uma idéias na sua cabeça e tal, é uma loucura toda, mas eu acho que com a ajuda dos amigos eu consegui fazer com que essa fase fosse bastante agradável.

João: A tua escolaridade foi aqui na comunidade?

ENTR. 4: Isso fez do Jardim até a 8ª Série aqui na escola da comunidade (pública), a infelizmente aqui não tem, ainda, o Ensino Médio, então eu fui terminar meus estudos em Messejana. Fiz os três anos do Ensino Médio em Messejana. Desde muita novinha, desde os 13, 14 anos eu já queria uma profissão, eu sempre quis ser jornalista, sempre gostei muito de escrever, sempre gostei muito de ler e as vezes gosto de criticar algumas coisas e tal. Acho que minha profissão certa seria jornalismo e fui crescendo com essa idéia. Fui alimentando, alimentando, consegui fazer vestibular para uma particular, consegui ajuda de algumas pessoas da minha família que ajudaram bastante no pagamento das mensalidades, mas é quase impossível você ir até o final. Ela está traçada, por enquanto, mas é uma coisa que eu estou planejando muito tempo retornar e eu acho que no próximo ano, mais tardar, eu quero retornar, porque era uma coisa que eu estava gostando muito e eu não quero deixar isso passar não e quero retornar.

João: Qual a tua visão da comunidade?

ENTR. 4: Nossa, ta muito transformada, você pode ver, se fizer uma análise da minha época pra cá, houve uma transformação enorme, assim, não pra melhor. Porque antigamente era uma comunidade menor, com menos pessoas e mais tranquila. Era mais fácil o convívio entre as pessoas e, conseqüentemente, teria sido mais fácil naquela época, se tivesse tido uma organização melhor ter conseguido coisas melhores para o bairro. Hoje, porém, tem muita gente, mas é uma minoria que quer melhorias para o bairro. Esse aumento da população do bairro trouxe um atraso, as coisas estão piorando. Tanto é que aqui a gente tem vários problemas. Essa questão da escola é uma coisa que já deveria ter resolvido há muito tempo porque muitos jovens acabam desistindo de terminar o Ensino Médio porque tem que se locomover pra Messejana, outros bairros ou municípios vizinhos, como tem um colégio próximo e que já faz parte de outro município. Isso poderia mudar e ser muito melhor se houvesse uma escola(Ensino Médio) no próprio bairro.

João: O que é juventude pra você?

ENTR. 4: Nossa juventude é uma fase boa, uma fase de conquistas, uma fase de conhecimentos, uma fase de reflexão, principalmente, eu acho que juventude é uma época que deveria ser aproveitada ao máximo porque o você conseguir na tua juventude vai te levar para o resto da tua vida. É uma transformação que começa lá da infância e você tem que seguir, evoluir, ir aumentando e não diminuindo. Eu acho que a juventude é essa fase, a fase em que você já tem consciência bastante do que você quer, do que você pode fazer, do que você deve fazer, do que você não deve fazer. Eu acho que é isso, mais ou menos.

João: Na tua opinião como é que se dá as relações entre os jovens aqui na comunidade?

ENTR. 4: É cheia de tribos, é incrível como em todo canto agora tem essa coisa das tribos. Todo mundo meio que deslocado no seu próprio grupo, fechado. E aqui no nosso bairro não é diferente não. É interessante isso, porque, por exemplo, tem aquele grupo das meninas arrumadinha as “Patricinhas”, dos meninos arrumadinhos os “Maurinhos”, tem aquela turma mais encanada e tal, meio que filosófica, e tem a parte daqueles mais concentrados, com o pensamento focado no estudo, que querem realmente fazer uma faculdade, querem ter uma profissão, tem aqueles que participam das Igrejas, tanto evangélicas, quanto católica. É muito dividido. Então, o que é que acontece. Infelizmente esses jovens não se abrem uns aos outros. Ficam cada um nos grupinhos deles, fechado. Isso não é legal, porque não há uma conversa, não tem diálogo entre esse diferentes grupos. Tem preconceito. Mas, já imaginou se pudesse juntar, por exemplo, grupo de evangélicos e católicos, pode muita gente achar que isso não tem nada a ver, mas é necessário.

João: Há diferença de gênero na comunidade? Diferenças de como os meninos são criados e de como as meninas são criadas?

ENTR. 4: Com certeza. Tem aquela velha história, menino pode tudo e menina tem que ser mais recatada, mais na sua. Mas isso tá mudando, na nossa comunidade isso tá mudando bastante. Pelo menos na minha família, no meu caso, lá em casa, são três moças e um rapaz e não tem isso não. O meu pai pegou no pé de todo mundo e ainda pega, mas eu acho que ele pega mais no pé do meu irmão, assim, ele quer mais uma atenção pro lado dele, que ele quer que seja um cara bom, trabalhador, que não se envolva tanto com esse mundo que tá violento, cheio de armadilhas para o jovem, digamos assim. Então, ele pega mais no pé dele por conta desse medo da violência e das drogas. Então ele pega bastante no pé do meu irmão por isso. Agora essa diferenças de gênero ainda tem na comunidade. A gente ver bastante. É próprio da cultura nordestina e infelizmente a gente não tem como mudar tão rápido assim.

João: Qual é a imagem social que a comunidade faz de seus jovens?

ENTR. 4: Aqui, por incrível que pareça tem bastante jovem e eu vejo que em outros tempos atrás tinha uma galera que estava afim de fazer mesmo uma transformação geral no bairro, como está acontecendo agora, tem um pessoal aí com o pensamento bem aberto nesse sentido e a comunidade está tipo que se assustando com essa nova massa de jovens que tá vindo, e fazendo muita coisa pra melhorar o bairro, vindo as ruas pra reivindicar direitos. Isso é uma coisa legal, que, com certeza, daqui pra frente vai incentivar outras pessoas, que tão chegando junto com a juventude. É de chamar a atenção.

João: Como são vistos e tratados os jovens por instituições como a Família, Igreja, Escola?

ENTR. 4: Pela família isso vai depender muito da criação eu acho dos pais. Muitos pais acham que os filhos, que os jovens são meio alienados. Na Igreja, principalmente na evangélica, eu vejo isso, que é um grupo que vem crescendo, eles vêem os jovens como um meio para chamar mais gente para a Igreja, entendeu, por conta da alegria e da descontração do jovem. Na escola, eu acho que poderia chamar mais a atenção no sentido de que os jovens têm opiniões diversas sobre vários assuntos, têm idéias bacanas, mas não são levados a sério, muito do que eles quer fazer no espaço da escola, as pessoas, os professores não dão bola, acham que eles estão falando aquilo só por falar e na hora do vamos ver não vai ser realizado. É uma visão ou algo desse tipo. Na família vai depender da criação, se você foi criado desde a infância, teve um acompanhamento maior, assim, a família vai encarar você como uma pessoa atendida, vai apoiar você em tudo que quiser fazer.

João: Como é que os próprios jovens se vêem na comunidade?

ENTR. 4: É engraçado isso, porque é como eu falei da questão das tribos. Então, um fica criticando o outro, por exemplo, que é mais chamado de “nerds”, que gosta mais de estudar é criticado pelo grupo que está ali mais desencanado e tal, na dele, não ta nem aí pra os estudos. Os católicos dão as suas alfinetadas nos evangélicos e vice-versa. Então, o que acontece aqui é que existe uma rivalidade entre os jovens e as instituições, que prejudica as relações sociais e o desenvolvimento da comunidade. Esse isolamento mantém o atraso.

João: Qual a situação dessa questão da violência e drogas entre os jovens aqui na comunidade?

ENTR. 4: A droga tem feito com que muitas famílias entre em conflito, porque é um dos problemas que mais atinge a comunidade atualmente. Houve um tempo que as pessoas falavam muito da gravidez precoce, agora, isso ficou pequeno diante do cenário da droga no bairro, ficou um problema muito pequeno. Então, sem dúvida, a droga é uma das coisas que está acabando com os jovens dessa comunidade.

João: Quais são os principais problemas que estão associados a juventude aqui no bairro?

ENTR. 4: Nossa o primeiro é a ociosidade. A maioria dos jovens terminam até a 8ª Série e param. Aqueles que querem algo de melhor vão procurar e batalhar pelo Ensino Médio, mas aqueles que não querem ficam na ociosidade. Então, é um caminho aberto para as drogas, para a violência. Porque quando eles se vêm sem perspectiva de estudo, quando eles se vêm numa comunidade que não oferece cursos profissionalizantes, uma comunidade que não oferece diversão, o único meio que ele vai procurar, sem dúvida é a droga, é violência, a prostituição, infelizmente.

João: Uso da fala, a interação social, a ação comunicação, a expressão do corpo, enfim a formação da identidade. Como você vê esse processo para o jovem aqui na comunidade?

ENTR. 4: Eu faço parte da rádio comunitária daqui do bairro e alguns anos atrás a gente tinha um programa chamado “Viajando pelo mundo da cultura”, que era feito por essa ONG, esse programa era bacana, porque tinha os jovens que eram apresentadores fixos e âncoras do programa e também era um programa aberto para quem quisesse participar, organizava seu programa e participaria, entendeu. E o que é que eu percebi nisso, na época, muitos jovens, muita gente procurou a rádio querendo participar. Por que? Porque além do programa ser cultural, era um programa que estava falando a linguagem dos jovens e isso chamou a atenção deles. Então essa ONG ajudou bastante nesse processo porque tinham várias oficinas de formação para os jovens, que chamava a atenção para ele querer ser crítico e participar da comunidade. Então, eu acho assim, quando, por exemplo, eu sou jovem, quando eu faço algo que chama a atenção de outro jovem e conseqüentemente aquele vai fazer o que eu faço, ele vai chamar a atenção de outros. Se você faz uma coisa legal no seu bairro, chamando a atenção dos jovens, com certeza vai chamar outros para o seu lado. Isso é legal também.

João: A participação em atividades sociais, esportivas, culturais e artísticas é importante na formação dos jovens?

ENTR. 4: Sem dúvida, principalmente, a artística e esportiva. Por que? Faz você ficar mais responsável, faz você onde fica o limite da outra pessoa, a questão do respeito. Aqui, na comunidade tem um senhor (Seu Cléo), que ele faz uma parceria e todos os finais de semanas ele realiza jogos na quadra do nosso bairro. O que é que acontece. Para um aluno participar dessa escolinha ele tem que ter um bom rendimento escolar e não falar palavrão. Isso é muito importante. Porque é incrível a quantidade de alunos que fazem de tudo pra tirar uma nota boa e ouvem os palavrões e não repetem mais, não falam mais. Isso indica que quando você quer algo você pode transformar mesmo num meio em que você vive, que não é tão legal e você faz dele um meio legal.

João: Quais são os espaços e atividades para os jovens aqui na comunidade?

ENTR. 4: A gente tem a quadra, somente a quadra, realmente a maioria das atividades esportivas são feitas lá. Temos o espaço aqui dessa ONG, que tem teatro, você pode participar do grupo de capoeira, da oficina de percussão, você pode fazer parte do grupo de “Reisado da Pedra”. Essa parte cultural da ONG é muito legal, porque chama o jovem pra algo que é extremamente cultural, um resgate da nossa cultura, pra ele conhecer essa cultura e de repente ele vai poder passar isso para outras pessoas.

João: Há investimentos de políticas públicas para os jovens da prefeitura ou do Gov. do Estado, aqui no bairro?

ENTR. 4: Bom a gente tem um projeto na escola chamado “Mais Educação”. Esse projeto o que é que ele faz. Ele faz com que o aluno permaneça na escola. Quem estudo de manhã faz as atividades à tarde e vice-versa. Então esse projeto tem dança, capoeira, teatro, letramento e matemática. O aluno pode participar de qualquer atividade que ele quiser, mas um dos objetivos do programa é fazer com que além do aluno tirar boas notas na aula ele possa participar das atividades, como um processo mais dinâmico de aprendizagem. Nada de matéria. A gente trabalha como poesia, cordel. É bem legal esse projeto é uma das coisas que melhorou no bairro.

João: Sobre o espaço específico da ONG, como foi o teu primeiro contato?

ENTR. 4: Quem já mora no bairro desde a infância conhece toda a história, viu nascer e crescer, viu ela se transformando, viu ela agindo aqui dentro da comunidade. Viu tudo o que ela fez de legal pra comunidade. Eu vinha muito para a biblioteca, era o meu lugar preferido na ONG, inicialmente. Eu estudava pela manhã e todo dia à tarde eu esta aqui. Então, esse foi um dos primeiros contatos que eu tive com a ONG. Depois veio um projeto, chamado “Talentos da Cultura” ai eu me inscrevi e participei desse projeto, recebi a bolsa artística no caso de poesia. Então, ai eu comecei a ser voluntária na ONG e então eu passei a realizar oficinas de leitura, oficinas de poesia, fizemos recital, tudo isso foi muito legal.

João: Qual a importância do espaço dessa ONG para a comunidade?

ENTR. 4: Extremamente importante, principalmente na nossa comunidade, porque eu já falei da ociosidade. Aqui é um meio e um espaço para os jovens. Quem gosta de livros tem a biblioteca, com variados livros. Então vem, tem o espaço, fica lendo. Tem o laboratório de informática, também. Pro pessoal que já gosta de mais movimentação tem a quadra da ONG, também, e ai, vem o pessoal do futebol, do basquete. Tem mais opção com a capoeira. Assim eu vejo que essa ONG é extremamente importante aqui no bairro.

João: E na tua vida pessoa qual foi a importância dessa ONG?

ENTR. 4: Acho que eu participei de um grupo de teatro da ONG e eu sou tímida. Sou muito tímida. Então certa vez me falaram sobre essa questão da timidez e que o teatro ajudava bastante, assim eu resolvi e fiz. Ai, então, num dia, numa dinâmica eu percebi o seguinte que o teatro ia mudar o meu modo de ser e de agir, mas nunca a minha essência. Então o que eu tirei disso. Eu tenho certeza absoluta, é que essa ONG fez uma transformação geral em todos os jovens que passaram por aqui, no sentido de você ficar mais encorpado, no sentido de você ter uma visão mais ampla do futuro, no sentido de ver que pode e deve ter um poder enorme de transformação com tua própria vida e a comunidade.

João: Quais são os principais desafios e as principais contradições dessa ONG em relação a juventude?

ENTR. 4: O principal desafio é chamar os jovens pra cá. É incrível, ainda, como muitos jovens só vai pro lugar quando tem algo imediato em troca. Eles não estão dispostos a dar algo, só estão dispostos a receber algo e na ONG, eu acho que você deve mais dar, que propriamente receber, claro que você vai receber uma carga de conhecimento enorme, você vai até aprende a interagir melhor com as pessoas, mas muita gente, ainda, não está disposta à dar, se doar o que sabe, o que já aprendeu. Tem muita gente inteligente na nossa comunidade, extremamente talentosa, mas essas pessoas, que pintam, que de repente dançam, que tem alguma coisa melhor para passa, elas não têm a coragem de vir na ONG e dizer: olhar eu quero passar isso que eu sei pra alguém. Ela pensa em receber algo em troca pra desenvolver um trabalho e isso é uma pena, porque a comunidade só perde com isso.

João: O que é participação e cidadania pra você?

ENTR. 4: Eu acho que um dos direitos do cidadão é participar, ele deve participar de tudo que é bom pra ele e de tudo que é bom para a comunidade, ele tem que estar ali pra participar. Se for uma missa, se for bom pra comunidade ele deve estar lá, se for um culto, ele deve estar lá, se for.... o que for, ele deve estar presente, pra dar atenção, pra dá opinião, pra ouvir a opinião das outras pessoas, pra conversar, trocar idéias.

João: É fácil o diálogo entre os diferentes grupos e instituições?

ENTR. 4: Não, ao meu ver não há muito diálogo não. Se bem que isso está mudando agora. Essa própria ONG teve um papel fundamental nesse sentido, porque, por exemplo, tem as assembleias no final do ano onde a ONG passa para a comunidade aquela prestação de contas do que fez durante o ano, então, sempre foi um motivo pra chamar a comunidade, era uma união de pessoas nessas assembleias a gente tinha jovens, crianças, idosos, pessoas da alta da nossa comunidade, era um momento em que muitas pessoas se envolviam. Era um momento de interação, de troca de idéias, um momento bem interessante.

Qual a tua opinião sobre a política partidária e sobre os políticos?

ENTR. 4: Muita gente tem uma visão meio que negativa da política. Muita gente diz: ai eu vou votar em branco porque eu não acredito em político. Eu acho que a gente não deve ser tão radical. As pessoas não acreditam no poder do voto, infelizmente. Não é a toa que na época de eleição as pessoas trocam seu voto por qualquer coisa, as pessoas ainda não tiveram a real certeza da importância do título e do seu voto. Eu particularmente acredito, sim, que ainda tem políticos que desejam o bem do país, o bem da nossa cidade, o bem do nosso bairro. Infelizmente muitos deles quando chegam no poder, muitas vezes, por ter essa

idéia boa de fazer algo pela população ele é abafado pela maioria. Ele é tipo pressionado.

João: Como você está construindo a sua cidadania enquanto jovem aqui nesse bairro?

ENTR. 4: Eu acho que estou fazendo bem a minha parte. Particularmente eu estou contribuindo bastante. Sempre que eu posso ou escuto alguém falando sobre essa questão eu tento incentivar, não gente vamos ter uma idéia diferente sobre isso a gente não pode ser tão negativo. A gente tem reivindicar os nossos direitos e o voto é um dos meios da gente reivindicar.

João: Você falou da sua participação nessa ONG especificamente e na rádio comunitário FM Pedra, você já participou de outros movimentos e instituições?

ENTR. 4: Sim, com certeza, um dos maiores problemas da nossa comunidade foi a falta d'água e teve uma época que a população já estava por aqui de tanta promessa e não agüentou mais e foi as ruas e começou na escola essa movimentação. Eu tinha de 13 pra 14 anos e que foi que a gente fez, a gente juntou os alunos para participar da passeata para reivindicar a água para o nosso bairro. Esse foi o primeiro movimento que eu participei e adorei e toda a garotada gostou, porque a gente trabalho na confecção das faixas, a teve todo aquele cuidado de chamar as pessoas: vamos participar, porque é isso que a gente quer, a água para o nosso bairro. Então esse foi o primeiro, que eu lembro que eu participei e desde então, qualquer movimento que tenha a favor do nosso bairro eu estou ajudando.

João: Muito obrigado pela tua participação nessa entrevista. Essas informações serão muito valiosas para o que estou eu estou realizando, por que, aqui, tem muita coisa importante que você falou. Muito obrigado.

ENTR. 4: Eu é que agradeço essa oportunidade.

FIM.

ENTREVISTA 05

RENATO (23)

ENTREVISTA 05

João: Eu gostaria que você falasse um pouco sobre tua história de vida, essa fase da infância e adolescência e a relação com essa comunidade?

ENTR. 5: Bem eu cheguei na Pedra já tinha a Praça, pouca, mas tinha né. Tinha a Igreja. Cheguei no Trairá (uma das localidades da Pedra), com quatro anos, não tinha quase nada, tinha aquela vila lá de cima, foi a primeira vila. Eu mora no “S” e com quatro anos vim morar na Pedra. Aqui no Trairá tinha uma só vila onde eu morei, ali em frente ao quebra mola, tinha aquela vila. Depois a segunda vila em frente a casa do Fernando. Estudei no Colégio Solinésio do Jardim I até a Alfabetização. Depois estudei no Tristão de Alencar até a 5ª Série, mas sai por causa das greves, minha mãe não gostou, aí eu fui para o José de Barcelos (na Messejana), eu já entre fazendo prova, que seria multiplicada por dois porque eu não tinha nota no 1º período. E sempre gostei de me envolver com a Igreja (Católica), porque meu padrinho e minha madrinha são lá da Igreja. Então, eu tinha aquela visão de fazer muito o que eles faziam, entende. É tanto, que quando eu conheci o grupo de jovens, já vem desde cedo da minha juventude, conhecendo, nessa época, aqui se chamava “área pastoral BR 116”, que envolvia o Alto Alegre, o Itamaraty, o “S”, Pedra, Barroco, Ancuri e Santa Fé, que ainda tava no meio.

João: Como eram as brincadeiras e as relações nessa época da tua infância e adolescência aqui na comunidade e me faz uma comparação com a realidade atual?

ENTR. 5: Cara, assim, ao mesmo tempo que eu era uma pessoa fechada eu era uma pessoa que gosta de brincar bastante. Eu gostava de brincar de correr, de bola, só que assim, ao mesmo tempo que eu brincava com muitos eu era uma pessoa muito solitária, por que? Tinha com quem brincar, mas o pessoal gostava de tirar uns pra brincadeira e eu ficava só, aí esse fato de buscar as pessoas pra brincar, de buscar aproximação, nisso eu me estressava bastante e quando eu voltava pra casa eu não voltava feliz. Nunca consegui tudo, conseguia pouco e pra mim o pouco não era nada. Certo que depois foi o tempo que eu conheci essa ONG o Centro Cultural, que eu conheci o “Brincando e Aprendendo”, eu convivi com muitas pessoas, eu gostei muito. Acho assim, essa coisa de brincar e aprender, foi legal, eu conheci brincadeiras, cantigas de roda, o seu Dedé dava aula de Fustsal, tinha o futebol de campo. Aprendi a me comportar e se integrar no meio. Comecei a andar na Pastoral da Juventude, que era o que, quatorze outros grupos de jovens, aí teve uma parte que o grupo de jovem aqui da Pedra desestabilizou total, né, porque era um grupo que queria muita responsabilidade, mas na hora de enfrentar a responsabilidade eles não queriam, entendeu.

João: Qual é a tua visão dessa comunidade?

ENTR. 5: Antes do movimento “Pedra é Fortaleza” o pessoal só pensava em dinheiro, continuam pensando só em dinheiro, mas, as cidades, quando precisam, vamos supor Aquiraz, ta precisando de voto, os candidatos vinha aqui na Pedra com dinheiro e transferiam votos tranqüilo, passariam os votos pra lá e elas votam, faziam, tipo o que, tipo assim , em troca de um campeonato, camisas, favores. Isso Itaitinga faz, Aquiraz faz, Euzébio faz, Pacajus faz, sucessivamente e vai levando gente. A cada eleição que se passa vai levando, quanto mais e as pessoas daqui, as lideranças, não procuram se unir. Exemplo, se hoje eu faço um carrinho de cachorro quente e começa dá lucro pra mim. Amanhã tem outra pessoa com carrinho de cachorro quente. Não sabem se unir. Sabem destruir. Quando destrói a outra, que a outra para, ela também para. Então existe concorrência, mas aqui a concorrência é desleal. Há eu vou destruir o outro e quando o outro não tem mais nada ela para. Parece que o pessoal daqui não quer ver ninguém subir, ninguém vencer. Todo mundo quer ser igual a todo mundo pelo pior, pela pobreza, na desgraça. Tanto que aqui não tem evento. Tanto que aqui não tem políticas públicas. Tanto que aqui não tem movimentos sociais, tanto que aqui não tem ONGs, tem o Centro Cultural, mas o pessoal não se interessa de apoiar o Centro Cultural

João: No bairro tem várias outras associações e ONGs, qual a distinção do Centro Cultural?

ENTR. 5: Sabe qual é a diferença, o Centro Cultural interage com as pessoas, principalmente com os jovens, já as outras associações são de fachada. Só serve pra usa o nome. É a mesma coisa se eu quiser posso abrir uma ONG, eu abro e ela não sai do canto. Inscrevo minha associação na Prefeitura, recebo verba da Prefeitura e pronto tô lá. A associação existe, faço minhas reuniõezinhas, mas é só pra dizer que existe. Será que ela procura melhorar alguma coisa no bairro? Será eu pergunto o que está acontecendo com as pessoas? O que é que as pessoas estão sentido? O que é que as pessoas estão pensando ou organizando? As ONGs daqui, as associações daqui só puxam por elas. Tem a Associação dos Moradores da Pedra, tem a Associação dos Moradores do Trairá e na minha opinião não estão fazendo nada

João: Qual sua opinião sobre essa questão do diálogo entre as instituições do bairro?

ENTR. 5: Tá faltando diálogo e muito. Tanto que hoje escolas, ONGs, Igrejas, todos, quando apareceu aquele movimento “Pedra é Fortaleza” foi puxando cada uma, veio quem quis . Ninguém obrigou a Igreja a vir, ninguém obrigou os evangélicos a vir e todos vieram. Tanto eu te digo. No dia da reportagem a gente não se organizou pra saber quem ia se apresentar e a Igreja Batista apareceu e teve espaço, porque compareceu, se organizaram. Se uma pessoa chega pra outra e diz minha idéia é essa e a outra parar para escutar, ai sim, nesse dia a Pedra vai

parar dizer, hoje a Pedra tem uma associação de moradores que ta pensando no futuro da Pedra e que futuro é esse: investir nos jovens que tem hoje. Estilo: procurar cursos profissionalizantes, eletricitista, mecânico, professor de educação física, etc. São coisas que podem investir aqui dentro do bairro. Você vê a área de esporte, só tem o futsal, é precário, mas só tem o futsal. Só tem o Vasco, o Vasquim da Pedra é único time da Pedra, mas tem . Outra coisa, aqui você não vê área pra fazer nada, não tem espaço pra fazer nada. Não tem espaço pra fazer um evento público. Não tem um anfiteatro para que se possa fazer apresentações teatrais. Não tem espaço para o lazer . Se você chega na praça, a praça é igual com a Igreja. Se vai fazer um evento na Igreja não pode porque os carro de som na praça não deixa, não pode fazer uma festa na praça por que ta tendo alguma coisa na Igreja e não se pode fazer. Então, que for favorecer um lado não vou favorecer o outro porque não pode, entendeu, não tem espaço. O que eu acho? O tira a praça da Igreja ou tira a Igreja da praça. Isso já foi discutido na comunidade e já deu tanta confusão.

João: Você precisou trabalhar cedo, tem cursos profissionalizante, como aconteceu essa questão na tua vida pessoal?

ENTR. 5: Isso eu posso deixar bem claro o meu pai nunca me obrigou a trabalhar, minha mãe nunca me obrigou a trabalhar. Eu terminei o 3º Ano (Ensino Médio) sem obrigação nenhuma de trabalhar. Fiz o curso de informática aqui nessa ONG, com o apoio do CDI, Comitê pela Democratização da Informática. Fiz curso de línguas aqui, fiz curso de bombeiro hidráulico. Fiz um curso do web desing no SOS Informática, que está parado. Meu pai até hoje briga comigo que é pra eu terminar. Estou fazendo um curso de operador de caixa no CDL, que é o que está me movendo agora, é um curso pago pelo governo. Porque até quatro meses atrás, meu último emprego que eu sai, eu vivia numa depressão. Não sabia o que eu queria fazer, não sabia o que eu queria do futuro. Não queria envolvimento com nada. Só queria aquela ilusão de estar em casa deitado e dormindo. Sempre esperando que o dia acabasse, que passasse ligeiro. Agora que eu comecei a fazer esse curso eu já estou pensando numa coisa diferente. Já estou pensando em trabalho. Tô pensando em ajudar a minha ONG, né, o que eu tô querendo dizer com a minha ONG, eu não sou qualquer pessoa, eu sou líder na comunidade, então, eu estou fazendo a minha parte. Vamos supor se um dia a ONG deixar de existir ou eu deixar de existir, mas eu fiz a minha parte. Estou aqui participando, participar mesmo. Dando o meu sangue, dependendo da possibilidade de como eu vou ser trabalhado. Isso não vai depender só de mim, mas das pessoas daqui que querem o meu trabalho, a minha participação. Sou uma pessoa flexível, posso trabalhar em qualquer área.

João: Qual é a tua visão de mundo, tua filosofia de vida?

ENTR. 5: Eu queria que as pessoas se importassem mais com o mundo. Tipo, se mata uma pessoa por maldade, eu me sinto, fico triste. Vi na televisão uma criança

morreu porque caiu do prédio, a mãe estava na festa do condomínio com pai e ela ficou sozinha no quarto sozinha e acabou caindo. Isso é um fato que me abala. Eu ver um reportagem de não sei quantas mil crianças morrendo de fome na África me deixa triste. O desperdício de água, de comida. Você vai naqueles canto chiques, aquelas belezas enormes e quando você vai por trás é aquela imundice. Você vê um Shopping tão lindo com tudo tão lindo, os preços tão mais caros, você vai ali por detrás é os ratos andando no meio das comidas estragadas pelo chão. O Iguatemi, eu fico triste. É bonito, é muito bonito, mas você vê, é em cima de um mangue. Ali, pra mim, futuramente vai afundar, ali a natureza vai precisar descontar o que o Tarso Jereissati ta fazendo com ela, vai sim. Então, se eu não faço a minha parte e jogo o papel do bombom, o saquinho do pastel no bueiro, a latinha de refrigerante na floresta, se eu pego um caderno que eu pego, compro, jogo no chão, rasgo, se eu pego uma carteira dessa e quebro, então eu não estou conservando nada. Por que um caderno que o aluno rasga, risca e joga fora é uma árvore que ele destrói. Então a capacidade de que, de você conservar o que tem, aquilo que você lutou. Hoje o jovem só dá valor aquilo que ele tira do seu próprio bolso.

João: O que é juventude para você?

ENTR. 5: Hoje a juventude é uma coisa atuante. É crer e melhorar o que você tem. Então, pra mim juventude não aquela juventude que só pensa em festa, que só pensa em lazer, juventude pra mim é atuante, que luta e sufoca aqueles que querem sufocar. Então juventude são os jovens unidos pelo direito de um bem maior. São o futuro da humanidade. Se não liga pra juventude. Se você não fornece as informações certas, você não dá incentivo e você não procura trabalhar ela. Ela vai para o mais fácil. E quais são as janelas mais fáceis que se abrem? Se não tem emprego, se não tem uma boa educação, se não tem uma família de bom relacionamento, o que vai acontecer com a juventude? Vai crescer um jovem depressivo, que bebe, que fuma, que se droga, que bate na mãe, que bate na namorada, que sai a noite pra beber, que 'barroa' no carro, que sai pra roubar, que sai pra fazer o mal. O jovem se for bem trabalhado ele faz o bem, agora se for usado para o mal ele destrói. O que é que acontece. Quando o jovem é mal amado ele se torna um adulto mal amado.

João: Como se constroem as relações entre os jovens aqui na comunidade?

ENTR. 5: Bem, pra mim a tendência é piorar. O que eu percebo. Eu sou uma pessoa crítica eu não vejo só o lado bom . O que eu vejo? Eu vejo os jovens se drogando naquela praça toda noite. As bebedeiras são grande. A prostituição ta cada dia pior. Você vê adolescente de 12, 13 anos bebendo, se drogando, se prostituindo e não é só o tráfico. É gente que você via antigamente na Igreja, que eu digo assim, não é só a Católica, eu falo Igreja é total e são gente que vive em Igreja, eu fico triste é por isso, diz que é crente, diz que é católico, bate nos peito e por detrás fica bebendo, fica se drogando, fica se destruindo, se prostituindo e, cara,

cadê o amor por si próprio? Eu vejo o caso do traficante, a cada semana que morre um aqui, chega uma traficante novo. Aonde, nas invasões, nos loteamentos. A Pedra não tinha um traficante sequer, as coisa que tinha aqui era tudo escondido, ninguém sabia. Hoje você vê um traficante. Vê um não, vê vários... vê vários. São amiguinhos, mas o que é que eles fazem com os peixinhos pequenos, botam uns pra matar os outros. O último morreu porque o cara disse assim: você quer ser peixe grande, o pivete respondeu: eu quero, o cara disse: pois você vai matar o outro, o que comanda o loteamento. É o que vai fazer a gente ficar tudo em paz, você chega lá e mata ele. Ai o cara perguntou: como é que eu mato? Você te vira, eu só tô te dando a dica, você chega lá e mata ele. O cara matou ele na traição, o próprio amigo. Só pra você vê como hoje em dia não existe mais amigo. E aqui ta assim. Você vê jovem do dia pra noite arranjar uma moto, ter gasolina, ter dinheiro, ter uma roupinha nova. O cara ta arranjando o que? Tá traficando droga. Meu colega ganhou uma moto zerada, uma Titan, nem emplacada não foi, pra ta pra cima e pra baixo entregando droga. Ele tem o tanque cheio no final de semana. Tem quatrocentos reais (R\$ 400,00) pra gastar com os amigos, come e bebe à vontade. Tu acha que o jovem que não consegue emprego, que trabalha de diária, que o pai briga, que a mãe briga, que o pai vive bêbado, batendo na mãe. Vai pro colégio não tem professor. Quando chega nos amigos, eles oferecem os mais fáceis, não oferecem as coisas mais difíceis. Aí, o que é que o jovem vai fazer? O jovem procura o mais fácil. Então, vai se prostituir, vai se drogar, vai virar traficante.

João: A localização geográfica da comunidade, cortada pela BR 116, com os postos de gasolina, muitos camioneiros, isso favorece a prostituição?

ENTR. 5: Aqui tem muitos caras pedófilos, que se relacionam com meninas mais novas, existem homens se relacionando com outros homens, com mulheres, com crianças. O posto é até de menos. Na minha opinião isso não é tanto, porque ter, tem, em todo canto tem. O camioneiro vem num bairrozinho novo, pega duas, três e leva. Agora hoje, isso ta tão engraçado que os camioneiros não querem mais as meninas, agora eles tão pegando os meninos, os frangotezinhos, de 12, 13 anos, que não sabe que quer ser homem ou quer ser mulher. Mas também é isso, porque a mulher quer se fazer de mais difícil, mais cara, eles tão pegando o mais fácil. Os pivete que são doido por qualquer coisa. Que aceita qualquer coisa por dinheiro, ta passando fome, quer se drogar. Antigamente esse negócio era só pra mulher. Hoje em dia não, o que aparecer pra eles, eles estão no lucro. Eles querem saber é se tão matando o tesão deles, se é com mulher, se é com homem, se é com homossexual. Eu acho assim, o que faz a prostituição aumentar aqui é a droga. A pessoa ta drogada. A droga é o prior vício que tem hoje na Pedra e não é a bebida mais não é a pedra (crack).

João: Esse muitos grupos de jovens com identidades diferentes aqui na Pedra? Que se expressam com um estilo próprio e diferente?

ENTR. 5: Existe, existe sim. Existe o grupo que gosta de rock, existe os que gostam de forró. São muitos, o pessoal aqui da Pedra se falar que vai ter vaquejada em tal canto, todo mundo briga e vai, não importa como. Tem gente que não tem dinheiro pra porra nenhuma, que passa o dia morrendo de fome, se tiver uma vaquejada bem ali, arruma o dinheiro e vai. Se vai ter show do Exalta Samba se ajunta uma galerinha e vai, se vai ter um show bem açula, tipo qualquer coisa, um forró de graça, a galera vai. Tem a galera que curte rock, tem a galera que curte rappy, tem a galera do hip-hip, mas o que acontece. A galera em vez de curtir não, cheira droga, usa bebida. Ai vem as confusões. Antigamente as galeras conversavam, hoje em dia, quando o cara olha pra você, até rindo, ele puxa a arma e te mata.

João: Ainda existe diálogo entre esse vários grupos ou isso está mudando? Há gangues no bairro?

ENTR. 5: Há muita diferença de um bairro para o outro. Há o pessoal do Santo Antônio que não pode andar na Pedra e há algumas pessoas, não são todas, que não podem andar no Santo Antônio. São pessoas que aprontam. Que roubam, que matam, que se drogam, que vendem droga, ai fica aquela disputa por território. Mas fora isso até pouco tempo atrás, você podia andar no Santo Antônio, na Pedra, até mais tarde. Hoje em dia não pode mais não. Esse novos loteamentos que aparecem, essa invasões, tipo a do presídio, aqui em baixo, só aparece pessoa que não prestam, aqueles que matam, roubam, fazem o diabo a quatro aí fora e vêm se esconder aqui na Pedra. Então, o que é que acontece? Tudo de ruim que eles fazem em Fortaleza vem esconder aqui.

João: Há muita diferença de gênero na comunidade? Da forma como os meninos são criados, da forma como as meninas são criadas?

ENTR. 5: O problema daqui, também, é que hoje as famílias ta deixando a criação dos filhos muito liberada. Por exemplo, tem criança de 12anos, tanto menino, como menina, que a mãe não pergunta pra onde é que vai, com quem vai, quando é que chega. Se o filho bebe a mãe não ta nem ai. Já tem mãe que prende é demais e o filho acaba é explodindo e isso é normal. A diferença aqui é que ninguém tem hora pra sair e hora pra chegar. Aqui a galera parece um interior, mas não é. As pessoas saem e não têm pra onde ir, ficam conversando até mais tarde, ai chega sempre um engraçadinho de fora oferecendo o mais fácil. Se não tem uma coisa pra fazer vão beber, fumar, se drogar, vão roubar, como ta sendo hoje.

João: Qual é a imagem social que a comunidade faz da juventude?

ENTR. 5: Um juventude preguiçosa e farrista. Que adora uma festa e gosta de beber muito.

João: Como a juventude é vista por instituições como a Família, a Escola a Igreja, por exemplo?

ENTR. 5: Como uma juventude que não quer nada. Que quer tudo na mão. Ai o que é que acontece. Esses adultos de hoje, que falam isso da juventude são a juventude de antes que não queriam nada e não faziam nada. Então, o que é que acontece, eles vão ficando mais velhos ninguém fez nada por eles e eles não faziam nada e eles não têm uma visão diferente de dizer assim a se a minha juventude não teve nada eu vou tentar que essa outra juventude mude alguma coisa.

João: E como os próprios jovens se vêm aqui na comunidade?

ENTR. 5: Eles não querem nada. Querem trabalhar pra ter o melhor, pra ter dinheiro, pra poder frequentar festa. Não são todos, mas a maioria é assim. Você vê tantos jovens aqui. 30% trabalha pra sustentar a família, mas 30% vão pagar as dívidas das festas que vão. Os outros 30% trabalha pra bancar as farras no final de semana. 10% só trabalha pra estudar, pra melhorar. Tem uma ambição e querer melhorar. Então, o que acontece na Pedra? Quando o jovem consegue evoluir um pouquinho, em vez de lutar para crescer mais eles ficam estacionados. Então, se eu ganho R\$ 500,00 e passa para R\$ 550,00, em vez de estudar e fazer um curso pra ganhar mais dentro da categoria, não fica estacionado, até que venha outro melhor e tire ele de lá.

João: Como é a questão da auto-afirmação da identidade do jovem na comunidade?

ENTR. 5: Eu acho assim, aqui todos querem falar, mas não querem ter a coragem de dizer que vão assumir. Todo mundo é o maior papo: eu faço, eu faço, eu faço. Na hora de organizar desaparece. O que é que acontece? O movimento “Pedra é Fortaleza”. Todo mundo estava no movimento. Mas depois que estava organizado. Ninguém quer dá seu nome pra ser as cabeças. Mas todo mundo vai atrás da vaquinha ou do boi. Na hora de organizar, de trabalhar, ninguém dá o nome, mas depois que ta organizado, que ta concretizado, todo mundo quer botar o seu tijolo: “ajudei a construir”, depois que a massa ta feita. O que acontece? No dia do pró-jovem trabalhador, que o Wellington passou na casa de todo mundo dizendo que ia ter o pro-jovem aqui, todo mundo veio, encheu o colégio da Pedra, as pessoas achando que já ia receber o dinheiro e só tinha que preencher a vaga. Quando explicou que explicou que ia buscar pra esse curso vir pra cá, já caiu a participação em 70%. As pessoas estavam interessadas no Pré-vestibular popular e no Sábado quando foi marcada uma reunião pra formar a comissão de coordenação dos jovens, não apareceu ninguém e ai. As pessoas daqui, continuam com o interesse antigo de sempre receber. E enquanto não tiver a consciência do que eles pagam de impostos e do que o governo dá pra gente ou não é com o dinheiro da gente, a gente é quem ta pagando, eles não têm essa consciência, eles não vão lutar por isso não. É tanto que a Pedra não tem curso de nada. A Pedra é esquecida por todos, até por sua própria população.

João: Não existem políticas públicas para o jovem, aqui na Pedra?

ENTR. 5: Não existem. Até o dia em que essa ONG se organizou com os outros grupos políticos daqui da Pedra e chamou todos para fazer o I Encontro de Políticas Públicas para a Juventude, aí começou a ter a briga, mas já foi uma grande vitória para a comunidade ter pessoas, que são poucas, que pensam políticas públicas para os jovens, porque a maioria dos jovens não pensa em políticas públicas, não sabem nem o que significa, porque se soubessem, todos faziam e corriam atrás, com acontece por aí.

João: A participação em atividades sociais, culturais, artísticas e brincadeiras, dentro do bairro é uma coisa importante para a formação da juventude?

ENTR. 5: É uma forma de intergir as pessoas, de conhecer uns aos outros, de união, é. Mas, aqui é pouco, quase nada. O pessoal visa muito é festa. Bota uma bandinha qualquer aí, que lota. Bota um som de paredão que lota. Agora bota uma apresentação teatral, um boi pra dançar, bota um grupo de dança – só lota se tiver mulheres ou homens semi-nus, músicas obscenas, agora bota uma peça teatral. Cadê que lota a praça? O pessoal vai toda pra casa. Ou então só pensa no dinheiro. Como naquele dia da bicicleta, do Dr. Hugo, lotou a praça, veio gente do barrocão, do Ancuri, do Santo Antônio, veio gente de todo canto pra ver o deputado. Agora nas primeiras reuniões do movimento “Pedra é Fortaleza” você contava a dedo as pessoas na praça e eram mais os jovens, os adultos mesmos, que moram na Pedra eram poucos. Eram jovens do colégio, da banda. Então você veja: uma comunidade que só pensa no seu próprio bolso e não pensa no futuro. É uma comunidade mesquinha. Cada um só pensa em si. Não pensa no todo.

João: Sobre o espaço dessa ONG especificamente, com foi o teu primeiro contato com essa instituição?

ENTR. 5: Há... ela ajudou muita gente, ajudou. Eu acho assim, ela mudou muita gente. Eu conheci a ONG foi no “Brincando e Aprendendo”. Eu cheguei aqui, que a minha mãe veio me inscrever. Que uma vizinha disse que aqui tinha umas oficinas de desenho, pintura, brincadeiras. Eu tinha 12 anos. Hoje tenho 22. São dez anos dessa ONG. Apesar que teve tempo que eu fiquei afastado, mas eu brinquei no “Brincando e Aprendendo”, joguei futebol com o seu Dedé, joguei futsal, joguei vôlei, joguei basquete. Fiz informática, com o André, eu vi o primeiro laboratório de informática ser montado. Participei do primeiro grupo de teatro daqui. Fiz dança aqui na ONG, dancei quadrilha junina nos festivais daqui, fiz pintura em tecido, fiz curso de Inglês, bombeiro hidráulico, participei da biblioteca, participei de oficinas de cidadania que tinha muito aqui. Comecei o curso de padeiro, mas não terminei. Fiz tanta coisa aqui nessa ONG, que se for pra contar ...

João: Qual a importância dessa instituição para a comunidade?

ENTR. 5: Cara ela fez o bem maior pela comunidade. Ela deu os livros. Deu o curso de informática, apesar que ninguém, como se diz, não dão valor, mas para poucas pessoas que souberam aproveitar, sabe que essa ONG é ouro e se a comunidade não acordar, de cuidar dessa ONG, vai chegar um dia que ela vai acabar e a comunidade vai chorar o que perdeu. Então a comunidade tem que acordar e botar na cabeça assim: a ONG é nossa, só vai pra frente se a gente botar ele pra frente, se a gente não botar ele acaba. Quem vai perder? Somos nós. Essa ONG formou muita gente, modificou muita gente e tem modificado cada vez mais a população carente.

João: Na tua vida pessoal, qual foi a importância da ONG?

ENTR. 5: A importância pra mim é a de que eu devia agradecer aquilo que eu ganhei. Se eu ganhei carinho, amor e afeto, então eu tenho que cuidar dessa ONG, como: ajudando no que eu possa ajudar, gerenciando alguns movimentos dessa ONG, lidando diretamente com as pessoas, falando que essa ONG é como uma pessoa, você tem que dar amor, carinho, tem que dá respeito, tem que respeitar as pessoas que estão lá dentro. Você tem que procurar saber como interagir com a ONG, não é só participar dos eventos. E sim trazer evento pra cá tipo : se eu sei trabalhar com pintura em tecido, posso trazer prá cá, conseguir uma sala. A minha maior tristeza é hoje vê que essa entidade depende da prefeitura pra sobreviver, que as atividades diminuíram, a biblioteca diminuiu, dá uma tristeza, sabendo que a nossa quadra, a única quadra poliesportiva que nós temos na Pedra é essa aqui, da ONG e mesmo assim, a cada dia, ela está sumindo.

João: Quais são as principais contradições, os principais desafios que você vê nessa ONG atualmente?

ENTR. 5: O que puxa essa ONG para trás é a comunidade, que não liga. Essa ONG é igual a criança abandonada ninguém quer ser o pai. O pai dessa ONG deveria ser a comunidade, não deveria ser uma pessoa e sim a comunidade, em geral, todos pensando pelo bem dessa ONG. Olha quebrou uma cadeira, então, aparece um que ajeita a cadeira, o computador queimou. Eu tenho um amigo, ele tá fazendo um curso de manutenção, eu convido e ele vem e adquire a experiência ajudando a comunidade. Outra contradição que puxou muito essa ONG pra trás, querendo ou não foi a vinda do colégio pra cá. Porque tira muito o espaço da gente aqui da ONG. Eu entendo que está sendo um suporte financeiro para manter algumas atividades, mas essa ONG merece algo mais, uma coisa melhor, o que seria uma coisa melhor? De que os jovens dessem um melhor ambiente a ONG, com a cara da juventude. Assumindo atividades, fazendo as coisas, sabendo que tá precisando ajeitar, não esperar que ninguém peça não, é encaminhar e vamos atrás de melhor. Conheço a galera da informática, eu vou chegar pros caras e eu vou pedir, pra botar o laboratório pra funcionar e não esperar que a prefeitura

ache que um dia perdido que aqui esteja precisando de alguma coisa pra ter. O que falta pra essa ONG é a juventude acordar pra ela. O que eu mais sinto falta aqui é o basquete. Eu tive seis anos aqui fiel no basquete. Hoje muita gente se afastou, outros estão trabalhando, outros estão casados e, também, as tabelas caíram e nós estamos vendo como resolve isso aí.

João: O que é participação e cidadania pra você?

ENTR. 5: O cidadão é aquela pessoa que cuida do que é seu. Então, essa ONG é nossa. O dever de cuidar dela é da gente. Se eu chego e vejo uma pessoa arrastando uma cadeira, eu digo: “pera” aí meu chapa, segura a cadeira. A Nina fez uma coisa que eu achei bonito, ela botou a mão no peito e disse que ia fazer um mutirão para arrumar a biblioteca. Ia chamar as amigas e fazer isso. Disse que não pode pegar poeira, eu também não posso pegar poeira, mas eu sei que se não tiver um pessoa lá pra tirar a poeira de cada livro, a poeira nunca vai sair de lá. Então nós vamos organizar os livros. Se eu vejo uma carteira na chuva vou lá e tiro, se eu sei que no outro dia vai ter aula de Karatê lá eu vou e varro a sala, eu organizo, eu chego mais cedo e abro o cadeado. Ser cidadão é você se importar com aquilo que não é seu, mas você sabe que a gente utiliza, que é um bem público. Apagar as luzes quando o espaço não está sendo usado. Organizar aquilo que você desorganizou. Não jogar coisas na rua. Usar um cesto de lixo ou guardar no bolso na mochila, quando chegar em casa dispensa. É um pensamento e uma atitude que já melhora.

João: Como você constrói a própria cidadania no teu bairro?

ENTR. 5: Eu tô participando mais, apesar de estar muito afastado da Igreja. Isso ninguém obrigou a me afastar da Igreja. Fui eu porque lá eu estava me sentindo sufocado. Eu passei três anos dando uma idéia pra se fazer um senso e o senso nunca saiu do canto. O que seria esse senso? Saber o que a comunidade quer, quantos filhos tem em cada família, se os pais são separados ou não? Se os filhos estudam ou não? Se os filhos participam da Igreja ou não? Entendeu. E eu acho assim, eu comecei a ver, ninguém me chamou pra eu ajudar aqui na ONG eu sou metido, apesar que tem umas pessoas que me chamam, tão sempre ligando pra mim, se esforçando. Eu tenho fé na minha cabeça, que se eu não estiver ali na praça, o padre cansa de me chamar e não me chama mais. Então eu tenho que fazer por mim. Eu não tenho que fazer pelos outros. Se eu quero a mudança eu tenho que continuar em frente, nem que eu passe o dia todinho com o braço levantado, sendo educado, mas um dia ele me dá a vez pra eu falar, nem que seja gaguejando, nem que seja me tremendo.

João: Essa questão da fala, o exercício da fala para o jovem é fácil?

ENTR. 5: Assim eu não tenho medo de falar, eu tenho vergonha das pessoas menosprezar a minha opinião. Os adultos e as instituições não levam a sério o que a juventude fala. Eles querem uma juventude robotizada. Vamos fazer aquilo e chegue pra fazer aquilo, obediente. Então, o que é que acontece. Eles se esquecem

daquilo que eles passaram anteriormente, como se ele nunca tivessem passado pela juventude. Isso tá tão profetizado que os jovens hoje não ligam pro que tá acontecendo. Chega numa escola, quando não tem aula, não tem professor, eles dão graças a Deus. Voltam pra casa. Se chegam no trabalho o patrão coloca você pra trabalhar doze horas seguida, você não luta pra diminuir as horas, você não tem a capacidade de pensar. Se o jovem vai para um debate, o colégio da uma palestra, traz aquele cara inteligente, que passou dois, três dias estudando, que pensou tudo que poderia ser perguntado para ele ter a resposta, a juventude não levanta a mão pra fazer as perguntas. Por que? Com medo que o outro zombe. E o outro diz, realmente, o cabra chato, só sabe falar, só fala água. Os amigos do lado sacaneiam. A juventude oculta muita sua opinião por medo que os outros ou esnobe ou não dê importância, que aquilo dali seja, tão importante como é.

João: A opinião dos outros é uma coisa importante para a formação dos jovens?

ENTR. 5: O jovem hoje está muito fechado pela violência, pela liberdade de certas coisas que não é pra ter. Eu acho assim o jovem tem muita opinião própria, mas a opinião do outro sempre conta. Então, quando os pais não querem conversar com os filhos sobre aquilo, eles procuram os outros jovens, e as vezes aqueles que não querem nada, as vezes, não carece nem a melhor opinião. É a opinião errada. Ou até mesmo eles fazem o que os pais fazem. Se o pai bebe, ele vai querer experimentar porque vê o pai fazendo aquilo. Se a mãe fuma, o filho vai querer fumar, porque é uma opinião torta, ele tá vendo a mãe fazer, então. Se em casa o filho não consegue ter opinião e nem conversar com a mãe e o pai ele não vai aprender a dar opinião em nada, fica com medo. Porque começa de casa. O pai faz um pergunta pro filho, o filho começa a se tremer com medo de apanhar, naquela ignorância de você está errado, você não tem opinião, aqui quem manda sou eu. Quando você sai já leva isso, vem com aquele medo de casa, aquele mecanismo de achar que nada que for falar é certo e se você nunca dá opinião, você acaba vivendo num meio social de que a sociedade diz assim: você não pode andar de chinelo, você tem que ficar suprimido só pode andar de calça e sapato. Se todos os homens usam preto você tem usar preto, quem usa róseo não é homem e assim sucessivamente. A sociedade bota você no canto, quer todo mundo igual, uma sociedade do modismo, sem muita diferença um do outro.

João: Obrigado por sua participação nesse trabalho. Essas informações serão de grande valia para os meus estudos.

Entr. 5: Sou eu que agradeço. Foi muito bom colaborar com seu estudo.

FIM.

ENTREVISTA 06

JOÃO (23)

ENTREVISTA 06

João: Vamos começar com você falando um pouco sobre a tua história de vida e a relação com a comunidade. Como você chegou ao bairro?

Entr. 06: Eu morava no Quixadá e vim morar aqui na Pedra, no condomínio Celita, eu tinha 16 anos. Ai, eu comecei a morar aqui desde 2004, que eu estou aqui na Pedra. Atualmente tenho 23 anos.

João: Quando você chegou aqui, qual foi a tua percepção da comunidade? Qual foi a tua visão do bairro?

Entr. 06: Uma comunidade muito calma, bastante pacata, a comunidade é pacata. Percebi como um local bastante calmo, população pobre, com poucas pessoas de classe média aqui. A primeira impressão foi dessa tranquilidade.

João: Você estudou nas escolas da comunidade?

Entr. 06: Estudei, fiz o Fundamental.

João: Fazer relações de amizade aqui foi fácil pra ti, você acha que teve uma boa acolhida. Como foi tua experiência pra fazer amizade vindo do interior.

Entr. 06: Não, no começo foi muito difícil, porque eu não conhecia ninguém. Em todo canto quando a gente chega é muito difícil, principalmente, aqui, porque o pessoal aqui não é... o jovem mesmo da comunidade não são receptivos quando a gente chega geralmente. Não são uma galera, um pessoal que chega assim, pra conversar. Como muitos não tem uma estrutura de família, de estudo, eu acho que dificulta mais pra fazer amizade, pra conversar. Mas no primeiro momento eles querem é encarar a pessoa, queriam me bater, atrás de confusão comigo. Aí eu ficava mais em casa, aí à noite eu ia para o colégio, mas vazia de tudo pra me esquivar de todos eles.

João: Você estudava à noite porque trabalhava, como foi esse aspecto de trabalho na tua vida?

Entr. 06: Eu comecei estudar a noite porque só tinha nesse horário mesmo. Mas depois participei de um protejo da ONG como voluntário e depois fiquei como estagiário.

João: O que é juventude pra você?

Entr. 06: É a parte que a gente que ter nossa prioridade como jovem, atuante na nossa comunidade. Ter nosso momento de lazer, estudar, aproveitar o máximo da juventude pra estudar, pra formar uma identidade própria, nossa personalidade e, também, fazer o nosso futuro mais na frente.

João: Você precisou trabalhar cedo pra ajudar sua família?

Entr. 06: Precisei não. Com essa parte minha família foi muito organizada, sempre me deram o necessário até a idade que eu precisei, infância, tudo mais, tudo o que eu precisava, apesar das dificuldades, que toda família tem, e a minha também passa, mas nunca me deixou faltar nada: escola, alimentação, carinho, tudo. Isso eu nunca senti carência não na minha vida.

João: Você teve facilidade de conversar no espaço da família. Houve diálogo na família também?

Entr. 06: Sim, encontrei, sempre teve isso.

João: Na tua opinião como se dá as relações entre os jovens nessa comunidade?

Entr. 06: Assim, eu vejo muito, eu não sei, deixa eu vê outra a palavra... pela vagabundagem, é vagabundagem. É por essa parte, a molecada muita iludida com o que vê, com arma, com droga. Os moleques já bem pequenos puxando uma arma. Só fala em arma, só fala em droga, só fala em mulher e tudo isso a droga proporciona, né, até certo ponto. Você tem roupa, você tem moto, você tem mulher, você é o cara aqui dentro.

João: Você percebeu essa questão desde quando chegou nessa comunidade ou isso está acontecendo agora?

Entr. 06: Ta se agravando a cada ano. Quanto mais o tempo passa ta se agravando mais. Isso ta se alastrando com muita facilidade, muito fácil mesmo. Antes você chegava os moleques jogavam bola, se garantiam jogando bola, ficava uma interação legal, né. Todo mundo era amigo ia jogar bola, tudo mais, ali era o cara.

João: Que outros grupos de interesse além do futebol se expressam na comunidade?

Entr. 06: Aqui na comunidade mesmo não. Muitos saem pra jogar um vôlei fora, em Messejana, em alguma quadra. Alguns amigos se reúnem ainda aqui na ONG pra jogar basquete, acho que no Santo Antonio eles vão. Na comunidade mesmo a única facilidade que você encontra é um campo de futebol, que até isso os jovens daqui estão perdendo o interesse. Você não vê mais menino jogando muita bola.

João: Na tua opinião há muita diferença de gênero, diferença entre meninos e meninas na comunidade na forma como são criados, tratados, etc.?

Entr. 06: Não, não eu vejo que é mesclado. A mesma coisa, a mesma criação.

João: A comunidade ainda é muita conservadora ou já está mais liberal em relação aos jovens?

Entr. 06: Como em todo canto ainda existe umas coisas que são mais conservadoras. Mas eu acho que ta mudando aqui também, o pessoal ta expandindo mais, ficando com a mente mais aberta. Abrindo as fronteiras.

João: Como os jovens são vistos e tratados por instituições como a Família, Escola e Igreja?

Entr. 06: As vezes, eu acho que com um pouco de omissão, poderia haver mais participação. A gente espera que esses órgãos, que tão mais à frente, que têm um certo poder deveriam atuar mais, principalmente a Escola, mais programas com aulas em tempo integral, deixar os alunos no máximo na Escola pra ter menos contato ainda com a rua. E tem o seu momento, no final de semana, sair, tudo mais. A Igreja, pelo menos a daqui só vejo ela participando de missa. A missa de Domingo e pronto. Tem aquele certo pessoal, que são os coroinhas do Padre, aquele grupo e pronto. A Igreja ali acha que já fez a parte dela já salvou aquele grupinho ali e pronto. Aqueles já estão salvo e pra Ela é o que importa é aquilo ali, o resto morreu. A família eu vejo muitas desestruturadas aqui. Por parte assim de educação dos filhos, a falta o diálogo, a falta de estudo dos pais, também, que eles não tem, não são muito abertos. Ai os filhos não encontram o que precisam em casa vão pra rua ficar com os traficantes.

João: Como os próprios jovens se vêem aqui na comunidade?

Entr. 06: Eu acho assim, até de certa forma discriminados. Você sai... Eu mesmo, me sinto discriminado pelo bairro mesmo, sabe. Você sai... conhece uma pessoa. Onde você mora? Na Pedra. Ai? Onde é a Pedra? Onde fica a Pedra? As vezes eu vejo já nessa parte mesmo a discriminação. Pela parte dos homossexuais, dos meninos, tem discriminação, porque o pessoal ainda é muito fechado. Muito cabeça fechada. Tem umas brincadeiras com eles que não é muito apropriada e também discriminação por parte deles. Eu acho também que tem discriminação com uma galera mais nova, quando você vê um menino de bermudão, camisa de marca, boné, já chama de vagabundo e não é, às vezes é um estilo. Mas o pessoal daqui quando vê um menino assim já pensa que é vagabundo, que é isso, que é aquilo. É um incentivo a mais pro cara ficar, é negativo.

João: Existem galeras ligas a determinados estilos ou tribos, por exemplo rock, skate, rip-rop, funk, etc.?

Entr. 06: Rock. Tem o pessoal do rock, mas a comunidade discrimina, chama de doido, diz que eles vão pra cemitério meia noite, que eles bebem sangue, que eles não têm o que fazer. Todos eles trabalham, curtem o que gostam, bebem, mas tudim trabalha, é cidadão, paga imposto, normal, mas aqui o pessoal chama de louco. Na quadrilha junina, quando os meninos entram, que é a parte homossexual, ai fala que o cara é isso, é gay. Fank não tem. Hip-hop tem os meninos aqui do Centro Cultural, que tem mais acesso.

João: Essa questão do jovem afirmar a própria identidade, o uso da fala, a expressão do corpo, a auto-determinação do jovem em relação a comunidade?

Entr. 06: É difícil. Pra mim foi difícil. Porque pra você se afirmar como homem você tem que ter atitude de homem, né. Pelo menos pra maioria aqui ter atitude de homem, na cabeça deles, é pegar o que você vê pela frente, você pegar, menina com dente, sem dente, que fuma, que não fuma. Por que se você não pega você é taxa... é mole, é viado, é gay. Você não se garante e essa é a mente dos homens aqui e se você não seguir o padrão, que eles impõe pra você aqui, você é taxado de gay. Você é gay, você é viado. Você não pode sair com um colega que você é gay, é viado.

João: Há uma mentalidade machista na comunidade? Ou isso já está mudando?

Entr. 06: Com certeza. Não, eu vejo a mesma coisa. Quando eu saio com os meninos e tudo mais e vê que o menino não fica com menina, os colegas mesmos brincam... deixa de ser mole. Tu é viado? Tu é gay? Ta do mesmo jeito. Se você não curtir com a menina que aparece, que eles querem, você é taxado .

João: Há diferentes grupos de jovens na comunidade (Igrejas, esporte, rock, gays, etc). Existe diálogo entre esses diferentes grupos?

Entr. 06: Não, cada um nas suas patotinhas, rock com rock, forró com forró, nenhum eu vejo se interligar com os outros. Cada um na sua, cada um curte o que gosta, isolado. Logo, que cada um tem preconceito com o outro. O rock não gosta do forró. O forró não gosta do rock. A igreja evangélica não gosta dos católicos, os católicos não gostam dos evangélicos. Ai, cada um com o seu pensamento e cada um acha que o seu pensamento esta certo, cada um defende o seu, não busca o contato, nem se interligar com o outro.

João: Você acha que a participação dos jovens em atividade sociais, esportivas, culturais, artísticas, são importantes para a sua formação na comunidade?

Entr. 06: Claro, com certeza, em qualquer bairro, principalmente agora, pra tirar os jovens da rua, dá um futuro melhor, dá uma estabilidade dentro da família. Estruturar a cabeça dessa galera mais jovem, mostra que não tem só o lado que eles vêm, porque eles vão por esse lado porque é o mais fácil. Agora, se tem uma atividade, se tem um local, se você tem uma quadra. Se você tem uma atividade de teatro, se você tem uma sala de leitura, e faz... eu digo busca alternativas pra chamar esse jovem, porque não adiante só ter o espaço sem ter um trabalho de... divulgação, uma parte bem interessante de mostrar aquelas atividades não vai adiantar de nada ter a quadra se você não sai espalhando, diz que vai ter isso, aqui, faz um torneio. Você não vai ter um biblioteca lotada se não fizer atividades pra isso, um sarau , divulgar contos, contação de histórias. Tudo que divulgar literatura e seja interessante para o que eles querem encontrar mesmo numa biblioteca.

João: Esses espaços ajudariam no encontro dos diferentes grupos dentro da comunidade?

Entr. 06: Acho que sim. Com certeza, principalmente nas atividades coletivas. Futebol, vôlei, basquete, o teatro, uma sala de informática.

João: Aqui nessa comunidade existem muitos espaços pra esse tipo de atividade?

Entr. 06: Espaço existe, mas as vezes não são usados e quando são usados, são pouco divulgados. Eu vejo espaço o Tristão de Alencar, o Dom Geraldo, o Centro Cultural, tem aquele espaço da paróquia ali na Maliça, mas que não é usado, é muito pouco usado. A praça é muito precária. Eu por mim, não me interesso nem um pouco pela praça. Mas é uma alternativa para o jovem daqui, de certa forma sim, porque você marca alguma coisa, vamos pra praça e tudo mais, fica rodando. Mas nem todos vêm a praça como um atrativo, pela falta de infra-estrutura, porque a praça é pequena, porque tem confusão, as mães ficam apreensivas com os filhos que vão pra lá. Existe galera que vem e começa a atirar, que nem teve confusão aí. Tem um atrito de um bairro com o outro um não pode andar aqui, os daqui não podem andar lá. Umas mães ficam apreensivas, outras não se interessam, os que vem, puxa um pouco e sai fora, vai embora.

João: Sobre o espaço específico dessa ONG, Qual foi o teu primeiro contato com ele?

Entr. 06: Eu conheci a partir de... vindo mesmo aqui. Morava no condomínio Celita e eu vim através do Sissal. Ele me chamou: vai lá ver os livros, ai eu vim, comecei a vir na biblioteca, peguei livros, li alguns, comecei a brincar no campo de futebol, tinha um campo ai, que a galera gostava muito. A primeira vez que eu cheguei aqui foi através do Sissal, lá pra biblioteca.

João: E que outras formas de participação você teve nessa instituição?

Entr. 06: Eu trabalhei aqui durante três anos e nove meses. Minha participação foi mais diretamente na biblioteca e, às vezes, vamos dizer que eu auxiliava na informática, fazia rodas de leitura, auxiliava em dinâmicas no salão, brincadeiras educativas para as crianças. Colocava o vídeo para eles. Eu trabalhava nessa parte todinha.

João: Na tua opinião, qual a importância dessa ONG para a comunidade?

Entr. 06: Importantíssima. Essa ONG ajudou muita gente. . . direta e indiretamente. A biblioteca é de suma importância, principalmente agora, tem que ter um papel bem mais incisivo, mais atuante. Porque agora, mais que na hora é preciso. Porque é o único espaço mais aberto, o espaço mais conhecido mesmo, que pode vir o jovem se encontrar, se socializar é essa ONG.

João: Qual a importância dessa ONG para os jovens aqui da comunidade?

Entr. 06: A nesse tempo todo (10 anos)... A biblioteca é muito importante, a parte de pesquisa, a parte de empréstimo de livros, a parte de prestação de serviços: fazer currículo, fazer carta, trabalho escolar, que agora, sim, tem “lan house”, mas de primeiro, há dois anos atrás, só tinha essa ONG aqui, só tinha aqui, se você quisesse um computador, estava precisando de uma coisa, tinha que vir no Centro Cultural. E o Centro Cultural sempre ajudou, toda vida, por meio daqui ou da própria Dona Maria, se aqui não tivesse: vamos lá em casa, vou acessar a internet e trago pra você. A parte de esporte muito importante. A quadra que foi construída, muito importante. Serviu pra eventos, pra torneios, pro basquete, pro vôlei, que foi uma socialização, porque a maioria que fazia vôlei era homossexual vinha, esperava a galera do basquete e o pessoal do basquete vinha e jogava vôlei. Era uma integração muito legal. Todo mundo brincando, sem preconceito um com o outro, muito interessante mesmo. Fora a sala de informática, bem estruturada, com instrutor, com material didático, um cronograma bem organizado de aulas, oferecendo cursos, capacitações, que eram difíceis por aqui e o Centro Cultural inovou nessa parte também de curso de informática. O pessoal aqui tem pouco poder aquisitivo, de dinheiro e o Centro Cultural dava essa oportunidade, era uma baixa mensalidade e você fazia um curso que era o básico, mas era um curso, que era reconhecido por uma escola renomada como o CDI (Comitê pela Democratização da Informática). Muito interessante. Você não via só a parte do curso. Você via a parte da cidadania, que isso era o mais interessante, também. Não formar a pessoa, aquele jovem só no curso de informática, mas formar uma pessoa qualificada para a informática e um cidadão, que era a junção dos dois. O Centro Cultural para os jovens é de suma importância, mesmo, muito interessante. Foi muito gratificante o tempo que eu passei aqui e muito.

João: Pra tua vida pessoa, qual foi a importância do Centro Cultural?

Entr. 06: Foi tudo, até esses vinte e três anos que eu vive, foi a minha principal experiência. O Centro foi importantíssimo, não que já não fosse, mas, aqui eu aprendi a ser mais organizado, a ter pontualidade, a ter mais respeito, a ter mais dedicação, a fazer as coisas com cuidado, com responsabilidade. Porque aqui de um jeito ou de outro você tinha que fazer, tinha que ser cuidados, porque o Centro não tinha recurso fácil, um capital bom, pra equipamentos e tudo mais. Então, tudo o que você fosse fazer tinha que fazer com bastante cuidado, pra dá tudo certo, não ter desperdício, não ter problema em nada. Foi o máximo mesmo, o aprendizado que eu tive com todos os instrutores que passou por aqui, os cursos que eu fiz aqui, as pessoas que eu conheci aqui. As emoções que eu passei aqui. Momentos difíceis que eu passei. Tudo valeu, tudo valeu, para o meu crescimento, para o meu

amadurecimento, como pessoa, como homem, como cidadão. A socialização que tive com todo mundo aqui, muito, muito, muito, bom, mesmo, muito gratificante.

João: Existem outras associações aqui no bairro qual a diferença entre o Centro Cultural e as demais associações de moradores do bairro?

Entr. 06: O Centro Cultural é ativo as outras só nome, ao menos , assim, até onde chega o meu conhecimento. A única que eu vejo que é participativa na comunidade é o Centro. Tem outra associação de moradores.... é talvez seja por falta de informação minha mesmo, mas assim, aqui, o que chega aos meus ouvidos, que eu vejo, que eu já vivenciei, a partir dos anos que eu passei dentro é o Centro Cultural, somente o Centro.

João: Quais são os principais desafios e contradições dessa ONG hoje em relação ao trabalho com os jovens?

Entr. 06: O maior desafio é tornar o Centro Cultural atrativo para o jovem, chamar mesmo assim, mostrar que aqui vai ter o que eles querem, o que eles procuram. A maior dificuldade é essa mesmo. Aliás vem sendo durante todos esses anos do Centro Cultural a maior dificuldade, mas sempre o Centro conseguiu. Acho que muito jovens que tão dentro da Pedra aqui encontraram o caminho dentro do Centro Cultural. Acho, que, de certa forma, é o atrativo mesmo e tem que buscar esse atrativo, atividades, oficinas, cursos. Aqui é muito precário de cursos. Muito difícil mesmo, cursos que interessem. Porque você tem jovens com talentos, que são desconhecidos por eles mesmos. Traz oficina de bombeiro hidráulico, de eletricista, de barman, garçom, caixa, operador de Telemarketing. Você vai formar, com certeza. Vai formar bons profissionais aqui. Acho que é parte do atrativo. E essa é a dificuldade muito grande pra trazer coisas e mostrar pra eles.... e logo com as informações que vem de todo lado, vem internet, vem televisão, vem festa todo dia, de domingo a domingo, festa aqui, festa ali. Muito difícil você formar, tentar trazer esse pessoal pra cá. Mas eu acho que cursos, qualificações, bons professores, gente pra mostrar interesse pra eles e formar esse jovens eu acho que vai dar certo.

João: O que é participação e cidadania pra você?

Entr. 06: Pra mim eu acredito muito em se ter mais atividade, buscar ter mais atividade dentro da comunidade. Buscar de alguma forma ajudar. Não sei... várias reuniões pra discutir esse encontro de juventude que o Centro ta organizando, muito interessante. Isso é uma forma de ta ajudando ao jovem ser cidadão, porque ele ta participando e ta se interessando. Ali faz parte, ta querendo ter melhoras pra sua comunidade e o jovem participando está sendo cidadão ao mesmo tempo. Ta buscando essas reuniões, são interessantes, são mais informações, aprende mais.

João: São importantes essas atividades sociais, comunitárias, culturais e esportivas para a formação dos jovens na comunidade?

Entr. 06: Sim, eu acho. Eu acredito que a pequeno prazo não muda muito não. Esse é o primeiro encontro, a médio prazo não, não funciona tão bem, não, com sinceridade. Mas, eu acho tendo mais vezes, continuando esse debate, mostrando mais, explicando, abrindo a cabeça dos jovens, aos poucos vai entrando a mudança prática aqui na comunidade.

João: Qual a tua visão da política partidária e dos políticos de um modo geral?

Entr. 06: Eu vejo como muito faltosa a política partidária como um todo e, principalmente, os políticos. Hoje em dia você vê o Senado, o presidente metido em escândalo, a Câmara Federal, o presidente, também, metido em escândalo. O governo, em geral, também metido em escândalos, subornos e tudo mais. Aí, de certa forma, isso faz com que o jovem fique desesperançoso. Os únicos que ainda tem uma mente de cidadania, de participação, e olha como é. Eu tô aqui, tentando melhorar a minha comunidade, tudo mais e os caras lá no poder, vem e fazem uma sacanagem dessa: roubam milhões e milhões, desviam dinheiro, constroem castelo e nós, aqui, tentando melhor com a cara e a coragem. A gente tá tentando melhorar nossa comunidade e lá em cima tão avacalhando, de que vai adiantar. A gente se sente impotente diante disso.

João: Você coloca sua energia e talento mais a serviço da vida pessoal ou para contribuir nas mudanças dentro da comunidade?

Entr. 06: Com sinceridade? Mais na minha vida pessoal. Eu tô distante. A partir do momento que eu sai do Centro Cultural eu fiquei distante, um pouco assim. Não estou participando de reuniões, nem aquelas de juventude que o Centro me convidou. Estou no trabalho, que, quando saio, saio muito cansado, muito cansado mesmo, aí eu vou estudar um pouco e descansar pra no outro dia já pegar no batente de novo e começar a trabalhar. Eu mesmo, a minha cidadania está voltada para o pessoal, pouco para a comunidade, muito pouco.

João: Obrigado por essa conversa. As tuas informações serão muito importantes para o estudo que eu estou realizando.

Entr. 06: Eu agradeço também. Valeu.

FIM.

ENTREVISTA 07

MÁRCIO (27)

ENTREVISTA 07:

Realizada na sede do Centro Cultural, no dia 04 de março de 2009.

João: Boa tarde, gostaria que você falasse um pouco sobre a tua história de vida, tua infância, tua adolescência e a relação disso com essa comunidade.

Entr. 07: Eu cheguei aqui nesse bairro com dois anos de idade. A gente morava numa localidade que se chama Elizabeth, os familiares da minha mãe moravam lá e com dois anos de idade eu vim pra cá. Fazem vinte e cinco anos (25) que eu estou aqui na Pedra. Hoje eu tenho vinte e sete (27) anos e quando eu cheguei aqui o único divertimento que a gente tinha aqui, quando eu era criança, tinha a idade de onze (11) anos era a rua. A gente corria brincando. Pega-pega, jogava de bila, brincava de futebol. A gente, aqui, nunca teve nesse período, vamos dizer, não era a mesma coisa. A Pedra, quando eu cheguei aqui não existia nem asfalto nas ruas, não tinha nem a Av. Trairá, existia só uma laderinha, eu posso dizer pra você, era mato de um lado, mato do outro e um laderinha pequena de piçarra, não tinha água, não tinha calçamento. Tinha energia, mas não era no bairro todo, só em alguns lugares. Quando eu cheguei aqui tinha energia na praça da Pedra, aqui onde fica o Centro Cultural não tinha energia, não tinha energia. O local onde hoje é o loteamento não tinha residência era pouca casa que tinha, poste a gente contava. Deixa eu ver só tinha aqui o seu cabo velho, que a gente chamava assim, que já morreu, aqui perto aqui da ONG, que tinha um poste de luz e o resto era escuro até a ponta do Trairá. Ai pegava o Trairá, perto da casa do Lutero, que é um pouquinho mais distante, o quarto (4º) quebra-mola, não tinha luz e essa luz a gente só conseguiu o poste pra luz vir por causa do Seu Antônio Borges, que botou, porque era escuro.

João: Como era o espaço de interação desse juventude na época em que você foi adolescente aqui na comunidade?

Entr. 07: Antes não tinha grupo de jovem. A gente se encontrava, a gente tinha grupo de oração por parte da Igreja Católica. Tinha o grupo de jovem mas era só das missas. Tinha uma palhoça que a comunidade fez com muito esforço. Eu posso citar aqui um cara, que ele teve história aqui na comunidade, que foi o Seu Kim uma pessoa que já faleceu. Era um cara que gostava de cantar aquela música: Somos gente nova... aliança do povo, semente da nossa nação... porque a gente arrumou um local, um terreno abandonado, a gente pensava que esse terreno era abandonado e a gente construiu uma palhoça, que era considerada a palhoça do Trairá, ali era a nossa diversão. O Que era a nossa diversão? A gente se encontrava, fazia... Da minha época mudou muito. A tinha o reisado, hoje voltou, mas passou muito tempo parado, foi o Centro Cultural quem resgatou. Mas a gente tinha um reisado que todo ano saia cantando as músicas de reis, mas voltou hoje porque a ONG resgatou. A gente tinha a palhoça e com seis meses queimaram ela e ai, a gente ficou sem esse espaço, a gente brincava de bola no

meio da rua, começaram as bilas de volta, brincava de pião, tudo no meio da rua. Mas a gente tinha o sonho do centro comunitário e depois o centro comunitário do Trairá veio, foi feito, onde hoje está, o Paulinho botou ele pra funcionar de novo, mas ele veio por uma verba de fora dos alemães, fizeram, deram a verba, mas ficou só em fazer, fez até o telhado. Veio curso de máquina, veio curso de sabão, mas ficou por isso ai mesmo. O bairro não foi à frente e, também, a gente era criança ainda, ficava por ali, ao redor, vendo as atividades, os adolescentes e outras pessoas fazendo. Mas só que os adolescentes foram crescendo, foram tomando rumo e abandonaram o Centro Comunitário e ai, eu posso dizer a minha infância foi assim. Claro teve controvérsias, porque a gente tem problemas.

João: Você estudou nas escolas da comunidade?

Entr. 07: Estudei, no Tristão de Alencar. Fiz até a 8ª Série. Depois eu passei dois anos parado e por causa do Centro Cultural e da Dona Maria e do João eu voltei a estudar de novo, porque quase todo dia eles pegavam no meu pé. Aí eu voltei e terminei o meu Ensino Médio. Tô tentando fazer uma faculdade agora, não ta dando pra mim agora, porque eu to meio apertado, mas eu to tentando, eu estou estudando. Já to pegando no livro, tendo mais interesse em pegar no livro e estudar. Ou Música ou Educação Física eu vou tentar.

João: Você foi um jovem que precisou trabalhar muito cedo ou teve tempo livre só pra estudar? Qual foi a tua relação com o trabalho na adolescência e juventude?

Entr. 07: Eu tinha tempo, mas tinha a questão da necessidade. Lá em casa a gente tinha só... a gente comia frango só dia de Sábado, quando não era no Sábado, era no Domingo e a gente, às vezes, comia ovo, tinha feijão, tinha o arroz, o macarrão também era raro lá em casa e a verdura. Isso deu a necessidade de eu trabalhar. Eu trabalhei desde a idade dos 13 anos. Eu trabalhava num sítio, cuidando de vaca, de boi e o cara me dava, nesse tempo, dois reais (R\$ 2,00) e dois litros de leite, que já ajudava e eu cuidava da vacas no curral e levava pra comer ao redor, aqui do nosso bairro. Depois eu sai dessa e fui trabalhar também cuidando de animal, cavalo e capinava. Aparecia um serviço eu ia fazer capinagem, porque tempo eu tinha pra estudar, mas também tinha a necessidade de alimento. A gente como criança, você sabe, a criança sente vontade de comer uma pipoca, um pirulito e eu pedia ao meu pai, meu pai botava a mão no bolso e muitas vezes não tinha. A minha mãe também não tinha, porque ela sempre trabalhou, trabalhou mais pra dentro de casa, em termos de pagar conta, essas coisas. Meu pai foi um cara que sempre gostou de farrear e a minha mãe sofria muito. Ela teve que agüentar essas coisas. As vezes os pai dava, as vezes pegava o dinheiro dele e gastava com prostituta, sei lá, com mulher que ele saía e quando chegava em casa, às vezes, não dava nada. A minha mãe tinha que se virar, lavar roupa, trabalhar em casa de família e eu tinha que me virar também pra trabalhar, pra ter dois reais, cinco reais, que naquele tempo era muito, se tivesse esse dinheiro já dava pra comprar

um kilo de arroz, o pão de manhã, que às vezes tinha, às vezes não tinha. O café sempre teve. Isso aí, eu agradeço a Deus, porque o café sempre teve.

João: Qual a tua visão da comunidade hoje?

Entr. 07: A minha visão da comunidade hoje. Antes quando eu era pequeno a minha visão era justamente o que está acontecendo aqui no projeto. Eu já falei pra você a Dona Maria me pegou eu vim aqui e a gente montou um grupo de samba, nesse tempo era “Unidos do Samba”, a gente precisava comprar uma bateria e eu vim aqui e falei com a Dona Maria e nesse tempo ela tava fazendo umas entrevistas no colégio, com os jovens daqui e eu participei e falei pra ela que a gente tava precisando de um projeto aqui na comunidade, que precisava ter um projeto mesmo, pra tirar essa visão de que a droga aqui, se expandiu infelizmente. Mas, na minha infância ela tava começando, como adolescente eu já tava vendo isso, com amigos meus que já tinham entrado na droga e nesse tempo da minha infância e adolescência a droga que rolava era a maconha. Quando eu via alguns adolescentes quando eu saía, as vezes eu saía de cavalo pro prado, meu pai me deu um cavalo de presente, e eu via meus amigos já estavam usando, mas só que inventava alguma coisa, que o cavalo disparava, saía correndo, ia lá pra frente, um pouquinho distante. Eles usavam droga, mas eu nunca quis e eu tinha essa visão, se a gente não arranjasse um local aqui, até falei pra Dona Maria, que esse local era para o jovem procurar o que fazer para não buscar o mundo das drogas. Foi através de cem reais que vim pedir emprestado pra Dona Maria ela me pegou para dar essa opinião e eu disse: a gente precisa de um projeto, para nos ocupar, como jovem, adolescente. Ter curso de computação, ter futebol, capoeira, para o adolescente sentir vontade de vir pra cá e deixar aquela vontade de conhecer o mundo da droga. E ela veio aí, e hoje você está vendo aqui o projeto, o que foi que aconteceu. O quanto educou. Foi um grande amparo pra gente. E hoje, por exemplo, essa banda que tá aqui recebendo o mesmo amparo de você, ela deu esse mesmo amparo pra gente do “Unidos do Samba” arrumou espaço, a gente ensaiava aqui e por causa desse ensaio vinha muitos jovens ver o ensaio e começou... O projeto tinha livro, aí já vinha e pegava um livro e a gente ficava espalhando, mesmo ‘tando’ só o alicerce, sendo um sonho, a gente da banda fala, brevemente aqui vai ter um centro cultural, tinha só um alicerce demarcando o terreno e a gente sonhava. A Dona Maria falava: vai dá pra vocês ensaiarem lá em cima, porque vai ser o auditório e a gente ficava imaginando o Centro Cultural, só imaginando: pô, vai ser massa, porque aqui não tem nada. A nossa diversão é ir pra Pedra, ir pra Pedra, andar na praça, não tinha nada e aí vinha pra casa e hoje o projeto aqui ajudou muito. Deu uma parada, mas graças da Deus, aí depois veio você ... Aqui a gente fazia as quadrilhas juninas. Pô, foi o local que a gente fazia quadrilha genuína, encontrava o nosso baião.

João: Qual a tua filosofia de vida?

Entr. 07: Eu tinha um sonho, quando eu montei a banda de a gente conhecer e divulgar nosso trabalho não só no Ceará, mas nacional. Eu sempre sonhei alto. Só que quando o meu irmão viajou esse sonho foi por água abaixo porque ele era o único que trabalhava, nesse tempo, ele começou a trabalhar muito cedo, também, mais cedo do que eu, entrou logo no rumo ali, e ele se distanciou pra gerenciar um posto no Recife e ele saindo o sonho acabou, porque ele era a frente, justamente eu falava para o meu irmão que eu era o empregado dele. Eu só tocava. Olha meu irmão eu vou cuidar da parte da música da banda, de som, de instrumento, pegar as músicas, percussão, o repertório. Você vai cantar e trabalhar na parte de administração e quando ele foi aquele nosso sonho acabou. Foi quando eu voltei aqui pro Centro Cultural, aí teve o boi, o boi misteriosos que a gente fez e não teve mais aquele vontade... Meu sonho hoje, João _ eu sou pai. Realizei um sonho por ser pai. Meu filho tá lá em casa, uma benção, o Estevão. Eu tenho vinte e sete (27) anos e eu falo sempre, que agora eu vou ver os meus netos. Quando a gente é pai sonha em brincar também com os netos como brincou com o filho. Meu sonho hoje é estudar. Estou realizando outro sonho aqui no Centro Cultural que é dar aula de percussão, que eu sempre sonhei. Hoje eu tô trabalhando pra mim mesmo. Tô realizando mais um sonho de ser independente sem ter que trabalhar pra gerencia. Você trabalhar, trabalhar, trabalhar, você vê a empresa crescer e você ficar naquela, tá entendendo e eu sempre pensei em ter a minha própria empresa.

João: O que é juventude pra você?

Entr. 07: A juventude pra mim é ser aquele povo que não fica parado. É aquele povo que luta não só pra ajudar a comunidade, não só pra ajudar a si próprio, que o jovem, também, luta por seus direitos. Como no próprio Estatuto da Criança e do Adolescente tem e da juventude, também, que nós temos direitos. Então, a juventude, pra mim, é aquela que luta por seus direitos: Direito à Educação, Direito à Lazer, Direito ao Esporte, etc.

João: Como se dão as relações entre os jovens na comunidade atualmente?

Entr. 07: Tem muito preconceito. Eu acho que o jovem, como eu aprendi e sempre eu vejo isso, o jovem é muito preconceituoso em termos de sexualidade, que hoje eu acho que isso está se soltando mais, mas até um tempo desses era muito incubado. Eu sempre fui um cara que eu disse assim: Deus deu o livre arbítrio pra gente seguir o que a gente quer. Se você quer seguir o homossexualismo, se Deus deu esse objetivo pra você vá, mas seja um cara que saiba se colocar em seu lugar. Tem muita gente, que, às vezes, não sabe se locar no seu lugar e aí eu acho que a gente tem que ter respeito. Eu sempre falei isso aqui na Pedra, que a gente tem que ter respeito pelo homossexual, eu vejo muita gente que não respeita. Eu fico constrangido, quando passa um homossexual e o pessoal da esquina fica mangando dele. Não sabe que a língua paga. A língua paga. A minha falou de um

colega meu que hoje ele é homossexual, que a mãe dele pagou, porque ela falou. Tinha uma criança que ficava brincando e ela julgava: esse menino parece que é “viado”. Apontava muita gente e ela pagou por isso e tem gente que já falou pra ela, olha tu pagou porque tu falou. Existe aqui, também, o preconceito da parte da religião, hoje eu sou evangélico. Pra glória de Deus, mas quando a gente tava na Igreja Católica a gente trabalhava. A Pedra aqui trabalha com a CEBES, que é uma Igreja mais antiga, com uma missa mais tradicional. O grupo (de jovens) da Pedra e eu trouxe pra cá, que um colega meu deu a idéia, a Igreja carismática. Isso aí, houve uma revolução grande na Igreja. Eu vou falar aqui. Houve uma briga, porque o pessoal não aceitou. Eles queriam que os jovens viessem pra Igreja, mas os jovens não aceitavam aquele estilo CEBES e quando a gente veio, a gente arrumou um violão, uma bateria e veio e caracterizou o estilo carismático aqui, mais ritmo, música. Ficou uma coisa mais... Tum, pá, tim, Tum, pá... Avé Maria, Cheia de Graça... Vendo aquilo o jovem... porque todo mês tinha a missa do jovem que a gente fazia, a celebração do jovem. Isso foi mudando, o jovem foi sentido, eu vi, o jovem, o jovem foi querendo entrar para a Igreja Católica, mas só que veio o pessoal mais antigo e barrou e disse: isso não existe aqui porque nós pregamos a CEBES, nós temos que ser CEBES. Nesse dia teve até uma confusão, que eu estava estudando, fui pra escola, e não pude participar, mas foi porque um dos nossos companheiros do grupo de jovens chamou o padre de Hitler, o senhor é muito ditador, só quer as coisas... Ele pegou ar. Ai eu fui tentar minimizar num evento que teve da Pastoral da Juventude, um encontro que tem todo ano, eu cheguei para o Padre e disse Padre, mão não pode ser assim não, a gente tem que colocar, porque o jovem quer coisa nova, o jovem. Sabe o que foi que ele me disse: vai todo mundo tomar no “pan”. Isso pra mim foi o fim da picada. Aí eu pensei, aqui não é o meu lugar não. Porque eu tinha uma visão de exercer, ser ministro, quem sabe chegar a ser um padre, eu achava muito bonito. Mas, quando veio o padre mandar a gente, todo mundo tomar no “pan”. Mandou mesmo, todo mundo tomar lá naquele local. Isso aí, caiu para mim. E é isso que tem aqui o preconceito, que as Igrejas têm, as Igrejas não querem que o jovem tome a frente, o jovem toma a frente mas ela tem que ta, vamos dizer, com o arreio na mão do jovem. Quem ta tomando de conta do arreio do jovem é a Igreja não é o jovem não. Não é o jovem que toma conta de si, do seu cabresto. O cabresto quem toma de conta são os mais velhos. Então, é por isso que o grupo de jovem daqui não cresce. O grupo de jovem daqui da Pedra, eu já falei: é aquele grupo de momento, nunca teve uma geração. O grupo de jovem é assim, de momento, o jovem vai ele vai crescer, vai arrumar uma namorada, um namorado, o jovem vai arrumar um emprego. Outra classe social ele vai começar a freqüentar e vai esquecer o grupo de jovem daqui, que vai continua da mesma forma: resgatar os jovens para formar outro grupo. Mas, por que? É por causa do pessoal mais velho.

João: Os diferentes grupos de jovens que se expressam na comunidade eles dialogam entre si, dialogam com os diversos outros grupos organizados da comunidade?

Entr. 07: Primeiro lugar, ta faltando aqui no nosso bairro, que a gente tem que exercer é a atividade de expressão, que a gente não tem. A gente fazer grupos, que um dia a gente se sente e através desse momento, desse grupo, a gente tenha justamente esse diálogo, que eu sinto falta, grupos de cada visão do rock, do forró, do pop, da juventude, do homossexualismo, tanto masculino, quanto da parte da mulher e sentar e conversar. Aqui homossexual anda com homossexual, a Igreja Católica não se encontra com a Igreja Evangélica. São visões diferentes. Cada uma... Eu sempre digo o Deus é o mesmo, mas cada uma tem uma doutrina diferente e a gente tem que respeitar. Existe isso na forma da Igreja. Na parte do rock existe esse isolamento: a pessoa que é roqueira se isola daquela que gosta de forró porque ela tem uma visão que o forró é uma coisa besta, de gado, de doídin, de careta. A minha visão é essa e falta aqui na comunidade grupos que a gente pegue o cabeça. Sempre num grupo tem o cabeça, de homossexual, ou do grupo da Igreja Católica ou do forró, tem um cabeça lá. Aquele que fala e a galera... e a gente devia sentar e formar um grupo com essas cabeças pra gente sentar e poder dialogar. Conversar e saber como a gente poderia chegar mais a se expressar, para ter uma comunicação maior, pra não ter essa diferença. O Que eu vejo é isso.

João: O que esta faltando pra formar esse grupo?

Entr. 07: O que é que está faltando? Está faltando eu, essa opinião minha, que veio agora, pra gente se reunir e conversar, mas, também o grupo tem que querer vir. Ta entendendo, pra gente reagir, pegar numa mão. Por que, às vezes eu penso que existe Israel, o Iraque lá, que eles não se batem, que é uma coisa de religião.

João: Você acha que tem uma responsabilidade pessoal, nessa articulação em reunir os jovens pra conversar, pra unir vários segmentos de jovens aqui do bairro, pensar em melhorias para o bairro?

Entr. 07: Eu posso te falar com sinceridade que tem que haver uma conversa, porque eu estudando a Bíblia, eu gosto de estudar a Bíblia, por que eu digo que não sou crente, eu sou religioso. Crente é assim se aqui é um celular e digo é um aparelho celular, então estou crendo. Eu sou um evangélico, eu estudo a Bíblia. A palavra de Deus diz que quando ele botava as pessoas pregar, dizendo pregai o evangelho pra toda criatura e fazei discípulos eu vejo essa pequena estrofe, que ele sempre mandava dois, nunca mandava só um. Sempre tem que ter uma pessoa ao meu lado. Jesus é muito sábio. Porque, quando aquela primeira pessoa desistisse, tinha aquela outra para dar continuidade, aquele empurrãozinho. Deus é conosco. É justamente isso, tem que ter a outra pessoa ao meu lado que queira também, vamos reunir essa galera, vamos reunir o povo religioso, vamos reunir o povo homossexual. Eu queria saber pro que? Por que você teve essa opção sexual? O

que foi? Um amigo meu me disse: hoje não dá mais pra mim. Vou buscar o Senhor. Ele vai casar, beleza. Mas ele disse que veio de mal trato de padrasto dele, que virou um trauma e hoje ele caiu na real. Eu não quis detalhes, não sou um cara de estar detalhando... Mas eu queria um grupo pra gente debater ou se a pessoa não quiser, conversar no cantinho, me diz porque essa opção. Eu queria compreender. Eu tenho essa visão de querer compreender a pessoa e perguntar a Igreja Católica e a Igreja Evangélica por que dessa opção? Não é só um Deus? Por que a gente não faz um encontro numa só religião? Vamos buscar Deus, fazer um culto, ou uma missa ou uma celebração. Vamos fazer uma adoração e buscar o Senhor nesse exato momento.

João: Existe muita diferença de gênero nessa comunidade. Diferença entre meninos e meninas. De como os meninos são criados e tratados de como as meninas são criadas e tratadas?

Entr. 07: Hoje ta... Mas no meu tempo. Eu vou falar bem sério, hoje ta diferente eu vou falar de namoro, pra você namorar hoje... No meu tempo você tinha que conquistar a menina. Hoje é diferente, hoje é a menina que vem até o rapaz, isso mudou muito. Hoje uma criança, uma menina de quinze anos já sabe o que um adulto já sabe. Antes a gente tinha curiosidade de saber o que a menina tinha ali dentro daquele vestido ou daquela saia. Ficou uma coisa diferente. A gente tinha muita curiosidade. Pra sair um beijo no meu tempo não era brincadeira não, tinha que conversar com o pai, tinha que namorar na casa da menina, passar um bocado de tempo na moral. O pai passando na sala. Pra gente ganhar um selinho era difícil. Hoje não, hoje você vê o jovem, você passa numa esquina e já vê o jovem fazendo sexo já... É isso que eu vejo a diferença. O jovem hoje ele mudou, mudou, mas ainda existe a caretece de botar as meninas dentro de casa, pra varrer a casa, lavar os pratos. O machismo ainda tem. Eu perdi isso aqui no Centro Cultural fazendo o nosso teatro. Você não perde o que você é porque vai botar uma saia ou vai pintar o rosto, fazer um palhaço, uma dramatização. Você não vai perder com isso. Mas o jovem de hoje tem isso. Por que o jovem não está aqui no Centro Cultural, se você for ver aqui tem mais criança. Adolescente tem aquele que anda com a gente, comigo, com o Soneca. Mas cadê o jovem?

João: Na tua opinião qual é a imagem social que comunidade faz da juventude?

Entr. 07: A comunidade faz da juventude, de alguns jovens, que eu vejo alguns amigos meus, que eu vejo, o jovem hoje em dia, quer saber mais é de brincar, é de curtir, uma brincadeira, ir pra festa, namorar. O jovem não ta pra vê o seu futuro. O jovem só vai pensar no seu futuro mesmo é quando o pai começa a pegar no pé dele, ele pensa mais no futuro. Então, a comunidade ta vendo isso demais, o jovem ta mais desligado. Houve esse movimento Pedra é Fortaleza, se fosse pra gente citar, buscar os jovens que queriam resolver isso eram poucos mesmos. Eu vejo que a maioria dos jovens, eles foram mais pela brincadeira. Porque pra muitos jovens tanto faz como tanto vez aqui ser Pedra – Itaitinga ou Fortaleza, não ta

nem aí, com eu já ouvi, pessoas dizer: eu não tô nem aí. Mas, elas não sabem o tanto que isso ia prejudicar a gente a questão dos colégios, posto de saúde, o ônibus. O jovem tem que sentir na pele pra ele cair na real, eu vejo isso. Eu vejo isso no jovem pouco interesse e é mais brincar.

João: Como o jovem é visto e tratado por instituições como a Família, a Igreja e a Escola?

Entr. 07: No meu pensar, hoje, o jovem estar mais liberal. Sempre eu falo do meu passado. Meu pai só deixou eu começar a sair pra fora de casa aos quinze (15) anos de idade e dezesseis (16) era o meu irmão, a gente sair mais, pra conhecer mais, ir pra praça, ir por aqui por perto. Hoje, não. O pai ta sendo mais liberal com o jovem. O pai ta deixando de ter aquelas conversas, aqueles conselhos, que eu vejo. Eu dou aula aqui no projeto e eu mesmo aconselho o jovem porque muitos dizem pra mim que nem o pai e nem a mãe chegam pra conversar. Para perguntar como foi o dia? E aí? Com foi lá no projeto? Como você está na escola? Quer dizer, perguntar para o jovem pelas tarefas, ta faltando, eu vejo isso.

João: Quais são os principais desafios e contradições enfrentados pelos jovens e pelas jovens aqui na comunidade?

Entr. 07: O maior desafio do jovem aqui é a luta pelos seus direitos. De exercer uma cidadania melhor, seu direito de buscar uma educação melhor, um curso maior. Porque um jovem daqui foi ali no Barroão, se inscrever no Projovem, levou a carteirinha dele, quando o cara soube que era aqui de Fortaleza não inscreveu não. Só tava inscrevendo o jovem da Itaitinga. Ele até disse: Ei macho como é que a gente faz pra falar com o João, pro João ver ai, pra gente reunir, lutar, chamar um pessoal e a gente ir atrás do Projovem aqui pra Pedra. Porque aqui não tem. Porque eu fui barrado lá na Itaitinga. Ai eu disse, a gente vai ver isso. Tem muito jovem que está em outro local, porque ele ta procurando o que fazer. Mas não tem aquela pessoa pra da um empurrãozinho, vamos lá, fazer um curso...

João: Essa questão da formação da identidade do jovem é processo fácil para o jovem aqui na comunidade?

Entr. 07: A importância de eu querer exercer a minha personalidade, que hoje eu tenho veio de eu buscar. Em primeiro lugar a expressão veio com o projeto aqui, o Centro Cultural me ajudou muito, como você também à gente querer buscar novos objetivos. Porque antes o meu objetivo era ter um trabalho, era ter um emprego e pronto. Chegar na minha casa, comer, beber, dormir e pronto, beleza. Mas esse objetivo de lutar, de buscar a minha identidade, de lutar pelo meu direito, de querer um coisa e de ir atrás e dizer eu tenho que conseguir, porque quando o jovem luta ele consegue vencer. A minha identidade veio através das pessoas que me ajudaram, mas falta isso para o jovem. As vezes o jovem só tem uma identidade ao contrário, de ser um jovem, como a gente vê, que tem muito jovem que busca o

caminho errado, por causa de algumas influências que ele tem. Eu poderia ter uma influência dessa, de hoje ta junto com alguns jovens, porque eu conheço alguns jovens aqui que se você for citar no nosso bairro tem várias bocas de fumo: tem uma aqui perto do Centro Cultural; tem outra casa ali, outra perto do posto, outra no loteamento que ganharam ali. Tudo isso aqui tem. Essa influência vende, porque. O jovem vê o cara pegando numa moto, nem trabalha, nem nada, já tem uma moto. E eu, trabalho, trabalho pra caramba e não tenho uma moto. Eu vou perguntar pra ele? Como é que tu ta fazendo pra ter essa moto? Tu ta fazendo o que macho? Ai o cara diz: Meu irmão eu entrei nessa _ eu não uso, mas eu pego tantos pacotes, eu pego dez (10), eu ganho com esses dez pacotes aqui 100% acima do que eu ganhava com meu trabalho. Hoje eu tenho tudo. Mas porque esse jovem não conheceu um jovem mais cabeça, uma pessoa mais cabeça ou um lugar mais cabeça como eu conheci aqui o Centro Cultural que chega pra dizer olha sua influência é essa, o jovem tem que lutar, o jovem não precisa de droga, o jovem não precisa ser explorado, se você tem o seu jeito de ser, tem que lutar por ele, as pessoas tem que te aceitar do sei que você é. Eu sento com as crianças e converso, o que é certo e errado. Amanhã elas vão ser o nosso futuro. Senão lá na frente elas vão dá na nossa cara, meu.

João: Você acha que é importante existir na comunidade existir esses momentos de brincadeiras, atividades esportivas, culturais, atividades sociais?

Entr. 07: É importante, agora pra mim tem que ter aquela pessoa que tenha o mesmo interesse e a mesma visão em querer educar. Pra mostrar pra criança, pro jovem, pro adolescente o que é certo e o que é errado. Se for só para passar o que a pessoa sabe no esporte, só pra pegar a bola, não dá. Tem que parar e ter aquele diálogo, aquela aula de cidadania, pra mim não serviu de nada uma bola, pra mim não vale de nada só a capoeira, não vale de nada a percussão, se eu fosse só chegar aqui botar os instrumentos e ensinar, sem ter o diálogo, a conversa. Se tiver tudo isso e mais coisas é excelente.

João: Aqui na comunidade há espaços e oportunidades para esse tipo de atividade acontecer e com esse nível de qualidade que você está destacando que é a questão do diálogo, da formação para a cidadania?

Entr. 07: Tem a gente tem espaço da ONG, a gente tem o espaço do Centro Cultural.

João: Além do Centro Cultural existem outras associações na comunidade, qual é o diferencial do Centro Cultural?

Entr. 07: A diferença é como eu estava falando para o Seu Jorge antes dessa Entrevista é porque o Centro Cultural lutou e conseguiu um espaço aqui na comunidade e as outras associações, as poucas que têm aqui são muito incubadas, são muito escondidas. Sinceramente, se você me perguntar aqui, eu conheço o Centro Cultural, se você me perguntar se existe outra associação aqui na Pedra

além do Centro Cultural eu não vou indicar porque são paradas. Pode ter nome, existir no papel, mas é parada. Associação que visa o lucro, não expandir atividade social, mas sim o lucro. Já o Centro Cultural exercer atividades e ta se expandindo, ta sendo conhecida. Se você perguntar pra se eu já tive oportunidade em outro canto, se eu já fiz atividade noutra aqui na Pedra além do Centro Cultural; eu vou te responder não. A minha atividade foi aqui, o meu crescimento foi aqui, a minha infância. Por isso que eu senti, quando eu sai do trabalho, que eu tava vivendo da casa pro trabalho eu senti vontade de vir pra cá. Eu poderia ter tido vontade de fazer minha atividade no Barroco, no Alto Alegre, ou no Santa Maria, mas não eu senti vontade de vir pra cá, porque eu vejo que aqui tem futuro. Tem atividade onde tem pessoas que lutam para exercer uma coisa correta. Em outras associações eu vejo o lucro, ali no Trairá, tem a Associação dos Moradores do Trairá e eu não vejo atividade. Eu vejo um prédio, que tem o CNPJ, que eu fui convidado a ser o segundo secretário e eu não vejo exercer essa atividade. Quando chega papel pra eu assinar eu digo, eu não vou assinar porque eu não sei e não vejo essa atividades na associação, não vejo. Quando nós fizemos a reunião pra eleger as pessoas pra ficar a frente eu vi naquele momento uma coisa extrema, pra ter uma coisa assim diferente e hoje eu não vejo nada. Eu vejo um prédio parado ao mesmo tempo, só que agora ele está sendo cuidado, ta varrendo e tudo, mas as atividades. Espaço tem, mas qual é a atividade? E hoje no nosso bairro a única atividade que funciona, se o nosso bairro foi pra frente foi por causa do Centro Cultural. Se você citar a Pedra é Fortaleza e não Itaitinga é por causa do Centro Cultural, que foi às ruas, e o povo veio, fez aquela caminhada e acompanhou a gente, porque se a gente não abriu mão de buscar isso ai, hoje em dia a nossa Pedra não era mais Fortaleza era Itaitinga.

João: Há políticas públicas para os jovens aqui no bairro?

Entr. 07: Que eu saiba, projetos do Governo, da Prefeitura, tem. Tem projetos do Governo, da Prefeitura, que eu não me lembro bem o nome dos projetos, mas teve um bolsa, que veio pra cá para o Centro Cultural os “Talentos da Cultura”, teve outra bolsa que veio pelo Colégio Tristão de Alencar, que é o “Mais educação”, agora, como jovens agente quer mais, não quer só isso não.

João: Como você conheceu o Centro Cultural? Qual o seu primeiro contato com ele?

Entr. 07: Foi justamente através da Dona Maria Nobre que fez uma entrevista comigo e com outros jovens daqui e dessas entrevistas surgiu a idéia de criar o Centro Cultural, mas pra mim era só um sonho, não existia. Quando a gente começou a ensaiar aqui o “Unidos do Samba” a gente viu fazendo o alicerce, ai eu disse, vai dá certo; viu subindo as paredes, deu pra somar um mês, foi construindo tudo, veio o Centro Cultural, ai pronto. A minha primeira percepção quando eu entrei aqui, foi pra fazer um curso do SENAC de Guia de Turismo, ainda tenho a inscrição em casa. Ai eu comecei a vir mais, conhecer Dona Maria, varias outras pessoas que estavam à frente, as irmãs dela e elas ficaram me conhecendo e diziam

e ele tem talento. Quando tinha evento eu trazia meu som, eu sei tocar percussão. Depois a gente teve uma idéia de fazer uma banda com marchas de carnaval era eu, o Betinho, o Paulinho, eles eram meninotes, ainda, o Jaimson, o Tiaguinho, um pessoal bom e a gente saiu se apresentou no Tristão de Alencar, na Escola Dominginhos, na Escola Dom Geraldo. Eu cantando e os meninos tocando as marchas e a gente fez o carnaval de cada escola aqui da comunidade. Depois eu fui me entregando mais ao Centro Cultural veio os festivais de quadrilha, depois o Boi Misterioso, quando eu te conheci e ainda estou até hoje, aqui.

João: Qual a importância que você atribui dessa instituição para os jovens, de um modo geral, aqui dessa comunidade?

Entr. 07: Uma vitória muito grande, porque essa instituição, esse Centro Cultural aqui foi uma vitória muito grande pra comunidade e pra gente, porque a diversão aqui era nada, não tinha nada e você vai como eu já falei nessa entrevista que a gente só tinha a praça e hoje a gente o Centro Cultural e pra mim como jovem, que eu entre aqui como criança, passei a minha adolescência aqui e já tô é virando um adulto aqui é uma vitória. As minhas palavras simplifica o Centro Cultural como uma vitória pra o nosso bairro.

João: Pra tua vida pessoal, qual foi a importância dessa instituição pra tua vida pessoal?

Entr. 07: Foi o meu crescimento. No meu primeiro trabalho, trabalho mesmo, ali no posto São Cristóvão como frentista, no meu Currículo eu coloquei: exerce atividades sociais no projeto do Centro Cultural... e quando eu ia da uma entrevista pra trabalho eu sempre mostrava isso que vazia parte do projeto, que já tinha essa experiência. Que esse projeto me ajudou muito e os cursos que eu fiz no Centro Cultural me ajudaram muito, os certificados que eu tinha, me ajudaram no meu primeiro emprego, porque ajudou muito no meu Currículo. Até entrar no posto São Cristóvão, o Seu Antônio Machado, quando eu falei pra ele desse projeto aqui, ele disse, então é verdade que você é uma cara que arregança a manga, ajuda na comunidade, tá ajudando num projeto social e agora você vai trabalhar aqui. Quando ele disse isso, eu falei: oh! Benção! Já vou trabalhar _ Você já vai trabalhar, o emprego é seu, você está exercendo uma atividade numa ONG, na sua comunidade isso é uma boa experiência. Ele pegou na minha mão e me cumprimentou.

João: Hoje na tua visão quais são os principais desafios e contradições enfrentados por essa ONG?

Entr. 07: O principal desafio que eu acho que a ONG enfrenta está relacionada mesmo aos jovens daqui. O jovem ele sabe que existe essa ONG, conhece a ONG, sabe qual é o objetivo da ONG e tem muito jovem que não procura, como a gente vê. Eu tava entrando aqui na biblioteca e vendo esses livros todo e te perguntando: João como é que tá a biblioteca? E você disse que a frequência estava pouca. Eu fico olhando para esses livros aqui e os jovens ele não tá usufruindo do que tem na

ONG. As vezes eu até falo assim se não fosse as crianças que freqüentam aqui o que seria da ONG? Se fosse só pra lidar com a juventude de hoje? Se não existissem as crianças a nossa luta ia ser maior porque relacionada a juventude, com relação alguns jovens aqui poucos, poucos estão aqui na ONG, procurando saber o que tem, as atividades, os horários, as oficinas, a percussão. O meu trabalho hoje só existe aqui na ONG eu posso dizer isso pra você por causa da criançada. E o jovem? Por que não participa? O jovem sabe quando eu comecei esse curso de percussão aqui eu sai falando e chamando os jovens, fui na Escola Tristão de Alencar, falei com o Juarez, preguei alguns cartazes, mas o jovem aqui eu vejo pouco interesse e eu procuro entender eu fico lá em casa sentado e refletindo: O que está faltando para o jovem participar? O que precisa para o jovem sair de casa e ir até a ONG? Conhecer, buscar saber, o jovem, o adolescente aqui da Pedra. Porque antes a gente via os jovens e adolescentes aqui dentro com a gente eu, o Franklin, o Juninho, o Robinho, a Aninha, a Cici. Tinha muitas pessoas e a gente tinha um prazer de estar aqui dentro o nosso objetivo era esse e hoje a dificuldade que eu vejo da gente é do jovem, do adolescente não quer mais buscar fazer uma atividade. É isso que eu vejo. E eu vou dizer também o que a gente pode fazer pra esse jovem vir. É a gente procurar fazer essa atividades que você ta fazendo. Essas feirinhas. Os eventos como o primeiro encontro de Juventude da Pedra, uma coisa importante pra focar os jovens e os jovens conhecer mais o Centro Cultural e se envolverem mais como o Raíbe, a Patrícia que estava um pouco afastada, também vir pra cá naquele dia, a Hortência também que fazia tempo que eu não via a Hortência. Jovens daqui, do Barroão, que me perguntaram depois. Então eu pensei, ta faltando isso aí, a gente tem que buscar uma maneira de buscar o jovem com o que o jovem gosta de fazer. Se o jovem gosta de brincar, de curtir uma música, um forro, um pagode vamos trazer ele pra cá através disso. Como por exemplo essa banda que ta ensaiando aí, vamos combinar de um dia fazer um ensaio aberto. Fazer um evento cultural, uma feirinha comunitária, eu posso vender o meu pastel também. Trazer gente da comunidade que trabalha com artesanato e movimentar o Centro Cultural o dia todo, chamar os jovens, conhecer as atividades da biblioteca, conhecer a percussão, conhecer a atividade da computação que a gente tem os computadores aí e pode voltar a funcionar pra os jovens, etc.

João: O que é participação e cidadania pra você?

Entr. 07: Participação é o que a gente esta fazendo aqui. O que eu estou fazendo hoje com você. Eu estou dando a minha participação, da vivência que eu tenho da comunidade e do talento que Deus me deu, para através do meu talento ensinar percussão e dialogar com outras pessoas sobre o que é certo e o que é errado. E eu posso juntar isso com cidadania porque eu sempre quis ajudar os outros. Hoje é um sonho que eu estou realizando. Um dia desses eu estava falando pra minha mãe, se Deus me levasse hoje eu já estava realizado. Porque hoje eu tô trabalhando com o que eu gosto de trabalhar, eu estou fazendo o que eu gosto de

fazer. Eu tô trabalhando por contra própria no restaurante que a gente botou lá em casa e eu tô dando aula de percussão, que é o que eu gosto de fazer. Quando eu venho dar aula aqui no Centro Cultural eu me sinto realizado é um sonho.

João: Como você está construindo a própria cidadania aqui na comunidade?

Entr. 07: Primeiro sendo eu mesmo e sem querer subir nas costas dos outros. Sendo eu, a minha pessoa, uma pessoa humilde, mas com eu digo na minha igreja não gosto de ficar no banco, sentado, gosto de estar exercendo. Então eu me torno cidadão, eu conquisto minha cidadania quando eu estou no meu bairro exercendo, nos movimentos. E eu vou dizer para o meu filho o papai não viveu a infância, a juventude dele só de trabalho não e eu quero que você siga esse exemplo de também aprender e o que você aprender repassar para os outros num exercício de cidadania, para que outros veja você também como um exemplo. Eu vejo muito isso a questão do exemplo, quando eu dou aula para as crianças e adolescentes, que eu dou um conselho, eu tenho que ter aquela responsabilidade de dá um conselho que eu sirva de exemplo, porque eu não posso dá um conselho, se lá na frente você não segue o que fala, então. Exercer a cidadania é você aconselhar e mais importante é que tem que exercer. O cidadão pra mim ajuda a sua comunidade, exerce um fator comum, se alguém procurar, ajuda, é influente na comunidade. Quando a pessoa é influente na comunidade ele exerce cidadania, é uma pessoa que ajuda os outros. A recompensa são as amizades, como a sua. Você pra mim foi um tesouro que Deus deu, um cara que me ensinou a ser eu mesmo. Eu entrei aqui e quando conheci o João achei meio estranho, esse cabra é estranho demais e depois que eu te conheci eu tinha aquela coisa do preconceito, mas depois que a gente conhece as pessoas a gente vê que quando Deus quer ele sabe o que faz e que você gente muito boa.

João: Eu quero te agradecer por essa entrevista, que tem muitas informações importantes para o meu estudo

Entr. 07: Muito obrigado. Eu sou um cara de comunidade, mas eu estou aqui é pra ajudar. Você vai escrever esse livro na faculdade e eu to feliz em participar.

FIM.

ENTREVISTA 08

JÚLIO (51)

ENTREVISTA 08

João: Quero começar pedindo que você fale um pouco sobre a tua história de vida e a relação dela com essa comunidade?

Entr. 08: Eu nasci literalmente aqui, na Pedra. Digo literalmente porque eu não fui pra maternidade não, eu nasci em casa mesmo. Naquele tempo era a Dona Joaquina que era parteira, não tinha aquele negócio de maternidade não. Eu nasci literalmente aqui em mil novecentos e cinqüenta e oito (1958) e dizem os mais velhos que foi um ano de muito seca no Nordeste, principalmente, aqui no Ceará e eu tive o privilégio, eu posso dizer assim, de nascer e morar numa comunidade, num bairro, numa localidade que como fica numa área de limites. É ao mesmo tempo periferia de Fortaleza e tem pedaço de uma cidade vizinha que é Itaitinga e, também, de outro, que é o Eusébio, porque o bairro fica localizado nas extramas desses três municípios. Então esse bairro até hoje guarda, apesar da urbanização, das coisas que se passaram, ele guarda, e principalmente no meu tempo de infância, ele tinha aquelas características de coisas do interior, bem do interior. E algumas características e coisas de grande cidade.

João: Fala um pouco dessa tua infância e adolescência na comunidade, das brincadeiras e das relações sociais como outros jovens e na comunidade. Como era a interação social dos adolescentes e jovens nessa tua época?

Entr. 08: Eu acho que eu fui privilegiado porque eu ainda vivenciei um tipo de infância que era a infância de antigamente onde a gente passava por aquele processo de infância mesmo, das brincadeira, de tomar banho em riacho, de jogar bola, de jogar bila, de fazer, brincar com a água da chuva, de se sentir feliz, de ter uma relação muito grande com a natureza, de curtir o som dos sapos no tempo do inverno aqui perto tem o riacho do “Carro Quebrado”, inclusive é um referencial de limite entre Fortaleza e Itaitinga. Então, eu costumo dizer que a gente ouvia a sinfonia dos sapos, a sinfonia dos pássaros de manhã e à tarde, a gente ouvia a sinfonia do vento batendo nas árvores, das cigarras, dos grilos. Dessas coisas que eu até já imaginei escrever um texto intitulado “Os sons de antigamente”. Eu me lembro até de um cata-vento que tinha aqui na comunidade, porque aqui não tinha água encanada. Tinha as cacimbas, mas o nome Pedra veio dessa questão, devido a dificuldade da água, por causa do lugar ter um subsolo rochoso, mas tinha muita dificuldade de água, então cavaram um poço profundo aqui e tinha

um cata-vento. Olha, rapaz, esse cata-vento tem uma importância muito grande na minha história e na história das pessoas daqui bem de antigamente, desde os primeiros momentos do povo daqui. Desde aqueles momentos em que eu ouvia noite da minha casa o som desse cata-vento e de cantar, assobiar para que o vento viesse e a gente pudesse tirar água do chafariz. A gente literalmente ficava assobiando, chamando o vento, pro vento fazer o movimento do cata-vento e trazer a água.

João: Qual a origem dessa localidade, aqui tem famílias que foram pioneiras na ocupação da área?

Entr. 08: Ao que consta aqui tem algumas famílias tradicionais, família dos Rosas, dos Delfim, dos Sousa. Então, Sousa e Nogueira são as grandes famílias daqui, que deram origem ao bairro, inclusive, a origem da padroeira do bairro, que é Santa Luzia, ela é bem antes, dos festejos que são feitos pela Igreja aqui, porque esses festejos são muito antigos e eram feitos pela família dos Rosas: Seu Antônio Rosas, Seu José Rosas. Então, foi esse pessoal que trouxe a imagem pra cá e trouxe essa devoção do povo com Santa Luzia.

João: Essas famílias estavam relacionadas com esse fato histórico dos posseiros de terra?

Entr. 08: Eu não saberia te dizer de antigamente não, mas eu acho que está nessa linha, porque, cá pra nós, até hoje as famílias que herdaram, os filhos, os netos, a maioria dos terrenos aqui da comunidade não tem aquela documentação regular, tradicional. Então, aqui é uma área realmente que foi apossada por essas famílias.

João: Eu também já ouvi muitas histórias sobre a comunidade como antigo aldeamento indígena. Isso tem procedência histórica?

Entr. 08: Quando eu estava falando aqui eu ia fazer uma referência a isso. A gente não tem dados concretos, mas pelo que a gente colhe, pelos costumes do povo daqui e a gente vai pensar e refletir sobre a origem daqui eu tenho quase certeza absoluta, que nossa origem tá bem ligada com aldeamento indígena. Inclusive a localidade vizinha a nossa aqui, que é o Ancuri, é uma expressão indígena. Então eu acho que a tem essa origem e pode ver isso no biótipo das

peessoas, das famílias mais antigas daqui que tem uma presença indígena muito grande, inclusive, nos costumes também, na aparência física. Tem um componente indígena muito grande. Eu acho que a nossa origem histórica ta bem ligada como isso sim.

João: O que você lembra de mais pitoresco dessa Pedra mais antiga que você conheceu, personagens, histórias, fatos?

Entr. 08: Realmente, aqui por esse uma localidade com essa característica de interior a gente vivenciou toda aquelas histórias, inclusive histórias de lobisomem. Eu como criança presenciei reunião dos homens daqui, o meu pai com outros senhores, que num determinado dia da semana se juntavam pra localizar, pra procurar, pra matar o lobisomem que andava por algumas noites atormentando as pessoas, amedrontando. Então, aqui tem essa coisas que a gente vai remontar, superstições, lendas, mitos, histórias de alma penadas. A gente viveu tudo isso aqui, histórias muito interessantes.

João: Me faz um comparativo da Pedra de hoje com a Pedra da época da tua infância e adolescência, me refiro a estrutura do bairro?

Entr. 08: Eu conheci a Pedra bem rústica mesmo, porque eu conheci a Pedra ainda sem luz elétrica, sem água encanada, sem transporte público. A gente caminhava um bom pedaço de chão, como se diz, pra poder ter acesso a ônibus e poder ir ao Centro de Fortaleza. Eu alcancei essa Pedra sem calçamento, sem tudo isso e sem escola. A escola aqui surgiu, mais ou menos, em 1945, entre 1945 e 1950, Uma escola propriamente dita foi a partir de 1950, antes disso tinha aquela chamada “escola isolada” ela aquela pessoa, aqui na comunidade a Dona Lirêda Peixoto, a nossa primeira professora aqui do bairro. A minha avó era mais antiga do que ela, também foi a primeira professora, mas como ela morava mais para o lado do Ancuri, então, ela é considerada a primeira professora do Ancuri. O sítio onde ela morava, chamado Bujari, mas o povo daqui ia também pra casa dela. A escola isolada era justamente um alpendre da casa ou dos dois lados da casa, na casa da minha avó, eram dos dois lados e a Dona Lireda, aqui, era na casa da Dona Joaquina Delfim, que é uma das primeiras famílias daqui e que a Dona Joaquina Delfim cedeu o alpendre da sua casa pra ter aula, alfabetização, sala de aula, nem chamava assim. Então, assim, considerando o que eu vivenciei com hoje a Pedra está muito diferente e essa diferença tem se acentuado ainda mais dos últimos anos pra cá, principalmente, a partir de 1990. Isso tem mudado muito

e tem umas coisas que eu lamento de ter mudado. Tem o conforto, que o urbanismo traz, mas também tem os profundos incômodos, como no caso da violência, o aumento da violência, no caso da gente perder dessa coisa bucólica, que ainda tem, mas que aos poucos está se perdendo. Eu sou meio saudosista e sinto muito falta disso. Eu nunca admito sair do meu bairro até hoje, até a minha morte, e não admito ainda, mas às vezes penso em querer já um lugar mais tranquilo, mais afastado, porque eu moro, praticamente na praça e a praça hoje está com uma poluição sonora muito grande.

João: O que é juventude pra você e como você percebe essa do bairro atualmente?

Entr. 08: Essa é uma pergunta que inevitavelmente tenho que fazer uma relação com a minha juventude, mas aí a gente vai perceber exatamente muita diferença. Juventude pra mim é um aspecto muito importante da vida. Foi na minha juventude, juntamente com outros jovens da comunidade, percebendo o nosso isolamento, percebendo que a nossa comunidade foi transformada num curral eleitoral e percebendo que na comunidade não havia, praticamente não havia nada, a exceção de uma escola, que oferecia até o 3º ano primário, a gente não tinha serviço público aqui, logicamente a exceção da escola e do chafariz que era um chafariz público, mas tirando isso, nada tinha. Isso é recente, inclusive a gente pode dizer que no início dos anos de 1980, 81, 82, que coincidiu com o tempo que eu estava chegando da universidade, que aliás é uma outra história, pra eu chegar à universidade morando num bairro desse que nem escola tinha, isso é uma outra história, mas voltando a questão que nós estávamos analisando, olha como é recente, eu digo que a história da Pedra pode ser dividida em dois grandes momentos antes da JUP, que foi o primeiro movimento organizado surgido na comunidade, chamado Juventude Unida da Pedra, surgiu em 1981 e surgiu com um movimento de juventude. Então, o que é que foi? Foi aquela história que eu te falei a gente não tinha opção na comunidade, opção de lazer, opção de nada e quando a gente ia para o meio da rua. Nessa época não existia a praça, mas existia o terreno ao lado da Igreja onde já se chamava de praça, mas sem nenhuma urbanização, de modo que a gente à noite, naquele tempo a gente se reunia pra ouvir alguém contar aquelas histórias de trancoso ou coisa parecida e quando não era, a gente ia conversar algo sobre da nossa vida e aí a gente percebe, nessas conversas, que a gente não tinha nada na comunidade, a gente resolveu fundar esse movimento, esse grupo organizado - Juventude Unida da Pedra (JUP) e foi a partir daí que tudo começou, porque uma das primeiras idéias que a gente teve foi fazer um movimento pra que fosse construída uma quadra de esportes, porque a história do futebol era uma coisa muito presente entre os jovens. Então, independente de assistência pública ele (futebol) já era uma coisa que se manifestava aqui no bairro, inclusive, o meu pai foi um dos que

propiciou isso à comunidade durante muito tempo. Aliás o meu pai essa história ainda precisa ser contada, ele foi uma pessoa, um pioneiro aqui em muitas coisas, ele durante muito tempo trouxe esse tipo de lazer que era o futebol, ele mantinha um time de futebol no bairro, que era chamado Santa Luzia, que era o nome da Padroeira. Mas, então, a gente voltando ao que a gente estava falando, 1981, 1992, a gente começou a fazer esse movimento e inclusive a gente conseguiu, com o apoio da Prefeitura de Fortaleza, construir uma quadra, mas também foi em regime de mutirão, a gente teve alguma ajuda, mas a quadra quando ela foi construída inicialmente não foi pelo poder público. Foi um mutirão que nós construímos. Tivemos apoio de algumas lideranças políticas, umas não, literalmente uma liderança política que tinha aqui que era o vereador José Barros de Alencar, que também foi cobrado por nós e ajudou, mas a quadra foi feita por nós, pela comunidade, entendeu, os pedreiros tudo do lugar, os jovens limpavam o terreno, fizeram o alicerce, fizeram a quadra. Aí esse foi o ponto inicial. A partir daí começou-se uma luta para se conseguir vários benefícios, vários serviços públicos. Derivou-se daí, dessa luta dos jovens, se originou aqueles jovens da época, como eu que já tava começando, que quando eu digo jovem, que deu esse salto na comunidade de buscar, de lutar, eram jovens que estavam chegando bem aos dezessete (17) anos, dezoito (18) anos, dezenove (19) anos, alguns com pouco tempo já estariam casados, com dois (2), três (3) anos já eram pais de família, apesar de eu me considerar jovem até hoje, mesmo com os meus cinquenta e um (51) anos. E tem aquela história de dizer depois que casou e teve filho não é mais jovem. Mas o foi que aconteceu, então, como a gente praticamente não podia mais se dizer grupo de jovem algumas dessas lideranças, inclusive, entre elas eu e mais alguns desses jovens fundou a primeira Associação de Moradores daqui, que é a Associação dos Moradores e Amigos de Bairro da Pedra – ASMOAP, é interessante deixar bem claro que a associação não nasceu pra depois se fazer uma luta, ela já nasceu da própria luta organiza dos jovens da comunidade. Primeiro ela se derivou do grupo de jovens da JUP e depois, antes da formação da associação a gente fez uma luta muito grande aqui com jovens, idosos, adultos e crianças pela colocação de uma linha de ônibus urbano da linha de Fortaleza, que não tinha aqui. Anos prá traz a gente tinha um ônibus interurbano que fazia duas viagens um pela manhã indo para o Centro de Fortaleza e outra à tarde voltando, depois foram três horários, de manhã, meio dia e final da tarde e teve isso até agora, praticamente até 1985, 1986, que foi quando em 1986 a gente consegui, depois de uma luta, que a gente teve que abrir... que a gente passou a ter conhecimento da questão e do problema dos limites daqui, porque inicialmente Fortaleza não pode botar o ônibus aqui porque a empresa São Benedito que era a empresa que fazia a linha intermunicipal ela se colocou contra não aceitou que Fortaleza colocasse o ônibus aqui, então ela fez tudo que era possível para impedir e nós fizemos tudo que era possível e fizemos até o impossível para o ônibus vir. Inclusive foi nesse tempo que a gente tomou conhecimento mais profundo sobre essa questão dos limites daqui, porque a

empresa São Benedito quis impedir e a gente quis provar que o bairro era Fortaleza e na verdade naquela época a gente não conseguiu provar porque havia uma Lei (Estadual), que é clara e tem uma parte da Pedra que é Itaitinga, outra que é Eusébio e outra que é Fortaleza. Então o que foi que a gente fez, como a principal via de acesso era a Rua Raimundo Matias que sai da BR 116 e desemboca aqui na praça, no centro do bairro, portanto, a gente teve que abrir uma outra rua, para o ônibus de Fortaleza poder entrar, que hoje é a Avenida Trairá. E foi dessa rua que a gente abriu que se derivou a comunidade do Trairá, ela nasceu na luta pra gente colocar o ônibus, porque uma das alegativas era que o ônibus não poderia entrar pela Rua Raimundo Matias porque estaria entrando em outro município. Então entrando na Av. Trairá, que não existia, existia um terreno que pertencia a Arquidiocese de Fortaleza e a Igreja acabou cedendo, antes de vender o terreno, acabou cedendo. Cedeu um pedaço do terreno onde foi construída a estrada, que depois de urbanizada se tornou a Av. Trairá. E aí com essa via vem também da BR 116 ali naturalmente se formou uma comunidade, porque fica bem perto da BR, facilitando o acesso para o Centro de Fortaleza. Inclusive as pessoas mais recentes que passaram a morar no bairro, passaram a morar no Trairá. É lá onde reside o maior número de pessoas que chegaram na comunidade depois, mais ou menos no final dos anos de 1980 e início de 1990.

João: Pra você que é um militante de juventude histórico aqui na comunidade, quais são os principais desafios e contradições que os jovens enfrentam hoje no bairro?

Entr. 08: Olhe essa pergunta é boa porque ela me faz colocar ainda uma coisa de que eu estava relatando da minha juventude ou da juventude do meu tempo, que foi a própria juventude sem demandar digamos assim sugestão de ninguém, nem dos adultos, de ninguém, nem dos educadores que já existiam, ela sentiu a necessidade de fazer alguma coisa. Hoje eu digo isso, conto essa história. A juventude não pode esperar. A gente reconhece que ainda hoje a comunidade é muito carente de opções para a juventude, mas muito carente mesmo, com algumas honrosas exceções entre o Centro Cultural, que é muito recente e que passou a ter um olhar para a juventude, oferecendo atividades do lado do lazer, da cultural, do esporte. Então é daí, porque antes do Centro Cultural o que é que tinha aqui para os jovens? A escola e o lazer principal que é o futebol, que era feito por algumas pessoas adultas do bairro, que mantinham os times, como eu já citei ai, tinha o Santa Luzia, depois teve o Fortalezinha, o Vasco da Pedra, que existe até hoje e fora isso, de que os jovens daqui dispõem? Não dispõem de nada, de perspectiva profissional nenhuma. Ainda hoje essa questão é um dos maiores problemas daqui, porque o jovem não tem perspectiva profissional. Então diante de toda essa questão é necessária mais do urgente que todos aqui no bairro, os movimentos que existem hoje procurem buscar alguns serviços públicos, alguns

benefícios públicos para os jovens pra tirar do que, infelizmente, está sendo oferecido hoje. Infelizmente a nossa juventude, também, está entrando na questão da droga, na questão da prostituição, muito por conta de não ter alternativas. Se naquele tempo a gente não tinha isso, mas, também a gente não tinha toda essa sorte de tentações que tem hoje da criminalidade, tanto na droga, como na violência propriamente dita ou na prostituição. Antigamente isso não se manifestava com tanta incidência, com tanta significância, infelizmente como acontece hoje.

João: Qual a visão que instituições como a Família, a Escola e Igreja fazem do jovem e das jovens atualmente na comunidade?

Entr. 08: Eu acho que você fazendo essa pergunta aos jovens eles deverão dizer essas instituições, ainda, são fechadas. Agora, eu considero, fazendo mesmo uma análise histórico e social, a gente é obrigado a dizer, que se por um lado a Igreja Católica, que é uma instituição muito forte aqui, né, que o bairro nasceu, se originou, posteriormente a questão indígena e das famílias, depois o bairro foi se formando em torno de uma devoção, dessa devoção, a padroeira do bairro, Santa Luzia, tem os festejos no final do ano dia 12 de Dezembro, agora a comemoração é uma semana. Até hoje o bairro gira em torno disso. A presença de Igreja Católica ela é muito forte nos jovens, desde então. Se por um lado, depois desses movimentos que eu lhe falei da JUP, da Associação, surgiram na Igreja alguns movimentos envolvendo os jovens e hoje tem muita, existe ainda uma força da Igreja de congregar os jovens. Eles conseguem congrega, mas não conseguem ter uma permanência. Por que? Porque os movimentos que estão ligados a Igreja Católica, pelo menos aqui na Pedra eles efetivamente não estão voltados para a linguagem do jovem. Tá muito mais voltado para a linguagem dos adultos. Então, por uma série de questões da Igreja que faz uma série de restrições e o jovem que é reconhecidamente que nessa fase tem aquela tendência de não se prender a determinados dogmas, determinadas imposições, e determinadas atitudes anti-democráticas ou autoritárias, né, eles se rebelam. Então a gente vê hoje isso claramente. Jovens que eram da Igreja e até por causa das famílias que eram bem agregadas a Igreja Católica estão procurando cultos, outras denominações religiosas, mas eu acho que nesse tiroteio o jovem ainda se encontra muito perdido. Por que eu falei da Igreja Católica, mas as opções que existem de Igreja Evangélicas e neopentecostais e outras denominações que tem, também não oferecem muita coisa para o jovem ou quase nada. Oferece a perspectiva da espiritualidade, mas até isso fica a dever porque essas manifestações são muito dogmáticas, são muito autoritárias. A escola também podemos dizer não escapa disso, mas pela sua própria natureza de trabalhar com as ciências de forma mais geral, o jovem não sofre tanto. Eles conseguem ter uma outra visão de mundo a

partir da escola, mas a gente tem de reconhecer que mesmo hoje, em pleno século XXI, a escola e acho que isso não é privilégio aqui da comunidade ainda tem esse ranços autoritários e precisa trabalhar muito pra poder falar a linguagem do jovem e inserir o jovem numa outra dimensão, numa outra realidade mais participativa.

João: As famílias aqui permanecem conservadoras ou já estão mais liberais em relação aos jovens?

Entr. 08: É extremamente conservadora. As famílias aqui são conservadora tanto no sentido pejorativo com no sentido bom também. Porque a meu ver o conservadorismo não é necessariamente só o ruim, só o lado negativo não. Mas nesse lado, aqui a comunidade é muito forte. Nesse lado pejorativo. Até hoje a gente percebe que os jovens sofrem discriminações e eu posso dizer isso porque eu tenho acesso direto aos jovens através da escola e de outros movimentos que eu participo, inclusive do Centro Cultural, também e por meio desse acesso a gente percebe que os jovens sofrem ainda das próprias famílias e da comunidade, em geral, sofrem muitas restrições. Esse conservadorismo nesse sentido, nesse sentido pejorativo, nesse sentido ruim, que impede um crescimento social, seja humanitário, seja espiritual.

João: Que tipo de restrições você se refere, que os jovens sofrem aqui na comunidade?

Entr. 08: As mais simples e variadas. Eu vou citar um exemplo e posso dizer que até você conhece essa realidade. Teve um período agora, bem recente, um passado bem próximo, onde tinha um grupo de jovem que estava lá nas manifestações culturais do Centro Cultural e no teatro e também estavam integrados à juventude da Igreja Católica e isso durou pouco tempo. Por que? De repente eles saíram todos, Por que? Porque foram impedidos. Porque eles começam a fazer alguns eventos como apresentações de dança, música, aqui na praça, brincadeiras, e receberam um não por parte da autoridade máxima da Igreja daqui de que aquilo estava... a dança, a música, a mídia hoje é muito sensual e é pornográfica eu posso até dizer assim e a pornografia hoje, realmente a coisa ela é leva ao extremo. Isso esta muito perto do jovem e o jovem tava realizando uns eventos dessa natureza e recebeu da Igreja um não. Quando isso poderia

ter sido trabalhado de outra forma, saber como conquistar o jovem pra ver com eles até que ponto certos eventos têm realmente valor cultural ou se é apenas uma

repetição do que a mídia está colocando aí dentro do consumismo. Isso poderia ter sido colocado nesses termos para o jovem questionar, talvez procurar resgatar as nossas danças tradicionais como o Centro Cultural vem fazendo com o Reisado da Pedra, o Bumba-Meu-Boi, a Capoeira e também as coisas modernas, mas numa linguagem de crescimento para o ser humano, crescimento mútuo e não nesse ambiente, nesse clima de consumismo, que a mídia impõe para o jovem. Eu cheguei a perguntar para os jovens por que eles tinham se afastado da Igreja e eles disseram claramente os motivos. Eu pessoalmente que sou um adulto, que poderia estar na Igreja, porque sou de uma família Católica, aqui da Pedra e não só por ser aqui da Pedra, mas minha família tem uma tradição Católica muito forte. Eu tive engajado um certo tempo na Igreja e depois sai, porque não vi perspectivas de a gente dar um salto de qualidade como pessoa humana e até espiritual.

João: Há muita diferença de gênero na comunidade?

Entr. 08: Há sim. Há muita ainda aquela coisa bem conservadora de que meninas faz determinadas coisas e meninos não. Quem vai lavar os pratos são as meninas, ainda tem isso. Ainda tem um machismo, mas as famílias hoje não tem um controle sobre os jovens, não tem não. Não tem mesmo. Os jovens conseguem driblar isso daí, sair disso. Mas essa cultura está arraigada não só no bairro mas na nossa sociedade ainda. Mas os jovens estão mais pra romper com essa cultura, alguns permanecem, mas muitos rompem, mas rompem, num sentido que poderia ser para uma coisa melhor e não é, às vezes rompem e vai por outros caminhos que necessariamente não é uma coisa boa, quando rompe, como não tem uma alternativa boa, qual é a alternativa que sobra? É o mundo da criminalidade e é o mundo da droga, rompe em termos, mas não é consciente. É mais por influência pelos meios de comunicação, não é aquela coisa que se adquiriu uma maturidade ou uma consciência tal de sociedade, de mundo a ponto de romper com essa cultura conservadora e machista e criar uma alternativa boa. Rompe e ficam perdidos é por isso que as famílias estão sem rumo, os jovens estão sem rumo. Porque os pais, também, estão sem rumo, os pais tinham somente essa linguagem antiga, dogmática, autoritária e isso não funciona mais e agora falta diálogo. Por incrível que pareça com relação ao diálogo que antigamente não havia por eram imposições, mas de certa forma haviam conversas dos pais com os filhos, haviam conselhos, do jeito de antigamente, mas havia. Mesmo se não fosse uma conversa tão aberta com meu pai ou minha mãe, mas eu tinha com minha avó, eu tinha com minha avó e hoje nem isso. Sim, a gente podia não ter conversa nem com o pai nem com a mãe, mas além de ter com a avó, como foi o meu caso, você podia ter conversas com outros adultos, outros adultos, a gente poderia, porque tinha certas coisas que a gente não conversava

com pai e mãe. Mas com o pai do amigo da gente, com o avô do amigo da gente, a gente poderia conversar e hoje eu não vejo mais isso. Além de não existir o diálogo entre pais e filhos não existe mais o diálogo dos próprios adultos com os jovens. Isso também vai para as instituições. É lógico que você chegando na escola é onde você tem mais abertura, repito, como professor que sou há vinte (20) anos e já ouvi depoimentos de ex-alunos meus, certo, de que na escola e aí, eu posso dizer até com o trabalho da gente (entrevistado), porque elas disseram pra mim, enquanto seu ex-professor, um educador que teve influência na sua vida, já ouvi depoimentos muito gratificantes de ex-alunos, que hoje são adultos, que através das aulas da gente, da visão de mundo que a gente pode passar na sala de aula, eles tiveram uma ampliação dessa visão de mundo e contribuiu para ter uma maior consciência social. Então a escola é e o Centro Cultural, que é um organização não governamental facilitam isso ainda mais. Eu acho com relação a essa questão do diálogo entre os jovens e as instituições aqui na comunidade aí o Centro Cultural é um marco, até porque a sua proposta estava bem voltada para acolher os jovens e até porque a idéia nasceu através da Maria justamente porque ela pesquisando, vendo a realidade, a primeira coisa que Ela fez foi uma pesquisa com a juventude daqui e Ela percebeu essa ausência de interlocutores com a juventude e aí o Centro Cultural vai na linha, principalmente da cultura, a biblioteca, a contação de história, o teatro, o próprio esporte. E essa história de teatro de biblioteca, por incrível que pareça vai ganhar uma dimensão pra comunidade, principalmente para os jovens, vai ganhar uma dimensão importante a partir do Centro Cultural, que tem um marco nessa comunidade propiciando isso.

João: Qual foi o teu primeiro contato com o Centro Cultural?

Entr. 08: Eu recebi um convite da Maria pra participar e eu me lembro bem que marcou muito a minha entrada no Centro Cultural foi o curso “Educando do Educador”, que eu fui um dos monitores na minha área, que é cultura e comunicação e a partir daí eu me engajei e foi muito marcante pra mim, mais que esse próprio curso foi a minha participação na peça, no teatro, que nós desenvolvemos lá, que é uma coisa muito forte para a juventude. As artes em geral, mas pra mim eu visio, isso com relação a parte artística eu vejo a música e o teatro como duas linguagens que têm o poder muito forte de transformação das pessoas e por conseguinte dos jovens. Então tudo o que a gente fizer para oferecer aos jovens na área da arte, sobretudo, no teatro e na música e acho que a gente tem condições de propiciar uma elevação não só do nível cultural e até espiritual e humana dos jovens.

João: Quais são os principais desafios e contradições que o Centro Cultural enfrenta atualmente?

Entr. 08: O Centro Cultural como toda Organização Não-Governamental sofre seus percalços. Tem essa mudança que ocorreu com a saída da família, das pessoas que foram as fundadoras, foi importante o que a família Nobre fez à frente do Centro Cultural, contando com pessoas como você, foi importante, mas, agora, o Centro Cultural tem que encontrar novos rumos o seu próprio caminho. Que a família Nobre fez um grande serviço tendo a clareza que não mais queria conduzir o barco deixou o Centro Cultural nas mãos de algumas pessoas, lideradas por você, que têm condições de dar uma nova roupagem de um Centro Cultural bem mais significativo, oferecendo, portanto, para a juventude, para os adolescente e as crianças o espaço de grandes manifestações artísticas e culturais.

João: Existe algumas outras associações aqui no bairro, qual é o diferencial do Centro Cultural?

Entr. 08: Se você falar em associações de moradores o diferencial é grandioso porque, assim, eu lhe falei que eu participei da construção de uma associação de moradores que é a ASMOAP, que foi a primeira, mas a ASMOAP hoje está muito na retaguarda, ta com pessoa que há muito tempo está lá, sem renovação. A comunidade não busca se acoplar ou se integrar para prover as modificações inclusive esse poderia ser um dos caminhos para os jovens da comunidade, renovar a associação. A que existe, que tem um trabalho bem mais presente é justamente a ASMOAP, que por outro lado está muita parada, esta muito inerte atualmente.

João: O que é participação e cidadania pra você?

Entr. 08: Um pouco do que eu contei já traduz o que é isso. Aliás pra mim você dizer essa duas palavras é até redundância porque a cidadania ela se traduz numa participação efetiva do cidadão e não precisa ser adulto, pode ser jovem,

criança, idoso. É a participação na sua vida social, porque a gente não pertence só á família, a gente participa, a gente pertence a comunidade onde a gente mora. Então, é a nossa família maior e comunidade e ai vai, a cidade, o país. A cidadania pra mim é sinônimo de participação, a cidadania a inserção dos indivíduos na vida social participando mesmo, não é só querendo resolver os seus problemas particularmente. Então, cidadania é isso.

João: Qual a tua opinião sobre a política partidária e sobre os políticos?

Entr. 08: Essa pergunta deixa a gente meio zozzo, mas eu quero dizer pra você, que ao contrário de muito gente, por mais incrível que pareça eu não sou uma pessoa decepcionada com a política, mesma a política partidária, até porque, quando você perguntou sobre cidadania e participação a palavra política esta no mesmo nível. Política pra mim, que eu entendo é participação também, não é só partido, não é só eleição. É participação como cidadão. Mas esse lado da política que é a questão do partido eu acho muito importante e na minha trajetória de luta eu nunca fui filiado, até um determinado momento que eu cheguei a me filiar a um partido porque recebi muito apoio, os jovens da comunidade, o pessoal do meu tempo, as pessoas achavam que eu poderia ser um candidato a vereador. Eu fui. Foi uma experiência pra mim, mas, pelo menos, a gente aqui descobriu que o bairro não tem condições para eleger um vereador num universo como Fortaleza. Porque o bairro é dividido em três (3) cidades. Aqui tem eleitor de todo canto, mas na época eu tive uma votação significativa. Mesmo assim eu nunca me preendi a um determinado partido. As pessoas da comunidade me identificam com PT porque quando o partido nasceu coincidiu com o início da nossa luta aqui também e porque era o partido que se identificava mais com aquela atitude mais progressista ou de esquerda, como se dizia até pouco tempo. Eu me identificava muito mais com as lutas populares como o partido dos trabalhadores nasceu bem vinculado as lutas populares as pessoas sempre me diziam esse é um ptista, é do PT, também já recebi nome de comunista, no sentido pejorativo, por causa de posições ideológicas, mas eu acho que a gente não pode prescindir dos partidos, não necessariamente filiando-se a um partido, mas participando. Eu por exemplo, nas eleições eu faço campanhas para as pessoas ou grupos que eu acredito, sem nenhum interesse imediato. Eu sempre votei, fiz campanha no bairro pra candidatos que não eram do poder econômico e eu lei muita lapadas, muitas porradas. Eu não te falei que ainda no tempo da JUP, em 1981, 1982 a gente fez uma grande manifestação aqui no bairro, uma passeata, que eu liderei, com os jovens, meus alunos. Imagine em 1981, 1982 você reuni cerca de setenta (70) a oitenta (80), cem (100) jovens com cartazes, faixas, dizendo: chega de promessas, chega de mentiras. Queremos Saúde, Queremos Água, Queremos Escola. Isso ai aconteceu num dia em que ia haver um grande comício aqui liderado por aqueles

políticos tradicionais que mantinham isso aqui como curral eleitoral. Nesse dia o pau cantou na quadra. Já tinha a quadra construída. Nesse dia foi pau, foi pedra, foi porrada e nesse dia eu perdi meus óculos, que eu tinha, mas eu estava tão tomado por aquele sentimento de luta pela cidadania, que se eu levei porrada nesse dia eu não me lembro ou a porrada não foi grande que não me derrubou nem fisicamente, nem me derrubou profissionalmente. Porque aí João você já me questionou anteriormente sobre as famílias, do tradicionalismo e você não imagina o que eu passei, eu tinha jovens que eram meus alunos e que tinha por mim uma consideração muito grande e ainda tem até hoje, mas naquele momento muitos pais, muitas mães disseram literalmente para os filhos se afastarem de mim porque eu não era um bom exemplo. Eu me lembro até que eu estava tão embebido por aquele movimento de realização de ver os jovens na rua, dizendo o que queriam, fazendo cidadania, que algumas pessoas maldosamente comentavam “parece que ele estava inmaconhado”, “parece que ele estava drogado”, porque era o pau comento, era a cacetada dos cabos eleitorais contratados em cima da gente, mas eu não baixei guarda. Eu me lembro que tinha uma faixa pequena que dizia assim: chega de mentira e rasgaram a faixa e eu peguei do lado e do outro do pano e fiquei. Esse dia foi muito marcante pra minha vida e pra vida da comunidade e aí eu não tinha citado: você veja aí, porque eu estava lá já como educador, como professor e um jovem adulto ou um adulto jovem, mas a massa que estava lá era só jovem, só jovem. Por aí você tira. Eu consegui reunir esses jovens não foi através de associação e nem da própria JUP, foi na Escola, alunos meus, na escola eu já tive e tenho esse trabalho de facilitar a questão da luta pela cidadania no bairro, mais pensando nos jovens. Hoje por exemplo, os adultos, os que tem aqui, que foram daquela época que participaram são adultos que eu percebo que são bastante consciente, que não votam alienadamente, que tem uma admiração pela postura de votar pelo interesse coletivo. Isso valeu muito. Foi bom você ter perguntado porque eu depois ia estar cobrando de mim não ter citado. Tem muitas coisas que eu não citei mas essa manifestação eu não poderia deixar de citar. Foi esse fato mais que a construção do grupo de jovem e eu não posso negar que parte era da JUP também, mas tinha uma parte que estava do outro lado também, estava lá defendendo o político tal, dizendo que o a gente estava fazendo era um mal exemplo. Mas acho que foi um grande exemplo que eu particularmente, como cidadão, como educador, que tenho obrigação de favorecer, que pra eu chegar na Universidade, tendo nascido nesse bairro, que nem transporte tinha, eu chegar a Universidade imagine a luta, todo o processo que a gente passou. Então eu quero dizer pra você que quando eu cheguei na Universidade, a Universidade nesse tempo ainda tinha o jovem participando do movimento estudantil, do centro acadêmico e foi lá que eu abri a minha mente e o que foi que eu fiz? Eu procurei trazer pra minha comunidade a minha experiência e os meus saberes. Porque até bem pouco tempo, até uns quinze (15), vinte (20) anos atrás eu estava numa situação que pra alguns poderia servir de orgulho e vaidade e pra mim era

motivo de tristeza. Eu escondia isso. Não deixar isso ser visto pelas pessoas. Deste Centro aqui da Pedra até pouco tempo só tinha eu com uma formação de nível superior, depois foram surgindo. Então eu achava isso terrível. Era muito doloroso pra mim, a gente quase chegando no ano 2000. E eu tentei compensar isso trazendo essa visão de sociedade, de mundo, de entender os mecanismos de exploração, de dominação. Nesse tempo ainda estava muito presente aquela polaridade comunismo x capitalismo. O muro de Berlim. Os Estados Unidos representando o capitalismo ocidental. Essa dialética. Eu procurei trazer não só uma reflexão crítica na sala de aula como professor, mas uma ação na prática comunitária. Pra mim a Universidade abriu janelas. O que realmente abriu as portas pra mim, pra minha conscientização como cidadão, foi a própria luta comunitária, porque na Universidade a gente pega teoricamente e até certo ponto na ação porque a gente participa do movimento estudantil. Mas no movimento comunitário é outra realidade. Na Universidade eu tive essa experiência de participação social cidadã, bem tímida, mas significativa pra mim. Porque já era uma época que estava sofrendo um desgaste, mas isso serviu muito pra mim. Mas minha maior escola, minha maior Universidade chama-se comunidade. Foi na luta comunitária que eu me reconheci como pessoa, que eu entendi o meu papel, a minha tarefa. Eu até hoje acho, penso, que eu não nasci, pela maneira da gente conceber a vida da gente, de onde a gente vem pra onde a gente vai, certo esse lado da espiritualidade, dentro do lado da espiritualidade. Dentro da minha concepção eu não acho que nasci e estou vivendo nessa comunidade por acaso não e como você também. Que não nasceu aqui e me diga como é que você veio parar aqui?

João: Como os jovens estão construindo a sua cidadania na comunidade?

Entr. 08: Eu acho que isso precisa ser trabalhado. Infelizmente eu não sei te explicar bem, mas isso precisa ser redimensionado na comunidade. Eu não sei. O jovem hoje, quando eles não estão naquele lado que eu te falei da droga eles estão do lado bom da coisa, também não tem muito exemplo. Porque, assim eu ainda acredito que a perspectiva boa para o jovem aqui é o Centro Cultural dependendo do trabalho que ele vá desenvolver daqui pra frente e a escola, porque agente chegou à direção da escola e a gente tá tendo essa visão de fazer alguma coisa pra além da sala de aula. Então eu tenho esperança em algumas manifestações que acontecem na própria escola tipo assim. Há um grupo de jovens lá que está elaborando uma jornalzinho, de circulação na escola e eles estão aprendendo a produzir os textos, a fazer editoração eletrônica e eu vejo isso com muito bons olhos. Você veja a banda de música, que não é nem uma banda de música é uma banda marcial. É uma banda de música, mas noutro sentido, você vê como os jovens gostam e você vê que através dessa banda marcial os

jovens têm participado de eventos e movimentos sociais da comunidade, por esse meio eles estão se inserindo nas lutas do bairro.

João: A arte e a cultura são um caminho para a conscientização política?

Entr. 08: Você fez essa pergunta ai e eu inconscientemente falando da banda, do jornal escolar, os exemplos da escola pra formação cidadã dos jovens você vê que eu estou confirmando quando eu falo dessas coisas eu estou confirmando o que eu disse lá trás que o caminho para a cidadania do jovem é pelo esporte e pela arte. Pra mim a música, eu vejo o quanto a música encanta as crianças e os jovens. Eu tô dizendo isso pra você agora, eu não disse isso pra você ainda. Eu só vou me aquietar quando eu ver aqui na comunidade, seja na Escola, seja no Centro Cultura ou em qualquer canto uma organização voltada para a música. Tipo uma escola de música, que a gente tenha a banda marcial, mas tenha mais aprofundamento da gente pensar em música clássica, em música erudita, da gente pensar em música de raiz cultural. Então, eu imagino um coral, imagino uma banda que tinha antigamente de coreto, eu acho que se aqui na Pedra um dia aqui a gente tiver uma escola de música e uma escola de teatro eu partirei para o outro lado da vida bem feliz e nós vamos construir isso juntos.

João: Eu quero te agradecer por essa grande contribuição. Informações fundamentais para o meu trabalho. Um resgate da história da comunidade e você é a história viva desse lugar.

Entr. 08: Quem de obrigado sou eu e acho que em parte eu consegui responder seu questionamento e eu espero que isso possa se transforma em artigo ou livro e tenha um retorno para a comunidade.

FIM

ENTREVISTA 09

FÁBIO (26)

João: Boa tarde, quero te pedir que você coloque um pouco sobre a tua história de vida e o contexto com a comunidade. Você nasceu e se criou aqui na comunidade?

Entr. 09: Minha relação com o bairro, praticamente eu sou um nativo daqui. Eu nasci aqui nesse bairro, passei a minha infância toda. Estudei no colégio Tristão de Alencar da alfabetização até a minha 8ª Série. O bairro sempre foi muito afastado, não somente geograficamente, afastado de tudo o que acontecia na cidade. As melhorias só vieram pra cá atrasadas, a questão do transporte público, a questão da água, tudo isso praticamente há uns dez (10), quinze (15) anos atrás. Na minha infância o bairro aqui não tinha praça. Tinha a Igreja, a Igreja sempre existiu ali e o que existia em volta da Igreja era um espaço de areia onde eu me lembro quando eu vinha pra escola a gente se juntava pra correr ali em volta e quando chegava o finalzinho da tarde todo mundo ia pra casa porque não tinha onde ficar. Tinha muito pouca iluminação, só as principais ruas tinham iluminação. As brincadeiras dessa minha época de criança e adolescente aqui na comunidade eram pião, bola, soltar pipa, essas brincadeiras de crianças do meu tempo.

João: Qual é a visão que você tem da comunidade atualmente?

Entr. 09: Eu acho que a comunidade da Pedra é um bairro que está despertando agora. Porque aqui o povo sempre foi muito passivo, tinha uns grupos que procuravam fazer suas manifestações, mas eram grupos tímidos. Agora não, que tá surgindo um pessoal que tá realmente lutando, querendo realmente melhorias para o bairro. Isso há quinze (15) anos atrás a gente não via, de maneira nenhuma. Nós ficamos conformados com apenas um ônibus que tinha, que era esse ônibus São Benedito, nós nos conformávamos de ficar horas numa fila pra poder pegar água, nos conformávamos em não ter um espaço de lazer como é a praça e que tem outros ambientes hoje, como o próprio Centro Cultural. A gente se conformava muito. Mas sempre teve pessoas que vieram além do que as outras pessoas vieram. Vieram além do horizonte e sempre buscaram melhoria para o bairro. Então, a comunidade hoje a vista do que era, é um bairro está realmente acordando. Haviam lideranças distribuídas, não eram aquelas lideranças bem organizadas. Mas alguns movimentos lutaram e, aos poucos, conquistaram transporte, água. Movimento de pessoas que realmente se preocupavam com o bairro, como por exemplo, o Júlio, que é uma pessoa que lutou muito por

melhorias para comunidade, mas era ele e meia dúzia de pessoas que lutavam por melhorias e os demais ficam bastante acomodados.

João: Essa questão de trabalho, como é que foi a tua relação com o trabalho? Você teve oportunidade de profissionalização ou precisou trabalhar muito cedo pra ajudar a família?

Entr. 09: Meus pais são agricultores. Meu pai é agricultor, até hoje ele trabalha praticamente só com isso aqui na Pedra. Ele veio do interior de Uburetama e conheceu a minha mãe, que é aqui do bairro, ai eles se casaram e ele vivia disse da plantação. Quando não tinha uma época boa, era uma época de seca ai ele virava caseiro ia cuidar de sítio. Virava cuidador de sítio. Ele trabalhou muito cuidando dos sítios aqui das pessoas, que vinham somente passar o final de semana e que davam muito aqui. E nós os filhos homens, nós tínhamos a obrigação de ajudar. Eu me lembro com os meus nove (9) anos de idade saia de casa seis horas da manhã para cortar capim e levar capim pro gado. Depois disso a gente tinha que pegar um rebanho de ovelhas, eram cem (100) cento e cinquenta (150) ovelhas, eu e meus irmãos mais velhos a gente ia para o mato e as ovelhas ficavam lá pastando. Nós éramos pastores. Ficávamos lá de sete (7) da manhã até meio dia com essa ovelhas ai quando chegava o horário da tarde eu não abria mão tinha que estudar, nunca abri mão de estudar, também minha mãe nunca deixou que eu parasse de estudar para ficar trabalhando. Mas eu Quando estava estudando de manhã, eu ia pra escola de manhã à tarde eu ia pro trabalho. Eu trabalhei até os meus dezessete (17) anos de idade dessa maneira. Depois de ajudar meu pai eu comecei a fazer trabalhos mais pesados como cuidar de cavalos, a gente tinha que ajudar ele. Eu e meu irmão a gente ficava responsável de cuidar de um curral de vacas, onde a gente tinha que juntar o esterco, onde a gente tinha que ajudar a ordenhar, muita coisa. Até os meus dezessete (17) anos eu realmente trabalhei no serviço pesado. Mas eu nunca deixei de estudar.

João: O que é juventude pra você?

Entr. 09: Juventude pra mim é liberdade. Juventude é uma das melhores fases da vida, porque o jovem, ele é criativo, ele é de momento, quando quer ele faz. Se um dia a juventude despertar e reivindicar por algo ela consegue. Até mesmo isso é bíblico, ta lá na Epístola onde João escreve, que diz: jovens vós sois fortes.

Geralmente o jovem tem essa característica que é a força, que tudo que o jovem bota a mão, praticamente dá certo.

João: Como se dá na comunidade as relação entre os jovens?

Entr. 09: Aqui como é um bairro praticamente interior, as relações aqui são amigáveis. É muito difícil você ouvir dizer que os jovens aqui da Pedra entraram em conflito. O grupo dos roqueiros entrou em conflito com o grupo do pessoal do funk, não, isso não existe.

João: Há muitos grupos de jovens aqui na comunidade que se expressam com estilos e expressões diferentes?

Entr. 09: Agora tem, mas na minha infância quando eu olhava pra juventude eu via que eles todos eram iguais. Não existia isso que a gente pode chamar de grupos separados. A juventude era um grupo só. Existia o grupo religioso, os jovens que se dedicavam a religião e os jovens que se dedicavam ao esporte e não vaziam praticamente nada demais. Somente o esporte. Essa questão de jovens rebeldes aqui praticamente quase não existia. Hoje já existem grupos bastante específicos, podemos chamar até de tribos.

João: Existe diálogo ou não entre esses diferentes grupos?

Entr. 09: Existe. O diálogo até mesmo uma fusão, podemos até dizer assim. Muitos grupos de jovens hoje eles se fundem, eles se unem, quando eles procuram, quando eles lutam por um objetivo.

João: Há muita diferença de gênero na comunidade? Diferenças de como os meninos são criados e de como as meninas são criadas.

Entr. 09: Na minha infância a criação era bastante diferente. Eu me lembro que as meninas eram proibidas literalmente de brincar junto com os meninos, com os homens, os meninos não podiam chegar perto. Até mesmo na sala de aula eram separados. Não que o colégio fosse separado um masculino e outro feminino. Mas na sala de aula de um lado ficavam as meninas e do outro lado ficavam as meninas. Antigamente, até quinze (15) anos atrás existia isso era separado dentro da sala de aula. Mas, por exemplo, se você visse uma menina jogando bola, era impossível naquela época, podia existir, mas a comunidade já taxava, já reprimia. Principalmente as pessoas mais velhas. Se você visse um menino andando com um grupo de meninas, aí já diziam que aquele menino não é sério. Sempre houve essa segregação de gênero na comunidade. Hoje não, hoje já está bastante diferente e já existe uma aceitação. Você já vê futebol feminino, hoje os meninos já conseguem fazer muitas coisas que antes não podia, por exemplo: antigamente usar um brinco, era, ah! Meu Deus do céu, era a pior coisa do mundo, um jovem, um rapaz usar um brinco. Hoje não somente numa orelha, mas nas duas orelhas e assim vai. Hoje em dia não existe mais isso.

João: Qual a imagem social que a comunidade faz de seus jovens?

Entr. 09: No meu modo de ver a juventude daqui é muito dispersa. Existem grupos, mas a comunidade ver os jovens de forma dispersa, como aqueles jovens que não querem nada. Hoje o jovem termina o Segundo Grau e não procura fazer mais nada, pra ele já é o bastante e acaba, muitas vezes, entrando na ociosidade, aí acabam enveredando por um caminho tortuoso, drogas, que hoje é um problema muito sério aqui dentro da comunidade. Então, quando a comunidade hoje se refere ao jovem eles acha o jovem disperso, é aquele jovem que não quer nada. Praticamente não todos, não estou generalizando, mas uma boa porcentagem da comunidade vê o jovem como aquele jovem que não quer nada com a vida.

João: Como os jovens são vistos e tratados por instituições como a família, as Igrejas, a Escola?

Entr. 09: A escola ela já vê o jovem como um potencial, a gente sempre discutia na escola o potencial do jovem como agente de transformação, o jovem como protagonista na comunidade as escolas e as ONGs, as associações elas vêm os jovens dessa maneira. As Igrejas elas já vêm os jovens como uma ferramenta de

transformação. Jovens envolvidos com drogas e outras coisas eles querem trazer pra Igreja, ficar dentro da Igreja pra ver esse jovem transformado. As Igrejas vêem os jovens como verdadeiros seres pecadores, vê os jovens e diz que os jovens são pecadores e acha que eles têm que entrar na Igreja pra deixar o mundo do pecado, num processo de conversão.

João: E como os próprios jovens se vêm aqui na comunidade?

Entr. 09: Eu me vejo, vou falar por mim, como uma pessoa em constante crescimento. Hoje muitas oportunidades são dadas para os jovens. Antigamente não tinha isso não, não tinha essas oportunidades, cursos profissionalizantes, essa questão de oficinas, esses grupos pra debates. Antigamente era raro haver isso. Eu me vejo como um jovem em constante crescimento, em constante aprendizado. Os jovens também vêm realmente. Eles vêm isso. Eu faço parte da Igreja Evangélica, do grupo de jovem e a juventude se vê dessa maneira. Um jovem numa geração de oportunidades. Eu já participei de discussões onde os jovens dizem: hoje a gente já tem oportunidade pra fazer muita coisa, só faz coisa erra se quiser mesmo. Porque quer, mas tem oportunidade pra isso, tem oportunidade pra aquilo. Então, hoje eu vejo a juventude como uma juventude de oportunidades .

João: Quais são os principais desafios que os jovens enfrentam aqui na comunidade?

Entr. 09: O maior desafio que a juventude enfrenta aqui é ter uma carreira profissional, porque, eles não têm essa visão. Porque pra eles, os jovens hoje, eles terminam o Ensino Médio, já comentei isso, e não tem uma outra oportunidade de obter uma capacitação profissional, para que futuramente ele possa ter a sua vida social e, também, uma vida confortável, um trabalho. O jovem não vê isso. Ele se vê como uma pessoa incapaz de ter um bom emprego. Hoje para o jovem, trabalhar na produção já está de bom tamanho. Eles pensam dessa maneira: eu terminando o Segundo Grau, conseguindo um emprego na fábrica Fortaleza, conseguindo um emprego não sei aonde, tá bom, mas eles não vêm essa questão da formação, de ter um nível superior, de ter um status melhor. Eles não vêm isso não.

João: Esse processo da formação da identidade do jovem da expressão corporal, do uso da fala, da interação social. Como se dá a auto afirmação da juventude na comunidade?

Entr. 09: Isso parte já praticamente da família, a família como sendo a base da sociedade, pelos menos, até hoje, que eu acredito que ainda ela seja, o jovem pode optar por uma formação a partir daquilo que ele começa a ver e aceitar ou não. Porque ninguém já crescendo e dizer assim eu vou ser assim, vou ser uma pessoa mais aberta, uma pessoa que eu vou ser espontânea. Não, isso depende muito, creio eu da criação que veio desde o berço até o envolvimento com determinados grupos aqui dentro da comunidade. Depende do que o jovem participa.

João: Participar de atividades lúdicas, sociais, esportivas, culturais e artísticas com a comunidade, na própria comunidade ajuda nesse processo de formação da identidade, da personalidade do jovem e da jovem?

Entr. 09: Claro. Com certeza. Porque muitos jovens eles têm uma capacidade brilhante, muitos jovens têm talentos. Têm dentro de si dons maravilhosos, mas muitas vezes eles se reprimem com medo, muitas vezes, do que a sociedade vai pensar. A sociedade venha a taxar. Porque realmente a sociedade é assim, e eu me incluo dentro: nós realmente taxamos, nós rotulamos os outros.

João: Por que os jovens se reprimem, por que existe tanto medo com a relação a imagem social que os outros ou a comunidade, ou a sociedade em geral vai fazer dele, enquanto jovem?

Entr. 09: Eu acho que é pra não deixar de ser aceito dentro da comunidade. Ser alvo de piadinhas, alvo até mesmo de exclusão. Mas as atividades que são propostas por instituições, que são propostas por grupos elas ajudam muito os jovens a se soltarem a se liberarem de uma forma positiva, saudável.

João: Há muitas possibilidades de espaços e dessas atividades aqui na comunidade?

Entr. 09: Há, hoje existem. Realmente existem grupos que trabalham. Grupos de teatro. Tem grupos de discussões. Até mesmo grupos de danças, pequenas bandas, que tem proporcionado para os jovens mostrar suas verdadeiras facetas.

João: Há políticas públicas para a juventude atualmente na comunidade?

Entr. 09: Um vez por outra aparecem esses projetos para os adolescentes, para os jovens da comunidade. Tivemos aqui uma vez o “Talentos da Cultura”, que pegava os jovens com talento e dava uma bolsa, também projetos que visam transformar o jovem em facilitadores dentro da comunidade. Existem, mas não é constante. São projetos esporádicos. Acontece um aqui, depois de um ano, vem um outro e assim vai.

João: Qual foi o teu primeiro contato com o Centro Cultural?

Entr. 09: Depois que eu terminei o Segundo Grau eu criei uma paixão enorme por leitura. Lia bastante livros e quando a ONG surgiu aqui, surgiu primeiramente como biblioteca, nessa casa. Teve um primeiro curso chamado “Cuidadores de Sítios”, mas infelizmente eu não pude participar, mas minha prima, ela começou a participar do Centro Cultural como voluntária, na biblioteca, aí eu vinha sempre, pegava de dois (2) livros por semana pra ler. Aí um dia eu conheci a professora Maria e ela disse: você gosta muito de ler, não gostaria de participar de uma oficina de leitura? Eu nunca tinha participado duma coisa dessas, nem sabia o que era, mas eu disse que sim, claro, não estou estudando, não estou fazendo nada, eu venho. Aí a oficina de leitura foi uma maravilha, foi ministrada pela Micélia, uma das pessoas muito boa, que passou pela comunidade. Depois desse trabalho que eu participei fui convidado pra ser também voluntário e passei seis (6) meses trabalhando como voluntário na biblioteca e na parte recreativa com as crianças. Depois desse seis (6) meses sendo voluntário eu fui efetivado e comecei a exercer atividade não somente num horário, mas nos dois horários. Aprendi a catalogar livros. Tive oportunidade de fazer dois (2) cursos de informática do qual a ONG me proporcionou. Tive a oportunidade de fazer dois (2) cursos na área de turismo pelo SENAC, uma parceria. Tive também a oportunidade de fazer um curso de arte educação, que foi uma parceria com a Fundação Vetae e Universidade Vale do Acaraú. Então, a minha entrada aqui foi somente para o meu crescimento pessoal, para o meu crescimento profissional. Aí realmente eu percebi o que eu queria fazer que era trabalhar com a comunidade. Trabalhar com oficinas. Depois disso eu comecei a

ministrar oficinas. Fiz capacitações me tornei um educador de informática. Comecei a trabalhar com arte-educação aqui dentro da ONG. A Prof^a. Maria nos aconselhou a fazer o vestibular, ela disse: vocês são pessoas muito boas e vocês têm que fazer uma faculdade, tem que entrar para um nível superior, porque isso vai facilitar muito. E foi através desse incentivo que eu a Cristina e a Haline, nós entramos na faculdade e fizemos um curso muito bom, maravilhoso, que foi o curso de História, que deu pra enriquecer tudo aquilo que a gente já vinha colhendo aqui e me tornou uma pessoa muito mais confiante, porque quando você tem conhecimento você confia em você mesmo. Então, a ONG foi uma porta maravilhosa a qual eu tive oportunidade de entrar para me descobrir como pessoa e quais eram as minhas potencialidades. Porque se não fosse pela ONG eu poderia pensar como a maioria dos jovens daqui pensam, eu vou terminar o meu Segundo Grau, vou procurar um emprego, numa fábrica, vou trabalhar na produção e viver a vida toda nisso, não que eu menospreze esse trabalho, ou quem faça isso, pelo contrário, todo trabalho é digno, mas se não fosse isso eu iria trabalhar a minha vida toda como sendo um pião e, realmente, a ONG ela veio trazer essa luz pra comunidade.

João: Me fala um pouco mais sobre essa importância da ONG para a comunidade?

Entr. 09: A comunidade da Pedra sempre foi uma comunidade, como eu já tenho dito pra você, que se conformava demais com os seus problemas, se conformava, mas com os grupos que foram formados aqui no Centro Cultural, um grupo de jovens, realmente um grupo de jovens muito bom e com a visão nós passamos a trabalhar aqui, a visão de Paulo Freire, trabalhar a realidade da comunidade e formar protagonistas, realmente e você participando você vai ter a oportunidade de sair daqui com uma idéia completamente diferente, com uma visão diferente. Passa a ver as coisas de uma maneira diferente, porque a ONG ela abre a sua mente. Sempre quando eu lia a “Alegoria da caverna” eu comparava a ONG com isso, as pessoas que freqüentam aqui passam a enxergar o mundo ao seu redor diferente e a gente queria trazer as pessoas para elas verem e aprenderem e realmente começarem a enxergar as coisas de uma maneira diferente e não aquilo que era posto como uma verdade absoluta, que a gente devia se conformar com aquilo, não. A gente tem que arregassar as mangas e como verdadeiros cidadãos, isso também é cidadania. Uma coisa que a ONG se preocupa é fazer essa formação. Pegar esse processo, a aprendizagem. Aqui tinha curso de informática, mas não era só pegar o jovem e a jovem e dá curso de informática somente, procurava trabalhar, toda essa visão da sociedade, toda essa visão de cidadania. Mostrar que nós estamos aqui e somos responsáveis pelo lugar onde a gente vive. Você tem que pensar. Tem que querer transformar, melhorar. Você não se conformar com aquilo que está posto. Isso é cidadania. Você pega um jovem aqui,

que tem esgoto correndo na porta da casa dele e pra ele é normal e depois que começa a conversar, debater, começam a discutir e analisar e dentro disso ele vê que pode mudar aquela situação e quando alguém muda, as pessoas que estão a sua volta vão mudar também, porque aquela pessoa atua como um agente da transformação. Então a comunidade deu um passo muito grande, a Pedra, ela teve essa oportunidade de crescer, realmente, através da ONG, aqui é um lugar, que praticamente é uma dos pontos de referencia da comunidade. Hoje quando se fala de Pedra a primeira coisa que aparece ou que as pessoas lembram é o Centro Cultural, pela sua diversidade de trabalho, pelo seu trabalho de formação com a juventude.

João: No bairro tem vários outras associações e ONGs, qual é o diferencial do Centro Cultural?

Entr. 09: Eu creio que o Centro Cultural se diferenciou pelo leque de oportunidades que ela ofereceu e continua oferecendo à comunidade. Ela não formou somente grupos de discussões. Ela formou os jovens para a vida. Você pode prestar atenção, observar hoje, que os jovens que passaram, não só os jovens as crianças, os adolescentes, as pessoas que passaram a freqüentar a ONG elas passaram a ver as coisas de forma diferente, pela grande oportunidade de temas que eram trabalhados. O Centro Cultural trabalhava com uma diversidade de questões e pessoas, crianças, jovens, a terceira idade, e assim a gente ia levando.

João: Na tua opinião, quais são os principais desafios, as principais contradições que essa instituição enfrenta hoje, com relação ao trabalho com juventude?

Entr. 09: O maior desafio que a ONG enfrenta e continua enfrentando hoje é realmente garantir a participação em massa da comunidade, porque se você for vê, nós lutamos, nós reivindicamos, mas é aquela história: o cordão de três (3) dobras ele é mais difícil que romper, que o de uma só dobra. Se eu quero, se você quer, se a Maria quer tudo bem, mas se tivesse mais pessoas trabalhando, a própria comunidade se envolvendo, porque como a Prof^{ma}. Maria sempre disse, o Centro Cultural é da comunidade, nós aqui, administrávamos as atividades, administrávamos aquilo que entrava, aquilo que sai. Mas tudo aqui era aberto

para a comunidade, pra comunidade vir, pra comunidade usar, pra comunidade até mesmo exercer as suas atividades aqui dentro, que o maior desafio foi esse, trazer as pessoas pra dentro da ONG pra que elas pudessem vir, ver e transformar. Foi realmente uma dificuldade e hoje também é uma dificuldade, eu creio que seja, porque eles participam de uma reunião pra discutir o lixo, o transporte, as dificuldades na comunidade e a gente via as pessoas que estavam interessadas, mas a comunidade não se resume em quinze (15) vinte (20) pessoas é um número muito maior que isso. Então o Centro Cultural realmente ele abriu as portas para a comunidade, ele foi até a comunidade, mas em contrapartida a comunidade não queria vir, muitas vezes, ao Centro Cultural.

João: O que é cidadania pra você?

Entr. 09: São direitos, são deveres. São as pequenas coisas que eu faço que podem transformar o mundo. Alguns anos atrás eu pegava um papel de bala e jogava fora. Depois eu aprendi, passei a me conscientizar e vi que estava contribuindo para sujar o ambiente, para proliferar doenças e assim sucessivamente. Então quando hoje eu pego a bala e boto na boca a embalagem eu boto no bolso, se não tiver bolso eu vou segurando até encontrar um cesto de lixo, ou seja, essa questão de direitos e deveres, de cidadania é maravilhosa, porque ela pode ser praticada no nosso dia-a-dia, na pequenas coisas, como essa, nos pequenos gestos. A questão da valorização daquilo que é um bem público, valorização daquilo que é nosso é cidadania, mas a maioria das pessoas acham que cidadania é só receber, porque tenho direito a escola, tenho direito a saúde, tenho direito ao esporte, tenho direito a isso, tenho direito a aquilo, mas em contrapartida você tem o dever de zelar por tudo isso o governo oferecer. Você tem o dever de zelar pelo ônibus que você usa, o telefone público o qual você utiliza, a praça, que faz tem que não é reformada, mas da última fez que foi reformada no outro dia o pessoal já estava arrancando a grade. Reivindicar todo mundo quer, mas zelar pelo que é dado, ninguém quer. Cidadania é isso é ter direitos e é ter deveres e praticar as coisas que possam melhorar a minha vida e também a vida das pessoas que estão à minha volta.

João: Qual a tua visão da política partidária?

Entr. 09: É politicagem. Eu sempre tive dificuldade pra me relacionar com a política. Eu sempre me coloquei neutro. Eu exerço o meu papel quando sou chamado pra ser mesário. Vou lá faço meu dever, como cidadão, mas política,

realmente, eu procuro ficar neutro nessa história. Até acho que muitos políticos têm idéias maravilhosas, muitos políticos hoje, eu percebo têm sinceridade no que fazem, isso é a minoria. Mas muitos outros eles têm aquela velha história, do passado e que não muda, são na verdade sanguessugas, fazem campanha, prometem, mas são hipócritas. Eu assisto todo o horário eleitoral, eu assisto, porque, é ali que eu vou observar quem está sendo hipócrita. E quando você vê alguém com uma promessa mirabolante, utópica, que vai transformar o mundo num verdadeiro paraíso, então você já desconfia. Há muitos anos os políticos vem prometendo isso, mas se a gente começar pelo básico, eu tenho certeza que as coisas já começam a mudar. Eu vejo muitas idéias boas, boas mesmo.

João: Hoje você está mais voltado para construir a sua vida pessoal ou para se dedicar a construir um trabalho social e comunitário?

Entr. 09: Quando eu sai aqui do Centro Cultural eu trabalhei dois (2) anos e meio no bairro da Mangabeira e lá eu passei a exercer tudo aquilo que eu tinha aprendido aqui. Eu procurei mostras, Eu trabalhava com um grupo de oitenta (80) jovens, sendo quarenta (40) em duas escolas diferentes. Numa escola eu tinha quarenta (40) e na outra eu tinha (40) e eu procurei mostrar para eles toda essa visão que eu aprendi aqui no Centro Cultural. Eu aprendi e não regurgitei pra de maneira nenhuma. Eu quis que eles descobrissem por si, o que eu já havia descoberto, que eles enxergassem com os próprios olhos. Eu trabalhei. Lá eu trabalhava muito essa questão da cidadania, com prazer mesmo e nós fizemos trabalhos muito bons, que você até tomou conhecimento, que foi a questão da pesquisa e criação do cordel sobre a história da comunidade de lá. Então, hoje eu não trabalho com movimentos sociais, com essa questão social de forma ativa, mas é uma coisa que não sai de mim. Aqui que você aprende, aquilo que você entende e toma como algo bom pra você e principalmente para as pessoas você nunca abre mão disso e eu não abro mão. Hoje eu faço parte da Igreja , eu trabalho muito essa questão do social dentro da comunidade.

João: Na sua opinião como os jovens estão construindo a própria cidadania aqui na comunidade?

Entr. 09: Aqui os jovem procuram se construir de uma forma desorientada. O jovem faz coisas por impulso. O jovem ta muito ligado ao que ta acontecendo na mídia. O jovem hoje, não posso generalizar, mas na sua grande parte, ele procura se ater a pequenas conversas, de pequenas filosofias, eles não enxergam,

não procuram ver, não procuram abrir os olhos pra ter uma visão de algo bem maior. Eles são muito limitados. O jovem ele tem capacidade tudo que quer, mas eles se acham limitados, não compreendem a força que têm.

João: Quero agradecer essa entrevista e dizer que aqui tem muitas informações importantes para o meu estudo.

Entr. 09: Sou eu quem vai agradecer.

FIM.

ENTREVISTA 10

HELENA (27)

ENTREVISTA 10

João: Boa noite, queria iniciar pedindo que você pra falar um pouco sobre essa questão da tua relação com a comunidade, tua infância, adolescência. Você nasceu e se criou nesse bairro?

Entr. 10: Na verdade eu não nasci, mas eu só não nasci. . Eu vim pra cá com dois meses de idade e até hoje moro aqui. Penso em um dia sair daqui, pela questão da localização, de ter um lugar mais próximo, não porque eu não goste do bairro. Eu gosto do bairro, eu gosto daqui. O que me dificulta pra eu morar aqui é a questão da localização mesmo, porque fica mais distante mesmo, a questão de ônibus, a questão de estudo. Mas, sempre, eu participei das coisas daqui, eu já fui do grupo de jovem da Igreja. Sempre eu tive inserida nas questões daqui. Eu vi o Centro Cultural nascer e estava presente na primeira reunião, a reunião da sua fundação.

João: Fala do bairro no tempo da tua infância e adolescência e me faz uma comparação com a infância e adolescência no bairro atualmente.

Entr. 10: Muito diferente, com certeza. A minha infância não foi muito inserida na comunidade, foi uma coisa mais restrita de vizinhança. As minhas amigas de infância são as minhas amigas até hoje e foi aquela amizade, assim, que mora vizinho, que brinca. Eu morei na Rua Joaquim Trajano, 140. Primeiro eu morei na Rua: Luis Bento, depois já com seis (6) anos eu fui morar em sítio. Eu passei uma infância em sítio. Então, sempre ia lá em casa as minha amiguinhas brincar comigo porque tinha muito espaço. Ai, logo quando as meninas, quando a Maria veio morar aqui eu conheci as meninas e foram minhas amigas de infância, as sobrinhas da Maria. Então, a minha infância foi brincar de um sítio para o outro, no máximo o sítio da frente. Só na rua que eu moro, na casa de uma menina ou de outra. Não foi uma infância de brincar mesmo pela rua, longe de casa. Sempre foi muito restrita, ali perto.

João: A tua escolaridade foi aqui na comunidade também?

Entr. 10: Até o Ensino Fundamental Um, mas eu não cheguei a concluir aqui por causa do fato da greve, muita greve. Tinha muita greve, como ainda tem, ai meu

pai vez um expor e me colocou numa escola particular, onde eu fiz o Fundamental Dois, até o nono ano, na época era a 8ª Série numa escola particular e voltei para a escola pública. O Ensino Médio já foi na escola pública.

João: Me faz um comparativo do bairro com o início da tua juventude e agora com a realidade que os jovens estão vivendo no presente?

Entr. 10: Não posso dizer que aqui só foi para o lado ruim. Teve muita coisa que mudou que foi para o crescimento. Quando a água veio para a Pedra eu já tinha quase dezoito (18) anos, dezessete (17) anos, quer dizer, foi uma luta que foi traçada pela comunidade e eu acompanhei isso. Aqui não tinha água, que era muito difícil. Eu lembro, quando criança eu com a minha mãe ia pegar o ônibus lá na Olico, porque o ônibus vinha só até a Olico. Então, eu acho que isso é crescimento. O bairro cresceu nesse sentido. O ônibus passou a entrar na comunidade. Já tem a água, as escolas, aqui só tinha uma escola, agora já tem mais uma. Tem lá no Barroão, que não faz parte da Prefeitura (de Fortaleza), mas que ta acessível pra quem mora pela região e na época, quando eu era criança não tinha. Se uma escola entrasse em greve aqui ou você ia estudar na Messejana ou, então, não estudava ia esperar acabar a greve. Isso já mudou e cresceu muito a partir da escola que mudou muito, da administração. Tudo mudou muito, cresceu bastante. A parte de educação. Nasceu o Centro Cultural, que ajudou muita gente, tanto na parte de formação, muitas crianças, crianças que na época freqüentavam o Centro Cultural, que hoje já até pais e mães de família. Tem muitos que eu conheço que já estão casados, que já têm filhos, eu já tenho minha filha e eu vi que o Centro Cultural foi uma coisa muito útil para o bairro, para a formação, para o crescimento dos jovens. Hoje em dia o agravante aqui é... são os tóxicos, drogas, que ta uma coisa que você... fugiu ao controle, é muita gente, muita gente vendendo, muita consumindo e isso me assusta porque hoje ainda tem muita gente pra comprar e vai chegar um momento, que aqueles que compram não vão ter mais com que comprar e isso me assusta. Vai chegar um momento que eles.... Como é que eles vão fazer pra comprar? Por enquanto o fato de serem usuários de drogas não atinge ninguém, só a si próprio e mais na frente, quando eles não tiverem mais condições de comprar. Isso me preocupa. A violência em termos como tendência ainda em casos afastados, mas que comparando com épocas atrás sim. Apesar de que eu não acho que seja um dos bairros mais violentos com é taxado pela prefeitura, que é o bairro de menor IDH, eu não vejo assim, eu não vejo como um bicho. Por que também tudo o que acontece nas redondezas é intitulado como se tivesse sido aqui na comunidade. Acontece uma violência lá no Santo Antônio, o povo diz foi na Pedra e lá é no Eusébio, não tem nada a ver com a Pedra, mas na hora de ir para a pesquisa é

Pedra e isso conta muito para que o bairro tenha essa marca de violência. Eu não acho que aqui seja tão violento.

João: Essa questão de trabalho. Você precisou trabalhar cedo na tua vida, no início da juventude? Teve alguma experiência de profissionalização?

Entr. 10: Tive. Não que eu precisasse trabalhar. Tipo aquela coisa ou você trabalha ou não vai comer, nunca foi isso, mas eu sempre gostei de ter a minha independência financeira, seja de quanto fosse que ganhasse. Era uma coisa que eu gostava. Eu comecei... eu vendia caneta, adesivo, importado, qualquer coisinha eu pegava e já vendia, porque aquele lucro que eu tinha, era o meu dinheiro. Ai em seguida logo que eu terminei o Segundo Grau, ainda menor de idade, com dezesseis (16) anos o Juarez me convidou pra trabalhar na rádio comunitária, na primeira formação da rádio comunitária e eu trabalhei três (3) anos com ele. Comecei só como telefonista mas um dia faltou o locutor e eu já tinha aprendido, sempre procurei aprender, e já tinha aprendido a mexer na mesa de som e tudo e de repente tava no ar, o Juarez liga pra mim e diz: eu tô gostando da sua voz. Você agora vai ter que assumir um programa e, assim foi. Tive essa oportunidade, agradeço muito, essa oportunidade que ele me deu. Não consegui passa no vestibular na primeira instância. Então eu não agüentava ficar em casa sem ta fazendo nada. Essa oportunidade na rádio serviu pra eu crescer como pessoa, como profissional, aprender a ter responsabilidade, a cumprir horário, de cumprir tudo direitinho, foi um crescimento sem igual pra mim. E a rádio é também uma outra ONG da comunidade, nessa época nem intitulava como ONG era chamada de associação.

João: O que é juventude prá você?

Ent. 10: Juventude, a gente pensa logo é aproveitar a vida, é brincar, é curtir. Não, na verdade é muito além. Explicar é complicado, mas juventude é muito além disso tudo. A juventude é um momento em que você ta aprendendo a ter responsabilidade. É um momento de crescimento, de amadurecimento. Você sai da adolescência e passa a ser jovem. É aquele meio termo. Você nem é adulto e você também não é mais criança. Você é jovem. Como ser jovem numa comunidade pobre, sem muita coisa cultural. O que é que você via aqui? O que tinha pra fazer? Na minha época de jovem – eu ainda sou jovem, mas na minha época de dezessete (17) aos vinte e um (21) anos, o que é que tinha pra fazer à

noite aqui? Não tinha um teatro, não tinha filme, na comunidade não tinha isso. Então era muito difícil. E hoje até que tem mais. Tem oportunidade, por que ta mais divulgada, mas parece que a juventude se fecha pra essa coisas. Ela prefere o mais fácil, o que seja mais acessível, sei lá, passear na pracinha, ir para o pagode. Essa coisas. Eu acho que juventude é muito mais. É você estar aberto pra conhecer mais coisas. Você se dá essa oportunidade.

João: Como se da as relações entre os jovens da comunidade?

Entr. 10: É muito já formada, eu acho. As amizades aqui já são muito formadas. É aquela coisa assim. São os meus primos são os meus amigos. São os meus amigos de infância, continuam sendo os meus amigos até hoje. O pessoal que estuda comigo são os meus amigos. Não tem aquela coisa de você conquistar uma amizade. De repente eu nunca te vi, eu não te conheço, começo a conversar com você e me torno sua amiga. Aqui, eu acho que aqui, a comunidade ainda é muita fechada pra isso. Os meus amigos são os que eu conheço desde criança.

João: Há discriminação ou rejeição entre os jovens com os novos moradores no bairro?

Entr. 10: Não digo uma resistência, eu acho que na oportunidade de conhecer, tipo ta na escola. Se você ta aqui onde vai estudar? No Tristão de Alencar, então, se encontra lá. Agora, assim, de primeira instância de você chegar: Quem é você? , É de onde? Como é o seu nome? Isso aqui não existe. Não encaro como resistência, mas não tem esse primeiro passo partindo de quem ta acolhendo. É preciso de quem está chegando, que chegue até os jovens daqui. Não parte deles não.

João: Há muitos grupos que se expressam com estilos e identidades diferenciadas aqui na comunidade?

Entr. 10: Há mais, partindo pelo lado das Igrejas, os evangélicos têm seus grupos, dos jovens evangélicos, que pregam aquele conceito de religião. Os católicos, também, têm os seus grupos. Ai tem aqueles que não acreditam em nada. Tem uns que são mais pra roqueiro, gostam de andar de preto, que eu vejo, fank e hip hop eu não conheço, skate não conheço. Tem o pessoal da capoeira, que já passou a gostar daquele estilo e no mais não conheço. No esporte, não conheço.

João: Há muita diferença de gênero na comunidade

Entr. 10: Eu não acho que seja tão diferente assim não. Deve existir mas eu não consigo ver essa diferença não. Como a minha vida é muito corrida, não dá pra notar, eu não acredito que tenha essa diferença não.

João: Qual a imagem social que a comunidade faz dos seus jovens?

Entr. 10: Drogados, hoje em dia a maior imagem dos jovens aqui é essa. Nem que seja só uma pequena parte, mas, é difícil. Ou é drogado ou bêbado. A sociedade aqui incrimina muito. Às vezes a pessoa tá se divertindo de uma maneira, sei lá, e já enquadra, culpando a gente, porque não sabe respeita os jovens, a culpa é dos mais antigos mesmo. Não tem uma maneira, uma imagem boa.

João: Como os jovens são vistos e tratados por instituições como a Família, a Escola e a Igreja?

Entr. 10: A Igreja trata bem aqueles que estão ali com eles, em todos os encontros, to me referindo a Igreja Católica, que fazem parte de um determinado grupo da Igreja, aí eles são muito bem vindos. Acredito que a Igreja Evangélica também trate bem aqueles que já estão lá e pode ser que receba bem aqueles que queiram ir pra ficar. A família cada uma acolhe os seus a sua maneira. Talvez não goste do que ele faça ou deixe de fazer, mas não deixa de proteger, de querer agasalhar como uma galinha agasalha seus pintos, embora seja um mais valente que o outro, mas a família quer sempre proteger. É sociedade no geral... A escola é os que são bons vão ser bem recebidos, os que não são...

João: Como os próprios jovens se vêm aqui na comunidade?

Entr. 10: Eu não posso generalizar. Todo jovem ta mal inserido, ta mal colocado . Tem aqueles que gostam de ser jovem, são ativos, que participam de algumas atividades. Tem aqueles que já perderam a noção de juventude, que já tão levados pelo vício. Então é muito divergente a opinião. Se eu perguntar a um jovem de dezenove (19) anos, que participa da Igreja, de uma Igreja qualquer ele vai dizer que ser jovem é maravilhoso, é perfeito. Se eu pegar um drogado e perguntar o que ser jovem ele vai me dizer que é fumar a minha pedra.

João: Essa questão do jovem auto afirmar a sua identidade na comunidade é uma coisa fácil?

Entr. 10: Não é. Eu vejo os jovens e um certo dia eu tava falando com uma agente de saúde, perguntando se ela não ia fazer vestibular e tal e ela dizendo não, eu vou dizer pra minha irmã, porque tudo dela tenho que fazer com ela, até para fazer uma entrevista de emprego eu tenho que fazer com ela. Falta no jovem daqui essa coisa assim de ir sozinho, de resolver a sua vida, eles ficam muito dependente. Tem aqueles que se resolvem muito rápido, mas alguns são muito dependentes de pai e mãe. Não cortam os laços. Porque sabe que aqui não vai se resolver tudo que precisa resolver, então. Tem essa dificuldade de procurar o mundo lá fora, se conforma com o pouquinho. Esse pouco que tem aqui. É bom, é, mas é muito pouco.

João: Os jovens daqui conhecem a cidade, circulam por outros bairros, o centro de Fortaleza?

Entr. 10: Existe os que são mais ativos e proativos, que vão atrás de resolver. Tem uns ai que mal saíram da escola e já estão trabalhando, já estão inseridos no mercado de trabalho. Já na escola, ainda na escola e já inseridos. Esses são os mais proativos, são aqueles que realmente não querem ficar só nessa mesmice daqui, querem ir além. E tem aqueles que terminou o Segundo Grau e acha que já foi tudo, se aparecer um emprego, seja do que for trabalha, se não aparecer, também, não trabalha. A família faz a diferença. Se a família não apóia, não incentivar ou se não tiver alguém fora da família, alguém confiável pra isso não vai. Eu não tive da minha família apoio de procurar um emprego ou quando chegou a época de fazer o vestibular. Me apoiavam assim: tudo o que vai fazer a gente vai pagar, mas de dizer o que é que você vai fazer? Que curso você vai fazer? O que é bom pra você arrumar um emprego? É isso mesmo que você quer? Isso não, eu não tive esse apoio. Esse emprego é pra fazer o que? Não tem

aquela coisa... não te incentiva. Se não partir de mim o incentivo de buscar o que eu quero, o que eu gosto, sempre gostei, da minha família não parte. Eu acho que depende muito da família esses que não tem uma que incentiva... mas, aí eu tive uma pessoa que me disse, o que eu tinha que fazer, com ia fazer, assim seria bom. E eu ouvi, graças a Deus e fui e vou, sempre procurando crescer um pouco mais.

João: Existe diálogo dos jovens com suas famílias aqui na comunidade?

Entr. 10: Na grande maioria não. Claro que toda regra tem sua exceção. Lógico que tem que ter alguns pais que conversam com seus filhos, mas não é o grande número.

João: Participar de atividades sociais, esportivas, culturais e artísticas contribui na formação da identidade dos jovens.

Entr. 10: Com certeza, contribuiu pra mim. Posso te dizer que eu sou uma experiência disso. O que eu não encontrei na família, esse apoio que eu não encontrei na família eu peguei de fora. Eu peguei de fora, eu soube pegar o que era bom. Podia muito bem ter pegue outras experiências, do que eu vi do lado bom e do lado ruim. Acho que o que a minha família me ensinou me fez pegar o lado bom, né.

João: Aqui na comunidade há muitos espaços e oportunidades para os jovens participarem desses eventos ou praticarem atividades esportivas?

Entr. 10: Espaços existem eu acho que falta é um pouco mais de incentivo, apesar de que o Centro Cultural tentou muito tempo fazer, fez esse incentivo, tentou instigar isso nos jovens e não teve tanto resultado. Espaço tem. Falta o incentivo e até mesmo de dentro de casa. Não sei, não sei explicar o que falta, mas espaço tem sim. Acho que é da formação do jovem tem, ele está sempre querendo ganhar algo em troca, algo financeiro. Só o conhecimento, o aquela atividade, o prazer de estar praticando aquela atividade é muito pouco. Não sei se é porque o bairro é um bairro pobre ou se já vem da educação que foi passada pelas pessoas, mas aí seria no geral, será que todo mundo ia se educar da mesma forma, não sei. Mas existe isso, existe. Agente via aqui no teatro (do Centro Cultural), pouca gente, começa com muita gente, quando ia vê tinha ali uma pouca quantidade, os

mesmos que já estavam habituados de estar aqui. Então, a oportunidade havia, o espaço tinha, mas faltava a vontade de participar por nada. Eu não sei porque os jovens daqui agem dessa forma.

João: Há políticas públicas para os jovens aqui no bairro?

Entr. 10: Não, não acho que aja. Tem na escola um acompanhamento para os alunos, que são crianças, que chamam de “Mais Educação”, mas não tem um projeto político, um projeto do governo. Já houve, inclusive eu fui facilitadora de projetos que a Prefeitura tinha, mas acabou o projeto e não colocaram outro. Como o projeto que eu trabalhava que era o Agente Jovem, mas tem também o “Adolescente Cidadão” que poderia ter sido inserido aqui na comunidade o “Adolescente Cidadão” e não foi. Se tirar um podiam compensar com um outro, né.

João: Qual foi o teu primeiro contato com o Centro Cultural?

Entr. 10: Eu vi a ONG nascer. Eu tava presente na primeira reunião, né, da primeira ata da ONG, eu estava. Foi na casa da Maria, a mesa grande lá fora, todo mundo sentado pra... nasceu ali o Centro Cultural. Eu acompanhei tudo. Quando era só a primeira casa, a biblioteca ali, ai foi crescendo. O Centro Cultural pra mim ele ta adormecido, mas não podia acontecer isso, não podia deixar o Centro Cultural morrer desse jeito. Eu tenho como um irmão mais novo.

João: Quais foram as tuas formas de participação nessa ONG?

Entr. 10: Nossa eu já participei, aqui de quase tudo, até antes da minha filha nascer, eu participava. O primeiro curso que foi dado aqui, um curso do Comunidade Solidária, que praticamente a gente morava aqui no Centro Cultural, a gente vinha de manhã, tomava café, almoçava aqui, tudo era feito aqui. Isso foi maravilhoso. Uma experiência impar. Curso de Inglês, de Italiano, de Pré-Vestibular. Atividades de teatro. O primeiro grupo de teatro, que não era com você, era uma outra pessoa. Quase tudo que foi feito no Centro Cultural eu participei, até que eu comecei a trabalhar, antes eu fiquei um tempo trabalhando na biblioteca, ai foi quando eu precisei trabalhar fora, porque as responsabilidades cresceram, estavam crescendo e eu tive que me afastar do

Centro Cultural. Mas sempre tinha uma festa, um movimento, alguma coisa que eu vinha.

João: Qual a importância dessa instituição pra comunidade?

Entr. 10: Acho até que a comunidade poderia até ter valorizado um pouco mais. A comunidade poderia ter... não ter deixado chegar a esse ponto de estar adormecida. Não digo fechada, mas adormecida. Porque a gente não tem o mesmo espaço, não tem as mesmas atividades, devido que o espaço agora está restrito devido a escola, está alugado para a escola, a prefeitura. O Centro Cultural formou muita gente aqui. Eu vejo gente que tinha tudo pra não ter uma boa formação cidadã e passou por aqui e hoje em dia é outra pessoa. O Centro Cultural foi muito importante, a fundadora do Centro Cultural, eu tenho muito o que agradecer a essa ONG, pois se eu cheguei, onde eu cheguei, a minha formação, meu curso superior, sou licenciada em História e estou cursando uma especialização em psicopedagogia.

João: Qual a importância do Centro Cultural na tua vida pessoa?

Entr. 10: Quando eu comecei a freqüentar o Centro Cultural eu não sabia nem direito o que era o vestibular, como é que era, como podia fazer vestibular e eu tinha as minhas dúvidas. Eu não tinha muita noção e depois que eu comecei a vir prá cá eu fui ter a curiosidade de aprender uma nova língua, Yoga, que era uma coisa mais restrita aqui e que poderia ter sido mais valorizada com as pessoas da comunidade, porque é uma atividade incrível e que infelizmente não temos mais, acho assim, mudou a minha vida. Os livros que eu li, as críticas, os elogios. Tudo eu absorvi pra ser quem eu sou.

João: Na tua opinião quais são os principais desafios e contradições do Centro Cultural atualmente?

Entr. 10: O espaço, a falta de espaço e promover atividades que chamassem a atenção, que trouxessem o jovem de volta para o Centro Cultural novamente. Infelizmente, para o padrão de jovens que a gente tem a gente precisaria ter um curso que tivesse um retorno, que eles pudessem ter, um curso do governo, Federal, Estadual ou Municipal. Um curso no qual eles tivessem algum retorno

financeiro, que assim iria chamar para aquela própria atividade e chamar para alguma outra que não tivesse um rendimento. Eu acho que infelizmente não devia ser assim. O jovem devia vir atrás de um conhecimento de uma atividade diferente, mas a gente sabe que essa realidade é outra. Então, eu acho que um projeto assim, que fosse ter um rendimento financeiro podia ser que conseguisse, podia ser não, iria conseguir acordar o Centro Cultura.

João: O que é cidadania pra você?

Entr. 10: É você cumprir com o seu papel. Cumprir com o que você destinou pra você, o que você traçou pra você. É o que a pessoa traça pra vida dela. Porque eu posso ser um cidadão ruim e não vou deixar de ser cidadão por isso, eu penso assim. Cidadania eu acho assim é você partir de fazer tudo de acordo com o que você acha que está certo para você conseguir alguma coisa, seus objetivos, lutar dentro da sua cidadania. É respeitar o seu próximo, respeitando a si mesmo.

João: Qual a tua opinião sobre a política partidária?

Entr. 10: Me decepcionei um pouco com a política partidária, mas acredito que ainda. Eu me decepcionei bastante tanto com a política estadual quanto com a política municipal, esperei mais. Até porque temos no poder uma pessoa tão ativa que era enquanto líder sindical e pessoa e de repente voltando pra minha classe que é a de professores e ela deixa os professores passarem quarenta e cinco (45) dias em greve sem nenhum acordo. Então, me decepciona muito. Trabalhei, lutei, votei e tai, a gente esperando um recurso pra efetivo, ela faz concurso pra professor temporário, logo ela que lutava tanto contra os concursos temporários, meio que decepciono. O mesmo jeito o Governo do Estado, do mesmo jeito, a gente vai se decepcionando.

João: Você falou em três experiência de participação comunitária?

Entr. 10: A rádio comunitária, a primeira, a ONG e com os jovens, tive três. Um primeiro momento que eu nasci ali na rádio, aprendi a ter responsabilidade, todo dia, a cumprir horário, de acordar ir de oito da manhã até as dez da noite porque não tinha ninguém pra trocar e depois no Centro Cultural e já como

orientadora social, trabalhando com os jovens da minha comunidade, muitos deles que eu vi crescer.

João: Hoje você investe a tua energia e talento mais para construir a vida pessoal ou colabora com o trabalho comunitário?

Entr. 10: Quando a gente começa a precisar trabalhar de verdade, a gente começa a ser um pouco mais egoísta. No momento o que é que eu estou tentando para a minha comunidade. É facilitar a vinda do Ensino Superior pra ela. Como é que eu estou fazendo isso. Trazendo um núcleo de uma determinada comunidade pra cá. A minha contribuição pra comunidade no momento tem sido essa. Embora que não esteja claro para as pessoa, que tem gente falando mal, outras que defendem, outras que criticam. Mas eu to em busca de construir o meu lado pessoal também, investindo na minha formação acadêmica, pra que mais adiante eu possa colher os frutos.

João: Como os jovens estão construindo a sua cidadania nesse bairro?

Entr. 10: Eu não vejo essa construção. Eu não vejo. Pela grande maioria eu não vejo. Tem aqueles sim, que constroem, que estudam, que passam no vestibular, que vêm isso como uma construção, não param na mesmice do pouco, mas são muito poucos. Essa construção poderia ser maior.

João: Isso estaria relacionado ao nível de pobreza do bairro?

Entr. 10: Ao nível de pobreza. Eu também sou pobre, sempre fui. Sou de família pobre. Acho que é a cultura da família, de dentro de casa. Eu não sei, não sei o que leva a isso. Me entristece saber que um jovem daqui termina um Segundo Grau e parou ali, e até ali ta difícil. Tem muita ociosidade aqui na comunidade, basta você ir numa Lan House para constatar.

João: A Lan House é um opção para a juventude?

Entr. 10: Sim, com certeza, para a grande maioria. Não sei se bom ou se ruim. É muito bom porque é um mundo diferente para os que não tinham oportunidade

de ter esse momento, né. Mas que devia ser melhor aproveitado, não só com jogo, com Orkut, esse sites de relacionamento, que é o que a gente vê a grande maioria. Poucos vão à Lan House para pesquisar uma coisa interessante. Poucos, pouquíssimos, a não ser que tenha um trabalho da escola pra fazer. Ai eles fazem em meia hora o trabalho da escola e na outra meia hora ele vai olhar o site de relacionamento.

João: Legal. Muito obrigado por essa entrevista. As tuas informações vão contribuir muito para o estudo que eu estou fazendo.

Entre. 10: Obrigada.

ENTREVISTA 11

ALICE (28)

ENTREVISTA 11:

João: Boa noite, gostaria que você falasse inicialmente sobre a tua história de vida e a relação com essa localidade? Você nasceu aqui?

Entr. 11: Na realidade eu não nasci aqui, mas eu me criei aqui e me considero uma filha da Pedra, porque eu vim morar aqui desde os quinze (15) dias de nascida. Então, eu passei a minha infância inteira aqui. Hoje eu tenho vinte e oito (28) anos. Eu sou bastante conhecida aqui e conheço muitas pessoas e, assim, eu sempre fui uma criança muito quieta, muito calma. Passei a minha infância em casa, mais ou menos sozinha, já que eu fui filha única por um bom tempo. Já tinha alguns coleguinhas perto, passavam, mas eu brincava mais sozinha e sentia aquela brincadeira mais inocente, que a gente considerava mais inocente naquela época, brincava de corda, brincava de pedra, como eu morava num sítio nessa época a gente brincava nas árvores, brincava com os cachorros e alguns coleguinha apareciam lá em casa, também. E eu fui me criando assim, minha mãe, meu pai sempre me conservaram muito e eu tenho mantido esse conservação, esse cuidado deles até hoje, foi a minha infância, foi a minha adolescência, foi a minha juventude e hoje digamos na minha idade, que já considero uma idade adulta eu continuo quieta para algumas coisas.

João: A tua escolaridade foi feita toda aqui na própria comunidade?

Entr. 11: Toda aqui. Eu comecei a estudar aos sete anos de idade. Poderia ter sido atrasada, mas eu já entrei fazendo a 1ª Série, já sabia ler, porque eu tive aulas particulares em casa até essa idade e já entrei na escola lendo e escrevendo. Então eu não fiz aquela parte do Jardim, da Alfabetização na Escola, já entrei na 1ª Série e estudei o Ensino Fundamental Um (1) e o Ensino Fundamental Dois (2) todo na escola pública daqui.

João: Me fala um pouco da tua infância aqui na comunidade?

Entr. 11: Essa minha infância eu considero conservadora, porque quase eu não ia pra casa dos amiguinhos ou das amiguinhas. Eu fui criada dentro de casa. O contato que tive de amigas foi mais da escola ou com os filhos ou as filhas da melhor amiga da minha mãe, que ia lá pra casa e levava os meninos. Mas de ta na casa do coleguinha, basicamente não andava, não andava. Eu sempre fui muito quieta, vivia pedindo um irmão, vivia pedindo uma companhia, porque eu sempre fui muito só. Mas não foi por isso que eu perdi a minha infância não, eu brinquei, curti e acredito que tudo a seu tempo.

João: Essa questão de trabalho. Você precisou trabalhar cedo, teve oportunidade de profissionalização no início da tua juventude?

Entr. 11: Essa questão de trabalho é muito engraçada, porque eu sempre tive tudo. Ai chegou uma fase da nossa vida que as coisas mudaram e quando eu comecei a

querer a ter a coisas e ia pra casa da vizinha varrer a casa dela pra ganhar um trocado pra eu comprar o que estava necessitando no momento. E comecei assim varrendo e limpando, passando o pano na casa da vizinha ou cuidando do filho do vizinho. Isso desde os meus doze (12) anos de idade. Aos meus dezessete (17) anos eu passei a ajudar uma prima minha na loja e fui começando a não ficar mais parada e sempre queria ter dinheiro, sempre queria ter alguma coisa e como comprar aquilo que eu estava querendo ou desejando e a partir daí fui buscando, fui buscando oportunidades até esta inserida no mercado de trabalho.

João: Qual a tua visão da comunidade?

Entr. 11: Hoje eu vejo a comunidade mais evoluída, mas eu sempre via, antigamente, as pessoas muito acomodadas, certo. A ficar dentro de casa. Tipo assim, a mulher era a dona de casa e o marido eram quem trabalhava para sustentar a casa. Hoje a gente já vê que as coisas tem mudado muito. A busca pelo trabalho, a busca pela profissionalização, pelo crescimento. Então, eu vejo que as coisas têm mudado um pouco. Pelo tempo que eu vivo aqui eu tenho visto essa mudança.

João: O que é juventude pra você?

Entr. 11: Se eu tiver de falar por mim a juventude esta ligada a convivência, as brincadeiras, os relacionamentos com os amigos. Pra mim juventude é uma fase muito boa. É tudo de muito bom pra gente vivenciar, namorar, ter amigos.

João: Na tua visão como se dá as relações entre os jovens e entre as jovens aqui na comunidade?

Entr. 11: Hoje eu vejo isso interessante, muito legal ver a quantidade de jovens que a gente vê juntos, brincando, conversando, colegas de escolas ou inseridos nessa pratica da religião, mas também tem um lado não muito bom nisso porque às vezes eles estão reunidos mas não é pra fazer coisas boas, às vezes tem alguma coisa ali que não é muito boa, pra mexer ou pra fazer o que não é legal ou pra arquitetar algo que não é bom pra eles mesmos. Eu falo assim até por conta de um jovem que eu tenho em casa. Na minha casa, a minha mãe, a gente tem quebrado muito a cabeça com o meu irmão. Então, eu fui um jovem maravilhosa e aproveitei tudo o que eu pude aproveitar, brinquei, conversei. Fiz teatro, estive curtindo a minha juventude. Mas, hoje, você vê o jovem fumando, você vê o jovem bebendo, mais interessado em sexo, nisso e naquilo e esquecem a essência da juventude. Acham que ser jovem é só brincar, brincar, brincar. Hoje eu tenho essa visão meio que assim, triste de como a juventude está se comportando. Decepcionada.

João: Existe muitas expressões diferentes de grupos de jovens na comunidade, com estilos específicos?

Entr. 11: Sim, hoje a gente já tem visto isso. Hoje você já consegue visualizar o grupo que ta ligado, que curte o rock. Hoje você já consegue visualizar o grupo que curte o forró, o grupo que curte o pagode. Já consegue visualizar aquele grupo que adora um futebol. Eles estão meio que separados. Hoje você visualiza aquele grupo que ta mais pela comunidade, que vai nas casas, que convida para participar de um momento religioso, de uma manifestação religiosa mesma.

João: Existe diálogo entre esses diferentes grupos.

Entr. 11: Sim. Eles dialogam sim entre eles até porque a comunidade é muito pequena e quase todo mundo se conhece e a toda hora você encontra as pessoas conhecidas quando anda pelas ruas.

João: Qual a imagem social que a comunidade tem ou faz dos seus jovens?

Entr. 11: Hoje a comunidade classifica os jovens como se fossem... como se eles não tivessem algo bom pra fazer. Digamos que para uma grande maioria as criticas são maiores que os elogios.

João: Como os jovens são vistos e tratados por instituições como a Família, a Escola e a Igreja, por exemplo?

Entr. 11: Na minha visão tanto na Igreja, como na Escola e na Famílias tem sido feito um trabalho pra melhora ou aceitação de como tem, do que tem acontecido com o jovem da nossa comunidade. Só que nos três (3) ambientes ainda existe a visão conservadora ainda muito presente. Por mais que procurem fazer um trabalho de aceitação para melhorar a aproximação dos jovens com essas instituições, mas existe ainda esse lado conservador que atrapalha um pouco. Aquela coisa da mente fechada de acha que o jovem por estar seguindo um caminho errado é perdido e fica taxado de vagabundo e não é assim. Existe as mentes abertas, mas as mentes fechadas tem atrapalhado os trabalhos dessas instituições com relação ao jovem aqui no bairro. A própria família atrapalha, digamos, se um membro da Igreja vai buscar, acolher a família mesmo desiste, acaba dando por perdido aquele jovem.

João: Como os próprios jovens se vêm aqui na comunidade?

Entr. 11: Eles se sentem perdidos, excluídos, por isso eu acho que tem tido tanto aumento da marginalidade, de pessoas, digamos assim, envolvidos com drogas, envolvidos com roubos por conta disso. Eles se sentem perdidos.

João: Quais são os principais desafios e as principais contradições que o jovem enfrenta hoje na comunidade?

Entr. 11: A falta de interesse dos familiares de resgatar os filhos esses jovens. Hoje em dia a gente tem um problema muito grande aqui que é o aumento das pessoas que consomem drogas. E a violência que surge no bairro ta muito relacionada ao

sustento do próprio vício. Então eles tiram das pessoas até o que elas não tenham para sustentar o vício deles. Porque eles (viciados) não querem trabalhar, não querem buscar viver de uma forma digna e acabam entrando em atrito com a própria família, com os vizinhos, mexem no que não devem, roubam pra sustentar esse vício. Tiram o sossego da comunidade. Essa questão da gravidez precoce pode ser falta de informação em casa. Essa são coisas da mente conservadora.

João: A entrada do bairro é pela BR 116, essa questão da prostituição está muito presente aqui na comunidade?

Entr. 11: Nos temos dois postos de gasolinas, onde tem muitos camioneiros, aí está pratica da prostituição. Elas buscam isso pra ganhar um dinheiro fácil, mas junto com isso vem a questão das drogas, as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez.

João: Essa questão da DST/AIDS. Os jovens estão conscientes sobre esse problema aqui na comunidade?

Entr. 11: Existem trabalhos na comunidade que buscam, a própria escola, inclusive, o posto de saúde, mas, parece que quanto mais se ensina menos as pessoas aprende, porque as pessoas são movidas pelo extinto, pelo momento. Você sabe que tanto os preservativos como os anticoncepcionais o posto de saúde disponibiliza. É só a pessoa querer ir lá e receber, mas tem aquela história da vergonha ou do medo dos pais e eu não sei o que passa pela cabeça de um jovem que age assim, mas acontece, apesar da escola e do posto tentar diminuir essa pratica.

João: Como os jovens e as jovens auto afirma sua identidade na comunidade? É fácil para os jovens serem reconhecidos e respeitados nos vários espaços e instâncias sociais?

Entr. 11: Não muito. O que acontece o jovem faz 18 anos e diz sou de maior, posso e ele acha que já pode tudo, que é o dono do mundo. A questão da formação da identidade da começa daí. Isso em casa, mas falta maturidade pra ter essa identidade, porque não é tão fácil você construir, tem todo um caminho a ser percorrido. Aqui é muito comum os jovens serem muito dependentes dos pais, da família. Eu acho que é por isso, que é baseado nisso que se tem essa visão de que a Pedra é um interior. Porque a pessoa não consegue andar sozinho. Aqui em casa mesmo, o meu irmão, ele não consegue andar sozinho, só na Pedra, mas ele não vai à um médico sozinho e tem dezenove (19) anos, minha mãe tem que acompanhá-lo. Ele pode até tentar, mostrar a identidade dele dentro de casa, mas a partir do momento que ele sai de casa, que ele sai daqui ele é o Sterson, conhecido como Peté, filho de fulano, irmão da Cristina, mas que ele possa mostra por si mesmo quem ele é, não tem maturidade pra isso não, ainda tem que andar um pouquinho com as próprias pernas, porque há uma dependência em relação a família e a comunidade.

João: A maioria dos jovens e das jovens se criam com essa dependência em relação a família e a comunidade?

Entr. 11: Aqui no nosso bairro ainda existe muito... embora tenha se perdido um pouco por conta dessa questão dos jovens estarem envolvidos com a marginalidade, nessa parte ruim, que a gente considera ruim, mas ainda existe muito presente aqueles jovens que são jovens famílias, que vivem mais em casa, muito agarrados na saia da mãe, do pai. São presos em casa. São poucos, mas ainda existe. Talvez esses consigam se salvar alguma coisa, consigam terminar os estudos, arranjar um emprego e a partir daí construir uma vida.

João: Mas esse jovens e essa jovens não se tornariam inseguros por serem criados mais presos em casa?

Entr. 11: Ai eles vão ter que aprender a formar a própria identidade deles. Vão ter que aprender a se soltar mais.

João: Participar de atividades sociais, esportivas, culturais, artísticas, contribui para essa formação social da identidade dos jovens?

Entr. 11: Contribui e muito eu consegui construir a minha identidade a partir dessa experiência, fazendo teatro na ONG, atuando nas mais diversas atividades da ONG, eu até me emociono em lembrar essas coisas (choro). Eu fui muito calada em casa e quando eu fui começando a ter contato com as pessoas digamos que eu era um pouco amarrada, essa coisa de falar, medo de falar, essa coisa da articulação eu não tinha e foi quando eu comecei aos poucos me soltando, me soltando e hoje e já consigo ser uma pessoa mais articulada. Eu costumo dizer que essa prática de teatro, essa oportunidade de trabalhar com pessoas no Centro Cultural me ajudou muito.

João: Existem muitos espaços e atividades que proporcionam essas oportunidades aos jovens aqui no bairro?

Entr. 11: Não, não, não. Houve um tempo que existiam mais opções. Melhor dizendo, houve um tempo que a opção era um grupo chamado Pastoral da Juventude da Igreja Católica, então ai eu comecei a trabalhar um pouco essa questão do teatro, eu fazia parte das peças de teatro da Igreja e logo depois foram tentando trabalhar mais essa questão mas o interesse dos jovens era pouquíssimo. Pouquíssimo se interessavam por isso.

João: Há políticas públicas para os jovens no bairro?

Entr. 11: Boa pergunta. Houve um tempo que sim. O bairro já foi beneficiado por projeto de bolsas atleta, bolsas talentos da cultural, onde beneficiavam alguns jovens, que faziam um trabalho educativo na comunidade e por isso recebiam um valor X, mas isso era por um período determinado, um ano e depois acabava e nada mais.

João: Qual foi o teu primeiro contato com o Centro Cultural?

Entr. 11: Essa é a melhor parte. A minha mãe trabalhava para a pessoa que criou a ONG, era diarista na casa dela e foi logo quando eu terminei o meu Ensino Médio e fui convidada a participar do grupo que estava discutindo a criação da entidade. Aliás eu participei da primeira reunião que teve ata de fundação da ONG, fui convidada para trabalhar na biblioteca, como atendente e nunca vou me esquecer daquela casa, uma estrutura de casa, cheia de livros e assim começou a ONG e pouco tempo depois foi construído o outro prédio, pra dá melhor estrutura. E assim eu permaneci de atendente na biblioteca a educadora social. Ali na ONG eu atendia ao público em geral, ali na ONG eu fui aluna, eu fui professora, eu fui articuladora social. Eu participava de trabalhos que eu considerava muito interessantes. A gente trabalhava com crianças e adolescentes e todos os dias eram turmas enormes e nós éramos três (3) a cinco (5) pessoas pra cuidar da quantidade de meninos que entrava naquela ONG. Depois passeis a estudar teatro, participei das peças. Lá eu era tudo e adorava tudo o que eu fazia.

João: Qual a importância que essa ONG tem para a comunidade ao longo desse dez (10) anos de atividades?

Entr. 11: A ONG ajudou a construir muitas identidades. Muitas das pessoas que entrou ali, saiu, digamos uma outra pessoa. Porque nós conseguimos criar um espaço acolhedor. Eu fiquei ali sete (7) anos. O tempo que eu passei eu entrei como um bebê engatinhando e sai como uma garota caminhado com as próprias pernas, pelas grandes oportunidades que eu tive. Ali dentro eu aprendi muita coisa eu tive muitas responsabilidades. Tive um ótimo relacionamento com a comunidade. Aí foi o pontapé inicial porque tanto que conheci muitas pessoas como passei a ser conhecida pelas diversas pessoas que passavam por ali, alunos dos cursos, quem precisava dos serviços. Então o atendimento me ajudou muito. O contato que eu tive com a comunidade me crescer como pessoa e eu hoje sou uma outra pessoa, eu consigo... ainda hoje tenho uma ótima relação com a comunidade por causa dessa prática na ONG, foram filhos as mães, os irmãos, amigos, os colegas de trabalhos, os colegas de cursos, porque eu fazia todos os cursos que tinha lá dentro.

João: Qual foi a contribuição da ONG nesse processo da tua formação?

Entr. 11: A ONG foi um incentivo na minha vida. Porque eu fui muito incentivada pra voltar a estudar, que eu tinha que ter uma formação. Foi quando eu me inscrevi no curso de História. Passei os três anos da faculdade trabalhando e estudando e tinha essa facilidade porque eu tinha uma biblioteca inteiramente a minha disposição. Então, eu nunca tive dificuldade pra fazer os trabalhos da faculdade. Eu nunca tive dificuldade com as pesquisas. Eu não precisei sair daqui pra estudar. Durante todo esse tempo eu trabalhei com prazer e estudei com

prazer. E hoje eu confesso que eu sinto muito falta, queria muito ainda estar _ não inteiramente _ mas um pouco do meu tempo me dedicando a isso (choro).

João: Na tua visão hoje quais são os principais desafios que a ONG enfrenta?

Entr. 11: Seria muito interessante se a gente conseguisse reunir a turma novamente pra gente poder reerguer a ONG, que está um pouco adormecida, parada e seria muito interessante que as pessoas que estiveram ali dentro, que ajudaram ela a ter um nome, permanecessem com esse interesse de deixá-la presente na vida da comunidade. Então o maior desafio é esse fazer com que a ONG continue viva dentro da comunidade.

João: O que é cidadania pra você?

Entr. 11: É ajudar o outro, é respeitar o espaço do outro. Ser cidadão é defender os seus direitos.

João: Qual a tua visão da política partidária e dos políticos?

Entr. 11: Ainda corruptos, como sempre. Porque eles visam o belo e esquecem a real necessidade das comunidades, da real necessidade das pessoas. Enquanto eles estão preocupados em pincelar a beleza da cidade eles esquecem das pessoas que têm mais necessidades.

João: Atualmente você coloca o seu talento e energia para construir o trabalho comunitário ou você está priorizando mais a vida pessoal?

Entr. 11: Embora eu tenha essa parte da arte como uma grande paixão dentro de mim, ela encontra-se adormecida dentro de mim. A necessidade me fez seguir um rumo totalmente diferente. O mundo onde eu estou hoje é totalmente inverso do que eu fui crescendo, do que eu fui crescendo como pessoa, com cidadã e é por isso que eu sinto muita falta, de vez em quando eu tento compensar isso porque eu ainda adora teatro, adora arte, adoro essas coisas. Semana passada eu tive uma lembrança do tempo da ONG quando eu entrei numa exposição de pintura e eu lembrei o tempo que a gente pintava, das coisas que nós fazíamos e do que nós participávamos. Então essa minha parte esta muito adormecida pela necessidade de ter que trabalhar, a necessidade da sobrevivência, mas não que eu tenha deixado de gostar.

João: Como você percebe que os jovens da comunidade estão construindo suas cidadanias?

Entr. 11: João, os jovens aqui estão construindo suas cidadanias da pior forma possível. Quisera eu que todos os jovens tivessem tido a oportunidade de conhecer o que eu conheci em relação ao Centro Cultural, as atividades e oportunidades do Centro Cultural, que as pessoas hoje... os jovens de hoje, quais são as diversões dos jovens de hoje? É uma balada, uma curtição, um forró na praça ou a boca de

fumo. Não tem uma construção de vida saudável, não tem. As coisas estão mais soltas e mais complicadas também.

João: Eu quero te agradecer. Essa conversa foi muito interessante e vai trazer boas contribuições ao estudo que estou desenvolvendo.

Entr. 11: Você tocou no meu emocional. Obrigada e foi um prazer também.

FIM.